JORNAL DO BRASIL

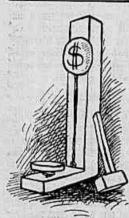
©JORNAL DO BRASIL LTDA. 1984 | Rio de Janeiro — Domingo, 4 de novembro de 1984 | Ano XCIV — Nº 210 | Preço: Cr$ 700,00

TEMPO

BOM a parcialmente nublado, passando a encoberto no fim do período. Temperatura estável. Foto do satélite e tempo no mundo na **página 22**.

CIDADE

FLAMENGO está com seu parque abandonado: mendigos e assaltantes tomaram o lugar da grama, árvores e áreas destinadas às crianças. (**Página 12**)

NEGÓCIOS

DESAFIO da Bolsa inicia um novo ciclo de quatro semanas: quem completou o anterior pode recomeçar e quem não participou pode entrar agora. (**Pág. 27**)

PRATO, na região de Toscana, Itália, é um modelo da prosperidade de uma economia baseada nas pequenas empresas. O desemprego é mínimo e não há miséria. (**Página 28**)

MUTUÁRIO do SFH que quiser transformar reajuste anual em semestral terá abatimento de 8% sobre a primeira prestação após a mudança. (**Página 26**)

MUNDO

ENTERRO do padre Jerzy Popielusko reuniu ontem em Varsóvia 250 mil pessoas. O Cardeal Glemp apelou para a reconciliação nacional. (**Página 19**)

ISRAEL faz acordo com trabalhadores e empresários para reduzir aumentos de salário e congelar preços por três meses, para combater inflação. (**Página 19**)

CHINA acaba com o monopólio aéreo do Estado e divide a CAAC em companhias separadas e concorrentes, com bases em Pequim, Xangai e Cantão. (**Página 19**)

ESPORTES

TOSTÃO, Dirceu Lopes, Piazza e Ronaldo, ex-ídolos do futebol brasileiro, contam como se tornaram bem-sucedidos depois que abandonaram os campos. (**Página 30**)

JORJÃO, o novo técnico da Seleção Feminina de Vôlei, assume disposto a implantar a mesma filosofia que projetou a equipe masculina. (**Página 29**)

Nova Déli — UPI

Parentes de Indira (entre eles Rajiv, de cabeça coberta) assistiram ao ritual da cremação

Indira é cremada e mortos já são 1 500 na Índia

Após o imponente funeral da Primeira-Ministra indiana Indira Gandhi, seu filho e **Premier** Rajiv Gandhi deu um giro pelas áreas mais violentas de Nova Déli e ordenou à polícia que reprima com rigor os desordeiros, com o reforço de mais duas brigadas do Exército e carros blindados. O número de mortos pode chegar a 1 mil 500, dos quais 500 só na Capital.

Coberta de pétalas e da bandeira da Índia, Indira estava com um sari vermelho e dourado. Um milhão e meio de pessoas e 94 líderes estrangeiros viram seu corpo ser cremado, às margens do rio sagrado Jamuna. Rajiv, todo de branco — a cor de luto para os hindus — acendeu a pira. As cinzas serão lançadas no rio Ganges, como manda a tradição.

O assassínio, na sexta-feira, de pelo menos 70 sikhs, arrastados para fora dos **trens da morte**, levou o Governo a cancelar os trens que entram e saem de Nova Déli. Em Londres, o líder do Governo no exílio do Khalistão — Estado que os sikhs querem criar na Índia no Ponjab — Jagjit Singh, advertiu que Rajiv terá o mesmo destino da mãe se não acabar com "o genocídio dos sikhs". (Página 16)

Prefeitos estão desiludidos com Governo Brizola

Em março de 1985, Leonel Brizola estará na metade do seu mandato. Que fez, nesses dois anos, pelos municípios? Que pensam dele os prefeitos? O JORNAL DO BRASIL ouviu 38 dos 64 dirigentes municipais e a grande maioria é gritantemente contrária à forma de governo e à maneira como vêm sendo tratados. Brizola se desgastou muito.

Por incrível que pareça, os maiores críticos do Governo Brizola são exatamente os municípios em que o PDT, seu partido, ganhou as eleições: Meriti e Nova Iguaçu. São João de Meriti alega que ele não foi nem receber o título de cidadão honorário. Volta Redonda afirma que "o Governo Brizola ainda não chegou aqui." (Página 12)

Aureliano firma posição em defesa da legalidade

"Que ninguém pense que vamos assistir pacificamente a qualquer alteração do itinerário constitucional", disse ontem o Vice-Presidente Aureliano Chaves ao afirmar que não admite mudanças nas regras do jogo sucessório. "As autoridades constituídas" — observou — "têm o dever de preservar as regras pelas quais se bateram."

O Vice-Presidente afirmou que seu encontro hoje com o candidato do PDS à Presidência, Paulo Maluf, às 11h no Palácio do Jaburu, não terá qualquer significado político. "Meu candidato é o ex-Governador Tancredo Neves e vou com ele até o final", declarou. O encontro entre os dois foi marcado a pedido de Maluf.

O Deputado Paulo Maluf considera o encontro um gesto de cortesia e disse que nele não serão tratados temas políticos. Afirmou que está absolutamente certo de sua vitória no Colégio Eleitoral e que vem mantendo contatos com delegados estaduais, teoricamente pró-Tancredo, que garantem votar "com o partido" em janeiro.

Tancredo Neves não quis comentar o encontro Aureliano-Maluf — "é um assunto que não me diz respeito". Garantiu ter mais de 400 votos no Colégio Eleitoral e disse que as turbulências atuais são inerentes ao processo sucessório. Confirmou ainda a manutenção de seus comícios. (Pág. 5)

Lyra revela que Governo propôs acordo a PMDB

O Deputado Fernando Lyra (PMDB-PE) revelou em Brasília que emissários do Governo federal tentaram negociar a conciliação nacional em torno da candidatura do ex-Governador Tancredo Neves, fazendo apenas uma exigência: a substituição do Senador José Sarney como candidato à Vice-Presidência por um nome indicado pelo Palácio do Planalto.

Lyra entende que "tudo não passou de uma manobra para desestabilizar as duas candidaturas em favor de um terceiro nome, e o Senador Sarney foi o flanco visado para isto". Sarney negou que conhecesse tais articulações. No entanto, lembrou que "não é novo isto". E arrematou: "Agora, você acha que o Nordeste aceitaria isso?" (Pág. 5)

Riocentro abre feira mundial de informática

A 4ª Feira Internacional de Informática, que começa amanhã, transformou o Riocentro numa verdadeira cidade. Equipada com sofisticados sistemas de telefonia, telecomunicações e ar condicionado, sua montagem custou Cr$ 15 bilhões. São 50 mil metros quadrados, dos quais 22 mil ocupados pelos estandes dos expositores. O maior é o da IBM que, além das novidades tecnológicas, exibirá um **show** com **slides** e iluminação a raio laser. No estande da Embratel, foi montada uma réplica do Brasilsat. (Página 24)

Delfim garante que país não pede novos recursos

O Ministro do Planejamento, Delfim Neto, disse que o Brasil não deve negociar dinheiro novo com os bancos internacionais, pois a caixa do país é normal, havendo mais de 6 bilhões de dólares em reservas livres: "Temos hoje quatro meses de importações em caixa." Ele acredita que a próxima etapa de renegociação da dívida brasileira, que começa no próximo dia 12, será tranqüila. Afirmou que os credores internacionais "sabem que o Brasil merece crédito, porque honra seus compromissos", além de ser hoje um país menos vulnerável.

Delfim Neto não tem dúvida de que o Governo Figueiredo deixará a economia em ordem, vencendo "a maior crise internacional que existiu após 1930". E assegura que "o sacrifício não foi em vão", já que o país está crescendo. Trabalho elaborado pelo Ministério do Planejamento indica que o Produto Interno Bruto (PIB) deve crescer 3,6% este ano. Pelas estimativas do Governo, a agricultura terá uma expansão de 4,6%, a indústria de 6% e os serviços de 1,6%. (Página 23)

Flamengo e Vasco esperam alegrar de novo Maracanã

Flamengo e Vasco prometem reviver hoje às 17 horas no Maracanã os inesquecíveis clássicos que já proporcionaram em muitos anos. Tanto Zagalo quanto Edu, confiantes nos ótimos treinos da semana, esperam a vitória num jogo decisivo para os dois times na Taça Rio. Nos outros jogos, o Bangu defende a liderança contra o Goytacaz em Campos e o Botafogo e o Fluminense, ambos candidatos ao título, enfrentam o Campo Grande em Marechal Hermes e o Friburguense, em Friburgo. (Páginas 31 e 32)

Mabel Arthou

O sol, mais uma vez, enganou a Meteorologia e as praias do Rio ficaram lotadas. (Página 22)

Reagan certo da vitória busca dominar Câmara

A vitória do Presidente Ronald Reagan, na terça-feira, não será surpresa nem para seu principal adversário, o democrata Walter Mondale. Surpresa será se Reagan conseguir para os republicanos a maioria na Câmara dos Deputados e manter a que detém no Senado, a ser renovado em um terço. Também estarão sendo escolhidos 12 novos Governadores.

A Presidência americana é disputada por 18 candidatos. Dos 16 representantes dos "partidos minoritários", o mais velho é o do Partido Comunista, Gus Hall, de 74 anos, que disputa o direito de morar na Casa Branca pela quarta vez. O candidato mais extremista é o "democrata independente" Lindon Larouche, que acha Mondale ligado à KGB. (Página 20)

ESPECIAL

As eleições norte-americanas irão revelar uma forte tendência conservadora da sua juventude? O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil? Essas perguntas são respondidas no Especial, **que publica, também, a última entrevista do filósofo Michel Foucault.**

Charuto brasileiro (marca Bahia) conquista o mercado externo e o consumo nacional aumenta, com um crescimento de 5,5% nas vendas este ano. (Página 25)

Bruxas e bruxos se reunirão de 9 a 11 no Hotel Nacional. Na verdade, trata-se do 1º Encontro Aberto de Astrologia do Rio de Janeiro. (**Domingo**)

Príncipe Dom Eudes Orleans e Bragança consegue sucesso com o lançamento de vinhos finos. A pequena produção (4 mil caixas) está praticamente esgotada. (Página 25)

COLUNA DO CASTELLO

Excitação na Frente Liberal

A expectativa de vitória do Sr Tancredo Neves está provocando uma certa excitação entre seus correligionários. Chovem as proclamações e as proposta ora tentando prevenir operações golpistas ora pretendendo alterar desde já o quadro partidário mediante o lançamento do Partido Liberal Progressista. O alerta antigolpe é de utilidade permanente, embora na verdade as ameaças imediatas estejam conjuradas e restabelecida plenamente a confiança no Presidente da República e nas Forças Armadas, que só sairão dos quartéis, como disse o Brigadeiro Délio Jardim de Mattos, para dar posse aos eleitos.

Mas há uma proliferação de sugestões e convites para reuniões de governadores. Houve uma sugestão do Governador do Piauí, atribuíram-se convocações aos governadores de São Paulo e Minas etc. O sentido de um congresso de 20 governadores deve ser examinado, como advertiu o Sr Tancredo Neves. Eles podem ser reunidos — convocados, jamais, pois não há prevalências nem prioridades — para uma demonstração de unidade dos governos estaduais em defesa das instituições democráticas, num ato que teria tal ou qual conotação de hostilidade ao Presidente, ou para solicitar um encontro com o Chefe do Governo Federal para que se una à Nação em torno de um mesmo propósito democrático.

O Presidente Figueiredo, pelo que se pode depreender do seu temperamento e dos seus pronunciamentos mais recentes, não quer esse tipo de conversa. Ele quer que os governadores do PDS voltem ao aprisco e reafirmem sua fidelidade ao partido. Como essa é hipótese excluída, ele certamente não teria razões, a não ser na iminência de uma catástrofe nacional, para encontrar-se com 20 governadores. Nesse caso, a reunião seria com os 23 e o comando seria obviamente do Palácio do Planalto. O Governador de Pernambuco, aliás, ofereceu uma objeção importante à reunião dos governadores. Ele até 15 de março está interessado em manter a unidade estadual do PDS para evitar problemas na Assembléia. Seu partido em Pernambuco tem também sua pequena fração malufista.

Essa mesma razão do Governador Roberto Magalhães serve para explicar sua resistência à formação imediata de um novo partido, tal como o deseja o Vice-Presidente Aureliano Chaves. Outros governadores do PDS, como o da Bahia, por exemplo, pensam da mesma maneira. Eles estão numa campanha presidencial mas não querem se envolver num processo ainda imprevisível. A motivação mineira para o lançamento imediato do novo partido parece superada, pois cedeu a pressão no Senado para adoção de medidas casuístas e não se espera do Tribunal Superior Eleitoral aceitação da tese do Procurador-Geral, repelida por tantos juristas eminentes e arriscada operação política, tal o tumulto que a esta altura, depois de todos os candidatos terem trabalhado na base da infidelidade, ela desencadearia no Congresso.

É prudente que se preparem documentos e se tomem assinaturas. Trata-se de uma precaução contra o imprevisto. Mas, excetuada essa razão, nada há que justifique o açodamento de lançar já um novo partido. Alegar que é necessário assegurar a filiação partidária para efeito da eleição de 1986 não parece argumento sério. Em primeiro lugar, se a lei permite a formação de novos partidos e poderá registrá-los em caráter definitivo antes da eleição é claro que aos candidatos dos partidos autorizados a funcionar não se aplicaria a exigência do prazo de filiação a não ser a contar da data do manifesto de lançamento. Mais do que isso, é preciso que os políticos percebam que depois de 15 de março começará o desmonte da legislação política e eleitoral e o caso da filiação partidária é desses que sofrerão inevitável revisão, dado o provável desmoronamento do atual quadro.

O PDS é um partido pendente da vitória do Sr. Paulo Maluf. Se essa vitória não vier ele poderá sobreviver por falta de alternativa das suas bases mais vigorosas, como as do Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Ceará, Paraíba, Sergipe, Mato Grosso e o grupo anticarlista da Bahia. A derrota do candidato deixará esse grupo sem liderança nacional, até aqui ocupada por militares que, no exercício da Presidência, comandavam o sistema. Não há como fortalecer-se se até mesmo base física nos palácios estaduais falta a esse resíduo partidário.

A vitória do Sr. Tancredo Neves gerará a formação do partido que tem por base a dissidência liberal do PDS. Mas há outras hipóteses a considerar. A unidade do PMDB é precária e dificilmente resistirá aos conflitos pela definição de programa e de áreas de influência no futuro Governo. Esse partido tem suas alas conservadora e liberal, que ficariam mais à vontade liberadas das esquerdas que têm presença muito grande no partido. Não me refiro à esquerda comunista, que esta tem seu objetivo de encontrar na legalidade das suas siglas sua própria identidade. Esta não pretende ficar no PMDB a não ser que lhe faltem alternativas. Mas há uma esquerda não comunista e que abrange um largo espectro do principal partido de Oposição.

Bastaria citar alguns nomes para que se perceba a importância da posição esquerdista, não necessariamente marxista, no PMDB: Celso Furtado, Miguel Arraes, Egídio Ferreira Lima, Waldir Pires, Francisco Pinto, Fernando Henrique Cardoso, Severo Gomes, Almino Afonso e tantos mais aptos a ter uma atuação permanente no processo político, dentro do PMDB ou fora dele. Há também o PDT do Sr. Leonel Brizola, que tenta ampliar sua área, possivelmente na Oposição, e o PT, de Lula. Os liberais do PDS devem esperar quando nada para que não fiquem na mão seus atuais deputados estaduais que ainda não podem deixar o PDS.

CARLOS CASTELLO BRANCO

PDS do Rio volta a ficar íntimo do poder e pensa até em alterar o pedágio

Há cinco semanas, desde a sua eleição para a presidência do partido, em vaga aberta com a ida do ex-Prefeito Wellington Moreira Franco para a Frente Liberal, o Deputado federal Alair Ferreira vem procurando injetar sangue novo ao PDS fluminense. Pelo menos, os pedessistas do interior começam a buscar, com mais freqüência, a sede da agremiação, instalada no Edifício Cidade, no centro do Rio.

O secretário-geral e o tesoureiro do PDS, deputados estaduais José Nader e Messias Soares, salientam que o mais importante, na nova fase do partido, é a sua reaproximação com o poder. Condição que permite, hoje, à sua cúpula dirigente, por exemplo, aguardar que o Ministro dos Transportes, Cloraldino Severo, determine, a partir de janeiro de 1985, a cobrança do pedágio num só sentido da Ponte Rio—Niterói.

Pedidos

Comedido, o Deputado Alair Ferreira, político originário do velho PSD, justifica que o PDS do Estado do Rio está apenas se beneficiando"do apoio irrestrito que sempre emprestou ao Presidente João Figueiredo". Ele mesmo se encarrega, todas as vezes que o Presidente vem ao Rio, de recepcioná-lo, na chegada e no retorno a Brasília, na Base Aérea do Galeão, estreitando mais ainda um bom relacionamento.

Em sua nova fase de intimidade com o poder — ela foi bastante intensa quando o atual Governador do Rio Grande do Sul, Jair Soares, era Ministro da Previdência Social —, o PDS fluminense conseguiu uma façanha: conquistar uma das mais importantes diretorias da Caixa Econômica Federal. Justamente a de Administração, que era ocupada por Jorge Murad, genro do ex-presidente nacional do partido, Senador José Sarney (hoje na dissidência e ocupando o lugar de candidato a Vice-Presidente na chapa de Tancredo Neves).

O substituto do genro de Sarney foi indicado pelo Senador Amaral Peixoto. O escolhido foi o ex-Deputado federal e ex-Vice-Prefeito de São Gonçalo, José Alves Torres. Como a deferência da indicação foi dada ao Senador Amaral Peixoto, o PDS fluminense, pelo menos momentaneamente, segurou uma de suas mais importantes lideranças, que parecia bem próximo da dissidência e da candidatura de Tancredo Neves, seu velho amigo dos tempos do PSD.

O PDS fluminense disputou, mas perdeu a presidência da Companhia Nacional de Álcalis, que ficou vaga com o pedido de demissão do pai do Governador José Agripino Maia, que acompanhou o filho na opção a Tancredo. Mas os pedessistas do Estado do Rio já sabem que as compensações virão, numa área não menos nobre, como a do Instituto Nacional do Açúcar e do Álcool.

Nesta segunda-feira, dia escolhido para as reuniões da Executiva Regional do PDS, o Deputado Alair Ferreira dará uma boa notícia aos Prefeitos do Norte Fluminense: a de que a Petrobrás custeará um fundo para o desenvolvimento da região. Uma fórmula que já está sendo denominada de **royalty** caboclo.

Acordo em Barbacena devolve a Bias o que PMDB tirou em 82

Barbacena (MG) — "No município onde eu tiver o mando político, eu vou indicar substitutos para todos os cargos da administração estadual que me forem de direito." A afirmação é de um integrante da Frente Liberal, o Deputado estadual João Navarro, da facção Bias Fortes do PDS, votado nesta região. Com a concretização do Acordo de Minas — ele assumirá o comando político em oito dos 12 municípios da comarca de Barbacena, nos quais venceu em 1982, em número de votos, o seu adversário do PMDB — hoje seu companheiro da Aliança Democrática — Deputado Manoel Conegundes.

De fato, para políticos ligados aos Bias Fortes, habituados ao poder que há várias decadas é disputado ferozmente com a facção Andrada (PDS), perder as eleições de 1982 para o PMDB foi motivo de profunda tristeza. Dois anos depois, porém, a Frente Liberal vê ressurgir suas chances, no caso de Barbacena, atuando na maioria dos municípios da comarca e "principalmente passando, através de seu Deputado majoritário, a liderar em municípios pequenos, que dependem de favorecimento político".

Marginalizados

Isto, segundo o líder do PMDB na Câmara dos Vereadores de Barbacena, Marco Antônio Araújo, "significa prestígio político". Para os pemedebistas, representa um "grande sacrifício", como observa o Deputado Manoel Conegundes, que, como majoritário do partido do Governo na maioria dos municípios desta comarca, era quem exercia o comando político na região.

Arquivo

Tamm de Andrada

— É um sacrifício, porque reduz nossa participação política em muitas comunidades do Interior de Minas. Nós, do PMDB, temos consciência de que a regra deste pacto não é o fisiologismo e, portanto, é natural que procuremos preservar o entendimento feito entre as lideranças do PMDB e da Frente Liberal — diz o magoado Manoel Conegundes, assinalando que, ao contrário do que quer João Navarro, " o Acordo diz que a Frente Liberal não pode substituir o que foi feito por nós". Agora Conegundes influi sobre Ibertioga, Paiva e Santa Bárbara do Tugúrio, além de Barbacena.

Já os Andrada, que apóiam a candidatura Maluf e desde 1976 controlavam a Prefeitura de Barbacena, apesar de a terem perdido para o PMDB em 1982, conseguiram reeleger o Deputado Estadual José Bonifácio Tamm de Andrada, com a maioria dos votos de seis municípios da comarca, fazendo ainda o prefeito em três deles. Apesar da vitória, ficaram alijados do mando político, dado a Conegundes, e que agora se divide com João Navarro.

— Perdemos as eleições, temos perfeita consciência disto, e preferimos ficar na Oposição, por questão de coerência. Não temos mais os cargos de confiança em nossos municípios, mas queremos recuperá-los nas urnas, já que não entramos e não queremos participar de nenhum acordo — diz José Bonifácio Tamm de Andrada.

Ele afirma que, "além da marginalização em termos de nomeações do Governo do Estado", seu grupo político "foi vítima de mais de 200 demissões somente na Prefeitura de Barbacena e, ainda, de diretoras e inspetoras escolares e delegados de polícia. Até funcionários do IESA, que ganhavam salário mínimo, foram substituídos por gente do PMDB", protesta ele.

Contemporizando

A determinação de João Navarro em refazer o quadro político em seus redutos — ele acredita que o Acordo de Minas "melhora muito a situação da Frente Liberal na Região e abre perspectiva de vitória em nove dos 12 municípios em 86, inclusive na sede" — já faz com que ele encomende dos prefeitos e de seus líderes políticos listas, indicando nomes dos novos funcionários estaduais.

Em Ressaquinha, onde obteve 754 votos, contra 810 de José Bonifácio, João Navarro promete algumas mudanças. Embora sabendo que seu nome eventualmente poderá constar da lista, a diretora da escola estadual Belizário Moreira, Ilza Luzia Pereira de Assis, disse que não teme a demissão. E lembra ter sido designada para o cargo pelo próprio PDS, no período que precedeu as eleições de 82. "Além disso, meu marido é ligado à facção Bias Fortes", alivia-se dona Ilza de Assis.

Nos municípios de Antônio Carlos, Barroso, Santa Rita do Ibitiboca, Desterro do Melo, Oliveira Fortes, Ressaquinha e Senhora dos Remédios, onde João Navarro detém agora o mando político, as possíveis vítimas das mudanças evitam comentar o assunto. Ao contrário, procuram contemporizar mineiramente, como o prefeito de Senhora dos Remédios, José Francisco Milagres Primo (PDS), eleito com o apoio dos Andrada:

— Para nós, vai ser bom ter o Deputado João Navarro nos representando junto ao Governo, porque ele tem maior apoio político no município do que o PMDB — diz, observando, ainda, que as mudanças efetuadas nos poucos cargos estaduais do município por Manoel Conegundes "foram feitas de forma inteligente e ponderada; nada que prejudicasse o município administrativamente".

Arquivo

Bias Fortes

O caso de Santa Rita do Ibitiboca, é, por outro lado, curioso. Isto porque, embora João Navarro garanta que "a briga dos Bias Fortes é com os Andrada, com a ex-UDN e não com o PMDB". Um de seus correligionários na pequena cidade, João Araújo, de 34 anos, afirma que "aqui a briga é com a ala de esquerda do ex-PSD, que se transformou em PDMB". Esta rivalidade é tamanha, que ensejou a coligação de aliados dos Bias Fortes e dos Andrada — em um acordo local — em 1982.

Perigoso

Em Barbacena, o líder do PMDB, Marco Antônio Araújo, afirma que, com os critérios estabelecidos para o Acordo de Minas, "seria melhor que todos os pemedebistas pedissem demissão e entregassem o Governo à Frente Liberal". Ele lembra que a vitória do PMDB nesta cidade, nas últimas eleições "foi um massacre, com o Deputado Manoel Conegundes obtendo 36,7% dos votos". O "massacre" é atribuído por José Bonifácio Tamm de Andrada e João Navarro ao"desgaste dos Governos federal e estadual" e ao fato de as duas facções inimigas estarem juntas na mesma legenda, "embora separadas politicamente", o que desagradou às bases.

Para o presidente do PMDB de Barbacena, Vereador Newton Borges, o fato mais perigoso dentro do Acordo de Minas foi a entrega da Secretaria de Segurança do Estado do ex-Deputado Chrispim Jacques Bias Fortes. "É uma Secretaria que está em todo o Estado e tem influência em todo lugar", define, temeroso, o líder pemedebista. Moderado, Bias Fortes diz que não vai para a Secretaria "com o objetivo de diminuir as possibilidades políticas de quem quer que seja". E garante: "Eu me entendo com o PMDB".

Na posição de observador dos acontecimentos, mas interessado nos desdobramentos, José Bonifácio Tamm de Andrada acredita que "os deputados empurrarão este acordo até 15 de janeiro, depois que tiverem o resultado da sucessão". Mas assinala que embora Bias Fortes não possa atingi-lo diretamente, "o poder que agora detém poderá fortalecê-lo politicamente e à Frente Liberal, por causa de favorecimentos pessoais".

JOSÉ GUILHERME ARAÚJO

Liberais fazem elogio a Garcia

Belo Horizonte — O Governador Hélio Garcia começou a consolidação do Acordo de Minas — pelo qual garante apoio de 80% das forças políticas do Estado à candidatura Tancredo Neves — ao iniciar a aplicação dos critérios de convivência no interior do Estado, passando a entregar o comando político nas cidades do interior ao deputado majoritário, do PMDB ou da Frente Liberal.

O primeiro parlamentar a ver atendidas suas reivindicações no interior foi um político de Barbacena — o coordenador da Frente Liberal Deputado João Navarro que disse ter o Governo do Estado paralisado toda e qualquer ação contrária aos interesses políticos dos Deputados da Frente, Minoritários no interior.

CONSOLIDAÇÃO

Para o Deputado João Navarro, a decisão do Governo de dar seqüência prática ao Acordo de Minas consolidará a Aliança Democrática e fortalecerá a união do Estado em torno da candidatura Tancredo Neves, "não apenas no que se refere ao respaldo político indispensável à sua vitória no Colégio Eleitoral, como também à necessidade de garantir a união de Minas contra qualquer tipo de casuísmo".

João Navarro asseverou que o Governo do Estado já está cumprindo todos os compromissos assumidos no interior e que agora partirá, também, para o preenchimento de cargos no segundo escalão, atendendo a indicações feitas pela Frente Liberal. O primeiro indicado pela Frente para um cargo de confiança já tomou posse: o Deputado e ex-Secretário do Governo Magalhães Pinto, José Monteiro de Castro, ligado ao Vice-Presidente Aureliano Chaves, já assumiu uma diretoria do Bemge-Banco do Estado de Minas Gerais. No início do Governo Tancredo Neves ele havia deixado a presidência da FMB S/A Produtos Metalúrgicos, do Grupo Fiat, onde estrara por indicação do então Governador Aureliano Chaves.

Arinos não teme golpe e vê Tancredo eleito

— A excitação do golpismo é inerente ao tipo de trajetória política que estamos atravessando. Nos períodos de instabilidade, a regra é a proliferação de iniciativas improvisadas e que denunciam o inconformismo dos que sabem que estão derrotados e tentam as alternativas do desespero ou apenas procuram irritar os vitoriosos — esta é a interpretação do professor Afonso Arinos de Melo Franco para a onda de boatos que invadiu Brasília e se alastrou por todo o país.

O ex-Ministro não se deixa envolver pelo clima alarmista e ensina:

— O êxito do golpe depende de condições propícias. Condições que não existem no momento. A segura antecipação da derrota consolida a certeza de uma transição sem riscos de turbulência.

Consenso

Recomenda Afonso Arinos não apenas como medida preventiva contra o golpismo, mas também como fórmula conveniente ao país, que se insista na caracterização da candidatura do ex-Governador Tancredo Neves como uma solução de "consenso nacional".

— Uma candidatura de consenso nacional — explica — necessariamente se posiciona na perspectiva do futuro. Ela precisa deixar claro que o que há a fazer no futuro é muito mais importante do que rever ou revolver o passado. O revanchismo pode ser ultrapassado como uma posição realística e que busque corresponder as esperanças nacionais. Esta é uma exigência da pacificação reclamada por todos os que analisam o quadro político com bom senso.

Arquivo

Arinos: Maluf não é mais candidato, é uma teimosia

Ressalvando que "Maluf não é mais candidato, é uma teimosia", Afonso Arinos examina as soluções sempre a partir da inevitabilidade da vitória de Tancredo Neves. Insiste em negar importância ao surto golpista:

— Pode até produzir algumas conseqüências, mas não tem importância, não muda o rumo traçado.

Fidelidade

Afonso Arinos considera impossível aplicar a fidelidade partidária na eleição presidencial pelo Colégio Eleitoral. Invoca um argumento novo:

— A fidelidade partidária necessita ser declarada no ato da decisão que se pretende proteger. Ela não pode ser invocada **a posteriori**. Quando um órgão partidário delibera e pretende que a sua decisão seja obedecida sob pena de aplicação da perda de mandato dos parlamentares que não a respeitarem, ele precisa explicitar que aquela deliberação está submetida à fidelidade partidária. Do contrário, a alegação da fidelidade será retroativa, o que é impossível pois que iria ferir um direito adquirido.

Arinos cita o exemplo que importa:

— A Convenção Nacional do PDS que oficializou o lançamento da candidatura do Deputado Paulo Maluf teria que declarar, explicitamente, que a decisão estava sujeita à fidelidade partidária. Mas não o fez e agora não pode voltar atrás. Os que não aceitaram a decisão da maioria da Convenção adquiriram o direito de divergir. A dissidência do PDS foi admitida pelo Presidente João Figueiredo. Nela se alistaram o Vice-Presidente Aureliano Chaves, governadores, senadores, deputados. É um fato consumado e do conhecimento público. Os dissidentes conquistaram o direito de divergir. Um direito que não pode ser revogado ou negado por uma decisão posterior.

Retoma Arinos o tema de suas observações iniciais:

— A ciência política identifica a precariedade das tentativas de agitação em todos os regimes em extinção. Este é um fato corriqueiro, que caracteriza o estertor da derrota. É quando não se pode mais manter o poder arbitrário que se faz o Pacto de Moncloa.

Voto

Arinos não atribui maior importância à manobra de introduzir o voto secreto na eleição do Colégio Eleitoral:

— O voto secreto protege o eleitor em eleição direta das pressões dos poderosos. Nunca é invocado para proteger o eleitor qualificado como o parlamentar que compõe o Colégio Eleitoral. Andaram lendo mal a Constituição. Ela dispõe que o sufrágio é universal mas o voto é secreto e direto, salvo nas exceções expressamente especificadas. O sufrágio é a manifestação de uma opinião. O voto é a expressão desse sufrágio.

VILLAS-BÔAS CORRÊA

PMDB tem trunfos contra casuísmos

Brasília — O problema jurídico é falso, o quadro eleitoral é amplamente favorável, as dificuldades são de natureza político-institucional. Este é o entendimento da cúpula do PMDB, após reavaliação informal, semana passada, dos últimos desdobramentos do processo sucessório — o parecer do Procurador-Geral da República, Inocêncio Mártires Coelho, considerando nulo o voto infiel dos delegados estaduais no Colégio Eleitoral é a principal preocupação da Oposição.

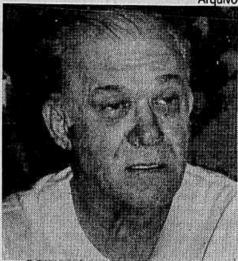
Contra distúrbios como esse, que poderão afetar as regras do jogo, o partido guarda no bolso duas cartas para serem utilizadas apenas em caso de emergência: uma reunião de todos os 20 governadores que apóiam Tancredo Neves, e um pedido de audiência do candidato ao Presidente João Figueiredo, em busca de fiança para a transição do regime.

Otimismo

"Foi muito ruim a candidatura do Maluf ter entrado em parafuso com uma antecedência tão grande", lamenta o Deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN). "Agora vamos todos entrar numa fase de revisão de idéias e estratégias. Não é hora para se tomar qualquer decisão", aconselha.

Observador privilegiado da sucessão por seus estreitos contatos com o candidato oposicionista, ele acha que não é desprezível o poder político hoje concentrado nos 20 governadores, 10 dos quais do PDS. Fernando Lyra (PE), integrado à campanha de Tancredo, está convencido de que encerrou-se o capítulo eleitoral da disputa com a contagem da maioria entre os 138 delegados estaduais. Necessário, agora, é pautar o programa de sustentação desse ganho político.

Segundo os cálculos tancredistas, depois disso a vitória está assegurada, mesmo que o voto seja secreto e descontado o apoio dos delegados dissidentes. Se seus votos forem invalidados, naturalmente eles se absterão, impedindo que sejam somados ao nome do adversário. A conveniência do voto secreto, para o Deputado Paulo Maluf, foi **explodida** na rodada de escolha dos representantes das assembléias, analisa um senador tancredista. Ou seja, em casos assim, se há um concorrente muito forte é ele o beneficiado.

Arquivo

Thales: Na hora da virada, casuísmo prejudica o Governo

Arquivo

Lyra: Eleição de delegados encerrou disputa sucessória

É por isso que o Deputado Thales Ramalho, liberal conterrâneo de Lyra, adverte: "Na hora da virada, todos os casuísmos que antes beneficiavam o Governo viram-se contra ele, funcionam ao contrário. É isso que o Palácio do Planalto não percebeu". Para Thales, quaisquer que sejam as regras e não obstante todas as dificuldades, Tancredo Neves será sempre o vencedor, pois há muito esgotou-se o prazo para exercer a política oficial com mínimas chances de êxito.

Essa euforia oposicionista, no entanto, é vista com muita reserva pelo presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, que entre a terça e a quarta-feira da semana passada não deixou o telefone, fazendo contatos com assessores jurídicos e conselheiros políticos. Ele ficou muito preocupado com o parecer de Mártires Coelho e pediu que o jurista Josaphat Marinho viesse dar plantão em Brasília a partir desta segunda-feira.

Da mesma forma, o Deputado João Gilberto (RS) ficou encarregado junto a outros colegas de um minucioso diagnóstico sobre todas as possibilidades de manobras regimentais capazes de serem invocadas pelos malufistas. Especialista no assunto, ele diz que só se pode reagir diante de fatos concretos. "Tudo o que os malufistas puderem alegar nós podemos contestar prontamente no Supremo Tribunal Federal", avisa Gilberto.

— O que me preocupa é um "golpe branco". Por exemplo, às vésperas da reunião do Colégio Eleitoral, a Mesa do Senado resolve adotar o voto secreto. Aí não teremos mais tempo para agir. É por isso que digo aos colegas: o problema não é jurídico, é político.

João Gilberto ilustra seu ponto-de-vista recorrendo à história: Em 55, impedido de reassumir a Presidência da República, o Presidente Café Filho recorreu ao Supremo. Este adiou o julgamento e desconsiderou o caso diante de um fato político irreversível — Carlos Luz já governava.

JOSÉ NEGREIROS

Boatos invadem Congresso e convencem até seus autores

Brasília — "Preciso tomar um calmante agora mesmo", dizia o Deputado Nílson Gibson (PDS-PE), numa euforia teatral, terça-feira, às 15 horas, ao Deputado José Carlos Fonseca (PDS-ES). Excitadíssimo, caminhando a passos curtos pelo corredor que conduz ao gabinete da liderança de seu partido no Congresso, Gibson comentava: "A notícia é tão boa, tão boa...". Fez suspense: "Depois eu conto tudo."

Era o início de mais um boato que iria povoar o Congresso naquele dia. "Quando o Gibson sorri, o regime chora", comentou Fonseca, irônico, lembrando as ligações do parlamentar com altos escalões das Forças Armadas, especialmente na comunidade de informações. A cena foi assistida por jornalistas e pelo secretário-geral do PDS, Homero Santos (MG). Às 18h, já se especulava, seriamente, entre deputados e senadores, sobre um iminente decreto do Governo exigindo fidelidade partidária aos membros do Colégio. A informação **vazada** pelo eufórico Gibson.

Balões

— Vivemos numa fábrica de boatos, entre operários da mentira — afirma o Deputado Roberto Cardoso Alves (PMDB-SP), um dos principais auxiliares de Tancredo Neves, candidato da Oposição. "Boato é como dinheiro falso. Alguns inventam e quase todos passam", analisa o líder do PMDB, Freitas Nobre, experiente jornalista. "Quanto tempo não gastamos com notícias falsas ou balões de ensaio?", indaga.

— Às vezes, rimos das informações incríveis que saem a nosso respeito — comenta Murilo Macedo que, a cada greve, via **decretada** sua demissão. Sobretudo na sexta-feira e em agosto, quando os boatos ganham mais espaço entre as especulações das fontes **bem-informadas**.

De qualquer forma, mesmo aos mais experientes parlamentares não é fácil distinguir o que é ou não verdade — sempre há alguns indícios que dão ar de seriedade à informação. De resto, tudo corre com uma rapidez impressionante — sai de Brasília, chega ao circuito Rio—São Paulo, volta com riqueza de detalhes. "Coloca-se um pato na entrada do Congresso, colhe-se, à tarde, um cisne com um laço cor de rosa", brinca o Deputado Marcelo Linhares (PDS-CE).

Certa vez, Marcelo Linhares criou, por brincadeira, a queda de um Ministro, logo de manhã. A notícia foi crescendo, passou pelo circuito Rio—São Paulo, absorveu detalhes de conversas, chegou novamente aos seus ouvidos. "Veio com tantos detalhes que pensei fosse verdade. Aí fui procurar um amigo para saber se o tal Ministro ia ou não cair".

— É fascinante a rota do boato. Espalha-se numa questão de segundos, ganhando retoques, confundindo até quem os lançou — ensina o Deputado Amaral Neto (PDS-RJ), jornalista, acostumado a receber telefonemas de oficiais das Forças Armadas, cujas conversas são, eventualmente, **vazadas**. "Os piores boatos são os espalhados pelas mulheres", informa o Coronel da reserva Kurt Pessek, ex-assessor do falecido General Hugo Abreu, ex-fonte militar de muitos jornalistas.

Durante a última sucessão, ele assessorou o General Euler Bentes Monteiro, candidato contra Figueiredo. Derrotado, foi uma vítima dos boatos: em 1980, espalharam estar ele conspirando contra o novo Governo. "Fui transferido para Ilhéus", lamenta. "Era puro boato".

Golpe

O ex-Chefe do Gabinete Civil, Golbery do Couto e Silva, costuma dizer que, por trás de uma mentira, escondem-se muitas verdades. Ou seja, a mentira é intencionalmente lançada para criar clima. "Então um golpe pode acontecer porque todos esperam um golpe", analisa Pessek. "Por isso precisamos denunciar os profissionais do terrorismo", adverte Roberto Cardoso Alves.

Atualmente, o Congresso vive um clima de tensão por causa dos boatos de golpe. "A vitória de Maluf é uma interrogação. Mas é uma certeza que Tancredo não assume", garantiu Gibson na segunda-feira. Ele invariavelmente prega o fechamento. "Ou Maluf ou golpe", repete.

Outro competidor de Gibson é o Deputado Magalhães Pinto (PDS-MG). "Vocês sabem que eu estou conspirando", brinca com os jornalista Magalhães, na esperança de ser chamado para salvar o país. "O golpe é inevitável", alerta. Publicamente, porém, garante que "tudo não passa de uma brincadeira".

Por essas brincadeiras, Magalhães foi atacado da tribuna pelo líder do PT, Ayrton Soares, que o acusou de golpista. E o PT já decidiu fazer uma campanha contra os boateiros.

Os boatos servem inclusive para abastecer o folclore político. O Deputado Juarez Batista (PMDB-MG) espalhou, segundo confidências, a informação de que seria chamado por Tancredo Neves, então Governador, para uma Secretaria.

— Dr Tancredo — disse ele ao Governador — os boatos são muitos, garantem que eu serei chamado. Minha situação está ficando difícil. Gostaria de uma resposta sua.

Atento à ponderação do Deputado, Tancredo providenciou uma solução:

— Juarez, vamos fazer o seguinte: você confirma os boatos, diz que eu o convidei mesmo. Mas que você não aceitou.

GILBERTO DIMENSTEIN

Bandeira de Tancredo cruzará país como tocha olímpica

Belém — "Tancredo Neves: a vitória do Brasil" é o **slogan** da segunda etapa da campanha do candidato do PMDB e da Frente Liberal que, inscrito numa enorme bandeira, deverá percorrer o país de ponta a ponta, reproduzindo o papel que a tocha olímpica desempenha nos preparativos das Olimpíadas.

Seu lançamento deverá ser no dia 19 de novembro, Dia da Bandeira, culminando a trajetória com a chegada triunfal a Brasília em 7 de janeiro, uma semana antes da reunião do Colégio Eleitoral que elegerá o próximo Presidente da República. A idéia é do ex-Governador do Rio Grande do Norte Aluízio Alves, um dos assessores da campanha de Tancredo.

Travessia

Diante dos últimos acontecimentos políticos — voto secreto para escolha dos delegados estaduais, Polícia Federal na votação do Maranhão — que no entender dos trancredistas conspiram contra o candidato da Oposição, a preocupação dominante na cúpula do PMDB é manter a mobilização popular vigilante pela preservação do calendário eleitoral. E para tanto a bandeira cai como uma luva.

"A travessia da bandeira é um movimento apartidário, no qual a sociedade solidariza-se com o candidato Tancredo Neves e o povo participa fazendo uma pressão legítima sobre o Colégio Eleitoral, já que não pode votar", diz Alves. Sem conhecer o plano, Egídio Ferreira Lima, vice-líder do PMDB na Câmara, está convencido de uma coisa: "Se a candidatura de Tancredo não sair dos partidos e passar a ser uma responsabilidade de toda a sociedade, atravessaremos na insegurança esses dias que ainda faltam para o Colégio Eleitoral."

Na sua opinião, devem ser imediatamente convocadas três grandes concentrações coletivas simultâneas no Rio, São Paulo e Belo Horizonte, nas quais o povo dê uma demonstração de vigilância do processo sucessório, para assegurar a reunião do Colégio Eleitoral no dia 15 de janeiro. A bandeira tem, dessa forma, o sentido de agregar a população num autêntico movimento de massas.

Segundo o ex-Governador do Rio Grande do Norte, falta apenas precisar suas cores: o vermelho e o branco do PMDB ou o verde-amarelo dos cartazes de Tancredo, pregando "mudanças-já"? O plano da travessia prevê que, partindo do Sul ou do Norte, ela seja conduzida, cidade por cidade, atraindo a adesão de caminhoneiros, agricultores, motociclistas, comitês de campanha e populares. Ao chegar ao município previsto no roteiro será recepcionada com uma festa que, embora sem a existência de comício, concentrará a população em torno da bandeira a ser guardada por uma noite na sede local do partido.

Estratégia

"Não se pode fazer comício todo dia. Quando se faz, é muito importante mas de impacto episódico, pois sua repercussão dura 48 horas. Temos de manter o povo envolvido na nossa campanha, temos de capitalizar a popularidade do candidato", raciocina Aluízio.

De acordo com seus planos, tal estratégia pode ter outros desdobramentos, como um movimento paralelo contra o desemprego, depois que a bandeira deixar na cidade a mensagem de consolidação do nome do candidato e despertar a mobilização da população na luta pelos seus problemas mais imediatos. Na sua visão, o percurso da bandeira de Tancredo entre cidades próximas e populosas poderá resultar em animadas passeatas motorizadas, tornando sua passagem um autêntico evento político.

Nesse caso, conforme outro articulador da campanha oposicionista, a imprensa e a televisão não poderão ignorá-lo, porque se transformaria numa espécie de símbolo do momento polfico atual. Atento a tal possibilidade, o comitê de Tancredo deverá capitalizar o movimento com a venda de camisetas, bandeirolas, adesivos e broches para marcar e lembrar em cada cidade a visita da bandeira.

O Deputado Roberto Rollemberg (PMDB-SE), preocupado, lembra que todas as mudanças políticas importantes na história de qualquer nação foram precedidas pela vigília popular e complementa com uma proposta: a reunião de todos os partidos que apóiam a candidatura de Tancredo Neves, como forma de criar um fato político de repercussão nacional contra quaisquer mudanças nas regras do jogo eleitoral.

Para o início do próximo mês já está previsto o desdobramento da campanha da Aliança Democrática em duas frentes: além da programação de comícios e visitas regionais do candidato, serão formadas "patrulhas-parlamentares", em grupos de cinco políticos, que irão a todas as capitais do país pregar suas idéias junto aos meios de comunicação e a centros universitários.

O Deputado Cid Carvalho (MA) coordenará a missão dessas caravanas, enquanto em Brasília seus colegas Marcio Santilli (SP), Oswaldo Lima Filho (PE) e Irajá Rodrigues (RS) articularão debates sobre temas institucionais, sociais e econômicos que servirão de subsídio ao programa de Governo de Tancredo Neves. A meta da campanha é manter os diversos segmentos da vida nacional ocupando todos os espaços políticos, inclusive sob o funcionamento extraordinário do Congresso Nacional em dezembro e janeiro, providência que a Oposição quer garantir nas próximas semanas.

Tancredo usa material de apelo popular

... e Maluf se concentra sobre o Colégio

Sucessão abre duelo de "marketing"

Brasília — A vitória de Tancredo Neves ou Paulo Maluf no dia 15 de janeiro de 1985 consagrará também o triunfo de um estilo de **marketing** em campanha política. Com características inteiramente opostas, a propaganda dos dois candidatos se confronta logo em seu objetivo: enquanto a de Tancredo persegue a consolidação de sua imagem perante 60 milhões de eleitores a de Maluf objetiva melhorá-la para garantia da maioria dos 686 votos do Colégio Eleitoral.

"A função da nossa propaganda não é lapidar a imagem do candidato. Não há nada a lapidar em Tancredo Neves. Ele é autêntico e é assim que deverá ser apresentado à opinião pública". Essa é a lição número 1 do **pool** de publicitários pró-Tancredo Neves, segundo informação do principal coordenador publicitário do candidato do PMDB e da Frente Liberal, Mauro Salles, 51 anos. De fato, o primeiro **paper** produzido por esse comitê de publicidade ensina: "Tancredo Neves não é um produto. É uma criatura humana".

"Super-homem"

No escritório do Deputado Paulo Maluf, o estilo é outro. A agência Norton Publicidade S/A, dona da farta conta do candidato, cuja cifra não revela, trabalha em regime integral, segundo informou um dos seus contatos em Brasília, para melhorar a imagem de Maluf. Isso resultou, até agora, em milhares de recursos promocionais.

São 200 mil cartazes com a foto do candidato, 100 mil marcadores de livros, 100 mil **bottons** para lapela, 100 mil sacolas, 100 mil ventarolas, 200 mil camisetas e 50 mil plásticos com o **slogan** "Maluf — Brasil-esperança". Esse **slogan** — inspiração da mulher do candidato, Dona Sylvia — recebeu um **layout** da agência, que colocou entre "Brasil" e "esperança" duas faixas, uma verde e uma amarela, formando o V da vitória.

Somando-se ao esforço da agência, o comitê do candidato elabora um farto material, onde o carro-chefe é o seu programa de Governo. Já foram editados 10 volumes com temas desse programa, com uma tiragem de 100 mil exemplares cada, sobre agricultura, política externa, Sistema Financeiro de Habitação, política econômica, tudo sob o comando do ex-Ministro Said Farhat.

Todos os volumes são prefaciados com ensinamentos religiosos e provérbios bíblicos, dentro da linha que persegue um perfil bem brasileiro para o candidato, que desde a convenção do PDS carrega no pulso uma fitinha esfarrapada do Senhor do Bonfim.

Além do programa, que ocupa um dos dois escritórios em Brasília — o do edifício Bezerra de Menezes — para sua distribuição por todo o país, o comitê de Maluf passou a editar, quinzenalmente, o tablóide **Brasil-esperança**, com uma variedade de matérias, às vezes reproduzidas de outros jornais, supervalorizando a candidatura pedessista e subestimando a campanha Tancredo Neves.

O último número do jornal trouxe um depoimento de Dona Sylvia Maluf, classificando seu marido de "super-homem". Assim como o programa, o tablóide está sendo distribuído entre os eleitores do Colégio Eleitoral, mas também a prefeitos e vereadores.

O responsável pela distribuição de todo o material de campanha, o professor de português Jesse Ribeiro, 37 anos, é um dos mais requisitados membros do comitê eleitoral. Ali, diz ele, chegam com insistência pedidos de todo o país para a remessa de camisetas com a estampa "Maluf, Brasil-esperança".

O Deputado Wilson Falcão (PDS-BA) foi ao escritório quarta-feira de manhã com uma requisição dessas e dali saiu com as mãos cheias de adesivos "I love Maluf", alfinetes "Brasil-esperança" e réguas "calendário da esperança", mas sem as camisetas, que ficaram para depois. À tarde, a Assembléia Legislativa da Bahia elegeu seis tancredistas para representá-la no Colégio Eleitoral e o Deputado agora está em dúvida se receberá ou não as camisetas.

Causa

Maior dificuldade para conseguir camisetas só no escritório de Tancredo, que não distribui qualquer material de propaganda. A primeira decisão do **pool** de agências do candidato — Salles, Denison, CBP, Castelo Branco, DPZ, Exclam, Setembro Propaganda, SGB, MPM e Caio Domingues, além de outras — foi a de estimular a produção dispersa de material em todo o país, sem dispêndios financeiros. "Essa não é uma campanha publicitária, mas um esforço de comunicação", diz Roberto Dualibi, da DPZ. "Não há uma conta publicitária. O que existe é uma causa", ensina o primeiro documento do **pool**.

O primeiro sinal do caráter espartano da campanha de Tancredo foi captado no dia da convenção do PMDB — 12 de agosto. Ali, as manifestações populares, com cartazes, faixas e bandeiras, no melhor estilo da campanha das eleições diretas, inspiraram a evolução do trabalho publicitário do candidato.

O **slogan** "diretas-já" foi aproveitado para a criação do "muda, Brasil. Tancredo-já". O objetivo desse esforço promocional está em mobilizar a opinião pública e os diversos segmentos da sociedade civil para pressionar os eleitores do Colégio Eleitoral — 69 senadores, 479 deputados federais e 138 delegados estaduais — a votar em Tancredo Neves.

A meta é "dar aos membros do Colégio Eleitoral que sufragarem a chapa Tancredo Neves um respaldo estratégico de opinião pública" e criar nos eleitores de Maluf "uma sensação de desconforto e até constrangimento, colocando-os em flagrante contradição com as aspirações populares", é o que ensina a cartilha de Tancredo.

Dando inteira liberdade de trabalho às estruturas partidárias da campanha (PMDB, Frente Liberal e agências de propaganda voluntárias) o comitê coordenador é pródigo, no entanto, em orientações. Partiu dele, por exemplo, a sugestão de que os palanques onde Tancredo for fazer comício sejam, em vez de planos, em três níveis, para que todas as autoridades presentes sejam vistas pelo povo.

Outra orientação: o gesto da campanha, especialmente em praça pública, deve ser o mesmo realizado pelo presidente do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, no dia da vitória de Tancredo na convenção do PMDB: braços para o alto, mãos dadas em uma corrente longa, formando diversos Us da vitória. A idéia é que esse gesto, no pique do comício, tome conta dos palanques e da multidão, numa grande "comunhão cívica". Motivo: "Essa campanha é direta. A eleição é que, infelizmente, é indireta", ensina Mauro Salles.

Os símbolos e logotipos da campanha de Tancredo são, basicamente, nas cores verde, amarela, azul e branca, sendo as mensagens sempre em letras pretas. Coincidentemente, as cores de Maluf são também verde, amarela e azul, sempre em fundo branco. Os dois candidatos evitam a proscrita cor vermelha, símbolo da provocação nos comícios da Oposição, mas, ironicamente, é o Deputado Paulo Maluf o único a ter um logotipo com essa cor: é o adesivo "I love Maluf" todo branco, com um coração vermelho no centro. Mas ele foi confeccionado por amigos, justifica seu escritório eleitoral.

TERESA CARDOSO

Maluf prepara ofensiva pela TV

Brasília — Numa corrida contra o tempo, a Assessoria de Comunicação do candidato do PDS, Paulo Maluf, traçou uma rígida estratégia para sensibilizar a opinião pública e, por conseqüência, atingir os eleitores que escolherão o próximo Presidente da República. A principal arma: a televisão.

O veterano jornalista Luís Adolfo Pinheiro, assessor de imprensa de Maluf, ao lado de altos dirigentes da campanha malufista como Calim Eid e os Deputados federais Armando Pinheiro (SP) e Prisco Viana (BA), discutem intensamente formas de furar o que todos eles consideram "bloqueio" nos meios de comunicação.

Arquivo

Armando Pinheiro

Debates

Luís Adolfo vem organizando debates regionais, pela televisão, nos vários Estados por onde passa Maluf. Nesses debates, há convites para lideranças empresariais ou trabalhadoras. Há, na mesa de Luís Adolfo, uma lista de convites feitos por emissoras que será explorada.

— Temos um candidato com um programa claro de Governo, não há dúvidas a respeito. Queremos passar essa mensagem. O outro candidato, entretanto, não tem o que falar. Por isso, mostrou-se reticente em relação ao debate proposto por Maluf — ataca Calim Eid.

De fato, a Assessoria de Maluf depositou muitas esperanças no debate nacional com Tancredo Neves, convencida de que, diante das câmaras, haveria uma mudança de posição da opinião pública. E insistir na realização do encontro tornou-se uma estratégia: Tanto assim que os principais jornais do país exibiram uma imensa chamada de Maluf à discussão, dirigida ao candidato do PMDB e da Frente Liberal.

No esforço de popularização de Maluf, sua equipe não centra força na realização de comícios, embora estejam previstos quatro, numa série que começará em Cuiabá e terminará em São Paulo. O de Cuiabá deverá reunir mais de 50 mil pessoas, conforme expectativa do Governador Júlio Campos, único governador até agora a apoiar publicamente o candidato, segundo Luís Adolfo.

— Essa não é nossa preocupação maior — ressalta Prisco Vianna. — A eleição é indireta. Temos de sensibilizar, por ora, os eleitores do Colégio.

Mas existe preocupação, também, com a opinião pública. Calim Eid aposta na vitória e assegura que a população realmente será conquistada com a posse de Paulo Maluf na Presidência, quando, informa, serão lançados decretos de impacto, "afetando a vida do cidadão":

— Mas queremos respaldo popular antes disso. E é possível.

E, justamente para penetrar nas lideranças sociais, o PDS pensa em utilizar o horário gratuito destinado pelo TSE aos partidos políticos, no dia 26 de novembro, apenas para um debate entre Maluf e lideranças da sociedade civil — religiosos, trabalhadores, empresários, estudantes. Não seria algo rotineiro — tanto assim que foram chamados, para dar Assessoria de Comunicação, vários publicitários.

Agora, a Assessoria de Imprensa vai impulsionar um importante veículo de comunicação: o rádio. Haverá debates, ao vivo, por telefone, com participantes postados em emissoras de rádios. Assim, o deputado não precisaria nem ao menos sair de sua cadeira de trabalho.

Decidiu-se que, para ocupar todos os espaços, Maluf freqüentará palestras sobre os mais variados assuntos — já esteve com empresários, prefeitos, discutiu informática, no Senado, saneamento básico, na Câmara, e falou sobre Oriente Médio para uma platéia de lideranças judaicas, em SP.

Não é à toa que, nessa ânsia pela busca de espaço para divulgação de idéias, Maluf vá reunir jornalistas especialistas nos vários assuntos para discutir não política, mas energia, previdência social e saúde. E, há dois meses, as entrevistas coletivas tornaram-se diárias, sem folga para o fim de semana ou feriados.

A partir daí surgem idéias sofisticadas: Luís Adolfo defende um ambicioso projeto: o Deputado Maluf alugaria um avião maior, um Boeing, para facilitar seus contatos com jornalistas, não se perdendo tempo. No **Brasil Esperança**, o jatinho utilizado pelo candidato, há apenas sete cadeiras — e muitas viagens são longas, que poderiam ser gastas para a troca de idéias.

Aureliano recebe Maluf mas mantém apoio a Tancredo

Brasília — "Meu candidato é o ex-Governador Tancredo Neves e vou com ele até o final." A afirmação foi feita ontem pelo Vice-Presidente Aureliano Chaves. Ele previu que seu encontro marcado para hoje, às 11 horas, com o candidato do PDS, Deputado Paulo Maluf, "não terá qualquer significado político".

Aureliano reagiu, com veemência, quando indagado se antevê mudanças nas atuais regras do jogo sucessório, uma das quais a hipótese de prorrogação do mandato do Presidente João Figueiredo. "Que ninguém pense que vamos assistir pacificamente a qualquer alteração do itinerário constitucional", afirmou.

Cortesia

"Receberei o Deputado Paulo Maluf por um ato de educação política. Ele pediu o encontro. Estou me recuperando da cirurgia mas não creio em qualquer conversa política, afirmou o Vice-Presidente.

Ele afirmou que sua vida pública não tem sido pautada por brigas pessoais mas descartou qualquer possibilidade de composição com o candidato do PDS.

"Uma visita de cortesia." Foi este o motivo apresentado, ontem, pelo candidato do PDS à Presidência da República, Deputado Paulo Maluf, para justificar o encontro solicitado ao Vice-Presidente Aureliano Chaves. Admitiu contudo que, "na conversa, é possível que surja o tema político, mas nada há programado neste sentido".

Indagado se havia alguma possibilidade de composição entre ele — como candidato do PDS — e o candidato oposicionista, Tancredo Neves, descartou esta hipótese: "A saída comum existente é a derrota democrática do outro candidato, uma vez que a nossa vitória está assegurada".

Durante a entrevista, o Deputado negou que tivesse prometido reatar as relações com Cuba, se eleito Presidente da República: "Não declarei que pretendia reatar as relações com Cuba. O que disse foi que minha assessoria, após estudar a situação de Cuba, reconheceu que mudou muito a postura daquele país".

— Não me recusaria, no futuro, a reatar as relações comerciais com Cuba. Se por exemplo ela quiser comprar 500 caminhões nossos, não sei por que nos recusaríamos a vendê-los, desde que o cheque referente a esta compra estivesse visado por Moscou — ironizou Maluf.

O Deputado revelou que, após uma reavaliação do quadro político, feita pelos seus companheiros, está mais do que nunca seguro da vitória:

— Ontem mesmo — disse Maluf — recebi sete telefonemas de deputados ligados a governadores do Nordeste. Todos eles me asseguraram que até 15 de janeiro estarão com o partido. Assumem posição diferente, hoje, para não desgostar os governadores.

Brasília — Luciano Andrade

Maluf confia na vitória

Candidato não comenta encontro

Belo Horizonte — "Não tenho nada que opinar. Não tenho nada que opinar sobre assunto que não me diz respeito", disse ontem, nesta cidade, o candidato da Aliança Democrática, ex-Governador Tancredo Neves, ao ser perguntado sobre como via o encontro que o candidato do PDS à Presidência da República, Deputado Paulo Maluf, terá amanhã com o Vice-Presidente da República, Aureliano Chaves, na Granja do Torto.

O ex-Governador de Minas declarou que "as turbulências que existem são inerentes ao processo sucessório. Os nossos comícios estão em plena vigência e a programação estabelecida será observada".

Programação

— Nossa programação está sendo observada à risca. Onde existem problemas entre grupos, é fácil acomodar, como já acomodamos no Rio Grande do Norte e no Piauí. A programação da campanha não é fixada por mim, mas por uma comissão da Aliança Democrática — salientou.

— As manobras casuísticas, como, por exemplo, tentar transformar o voto aberto em voto secreto, seriam uma violência tão gritante contra a Constituição que não haveria ninguém neste país com coragem de promover uma iniciativa desta natureza, assim como seria casuísmo também tentar cancelar os votos chamados infiéis. Sabemos muito bem que todos os juristas que já opinaram a respeito são unânimes em reconhecer que a fidelidade partidária não se aplica ao Colégio Eleitoral. Não tenho que temer nenhum casuísmo.

Para o ex-Governador, não há razão para uma reunião de Governadores em apoio à sua candidatura.

— Houve apenas uma sugestão. O Governador Hélio Garcia se diz absolutamente alheio ao movimento e está de acordo com ele o Governador de Pernambuco, Roberto Magalhães. Não sei de nenhuma idéia neste sentido que esteja sendo conduzida por qualquer Governador. Houve apenas uma sugestão sem preocupação de transformá-la em realidade. Não vejo motivos para uma concentração de Governadores. Se surgir fato novo que a justifique, será avaliado e examinado.

Vice convoca liberais a Brasília

Belo Horizonte — O Deputado Maurício Campos (PDS-MG) revelou ontem que o Vice-Presidente Aureliano Chaves convocou todos os parlamentares federais da Frente Liberal para uma reunião, na próxima terça-feira, em Brasília, a fim de colher suas assinaturas ao manifesto de lançamento do partido da Frente Liberal que, no seu entender, "deve ser constituído antes das eleições presidenciais de 1985".

Maurício Campos disse que, tão logo seja publicado o manifesto com as assinaturas dos seus fundadores, o novo partido começará a ser estruturado nos Estados. Em Minas, deverá ser realizada de imediato uma reunião das bancadas federal e estadual da Frente Liberal, com a participação de vereadores, prefeitos e membros da Juventude Liberal, dando início efetivo aos trabalhos de formação do partido no Estado.

Pressão

Para o Deputado mineiro, as bases dos integrantes da Frente Liberal já estão inquietas, ante a demora de formação do novo partido:

— Todos querem que o partido da Frente Liberal seja constituído imediatamente, para que possamos começar a trabalhar. Não teremos qualquer dificuldade em constituir diretórios em todos os municípios mineiros. Com o trabalho dos Deputados federais, Deputados estaduais, vereadores, prefeitos e os líderes municipais que já anunciaram sua decisão de ingressar na Frente Liberal, o novo partido vai ser forte em Minas.

Maurício Campos acredita que não há razão para protelações, já que todos estão conscientes de que é preciso urgentemente organizar o novo partido, pois nosso objetivo é disputar as eleições de 1986 em todo o país. E dar sustentação política juntamente com as forças que integram a Aliança Democrática, ao novo Governo que vai se implantar a partir de março de 1985.

Lins vai renunciar ao cargo

Brasília — O Senador José Lins (PDS-CE) deverá anunciar nos próximos dias a sua renúncia à vice-liderança do governo no Senado e à vice-presidência do Diretório Nacional do partido, formalizando o apoio à candidatura do ex-Governador Tancredo Neves. A decisão do Senador está dentro do esquema político do Vice-Governador do Ceará, Adauto Bezerra, que na semana passada aderiu ao candidato das oposições, num acordo com o Governador Gonzaga Motta.

Depois de Lins, ficará faltando apenas um integrante do grupo de Adauto definir a sua posição. Trata-se do Deputado Ossian Araripe, antigo aliado de Bezerra, que, devido à sua grande amizade com o Presidente da Câmara, Deputado Flávio Marcílio (PDS-CE), candidato a Vice-Presidente na chapa de Maluf, pediu tempo para se decidir. Até a próxima semana, Ossian anunciará sua posição.

ESPAÇO

Para José Lins, que deixou o grupo do Senador Virgílio Távora, logo após eleito Senador, e aderiu a Adauto Bezerra, acompanhar a candidatura Tancredo é o único caminho para a sua própria reeleição. Não existe espaço para ele na corrente do Senador Virgílio Távora, estando estremecidas as relações pessoais entre ambos. Lins, que foi Secretário de Planejamento do Governo de José Sarney, no Maranhão, tem o veto de Virgílio Távora para se recandidatar ao Senado, embora candidato nato, e conta que o acordo Gonzaga Motta-Adauto Bezerra lhe assegure essa volta em 1986.

Com a adesão de José Lins, o candidato Tancredo Neves passa a contar com os votos dos seis delegados da Assembléia cearense, além de quatro deputados federais ligados a Adauto Bezerra, dos cinco do PMDB, e de um Senador, num total de 16 votos.

Lyra diz que Governo quis pacto sem Sarney

Brasília — "Tudo não passou de uma manobra para desestabilizar as duas candidaturas, em favor de um terceiro nome, e o Senador José Sarney foi o flanco visado para isto" — disse ontem o Deputado Fernando Lyra (PMDB-PE), um dos principais articuladores da candidatura Tancredo Neves, ao confirmar que, no decorrer da semana, emissários do Governo federal tentaram negociar a conciliação nacional em torno do ex-Governador de Minas, com uma condição: a substituição de Sarney como Vice por um nome do Governo.

Em sua fazenda, a 50km de Brasília, em companhia dos Senadores da Frente Liberal Marco Maciel (PDS-PE) e Guilherme Palmeira (PDS-AL), o candidato da Aliança Democrática à Vice-Presidência afirmou ontem, no início da tarde: "Desconheço tais articulações". Pouco depois, porém, lembrou: "Não é novo isso. Há um mês e meio, o Deputado Victor Faccioni (presidente do PDS no Rio Grande do Sul) propôs o apoio de seu Estado à Aliança em troca da Vice-Presidência para o Nelson Marchezan".

Torpedo

Tranqüilo, o Senador Sarney arrematou: "Agora, você acha que o Nordeste aceitaria isso?" Não o Nordeste, mas a Frente Liberal, torpedeou a proposta na quinta-feira, em Brasília, na voz do Senador Marco Maciel, que oficialmente desconhece o assunto, mas naquele dia afirmou: "Não entra sequer em nossas cogitações qualquer proposta que implique a reformulação da nossa chapa".

Na quinta-feira, porém, o Vice-Presidente Aureliano Chaves, já avisado, pela manhã, das articulações, ficou "indignado", segundo dois parlamentares que com ele estiveram, pelos termos da proposta de conciliação: substituição de José Sarney por um nome de confiança do Governo e a concessão de três Ministérios para alguns dos atuais integrantes do Governo. No mesmo dia, à noite, Aureliano recebeu, no Palácio do Jaburu, a visita de Tancredo Neves.

Este, segundo dois integrantes da cúpula da Frente Liberal, concordou com os frentistas em soterrar a proposta e disse a Aureliano Chaves estar convencido de que setores do Governo insistem na tese de prorrogação do mandato do Presidente João Figueiredo. Por essa razão, o candidato mineiro garantiu ao Vice-Presidente Aureliano Chaves que não pensa em aceitar qualquer proposta de acordo que não receba o aval do presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, e do próprio Aureliano.

Na tarde de ontem, o Senador Marco Maciel afirmava, sem se referir ao assunto: "Como sempre, estamos dispostos a conversar sobre tudo, mas existem deliberações já tomadas em comum acordo pelo PMDB e Frente Liberal, que não deixarão de ser mantidas". O Deputado Fernando Lyra foi mais claro: "A candidatura Sarney não mais lhe pertence e, sim, a um extenso acordo entre as forças que compõem a Aliança Democrática".

Vigília

Em nome da Aliança Democrática, Fernando Lyra vai procurar hoje o líder do Governo na Câmara, Deputado Nelson Marchezan, para que consiga, junto ao Presidente João Figueiredo, autorização para que o Congresso Nacional seja convocado durante o recesso parlamentar que se inicia a 5 de dezembro próximo.

O argumento para convencer o Governo desta medida será, segundo Lyra, a necessidade incontestável de que naquele período, véspera da eleição do futuro Presidente da República (a reunião do Colégio está marcada para 15 de janeiro) o Congresso Nacional se mantenha vigilante, em permanente prontidão, de modo a garantir a manutenção da legalidade do processo sucessório.

Na opinião de Fernando Lyra, conseguir junto a Figueiredo autorização para convocação do Congresso no recesso não deverá ser uma tarefa difícil, de vez que o objetivo da medida "coincide, em número, gênero e grau, com a vontade manifesta do Presidente, que é a da consolidação do processo democrático".

Embora confiante no resultado final desta gestão, o Deputado disse que se ela não tiver êxito, ou seja, se não for possível a convocação do Parlamento, para a qual o regimento exige os votos de 320 deputados e 46 senadores, a Aliança Democrática, movimento que integra, já esquematizou um sistema preventivo que se constituirá num plantão permanente.

Leia editorial "Garantia Real"

Aureliano não admite mudanças nas regras do jogo

Brasília — "Meu candidato é o ex-Governador Tancredo Neves e vou com ele até o final." A afirmação foi feita ontem pelo Vice-Presidente Aureliano Chaves. Ele previu que seu encontro marcado para hoje, às 11 horas, com o candidato do PDS, Deputado Paulo Maluf, "não terá qualquer significado político".

Aureliano reagiu, com veemência, quando indagado se antevê mudanças nas atuais regras do jogo sucessório, uma das quais a hipótese de prorrogação do mandato do Presidente João Figueiredo. "Que ninguém pense que vamos assistir pacificamente a qualquer alteração do itinerário constitucional", afirmou.

Segundo ele, "as autoridades constituídas têm o dever de preservar as regras pelas quais se bateram". Insistiu que não eram tais regras que ele defendia, por entender que as eleições diretas seriam mais adequadas. Afirmou, contudo, que apóia Tancredo Neves "por causa dos compromissos democráticos que ele assumiu com a Frente Liberal".

"Receberei o Deputado Paulo Maluf por um ato de educação política. Ele pediu o encontro. Estou me recuperando da cirurgia mas não creio em qualquer conversa política", afirmou o Vice-Presidente.

Ele afirmou que sua vida pública não tem sido pautada por brigas pessoais mas descartou qualquer possibilidade de composição com o candidato do PDS.

"Uma visita de cortesia." Foi este o motivo apresentado, ontem, pelo candidato do PDS à Presidência da República, Deputado Paulo Maluf, para justificar o encontro solicitado ao Vice-Presidente Aureliano Chaves. Admitiu contudo que, "na conversa, é possível que surja o tema político, mas nada há programado neste sentido".

Indagado se havia alguma possibilidade de composição entre ele — como candidato do PDS — e o candidato oposicionista, Tancredo Neves, descartou esta hipótese: "A saída comum existente é a derrota democrática do outro candidato, uma vez que a nossa vitória está assegurada".

Brasília — Luciano Andrade

Maluf confia na vitória

Durante a entrevista, o Deputado negou que tivesse prometido reatar as relações com Cuba, se eleito Presidente da República: "Não declarei que pretendia reatar as relações com Cuba. O que disse foi que minha assessoria, após estudar a situação de Cuba, reconheceu que mudou muito a postura daquele país".

O Deputado revelou que, após uma reavaliação do quadro político, feita pelos seus companheiros, está mais do que nunca seguro da vitória:

— Ontem mesmo — disse Maluf — recebi sete telefonemas de deputados ligados a governadores do Nordeste. Todos eles me asseguraram que até 15 de janeiro estarão com o partido. Assumem posição diferente, hoje, para não desgostar os governadores.

Vice convoca liberais a Brasília

Belo Horizonte — O Deputado Maurício Campos (PDS-MG), revelou ontem que o Vice-Presidente Aureliano Chaves convocou todos os parlamentares federais da Frente Liberal para uma reunião, na próxima terça-feira, em Brasília, a fim de colher suas assinaturas ao manifesto de lançamento do partido da Frente Liberal que, no seu entender, "deve ser constituído antes das eleições presidenciais de 1985".

Maurício Campos disse que, tão logo seja publicado o manifesto com as assinaturas dos seus fundadores, o novo partido começará a ser estruturado nos Estados. Em Minas, deverá ser realizada de imediato uma reunião das bancadas federal e estadual da Frente Liberal, com a participação de vereadores, prefeitos e membros da Juventude Liberal, dando início efetivo aos trabalhos de formação do partido no Estado.

Pressão

Para o Deputado mineiro, as bases dos integrantes da Frente Liberal já estão inquietas, ante a demora de formação do novo partido:

— Todos querem que o partido da Frente Liberal seja constituído imediatamente, para que possamos começar a trabalhar. Não teremos qualquer dificuldade em constituir diretórios em todos os municípios mineiros. Com o trabalho dos Deputados federais, Deputados estaduais, vereadores, prefeitos e os líderes municipais que já anunciaram sua decisão de ingressar na Frente Liberal, o novo partido vai ser forte em Minas.

Maurício Campos acredita que não há razão para protelações, já que todos estão conscientes de que é preciso urgentemente organizar o novo partido, pois nosso objetivo é disputar as eleições de 1986 em todo o país. E dar sustentação política juntamente com as forças que integram a Aliança Democrática, ao novo Governo que vai se implantar a partir de março de 1985.

Tancredo não comenta encontro

Belo Horizonte — "Não tenho nada que opinar. Não tenho nada que opinar sobre assunto que não me diz respeito", disse ontem, nesta cidade, o candidato da Aliança Democrática, ex-Governador Tancredo Neves, ao ser perguntado sobre como via o encontro que o candidato do PDS à Presidência da República, Deputado Paulo Maluf, terá hoje com o Vice-Presidente da República, Aureliano Chaves, no Palácio do Jaburu.

O ex-Governador de Minas declarou que "as turbulências que existem são inerentes ao processo sucessório. Os nossos comícios estão em plena vigência e a programação estabelecida será observada".

Programação

— Nossa programação está sendo observada à risca. Onde existem problemas entre grupos, é fácil acomodar, como já acomodamos no Rio Grande do Norte e no Piauí. A programação da campanha não é fixada por mim, mas por uma comissão da Aliança Democrática — salientou.

— As manobras casuísticas, como, por exemplo, tentar transformar o voto aberto em voto secreto, seriam uma violência tão gritante contra a Constituição que não haveria ninguém neste país com coragem de promover uma iniciativa desta natureza, assim como seria casuísmo também tentar cancelar os votos chamados infiéis. Sabemos muito bem que todos os juristas que já opinaram a respeito são unânimes em reconhecer que a fidelidade partidária não se aplica ao Colégio Eleitoral. Não tenho que temer nenhum casuísmo.

Para o ex-Governador, não há razão para uma reunião de Governadores em apoio à sua candidatura.

— Houve apenas uma sugestão. O Governador Hélio Garcia se diz absolutamente alheio ao movimento e está de acordo com ele o Governador de Pernambuco, Roberto Magalhães. Não sei de nenhuma idéia neste sentido que esteja sendo conduzida por qualquer Governador. Houve apenas uma sugestão sem preocupação de transformá-la em realidade. Não vejo motivos para uma concentração de Governadores. Se surgir fato novo que a justifique, será avaliado e examinado.

Lins vai renunciar ao cargo

Brasília — O Senador José Lins (PDS-CE) deverá anunciar nos próximos dias a sua renúncia à vice-liderança do governo no Senado e à vice-presidência do Diretório Nacional do partido, formalizando o apoio à candidatura do ex-Governador Tancredo Neves. A decisão do Senador está dentro do esquema político do Vice-Governador do Ceará, Adauto Bezerra, que na semana passada aderiu ao candidato das oposições, num acordo com o Governador Gonzaga Motta.

Depois de Lins, ficará faltando apenas um integrante do grupo de Adauto definir a sua posição. Trata-se do Deputado Ossian Araripe, antigo aliado de Bezerra, que, devido à sua grande amizade com o Presidente da Câmara, Deputado Flávio Marcílio (PDS-CE), candidato a Vice-Presidente na chapa de Maluf, pediu tempo para se decidir. Até a próxima semana, Ossian anunciará sua posição.

ESPAÇO

Para José Lins, que deixou o grupo do Senador Virgílio Távora, logo após eleito Senador, e aderiu a Adauto Bezerra, acompanhar a candidatura Tancredo é o único caminho para a sua própria reeleição. Não existe espaço para ele na corrente do Senador Virgílio Távora, estando estremecidas as relações pessoais entre ambos. Lins, que foi Secretário de Planejamento do Governo de José Sarney, no Maranhão, tem o veto de Virgílio Távora para se recandidatar ao Senado, embora candidato nato, e conta que o acordo Gonzaga Motta-Adauto Bezerra lhe assegure essa volta em 1986.

Com a adesão de José Lins, o candidato Tancredo Neves passa a contar com os votos dos seis delegados da Assembléia cearense, além de quatro deputados federais ligados a Adauto Bezerra, dos cinco do PMDB, e de um Senador, num total de 16 votos.

Lyra diz que Governo quis pacto sem Sarney

Brasília — "Tudo não passou de uma manobra para desestabilizar as duas candidaturas, em favor de um terceiro nome, e o Senador José Sarney foi o flanco visado para isto" — disse ontem o Deputado Fernando Lyra (PMDB-PE), um dos principais articuladores da candidatura Tancredo Neves, ao confirmar que, no decorrer da semana, emissários do Governo federal tentaram negociar a conciliação nacional em torno do ex-Governador de Minas, com uma condição: a substituição de Sarney como Vice por um nome do Governo.

Em sua fazenda, a 50km de Brasília, em companhia dos Senadores da Frente Liberal Marco Maciel (PDS-PE) e Guilherme Palmeira (PDS-AL), o candidato da Aliança Democrática à Vice-Presidência afirmou ontem, no início da tarde: "Desconheço tais articulações". Pouco depois, porém, lembrou: "Não é novo isso. Há um mês e meio, o Deputado Victor Faccioni (presidente do PDS no Rio Grande do Sul) propôs o apoio de seu Estado à Aliança em troca da Vice-Presidência para o Nelson Marchezan".

Torpedo

Tranqüilo, o Senador Sarney arrematou: "Agora, você acha que o Nordeste aceitaria isso?" Não o Nordeste, mas a Frente Liberal, torpedeou a proposta na quinta-feira, em Brasília, na voz do Senador Marco Maciel, que oficialmente desconhece o assunto, mas naquele dia afirmou: "Não entra sequer em nossas cogitações qualquer proposta que implique a reformulação da nossa chapa".

Na quinta-feira, porém, o Vice-Presidente Aureliano Chaves, já avisado, pela manhã, das articulações, ficou "indignado", segundo dois parlamentares que com ele estiveram, pelos termos da proposta de conciliação: substituição de José Sarney por um nome de confiança do Governo e a concessão de três Ministérios para alguns dos atuais integrantes do Governo. No mesmo dia, à noite, Aureliano recebeu, no Palácio do Jaburu, a visita de Tancredo Neves.

Este, segundo dois integrantes da cúpula da Frente Liberal, concordou com os frentistas em soterrar a proposta e disse a Aureliano Chaves estar convencido de que setores do Governo insistem na tese de prorrogação do mandato do Presidente João Figueiredo. Por essa razão, o candidato mineiro garantiu ao Vice-Presidente Aureliano Chaves que não pensa em aceitar qualquer proposta de acordo que não receba o aval do presidente do PMDB, Ulysses Guimarães, e do próprio Aureliano.

Na tarde de ontem, o Senador Marco Maciel afirmava, sem se referir ao assunto: "Como sempre, estamos dispostos a conversar sobre tudo, mas existem deliberações já tomadas em comum acordo pelo PMDB e Frente Liberal, que não deixarão de ser mantidas". O Deputado Fernando Lyra foi mais claro: "A candidatura Sarney não mais lhe pertence e, sim, a um extenso acordo entre as forças que compõem a Aliança Democrática".

Vigília

Em nome da Aliança Democrática, Fernando Lyra vai procurar hoje o líder do Governo na Câmara, Deputado Nelson Marchezan, para que consiga, junto ao Presidente João Figueiredo, autorização para que o Congresso Nacional seja convocado durante o recesso parlamentar que se inicia a 5 de dezembro próximo.

O argumento para convencer o Governo desta medida será, segundo Lyra, a necessidade incontestável de que naquele período, véspera da eleição do futuro Presidente da República (a reunião do Colégio está marcada para 15 de janeiro) o Congresso Nacional se mantenha vigilante, em permanente prontidão, de modo a garantir a manutenção da legalidade do processo sucessório.

Na opinião de Fernando Lyra, conseguir junto a Figueiredo autorização para convocação do Congresso no recesso não deverá ser uma tarefa difícil, de vez que o objetivo da medida "coincide, em número, gênero e grau, com a vontade manifesta do Presidente, que é a da consolidação do processo democrático".

Embora confiante no resultado final desta gestão, o Deputado disse que se ela não tiver êxito, ou seja, se não for possível a convocação do Parlamento, para a qual o regimento exige os votos de 320 deputados e 46 senadores, a Aliança Democrática, movimento que integra, já esquematizou um sistema preventivo que se constituirá num plantão permanente.

ROBERTO FERNANDES • VANDA CÉLIA

Leia editorial "Garantia Real"

INFORME JB

Embrulho cultural

Armados de tinta vermelha e papel pardo, cinco artistas plásticos cariocas saíram ontem às praças "empacotando" os monumentos à sua frente, a pretexto de divulgação do Dia Nacional da Cultura, a ser comemorado amanhã. A esdrúxula manifestação, mais para **happening** do que para celebração, causou protestos de muita gente. E a "operação-embrulho" chegou a provocar a intervenção da Polícia, mobilizada por atônitos cidadãos para impedir a ação dos "lunáticos".

O mais estranho não foi, na verdade, o comportamento circense dos artistas, embrulhando as estátuas em Copacabana e Botafogo. Mas o fato de, para isso, terem sido autorizados pela Secretaria Municipal de Cultura e o Departamento de Parques e Jardins. Com o aval oficial, os artistas deixaram de ser propriamente "lunáticos" para se tornarem agentes do poder público, na pichação e no embrulho.

Não poderia haver idéia mais infeliz. Principalmente neste momento em que a Cidade ainda procura se recuperar dos atentados cometidos por pichadores contra seus monumentos, prédios e placas de rua e trânsito. O mais apropriado — e exemplar — para quem efetivamente está pensando em festejar o Dia da Cultura seria esses artistas saírem de escova e balde nas mãos para limpar a sujeira deixada pelos pichadores em dezenas de estátuas.

Em vez de oferecerem um espetáculo vexatório, como esse de embrulhar monumentos, os artistas estariam contribuindo para recuperar os bens coletivos, aviltados pelos "artistas do **spray**".

Candidatos à viuvez

O presidenciável do PDS, Paulo Maluf, embora admita as decisões dos Governadores que resolveram apoiar o candidato das oposições, Tancredo Neves, acha que esses dissidentes não contam com o apoio dos prefeitos, vereadores e deputados de seus Estados.

Observou que as bases partidárias estão conscientes de que nenhum integrante do PDS será reeleito com o apoio do PMDB. Maluf crê que as bases ficarão com ele, para "exercitar a lealdade partidária e garantir seu justo direito à sobrevivência política".

— Os pedessistas sabem que a reeleição deles só será possível comigo na Presidência, e por isso não são candidatos a viúva do faraó — advertiu.

Desencontros

O ex-Presidente Ernesto Geisel está de visita marcada ao Palácio do Jaburu, para uma conversa com o Vice-Presidente Aureliano Chaves sobre os rumos do processo sucessório. O encontro será nos próximos dias.

A viagem a Brasília estava prevista para a semana passada, mas acabou adiada, devido à onda de boatos sobre os "verdadeiros motivos" da ida de Geisel ao Planalto: uma reunião com o Presidente Figueiredo.

Inspiração

O Governador Hélio Garcia mandou colocar na galeria de retratos de seus antecessores as fotografias de Tancredo Neves e Francelino Pereira. Ainda sem data para serem inaugurados, os retratos ficam à esquerda da mesa de trabalho do Governador, no Palácio da Liberdade.

Aos curiosos, Hélio Garcia justificou a medida, invocando a tradição de firmeza dos ex-Governadores de Minas, nos quais busca inspiração. E não excluiu sequer o revolucionário (de 64) Magalhães Pinto.

Sapato de político

Almoçando ontem na fazenda do Senador José Sarney, a 50km de Brasília, o Senador Marco Maciel, deixava os sapatos ao lado da cadeira, dando uma folga aos pés.

Na quarta-feira, quando Tancredo Neves desembarcava no aeroporto Santos Dumont, em Teresina, recebido por cinco mil pessoas que se atropelavam e trocavam sopapos para chegar perto do candidato, Maciel fugia da multidão explicando:

— É de tanto levar pisão que sapato de político sempre acaba primeiro o couro, e, por último, a sola.

Índio ou avestruz?

Diante da desorientação do seu partido e do Governo no processo sucessório, o influente presidente do PDS gaúcho, Victor Faccioni, arriscou uma definição:

— O PDS e o Governo se comportam como avestruz. Diante da tormenta, escondem a cabeça, quando deveriam agir como índios, que põem o ouvido no chão para ouvir de onde vem a tropilha.

Faccioni nem malufou nem tancredou. Está de ouvido colado no chão, correndo o risco de ser atropelado.

Aberração gráfica

A pronta ação da Confederação Nacional da Indústria, da Associação Brasileira das Indústrias Gráficas e do Sindicato de Gráficas de Brasília fez abortar no nascedouro as pretensões estatizantes de um funcionário de segundo ou terceiro escalão da Seplan, Fernando de Oliveira, no setor de impressos. Afoito, há poucas semanas ele enviou circular a todos os órgãos da Administração Federal recomendando que os serviços gráficos de qualquer natureza fossem executados no Departamento de Imprensa Nacional.

A pretensão foi repudiada por toda a sociedade, inclusive os Ministros da Justiça, a quem o DIN é subordinado, da Indústria e do Comércio e até do Planejamento, que desautorizou e ignorava a sugestão do seu funcionário. Estranha-se que agora, ao término do Governo Figueiredo, se tenha pretendido tal aberração.

Apropriação indébita

O Deputado Romualdo Carrasco, do PTB, apresenta invariavelmente, nas proximidades do Dia do Funcionário, projeto tornando sem efeito pequenas faltas cometidas por servidores públicos. Este ano, cansado de ver seus projetos serem aprovados pela Assembléia e vetados pelo Executivo, mudou de estratégia. E atacou de **indicação**, sugerindo a iniciativa do projeto ao Governador.

Dia 28 de outubro, viu sua **indicação**, com todos os pontos e vírgulas, sair no **Diário Oficial**, como decreto do Governador. Só que sem nenhuma menção à sua proposta.

Informática livre

O presidente da Sucesu (Sociedade de Usuários de Computadores e Equipamentos Subsidiários), Hélio de Azevedo, encaixou no discurso, que fará amanhã na abertura do 17º Congresso Nacional de Informática, um recado aos partidários da estatização deste setor tecnológico:

"A atuação nos setores produtivos da Informática cabe à iniciativa privada. O Estado só deverá atuar onde a iniciativa privada não tiver condições ou não se interessar".

O recado, de tão claro, dispensa tradução. Por computador ou não.

Política de "coronéis"

O Deputado pedessista Paulo Lustosa, da Frente Liberal, deu várias explicações sobre as razões da vitória do "coronel" Adauto Bezerra sobre os outros "coronéis" do Ceará (César Cals e Virgílio Távora), na escolha dos delegados do PDS ao Colégio Eleitoral. Uma delas:

— É impossível fazer política com o Távora porque costuma dizer a seus aliados uma frase demolidora: "Se sua idéia fosse boa, eu já teria pensado nela". Já o Cals, é um acidente de rota na política cearense.

Sem conversa

Provocou **frisson** nos meios jornalísticos das TVs cariocas a notícia de que Roberta Close foi contratada para integrar a equipe de entrevistadores do programa **Diálogo**. Se confirmada, a contratação de **La Close** será brecada pelo Sindicato dos Jornalistas, que não admite que um travesti assuma, no vídeo, espaço reservado por lei aos profissionais de imprensa.

Os produtores do programa serão advertidos de que, nesse campo, os jornalistas não admitem diálogo.

LANCE-LIVRE

• O presidente do grupo Delp e vice da Associação Brasileira para Desenvolvimento da Indústria de Base, José Rodrigo Machado Zica, garante que os empresários mineiros do setor de bens de capital já tancredaram. Confessa que não fez qualquer **enquête** e justifica: "Seria consultar o óbvio".

• **O último romance de Jorge Amado,** Tocaia Grande (A Face Obscura), **deverá ser lançado nacionalmente a 19 de novembro. Para a primeira edição, a Record já tem preparados 150 mil exemplares. Em alentadas 500 páginas, o romancista baiano volta à região cacaueira para compor uma saga sobre a criação de uma pequena cidade na segunda década do século.**

• Aflito, o técnico de futebol Gildo, em atividade no Kuwait, apela às autoridades brasileiras para ajudá-lo a voltar ao nosso país com a família. Gildo não está gostando da experiência no Oriente Médio e quer retornar logo ao Rio. Mas há 56 dias não liberam seu passaporte.

• **"Quem não gosta de samba, bom sujeito não é", ensina Dorival Caymmi numa de suas composições. Quarta-feira, os jornalistas vão cumprir ao pé da letra a lição do compositor, na 1ª Roda de Samba da Imprensa, a partir das 22h, em Vila Isabel (Rua Barão de São Francisco, 236). Zezé Mota, Elsa Soares, Roberto Ribeiro e Sônia Lemos são alguns dos artistas convidados para fazer os jornalistas sambar.**

• Candidato à Presidência da Câmara, o Deputado Walber Guimarães (PMDB-PR) está empenhado na elaboração de um estatuto para a punição de irregularidades administrativas, especificando os delitos e detalhando penas. "Até agora, infelizmente, não vemos os corruptos com problemas na Justiça", queixa-se, desconsolado.

• **Está previsto para esta semana um encontro entre o Presidente Figueiredo e o Governador de São Paulo, Franco Montoro. Na pauta, assuntos administrativos do Estado e análise do quadro político nacional.**

• O Museu Histórico Nacional inaugura nesta quarta-feira, às 17h30min, a exposição **Villa-Lobos-Di Cavalcanti, um Encontro**, com aquarelas inéditas e gravuras raras que retratam as peripécias dos dois artistas na Lapa boêmia dos anos 20.

• **O economista norte-americano John Odell, diretor da área de Desenvolvimento da Política Comercial na América Latina, fará palestra sobre o Encontro Bilateral Brasil-EUA na terça-feira, às 9h30min, no Copacabana Palace, dentro da 3ª Semana Rio Internacional.**

• Ronaldo Rogério de Freitas Mourão está convidando para a jornada de autógrafos do seu 21º livro, **Astronomia do Macunaíma**, nesta segunda-feira, a partir das 20h, na Livraria Francisco Alves de Ipanema (Rua Farme de Amoedo, 57). Ilustrado por Bruno Liberati, o livro resultou do interesse de Mourão de abordar a astronomia indígena através do sincretismo de Mário de Andrade.

• **Os 30 anos de vida do Cinema Novo serão festejados a partir de amanhã pelo Sesc da Tijuca, em colaboração com o MAM e a Embrafilme. Exposição de fotos, cartazes e livros, exibição de filmes e mesas-redondas vão mostrar a real contribuição dos cinemanovistas, aqui e lá fora. As sessões serão às 18h, e os debates, logo depois.**

• Reação gratuita do ator Jece Valadão, malufista e machão: "Eu carrego esta alcunha com muita honra. Justamente por ser macho é que estou com Maluf publicamente".

• **Em visita ao Rio, o presidenciável Tancredo Neves foi convidado pelo Secretário de Trabalho e Habitação, Carlos Alberto Oliveira, para prestigiar o encontro nacional de Secretários programado para o dia 19. "Dá para o Sr. abrir uma janelinha em sua agenda?", indagou Caó. Tancredo respondeu: "Meu caro, pela importância do evento, não abro uma janela, mas a porta."**

CIÊNCIA

Cientistas "caçam" verme misterioso que vive em lago venenoso da Áustria

Toplitz Soe, Áustria — Uma equipe de cientistas está caçando um verme misterioso — e investigando uma bactéria desconhecida — que vive no fundo de um lago australiano. Seu estudo poderá desvendar os segredos da vida num meio-ambiente mortal.

A equipe está trabalhando no Toplitz See (Lago de Toplitz), na Alta Áustria, a um nível de profundidade em que enxofre, sais e bactérias normalmente impediriam todo tipo de vida.

Mas o chefe da equipe, dr. Hans Fricke, 43 anos, biologista marinho do Instituto Max Planck, da Alemanha Ocidental, o ano passado detectou um verme na água sulfurosa, a 83 metros de profundidade. Desde então ele vem fazendo investigações em todo o lago, que tem a profundidade máxima de 103 metros, em um mini-submarino para duas pessoas, chamado Geo, na tentativa de captar o misterioso verme, que acredita ser a fonte de uma importante descoberta biológica.

"O verme está vivendo num ambiente totalmente envenenado. Estamos interessados em capturá-lo porque queremos descobrir o mecanismo pelo qual o verme pode sobreviver", disse o dr. Fricke.

A equipe de pesquisadores continuará investigando o lago até o final de novembro. Farão pesquisas em suas águas quanto a níveis de oxigênio, temperatura, salinidade, acidez, alcalinidade e quantidade de enxofre, recolherão amostras de bactérias e tentarão **caçar** o verme.

— No ano passado descobrimos uma quantidade enorme de bactérias na água venenosa, as quais poderão ser de extraordinária importância para a ciência — disse Fricke. — Queremos o verme, fotografado e filmado, vivendo no meio de nuvens de bactérias — afirmou.

Acrescentou que cientistas americanos descobriram um verme a 2 mil 500 metros de profundidade, nas águas oceânicas, ao longe das ilhas de Galápagos, em 1977, vivendo em simbiose com bactérias sulfurosas. "Trata-se de um ecossistema totalmente desconhecido, e uma descoberta realmente importante. Mostra que a vida pode existir nas profunidades oceânicas, totalmente independente do Sol", disse Fricke.

Menina com o coração de macaco passa bem mas vai enfrentar fase de perigo

Lima Linda, EUA — Baby Fae, a menina que foi submetida a uma cirurgia para receber transplante de meio coração de babuíno, continua melhorando. "Seu estado de saúde parece excelente", disse o Dr Robin Dordshow, o pediatra-cardiologista que está cuidando de Baby.

Ela está recebendo medicação para evitar que seu corpo rejeite o novo órgão, acompanhada de antibióticos, e também transfusões que substituem o sangue perdido durante os testes feitos continuamente pelos médicos que acompanham seu estado de saúde. Os médicos também submeteram Baby Fae a uma nova dieta, mais nutritiva, que apresse o seu crescimento.

Um dos motivos que levaram os médicos a reforçar a dieta da menina está em que Baby Fae enfrenta agora um momento crucial: durante os próximos três dias, aumentam as probabilidades de que seu corpo rejeite o enxerto de coração de babuíno.

Embora crises de rejeição possam ocorrer em qualquer período da vida de um receptor, ela são mais freqüentes nas semanas imediatas ao transplante. O período entre sete e 10 dias após a cirurgia é um dos mais perigosos que os receptores de órgãos humanos têm para superar. Os médicos que representam o Centro Médico de Loma Linda informaram não saber se a mesma periodização vale quando há transplante de órgãos de outra espécie animal (doador não humano).

Sexta-feira, os médicos informaram que, uma semana antes da dramática cirurgia a que Baby Fae foi submetida para substituir seu coração com defeito, os pais da menina a retiraram do Centro Médico da Universidade, para morrer em casa.

O pediatra que divulgou esta informação disse não saber se os pais de Baby Fae a levaram de novo para o hospital espontaneamente ou se o fizeram a pedido dos médicos.

A Universidade de Loma Linda está financiando todas as despesas feitas com a cirurgia.

Secretaria de Obras, SP — Walter Dionizio

As novas pontes são usadas em ligações de estradas vicinais

Pontes de aço da Cosipa viram moda em São Paulo

São Paulo — Pontes de aço de estrutura simples estão solucionando, no interior paulista, um antigo problema das prefeituras brasileiras: as ligações entre estradas vicinais, aquelas que permitem o escoamento da produção agrícola para os centros de consumo. A alternativa já vem despertando atenção de autoridades de outros Estados do país. As pontes são produzidas com aço da Companhia Siderúrgica Paulista — Cosipa.

Neste início de mês, 150 prefeitos paulistas vão se reunir em Ribeirão Preto na região Mogiana, a 400 quilômetros da Capital, para receberem numa cerimônia pública, várias dessas pontes de presente. Colocada sobre um caminhão, cada ponte será levada ao respectivo município para estar em uso alguns dias depois, fazendo a ligação de estradas vicinais.

"Ovo de Colombo"

Esta será a terceira cerimônia do gênero realizada nos últimos 30 dias e faz parte do programa **Mil Pontes**, lançado pelo Governo estadual com o objetivo de atender àquela que é a mais freqüente reivindicação dos municípios do interior e da Região Metropolitana. O programa prevê a instalação de 1 mil 200 pontes ainda este ano, duas para cada município, pretendendo chegar a 5 mil pontes até 1986.

Nas duas cerimônias anteriores — em Sorocaba, dia 4 de outubro, e Marília, dia 18 — foram entregues 307 pontes e alguns prefeitos fizeram questão de dirigir pessoalmente os caminhões transportadores até suas cidades, onde foram recebidos festivamente pelos moradores.

O Governador Franco Montoro, segundo seus assessores, está convicto de que encontrou o **ovo de Colombo** para solucionar um dos mais antigos problemas administrativos do Estado: a construção de pontes para ligação das estradas vicinais, permitindo o escoamento da produção agrícola para os centros de consumo.

Ao mesmo tempo, conforme assinalou na última cerimônia, diz estar atendendo a uma solicitação de operários da COSIPA — Companhia Siderúrgica Paulista, que estavam ameaçados de perder o emprego pela crise no mercado siderúrgico.

Dívida

Para o Secretário de Obras e Meio Ambiente, João Oswaldo Leiva, a idéia das pontes de estrutura de aço permitiu também que o Estado recebesse daquela siderúrgica o pagamento de uma antiga dívida até então incobrável, ao mesmo tempo que ajudou a ativar o mercado interno com uma nova aplicação para o aço. As primeiras 1 mil pontes, orçadas em Cr$ 5 bilhões, utilizarão 5 mil toneladas de chapas de aço produzidas pela COSIPA.

É um aço da mais nova família de produtos da siderúrgica, denominado **cos-arcor**, contendo uma liga especial de cobre e cromon, que o torna mais resistente à corrosão e pelo menos 20% mais leve que o aço convencional. É um produto semelhante ao que a Cosipa está exportando para a utilização em oleodutos em vários países.

Na opinião do presidente da Cosipa, Paulo Bayard Barbosa Enge, a iniciativa vai restaurar no Brasil a tecnologia de construção de pontes metálicas, praticamente abandonada há mais de quatro décadas. O preço atual do aço, conforme destacou, torna-o amplamente competitivo com o cimento, sem contar a vantagem da rapidez e facilidade da construção. O modelo desenvolvido tem um custo 20% inferior ao de uma ponte idêntica em concreto. A empresa já está estudando modelos de pontes maiores, esperando com isso conquistar um novo mercado para o seu aço.

Instalação

As estruturas das pontes são produzidas pela Brastubo, especializada em construções metálicas, cujo diretor comercial, José Carlos de Moura, diz ter condições de produzir mais de uma ponte por dia, em ritmo normal, utilizando as linhas existentes e seus 350 operários. Aponta outra vantagem das pontes metálicas: sua instalação não exige qualquer sofisticação tecnológica, podendo ser feita pelos funcionários das prefeituras.

As pontes variam de 6 a 12 metros de comprimento por 4,3 metros de largura e compõem-se basicamente de duas ou mais vigas metálicas, ligadas por transversais entrelaçadas, sobre as quais se monta um tabuleiro de madeira ou de concreto. As vigas são apoiadas em gabiões (grandes cestos) formados de pedras comuns envoltas em tela galvanizada e encimados por uma viga comum de concreto, semelhante às que se fazem na alvenaria das casas.

A construção é feita com base num convênio em que o Estado entra com a estrutura metálica (60% do custo da ponte) e o município com o restante. O Departamento Estadual de Obras Públicas presta assistência técnica e realiza as sondagens dos terrenos.

Segundo o secretário de Obras, a construção de uma pequena ponte de concreto num município distante torna o transporte do equipamento técnico às vezes mais caro do que a própria ponte. No caso das pontes de aço, o único transporte que se faz é o da própria estrutura, que pode ser instalada com o auxílio de um trator ou até de um caminhão.

Cada ponte pode estar em uso num prazo de duas semanas, e a maior demora é na construção dos gabiões. Se a ponte for arrastada por uma enchente, pode ser recolocada no lugar, através do mesmo sistema usado na instalação inicial. A Cosipa, informou o seu presidente, já recebeu consultas de outros Estados para aplicação de programas semelhantes e acredita que, no futuro, as pontes metálicas se transformem em mais um item das exportações brasileiras.

AUGUSTO MÁRIO FERREIRA

"Prata da Casa" cria emprego alternativo

Brasília — Elaborados pelas comunidades carentes, a Secretaria de Serviço Social do Distrito Federal recebeu, mês passado, centenas de projetos de donas-de-casa, desempregados e deficientes físicos que desejam participar do **Prata da Casa**, programa que tem por objetivo criar empregos com renda de até um salário mínimo com a produção de artigos importados, em sua maioria, por Brasília.

A fabricação de sabão, coadores de café, tábuas para cortar carne, rodos e vassouras, uniformes de todos os tipos, e outros artigos mais, abriu um campo de trabalho imenso à mão-de-obra desqualificada de Brasília. A partir daí, a Secretaria de Serviço Social organizou essa força em unidades de produção familiares que vêm sendo assistidas com doações de equipamentos, financiamento de matéria-prima e apoio técnico e à comercialização.

Reivindicação

Eles têm chegado em profusão ao Sistema Nacional de Emprego (Sine), órgão vinculado ao Ministério do Trabalho que operacionaliza o **Prata da Casa**, reivindicando maquinaria para os mais diferentes tipos de estabelecimentos, como marcenaria, alfaiataria, fábrica de calçados e até de licores. E extrapolam a linha básica definida pelo Sine, que constatou ser o DF dependente em 95% de produtos de simples fabricação, como vassouras.

Já existem sete unidades de produção familiar funcionando, formadas por grupos de até 12 pessoas. Outras sete estão em andamento e à espera de execução, 23 projetos aprovados como o da horta comunitária que será equipada com irrigação, num terreno da administração regional da cidade satélite do núcleo bandeirantes.

Localizadas em terrenos cedidos algumas vezes, por instituições de caridade, ou em fundos de quintal as unidades de produção familiares vêm sendo montadas para pessoas cuja renda familiar não ultrapassa um quarto do salário mínimo.

— A intenção — explica Sérgio dos Santos, coordenador do Sine — não é fazer uma política de emprego e sim acomodar determinadas situações do mercado de trabalho.

A princípio, é analisada a viabilidade econômica dos projetos. Depois, como revela o coordenador, é necessário comprovar a renda,

Planaltina/GO

Fabricação de sabão mobiliza dona-de-casa e desempregados

para então beneficiar os postulantes ao **Prata da Casa**, com doações de equipamentos ou financiamentos de matéria-prima.

Não é difícil, segundo Santos, atestar a precariedade em que vivem essas pessoas. Basta, de acordo com ele, uma visita doméstica ou uma passada de olhos nos orçamentos — refeitos no mínimo três vezes para baratear o custo do projeto. "É comum as pessoas assinarem os projetos colocando neles, a sua impressão digital", revela.

Para fugir ao paternalismo, já que o apoio do Sine é praticamente integral, é escolhido um instrutor, geralmente retirado da própria comunidade carente, a fim de ensinar o restante do grupo da unidade de produção. Josefina Lopes da Fonseca, por exemplo, foi uma das primeiras beneficiadas com o **Prata da Casa**, ao aprender a fabricação do sabão, numa fábrica na cidade-satélite de Taguatinga, improvisada numa igreja.

Agora, é quem coordena 14 colegas de trabalho todas mulheres, numa outra fábrica que funciona no Lar Fabiano de Cristo, na cidade satélite de Sobradinho. Sorridente, ela conta que formam "uma irmandade" e garante não ter havido, em dois meses de trabalho, qualquer problema de relacionamento entre elas. Para exemplificar, lembra que todas concordaram em adiar o pagamento do segundo mês para investir na compra da matéria-prima, o sebo, "a partir deste mês já não dependeremos mais do SINE", afirma, satisfeita.

Nos primeiros 30 dias, cada um delas recebe Cr$ 100 mil, renda bastante superior ao que conseguiam lavando roupa ou fazendo tapeçarias como Josefina, cujo orçamento mensal era de Cr$ 15 mil para sustentar 6 filhos e "um marido alcóolatra".

Carmelita Dionísio da Costa, 11 filhos, está contente por poder ajudar o marido, há 24 anos **office-boy**, recebendo, hoje, um salário mínimo. "Já consegui até comprar uns sapatos e roupas para as crianças", diz ela.

A vantagem das unidades de produção familiares, na opinião de Sérgio dos Santos, é que elas não precisam ter CGC entre outras obrigações, "mais ou menos na mesma linha do que preconiza o Estatuto da Microempresa", lembra ele, conforme acordo realizado com a Secretaria de Finanças do DF. Driblando o custo do processo burocrático, que Santos estima estar em torno de Cr$ 1 milhão para montar qualquer pequena empresa, os produtores do **Prata da Casa** escolhem uma das duas formalidades existentes: encontrar uma empresa compradora que se responsabilize pela nota fiscal e em conseqüência pelo imposto, ou providenciar a emissão de uma nota fiscal avulsa e no prazo de 90 dias, recolher o devido ICM. No momento, 300 projetos estão sobre a mesa do coordenador do SINE aguardando recursos.

MARIA INÊS MARTINS

Parasitas causam perdas de mais de US$ 1 bilhão

Porto Alegre — Carrapatos, berne e bicheira estão sugando com intensidade cada vez maior o rebanho brasileiro, acarretando prejuízos anuais que já ultrapassam 1 bilhão de dólares, constatou pesquisa realizada pelos órgãos de defesa sanitária animal do Ministério e secretarias de Agricultura. A pesquisa abrangeu 75% dos municípios do país e 82% dos bovinos — mais de 90 milhões de cabeças, de um total de 116 milhões de animais que compõem o rebanho bovino nacional.

A pesquisa, que foi avaliada pelos médicos veterinários Silvino Carlos Horn, do Ministério da Agricultura, e Carlos Cipriano Arteche, da Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul, constatou que o carrapato existe em todos os Estados do país. As raças européias são atingidas com maior intensidade pelas parasitoses, sendo as zebuinas do norte do país muito mais resistentes.

Conseqüências

Nos 1980 municípios pesquisados, ficou evidenciado que o carrapato é mais freqüente que o berne e a bicheira. Em 2 mil 48 municípios, o carrapato ataca o gado durante todo o ano. Em locais onde a densidade populacional de bovinos atinge 43 animais por quilômetro quadrado — como no Rio Grande do Sul, que tem o maior índice bovino do país — os prejuízos são enormes, afirmam os dois veterinários. Em média, aponta a pesquisa que somente dois carrapatos são suficientes para fazer o boi perder um quilo por ano.

Considerando que o quilo da carne está a 6 dólares no mercado europeu, isto representa um prejuízo de aproximadamente 700 milhões de dólares por ano. A pesquisa não precisou, no entanto, os prejuízos que a indsútria coureiro-calçadista vem tendo nos últimos anos, já que produtos atingidos por carrapatos não são aceitos para exportação.

Com o ataque das parasitoses, explica Carlos Arteche, aumenta a mortalidade do rebanho, o couro perde qualidade, cai a produção animal e aumentam os custos operacionais com sanitários e manejo. Isso determina que 60% dos prejuízos sofridos pela pecuária no país sejam conseqüentes das parasitoses e carência alimentar do rebanho bovino.

As raças européias são atingidas com maior intensidade pelas parasitoses as (zebuínas do norte do país são mais resistentes). O Ministério e secretarias estaduais da Agricultura criaram um grupo de trabalho para que seja institucionalizado o programa de combate aos parasitas. Só que, até o momento, o programa ainda não começou a funcionar por falta de recursos. O estado prioritário para implantação do Programa de Combate e Erradicação do Carrapato será o Rio Grande do Sul, área de maior concentração bovina do país.

Garimpeiro ainda sonha com núcleo de Serra Pelada

Serra Pelada, Sul do Pará — Apesar de funcionando desde o dia 9 de outubro, após sucessivos e discutíveis adiamentos em sua reabertura, o garimpo de Serra Pelada, uma das maiores ocorrências auríferas da Terra, ainda não permite que 80 mil garimpeiros iniciem o sonhado, perseguido e sempre buscado núcleo da **cava**; os 100 hectares onde se encontram as jazidas, o diminuto e estreito círculo mais cobiçado deste país.

Uma lama de 10 a 15 metros de profundidade — o famoso **melechete** — que não pode ser retirada por nenhuma máquina, mesmo após o rebaixamento de 1 milhão 300 mil toneladas de metros cúbicos de terra, pode elevar para quase um ano essa paralisação. Há 11 meses o garimpo está parado. Esse trabalho, que só pode ser feito pelos"formigas" — maioria do garimpo — e que se encontram descontentes com o pagamento que lhes é dado pelos "donos" — minoria — dos "barrancos", ameaça invadir o mês de novembro sem estar concluído. E a partir desse mês começam as chuvas implacáveis da região.

Volume

O diretor do DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral) e coordenador do garimpo de Serra Pelada, Otávio Blanco Rodrigues, informou ao JB que "essas obras de rebaixamento, realizadas pela Construtora Brasil, e que tantas polêmicas já causaram, nos custaram, até agora, Cr$ 6 bilhões, e não se pode, de boa fé, atribuir nenhum atraso intencional a essa empresa".

Com filas quilométricas formadas em frente ao seu escritório — sede da Coordenação do Garimpo —, grassando um descontentamento cada vez maior entre "formigas" e "donos" de "barranco", "é uma verdadeira luta de classes", diz sorrindo o geólogo Otávio Blanco, homem que, mesmo assim, consegue manter uma calma louvável.

Há uma rodovia asfaltada — coisa rara nessa região — pela Cia. Vale do Rio Doce ligando a cidade de Marabá à sede do Projeto Ferro-Carajás, somando pouco mais de 200 km. Na metade dessa estrada encontra-se a entrada que dá acesso ao garimpo de Serra Pelada, um trecho de terra de quase 40 km. Nessa entrada há um posto da Polícia Federal, que tenta, como pode, controlar o acesso ao garimpo. Os agentes federais, já no terceiro dia após a reabertura, informavam que "estão ingressando por dia, apenas pelo nosso posto, cerca de 20 mil homens".

Até porque buscam o posto apenas os 45 mil garimpeiros registrados. A outra parcela, certamente a maioria, alcança Serra Pelada "furando", burlando assim a fiscalização da Polícia Federal. Lá dentro misturam-se aos "formigas", aos "diaristas", aos "meias-praças", enfim, às diferentes categorias sociais, e dificilmente são identificados pelas autoridades.

Sim, porque o garimpo, inclusive o de Serra Pelada, não é uma operação democrática, onde a possibilidade de "bamburrar", encontrar ouro fartamente, esteja ao alcance de todos. Longe disso. Há no momento, no núcleo da "cava", 3.972 "barrancos", ou "catas", — pequenas áreas de 2x3 metros — sorteados anteriormente. A manutenção de um "barranco" exige capital de giro, grandes recursos, principalmente nesse período em que Serra Pelada já se encontra 11 meses paralisada.

O "dono" do "barranco" mobiliza de 15 a 25 homens; em regime de"meia-praça" lhes fornece comida, casa e remédio, no caso de doença; no regime de "diarista" paga-lhes um salário decente. Com o garimpo parado, não foram poucos os médios e pequenos que se viram obrigados a vender seus "barrancos". Daí a polêmica em torno dos sucessivos adiamentos na abertura de Serra Pelada; os pequenos e mesmo médios começam a falir, por não poderem sustentar seus "barracos" paralisados, e aí entram os grandes, afunilando mais ainda o reduzido número de proprietários "catas".

A lei que prorrogou por mais três anos a lavra manual de Serra Pelada — na verdade o garimpo encontra-se mecanizado, vide a presença da Construtora Brasil — obrigou a União, diga-se o contribuinte, a ressarcir à Vale do Rio Doce com 7.732.260 ORTNs, indenização a ser paga em quatro parcelas, de 1985 a 1988, pelos prejuízos sofridos numa jazida que lhe pertencia conforme a legislação existente.

O Bispo de Marabá, o combativo D. Alano Pena, observa que "quem não sabe que esses garimpeiros, esses pobres homens sem referência alguma, vindos do Nordeste, do Piauí, do Maranhão, ignorantes em sua maioria, que largando família, pais, esposa, filhos, largam de resto sua referência consigo mesmo, não estão sendo manipulados pelos interesses econômicos e políticos mais escusos?"

— O município de Marabá, uma das regiões ricas do Sul do Pará — afirma D. Alano Pena — hoje importa até farinha. A agricultura, os campos, as beiras de rio, tudo foi esvaziado em função dos garimpos, e só Serra Pelada, com os seus mais de 100 mil homens já é o suficiente para levar à bancarrota a nossa lavoura. Manipulados, agindo sob a égide de um homem que todos sabemos nunca foi amigo do povo, vide sua passagem na repressão à guerrilha do Araguaia, o pior ainda está por acontecer.

As razões maiores

João Soares é maranhense, 32 anos, e praticamente ex-dono de "barranco".

— Ex-"dono" por que **Seu João**? O senhor não foi sorteado e ganhou uma cata?

— Hoje tenho apenas 20% do total do "barranco". Não consegui manter essa cata. Estou praticamente "blefado".

— E o resto da cota? Com quem se encontram os outros 80% do seu antigo "barranco"?

— Fui vendendo, moço, fui tendo que vender. E dou-me feliz por dispor ainda desses 20%.

O garimpeiro é o que se pode chamar de um homem pacífico. Embora corra a notícia, dominante nas cidades, de que o garimpo é um festival de violência, o que não deixa de ser verdade, ela pode ser creditada aos "proprietários", aos "donos" de catas, à grande ambição gerada pelo ouro.

É justamente nesse capítulo, e ninguém pode lhe tirar esse mérito, é que o Deputado Sebastião "Curió" acertou precisamente na mosca. Mas disso falaremos mais adiante.

Júlio ou **Julhão**, conforme é tratado um mulato de mais de 1,80 m de altura, é "formiga", e analfabeto.

— Qual é o seu nome todo, **Julhão**?

— Bom, no sertão do Piauí, onde nasci, me chamavam de Pedro. Esse o meu nome, garanto. Depois no Maranhão, numa serraria onde trabalhei e tive que sair de lá porque mandei um cara pro inferno, me chamavam de Quirino. Não sei bem por quê. Não vejo cabimento. Aqui agora **tão** me chamando de **Julhão**. Tudo **lance-fraco**, o senhor não acha?

— E o nome todo, rapaz, não sabe?

— Sei não. Sei não, doutor. Quando "formiga" sai de casa a família sabe que a gente não volta. Dá por morto. E a gente não volta mesmo. Aqui de Serra Pelada vou pra outros garimpos. Para lavoura é que não volto. Sou bobo, não.

Serra Pelada em apenas quatro anos já nos legou mais de 30 toneladas de ouro. Mesmo com a "cava" ainda não aberta à garimpagem, apenas em sua periferia, são obtidos cerca de 10 quilos por dia. A história desse garimpo quase nos faz retornar ao Ciclo do Ouro — Vila Rica é descoberta a partir da sede repentina do mulato Duarte Lopes, membro de uma expedição procedente de Taubaté e destinada à tarefa mais nobre da época: pegar índios nos sertões do país. Aliás, por aquele tempo, final do século XVII, índios e ouro tinham cotações semelhantes.

Quase três séculos depois, no outro extremo do país, o acontecimento repetir-se-ia de forma parecida. O posseiro José Feitosa, em fevereiro de 1980, ocupando as terras do fazendeiro Genésio Ferreira da Silva, saiu à procura de uma vaca extraviada. Não perambulou muito. Foi mais fácil encontrar as primeiras pepitas, numa grota denominada açaizal, imediatamente apelidada de Grota Rica, do que localizar a estimada e fujona **Mimosa**. E nem teve porque se queixar.

Corria, conforme já dito, o mês de fevereiro, e **Zé** Feitosa, até hoje garimpando em Serra Pelada, inconfidenciou o achado a três outros amigos. A notícia alastrou-se feito faísca em paiol de pólvora: já no dia 5 de março do mesmo ano cerca de 20 mil pessoas disputavam a tiros o que seria hoje Serra Pelada. Os tiros sempre foram dominantes em qualquer garimpo brasileiro.

O país dispõe hoje de uma população de pelo menos 400 mil garimpeiros, apenas no Sul do Pará, segundo informação do diretor da Divisão de Fomento da Produção Mineral do DNPM, geólogo Manuel da Redenção e Silva. Dessa força de trabalho dependem diretamente, pelo menos 2 milhões de pessoas, em sua maioria — 80% — radicada no Nordeste.

Interessa dizer que ocorreu uma verdadeira "explosão", para usar uma expressão do Ministro das Minas e Energia, César Cals, no setor mineral do país. Passamos do valor de exportação da ordem de 3,77 bilhões de dólares em 1979 — início do Governo Figueiredo e descoberta de Serra Pelada — para 8,5 bilhões de dólares ao final do ano passado, com um crescimento de 12,6% apenas em relação a 1982. Nesse ano a produção de ouro foi de 24,8 toneladas, mas já no ano passado subiu para 56 toneladas.

— E o Governo — diz um empresário paraense que prefere não ser identificado — está comprando todo esse ouro, uma "moeda" que tem livre trânsito em qualquer país do mundo, por um papel sem valor algum; o cruzeiro. É o negócio mais vantajoso de que se tem notícia neste século. Compra-se com o cruzeiro, que pode e é emitido a bel-prazer, a moeda mais cara do mundo: ouro. Para onde está indo esse metal? Pagar nossa dívida? No passado, financiamos a Revolução Industrial inglesa com o ouro de Vila Rica. E agora, vamos financiar quem?

A visita

Ao percorrer Serra Pelada pela terceira vez este ano, o fiz acompanhado de uma fotógrafa. E não se tratava de um dia de festa. Uma tensão quase intolerável dominava o garimpo; os "formigas" haviam paralisado o trabalho de remoção do "melechete", exigindo melhor remuneração por saco de lama conduzido, e os "donos" de "barranco" mostravam-se intransigentes.

A Polícia Federal desaconselhou o ingresso da fotógrafa por sua condição de mulher, o sol começava a desaparecer, e mesmo assim decidimos correr o risco; introduzir uma mulher num reduto tenso de 60 mil homens.

Já no pátio do garimpo, começamos a ouvir os gritos dos "peões", "formigas", "meias-praças", "diaristas" e "donos".

— Liberou! Liberou geral!

Então, em dado momento, começou um coro imenso, de centenas e milhares de homens, entoando: "Liberou, liberou geral". Os gritos iam crescendo, primeiro em "ondas", depois em coro, e nós, fotógrafa, repórter e motorista, no centro de todos, praticamente na berlinda.

— De que se trata? — indaguei, nervoso, ao motorista, nosso amigo.

— Eles se referem a ela — e apontou para a fotógrafa. — Estão dizendo que já pode entrar mulher. É melhor darmos meia-volta e buscar proteção junto à Coordenação do Garimpo.

E foi o que fizemos, sem qualquer indecisão.

EDÍLSON MARTINS

Serra Pelada/PA — Ilana Lansky

Os milhares de "formigas" estão sempre unidos na luta aberta contra os donos dos barrancos por melhor paga

O ouro na mão dos "leitos"

Em termos de garimpo pode-se aplicar a advertência bíblica: Muitos são os que procuram, poucos os eleitos. São alguns deles:

Júlio de Deus Filho, o popular "Julinho". No dia 18 de setembro de 1983 "Julinho", um maranhense atarracado, negro, semi-analfabeto, localizou a maior pepita de ouro do Brasil, pesando inicialmente 80 quilos, e que após lavagem ficou reduzida a 62 quilos e 300 gramas. Batizaram-na **Canaã**.

Pedreiro na cidade de Estreito(MA), chegou a Serra Pelada em maio de 1980. Bamburrou pela primeira vez num "barranco" de nome impublicável. Só aí obteve num único dia 28 quilos de ouro. Hoje é um homem milionário, possuindo fazendas, frotas de caminhão, casas, depósitos em bancos, e outros investimentos em diferentes áreas. Continua garimpando em Serra Pelada, e duvido muito que esse homem venha a abrir mão de seus "barrancos".

Marlon Lopes Pide, nascido em Goiás, 28 anos, chegou a Serra Pelada como qualquer aventureiro; sem nenhum dinheiro nos bolsos. Hoje certamente é a maior fortuna da Serra Pelada. Bilionário, continua, todos os dias, vivendo uma rotina absolutamente cansativa; acorda de madrugada, visita a "cava", corre no "terreiro" para acompanhar a apuração do ouro, vai à Coordenação do Garimpo, para atender a um pedido qualquer, conduz os trabalhos de uma draga de sua propriedade, e assim por diante.

Waldemar Antônio Grunupp, e seu irmão **Gregório**, irmãos da modelo Elke Maravilha, também bamburraram, dispondo hoje de respeitável fortuna. Em 1980 estiveram no garimpo de Itaituba-(PA), mas desse local ficou apenas a memória de sucessivas malárias.

Mas nem só de gente humilde, analfabeta e pobre vive Serra Pelada. **Marcus Marchesoni**, paulista de Araraquara, engenheiro, durante 16 anos trabalhou na Camargo Correia, chegando a exercer as funções de Chefe de Obras da Barragem de Tucuruí. Junto com ele vieram companheiros, todos com formação universitária. Bamburrou também.

Nélson Onório Martins, economista, natural de Marília(SP), casado, dois filhos, alto funcionário da Camargo Correia, bamburrou agraciado pelos "deuses".

Hílton Medeiros de Morais, médico neurologista, pernambucano, ganhou imensa fortuna. Afirma que não "viverá eternamente como garimpeiro, mas a experiência tem sido maravilhosamente válida".

A legenda do Deputado Curió

E onde entra o Deputado federal Sebastião "Curió", cujo nome foi transformado em legenda, defensor dos fracos e dos oprimidos? Caso venha a dobrar a população de Serra Pelada, e isto já está previsto para o próximo ano, teremos nesse garimpo o maior "curral cativo" de que esse país tem notícia em toda a história de nossa combalida República.

Serra Pelada em 82 elegeu "Curió", mas em 1986 elegerá dois deputados federais e quatro estaduais, tal sua relevância numérica no Colégio Eleitoral do país. E esse "curral" pertence, sem dúvida alguma, a esse homem. Ele inaugurou um fato inédito; retirou, evidente que com um apoio governamental maciço, a violência do núcleo do garimpo. Os tiros continuam sendo desfechados, abatendo um garimpeiro aqui, outro acolá, mas fora de Serra Pelada.

As desavenças, os mal-entendidos, as desfeitas, as juras de morte continuam acontecendo, mas com uma diferença; são resolvidas em **Curionópolis**, cidade bangue-bangue, distante uns 40 km de Serra Pelada. Lá, em Curionópolis, mata-se e morre-se, impunemente.

Ao retirar os prostíbulos, as bebidas, e os jogos de azar, do núcleo de Serra Pelada, Curió foi alcançar os corações e mentes das esposas, noivas, filhas, pais, enfim, a própria família. Prático e decidido, com vivência de guerrilha, não demorou a conquistar uma região inteira. Se essa liderança é legítima ou não, eis um tema sempre introduzido nas mesas dos bares de B[illegible] e Marabá

Serra Pelada/PA — Ilana Lansky

Enquanto não for retirado o melechete (lama, ao centro), a garimpagem não vai andar

OFERTAS DE PRIMAVERA NA TELE-RIO
TUDO EM FOTO SOM, PRESENTES ELETRODOMÉSTICOS MICROCOMPUTADORES
TELE-RIO TEM TUDO
TV NATIONAL A CORES
Mod. TC-212 - 51 cm 20". Exclusivo sistema Panabrite.
À VISTA 835.000,
TV PHILIPS A CORES
Mod. 14 CT-3020 - 36 cm 14". Cinescópio In/Line. Imagem e som instantâneos.
À VISTA 719.000,
AR CONDICIONADO. TODAS AS MARCAS PELO MENOR PREÇO, SÓ TELE-RIO TEM.
BRASTEMP Consul PHILCO ELGIN GE Springer
TV PORTÁTIL PHILIPS
Mod. 6107 - 17" Seletor de teclas
À VISTA 335.000,
TV SHARP A CORES
Mod. TVC 2086 - 51 cm 20". CONTROLE REMOTO. Canal VCR.
À VISTA 965.000,
PROLOGICA microcomputadores
CONHEÇA MICRO SQUARE
RUA DA CARIOCA Nº 12
A MAIS NOVA LOJA ESPECIALIZADA EM MICROCOMPUTADORES COM AQUELES PREÇOS QUE SÓ TELE-RIO TEM. TODAS AS MARCAS EM 3 VEZES SEM JUROS.
MICRO E VIDEOGAME NUM SÓ APARELHO
MOD. TK-85 GRÁTIS: JOYSTICK 2 PROGRAMAS
MOD. TK-2000 GRÁTIS: JOYSTICK 3 PROGRAMAS
3 × S/JUROS
FREEZER VERTICAL CONSUL
mod. 1807 - 180 litros. fechadura de segurança
À VISTA 459.000,
ENTREGAMOS EM TODO ESTADO DO RIO
FOGÃO BRASTEMP LUXO
Mod. 51-L/84 - 4 queimadores. Automático. Pés tubulares
À VISTA 295.000,
SYSTEM SHARP SG-5000
Toca-discos vertical Auto reverse Receiver - T. Deck e Caixas.
À VISTA 1.469.000,
TOCA-DISCOS AUTO REVERSE
FOGÃO CONTINENTAL 2001 275.000,
LIQUIDIFICADOR ARNO LA 23.900,
ESPREMEDOR DE FRUTAS ARNO 22.900,
SECADOR DE CABELOS ARNO 15.500,
TURBO CIRCULADOR ARNO 39.900,
TIMER PROGRAMADOR ARNO 22.900,
RÁDIO-RELÓGIO SANYO 131.300,
RÁDIO PORTÁTIL SANYO 22.900,
BICICLETA MONARK 199.000,
BICICLETA CALOI CROSS 265.000,
MÁQUINA DE COSTURA SINGER 112.000,
ASPIRADOR DE PÓ G. ELECTRIC 119.000,
ESPREMEDOR G. ELECTRIC 21.900,
ENCERADEIRA G. ELECTRIC 63.000,
BATEDEIRA WALITA 44.900,
NOVA CENTRÍFUGA WALITA 75.900,
ASPIRADOR DE PÓ WALITA 95.900,
NOVA ENCERADEIRA WALITA 82.900,
TOCA FITAS SHARP 315.000,
MÁQ. ESCREVER OLIVETTI 329.000,
BATERIA MARMICOC 99.490,
DEPILADOR LADYSHAVE 58.500,
REFRIGERADOR CLIMAX DUPLEX
Modelo NOVAH - 360 litros. Degelo automático.
À VISTA 569.000,
REFRIGERADOR FRIGIDAIRE
Mod. 32-S - 320 litros luxo.
À VISTA 439.000,
REFRIGERADOR CONSUL MAXI
Mod. 3543 - Gran Luxo. 340 litros.
À VISTA 465.000,
SYSTEM MODULADO CCE 180 100 W
Receiver AM/FM - Toca-Discos - Tape-Deck - 2 Caixas - Estante
À VISTA 919.000,
SYSTEM CCE SS-140 100W
Receiver - Toca-discos - Tape deck - 2 Caixas.
À VISTA 699.000,
TELEFONE GÔNDOLA 74.500,
FILME KODAK 36 POSES 7.990,
CARTUCHOS PARA VIDEOGAMES 19.500,
JOGO 5 FITAS BASF C-90 23.500,
CALCULADORA DISMAC 28.500,
CALCULADORA SHARP EL-230 23.900,
AURICULAR MAGNOVOZ 8.990,
WALKMAN CCE C/TOCA FITAS 135.500,
FAQUEIRO ELMO GAZOLA 24 PÇS. 7.990,
FAQUEIROS HÉRCULES 101 PÇS. 99.500,
FAQUEIRO HÉRCULES 101 PÇS. 239.500,
AP. WOLFF CHÁ, CAFÉ, LEITE 78.500,
APARELHO GOYANA 48 PÇS. 85.500,
MISTURADOR MINIPIMER BRAUN 43.900,
BALANÇA EXATA BRAUN 16.900,
SECADOR ULTRA-RÁPIDO BRAUN 21.500,
DEPILADOR DEPILER BRAUN 43.900,
PONTAS DE ESTOQUE NA LOJA DO DEPÓSITO RUA ENG. ARTUR MOURA, 268 TÉRREO
TV NATIONAL A CORES desde 690.000,
FOGÃO BRASTEMP ADVANCED desde 178.000,
GELADEIRAS BRASTEMP/83 desde 350.000,
TV PORTÁTIL TELEFUNKEN
Mod. 312 - 31 cm. 12". O menor e mais leve TV.
À VISTA 285.000,
SECADORA DE ROUPA CONSUL
Super automática. Seca 8 kg de roupa molhada.
À VISTA 478.000,
FAQUEIRO MERIDIONAL
Com 130 pçs. - O mais luxuoso de toda a linha - Estojo opcional
391.000,
CONJUNTO ÁGATA 6 PÇS. 136.800
Lindíssima decoração - 106
DISMAC ESCRITÓRIO 2112MPV
VISOR E FITA - 12 dígitos - % - K - memória, etc.
À VISTA 269.500,
PETRÓPOLIS - RUA PAULO BARBOSA, 2. INAUGURAÇÃO DIA 7
30 ANOS
Tele-Rio
LOJAS TIMES SQUARE
NA FRENTE

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO, Diretor Presidente
BERNARD DA COSTA CAMPOS, Diretor
J. A. DO NASCIMENTO BRITO, Vice-Presidente Executivo
MAURO GUIMARÃES, Vice-Presidente
J. B. LEMOS, Editor

Garantia Real

O candidato da Frente Democrática conclamou os brasileiros, no comício de Teresina, a fazer uma vigília cívica para conjurar os presságios golpistas invocados à margem da campanha presidencial. Tancredo Neves apresentou, em garantia, o compromisso de posse do Presidente Figueiredo de fazer deste país uma democracia no prazo de seu mandato.

Não há melhor garantia política nesta etapa brasileira do que a palavra presidencial. Cumpriu o Presidente Figueiredo todas as suas promessas políticas, a começar pela anistia, que ofereceu como um gesto de confiança para que o passado não projetasse sobre o presente os ressentimentos dos vencidos ou a prepotência dos vencedores. Assim foi. O país seguiu em confiança para as eleições gerais de 82, quando o Presidente resgatou outro compromisso decisivo — a eleição direta dos governadores.

Na linha de evolução política que a abertura contempla, a sucessão presidencial é o marco definitivo. O que antes de Figueiredo era o autoritarismo depois dele será a solução institucional de um regime democrático. Ao seu sucessor caberá a responsabilidade de realizar a transição.

Começou o processo presidencial como decorrência das eleições gerais. Os governadores eleitos pelo voto direto deixaram de ser executores da vontade centralizada no Planalto e passaram a restaurar, no plano político, o fundamento da própria Federação anulada antes pelo autoritarismo. O Presidente Figueiredo recusou a deferência do seu partido para incumbir-se pessoalmente de filtrar as divergências domésticas através de uma candidatura marcada pela sua preferência. Não o fez para ampliar a responsabilidade política do PDS com a decisão que consultasse as conveniências e atendesse às necessidades de partido majoritário.

Não conseguiu o PDS superar as contradições políticas, estimuladas pela sucessão presidencial, mas de nada se poderá acusar o Presidente, exceto pela confiança que demonstrou na liberdade de escolha dada ao seu partido. Ofereceu um exemplo — sem precedente — de respeito democrático pela decisão que competia aos líderes, à representação, aos dirigentes e governantes filiados ao PDS. Figueiredo entendeu que a sucessão presidencial significaria o elo mais forte na transferência da responsabilidade política aos partidos.

As garantias dadas pelo Presidente não se limitam, no entanto, às providências políticas específicas. É preciso reconhecer-lhe a confiança que demonstrou na solução democrática desde antes de se apresentar a etapa de sua sucessão. Em nenhum momento permitiu que o negativismo alegasse as tensões sociais do processo inflacionário para desaconselhar a disputa eleitoral. Aceitou, inclusive, participar da campanha política na eleição direta para os Estados, sabendo de antemão que o PDS seria prejudicado pela insatisfação social inevitável com a política de contenção de gastos públicos e de salários.

A maior garantia contra o pessimismo de fundo golpista é, portanto, o Presidente Figueiredo, que fez da sucessão a peça que dará o sentido definitivo à abertura do regime. A argumentação negativista, que sai à procura de suspeitas no passado, contradiz a confiança com que Figueiredo fez a anistia e cumpriu todas as etapas prometidas do seu compromisso de posse.

O processo da sucessão presidencial já venceu todas as fases e se encaminha para a última formalidade a ser cumprida pelo Colégio Eleitoral. O regime, em sua programada transformação, passou por todos os testes sem dar a menor razão aos pessimistas que insistem em julgar o futuro com os dados do passado.

O Presidente Figueiredo merece o reconhecimento de todos os brasileiros pelo empenho com que honrou o compromisso de posse. É a melhor forma de retribuir-lhe é a renovação pública da confiança, pois ele próprio é o maior interessado em garantir a eleição com a posse do eleito. Qualquer raciocínio para fraudar a eleição ou o seu resultado é um ato de traição ao Presidente Figueiredo.

Viveu a abertura do regime, fundamentalmente, da confiança que o Presidente restaurou e vem sustentando no vácuo de instituições que pudessem ser garantia de estabilidade. As normas em vigor são transitórias, porque a tarefa do reordenamento jurídico não poderia seguir paralelamente a uma campanha política em nível presidencial. Não foi por outra razão que, embora reconhecendo a preferência da sociedade pela eleição direta e mesmo sua maior legitimidade representativa, o Governo se empenhou em manter a eleição indireta e deixar para o sucessor a tarefa constitucional. Evitou os riscos que pudessem reintroduzir a sombra do passado numa disputa que se deveria orientar apenas pelas necessidades futuras.

A garantia do Presidente Figueiredo é real: sua obra política não está em julgamento. Os brasileiros sempre lhe reconheceram a intenção e a convicção democráticas acima das vicissitudes e dificuldades. Podemos todos confiar em que o Presidente saberá repelir os argumentos instrusos que pretendam perturbar a evolução eleitoral. A nenhum pretexto — seja prevenção pelo passado, seja projeção para o futuro — consentirá que o negativismo possa comprometer o seu juramento de fazer deste país uma democracia.

Fraturas Internas

PELA primeira vez em seus 35 anos de existência o Comecon (mercado comum do bloco socialista) reúne-se fora do leste europeu. O local escolhido foi Havana, e embora a sessão seja formalmente de rotina, sua importância em relação às anteriores cresce pelo fato de, na prática, ser ela um seguimento do encontro de cúpula realizado na capital soviética em junho passado, treze anos após o anterior e três depois de convocado.

Os sucessivos adiamentos da conferência de Moscou permitiram que se tornassem mais explícitas as dificuldades do Comecon para aproximar-se dos objetivos com que foi criado em 1949 — alcançar o passo das nações capitalistas desenvolvidas e em seguida superá-las economicamente. Trata-se de meta periodicamente reiterada, mas à qual as estatísticas teimam em não obedecer.

Com uma população de aproximadamente 450 milhões de habitantes, os dez países do Comecon — ao qual passaram a pertencer a Mongólia, o Vietnam e Cuba — somam um produto interno bruto de 2 trilhões 100 bilhões de dólares, contra os 3 trilhões e meio dos Estados Unidos. E só em dois casos — Tcheco-Eslováquia e Alemanha Oriental, industrializados antes do socialismo — a sua renda **per capita** vence a barreira dos 5 mil dólares, em contraste com os 15 mil dólares dos norte-americanos.

Esse quadro de atraso e estagnação, ninguém ignora, é fruto do modelo centralizado e burocrático imposto à economia do bloco. Vale recordar, no entanto, que no caso dos países menores ele adquire cores mais fortes, em virtude de sua dependência perante a União Soviética. Do rígido controle soviético, alguns membros do Comecon têm procurado escapar, pelo menos parcialmente, promovendo cautelosas reformas econômicas e tentando ampliar seu comércio com o mundo não comunista. A resposta da URSS, em cada caso, tem sido a exigência de maior integração, ou seja, mais estrita concordância com os seus interesses de nação líder.

À reunião de Moscou, tão insistentemente pedida, os parceiros da União Soviética compareceram com as pastas recheadas de reivindicações, antigas e novas. Entre as últimas, as relacionadas com a crescente desproporção dos preços que pagam pelo petróleo e a energia soviéticos e o que recebem pelos produtos agrícolas e industriais que em troca fornecem. O que resultou da reunião, no entanto, foi apenas mais um plano, este agora a longo prazo, destinado a reforçar a cooperação no interior do bloco, acelerar o seu desenvolvimento industrial e reduzir a sua dependência tecnológica em relação ao Ocidente.

Quanto às reivindicações específicas, ficou tudo como dantes. A URSS fornecerá mais petróleo aos associados e reexaminará a questão dos preços, sim, mas com a condição de que eles façam investimentos destinados a ampliar a prospecção e a produção petrolífera em território soviético. E que se especializem mais em seus programas de desenvolvimento e, por fim, que aceitem elevar as suas quotas de assistência a Cuba e ao Vietnam.

Apesar do poder de pressão de Moscou, era inevitável que esses problemas, com a carga de insatisfação que deles resulta, voltassem à mesa de discussão do Comecon. Mas há, ainda, um fato a observar: a escolha de Havana para sede dessa reunião anual da organização, que pelo sistema de rodízio há muito implantado deveria realizar-se em Varsóvia, é indício do aparecimento de novas fraturas dentro do bloco. E agora, segundo as melhores fontes, não apenas no leste europeu, mas também nas áreas periféricas.

TÓPICO

Avanços e Recuos

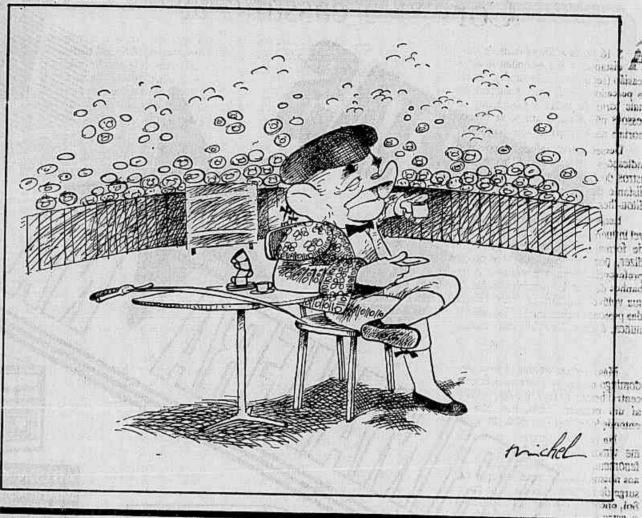
A liberdade de imprensa, assinalou com justificada satisfação a embaixadora dos EUA na ONU, vem ganhando pontos na América Latina e no Caribe. Um dos avanços mais notáveis ocorreu no Uruguai, onde, em função do processo de abertura política, que deverá coroar-se com a realização das eleições presidenciais este mês, os jornais sofrem agora muito menos restrições do que há um ano.

Mas, adverte relatório de uma comissão especial da Sociedade Interamericana de Imprensa — reunida em Los Angeles e perante cujo plenário falou a embaixadora — ao mesmo tempo em que se registram tais progressos persistem situações negativas já antigas e detectam-se manobras obscuras, destinadas a obstruir a plena liberdade de expressão.

Dois fatos dessa ordem foram denunciados à SIP. Primeiro deles, a tentativa de interferência de certas organizações de jornalistas em decisões de natureza puramente empresarial. Não por acaso, os espisódios em questão vêm ocorrendo no Peru, onde toda a imprensa esteve estatizada enquanto durou a ditadura militar. É fácil identificar nesse comportamento, que extrapola as atribuições sindicais, uma nostalgia de burocratas que se beneficiaram da situação anterior, incabível num regime de convivência democrática.

O segundo alerta é para a entrada em operação de uma agência noticiosa controlada por alguns governos latino-americanos e, segundo o diretor do diário limenho **La Prensa**, nascida por inspiração e com a ajuda material da UNESCO, que estaria começando, assim, a implantar a sua muito discutida "Nova Ordem Mundial da Informação".

A estrutura dessa "Nova Ordem", tal como proposta, teria por base justamente uma rede de agências noticiosas nos países subdesenvolvidos, que com o tempo alijariam as empresas independentes. O resultado, como é fácil prever, seria o controle das informações pela maioria de governos autoritários do chamado terceiro mundo. Amplamente repudiado o projeto, é preocupante que a UNESCO insista em viabilizá-lo e que o faça utilizando parte do dinheiro que os países livres lhe fornecem para os fins específicos de preservar bens culturais e promover o esclarecimento das nações subdesenvolvidas através da educação.

MICHEL

CARTAS

Descontrole

Meu carro foi furtado em 15/5/84 (entre 14 e 18h) em Botafogo, Rua General Polidoro, em frente ao Posto de Gasolina e ao Cemitério S.J. Batista, Vokswagem cor branca, ano 73, placa SM9042. Nesse mesmo dia às 16h25min e 16h27min o referido carro foi multado na Av. Brasil km 4,5 e 12,5 em quase Cr$ 40 mil e o guarda não parou o mesmo para exigir documentação.

Em 21/8/84 dei baixa na placa no Detran e recebi agora as três multas emitidas pelo Proderj em 15/10/84. Como se vê não existe controle do Detran que emite multa de um carro roubado e baixado no referido Dentran. O referido carro deve ter sido levado para os ferros velhos e desmontado, e o prejuízo foi meu, pois o mesmo não tinha seguro.

Isso é para alertar aos leitores de JB de que não adianta ter trabalho para baixar placa no Detran, pois eles não tomam nenhuma providência. **Oneyde Farias dos Santos — Rio de Janeiro.**

Sugestão

Gostaria de sugerir às autoridades competentes a plena devolução do Fundo 157. Várias pessoas empregadas passam dificuldades, sem falar nos desempregados. Creio que qualquer quantia sempre será um auxílio no orçamento familiar. O atual sistema de resgate de cotas disponíveis não satisfaz. Peço aos banqueiros sensibilidade para a questão pois creio que todos gostariam de **administrar** o próprio dinheiro, dispensando com prazer os bancos deste ônus. **Paulo Juarez Dal Monte — Rio de Janeiro.**

Novo bônus

Há 28 meses que faço parte de um consórcio e sinto que as prestações mensais aumentam muito. Do mês de setembro de 84 para outubro do mesmo ano, o aumento foi de Cr$ 98 mil 51,52. Passando assim a prestação mensal para Cr$ 351 mil 162,52. Fico sem saber como calcular essas prestações, pois há uma diferença na percentagem que rege o contrato, que é de 3,344% sobre o valor do carro atualizado e 2,00% sobre o mesmo no termo de aditamento. Necessito de esclarecimentos a esse respeito e dou uma sugestão para que surja o bônus do carro próprio. **Adriana Gomes de Araújo — Rio de Janeiro.**

Virose

Passei dois meses com uma coceira terrível no corpo (menos no rosto). A pele não mostrava nada, somente ficou seca. Passados alguns dias, meu marido começou com o mesmo problema; o certo é que é contagiosa e que passei para ele. Fomos a vários dermatologistas, clínicos e homeopatas. Alguns não viam nada; um disse que era escabiose, outros discordaram. Passamos no corpo cremes da farmácia dermatológica, sabão medicinal, outros medicamentos, mas nada funcionou.

Eu explicava para os médicos que a coceira era de "dentro para fora". Desde o início um médico amigo da família (que não é dermatologista) dizia que era um vírus, pois já tinha sabido de casos semelhantes, e que levaria de dois a três meses para passar. Resolvi fazer exames de sangue e realmente acusou uma virose. Esta semana soube que mais um casal amigo está com o mesmo problema. Se alguém tiver este tipo de coceira terrível, não gaste dinheiro com médicos e remédios. Espere dois a três meses com muita paciência. **Laura Rosa Cardoso — Rio de Janeiro.**

Devastação no Pantanal

No dia 28/10/84, por volta das 20h30min, liguei a televisão no canal 2, TVE do Rio de Janeiro, onde pude deparar com uma reportagem sobre o Pantanal Mato-grossense. Fiquei alarmado com a depredação e a depreciação que vem sofrendo uma das últimas regiões biológicas e ecológicas de grande importância, remanescente no globo terrestre.

É difícil de acreditar como ainda existem pessoas que matam animais pelo simples prazer de matar. Na estrada que liga Corumbá (MS) a Campo Grande, atravessando o Sul do Pantanal, por exemplo, centenas de animais são atropelados e mortos a tiros pelos transeuntes que por ali passam. Muitos jogam seus carros sobre as cobras, jacarés e outros animais rastejadores que por ela atravessam. Outros, a fim de testarem suas miras ou suas armas, fazem dos pássaros, jacarés e capivaras seus alvos.

Não poderia deixar de mencionar também a questão dos coureiros de jacarés, que continuam fazendo seus trabalhos livremente, pois não existe uma fiscalização intensa por helicópteros e lanchas. Quando ocorre o caso de prisão de um coureiro, eles são logo soltos por pagamento de pequenas fianças, ou seja, a pena para os depredadores de jacarés é pequena.

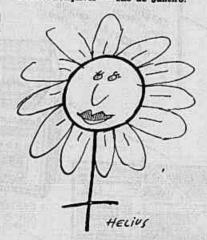
Um outro fator que vem contribuindo para a destruição da flora e da fauna na região são as queimadas feitas desordenadamente por certos fazendeiros da região. Essas queimadas provocam um esgotamento do solo, e conseqüentemente a perda da fonte de alimentação para pássaros e outros animais que dele se beneficiam.

Por último, já se tem notícia da construção de seis fábricas destiladoras de álcool, que despejarão toneladas de litros de produto químico em alguns dos rios formadores do Pantanal. Isto provocará uma grande mortandade de peixes, e assim, um desequilíbrio no ecossistema, pois no Pantanal existe grande número de aves pescadoras, ou seja, que se alimentam dos peixes.

É fundamental que todos nós tomemos consciência da profundidade do problema do Pantanal Mato-grossense, senão ele escurecerá para sempre. É necessário, também, que o Governo Federal tome medidas urgentes e enérgicas contra qualquer tipo de depredação e desmatamento da região, para que, no futuro, não venhamos a lamentar a perda de uma das regiões mais belas de todo planeta. **Rubens Carlos de Souza Gomes — Rio de Janeiro.**

Veto esperado

O Governador Leonel Brizola em nota à imprensa, segundo o JB, ficou surpreso com o aumento disparatado de seus vencimentos e do Vice-Governador votados pela Assembléia Legislativa. O aumento astronômico, mais de que a ele, deve causar espanto aos milhões de trabalhadores que mourejam em árduas tarefas para no fim receberem o irrisório salário mínimo estipulado às regiões do país e, às vezes, menos!

Esperamos que o Governador do Estado, na defesa do erário público e, num gesto de desprendimento e patriotismo, vete o surpreendente e esdrúxulo decreto, por descabido que é. A paz social a que todos almejam começa com um salário mínimo justo, sem essa monstruosa discrepância existente. A Assembléia procedeu como se fôssemos um rico país e não como estamos, mergulhados em sérias dificuldades para as quais não vemos saída a curto prazo. **Jorge Balardo Torres Gonçalves — Rio de Janeiro.**

Nova mulher

Atenta a tudo que diz respeito a mulheres, li, com satisfação, a carta da socióloga Mª Estella F. Gonçalves (25/10/84) que faz uma reflexão sobre a reportagem do dia 13/10/84: **Quartos Infantis, Viáveis e Práticos**, com a qual concordo inteiramente e fico estarrecida com a carta de Marlene Silva (29/10/84) que contesta, desinformadamente, a apreciação da socióloga.

Não é preciso ter filhos (por acaso eu os tenho) para se analisar o que vem acontecendo com a mulher ao longo de séculos. D Marlene deveria procurar conhecer, e é lastimável que não saiba quantas mulheres já imolaram suas vidas na busca de um espaço digno de seres humanos para todas nós.

A história revela mulheres que sobressaíram, individualmente ou como exceções no mundo dos homens, mas quem estuda o movimento **feminista** mundial sabe que as mulheres têm lutado para chegarmos a esta nova mulher que surge hoje e ainda causa impacto aos conservadores.

Se continuarmos dividindo espaços e delimitando papéis sociais para nossos filhos, como aconteceu com nossos antepassados, confinando meninas no lar e submetendo-as ao paternalismo e à maternidade como única forma de realização e encaminhando os meninos ao mundo frio dos negócios, estaremos desagregando e afastando possibilidades de real entendimento entre eles, o que contribui para manter o mundo hostil e belicoso em que nos encontramos. (...)

A mulher também tem aspirações e desejos, anseia pela liberdade de ação e de pensamento. Hoje ela não nega a maternidade, mas não aceita mais ser considerada apenas uma reprodutora. Ela luta por creches e melhor assistência à infância para que possa participar também da vida pública. D Marlene nunca reparou nas neuroses e enxaquecas de mulheres apenas "do lar" e no quanto neurotizam os filhos e são infelizes? Por que só a mulher é responsável pelos filhos? Estatísticas já mostram que jovens mães conseguiram o respeito, repartir tarefas e dividir responsabilidades com seus companheiros mais esclarecidos e estas mulheres trazem um conceito novo de vida e de educação. A mulher hoje já sabe o que quer e as poucas que permaneciam adormecidas e à sombra de alguém que as guiasse e dirigisse suas vidas começam a se questionar. (...)

Homens também têm sentimentos de pureza, delicadeza e ternura e, pasme: muitas mulheres já presenteiam namorados, amantes ou companheiros com flores. Se Deus quiser, no ano 2001 não estaremos tão distanciadas dos homens. Estaremos lutando ombro a ombro pelos mesmos ideais e provavelmente poderemos andar de mãos dadas ao luar. **Edda Gutiérrez — Rio de Janeiro.**

Desigualdade

Sou mais uma leitora espantada com as bobagens escritas pela socióloga Maria Estella F. Gonçalves, respondendo ao artigo sobre decoração de quartos infantis (25/10/84). Parabenizo a Sra. Marlene Silva por haver prontamente dado uma resposta lógica, inteligente e óbvia, no dia 28/10/84.

Quando penso na pseudo-igualdade de sexos, logo me vem ao pensamento as horas difíceis, quando o pneu do meu carro fura numa rua de trânsito difícil. "Como é bem-vinda a figura máscula, atenciosa de um homem para me ajudar."

Psicologicamente, a mulher pode ser igualada a um homem, porém com um outro tipo de raciocínio, mas de acordo com sua figura física, já que partes psicológicas e física formam um todo, dentro da personalidade humana.

Vamos ser todas cor-de-rosa, deixando os tons fortes para os homens, porém, vamos ser todas dignas de respeito, isto sim, é o que está nos faltando, com esta onda de falta de pudor onde as mulheres (nem todas, graças a Deus) estão mergulhando.

Somos diferentes sim, Sra. socióloga, nem por isso menos dignas. Não vamos camuflar esta diferença com o intuito de poder sobreviver no tal mundo "lá fora dos nossos quartos".

Repito: Vamos aprender a nos respeitar, fazer com que os homens nos respeitem e às nossas diferenças físicas e psicológicas e mostrar aos nossos filhos/as que podemos ter uma convivência normal, sem agressões nem dominações, decorada com bastantes coraçõezinhos rendados e colchas de babados. A Sra. socióloga tem filhos? Pobres coitados! Já ouvi de uma talvez aluna sua que queria ter nascido com o peito do pai e não com o "horrível busto" da mãe. **Cely de Brito Aghina Canetti — Rio de Janeiro.**

As cartas serão selecionadas para publicação no todo ou em parte entre as que tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço que permita confirmação prévia.

Corvos e cassandras

ÀS 16 horas e 58 minutos de um domingo já um tanto distante, o Sol escondeu-se atrás da Lua, que era, na ocasião (segundo se deve supor), nova, isto é, invisível. Sabem os pescadores e as pessoas simples deste mundo que a Lua mais forte de todas é exatamente a nova, aquela que as pessoas não vêem e que só se revela por inteiro aos olhos mortais na hora crítica dos eclipses.

Desses fatos, talvez já possamos ir tirando algumas indicações interessantes. Sabemos todos que as nuvens e os astros do firmamento são comandados pelo antecessor mais distante do Papa João Paulo II, o apóstolo Pedro, o qual ditou-lhes normas de conduta estritas, sábias e duradouras.

Essas normas, como era de esperar, exercem considerável influência também sobre os humanos, embora muitas vezes de forma indireta e inesperada. **Grosso modo** poderíamos dizer, por exemplo, que as evoluções do Sol influenciam preferencialmente a matéria, o corpo, a vida orgânica, os banhos de mar. Enquanto que a função primordial da Lua, na sua volúvel trajetória, é fazer variar a mente e a imaginação das pessoas (especialmente dos poetas), embora sem esquecer nunca, é claro, da tábua das marés.

■

Mas, vamos adiante. O eclipse total (anular) daquele domingo memorável foi especialmente perceptível no planalto central brasileiro (em Brasília, portanto) e em S. Paulo. Já vai aí um primeiro sinal, que não terá escapado aos bons entendedores das intenções do apóstolo Pedro.

Na verdade, em que consiste, afinal, um eclipse? Conforme vimos no início destas notas, ele não passa de um fenômeno celeste, durante o qual um poder oculto, invisível aos nossos olhos, porque não aparece onde costuma aparecer, surge de repente no céu azul da tarde e aos poucos esconde o Sol, encobrindo-o e tornando a sua luz bruxuleante, antes que o astro-rei morra de morte morrida por trás da linha do horizonte.

Terá sido isto o que aconteceu ao falecido Marechal Arthur da Costa e Silva, no entardecer do dia 13 de dezembro de 1968? Lembro-me que, naquela tarde, eu ia de automóvel para a casa do poeta Vinicius de Moraes (o próprio poeta já não estava mais lá), onde devia encontrar um grupo de amigos.

Era um desses dias gloriosos do verão carioca em que as cigarras parecem enlouquecidas e o Sol custa a morrer e, de repente, no rádio do carro, um locutor oficial tomou a palavra para anunciar a decretação do Ato Institucional nº 5, passando a ler, um a um (depois de um arrogante discurso do Abi-Ackel da época), os dispositivos do decreto governamental.

Parei o carro, junto ao meio-fio, e fiquei ouvindo, enquanto a enorme humilhação, a pesada vergonha da violência e da ilegalidade desciam sobre o País com a noite. Naquela madrugada, forças militares cercavam o prédio do **Estado de S. Paulo** e apreendiam a edição do jornal, cujo primeiro editorial chamava-se "Instituições em frangalhos" (elas continuam mais ou menos assim ainda agora), enquanto começavam em todo o País as prisões e as arbitrariedades contra os cidadãos, mesmo os mais eminentes: Sobral Pinto, Carlos Lacerda, dezenas e dezenas de outros.

Haverá quem diga que, na Argentina, na Bolívia ou no Paraguai, latino-americanos como nós, os eclipses costumam ser mais freqüentes e piores. Mas será que se pode, legitimamente, estabelecer gradações para a vergonha, para a humilhação de um país e de seus cidadãos?

Tudo o que ia acontecer aqui (e que é melhor não lembrar) nos anos seguintes indica claramente que não. A vergonha é uma só e a mesma: a violência e a ilegalidade têm a sua lógica própria e, mesmo num país como o nosso, onde elas não encontram alimento em ódios fundos, étnicos ou religiosos, os efeitos da estupidez golpista são sempre traumáticos e desastrosos.

1968 era um ano bissexto como é este de agora. Além desta coincidência gregoriana e astronômica, entretanto, não se dirá que o quadro político interno ou externo seja exatamente o mesmo ou, sequer, parecido. Há 16 anos, a economia e as finanças iam muito bem; hoje, não podiam estar piores. Em troca, a tendência agora é para a liberalização, para a abertura, e não para o torniquete termidoriano de 1968.

Ainda assim, a verdade é que repontam no claro céu da pátria alguns indícios inquietantes. Há corvos e cassandras crocitando intrigas e maus augúrios. Há ameaças no ar. E, embora poucos (mas bem entrincheirados), há os que ainda acreditam que os ladrões unidos jamais serão vencidos.

Tudo é possível. Tudo é possível, mesmo o que não parece provável. Ainda nem sequer chegamos a 13 de dezembro e, neste País, entre o Natal e o Carnaval, algumas vezes acontecem muitas coisas mais, além dos ensaios das escolas de samba.

Na política, ao contrário da astronomia, nem sempre se pode prever a ocorrência dos eclipses solares com exatidão e muita antecedência. As variáveis são muitas e, algumas vezes, não se consegue determinar nem mesmo quem é a Lua (velha ou nova) e a quantas anda a sua errática trajetória. Tudo o que se pode perceber é que o Sol aproxima-se do ocaso e o seu brilho bruxuleia.

Virá o eclipse? Não creio. Mas, se vier, desta vez, o consolo é que não durará muito. Sucumbirá sob o peso da própria vergonha, debaixo das vaias do País inteiro, que hoje quer apenas ordem, paz e um pouco de decência (em Brasília) para poder trabalhar e cuidar da sua vida. Já não é sem tempo.

FERNANDO PEDREIRA

De golpes e contragolpes

É adequada às circunstâncias nacionais a conclusão preliminar de que, exceto o que anda mal, tudo mais está indo bem no Brasil. Melhor do que isto já seria exagero. De mal a pior vai a campanha do candidato do PDS. A do outro candidato vai cada vez melhor, obrigado.

Pela primeira vez uma grande batalha eleitoral no Brasil é disputada ao mesmo tempo em duas frentes de combate. Ainda não acabou a primeira operação e já a reserva tática de tropas se lança contra o inimigo, com a missão de proteger a retirada. A eleição e a posse sempre foram duas batalhas de curso sucessivo na mesma guerra. Mas, uma de cada vez. Como é que pode? Antes de haver um vencedor, já se proclama o perdedor — e cuida-se menos da eleição do que da posse.

A posse, eis a questão política mais delicada em qualquer sucessão presidencial brasileira. A candidatura Maluf é distinguida pelo consenso como favorita indiscutível a perder.

Se sucessão é guerra, o jeito de manter uma e evitar a outra tardou mas apareceu em 64, com a simplificação da disputa a um único candidato, admitido um competidor tão-somente para fazer número. Único e, de preferência, militar. Prevaleceu sempre a preferência. Para que dois candidatos pudessem disputar uma só Presidência sem abalar a República, a solução foi permitir a presença de um anticandidato. O antigo MDB colaborou por duas vezes como forma de protestar contra a eleição indireta. Protesto a favor, bem entendido. Foi a singularidade do nosso bipartidarismo, de qualquer forma superior ao regime de partido único: entre dois candidatos, só um valia.

Havendo pelo menos dois candidatos, como acontecia antes de 64, um deles era invariavelmente militar. Não estava escrito, mas os políticos liam nas entrelinhas. Na precária relação entre a eleição e a posse, a mais tranqüila das sucessões presidenciais desde 1930 veio a ser a única que em 45 opôs dois militares. É, contudo, mera coincidência, e não paradoxo. Empataram em 1945 a UDN e o PSD no cálculo dos riscos mútuos e desconfianças recíprocas — e desempataram nas urnas.

O Brigadeiro Eduardo Gomes foi escolhido para ser a garantia militar da própria sucessão. Não iria Getúlio Vargas — gargalhada e charuto à parte — ao ponto de confundir, com os seus recursos políticos, um resultado eleitoral adverso. E muito menos desviar a eleição do seu leito próprio, como havia feito em 1937.

O PSD apresentou o General Eurico Dutra pelos mesmíssimos motivos: prevenir-se contra a tentação, igual e contrária, que acometesse a UDN, de contestar a vontade das urnas desfavorável ao seu candidato. Tinha lá as suas razões o PSD, como se veio a verificar cinco anos depois. Em 1950, a UDN pretendeu, da forma que era possível, questionar a vitória de Vargas. Era-lhe intolerável a volta do ex-ditador ao poder — e, ainda por cima, pelo voto. Passando por fora da Constituição, o princípio da maioria absoluta entrou no debate sobre a obrigação de dar ou não dar posse ao eleito. Entre a eleição e a posse, um coro irado se fez ouvir em dueto de civis e militares.

Todas as quatro eleições diretas depois de 45 tiveram um candidato militar, é verdade que por iniciativa dos civis. Também é certo que todos perderam, exceto na vez em que disputaram dois militares. Pensavam longe os políticos, mas agiam invariavelmente perto dos quartéis. Em compensação, as cinco sucessões depois de 64 tiveram somente candidatos militares, que, por motivos óbvios, dispensaram a iniciativa civil de escolhê-los. Faltou a retribuição de apresentar ao menos um civil.

É esta a primeira eleição que, somando os períodos constitucional e discricionário, reúne tão-somente candidatos civis. Data de 1937 a última tentativa de trabalhar apenas com dois candidatos civis. O resultado não foi encorajador. Não deram para o gasto democrático mínimo as candidaturas Armando Salles e José Américo de Almeida. O golpe de estado preventivo evitou que houvesse um vencedor e um perdedor. Foram dois derrotados.

Tancredo Neves e Paulo Maluf atendem às necessidades democráticas atuais, mas não conjuram os sintomas que denunciam o velho mal-estar nacional. A grande diferença entre 37 e 84 é que Getúlio Vargas queria ficar e João Figueiredo só pensa em sair. Já é uma garantia.

Desde 45 é o Brasil acometido de golpismo, que se manifesta invariavelmente depois da eleição e antes da posse. E — **similia similibus curantur** — trata-se com o golpe preventivo. O contragolpe, no entanto, tem efeitos colaterais: impede a democracia de demonstrar suas aptidões naturais. É uma pena que sejam insuficientes nossos anticorpos liberais para a imunização definitiva.

Os dois candidatos de 45 eram militares, mas as candidaturas Dutra e Eduardo Gomes eram civis. Isto não os impediu de se unirem para depor militarmente Vargas, antes que o ditador depusesse as eleições. Começou a redemocratização de 45 com um golpe e nunca mais se refez da fraqueza. Os dois candidatos civis atuais não exprimem patrocínio militar. Os políticos, nem todos, mas os militares foram vacinados contra a suspeita cortesia que, em todas as sucessões, lhes reserva lugar de destaque no desfile de pretextos civis, convocados para o serviço ativo de aceitar eleições e recusar seus resultados.

■

Resiste galhardamente Paulo Maluf à confissão prévia de derrota em tempo útil. Útil evidentemente para outro candidato.

Trata-se de um golpe político que nada tem de militar. Este é doméstico. O candidato acredita em votos ocultos suficientes para compensar a falta de opinião pública. A fidelidade que mais de perto lhe interessa não se aprende no Colégio, mas num curso completo de oposição. Ele há de preferir saber com quantos desses pessimistas poderá contar depois. Desistir em favor de quem? Um golpe não lhe daria o poder que o Colégio lhe recuse.

A última campanha civil em favor de um golpe militar em cima de um resultado eleitoral saiu pela culatra. O de 55 fez-se anunciar pelo próprio nome, antes da posse de Juscelino Kubitschek. Em seu lugar, no entanto, entrou o contragolpe que lhe passou à frente, para honrar o resultado das urnas.

WILSON FIGUEIREDO

Cesteiro que faz um cesto...

VALE recordar aquele momento, em que dois candidatos disputavam o Governo do Estado de S. Paulo, em nome do Partido Social Democrático, os Srs. Laudo Natel e Paulo Maluf. A opinião geral era a de que já estava eleito o Sr Natel, tais os elementos que o apoiavam, inclusive o seu relacionamento pessoal com o General João Figueiredo, já escolhido Presidente da República. Sabia-se que contava também com as simpatias do General Ernesto Geisel, que estava terminando o seu mandato. Só os partidários inveterados do azarão teriam coragem de apostar no Sr Paulo Maluf.

A eleição deveria ocorrer num domingo, e na sexta-feira (relata-me Carvalho de Castro) os amigos do Sr Laudo Natel passaram em revista todos os compromissos com que contavam, numa lista recheada de nomes de eleitores, comprometidos de próprio punho. E contaram nada menos de 495 votos garantidos. Era uma vitória sobre a qual não podia pairar nenhuma dúvida. E, apurada a votação, o Sr Laudo Natel recebeu apenas 317 votos, dos 485 compromissos com que contava. Um desfalque de 35% na sua votação, o bastante para torná-lo perdedor, na luta que havia travado. Não havia quem desse explicações satisfatórias para tão grande fuga de votos, sobretudo quando se tratava de candidatos equivalentes, nos títulos e méritos com que se apresentaram. O boquirroto de um não anulava o sentimento de relativa confiança com que o outro se recomendava aos seus partidários. Num ponto ainda os dois se equiparavam, na imensa distância da opinião pública que os tornava candidatos impossíveis para eleições diretas. A população de S. Paulo incluiria, na mesma categoria de impopularidade, candidatos ambos para colégios de composição limitada, e tanto mais credenciados quanto menor o eleitorado.

Mas uma dúvida resulta desse confronto. Como entender as razões de tão grande debandada, às vésperas do pleito? Homens experientes haviam comparecido para aprovar a revisão das listas de compromissos. Foi corrente, nesse episódio, a versão da corrupção e do suborno, e não foram poucos os que se surpreenderam com a troca de carros velhos, dos eleitores da convenção, quando não preferiam mudar de casa, ou reforçar as suas empresas comerciais. Duvido que haja alguém que possa explicar, ou justificar, a fuga surpreendente de 35% dos votos com que contava o Sr Laudo Natel. O que teria levado tanta gente a preferir, de súbito, a candidatura do Sr Paulo Maluf? O problema aí está, para desafiar os decifradores de charadas, ou para encontrar respostas na consciência dos brasileiros.

Apesar de todas as suspeitas que surgiram, o resultado do pleito entrou para o domínio pacífico dos fatos consumados. Tanto o Sr Geisel como o Presidente João Figueiredo se curvaram diante da eficácia dos métodos utilizados pela candidatura vitoriosa. Comprometeria todo o regime instituído em 1964 um esclarecimento do que se passara nos bastidores da convenção do PDS paulista: Pois havia sido para chegar a resultados semelhantes que se fizera o golpe de estado, que tais ocorrências bastavam para que viesse a ser datado de 1 de abril, quando as esperanças se transformavam em decepções escandalosas?

Era mais conveniente engolir em seco essa vitória aparente, que não passava de uma derrota do partido e dos famosos ideais que por tanto tempo encheram as colunas dos jornais. Tanto mais que o próprio derrotado revelava uma resignação surpreendente. Morria, para recordar o poeta Augusto dos Anjos, "Sem um gemido, assim como um cordeiro". E desviar, de repente, 35% dos votos destinados ao competidor, passava a constituir uma surpresa que poderia até recomendar Fígaro, nas comédias de Beaumarchais.

O resultado não parecia ter sido mais animador, com o desvio de 35% dos votos com que contava o Sr Laudo Natel. E até dava aos processos adotados o prestígio da infalibilidade. Daí à candidatura à Presidência da República dava a impressão de que não haveria diferença. E tudo parecia certo, não obstante os 513 compromissos, firmados com a candidatura do Sr Andreazza. Compromissos por escrito, como os que favoreciam o Sr Laudo Natel. Dias antes do pleito, o próprio SNI não tinha dúvidas quanto à vitória do Sr Andreazza.

Certo, porém, o pleito, e os 513 votos se desfazem, como numa banca de pelotiqueiros adestrados, e se transformam em 350 votos, insuficientes para cobrir os sufrágios que se destinavam ao Sr Paulo Maluf, que havia ficado com 51% do total dos convencionais reunidos em Brasília. Houvera, pois, uma debandada, como na convenção paulista, com uma pequena diferença, de 31% num caso e de 35% no outro. Mas o que surpreendia é que se tratava de compromissos firmes, nos dois casos, e de uma fuga súbita de sufrágios que mudavam de preferência. Como entender o que se passava? Como explicar essa conversão em massa de tantos eleitores? Embora, nos bastidores, não se falasse senão em milhões de cruzeiros. Milhões para cá e milhões para lá. Ainda há pouco, no caso do Maranhão, um jornal com as responsabilidades de **O Globo** falava em dois bilhões de cruzeiros, para dar o prazer de derrotar o Sr Sarney na sua própria terra.

■

Se os argumentos fossem os de que o Sr Paulo Maluf era melhor candidato do que o Sr. Andreazza, como explicar os 513 votos compromissados com que contava o Ministro do Interior? E como surgira a debandada de última hora, com que se fizera a escolha do Sr Paulo Maluf com 51% dos votos dos convencionais do PDS? As preferências haviam contado com um ambiente de liberdade, na ausência de pressões imperiosas. Embora o Sr Andreazza, derrotado, se limitasse a uma explosão de duas horas, o bastante para se conformar, embora carrancudo, com o domínio do fato consumado.

O que é certo é que tudo isso se passava nos bastidores, e poucas revelações chegaram ao conhecimento do público. Não se falava senão em suborno e em corrupção, na ausência de qualquer outra versão que pudesse explicar tão estranhas realidades. De um imenso **iceberg** muito pouca coisa emergia do cimo das vagas. Como, por exemplo, a revelação do Governador Suruagy, de que estava obedecendo a razões de ordem moral, e a da ausência calada do General Geisel, na inauguração de Itaipu. Tudo o mais ficava em segredo, guardado sigilosamente, para compor o mistério de duas grandes vitórias de um insigne cesteiro. O provérbio aí está: "Cesteiro que faz um cesto..."Vamos ver se faz o terceiro, para desmoralizar, de vez, o sistema e o regime.

BARBOSA LIMA SOBRINHO

JORNAL DO BRASIL LTDA.

Avenida Brasil, 500 — CEP 20 940 — Rio de Janeiro, RJ
Caixa Postal 23 100 — S. Cristóvão — CEP 20 940 — Rio de Janeiro, RJ
Telefone — 264-4422 (PABX)
Telex — (021) 23 690, (021) 23 262, (021) 21 558

SUPERINTENDÊNCIA COMERCIAL:
Superintendente: José Carlos Rodrigues
Gerente de Vendas: Fabio Mattos

CLASSIFICADOS:
Gerente de Classificados: Roberto Dias Garcia

RÁDIOS
Gerente Comercial: Hélcio Ferreira
Gerente de Vendas - Rio: José Domingues Torres

Classificados por telefone 284-3737

Sucursais
Brasília — Setor Comercial Sul (SCS) — Quadra 1, Bloco K, Edifício Denasa, 2º andar — CEP 70 302 — telefone: 225-0150 — telex: (061) 1 011

São Paulo — Avenida Paulista, 1 294, 15º andar — CEP 01 310 — S. Paulo, SP — telefone: 284-8133 (PBX) — telex: (011) 21 061, (011) 23 038

Minas Gerais — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º andar — CEP 30 000 — B. Horizonte, MG — telefone: 222-3955 — telex: (031) 1 262

R. G. do Sul — Rua Tenente-Coronel Correia Lima, 1960/Morro Sta Teresa — CEP 90 000 — Porto Alegre, RS — telefone: 33-3711 (PBX) — telex: (0512) 1 017

Nordeste — Rua Conde Pereira Carneiro, 226 — telex 1 095 — CEP 40 000 — Pernambués — Salvador — telefone: 244-3133.

Correspondentes nacionais
Acre, Alagoas, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Pernambuco, Paraná, Paraíba, Piauí, Santa Catarina.

Correspondentes no exterior
Bonn (Alemanha Ocidental), Buenos Aires (Argentina), Nova Iorque (EUA), Roma (Itália), Washington, DC (EUA), Cidade do México (México).

Serviços noticiosos
ANSA, AFP, AP, AP/Dow Jones, DPA, EFE, Reuters, Sport Press, UPI, Airpress.

Serviços especiais
BVRJ, The New York Times.

PREÇOS DE ASSINATURA
RIO DE JANEIRO — MINAS GERAIS
Serviço de Atendimento ao Assinante
Telefone: 264-5262
1 mês .... Cr$ 15.010,
3 meses .... Cr$ 42.660,
6 meses .... Cr$ 80.580,

ESPÍRITO SANTO
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 42.660,
6 meses .... Cr$ 80.580,

BRASÍLIA — GOIÂNIA — SÃO PAULO
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 66.960,
6 meses .... Cr$ 126.480,

SALVADOR — JEQUIÉ — FLORIANÓPOLIS — MACEIÓ — CAMPO GRANDE
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 73.980,
6 meses .... Cr$ 139.740,

RECIFE — FORTALEZA — NATAL — J. PESSOA
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 85.320,
6 meses .... Cr$ 161.160,

RONDÔNIA
Entrega Domiciliar
3 meses .... Cr$ 115.560,
6 meses .... Cr$ 218.280,

ENTREGA POSTAL EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL
3 meses .... Cr$ 47.350,
6 meses .... Cr$ 89.400,

PREÇOS DE VENDA AVULSA:
RIO DE JANEIRO/ M. GERAIS/ ESPÍRITO SANTO
Dias úteis .... Cr$ 500,
Domingos .... Cr$ 700,
DF, GO, SP
Dias úteis .... Cr$ 800,
Domingos .... Cr$ 1.000,
AL, MT, MS, SC, RS, BA, SE, PR
Dias úteis .... Cr$ 900,
Domingos .... Cr$ 1.000,
MA, CE, PI, RN, PB, PE
Dias úteis .... Cr$ 1.000,
Domingos .... Cr$ 1.400,
DEMAIS ESTADOS E TERRITÓRIOS
Dias úteis .... Cr$ 1.400,
Domingos .... Cr$ 1.600,

Brizola tem imagem desgastada na visão de prefeitos

Fotos de Delfim Vieira

Celso Damaso
Teresópolis

Samir Nasser
Três Rios

Augusto de Sousa
Paraíba do Sul

Ao se aproximar da metade do seu mandato — março de 1985 — o Governador Leonel Brizola tem uma imagem profundamente desgastada perante os prefeitos do Estado. O JORNAL DO BRASIL ouviu 38 dos 64 dirigentes de municípios fluminenses e a grande maioria é manifestamente contrária à forma de governo e aos métodos como vêm sendo tratados.

Os maiores críticos do Governador Leonel Brizola são exatamente os municípios em que o seu partido, o PDT, conseguiu eleger os prefeitos: São João de Meriti e Nova Iguaçu. Meriti reclama, inclusive, que ele nunca se dignou a comparecer ao município para receber o título de cidadão honorário. Para Volta Redonda, "o Governo Brizola nem começou."

Consideração

Celso Moreira Guerra, vereador do PMDB que assumiu a Secretaria de Planejamento de Meriti, interpretou a opinião do Prefeito Manuel Valência (PDT). Disse que o município nada recebeu do Estado.

— E precisaria receber tudo, principalmente consideração do Governador, que sequer visita o município para ver seus problemas. Por falta de verba, a luz foi cortada pela Light. Foi um prejuízo moral e o Governador não fez nada. Antes de se eleger, prometeu mundos e fundos. Agora, depois de eleito com muitos votos daqui, nem vem visitar a população de São João de Meriti. É um Governo péssimo — disse.

Nova Iguaçu recebeu muito pouco do Governo estadual. Paulo Leone (PDT) declarou que seu município "precisaria de um tratamento melhor, mais disciplinado, principalmente pelo fato de nós termos dado a Brizola 168 mil votos na eleição. Foi a base de sustentação de sua vitória. Eu ajudo o Estado, mas não sou por ele ajudado. Eu e o Governador não temos bom relacionamento político."

Paulo Leone acrescentou ter "esperanças de que haja saldo em caixa e que, em 1985, o Governador ofereça recursos ao município. Gostaria muito que ele viesse a Nova Iguaçu agradecer os votos que recebeu."

Péssimo também é o conceito que o Prefeito Ivani Samel (PMDB), de Miracema, tem do Governador Leonel Brizola: não fez nada em dois anos, não atende as reivindicações e leva o município a usar de seus meios e recursos para executar tarefas próprias do Estado, como construção de estradas, rede de abastecimento de água "e até a aquisição de combustível para a única ambulância da Secretaria de Saúde e assistência municipal a um surto de tuberculose."

"O Governo ainda não chegou a Volta Redonda"

Volta Redonda nada recebeu do Estado. O Prefeito Benevenuto dos Santos Neto (PDS) sofreu um infarto e o Secretário de Governo, Jessé de Holanda Cordeiro, disse que não pode avaliar o Governo Brizola "porque ele ainda não chegou a Volta Redonda." Acrescentou que o município precisaria ter recebido um quartel da PM, em área já destinada no bairro Voldac, e novas escolas.

— Ele não sabe distinguir as prioridades. Preferiu fazer o **sambódromo** — desabafou o Prefeito Celso Dalmaso (PMDB), afirmando, ainda, que o Governador Leonel Brizola não deu apoio direto nenhum a Teresópolis.

Para Alcebíades de Morais Filho (PDS), Prefeito de Rio Bonito, Brizola "é um governador omisso." Ele acha que seu município não é "um dos protegidos do Governador", pois não consegue contatos pessoais com Brizola para resolver problemas mais urgentes, apesar de várias tentativas.

— Esse é o pior Governo. Nada recebemos do Estado e nunca tive audiência com o Governador, embora tenha tentado várias vezes. Este ano, passei dois telegramas solicitando audiência com urgência e nem resposta recebi — informou o Prefeito Jurandir Melo (PDS), de Saquarema.

Miguel Abraão (PDS), Prefeito de Nilópolis, disse que só recebeu do Estado Cr$ 11 milhões, de um convênio da Prefeitura com o Fundrem e o DER, para saneamento e pavimentação de ruas. Mesmo assim, os maiores gastos ficaram por conta da Prefeitura.

— **E o que precisaria ter recebido?**

— Tudo. No mínimo, consideração do Governador, que não vem ao município. É um Governo centralizador, autoritário e muito esquecido. Não liga para os municípios, que estão morrendo sem que ele ajude.

Hydekel de Freitas (PDS) dirige Duque de Caxias. Em viagem, opinou em seu lugar o Secretário de Governo, Ricardo Augusto Azevedo Viana, que disse não ter o município recebido nada do Estado.

— Temos a esperança de que, um dia, o Sr Brizola se lembre de que Caxias pertence ao Rio de Janeiro e venha ao município, nos ofereça alguma coisa, enfim, faça alguma coisa por esse povo que votou nele. Ele reacendeu as esperanças do povo e está levando essa esperança à morte. Essa é a minha preocupação do ponto de vista político — disse.

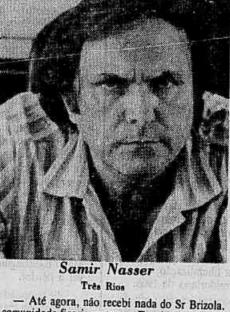
Araruama também se queixa do descaso de Brizola. O Prefeito Renato Lessa (PDS) declarou que nada recebe do Governo, "nem ICM. Vivemos à nossa custa e lutamos com dificuldade."

— Já tentei uma audiência com o Governador por duas vezes e não consegui. Ele tem dado mais atenção ao Município do Rio e seus circunvizinhos — acrescentou.

Itaocara considera que os papéis, ali, se invertem: o município, não visitado por Brizola, ajuda o Estado, em vez de receber qualquer apoio. O Prefeito José Romar Lessa (PMDB) denunciou a total ausência do DER-RJ e acusou a Cedae e a CERJ de não fazer qualquer investimento, "pois só querem faturar."

Tostão

— Não recebemos um tostão do Estado e não temos nenhum apoio do Governador Leonel Brizola. Nesses quase dois anos, só tive um contato com ele, mesmo assim porque o procurei. É um Governo acima de tudo político — disse Alair Francisco Correia, Prefeito de Cabo Frio (PMDB).

O Prefeito Luís Augusto de Sousa (PDS), de Paraíba do Sul, reclamou que, até hoje, o Governo do Estado não ajudou o município em nada. Seu maior desejo é uma aproximação maior de Paraíba do Sul com o Governador.

— Até agora, não recebi nada do Sr Brizola. A comunidade ficaria grata se o Estado ajudasse no asfaltamento da Estrada Governador Portela—Vassouras, de 30 quilômetros e de grande importância para o município — disse Narciso da Silva Santos (PDS), Prefeito de Vassouras.

Petrópolis também reclama que Brizola nada fez pelo município. Saneamento básico e perigo nas encostas do município são os problemas que o Prefeito José Paulo Rattes (PMDB) vem enfrentando, sem ajuda.

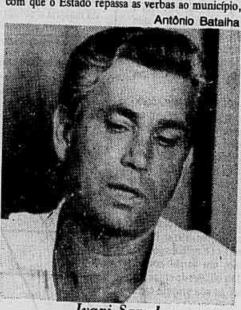
"Ele deve um melhor desempenho ao interior"

A única participação do Governo do Estado em Valença foi através do DER, que asfaltou cinco dos 30 quilômetros da estrada que leva a Rio Preto, na divisa com Minas Gerais.

— Só que 80% das obras quem fez foi o município — disse o Prefeito José Graciosa (PMDB).

Rui Andrade (PMDB) acha que "Brizola ainda deve um desempenho melhor ao interior." Disse que Barra Mansa só recebeu do Estado ajuda na recuperação de uma ponte sobre o rio Paraíba, entre o bairro de Ano Bom e o Centro. E precisa ponte de acesso ao distrito de Quatis, sobre o mesmo rio; e recuperação das estradas para Angra dos Reis e até a divisa com São Paulo (Bananal).

João Luís Gibraiu Rocha (PDS), Prefeito de Angra dos Reis, também criticou Brizola e seus antecessores, dizendo que, desde 1976, nenhuma sala de aula foi construída no município. A constante falta d'água, o estado precário das escolas e a ausência de saneamento básico são suas maiores preocupações.

Em São Fidélis, a atuação do Estado é praticamente zero, segundo Guilherme Tito de Azevedo (PMDB), seu Prefeito. Ele destacou a regularidade com que o Estado repassa as verbas ao município, mas acentuou que suas maiores reivindicações são a ampliação da rede de água a vários bairros e a conservação de estradas, principalmente da que liga São Fidélis a Campos.

Campos acha que o Estado tem marcado sua presença no município, através do Banerj, com financiamentos para a lavoura; um convênio Estado-INAMPS, para dinamizar a assistência médico-odontológica; e um convênio para melhoria das ruas e estradas vicinais. Apesar disso, o Prefeito José Carlos Barbosa (PMDB) considerou a ação estadual débil, mas culpou a política tributária federal, que centraliza os recursos e penaliza Estados e municípios.

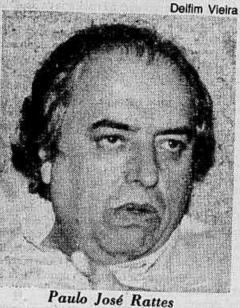
O empresariado campista, porém, acusa Brizola de desconhecer a realidade estadual, principalmente o interior fluminense, e de preocupação excessiva com a Capital e o Grande Rio. Se queixa, também, de sua preocupação demasiada com medidas populistas, sem nada de positivo para a comunidade. Eles defendem a desfusão.

O Prefeito Cândido José da Costa (PDS), de Mangaratiba, admitiu que o abastecimento de água é regular, mas disse que tem problemas de saneamento, principalmente dragagem de rios. Pede mais apoio do Estado.

Barra do Piraí quer mais recursos para o DER-RJ e para a Secretaria de Segurança Pública, para que esses órgãos possam ajudar o município, segundo seu Prefeito José Figorelli (PDS).

O asfaltamento de três quilômetros da estrada que liga Afonso Arinos a Paraibuna foi a única coisa que o Estado fez em Três Rios. O Prefeito Samir Nasser (PMDB) pede mais escolas e a construção de duas pontes na área rural.

Uma escola do bairro Paraíso foi recuperada em Resende. O Estado nada mais fez do que isso. E o município de 89 mil habitantes precisa de um terminal rodoviário para o Sudoeste do Estado, cujo projeto está pronto na Coderte.

— Por enquanto, nada recebi do Estado, mas ele também não tem nada para ajudar os municípios. Estou com o Governador Brizola, com quem já tive uma audiência. Ele não faz mais porque não pode — declarou Édio Munis (PDS), Prefeito de Maricá.

Para Geraldo Gomes Rodrigues (PMDB), "o Governador vem realizando uma administração humana".

— Não posso reclamar, pois ele atendeu as duas prioridades de Silva Jardim; instituiu o 2º grau e assumimos quatro subpostos de saúde — acentuou.

Nassim Pereira Gonçalves (PDS), Prefeito de Casimiro de Abreu, declarou que administra com seus próprios recursos: "Acho que Brizola faz o que pode. Só tive um contato com o Governador, porque ele se mantém bem afastado".

São João da Barra ressaltou a correção com que o Estado repassa ao município as verbas, mas informou que falta ação do Governo e culpou a política tributária Federal. O Prefeito João Francisco de Almeida (PMDB) acha o Governo Brizola "apenas regular".

— As únicas coisas que recebo do Governo são os repasses. Já é o suficiente. Gostaria que a cidade recebesse saneamento e uma nova rede de água. Não posso reclamar muito — declarou o Prefeito de Mendes, Rubens José de Macedo (PTB).

Alcides Ramos (PMDB), Prefeito de Macaé, também não faz restrições a Brizola:"Entendo que o Estado realmente não tem condições de ajudar os municípios financeiramente. Ele tem mantido uma linha política muito coerente com suas declarações: não faz pressão sobre os prefeitos de outros partidos, pelo menos em Macaé".

O Prefeito Joaquim Tavares (PMDB), de Cordeiro, está satisfeito com Brizola, que atendeu o município em merenda escolar, estradas vicinais e antecipação de parcelas do ICM sem cobrar juros. Lamenta, apenas, que, até agora, ele não tenha tomado uma decisão sobre o conflito a respeito de divisa com Cantagalo.

O Estado executou a pavimentação da BR-110, Cantagalo-Porto Novo, a **Estrada do Cimento**, que garante o escoamento da produção das jazidas da região. Nilo Guzzo (PMDB) reclama somente um novo sistema de abastecimento de água e do fato de Brizola nunca ter ido à cidade.

"De ajuda, até agora nós não vimos nada"

Abel Silva Malafaia (PDS) lamenta que o Governo nada faça para valorizar a estância hidromineral de Santo Antônio de Pádua. Disse compreender as dificuldades enfrentadas por Brizola e que ele faz o que pode.

Em Bom Jesus do Itabapoana, o Prefeito Paulo Portugal (PDS) disse ter bom relacionamento com o Governo Brizola, de quem tem recebido assistência. Acha, porém, que a grande ação do Estado no município seria a cessão de máquinas agrícolas em comodato, para "a redenção de sua verdadeira vocação, a agricultura."

Marcos Luís Werneck Franga (PMDB), de Lajes do Muriaé, só não considera ótimo o Governo Brizola porque suas medidas têm sido muito lentas entre o exame, a decisão e a execução. Para ele — foi recebido seis vezes por Brizola —, o Governo tem sido bom.

Para Cláudio Cerqueira Bastos, Prefeito de Itaperuna, Brizola tem feito pouco porque enfrenta grandes problemas no Rio e na Baixada Fluminense. Ele reclamou uma ação mais intensa da Cedae e revelou ter recebido antecipações de parcelas do ICM.

Haírson Monteiro (PDS) disse porém que, além de antecipações de parcelas do ICM e do Imposto de Transmissão, nada mais recebeu do Estado.

— De ajuda, até agora, não vimos nada. Pelo contrário, a Municipalidade é que tem colaborado com o Estado, oferecendo terrenos para a construção de escolas e fornecendo asfalto ao DER-RJ para tapar buracos em estradas — declarou.

Acrescentou que já ofereceu 10 áreas para o Governo do Estado escolher onde instalará um **Brizolão** e até agora não teve resposta.

Esta é a primeira de uma série de reportagens sobre os municípios fluminenses. Participaram os repórteres Aluysio Barbosa, Dário de Paulo, Édson Magalhães, Gilberto Fontes, Jacinto Ghioldi, J. Paulo da Silva, Mônica Freitas, Ronaldo Braga e Tânia Rodrigues.

Mabel Arthou

Alair F. Correia
Cabo Frio

Antônio Batalha

Ivani Samel
Miracema

Delfim Vieira

Paulo José Rattes
Petrópolis

Lixo rouba área de lazer ao Flamengo

O que um animado cidadão, num domingo de sol, com a família, pode esperar de uma das maiores áreas de lazer de sua cidade? Tudo, menos o que o aguarda: abandono. Vinte anos depois de criado, o Parque do Flamengo, pelo paisagista Burle Marx durante o Governo Carlos Lacerda, é hoje uma triste imagem do que foi. A grama e as áreas destinadas às crianças já estão cedendo lugar ao lixo, aos mendigos, à sujeira.

Para não perder o domingo, o persistente cidadão pode pensar em levar sua família à Praia do Flamengo, em frente. Mas só poderá tomar um banho de sol em segurança. O de mar, a FEEMA não recomenda. O que resta fazer? Talvez voltar para casa e pensar em outro programa para o próximo domingo.

Escolinha

Pouca gente sabe, por exemplo, que o objetivo do Parque não era, apenas, o de proporcionar algumas horas de entretenimento aos freqüentadores, mas sim aliar o lazer à educação.

Os 1 milhão 200 mil metros quadrados do Parque são divididos em áreas com funções definidas no projeto inicial. Uma das maiores áreas de lazer é a que abriga a Cidade das Crianças, colorido conjunto de construções feitas especialmente para os pequenos: imitação de casa, com cozinha, sala, quarto e banheiro, onde antigamente as crianças improvisavam brincadeiras. Hoje, com o colorido já fosco, a Cidade das Crianças serve de casa para mendigos.

Há, também, o Pavilhão Japonês, que já serviu de escolinha de arte para crianças. Os freqüentadores mais antigos se lembram das tardes, quando era comum ver crianças lambuzadas de tintas até o pescoço, compenetradas sobre enormes folhas de papel, a conceber o que acreditavam ser uma **obra de arte**. Agora, o pavilhão está vazio de tintas e crianças; tem algumas pichações que lhe cobrem as paredes, sem qualquer função cultural ou recreativa.

Modelismo

Para os aficcionados do modelismo naval, o tanque de 900 metros quadrados, em frente ao Palácio do Catete, é apenas uma saudade. Nem água mais há; ela, não faz muito tempo, servia para o banho, de volta da praia, a não mais de 50 metros. Houve época em que o tanque se transformou num alegre rinque de patinação, mas as depressões do fundo causaram muitos tombos e a mania passou. Sem água e esburacado, o tanque serve de coletor de lixo, casa de mendigos e banheiro público. Os 12 banheiros do parque estão fechados.

Não são raros os casos de casais, corredores e crianças vítimas de ladrões e pivetes. Muitos moradores, com medo, não passeiam por ali, como faziam há alguns anos.

Apesar de a 9ª DP, no Catete, não ter muitos registros sobre assaltos, eles ocorrem com freqüência. Os assaltados não dão queixa na delegacia do roubo de relógios, pulseiras e cordões durante o **cooper** matinal, ou na volta da praia. Como a área do Parque é muito vasta, nem a vigilância da Polícia Militar, com radiopatrulhas, bicicletas, duplas de policiais a pé e com cães resolve o problema. Ao todo, são 150 PMs, mas o número não é suficiente para coibir a ação dos assaltantes.

Solução

Para o vice-presidente da Associação de Moradores do Catete e Praia, Antônio Prudente, o problema seria resolvido com a ocupação racional e programada do parque, pelos moradores e freqüentadores de outros bairros.

A entidade apresentou um estudo sobre a utilização racional do espaço do Parque do Flamengo, concebido por um de seus associados. No projeto de Paulo Roberto da Silva Sandins, a mudança de nome do Teatro de Fantoches e Marionetes para Espaço de Artes Pernambuco de Oliveira, em homenagem ao cenógrafo e autor de peças infantis, é uma das sugestões. O teatro seria utilizado para cursos livres de artes cênicas, circo, dança e artes plásticas, além da criação de um cineclube.

Outra sugestão é ocupar o Teatro de Arena com cursos de balé clássico e moderno, **jazz** e danças afro, sem falar de sua função original: a apresentação de **shows** e consertos. Para o Pavilhão Japonês e as Cidades das Crianças ficariam os cursos de jardinagem, tapeçaria, artesanato, psicologia infantil e prática comunitária. Ali, poderiam ser ministrados cursos para adolescentes e de alfabetização de adultos.

Para as quadras de esportes polivalentes e as pistas de atletismo, o projeto prevê a realização de campeonatos e torneios esportivos entre escolas municipais e estaduais e a comunidade. As competições de futebol de salão, praia e soçaite; ciclismo; basquete; vôlei; corridas de fundo e rasa; lançamento de peso e salto triplo, distribuiriam troféus e prêmios, incentivando a prática de esportes e o surgimento de novos atletas.

Ao contrário do que muitos pensam, a praia do Flamengo também tem seus modismos, seus locais, como qualquer outra da Zona Sul que se preze. Nas pedras da Glória, ficam os **gays**, os **travestis** da Lapa, da Av. Mem de Sá e redondezas, que ali bronzeiam seus corpos sem se importar com os gozadores. Um pouco adiante, até o trecho da Rua Silveira Martins, ficam os **estrangeiros**, que chegam com o tradicional farnel: para eles, o domingo é uma festa.

Em frente à Rua Silveira Martins, fica a turma local, o pessoal do vôlei e do futebol de praia. Da Silveira Martins à 2 de Dezembro, fica a tradicional família do bairro: pais com crianças e baldinhos, barracas para proteger as tias e avós do sol.

Nas pedras já perto do Restaurante Rio's ficam a **nobreza** flamenga. Gente que leva seus dobermans para passear na areia. Ali também se disputam os tradicionais campeonatos de peteca. Não há ilusão: as áreas não se misturam.

A praia

A praia mesmo, fim de tudo, não é recomendadas por quem entende do assunto, a FEEMA. Segundo o último estudo realizado por ela nas praias cariocas, a do Flamengo foi considerada imprópria para o banho, pois apresenta mais de 1 mil coliformes fecais por 100 mililitros. No entanto, a coisa não é tão feia quanto parece. Há alguns pontos considerados **suportáveis**, como o trecho em frente à Rua Silveira Martins, onde o banho é liberado. De acordo com o relatório da FEEMA, o nível de poluição da Praia do Flamengo diminuiu bastante após a construção do Interceptor Oceânico.

As doenças de pele, hepatites e outras enfecções causadas pela poluição são ameaças constantes ou freqüentadores. Segundo o dermatologista David Azulay, as mães não precisam se preocupar com o assunto. Ele explicou, que "a poluição da praia não provoca doenças de pele nos bebês ou adultos — com exceção das causadas por larvas **migra**, existentes nas fezes de cãe. "No entanto, alertou para o cuidado com feridas ou machucados, que podem ser contaminados com a água.

Fernando Araújo

A estátua eqüestre de Bolívar foi envolvida com papel pichado

Artistas embrulham estátuas festejando Dia da Cultura

"Um grupo de lunáticos está cobrindo as estátuas do Rio com papel pardo e pichando com tinta vermelha". Esta denúncia, de dezenas de pessoas que, ontem à tarde, passaram por Copacabana e Botafogo, assustou a Polícia Militar e chamou a atenção de muita gente que viu os monumentos de Siqueira Campos, na Av. Atlântica, e de Simão Bolívar, enfrente ao Canecão, serem literalmente embrulhados.

Manifestação política? Pichadores em ação? Loucos? Não; a intenção dos cinco artistas plásticos do grupo **Mil e Uma Imagens**, que com muito improviso e paciência "empacotaram" as duas estátuas, era só de divulgar o Dia Nacional da Cultura, a ser comemorado amanhã. Tudo, segundo eles, devidamente autorizado pela Secretaria de Cultura e pelo Departamento de Parques e Jardins.

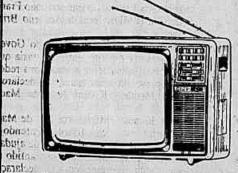
Protestos

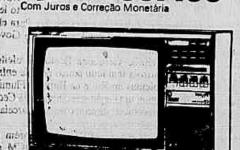
Quando as escultoras Patrícia Horvat e Adriane Guimarães, o escritor Patati, o cineasta Flávio Soares e o gravador Paulo Pereira decidiram pôr em prática o curioso projeto de divulgação do Dia Nacional da Cultura, não esperavam tantos protestos. Eles começaram a embrulhar a primeira estátua — a de Siqueira Campos, na Av. Atlântica — às 10h, mas logo receberam a reprovação "de um coronel" que chamou os policiais da cabine da PM mais próxima para impedir a manifestação.

O grupo de artistas interrompeu diversas vezes o trabalho na estátua para mostrar a autorização da Secretaria da Cultura. As interrupções atrasaram tanto o trabalho do grupo que, até as 16h, eles só tinham embrulhados a segunda estátua.

Desta vez, o monumento escolhido foi o de Simão Bolívar, na Av. Venceslau Braz, em frente ao Canecão. Os artistas tiveram que realizar verdadeiros malabarismos para escalar a estátua de Bolívar.

Ainda dentro do projeto do grupo **Mil e Uma Imagens**, serão encobertas com papel mais 10 estátuas na cidade. Hoje , eles pretendem trabalhar nos monumentos da Praça 15, Praça Paris e Praça Mahatma Ghandi.

O QUE VAI VEM
O QUE VEM TEM

TV Philips 3025. (16") 41 cm. Em cores. Som e imagem instantâneos.
À vista 951.000 ou
24 X 142.935 = 3.430.440
ENTRADA VAI E ATJOV **95.100**
Com Juros e Correção Monetária

TV Sharp 1686 (16") 41 cm. Em cores. Com controle remoto. Produzido na Zona Franca de Manaus.
À vista 1.094.000 ou
24 X 164.428 = 3.946.272
ENTRADA VAI E ATJOV **109.400**
Com Juros e Correção Monetária

TV Philips 6000. (20") 51 cm. Em cores. Som e Imagem instantâneos.
À vista 999.000 ou
24 X 150.150 = 3.603.600
ENTRADA VAI E ATJOV **99.900**
Com Juros e Correção Monetária

Conjunto de som Aiko 122. 3 em 1. Toca-discos, Tape-Deck, rádio AM/FM. e 2 caixas acústicas. Produzido na Zona Franca de Manaus.
À vista 591.000 ou
24 X 88.671 = 2.149.704
ENTRADA VAI E ATJOV **59.100**
Com Juros e Correção Monetária

Conjunto de som System micro Aiko. Produzido na Zona Franca de Manaus.
À vista 667.000 ou
24 X 101.090 = 2.426.160
ENTRADA VAI E ATJOV **66.700**
Com Juros e Correção Monetária

Conjunto de som System Sanyo GXT 100. 60 watts de potência. Produzido na Zona Franca de Manaus.
À vista 913.700 ou
24 X 138.480 = 3.323.520
ENTRADA VAI E ATJOV **91.370**
Com Juros e Correção Monetária

Rádio Delta Receiver 5512. AM/FM.
À vista 89.660 ou
24 X 13.588 = 326.112
ENTRADA VAI E ATJOV **8.966**
Com Juros e Correção Monetária

Conjunto de som Delta Triosom. 4020. 3 em 1 Toca-discos, Tape Deck, rádio AM/FM e 2 caixas acústicas.
À vista 287.000 ou
24 X 43.497 = 1.043.928
ENTRADA VAI E ATJOV **28.700**
Com Juros e Correção Monetária

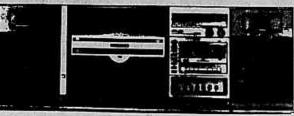
Conjunto de som System Sharp By-Play. Produzido na Zona Franca de Manaus.
À vista 1.419.000 ou
24 X 215.063 = 5.161.512
ENTRADA VAI E ATJOV **141.900**
Com Juros e Correção Monetária

Refrigerador Climax. 430-L. Duplex 430 litros.
À vista 825.200 ou
24 X 124.027 = 2.976.648
ENTRADA VAI E ATJOV **82.520**
Com Juros e Correção Monetária

Refrigerador Consul 3543. 340 litros.
À vista 512.000 ou
24 X 76.953 = 1.846.872
ENTRADA VAI E ATJOV **51.200**
Com Juros e Correção Monetária

Refrigerador Consul 4343. Biplex 430 litros.
À vista 881.980 ou
24 X 132.561 = 3.181.464
ENTRADA VAI E ATJOV **88.198**
Com Juros e Correção Monetária

Refrigerador Brastemp 32-L. 320 litros.
À vista 509.000 ou
24 X 76.502 = 1.836.048
ENTRADA VAI E ATJOV **50.900**
Com Juros e Correção Monetária

Máquina de lavar Brastemp 61S.
À vista 835.950 ou
24 X 125.643 = 3.015.432
ENTRADA VAI E ATJOV **83.595**
Com Juros e Correção Monetária

Freezer Consul 1807. 180 litros.
À vista **547.000**

Fogão Brastemp BFM-51-E. 4 bocas.
À vista 540.000 ou
24 X 81.162 = 1.947.888
ENTRADA VAI E ATJOV **54.000**
Com Juros e Correção Monetária

Fogão Brastemp BFM-76-E. 4 bocas.
À vista 793.000 ou
24 X 119.187 = 2.860.488
ENTRADA VAI E ATJOV **79.300**
Com Juros e Correção Monetária

Espremedor de frutas Walita ES-50.
À vista **26.700**

Sofá Gardenia. 2 lugares. Tecido.
À vista 89.000 ou
24 X 14.233 = 341.609
ENTRADA VAI E ATJOV **8.910**
Com Juros e Correção Monetária

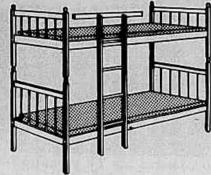
Módulo Luciana. Chenille e courvin simples.
À vista **22.800**

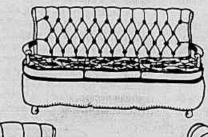
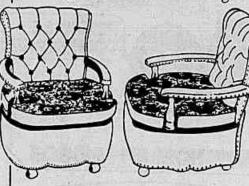
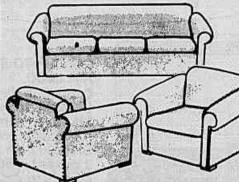
Kit Virgolin. Aço 3 portas.
À vista **162.870**

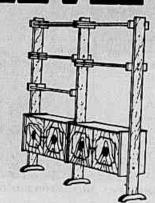
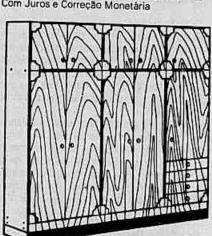
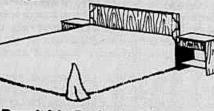
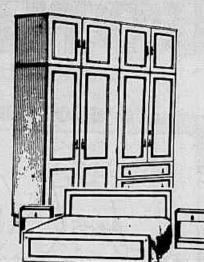
Armário Virgolin. Aço 2 portas para copa e cozinha.
À vista **42.650**

Estante Rosalino. 2 corpos cerejeira.
À vista 186.000 ou
24 X 29.713 = 713.124
ENTRADA VAI E ATJOV **18.600**
Com Juros e Correção Monetária

Estante Rosalino. 3 corpos cerejeira.
À vista **234.700**

Estante Bontempo ref. 111. 1 corpo Cerejeira.
À vista **53.000**

Beliche Madarco Bahia. Imbuia.
À vista 94.140 ou
24 X 15.038 = 360.932
ENTRADA VAI E ATJOV **9.414**
Com Juros e Correção Monetária

Grupo Dallas. Chenille.
À vista 219.000 ou
24 X 34.985 = 839.646
ENTRADA VAI E ATJOV **21.900**
Com Juros e Correção Monetária

Grupo Imaraxá Francês. Chenille e courvin.
À vista 447.000 ou
24 X 71.408 = 1.713.798
ENTRADA VAI E ATJOV **44.700**
Com Juros e Correção Monetária

Grupo Cálida Aquarius. Chenille.
À vista 279.000 ou
24 X 44.570 = 1.069.686
ENTRADA VAI E ATJOV **27.900**
Com Juros e Correção Monetária

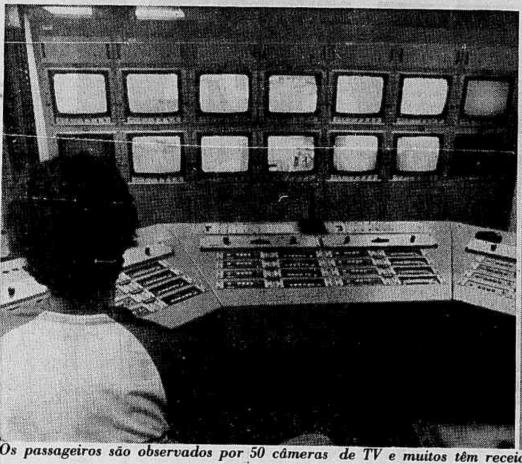
Armário duplex Miralar. Cerejeira.
À vista **387.000**

Estante Copmar CM-2. 2 corpos cerejeira.
À vista 158.540 ou
24 X 25.382 = 609.168
ENTRADA VAI E ATJOV **15.854**
Com Juros e Correção Monetária

Dormitório Guelmann Vitória. Casal cerejeira.
À vista 394.270 ou
24 X 62.984 = 1.511.631
ENTRADA VAI E ATJOV **39.427**
Com Juros e Correção Monetária

Dormitório duplex Miralar MD-1. Cerejeira.
À vista 547.820 ou
24 X 87.498 = 2.099.958
ENTRADA VAI E ATJOV **54.782**
Com Juros e Correção Monetária

Grupo Primavera Holanda. Chenille.
À vista 259.000 ou
24 X 41.375 = 993.006
ENTRADA VAI E ATJOV **25.900**
Com Juros e Correção Monetária

Dormitório duplex Carraro Nápoles. Cerejeira.
À vista 488.000 ou
24 X 77.958 = 1.870.992
ENTRADA VAI E ATJOV **48.800**
Com Juros e Correção Monetária

Grupo Maytê Captoné. Courvin
À vista 277.000 ou
24 X 44.250 = 1.062.018
ENTRADA VAI E ATJOV **27.700**
Com Juros e Correção Monetária

Rio de Janeiro • Porcão Av. Brasil • Santa Cruz • Méier • Copacabana • Leblon • Tijuca • Jacarepaguá • Nilópolis • Volta Redonda • Petrópolis • Nova Iguaçu • Teresópolis • Barra do Piraí • Campos • Macaé • Cabo Frio • Araruama Belo Horizonte • CB Center Santo Agostinho • Floresta • Cidade Jardim • Funcionários. Brasília • Asa Sul • Venâncio 2000 • Asa Norte Edif. Brasília Rádio Center • São Paulo • Guarulhos • Ribeirão Pires.

Aguinaldo Ramos

Os passageiros são observados por 50 câmeras de TV e muitos têm receio de fazer compras na free shop

Alfândega abre jogo e mostra como fiscaliza no aeroporto

O texano embriagado apertou por 23 vezes o botão, para experimentar a sorte, sempre dava luz verde. O passageiro que trazia uma pequena mala com 46 quilos de prata da Itália foi denunciado pela veia que saltava do pescoço. O Secretário da Receita Federal — que açula o **Leão** do Imposto de Renda — quis testar a máquina, ganhou luz vermelha e teve que abrir a mala. É o jogo da sorte na hora da revista no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro.

Neste fim de semana, no Galeão, a Alfândega decidiu abrir o jogo, diante das críticas, e mostrar o que faz para facilitar o desembarque dos passageiros na ala internacional, quando às vezes chegam ao mesmo tempo três aviões do tipo Jumbo, com quase 1 mil pessoas na hora do pique. A máquina é mais para manter a mística da fiscalização e "não há razão para sentimento de culpa", quando a luz vermelha se acende, disse um inspetor.

Rumba e salpicão

Se a Polícia Federal acaba de melhorar seus serviços na área de imigração, se as malas serão ou não vistoriadas, os viajantes mostram-se ainda desinformados na hora da aduana, amedrontados de ultrapassar uma cabina ou mesmo visitar o **duty free shop**, onde se pode comprar até 300 dólares em mercadorias que vão desde vinhos e perfumes a relógios e aparelhos eletrônicos importados.

O turista português não precisava jogar fora o grosso salpicão, cheirando a alho, nem o músico brasileiro se apresentar como se estivesse diante de um tribunal para explicar a origem de seu trombone. Era um profissional, como provou tocando a rumba **Siboney**, e portanto com direito a trazer o pesado instrumento.

Com 36 fiscais e 30 auxiliares, trabalhando em turno de 24 por 72 horas, a Alfândega vistoria em média 3 mil passageiros por dia, mas apenas de 5% a 10% ganham luz vermelha no canal seletor. Se tanto, 3% são convidados a mostrar a sua bagagem. Mas isso não quer dizer que sejam suspeitos. E também não se devem sentir constrangidos diante dos parentes lá fora, que não podem ver a inspeção. Foi para isso que se ergueu no salão uma vegetação, que chamam de **floresta amazônica**, para encobrir a sempre desagradável vistoria.

Mas, para valer, a inspeção é outra ante o crivo observador, por exemplo, do fiscal Anatole, que em 30 anos de serviço sabe quem está tentando passar a qualquer custo. Foi assim que identificou o homem com a mala carregada de prata, avaliada em mais de 25 mil dólares. Ele não carregava o peso como qualquer outra pessoa o faria, mas empurrava com o pé e, depois, a veia do seu pescoço parecia que ia explodir tal era o esforço de botar num carrinho.

Se Anatole é o que se convencionou chamar de **busqueiro** na gíria aduaneira, há ainda os fiscais que identificam uma **andorinha** com a maior rapidez — aquelas pessoas que arrastam um sentimento de culpa por terem sido levadas a trazer qualquer coisa de forma irregular. Há ainda os tipos que se apresentam como representantes de uma alta patente ou aqueles que utilizam em vão o nome do Itamarati para desembaraçar a bagagem de um passageiro qualquer.

A Alfândega está agora adotando uma fiscalização cada vez menos ostensiva, de acordo com as diretrizes da IATA (**International Air Transport Association**). A fiscalização no Galeão não é só a máquina que dá verde ou vermelho. Há as 50 câmaras de circuito interno de TV documentando tudo, como o texano que gritava "**one more green**" diante do seletor ou o lusitano atrapalhado com o seu salpicão. E há ainda o inspetor com o minúsculo aparelho de bolso para determinar que se acenda a luz vermelha no instante que o passageiro suspeito acionar o botão.

CREA faz diretas já após 51 anos

Uma fiscalização maior contra o exercício ilegal da profissão, criação de novas inspetorias no interior e uma caixa de assistência médica, jurídica e financeira. Esses são alguns ítens da plataforma do candidato à presidência do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia, Abílio Borges, que aplaudiu a decisão do órgão de convocar, pela primeira vez, em 51 anos, eleições diretas para a presidência do CREA.

Para um mandato de três anos, a presidência do Conselho será escolhida entre os dias 27, 28 e 29 deste mês pelos cerca de 90 mil profissionais filiados em todo o Estado. Além de Abílio Borges, também estão concorrendo ao cargo o atual presidente do CREA, Darcy Aleixo, o vice-presidente Arciley Alves Pinheiro — apoiado pela diretoria do Sindicato dos Engenheiros — e Cláudio Ivanov.

INTERVENÇÃO

Nessa segunda-feira, o engenheiro Abílio Borges vai pedir, junto à Delegacia Regional do Trabalho, a intervenção no Sindicato da categoria, já que "o órgão desrespeitou o Código de Ética Profissional, boicotando três concorrentes à eleição para escolha do presidente do CREA. Para beneficiar o candidato Arciley Alves Pinheiro, transformaram o sindicato num comitê eleitoral".

Contando com o apoio de um grande número de associados do Clube de Engenharia, de liderança sindicais, de prefeituras do interior, do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil e do conselheiro do Sindicato da Indústria da Construção Civil, Leopoldo Bittencourt, o candidato Abílio Borges promete uma fiscalização rigorosa contra o exercício ilegal da profissão. O que, afirma, deverá representar um aumento de vagas para os profissionais no mercado de trabalho. Ele também quer que todos os projetos de obras, em todo o Estado, recebam o aval do Conselho Regional, para garantir acompanhamento da obra e remuneração adequada ao profissional. Citando a Ordem dos Advogados do Brasil como exemplo, com grande representatividade na vida do Estado. Abílio Borges diz que quer transformar o CREA num órgão atuante e respeitado.

Câmara não quer leilão de carta

Para impedir o leilão da carta de D. Pedro I — na qual abdica do trono do Brasil e constitui José Bonifácio de Andrada e Silva regente do Império e tutor de seus filhos — a Câmara Municipal do Rio de Janeiro pediu a intervenção, em caráter urgente, do Secretario de Cultura do MEC, Marcos Vilaça, e da diretora do Arquivo Nacional, Celina Moreira Franco. O leilão da carta está marcado para amanhã, às 21h, no Palácio dos Leilões.

Em nota encaminhada às duas autoridades, a Câmara Municipal frisa que, pelo Código Civil, documentos como a carta de D. Pedro I são bens vedados à alienação. Lembra ainda a nota da Câmara Municipal que a Secretaria de Cultura e o Arquivo Nacional podem, através de medida cautelar junto à Justiça do Estado, "impedir que um documento pertencente à coletividade nacional seja exposto à venda em licitação pública e corra o risco de desaparecimento, se for admitido que algum particular o compre".

Preço e decepções fazem alunos largar faculdades

Leonor estudou Comunicação Social por ano e meio e trancou a matrícula; Carmen Lúcia e André Luís passaram no vestibular, conseguiram uma vaga mas nem ao menos fizeram suas matrículas, pois suas famílias não tinham como pagar as mensalidades de faculdades particulares; já Mário Jorge abandonou o curso de Engenharia depois de um semestre de aulas, decepcionado com a faculdade e os professores.

Eles fazem parte de um restrito e invejado grupo de estudantes que, a cada ano, consegue passar no vestibular. Mas, ao abandonar seus estudos ou não chegar a começá-los e se inscrever para um novo vestibular — o de 85 — Leonor, Carmen Lúcia, André Luís e Mário Jorge estão engrossando um outro grupo, responsável, nos últimos vestibulares unificados, pela terça parte dos inscritos: o dos que ou se decepcionam com a faculdade, ou mudam de idéia quanto à carreira, ou não podem pagar uma faculdade particular.

Do jornal ao judô

Leonor Bastos não pensou duas vezes ao escolher a carreira de sua preferência no vestibular unificado de 1982: Comunicação Social. No colégio de 2º grau, ela participava do grupo de teatro e do jornalzinho. Além do mais, tinha uma amiga que fazia o curso e que a incentivou na opção profissional.

Passou, classificando-se para a Universidade Gama Filho. A família achava cara, mas, mesmo assim, ela fez a matrícula e, à busca de uma dedução nas mensalidades, inscreveu-se no concurso de canto para o coral da universidade. Foi uma das selecionadas, o que significou uma bolsa-de-estudos quase que integral.

No primeiro semestre, Leonor decepciounou-se com o curso: em comparação com o que esperava da universidade, era fraco, muito teórico e não tinha uma aula sequer que se relacionasse direta e objetivamente com a carreira escolhida. Leonor começou a aprender judô e, frustrada com um curso e empolgada com outro, resolveu trocar a futura profissão de jornalista pela de professora de Educação Física.

Direito para subir

Quando ainda estava no segundo ano do curso Normal, Carmem Lúcia de Carvalho resolveu fazer vestibular para Comunicação Social só para ver como eram os exames. Não passou e, depois de terminar o curso, fez um ano de preparatório e tentou, no vestibular 84, conseguir uma vaga para o curso de Direito.

Passou para a Universidade Santa Úrsula, mas, como a família não poderia pagar, nem chegou a matricular-se. Este ano, Carmen Lúcia passou em um concurso público para detetive — a profissão do pai — o que a está levando a tentar uma vaga no curso de Direito. A razão da escolha do curso é uma só: facilitar sua ascensão funcional.

— Agora — diz — fico em qualquer faculdade porque, com o trabalho, vou poder eu mesma pagar o curso.

André Luís Azevedo Mangabeira, de 19 anos, tentou seu primeiro vestibular no início deste ano. Escolheu Matemática, com intenção de optar pela modalidade de Informática. Só conseguiu vaga a Universidade Santa Úrsula, que apresentava dois inconvenientes: ser paga e não ter a especialidade pretendida por ele.

A família — o pai é funcionário público e a mãe fotógrafa — queria que ele ficasse na faculdade, mas André decidiu preparar-se durante um ano mais, na tentativa de conseguir uma vaga em universidade pública. Este ano, fez um cursinho de programação, pensando em, ano que vem, começar a trabalhar para, em caso de necessidade, pagar seu curso.

A história de Mário Jorge de Azevedo não é diferente. Em 1982, fez vestibular para Engenharia Civil e passou para a SUAM (Sociedade Universitária Augusto Mota). Apesar de ser paga, Mário começou o curso mas, depois de um semestre, decepcionado com o nível do ensino e com alguns professores, resolveu largar tudo. Um irmão mais velho que já fazia Engenharia na mesma faculdade ainda tentou convencê-lo a ficar: "É assim mesmo", disse. "Depois, você se habitua".

Mas Mário preferiu parar os estudos por uns tempos e foi trabalhar em um banco, à noite. Resolveu tentar o vestibular uma vez mais, trocando a Engenharia Civil pela Eletrônica, devido ao mercado de trabalho. O pai, conta, é dono de uma oficina mecânica e não se importaria em pagar a faculdade do filho. "Mas pagar por um ensino ruim não adianta nada. É melhor nem estudar", ressalta Mário Jorge.

José Roberto Serra

André e Carmen (acima) nem começaram. Leonor e Mário saíram, decepcionados

REGIS FARR

Vice-Ministro de Angola percorre a Jorbra-Diesel

Com uma rede de 30 mil quilômetros de estradas asfaltadas e pouco mais de 3 mil quilômetros de ferrovias o Governo de Angola começa a desenvolver um programa de integração dos transportes visando racionalizar o uso dos meios já existentes, através da construção de pequenos terminais de distribuição de carga. Em visita oficial ao Brasil, o Vice-Ministro dos Transportes, Eduardo Banga, percorreu ontem pela manhã, as instalações da Concessionária Jorbra Diesel, revendedora dos veículos Volvo.

Acompanhado de assessores de seu Governo e de diretores da Volvo Internacional, Eduardo Bonga foi recebido pelo diretor da Jorbra, Edson Sálvio. De acordo com o Vice-Ministro, o objetivo de sua viagem é reforçar a colaboração com a Volvo do Brasil, principalmente no setor de formação profissional de quadros técnicos de manutenção. Cerca de 4 mil veículos Volvo estão circulando atualmente em Angola, sendo 400 ônibus.

O sistema rodoviário, composto basicamente por três vias principais que cortam o país a partir de Luanda, a Capital, é responsável pela maior parte do transporte de cargas em Angola. O diretor-geral de Transportes Rodoviários, Armando Manuel, admite, entretanto, "que a via ferroviária é mais econômica", devendo portanto ser melhor aproveitada. O plano de integração dos meios, em desenvolvimento, prevê o aperfeiçoamento da malha de estradas e ferrovias a fim de criar melhores condições para o escoamento de mercadorias.

A idéia central do plano, segundo o Vice-Ministro, é o transporte de carga por ferrovias com pequenos terminais ao longo do percurso. A partir destes pontos, por rodovias, seria feita a distribuição para as províncias que não são atendidas por trens, racionalizando a operação tanto em questões de tempo quanto no aspecto econômico.

Desde 1976, a Volvo Internacional fornece equipamentos ao Governo de Angola. Dos cerca de 400 ônibus em circulação, 100 são do modelo articulados (do tipo sanfona) que circulam, principalmente, no centro urbano de Luanda.

Ontem, na sala de diretoria da Jorbra Diesel, o Vice-Ministro ouviu uma explanação sobre as atividades da Volvo no Brasil e a sua posição no mercado nacional. Edson Sálvio explicou que, em 1983, a participação da marca no mercado do Estado do Rio era de 24,2%, com 60 unidades vendidas. Este ano, a previsão é de um salto para 35,2%, com a venda de 100 caminhões.

Além do diretor-geral dos Transportes Rodoviários, Armando Manuel, acompanham o Vice-Ministro em sua visita ao Brasil o diretor-geral da Empresa de Transportes Públicos, Simão Manuel; o diretor-geral da Volvo Internacional em Angola, Per Karlberg; a diretora de Comunicação da empresa, Sofia Valente; João Kol, diretor da Abamat (empresa de comércio exterior); Armando Soares, diretor de Exportação da Volvo do Brasil, e Bastos Costa, Chefe de Gabinete de Eduardo Bonga.

Luiz Prado

Eduardo Bonga (C) foi acompanhado por Sálvio (D) e Ermando

Arraial do Cabo discute idéia de passar a sede de município

Seu Sargento, Joaquim de Andrade Macedo, de 60 anos, manteve a rotina: colocou a velha cadeira na calçada em frente à sua casa, no nº 40 da Rua Getúlio Vargas, e ficou "conversando e vendo a vida passar". **Seu Mário**, Mário José de Sousa, de 62 anos, recebia os amigos e fregueses à porta do Restaurante O Cantinho. O tradicional Tupy Esporte Clube, fundado em 1914, estava com as portas fechadas e silencioso.

Mesmo após a aprovação, pela Assembléia Legislativa, do projeto de Resolução 238/84, que determina a realização de um plebiscito para saber se a população do distrito de Arraial do Cabo deseja a emancipação, desmembrando-se do Município de Cabo Frio, a calma rotineira dos cabistas não foi modificada. Com uma única diferença: a festa de Nossa Senhora dos Remédios, no final da semana passada, foi a mais festejada de todas.

Arraial do Cabo/RJ — Gilson Barreto

Seu Sargento vê a vida passar e é favorável à emancipação

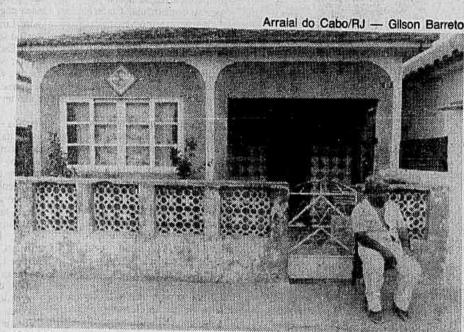
Riqueza e pobreza

Sede da Companhia Nacional de Álcalis, responsável pela verba de Cr$ 350 milhões mensais arrecadada em impostos, o 4º distrito de Cabo Frio tem pouco mais de 30 mil habitantes (15 mil eleitores). São cerca de 150 casas comerciais, três clubes, uma agência bancária, um posto policial, um posto de saúde, um porto administrado pela Portobrás, uma rodoviária, um estádio municipal. Não há cinema porque o único que havia fechou há dois anos.

A maioria dos moradores tem certeza de que, com a emancipação e o conseqüente aproveitamento dos impostos no próprio lugar, Arraial do Cabo se desenvolverá e se tornará um município rico. Presidente da Comissão de Emancipação e candidato à Prefeitura, Walter Soares Cardoso acusa o Prefeito de Cabo Frio, Alair Correa, de não investir no distrito.

— Ele não pode dizer — garante Walter — que Cabo Frio se empobrecerá com a perda dos impostos da Álcalis, é só ele botar para trabalhar os 2 mil funcionários fantasmas da Prefeitura.

Alair Corrêa, em resposta, ri e ironiza: "A Prefeitura só tem 2 mil 400 empregados e não se pode crer que apenas 400 realizem todo o trabalho, não é verdade?" O Prefeito, do PMDB, afirma que, com a concretização da emancipação, a Prefeitura irá dispor de 1 mil funcionários. Sem concordar com a aprovação do projeto — "irresponsabilidade dos deputados" — Alair Corrêa garante que o projeto é contrário aos interesses de Cabo Frio.

Também insatisfeito, Eduardo Cavalcanti, presidente da Associação dos Hoteleiros da Região dos Lagos, concorda com o Prefeito e prevê: "Cabo Frio será transformada em uma aldeia miserável". Alair Correa enfatiza que Cabo Frio não poderá se manter sem os impostos vindos de Arraial do Cabo, que representam 40% da arrecadação. Ele vetou um projeto da Câmara Municipal que criava o distrito de Massambaba, tirando a Alcalis da área de Arraial do Cabo.

— Prefiro tornar Arraial do Cabo um bairro de Cabo Frio, acabando com o 4º distrito — afirma o Prefeito.

Boatos e estórias

Enquanto isso, os cabistas se divertem com os boatos que lançam possíveis candidatos à Prefeitura. Um deles, o Vereador Renato Viana, se precipitou e renunciou à Presidência da Câmara Municipal de Cabo Frio e já iniciou sua campanha eleitoral. Outro **prefeitável** é o ex-Prefeito José Bonifácio Novelino.

Já **Seu** Mário prefere lembrar dos tempos em que viajava em lombo de burro para vender laranjas e bananas. Depois virou pescador e os peixes, que enfeitam em quadros e fotografias as paredes do restaurante, são o prato forte da casa. Seu Mário é favorável à emancipação e acredita que sua opinião será confirmada por todos os demais cabistas quando o plebiscito se realizar, em data a ser marcada pelo Tribunal Regional Eleitoral.

Seu Sargento, assim conhecido por ter participado da II Guerra Mundial, assunto preferido das suas conversas, se alegra quando fala da emancipação. Sem camisa, à frente da casa, ele se orgulha do lugar onde nasceu e concorda com a emancipação: "Aqui faltam hospitais, escolas e policiamento. Usando aqui mesmo o dinheiro por nós arrecadado, Arraial ficará uma beleza". E Walter Cardoso entra na conversa: "Não se pode esquecer o posto de saúde, que é bonito por fora, mas lá dentro não tem mercúrio, gaze, nem esparadrapo".

Walter tem consciência de que há necessidade de se explicar aos cabistas que a emancipação ainda é algo distante, apesar de a "primeira batalha", a mais difícil, já ter sido superada. "A idéia emancipalista não é de hoje. Surgiu há 20 anos e, para quem já esperou todo este tempo, mais um ou dois anos é pouco", diz Walter.

E, como se tivesse uma cartada escondida na manga, prevê otimista: "A emancipação pode sair antes do que pensamos".

Índio pataxó leva tiro na cabeça

Salvador — Um novo e grave incidente entre fazendeiros e índios pataxó ha-ha-hae ocorreu, na madrugada de ontem, no município de Pau-Brasil, no Sul. O índio Antônio foi baleado na cabeça, sofrendo lesões cerebrais. O médico Jackson Guimarães, que o operou na clínica AMEC, na cidade de Camaca, disse que só na terça-feira poderá fazer um prognóstico sobre a recuperação ou não do paciente.

O índio ferido foi levado, durante a madrugada, à clínica por funcionários da Funai que souberam informar apenas o seu prenome. Até o final da tarde de ontem, a entidade não havia feito qualquer comunicação às autoridades policiais. O delegado de Pau-Brasil, Aurino Xavier Passinho, que só dispõe de sete homens, não foi à área do incidente, por temer ser recebido a bala por índios ou fazendeiros.

Alguns problemas vêm ocorrendo ultimamente na área de 36 mil hectares disputada por índios, fazendeiros e posseiros e na qual são produzidas 400 mil arrobas de cacau por ano e criadas 100 mil cabeças de gado bovino.

No domingo passado, os pataxó, que ocupam a Fazenda São Lucas por decisão judicial, incendiaram duas casas na vizinha Fazenda Paraíso, de Marcos Vanderlei, segundo denunciaram representantes dos fazendeiros. Também tentaram invadir outra fazenda e retiveram um caminhão carregado de madeira que passava numa estrada próxima.

Rajiv manda reprimir violência após funeral de Indira

Nova Déli — Após ter sido cremado o corpo da Primeira-Ministra Indira Gandhi, em cerimônia imponente presenciada por 1 milhão e meio de pessoas e 94 líderes estrangeiros, o **Premier** indiano Rajiv Gandhi fez um giro pelas áreas de maior violência em Nova Déli e ordenou que se reprimam energicamente os desordeiros. Com o número de mortos variando entre 750 e 1 mil 500 — só na Capital 500 morreram — mais duas brigadas do Exército, carros blindados e reforços policiais foram levados a Nova Déli.

As cinzas de Indira serão lançadas no rio Ganges, como manda a tradição hinduísta. Sob rigorosa segurança, o cortejo fúnebre percorreu aproximadamente 15 quilômetros do museu onde estava sendo velado o corpo até o Bosque da Paz (Shanti Vana), às margens do rio sagrado Jamuna. Não se viam sikhs nas ruas. Indira estava vestida com um sari vermelho e dourado. Rajiv, de branco — a cor de luto segundo os rituais hindus — acendeu a pira, colocando um pedaço de madeira de sândalo ardente na boca de sua mãe.

"Indira é imortal"

O **Premier** Rajiv Gandhi começou a visitar as áreas atingidas por incêndios e saques ontem de manhã e interrompeu o giro só para o funeral. As pessoas nas ruas reclamaram que as forças de segurança não eram suficientes e Rajiv ordenou imediatamente às autoridades de defesa e polícia que atuem com reforços. Aos hindus armados, Rajiv pediu que não fizessem justiça com as próprias mãos. Segundo a agência indiana PTI, a polícia abriu fogo para impedir tumultos em Nova Déli, matando sete pessoas.

O toque de recolher, suspenso para o funeral, foi novamente imposto por tempo indefinido na Capital. A multidão esperada para acompanhar o cortejo fúnebre era de milhões de pessoas, mas se acredita que o receio de distúrbios e a dificuldade de transporte limitaram o número de indianos a 1 milhão 500 mil, segundo estimativa de um alto funcionário da polícia.

Durante o cortejo, ao som da **Marcha Fúnebre**, de Handel, helicópteros vigiavam todos os movimentos, comandos policiais com boinas vermelhas protegiam os líderes estrangeiros e tropas continham a multidão. Um mil 200 membros da força paramilitar encarregada da vigilância da fronteira com o Tibete na China foram mobilizados para reforçar a guarda dos líderes estrangeiros, entre eles a Primeira-Ministra britânica Margareth Thatcher, o **Premier** japonês Yasuhiro Nakasone, o **Premier** soviético Nikolai Tikhonov e o Secretário de Estado americano George Shultz. Mais de 4 mil soldados acompanharam o cortejo. Muitos entoaram: "Indira Gandhi **amar rahe**" ("Indira é imortal").

A marcha começou às 12h30min (hora local), quando o corpo de Indira, coberto de pétalas de rosa e da bandeira indiana, foi colocado numa carreta após ter ficado dois dias exposto em câmara ardente na ex-casa do pai da Primeira-Ministra, Nehru. O cortejo passou pelo magnífico **Rajpath** ("caminho do rei") e, ao se aproximar do local onde o corpo seria cremado, a multidão começou a se agitar, levando a polícia a usar cassetetes.

Rajiv caminhou em torno do corpo, em cima de uma plataforma construída na sexta-feira, até completar sete voltas e usou uma tocha para acender a pira. Ficou durante uma hora sobre a plataforma enquanto ardia o fogo alimentado por 500 quilos de madeira de sândalo colocados ao lado do corpo.

Sede de vingança

Nos hospitais de Nova Déli, médicos disseram que, embora a maioria absoluta de mortos seja sikh, entre os feridos 80% são hindus, muitos apresentando cortes feitos por adagas dos sikhs. Num dos hospitais, um médico disse à agência Reuters que "a massa ainda está com sede de vingança embora o chão do hospital esteja coberto de sangue".

Durante o dia de ontem, a violência foi bem menor do que na sexta-feira. Cerca de 30 caminhões e jipes foram queimados numa das explosões de ódio na Capital. Grupos de hindus e sikhs, com adagas e machados, patrulhavam vários bairros. O Ministro de Informações indiano, Bhagat, pediu paz e união e informou que foi formada uma comissão de paz para reconciliar os grupos rivais. Segundo Bhagat, o Governo "reconstruirá as casas incendiadas dos sikhs".

A polícia disse que até agora 5 mil pessoas foram presas e há 4 mil feridos em todo o país. Informou também que pelo menos cinco indianos se suicidaram em pesar pela morte de Indira: quatro se imolaram com fogo e uma mulher de 20 anos se enforcou. Um indiano morreu de choque ao saber do assassínio.

No subúrbio de Hauz Khas, em Nova Déli, os sikhs formaram uma "unidade de autodefesa" armada e começaram a disparar contra hindus que tentavam atacá-los. Em certos subúrbuios, há comissões formadas por hindus, muçulmanos e sikhs, amigos entre si. Pami Singh, um sikh, comentou que as três comunidades convivem em harmonia há 20 anos e que os hindus da área "são os primeiros a condenar a violência" que tomou conta do país e que está provocando escassez de alimentos, elevando vertiginosamente os preços dos produtos de primeira necessidade e dificultando o transporte.

Genocídio dos sikhs

Os cinco altos sacerdotes da seita sikh acusaram, em Amritsar, o Partido do Congresso — da situação — de enviar desordeiros às ruas "numa conspiração bem planejada" para atacar os sikhs e seus santuários. Os sacerdotes fizeram um apelo à Anistia Internacional para pôr fim "ao genocídio dos sikhs na Índia".

Em Londres, o presidente do Governo no exílio do independente Estado do Khalistão — que os sikhs pretendem criar no Punjab, Índia — Jagjit Singh Chauhan disse que Indira mereceu morrer e que seu filho e **Premier** Rajiv terá o mesmo destino se não acabar com o "genocídio dos sikhs" e não pedir desculpas pela invasão do Templo Dourado, ordenada em junho por Indira Gandhi.

Nova Deli/UPI

Rajiv Gandhi (de casquete), com a filha e a mulher, vê o fogo envolvendo o corpo de Indira

"Trens da morte" não correm mais

Nova Déli — Os assassinatos cometidos por bandos de fanáticos, nos trens, obrigaram as autoridades a cancelar todos os serviços ferroviários em Nova Déli, indefinidamente, disseram ontem autoridades do setor. Pelo menos 70 passageiros foram arrastados para fora de vagões e assassinados nos "trens da morte" de sexta-feira para sábado, segundo os jornais indianos.

Manjit Singh, advogado de Patiala, no Estado de Punjab, disse aos jornalistas que ele e sete sikhs de uma cabine, num trem de Bombaim para Nova Déli, foram arrastados para fora e espancados por multidões armadas com pedaços de ferro e de pau.

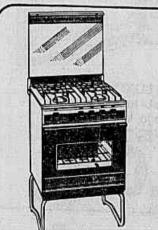
— Cinco morreram, eu e um outro sobrevivemos e fomos levados para um hospital e depois para a estação de Nova Déli — disse ele.

Singh disse que os sikhs em seu trem haviam trancado todas as portas e janelas para impedir um ataque, mas outras pessoas abriram as portas para a multidão entrar. O único sikh que escapou ileso se trancara no toalete, acrescentou.

Ele era um dos mais de 1 mil sikhs, a maioria provinha de Punjab, retidos ontem na estação ferroviária. Não há trens para eles retornarem ao seu Estado, e eles disseram que não ousam deixar a estação, apesar da maciça presença de policiais paramilitares.

Os sikhs, entre os quais há mulheres e crianças, disseram que estão vivendo de chá e água, porque a lanchonete da estação foi fechada.

Para os indianos, essas cenas lembram terrivelmente os trens da morte que corriam por Punjab após a partilha da Índia em 1947, quando dezenas de milhares de muçulmanos, hindus e sikhs se massacraram uns aos outros em meses de atrocidades.

AJOY SEN
Reuters

Especialistas duvidam das chances do novo "Premier"

Londres — Poucas devem ser as heranças mais difíceis que a carga deixada por Indira Gandhi ao seu filho Rajiv. O ex-piloto comercial pegou um país dividido por profundos problemas étnicos e regionais, às voltas com pobreza, crise econômica e corrupção. O pior é que o próprio Rajiv, recém-eleito Primeiro-Ministro, só a contragosto entrou na política. Há pessimismo quanto ao seu futuro.

Em primeiro lugar, nenhum dos especialistas em problemas asiáticos acredita que a dinastia dos Nehru possa funcionar pela terceira vez. Já foi considerado um milagre o fato de que Indira, menos de dois anos após a morte de seu pai, tenha sido capaz de assegurar a liderança do partido e assumir o Governo, fazendo com que a imagem do **velho** fosse até mesmo esquecida. Indira, argumenta-se, tinha uma rara combinação de características: obstinação, inteligência, instinto político e, além disso, experiência acumulada na época em que acompanhava o pai por todas as partes. Rajiv, o príncipe herdeiro de má vontade, por enquanto é apenas afável, tímido e simpático.

Direitos civis

— Indira é a Índia, e a Índia é Indira — gritavam os simpatizantes da **Premier** nos três anos em que ela suspendeu os direitos civis, meteu a oposição na cadeia e censurou os jornais, nos anos 70. Nos 16 anos em que governou o país, Indira teve considerável sucesso principalmente no campo da política externa. Comentaristas categorizados, ativos na imprensa inglesa, acham que foi esse um dos principais fatores a explicar o grau de unidade nacional que Indira conseguiu manter num país de 730 milhões de habitantes, com dezenas de idiomas, etnias e formações sócio-culturais.

1980/UPI

Sanjay Gandhi

Em segundo lugar, Rajiv herda um país consideravelmente diferente da Índia que sua mãe assumiu há quase dois decênios — e nem sempre para melhor. Indira parece ter subestimado inexplicavelmente o potencial explosivo dos problemas separatistas e das minorias étnicas. A **Premier** vem sendo acusada há anos de centralizar o poder, ignorando peculiaridades regionais.

Há diversos casos de governadores ou de políticos de prestígio que foram afastados por Indira devido a divergências sobre a economia ou simplesmente pelo fato de serem rivais em potencial. Apesar de tudo o que se conhece sobre a Revolução Verde, a Índia continua sendo um dos países mais pobres da Terra. Se índices como o de rendimento **per capita** servem para comparar alguma coisa, então a Índia está bem embaixo da tabela, com 230 dólares por habitante.

Três facções

Do ponto de vista político, Indira não teve tempo para preparar nenhum sucessor para seu filho mais novo, Sanjai, acidentado com um avião, e acabou deixando seu partido em estado lamentável. O Partido do Congresso está hoje dividido em pelo menos três facções, e a autoridade de Indira já estava sendo contestada internamente; e o novo partido lançado na semana passada por Charan Singh, Presidente da República, ameaçava tomar de Indira também o tradicional eleitorado hindu no nordeste do país. Uma série de pequenas organizações locais e regionais substitui gradativamente o significado nacional do Partido do Congresso, a ponto de seus principais líderes dizerem que estariam satisfeitos com 30% dos votos na eleição marcada para janeiro.

Este é o primeiro de uma série de dilemas que o ex-piloto de jumbo Rajiv terá de enfrentar. Ele pode convocar eleição contando ainda com o "efeito compaixão" decorrente do assassínio da mãe, embora o pouco tempo que resta até lá não seja suficiente para firmar sua imagem.

Até mesmo em seu distrito eleitoral ele tem concorrência forte: justamente a viúva de seu falecido irmão mais novo. Os primeiros pronunciamentos de políticos importantes na Índia mostram que o partido de Indira está agora indeciso quanto à melhor tática.

Hindus x Sikhs

Outro dilema de Rajiv é o explosivo confronto entre a população hindu e a minoria étnica sikh, cujos 14 milhões de integrantes representam apenas 2% do total da Índia. Nem se trata de apresentar alternativas a prazo longo, uma das lacunas mais graves na obra política de Indira. Os motins dentro das Forças Armadas após a ordem de invasão do Templo Dourado dos sikhs, em Punjab, além do assassínio em si, mostram que o Alto Comando do Exército está no mínimo inseguro quanto à lealdade dos integrantes de minorias étnicas e religiosas. Nos últimos anos do Exército foi para a rua na Índia pelo menos 25 vezes para controlar distúrbios sociais. É difícil que Forças Armadas divididas internamente possam representar o mesmo papel como fator de garantia da ordem.

Além da difícil relação com os 22 Estados da Índia, que sentem sua autonomia constitucional ameaçada pela centralização executada por Indira, Rajiv terá pela frente uma reforma econômica projetada e mal executada. Indira está empenhada em conseguir atrair mais investimentos estrangeiros e em melhorar o desempenho da própria indústria, mas estava sufocada por uma tradicional máquina burocrática. Esse tipo de tarefa exige experiência e habilidades que Rajiv até agora não tem. Em parte, suas dificuldades resultam de um fato apontado com unanimidade por todos os analistas: a Índia é uma democracia do século 18, com facções em vez de partidos, e alianças vacilantes em vez de ideologia.

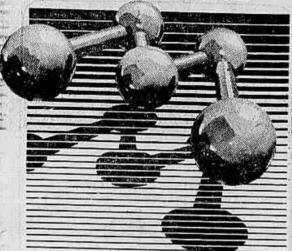
Na política externa, Rajiv herda a obra mais importante. Esse é um setor onde Indira imprimiu sua marca pessoal, impondo sua ambição de transformar a Índia numa potência regional eqüidistante dos países hegemônicos. Essa conduta tem tradição que vai até os anos iniciais da independência do país. O comprometimento com o movimento não alinhado, vai mais além do que simples fraseologia: o potencial nuclear da Índia, as guerras que moveu contra seus vizinhos, não podem ser reduzidas meramente a uma questão de personalidade.

— Apesar de profecias em contrário, a Índia manteve com êxito uma política externa independente. Seu tamanho e localização a obrigam manter todas as suas opções abertas. E o movimento não alinhado, do qual o país é um dos principais porta-vozes, fornece um corretivo à arrogância e falta de sensibilidade dos Reagan, Thatcher e economistas do FMI — disse Swapan Dasgupta, um dos diretores do Instituto de Política Indiana no Nuffiel College, em Oxford.

WILLIAM WAACK
Correspondente

Nicarágua culpa EUA por crise econômica e faz eleição

UPI

Milicianos sandinistas são treinados para combate enquanto a vida parece normal nas ruas e as crianças convivem com soldados

Manágua — As dificuldades econômicas da Nicarágua continuam a agravar-se e os líderes do país estão prevendo que os racionamentos e outros problemas prosseguirão ainda por vários anos. Em meio à crise, os sandinistas fazem hoje sua primeira eleição desde que derrubaram o ditador Somoza em 79.

Os sandinistas afirmam que os Estados Unidos desempenharam um papel fundamental na criação das dificuldades econômicas, cortando a ajuda estrangeira, restringindo a importação de produtos da Nicarágua e impedindo que o país obtenha empréstimos em agências internacionais de financiamento.

Outras opiniões

Homens de negócios que se opõem ao Governo, por sua vez, atribuem os problemas à política sandinista de restrições ao setor privado. Em sua opinião, como sua margem de lucro passou a ser limitada, eles não se sentem incentivados a produzir.

Para diplomatas acreditados em Manágua, outros importantes fatores que contribuem para a profunda recessão no país são o alto custo do esforço de guerra e o decrescente número de países que ainda ajudam os sandinistas com moeda forte.

— Nós não queremos dizer que todos os nossos problemas sociais e econômicos são causados pela agressão do imperialismo americano, mas sim que a agressão os agrava — declarou Carlos Nuñez, um dos nove comandantes sandinistas que governam a Nicarágua.

Problemas agudos

Os consumidores se queixam do racionamento crônico, especialmente de produtos fabricados com matérias-primas importadas. Motoristas de táxi e de caminhão têm dificuldades para encontrar peças de reposição, os serviços telefônicos se deterioram e o abastecimento de remédios é escasso.

Mais da metade dos caminhões usados no transporte de alimentos na província de Matagalpa está parada à margem das rodovias por falta de pneus, segundo Edmundo Vado, responsável do Governo pelos transportes na região. E a metade dos tratores na área de plantação de arroz de Malacatoya está parada por falta de peças.

Um líder trabalhista sandinista, Ruben Ulloa, advertiu para o fato de várias fábricas em Manágua estarem ameaçadas de fechar as portas por falta de recursos em moeda forte para a compra de matérias-primas importadas.

O Governo Reagan suspendeu a ajuda à Nicarágua em 1981 e, ao mesmo tempo, negou-se a entregar 9 milhões 800 mil dólares de crédito a alimentos, que seriam empregados na compra de trigo. Posteriormente, os Estados Unidos cortaram a quota de açúcar nicaragüense que era comprado a preço subsidiado em até 90%.

Segundo diplomatas ocidentais, outras medidas do gênero foram sugeridas ao Presidente Reagan por alguns funcionários americanos, como William Casey, diretor da CIA, mas foram bloqueadas por outros funcionários, como o Secretário do Comércio Malcolm Baldrige, que lembraram que isso seria uma violação dos compromissos americanos em relação ao acordo sobre comércio e tarifas e outros acordos internacionais.

Perspectiva sombria

As perspectivas de ajuda externa não são brilhantes. A Alemanha Ocidental praticamente suspendeu o auxílio direto à Nicarágua este ano e a Holanda está a caminho de fazer o mesmo. Os dois países são aliados dos Estados Unidos na OTAN e seus governos criticam os sandinistas.

Esses cortes deixaram a Suécia e a Espanha como únicos países da Europa Ocidental a manterem programas substanciais de ajuda. Outros projetos são patrocinados pelo bloco socialista ou outros países, mas eles não fornecem a moeda forte necessária.

Sérgio Ramírez Machado, integrante da Junta de Governo, disse que a Nicarágua quer pagar suas contas externas, mas que as verbas militares continuam prioritárias, levando 25% do Orçamento, número que diplomatas ocidentais acreditam ser maior.

STEPHEN KINZER
The New York Times

Buenos Aires, 1973/UPI

Perón (direita) fala aos argentinos, tendo ao lado a mulher, Isabelita

Peronistas buscam líder e tema para recompor fileiras

Buenos Aires — Um ano após perder uma eleição pela primeira vez em sua história, os outrora poderosos peronistas argentinos buscam um líder e um tema político que restaurem a unidade e a esperança de suas despedaçadas fileiras. A crise do partido foi evidenciada esta semana, no 39º aniversário do acontecimento que lhe deu origem, quando líderes peronistas adversários realizaram comícios separados em três diferentes locais de Buenos Aires, com palavras duras dirigidas uns aos outros.

Maria Estela Martínez de Perón, a líder ausente do partido, passou o dia mais importante do calendário peronista a milhares de quilômetros, na Espanha, onde se mantém sem contato com as fileiras peronistas há quase cinco meses. Numa manifestação da juventude peronista, um dos refrões favoritos foi: "A juventude peronista não quer nem vê-la".

Crise de identidade

A 17 de outubro de 1945, uma manifestação espontânea de milhares de operários conseguiu a libertação do então Coronel Juan Domingo Perón, que, sem seguida, ganhou três eleições presidenciais como chefe do partido peronista. Perón morreu em 1974, e Maria Estela, ex-dançarina de cabaré a quem ele tornara sua terceira esposa, durante os 18 anos de exílio que passara na Espanha, assumiu como Presidenta da Argentina e líder do partido.

A ex-Vice-Presidente, conhecida de seus camaradas peronistas como Isabelita, foi derrubada a 24 de março de 1976, num golpe militar. "Estamos sofrendo de uma crise de liderança desde a morte do General Perón", disse Vicente Saadi, líder do bloco peronista no Senado, numa carta aberta aos **compañeros** do partido. "Não seria difícil resolver a crise de liderança apenas, mas ela é também confusamente complicada por uma crise de identidade política".

Por toda a sua história, o partido peronista, cujos membros eram da extrema esquerda à extrema direita, manteve-se unido graças à força do encanto e da invencibilidade de Perón.

Escaramuça

Em outubro do ano passado, Raúl Alfonsín, do Partido Radical, um partido de classe média que fora um tradicional concorrente em eleições livres, venceu o candidato peronista numa eleição que pôs fim a oito anos de Governo militar. A derrota desencadeou uma escaramuça, com os líderes peronistas culpando-se uns aos outros e exigindo que seus rivais no partido renunciassem. Um ano depois, houve pouca mudança, e os líderes peronistas admitem que o futuro do partido está em perigo.

— A verdade é que os peronistas dizem que perdemos um ano — disse o líder peronista Antonio Cafiero, sobre o fato de o partido não encontrar uma nova liderança. — E quanto mais tempo o peronismo perder, para enfrentar esse problema, pior será quando tiver de concorrer nas novas eleições.

Políticos direitistas permaneceram esperançosos nos bastidores, observando a luta intestina e prevendo a iminente desintegração do partido. Jorge Aguado, vice-presidente da União Centro-Democrátiva (UCD), disse recentemente que parte da crise de identidade peronista se deve às políticas adotadas pelo Governo de Alfonsín, perpetuando a economia controlada pelo Estado estabelecida por Perón.

Verdadeira opção

Aguado disse que, na próxima eleição presidencial, em 1989, a verdadeira opção será oferecida por partidos que proponham políticas econômicas conservadoras, de livre mercado. Um indício da crescente separação dos dois partidos tradicionalmente dominantes foi dado na recente vitória de forças independentes nas eleições universitárias, ele disse.

Mas a pergunta que os argentinos se fazem freqüentemente é se Alfonsín conseguirá ou não permanecer no poder até a eleição de 1989, e se o partido peronista preparará o palco para mais um golpe militar. Os sindicatos predominantemente peronistas já encenaram uma greve nacional contra Alfonsín, e se espera mais agitação operária enquanto o Governo combate a inflação de 687%.

Saúl Ubaldini, um líder trabalhista que foi o único orador num comício a 17 de outubro, convocado pela liderança peronista, disse que os peronistas "jamais baterão às portas dos quartéis" para convidar as Forças Armadas a derrubar Alfonsín do poder. Mas ele também disse a uma multidão de 27 mil pessoas, reunidas num estádio de futebol, que não entendia "como é possível a democracia com a fome e sem justiça social".

Relíquia do passado

Em maio, Isabelita Perón voltou brevemente à Argentina para assinar um pacto social com Alfonsín, liberando-o temporariamente para negociar um programa de austeridade econômica com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e efetuar negociações difíceis sobre disputas territoriais com o Chile e a Grã-Bretanha.

Outros líderes peronistas, no entanto, criticaram acerbamente o pacto e advertiram que Isabelita não era mais que uma relíquia do passado, uma parte do folclore peronista. Minutos antes de Isabelita voar de volta ao seu exílio voluntário na Espanha, após assinar o acordo, encontrou-se e desarmou-se uma bomba em seu avião. Ela trocou de vôo e desde então não deu sinais de querer voltar.

JOHN REICHERTZ
Reuters

Israel reduz aumento de salários e congela preços

Jerusalém — O Governo israelense iniciou um acordo de três meses, com representantes da confederação sindical Histadrut e as principais indústrias, que pode ajudar a reduzir sensivelmente a taxa de inflação do país, de 800%. O acerto envolve um complicado pacote de acordos entre o Governo, os trabalhadores e os industriais para reduzir os aumentos mensais dos salários e congelar os preços de novembro a fevereiro.

O acordo experimental, comunicado pela Rádio Israel no fim da tarde de sexta-feira, ainda precisa ser ratificado pelo Gabinete, e também pelos comitês executivos da Histadrut e da associação dos empresários. As três partes haviam marcado reuniões de emergência para ontem à noite, a fim de votar o acordo. Até então, não se revelariam os detalhes completos.

ATRASADO

O acordo comunicado já chega atrasado. Quinta-feira, o Banco de Israel anunciou uma queda de 94 milhões de dólares na reserva de divisas estrangeiras em outubro, reduzindo-as a apenas 1 bilhão 990 milhões de dólares — muito abaixo dos 3 bilhões de dólares que as autoridades israelenses achavam ser o mínimo para cobrir as importações.

As informações sobre a taxa de inflação em Israel são incertas. Há pouco tempo, dizia-se que estava na casa dos 400%, e que nesse ritmo terminaria sendo de 800% ao ano. Agora, já é este o número apresentado como definitivo.

Os economistas israelenses observam que, a longo prazo, o acordo pode ter uma importante influência para quebrar a expectativa inflacionária do público, para o qual os preços constantemente crescentes já se tornaram um estilo de vida nos últimos sete anos. Contudo, para que o acordo tenha algum efeito duradouro, terá de ser acompanhado por profundos cortes nas despesas do Governo.

THOMAS FRIEDMAN
The New York Times

Varsóvia/UPI

Lech Walesa (centro) acompanha o esquife coberto de flores de Jerzy Popieluszko

Governo do Líbano fecha portos ilegais

Beirute — O Governo libanês afirmou ontem sua autoridade fechando portos ilegais que vinham esgotando seus cofres, mas deparou-se com dificuldades quanto às negociações para uma retirada israelense do sul do país. O **Premier** Rashid Karami disse esperar que seu Gabinete se reunisse a tempo para indicar uma equipe de negociadores e evitar qualquer demora nas conversações com os israelenses, que devem começar amanhã.

Citando dificuldades para quatro membros de seu Gabinete, de nove membros, deixarem agora o país, Karami disse que não podia afastar a possibilidade de as conversações terem de ser adiadas. Diplomatas ocidentais esperam que as conversações, no quartel-general da força interina da ONU no Líbano, na cidade fronteiriça de Naqoura, sejam longas e difíceis.

Multidão de 250 mil vê padre ser enterrado

Varsóvia — Num clima de forte emoção, cerca de 250 mil pessoas, vindas de todas as partes da Polônia, assistiram ontem de manhã ao funeral do padre Jerzy Popieluszko, assassinado por oficiais conspiradores da polícia política.

Com voz trêmula, à beira das lágrimas, o Cardeal Primaz Josef Glemp fez um comovido apelo à multidão, envolvida em fria neblina, em favor da "reconciliação nacional". Lech Walesa, líder do banido Sindicato Solidariedade, juntou sua voz à do Cardeal, ao apelar à massa para que evitasse a violência.

Depois do enterro, 10 mil adeptos do Solidariedade fizeram uma passeata pelas ruas de Varsóvia, carregando bandeiras da proscrita organização, gritando palavras de ordem e convidando os transeuntes para que se juntassem a eles. Embora as autoridades tivessem posto na rua a polícia antimotim, com canhões d'água, ela não foi usada.

Falando da sacada da Igreja de São Estanislau, onde Popieluszko foi sepultado, o Cardeal Glemp disse que espera que o "martírio" do padre ponha fim ao assassínio político na Polônia. Ele concelebrou a missa com mais de 100 bispos e padres. Numa observação que pareceu dirigida ao Chefe do Governo, General Wojciech Jaruzelski, Glemp disse:

— Ao invés de nos reunirmos em torno de um esquife, vamos nos encontrar numa mesa de negociações. A Igreja deseja isso há muito tempo.

Falando à multidão que se estendia num raio de 1 quilômetro em torno da igreja, Lech Walesa disse:

— O padre Jerzy foi vítima da violência e do ódio, que ele sempre combateu com o amor. Prometemos que nunca esqueceremos sua morte.

Gritos responderam em coro:

— Nós prometemos.

A necropsia comprovou que Popieluszko foi mesmo assassinado mas as autoridades ainda não revelaram como. Isso reforça o rumor de que o padre, seqüestrado de seu carro numa estrada, levou um tiro, antes de ser atirado num reservatório d'água.

China acaba monopólio aéreo e cria empresas para competir entre si

Pequim — O monopólio aéreo nacional da China, CAAC, será dividido em companhias separadas e concorrentes, disse ontem o diretor de linhas aéreas, Shen Tu. A CAAC será dividida em empresas, com bases em Pequim, Xangai e Cantão, a partir da primeira metade do próximo ano.

A Air China, baseada em Pequim, será a primeira empresa aérea internacional. Mas a China Eastern Airways e a China Southern Airways, com base em Xangai e Cantão, respectivamente, deverão terminar sendo linhas internacionais também.

Pressão crescente

A China Southwestern Airways, em Chengdu, e a Companhia de Helicópteros da capital também serão estabelecidas, juntamente com outras empresas aéreas menores, regionais. Fontes das indústrias estrangeiras disseram que tem havido pressão crescente de alguns centros do CAAC para que lhes dêem autonomia, e aeroportos como o de Cantão já vinham operando linhas aéreas praticamente independentes.

Shen disse que os seis escritórios existentes do CAAC em Pequim, Xangai, Cantão, Chengdu, Xian e Shenyang continuarão sendo responsáveis pelo controle do tráfego aéreo e coordenação de vôo.

Ogarkov reaparece escrevendo

Moscou — Com um artigo em que elogia Stálin por haver dirigido"com firmeza e habilidade" o Exército Vermelho durante a II Guerra Mundial, o Marechal Nicolai Ogarkov reapareceu publicamente nas páginas da revista mensal das Forças Armadas, apenas dois meses depois de sua espetacular reforma.

O artigo, assinado Marechal Nicolai Ogarkov, Marechal da URSS, e sem declaração do cargo que ele ocupa, foi entregue para publicação no dia 3 de outubro, um mês depois de sua abrupta destituição do cargo de Vice-Ministro da Defesa e Chefe do Estado-Maior.

Para os ocidentais, a primeira oportunidade de situar Ogarkov na hierarquia soviética será durante o tradicional desfile de 7 de novembro, na Praça Vermelha, em Moscou.

Papa reza por morto político

Milão, Itália — O Papa João Paulo II celebrou ontem o Dia de Todos os Santos com orações pelas vítimas da violência política na Índia, no Chile e na sua Polônia natal.

O Pontífice realiza uma peregrinação de três dias pelo Norte da Itália, percorrendo o caminho de São Carlos Borromeo — santo de que é devoto, um reformador da Igreja que morreu há 400 anos.

Na Universidade de Pavia, o Papa disse à comunidade acadêmica que não pode haver futuro para as realizações científicas que forem divorciadas da fé religiosa.

— Este encontro entre fé e cultura é necessário, de modo que o homem possa ser arrancado da ideologia do consumismo, que o aliena, mortificando a criatividade de seu pensamento e de sua ação — afirmou.

França já tem TV particular

Paris — Entra no ar hoje o Canal Plus, emissora particular, por cabo, que praticamente põe fim ao monopólio estatal da televisão na França. Quarta cadeia de TV no país, vai oferecer a seus assinantes, segundo os diretores, um "consumo" diferente do veículo, ao preço de 120 francos (cerca de 34 mil cruzeiros) por mês, por um prazo mínimo de seis meses.

Golpistas podem pegar 100 anos

Miami — Três dos principais acusados de participar de uma conspiração para matar o Presidente de Honduras, Roberto Suazo Cordova, detidos anteontem em Miami, podem ser condenados a mais de um século de prisão cada um e a 165 mil dólares de multa. São eles os hondurenhos Gerard Latchinian e J. Sakkafi e o ex-exilado cubano Manuel Binker, também acusados de tráfico de drogas. Outros cinco envolvidos estão presos.

Honduras e Estados Unidos pedirão a extradição do General hondurenho José Bueno Rosa, que chefiava a conspiração para matar Cordova. O General, que era adido militar de seu país no Chile, depois de se haver refugiado na Embaixada do Paraguai em Santiago, se entregou à polícia chilena.

Israel reduz aumento de salários e congela preços

Jerusalém — O Governo israelense iniciou um acordo de três meses, com representantes da confederação sindical Histadrut e as principais indústrias, que pode ajudar a reduzir sensivelmente a taxa de inflação do país, de 800%. O acerto envolve um complicado pacote de acordos entre o Governo, os trabalhadores e os industriais para reduzir os aumentos mensais dos salários e congelar os preços de novembro a fevereiro.

O acordo experimental, comunicado pela Rádio Israel no fim da tarde de sexta-feira, ainda precisa ser ratificado pelo Gabinete, e também pelos comitês executivos da Histadrut e da associação dos empresários. As três partes haviam marcado reuniões de emergência para ontem à noite, a fim de votar o acordo. Até então, não se revelariam os detalhes completos.

ATRASADO

O acordo comunicado já chega atrasado. Quinta-feira, o Banco de Israel anunciou uma queda de 94 milhões de dólares na reserva de divisas estrangeiras em outubro, reduzindo-as a apenas 1 bilhão 990 milhões de dólares — muito abaixo dos 3 bilhões de dólares que as autoridades israelenses achavam ser o mínimo para cobrir as importações.

As informações sobre a taxa de inflação em Israel são incertas. Há pouco tempo, dizia-se que estava na casa dos 400%, e que nesse ritmo terminaria sendo de 800% ao ano. Agora, já é este o número apresentado como definitivo.

Os economistas israelenses observam que, a longo prazo, o acordo pode ter uma importante influência para quebrar a expectativa inflacionária do público, para o qual os preços constantemente crescentes já se tornaram um estilo de vida nos últimos sete anos. Contudo, para que o acordo tenha algum efeito duradouro, terá de ser acompanhado por profundos cortes nas despesas do Governo.

THOMAS FRIEDMAN
The New York Times

Venezuela vai proibir a TFP

Caracas — O Ministro da Justiça, José Manzo González, previu a proibição das atividades da TFP — Tradição, Família e Propriedade, na Venezuela, considerando-a "um grupo de extrema direita de caráter fascista". Disse que a TFP opera "à margem da lei", manipulando cerca de 130 mil dólares por mês, "sob o pretexto de atuar em defesa dos valores da sociedade e contra o comunismo", como indicaram investigações. Na semana passada, a Câmara dos Deputados venezuelana criou comissão para estudar as atividades da TFP, com base em denúncias de que a organização — criada no Brasil por Plínio de Oliveira — viola a Constituição.

Reagan diz que não eleva taxas

Little Rock, Arkansas — O Presidente Ronald Reagan disse num comício nesta cidade, entre aclamações de entusiasmo, que para haver um aumento de impostos nos Estados Unidos terão "de passar por cima do meu cadáver". O candidato democrata, Walter Mondale, tem dito que teria de aumentar os impostos para conter os grandes déficits governamentais e que Reagan tem um plano secreto para fazer o mesmo. Em entrevista publicada pelo jornal **La Repubblica**, de Roma, Reagan disse que a maior preocupação de seu Governo são as relações com Moscou e a eliminação das armas nucleares.

Chile prende 300 por terror

Santiago — Mais de 300 homens com idade acima de 15 anos foram detidos nas buscas que policiais e soldados estão realizando desde a explosão da bomba que matou quatro carabineiros e feriu 12, em Valparaíso, sexta-feira, informou a UPI. Pelo menos um dos detidos já estaria sendo considerado suspeito de participação no atentado, o mais grave nos 11 anos de regime militar no Chile. Segundo um jornal de Santiago, o Governo confinou mais 115 pessoas das centenas detidas nos bairros pobres da periferia de Santiago, no final de semana passado. Isso elevaria a 298 o total de confinados na aldeia pesqueira de Pisagua, ao Norte do país.

Varsóvia/UPI

Lech Walesa (centro) acompanha o esquife coberto de flores de Jerzy Popieluszko

Governo do Líbano fecha portos ilegais

Beirute — O Governo libanês afirmou ontem sua autoridade fechando portos ilegais que vinham esgotando seus cofres, mas deparou-se com dificuldades quanto às negociações para uma retirada israelense do sul do país. O **Premier** Rashid Karami disse esperar que seu Gabinete se reunisse a tempo para indicar uma equipe de negociadores e evitar qualquer demora nas conversações com os israelenses, que devem começar amanhã.

Citando dificuldades para quatro membros de seu Gabinete, de nove membros, deixarem agora o país, Karami disse que não podia afastar a possibilidade de as conversações terem de ser adiadas. Diplomatas ocidentais esperam que as conversações, no quartel-general da força interina da ONU no Líbano, na cidade fronteiriça de Naqoura, sejam longas e difíceis.

Multidão de 250 mil vê padre ser enterrado

Varsóvia — Num clima de forte emoção, cerca de 250 mil pessoas, vindas de todas as partes da Polônia, assistiram ontem de manhã ao funeral do padre Jerzy Popieluszko, assassinado por oficiais conspiradores da polícia política.

Com voz trêmula, à beira das lágrimas, o Cardeal Primaz Josef Glemp fez um comovido apelo à multidão, envolvida em fria neblina, em favor da "reconciliação nacional". Lech Walesa, líder do banido Sindicato Solidariedade, juntou sua voz à do Cardeal, ao apelar à massa para que evitasse a violência.

Depois do enterro, 10 mil adeptos do Solidariedade fizeram uma passeata pelas ruas de Varsóvia, carregando bandeiras da proscrita organização, gritando palavras de ordem e convidando os transeuntes para que se juntassem a eles. Embora as autoridades tivessem posto na rua a polícia antimotim, com canhões d'água, ela não foi usada.

Falando da sacada da Igreja de São Estanislau, onde Popieluszko foi sepultado, o Cardeal Glemp disse que espera que o "martírio" do padre ponha fim ao assassínio político na Polônia. Ele concelebrou a missa com mais de 100 bispos e padres. Numa observação que pareceu dirigida ao Chefe do Governo, General Wojciech Jaruzelski, Glemp disse:

— Ao invés de nos reunirmos em torno de um esquife, vamos nos encontrar numa mesa de negociações. A Igreja deseja isso há muito tempo.

Falando à multidão que se estendia num raio de 1 quilômetro em torno da igreja, Lech Walesa disse:

— O padre Jerzy foi vítima da violência e do ódio, que ele sempre combateu com o amor. Prometemos que nunca esqueceremos sua morte.

Gritos responderam em coro:

— Nós prometemos.

A necropsia comprovou que Popieluszko foi mesmo assassinado mas as autoridades ainda não revelaram como. Isso reforça o rumor de que o padre, seqüestrado de seu carro numa estrada, levou um tiro, antes de ser atirado num reservatório d'água.

China acaba monopólio aéreo e cria empresas para competir entre si

Pequim — O monopólio aéreo nacional da China, CAAC, será dividido em companhias separadas e concorrentes, disse ontem o diretor de linhas aéreas, Shen Tu. A CAAC será dividida em empresas, com bases em Pequim, Xangai e Cantão, a partir da primeira metade do próximo ano.

A Air China, baseada em Pequim, será a primeira empresa aérea internacional. Mas a China Eastern Airways e a China Southern Airways, com base em Xangai e Cantão, respectivamente, deverão terminar sendo linhas internacionais também.

Pressão crescente

A China Southwestern Airways, em Chengdu, e a Companhia de Helicópteros da capital também serão estabelecidas, juntamente com outras empresas aéreas menores, regionais. Fontes das indústrias estrangeiras disseram que tem havido pressão crescente de alguns centros do CAAC para que lhes dêem autonomia, e aeroportos como o de Cantão já vinham operando linhas aéreas praticamente independentes.

Shen disse que os seis escritórios existentes do CAAC em Pequim, Xangai, Cantão, Chengdu, Xian e Shenyang continuarão sendo responsáveis pelo controle do tráfego aéreo e coordenação de vôo.

Ogarkov reaparece escrevendo

Moscou — Com um artigo em que elogia Stálin por haver dirigido "com firmeza e habilidade" o Exército Vermelho durante a II Guerra Mundial, o Marechal Nicolai Ogarkov reapareceu publicamente nas páginas da revista mensal das Forças Armadas, apenas dois meses depois de sua espetacular reforma.

O artigo, assinado Marechal Nicolai Ogarkov, Marechal da URSS, e sem declaração do cargo que ele ocupa, foi entregue para publicação no dia 3 de outubro, um mês depois de sua abrupta destituição do cargo de Vice-Ministro da Defesa e Chefe do Estado-Maior.

Para os ocidentais, a primeira oportunidade de situar Ogarkov na hierarquia soviética será durante o tradicional desfile de 7 de novembro, na Praça Vermelha, em Moscou.

Reagan convicto da vitória busca maioria parlamentar

Washington — A vitória do Presidente Ronald Reagan na eleição de depois de amanhã não será surpresa. Até Walter Mondale, que continua firme em sua campanha, deve saber o que as urnas lhe reservam. Entretanto, o interesse pela eleição permanece, já que o poder político que Reagan terá nos próximos quatro anos depende do número de senadores e deputados fiéis à sua ideologia. Serão eleitos junto com o Presidente toda a Câmara dos Deputados e um terço do Senado, além de 12 Governadores e milhares de outras autoridades estaduais.

Se Reagan conseguir maioria no Congresso e for eleito por uma maioria esmagadora poderá governar praticamente como quiser. A correlação de forças no Congresso no entanto não está dividida simplesmente de acordo com a denominação partidária. Os democratas conservadores dos Estados do sul estiveram em aliança com a Casa Branca durante todo o primeiro Governo Reagan, enquanto muitos republicanos moderados freqüentemente votaram contra o Presidente

Jogo Parlamentar

Nesse jogo de coalizões, Reagan teve a maioria de fato na Câmara dos Deputados em 1981 e 1982 mas a perdeu na eleição ao Congresso de novembro de 1981, quando a economia americana estava em recessão e a popularidade do Presidente em baixa. A cada dois anos há eleição para a renovação de uma parte da Câmara e em 81 a bancada do Partido Democrata aumentou em 26 deputados, garantindo uma maioria de 99 lugares.

A situação de Reagan ficou ainda pior porque alguns democratas conservadores do Sul perderam na eleição daquele ano, ainda durante as primárias.

A renovação da Câmara no meio do mandato presidencial modificou substancialmente o Governo Reagan. A Câmara que tomou posse em 1982 certamente nunca teria aprovado os cortes nos gastos sociais e a redução em 25% no Imposto de Renda. Estas foram as leis mais importantes que Reagan conseguiu que fossem aprovadas no início de seu Governo, quando ainda detinha a maioria dos deputados.

Da mesma forma, essa primeira Câmara provavelmente não teria suspendido as verbas com que a CIA sustenta o movimento dos **contras** que tentam derrubar o Governo sandinista da Nicarágua.

Com o poder decisivo da Câmara ainda em jogo, o Presidente e o Partido Republicano estão lançando mão nesses últimos dias de campanha de todos os recursos de que dispõem, tentando eleger o maior número possível de deputados e senadores. Como diz o diretor-executivo do comitê republicano para as campanhas dos candidatos do Partido, Joseph Gaylord, a grande maioria dos eleitores já decidiu sobre o seu voto à Presidência mas muitos só resolverão na última hora sobre as disputas para a Câmara e o Senado.

Indecisão

Segundo as estatísticas de Gaylord, 30% dos eleitores na semana passada ainda não tinham decidido em que deputado ou senador votar. Até agora é uma incógnita se os republicanos conseguirão manter a atual maioria de 10 senadores e se Reagan conseguirá reconstituir na Câmara sua antiga maioria formada por republicanos e democratas conservadores.

Os democratas admitem que poderão perder 10 cadeiras na Câmara mas o coordenador do Comitê do partido para a campanha de deputados, Martin Franks, reconhece que essa perda poderá ser maior se os eleitores forem às urnas "com Reagan na cabeça".

No Senador os republicanos devem manter a maioria, mas poderão perder uma ou duas cadeiras. Estão sendo disputadas na Câmara 65 das 435 cadeiras, incluindo 27 cujos ocupantes não concorrem à reeleição. Se os republicanos ampliarem sua bancada em duas dúzias de deputados, Reagan será capaz de reconstituir sua chamada maioria de fato.

Várias competições para o Congresso estão sendo realizadas num clima mais pitoresco do que a contenda entre Ronald Reagan e Walter Mondale. Num comercial de televisão para os candidatos republicanos do Estado de Virgínia, por exemplo, o radicalismo de direita excede o padrão da campanha Reagan-Bush. Inicialmente o espectador vê túmulos de soldados filmados de um carro em alta velocidade no cemitério de Arlington. Depois um locutor diz com voz firme: "Eles já fizeram o que era preciso. Você precisa apenas votar".

No Estado de Arkansas, a candidata republicana Judy Petty compromete suas perspectivas de vitória por ir muito longe no seu extremismo de direita. Na Convenção do Partido Republicano afirmou que "há coisas piores do que a guerra". Por causa desse deslize de retórica seu favoritismo foi transferido para o candidato democrata Tommy Robinson.

No Alabama, a disputa está entre o ultraconservador republicano Sonny Callahan e o conservador democrata Frank McRight. Callahan tem enfatizado sua amizade pessoal e identidade ideológica com Reagan. Afirma que os eleitores do condado de Gulf Coast devem enviar a Washington um representante com acesso direto à Casa Braca. McRight, que em 1980 trabalhou para a campanha Carter-Mondale, até hoje se nega a endossar a candidatura Mondale e não diz sequer em quem votará para Presidente. Quando assessores de Mondale fizeram planos para uma visita ao condado, McRight disse que nesse dia não estaria no Alabama. A visita foi cancelada.

Callahan no início era franco favorito mas cometeu vários equívocos. O pior deles foi ter ironizado a calvície de McRight num dos seus comerciais de televisão. Vários eleitores que estão perdendo o cabelo escreveram cartas indignadas e alguns estão engajados agora na campanha de McRight. McRight por sua vez acusa o adversário de ligação com autoridades locais que estão sendo processadas por extorsão.

ARMANDO OURIQUE
Correspondente

Concorrentes na eleição americana são 18

Nova Iorque — Quantos candidatos disputam a eleição presidencial este ano nos Estados Unidos? A pergunta, feita à maioria dos americanos (e à quase totalidade dos brasileiros), terá uma resposta. Dois, Reagan e Mondale, certo? Errado. Em 1984, há nada menos que 18 candidatos disputando o direito de morar na Casa Branca pelos próximos quatro anos.

Não é de espantar (ou talvez seja): mesmo nos Estados Unidos, a maioria dos 16 candidatos que concorrem pelos chamados "partidos minoritários" é tão desconhecida que é difícil entender as motivações que os levam a disputar os votos dos 125 milhões de americanos que se registraram para votar terça-feira um total recorde na história do país.

Entre os candidatos alternativos, nenhum tem expressão nacional. Em 39 Estados americanos, é possível votar em David Bergland, candidato do "Partido Libertário", enquanto Gus Hall, e sua companheira de chapa Angela Davis, líder negra radical famosa no mundo inteiro nos anos 60, disputam — eternamente — a Presidência e a Vice pelo Partido Comunista em 23 Estados. Angela já concorreu várias vezes a Vice, bem antes de Geraldine Ferraro tornar-se uma celebridade.

Em Nova Iorque, ao entrarem nas cabines onde estão as máquinas de votar, os eleitores encontrarão os nomes de sete candidatos à Presidência, apoiados por nove partidos. Mondale — democrata — é apoiado pelo Partido Liberal, enquanto Reagan — além de republicano — aparece na lista dos conservadores. Os libertários têm como candidato David Bergland.

À esquerda do espectro político, ficam o Partido Socialista dos Trabalhadores, que propõe Mel Masson para Presidente, os comunistas, a Nova Aliança, com Dennis Serrette, enquanto o Mundo dos Trabalhadores tem em Larry Holmes o seu candidato à Casa Branca.

Esses candidatos, ao contrário dos democratas e republicanos, não têm praticamente acesso aos meios de comunicação, e sua influência política é em muitos casos apenas local. Só em 1980, um candidato independente, John Anderson (um parlamentar republicando que disputou e perdeu as primárias), chegou perto de viabilizar um terceiro partido nos Estados Unidos.

Anderson conseguiu 20% dos votos na fase das primárias, candidatou-se, obteve boa votação e ajudou a eleger Ronald Reagan, pois suas idéias liberais o aproximavam mais dos eleitores de Carter que as do candidato republicano. Este ano, Anderson apóia Walter Mondale.

Só uma vez, ao longo da história americana, não foi possível conciliar. Foi quando os partidos se dividiram sobre a questão da escravidão, levando à Guerra Civil. Com um sistema assim, pode até haver predominância de um grupo sobre outro dentro do partido, como está ocorrendo com os republicanos, hoje controlados pela sua direita. Mas geralmente só quem não consegue ser absorvido pelos dois partidos parte para a candidatura independente.

O caso dos comunistas e dos demais partidos de esquerda marxista é bastante esclarecedor. Nesse caso, não há forma de acomodar essas tendências dentro dos partidos majoritários na política americana. Mas outros, como os libertários de Bergland, embora não marxistas e nem sequer de esquerda, têm propostas igualmente "inegociáveis", que vão desde considerar os impostos "uma violação dos direitos civis", e o Imposto de Renda um "roubo legalizado", até o de atacar a previdência (além do limite imaginado pelo mais conservador dos republicanos), por considerá-la "uma fraude trágica".

Os libertários acham que, ao criar a previdência, os Governos julgam que as pessoas não sabem cuidar de si e consideram que — se aplicadas — as contribuições que o cidadão paga à previdência lhe renderiam uma velhice mais tranqüila e segura.

Outros, como o "democrata independente" Lindon Larouche, sustentam em seu programa que Walter Mondale "é um agente da influência soviética na política americana". Segundo eles, Mondale está ligado à KGB e envolvido nessa "conspiração pró-soviética" com ninguém menos que Henry Kissinger, um arquiinimigo para Larouche e seus adeptos.

A campanha de Larouche, visto por alguns como fascista, é mais bem organizada e militante que a da maioria dos demais independentes, incluindo a do palhaço Bozo, que em seu **bozomóvel**, um ônibus enorme e colorido, percorre a Califórnia, pregando a sua "candidatura" à Presidência dos EUA, com a mais curta e — certamente — mais feliz proposta política da campanha de 84: "alegria".

FRITZ UTIZERI
Correspondente

Guss Hall é Secretário-Geral do PC americano desde 1959. Angela Davis, candidata a Vice, ficou conhecida nos anos 60

Comunista de 74 anos nos EUA concorre pela 4ª vez

Nova Iorque — Aos 74 anos, Gus Hall é o mais velho candidato à eleição presidencial de 1984, superando o Presidente Reagan em um ano. Essa é a quarta vez que Hall concorre: comunista há 60 anos e Secretário-Geral do Partido Comunista americano desde 1959 ele recebeu 45 mil votos na eleição de 1980 com sua companheira de chapa, Angela Davis.

O programa partidário não mudou nos últimos 50 anos. Num discurso para 1 mil simpatizantes num colégio de Nova Iorque, Hall disse que não há nada de errado nos Estados Unidos que o socialismo não possa corrigir.

Contra Reagan

Arvo Gus Halberg, nascido em Iron, Minnesotta, de um casal de imigrantes finlandeses filiados ao PC americano, entrou para a organização quanto tinha 16 anos. Depois de um período de treinamento no Instituto Lênin, de Moscou, voltou aos Estados Unidos, mudou de nome e entrou para a organização sindical Congresso das Organizações Industriais, militando na indústria do aço.

Hall serviu na Marinha durante a II Guerra e passou cinco anos na prisão nos anos 50 por conspirar e pregar a derrubada do Governo pela força. Numa entrevista na sede do partido em Manhattan, Hall defendeu o surgimento de um terceiro partido que, apesar de não ser comunista nem socialista, seria progressista, um "passo na direção certa". Ele deixou claro que prefere Mondale na Casa Branca a Reagan, que chamou de "mentiroso patológico".

Por isso o tema da campanha do PC este ano não é tanto "vote em Hall" mas "vote contra Reagan", o que encontrou resistência entre os quadros pois muitos consideram que não há diferença entre republicanos e democratas.

Angela Davis, 40 anos, concorre novamente à Vice-Presidência. Ela nasceu e cresceu no Alabama, ganhou bolsas-de-estudo acadêmicas e estudou com o filósofo Herbert Marcuse. Em 1970, foi presa sob acusação de ajudar três internos de San Quentin a fugir, foi libertada dois anos depois, atualmente vive em Oakland, Califórnia, e leciona na Universidade Estadual de San Francisco. Na década de 70, a união do **rock** com a militância política de esquerda levou Angela à fama, principalmente graças a músicas compostas para ela por John Lennon e pelos Rolling Stones.

Ajudar e roubar

A plataforma do PC defende a retirada dos mísseis nucleares americanos da Europa, o final das guerras criminosas e não declaradas contra os povos da Nicarágua e de El Salvador, sanções econômicas contra a África do Sul e a estatização das indústrias de aço, automóveis, maquinaria e borracha bem como de todo o complexo energético.

Indagado sobre discordâncias entre seu partido e a União Soviética e demais países comunistas, Hall disse que considerava o sindicato polonês Solidariedade um passo positivo para mostrar que são necessários sindicatos independentes que reflitam o pensamento dos trabalhadores.

Ele apóia a invasão soviética do Afeganistão como uma resposta às ambições da Agência Central de Informações (CIA) dos Estados Unidos e discordou de um paralelo com as atividades americanas na Nicarágua, afirmando que "dois países podem intervir em outras nações mas um está lá para ajudar, o outro para roubar".

— Os Estados Unidos estão na América Central para ajudar as corporações americanas e sob o socialismo não há corporações — afirmou.

WALTER GOODMAN
The New York Times

Escândalo Flick pode derrubar Governo de Bonn

Londres — O pior do escândalo Flick na Alemanha Ocidental é que ninguém acredita num breve final. A renúncia do presidente do Parlamento, Rainer Barzel, espalhou pelo país um clima de repúdio e incredulidade em relação aos políticos. A impressão geral é de que as revelações de novos casos de suborno vão continuar, e que o próximo a ficar na linha de fogo será o próprio Chefe de Governo alemão, Chanceler Helmut Kohl.

A pequena e provinciana Capital alemã foi sempre o palco de romances de espionagem e de tramóias políticas. Os críticos na Alemanha costumam afirmar que nenhuma modificação política no país teve lugar nos últimos 30 anos sem conspirações urdidas nos bastidores. O Caso Flick, revelando uma inimaginável podridão de conexões entre a grande indústria e alta política, parece estar dando razão aos que chamam a Alemanha Ocidental de "a República comprada" — e esses não são apenas os **Verdes**

Personagem principal

A República Vendida é o título de um **best-seller** editado pela revista **Der Spiegel**, uma das iniciadoras das revelações que, há anos, vêm sacudindo a política alemã. A leitura da coleção de artigos da revista sobre o escândalo supera as concepções mais férteis. É preciso demitir o presidente da União Democrata-Cristã, o maior Partido do país? Não há problema. Um alto executivo da Flick telefona para dois ou três amigos e pronto. Rainer Barzel já tinha emprego. Outro telefonema para o dono da principal companhia jornalística no país e Barzel tem outra chance ainda de ganhar seu pão, além da cobertura de publicidade.

A personagem principal do escândalo é o empresário Eberhard Von Brauchitisch, descendente de orgulhosa linhagem prussiana e considerado um dos grandes capitães de indústria da Alemanha. Com quase dois metros de altura e um passado de excelente pugilista amador, Von Brauchitisch, principal executivo do conglomerado industrial, Flick, promovia ou encerrava carreiras de políticos.

Embora suas preferências políticas fossem claramente conservadoras, Brauchitisch decidiu que sua firma deveria ajudar financeiramente todos os principais partidos. O apoio em dinheiro a agremiações que já recebem dinheiro público na Alemanha se tornou agudo depois que a Flick resolveu vender ao Deutsche Bank uma parcela de 25% das ações da Daimler Benz. Evidentemente, a transação deveria ter custado uns 455 milhões de marcos devidos ao Fisco alemão, e da ajuda de seus amigos políticos em todos os partidos é que Brauchitisch precisva para ser beneficiado com uma isenção de impostos.

"Por causa de"

Meticuloso dentro das melhores tradições germânicas, Brauchitisch costumava tomar nota de toda conversação, principalmente as de caráter privado ou sigiloso, com a massa de seus beneficiados do Partido Democrata Cristão, entre outros. Graças a seu hábito de pôr tudo no papel, dando nome aos bois, é que os historiadores dentro de alguns anos serão brindados com a inédita possibilidade de recorrer a fontes escritas para descrever episódios estritamente de bastidores. Os promotores alemães em Bonn já estão fazendo uso do privilégio.

Não há qualquer grande nome da política alemã que não esteja mencionado nas listas de pagamentos da firma Flick. Já seria do ponto de vista político (jurídico é sempre outra coisa) no mínimo comprometedor ter o próprio nome na lista de pagamentos **oficiais** — que na verdade eram feitos através de sonegação de impostos.

Havia, porém, ainda por cima, uma lista extra-oficial e uma verdadeira caixinha negra de onde o tesoureiro-chefe da Flick anotava toda retirada de dinheiro, colocando devidamente ao lado seu destinatário: "WG. Kohl", ou seja, Wegen Kohl, a abreviatura da palavra alemã que significa "por causa de", "em razão de".

"Por causa de "Helmut Kohl, presidente da União Democrata Cristã desde que Barzel concordou em limpar a mesa, a Flick despendeu uns 600 mil marcos de seu fundo. "Por causa de" Franz Josef Strauss, o ultraconservador líder bávaro, outros tantos. "Por causa de" Hans-Dietrich Genscher, presidente do Partido Liberal-Democrata e Ministro das Relações Exteriores, 500 mil marcos em uma ocasião, outros 500 mil em outra.

Até agora a Comissão Parlamentar de Inquérito que investiga o Caso Flick não conseguiu esclarecer exatamente o que significa esse"por causa de". Grande parte da imprensa e do público na Alemanha acha que essa expressão tem de ser tomada como ela é, ou seja, o dinheiro foi direto para o nome colocado junto à cifra. Os implicados alegam total desconhecimento da lista.

Para muita gente na Alemanha que detesta a aparência, os modos e o vocabulário dos Verdes, pelo menos uma coisa esse grupo confuso de esquerdistas, feministas, pacifistas e alguns anarquistas ainda mantém: certa credibilidade. São os únicos que podem criticar o Caso Flick de consciência tranqüila, enquanto os próprios social-democratas da Oposição também têm pelo menos um pé na lama.

A última vez que se comparou à República de Weimar uma situação política interna na moderna Alemanha foi em 1965 (houve uma difícil troca de Governo em Bonn). De lá

UPI

Chanceler Helmut Kohl

para cá, o sistema político sobreviveu tranqüilamente à revolta anti-autoritária do final dos anos 60, ao terrorismo dos 70 e à impressionante recessão econômica mundial. Noventa por cento dos eleitores alemães continuam votando nos partidos tradicionais, apesar das análises de que o sistema político alemão estaria gradativamente desacreditado.

É difícil fazer previsões sobre onde o escândalo Flick vai terminar e ao que levará. Uma coisa parece certa: as turbulências políticas indicam que o processo alemão se tornará menos previsível no futuro breve, e justamente esse fator (a previsibilidade dos alemães) foi importante nas últimas décadas para seus vizinhos europeus. Os **verdes** aparentemente não têm ainda condição de superar em escala nacional a margem de 10% dos votos, mas já substituíram os liberais como o fiel da balança em algumas regiões. Dada a velocidade como se deteriora o Governo de Helmut Kohl, argumentam os analistas alemães, quem diz se os **verdes** ainda não serão muito mais importantes em dois anos, nas próximas eleições?

WILLIAM WAACK
Correspondente

Londres/UPI

O Governo achava que a falta de dinheiro os dobraria, mas eles resistem

Mineiro britânico resiste sem salário há sete meses

Grimethorpe, Inglaterra — Após sete meses de greve, os mineiros britânicos no coração da indústria do carvão, no Norte do país, acreditam que estão ganhando uma batalha chave de sua guerra — a de sobreviver sem salário. Mas há indícios de que suas comunidades unidíssimas, aldeias como Grimethorpe, na região mineira de Yorkshire, estão atingindo o ponto crítico no esforço para sustentá-los.

Desde os primeiros dias da paralisação, o Governo e seu Conselho do Carvão previram que as dificuldades ou a desilusão terminariam levando os grevistas de volta ao trabalho. Alguns voltaram, mas a maioria resistiu, aprendendo um sombrio novo estilo de vida à base de sacolas de alimentos, sopas dos pobres, pensões da previdência, caça aos coelhos, trabalhos clandestinos e outros bicos.

Insolvência

O preço disso é que todos os que vivem normalmente do dinheiro dos mineiros partilham hoje da luta deles nas filas dos pobres. Muitas das casas de comércio de Grimethorpe já resvalam para a borda da insolvência, os bares estão desertos, e o padre da paróquia teve de escrever a seu bispo pedindo dinheiro, porque a coleta dominical caiu pela metade.

— Esta greve está prejudicando todo mundo na aldeia — diz John clarke, gerente de um bar. — Não está longe o momento em que o negócio terá de fechar.

A receita de Clarke caiu 60% em relação ao que era há um ano, e só a paciência dos donos do bar, uma grande fábrica de cerveja, o mantém funcionando.

Rua abaixo, no supermercado da aldeia, o gerente vê a mesma perspectiva sombria.

A greve começou em março, quando cerca de 120 mil dos 180 mil mineiros britânicos abandonaram o trabalho porque o Conselho do Carvão planeja fechar 20 minas julgadas antieconômicas, a um custo de 20 mil empregos.

Apesar de quase uma dúzia de rodadas de negociações de paz, não existe nenhum sinal de acordo à vista, e a luta continua como uma guerra de atrito, com o Governo dizendo que não há escassez de carvão e os mineiros dizendo que podem permanecer parados indefinidamente.

Em Grimethorpe, um pobre ajuntamento de casas enfileiradas ao longo de uma única rua que conduz à mina da aldeia, isso significa que todo mundo passa necessidade. São 2 mil habitantes, e quase todas as casas contribuem para a força de trabalho de 1 mil 400 homens.

Em tempos normais, esses homens trazem até 170 libras (513 mil cruzeiros) por semana. Agora que estão todos em greve, e o sindicato deles não pode pagar pensão de greve, a única salvação é a previdência. Os solteiros não têm direito, e os casais recebem apenas 6 libras e 45 pence (20 mil cruzeiros) por semana, com mais 10 libras (30 mil cruzeiros) para cada criança.

Nenhuma família consegue sobreviver com isso na Inglaterra moderna, e por isso todo mineiro é um caso de caridade, dependendo da boa vontade da família e dos vizinhos, e do apoio dos aliados políticos. A maneira como têm conseguido sobreviver surpreendeu a muita gente.

— Eu achava que eles iam ficar deprimidos, mas parecem estar indo muito bem — diz Don Baynes, ex-mineiro de Grimethorpe que é prefeito do distrito local de Barnsley.

Fechando os olhos

O Conselho de Barnsley, dominado pelo Partido Trabalhista, na oposição, dá uma ajuda de 20 mil libras (Cr$ 61 milhões) por semana para ajudar, fechando os olhos a atrasos de aluguel e dando refeição e uniforme escolar aos filhos dos mineiros.

O Conselho também empresta salões para a sopa dos pobres, onde voluntários oferecem refeição gratuita e sacola de alimentos, pagas por coletas nas ruas e aliados do sindicato no país e no exterior. A luta para sobreviver ampliou os recursos e a engenhosidade dos próprios mineiros.

Um número maior faz agora a viagem de oito quilômetros até o Centro de Barnsley, onde compra comida mais barata na movimentada feira, outra mudança que não ajuda as lojas da aldeia. Também compram e vendem na feira semanal de produtos usados, que inchou de 30 barracas para 105 desde o início da greve.

Dinheiro ilícito

Muitas donas-de-casa da aldeia arranjaram empregos, enquanto os homens usam seu tempo livre para pescar ou caçar coelhos e pombos para a panela, ou para ganhar um dinheiro ilícito do lado, como a venda de ferro velho ou carvão roubado dos estoques das minas.

Um elemento final, mas vital, na manutenção dos mineiros à tona é a atitude dos credores de alugueis e hipotecas, prestações e companhias de aluguél. Quase todos perdoaram ou reduziram os pagamentos enquanto dura a greve, aceitando o fato de que os negócios a longo prazo que os mineiros proporcionam são mais importantes do que as dívidas deles a curto prazo.

Isto tudo leva a um estilo de vida que os grevistas acreditam que pode mantê-los lutando indefinidamente.

BRIAN CATHCART
Reuters

OBITUÁRIO

Rio de Janeiro

Luís Carlos Francisco, 44, de cirrose hepática. Carioca, aposentado, solteiro, residia na Rua Marquês de Sabará, na Gávea.

Manuel Rodrigues Machado, 45, mecânico. Carioca, solteiro, residia na Estrada da Água Branca, em Realengo.

Zilda Moraes Nogueira, 46, de infarto. Capixaba, viúva, residia na Rua dos Expedicionários, em São Cristóvão.

Humberto Octávio Ferreira Figueiredo, 71, de edema pulmonar. Cearense, aposentado, deixa viúva Maria da Conceição de Sousa Figueiredo. Morava na Rua Haddock Lobo, na Tijuca.

Antonio Pereira Diniz, 76, de embolia pulmonar. Paraibano, advogado, deixa víuva Maria das Neves Chateaubrian Diniz. Residia na Rua Barata Ribeiro, em Copacabana.

Mário Lisboa Barbosa, 78, de parada cardíaca, no Hospital dos Servidores do Estado. Jornalista, trabalhou no **Jornal do Commercio, Correio da Noite e O Estado de S. Paulo.** Deixa viuva D Maria Guilhermina Lima Barbosa, os filhos Júlio e Luiz, este último repórter do JORNAL DO BRASIL em Brasília, e quatro netos.

Maria Lisboa Barbosa, 78, de arteriosclerose. Carioca, apontensada, casada, residia na Rua Senador Vergueiro, no Flamengo.

Anna Maria Nunes, 83, de broncopneumonia. Carioca, viúva, residia na Rua Visconde de Abaeté, em Vila Isabel.

Giselle Bruzzi Mendonça, 84, de insuficiência respiratória. Mineira viúva, residia na Avenida das Américas, na Barra da Tijuca.

Estados

Abel Assis Correa, 41, de insuficiência hepática, na Santa Casa de Misericórdia, em Belo Horizonte. Nascido em Iguatama, era representante comercial. Casado com Solange Fraga Gorrea, tinha um filho, Hudson.

Aloísio Dantas, 70, de hemorragia digestiva, no Hospital Semper, em Belo Horizonte. Mineiro de Pedra Azul, era aposentado. Casado com Tiburtina Brandão Dantas, tinha dois filhos, Donatelo e Roberto.

José Amaral da Silva, 80, de parada cardíaca, no Hospital Militar de Porto Alegre. Médico veterinário e Capitão do Exército, deixa viúva D Maria Júlia e tinha três filhos, 13 netos e um bisneto.

Exterior

Bóris Suvarin, 89, de infarto, no Hospital Necker de Paris. Revolucionário francês, último colaborador vivo de Lenin e Trotski. Em 1920, no Congresso de Tours do Partido Socialista, redigiu a moção que levou à criação do Partido Comunista Francês. Em 1925, foi expulso da URSS e se refugiou na França. Escreveu uma biografia de Stalin que continua sendo uma das principais obras a respeito do líder soviético.

Passageiro mata dois assaltantes

Um passageiro não identificado, preto e forte, que viajava no último banco do ônibus placa FR-0849, linha Nilópolis — Pavuna, matou com tiros os dois assaltantes que tentaram saquear os demais passageiros na hora em que o veículo passava pela Rua Ceci, no bairro Gato Preto, São João de Meriti, no final da noite de sexta-feira.

Feridos, os assaltantes foram levados para o posto de urgência de São Mateus, onde morreu Francisco Vieira Sobrinho, de 23 anos. Seu cúmplice José Vieira dos Santos, de 22 anos, também morreu, depois de ter sido removido para o Hospital Sousa Aguiar. O motorista João Dias Sobreiro e o cobrador Onilton Pereira Braga disseram na 64ª DP, Vilar dos Teles, que o passageiro desconhecido agiu com muita rapidez.

Mabel Arthou

Novidade no policiamento da praia: as duplas de PMs armados

PM efetua 20 detenções durante "Operação Verão"

Nas duas primeiras horas da Operação Verão do 19º BPM, ontem, na praia de Ipanema, 20 pessoas foram detidas, a maioria por falta de documentos e por contar uma história que não convenceu os policiais. Além de **camburões** espalhados nos pontos considerados mais perigosos, 40 duplas de PMs, armados, policiaram os calçadões da Zona Sul. Todos os detidos eram levados para um microônibus e de lá para a 13ª DP.

O trânsito também era fiscalizado por dezenas de guardas e três reboques. O estacionamento só era permitido com duas rodas em cima das calçadas, na orla marítima. Os veículos acostumados a parar ao longo do meio-fio, bloqueando praticamente meia pista, na Avenida Vieira Souto, foram multados. Mesmo assim, os guardadores autônomos tiveram um bom dia.

Ostensivo

Havia guardas por toda a parte: na areia, no calçadão, nas cabinas, nas ruas. De calções, camisetas e tênis com revólver ou só de cassetete; com uniformes normais ou de comandos; de **camburões**, patrulhinhas ou bugres, havia PMs em toda a orla marítima. No total, 100 homens que tinham como ponto de encontro um microônibus, na esquina da Vieira Souto com Joaquim Nabuco, para onde eram levados todos os suspeitos.

Além do microônibus, a grande novidade do policiamento deste verão é a dupla de soldados de **short**, mas armados, no calçadão. Sua função é passear pelo calçadão, marcando presença. Os dois guardas têm ordem expressa para nunca olharem na mesma direção. Quando um estiver olhando para a praia — por exemplo — o outro deve estar de olho na calçada.

O microônibus facilita o policiamento, porque impede que os camburões e patrulhas se afastem de seus postos por muito tempo. Durante toda a manhã, enquanto foi grande o acesso de banhistas à praia, um carro da polícia ficou estacionado na esquina da Rua Teixeira de Melo com Vieira Souto. Ali é considerado um ponto crítico, principalmente por causa da subida do Morro do Cantagalo. Os policiais passaram a manhã parando suspeitos, pedindo documentos e fazendo revistas.

Os suspeitos, segundo um dos policiais, "mostram que têm problema com a polícia no olhar", e são geralmente os banhistas que vêm de muito longe: "Parada Angélica, Santa Cruz". Os suspeitos vão entrando para o camburão e aguardando até lotar o carro. "Com sete já está bom", e são então levados para o microônibus.

Praia

Para conseguir um bronzeado, o banhista teve que enfrentar os problemas naturais do verão carioca. Os sócios do Olaria Atlético Clube, na tentativa de evitar viajar num ônibus lotado e quente por mais de uma hora até a praia, optaram pela piscina do clube. Lá chegando, encontraram as quatro piscinas interditadas. Houve tumulto e ameaça de quebra-quebra mas as piscinas não foram abertas. Quem não quis perder o sol de ontem teve mesmo que partir para a Zona Sul da cidade.

Os ônibus chegavam apinhados de gente suada, lambuzada de óleo, carregada de cadeiras, bolsas e barracas. Os que foram de carro chegaram do mesmo jeito, pois o tempo que economizaram trocando o ônibus pelo carro, perderam procurando uma vaga para estacionar. A todos esperava uma praia cheia de quadras de vôlei, vendedores ambulantes aos berros, oferecendo bebidas quentes e caras, cadeiras, toalhas, piscininhas ou simplesmente corpos esticados desordenadamente pelo espaço.

Número de inscritos para a PM cai de ano para ano

A Polícia Militar encerrou, no dia 25, as inscrições para soldados de 2ª classe. E o total de inscritos decepcionou o comando da Corporação: menos da metade dos que se inscreveram na mesma época, no passado. O nível dos candidatos também caiu muito e, ao invés dos universitários que procuravam a PM como opção de emprego, este ano apenas secundaristas se interessaram pelo concurso. A maior parte já se inscreveu em outras épocas na Corporação, não passando nas provas.

Paralelamente ao pouco interesse pela profissão de policial-militar, vem causando grande apreensão ao Comando Geral a queda acentuada do efetivo da PM, já que o baixo salário que os soldados estão recebendo está fazendo com que eles procurem outras profissões. Segundo estatísticas oficiais, no primeiro e segundo trimestres o número de saídas atingiu a 376 e há uma previsão de que, até dezembro, mais 530 homens deixem a PM: 282 serão reformados e 248 fazem concursos para outras atividades.

Oficiais acreditam que o baixo salário — Cr$ 320 mil — que um soldado recebe é uma das causas da falta de interessados.

No Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças, em Marechal Hermes, onde estão sendo treinados, 15 recrutas pediram baixa este mês. Quatorze deles disseram que não queriam mais continuar, porque sentiram durante o estágio nas ruas que a PM é mal vista pela população e onde eles chegavam eram sempre tratados rispidamente. Um saiu porque se sentiu mal "ao ver tanta corrupção dentro do quartel onde estagiava", revelou um oficial.

O Boletim Ilustrativo Referente ao Pessoal Ativo da Polícia Militar do 2º trimestre informa que "em relação ao trimestre anterior, o balanço do efetivo do atual trimestre nos foi desfavorável, pois que o número de saídas atingiu a casa dos 376 e o de entrada o de 42, resultado em um balanço negativo de 334 policiais-militares".

Cícero Dias tem mural recuperado

Recife — A cidade recuperou, ontem, uma das mais importantes obras de arte do Estado: um mural pintado em 1948 pelo artista plástico Cícero Dias, que reside em Paris desde 1937, e é considerado pioneiro do abstracionismo na arte mural da América Latina.

A obra, que representa, segundo o pintor, a paisagem do Centro do Recife — naquela época com muitas árvores e um imenso mangue que acabava no mar — estava coberta há seis meses por nove camadas de tinta de parede, colocadas de acordo com o gosto dos funcionários que ocuparam durante esse período o 9º andar do prédio da Secretaria da Fazenda. Cícero Dias pintou, nesse edifício, nove murais, todos danificados. Esse é o quarto restaurado e o mais importante. Dois foram destruídos e dois estão irrecuperáveis.

AUSENTE

A entrega do mural à comunidade, pelo Secretário de Fazenda Luís Otávio Cavalcanti, foi feita sem a presença do pintor. Embora estivesse no Brasil há dois meses ele precisou regressar com certa urgência a Paris, por motivos particulares. Antes de viajar, porém, afirmou que o trabalho de restauração está tão perfeito que "deve ser divulgado internacionalmente". Na verdade, ele próprio foi também responsável pelo resultado: forneceu informações e fotografias à Secretaria de Fazenda, para que os restauradores trabalhassem com mais eficiência.

Coordenada pelo advogado Caio de Sousa Leão, que entende profundamente de arte, a restauração foi feita durante seis meses, de segunda a sexta-feira. A principal técnica, que trabalhou na recuperação da obra, Lúcia Carneiro, disse, ontem, que, basicamente, foram usados no trabalho duas coisas: solvente e um bisturi para remover as camadas mais duras. Sobre uma parte do mural havia sido colocada até uma camada de cimento.

O pintor Cícero Dias não teve sorte, como reconheceu diversas vezes, com seus murais. Mesmo assim, o artista não se rendeu: está sendo colocado nas paredes da Casa da Cultura de Pernambuco sua mais recente obra nesse ramo. É um imenso mural de 90 metros quadrados sobre a vida de Frei Caneca, herói pernambucano das Revoluções de 1817 e 1824.

Gaúcho verá irmão preso no Uruguai

Porto Alegre — O único preso político brasileiro no Uruguai, o gaúcho Ruben Malikovski, 49 anos, que já cumpriu 14 dos 20 anos a que foi condenado, receberá pela primeira vez uma visita no próximo dia 8: dois dos seus irmãos, Roni e Ledi, viajam terça-feira a Montevidéu para visitá-lo como o preso nº 1012, piso 4 A, cela 11 — esquerda, no presídio de Libertad.

O presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Jair Krischke, enviou carta ao Presidente João Figueiredo e ao Ministro Saraiva Guerreiro, pedindo que gestionem para a imediata libertação de Ruben: os militares uruguaios, num acordo com partidos políticos daquele País, já decidiram que soltariam todos os presos políticos que tivessem cumprido mais da metade da pena. Ruben é beneficiário da medida, mas como vivia isolado, permaneceu detido, sem visitas (seus parentes nem sabiam que ainda estava vivo).

A descoberta da presença de Ruben em Libertad se deveu à libertação de outro gaúcho, há cerca de dois meses, Antônio Pires da Silva, preso sob suspeita de envolvimento num suposto grupo do médico Vladimir Roslik (morto pelos militares). Antônio foi solto 24h depois da denúncia, no Brasil, de sua prisão no Uruguai, sendo libertado na cidade fronteiriça de Santana do Livramento. Em Libertad, Antônio recebeu de Ruben uma encardida toalha do presídio, em que bordou seu nome, para provar que estava vivo. Iniciou-se mobilização do Movimento de Justiça, que levou à descoberta de que Ruben se separara de sua ex-mulher, Marlene, quando ambos viviam em Santa Cruz do Sul (RS), em 1961. Ele viajou ao Uruguai e se integrou à União dos Trabalhadores do Açúcar.

TEMPO

Uma frente fria de atividade moderada aparece semi-estacionária no Estado do Paraná, ocasionando muita nebulosidade e chuvas isoladas. A massa de ar tropical que predomina desde o Nordeste até o Rio de Janeiro está bloqueando esse sistema frontal e impedindo o seu deslocamento para a Região Sudeste. Faixas de nuvens sobre os Estados do Pará, Mato Grosso e Goiás provocam pancadas de chuvas.

No Rio

Tempo claro a parcialmente nublado, passando a nublado no fim do período. Temperatura estável. Ventos: Sudoeste a Norte rondando para Noroeste fracos a moderados com rajadas ocasionais. Visibilidade de boa a moderada. Máxima: 37.3, em Bangu; mínima: 20.6, no Alto da Boa Vista.

As Chuvas — Precipitação em mm nas últimas 24 horas: 0.0; Acumulada este mês: 5.0; Normal mensal: 97.4; Acumulada este ano: 393.8; Normal anual: 1075.8.

O Sol — Nascerá às 05h05min e o Ocaso será às 16h07min.

O Mar no Rio de Janeiro — Preamar: 06h23min/0.2m e 18h44min/0.3m. Baixa-mar: 12h47min/1.0m. Em **Cabo Frio** — Preamar: 06h11min/0.2m e 18h34min/0.4m. Baixa-mar: 12h56min/1.1m. Em **Angra dos Reis** — Preamar: 00h25m/0.9m e 12h39min/1.0m. Baixamar: 06h15min/0.1m e 19h01min/0.3m. O Salvamar informa que o mar está calmo, com águas a 21 graus, correndo de Leste para Sul.

A Lua

Nos Estados

Amazonas: enc. a nub. c/chvs. no Leste; demais reg. nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 33.7; Mín.: 23.7. **Acre/Rondônia:** nub. a pte. nub. c/chvs. isol. Temp.: estável. Máx.: 32.6; Mín.: 21.0. **Roraima:** nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 36.0; Mín.: 23.6. **Pará/Amapá:** enc. a nub. c/chvs. esp. Temp.: estável. Máx.: 30.8; Mín.: 23.2. **Maranhão:** pte. nub. a nub. c/pncs. de chvs. esp. no Sul do Estado; demais reg. nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 31.3; Mín.: 25.4. **R. G. Norte:** nub. a pte. nub. c/chvs. ocs. Temp.: p/estável. Máx. —; Mín.: —. **Piauí:** pte. nub. a nub. c/pncs. de chvs. no Sul; demais reg. nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: —; Mín.: 24.1. **Ceará:** nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 31.0; Mín.: 23.1. **Pernambuco/Paraíba:** nub. a pte. nub. c/chvs. ocs. no lit.; demais reg. nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 29.3; Mín.: 22.0. **Alagoas:** nub. a pte. nub. c/chvs. ocs.; no litoral, demais reg. nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: —; Mín.: 21.4. **Sergipe:** nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 28.6; Mín.: 24.1. **Bahia:** nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 28.4; Mín.: 20.8. **Mato Grosso:** pte. nub. a nub. c/pncs. de chvs. e trvs. esp. Temp.: estável. Máx.: 33.8; Mín.: 25.0. **Mato G. do Sul:** nub. c/chvs. Temp.: estável. Máx.: 32.6; Mín.: 16.0. **Goiás:** pte. nub. a nub. c/pncs. de chvs. no Centro e Sul; demais reg. nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 33.2; Mín.: 19.6. **Brasília:** pte. nub. a nub. c/possib. de pncs. de chvs. e trvs. a tarde. Temp.: estável. Máx.: 28.0; Mín.: 15.8. **Minas Gerais:** clr. a pte. nub. passando a nub. no Oeste e SE do Estado; demais reg. clr. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 31.4; Mín.: 17.2. **Esp. Santo:** clr. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 31.1; Mín.: 22.6. **S. Paulo:** nub. c/chvs. Temp.: em decl. Máx.: 32.6, Mín.: 18.7. **Paraná:** nub. ainda c/chvs. c/períodos de melhoria. Temp.: estável. Máx.: 19.4; Mín.: 16.6. **S. Catarina:** enc. a nub. c/chvs. melhorando no decorrer do período no Sul e Oeste. Temp.: em decl. Máx.: —; Mín.: —. **R. G. do Sul:** nub. ainda c/possib. chvs. isol. passando a pte. nub. na Campanha, Serra do Se, litoral Sul, Sul do Vale do Uruguai; enc. a nub. c/chvs. esp. melhorando no decorrer do período. Temp.: em decl. Máx.: 23.4; Mín.: 19.7.

Tempo no Mundo

Aberdeen: 7, chuva; **Amsterdã:** 12, encoberto; **Ancara:** 13, chuva; **Anchorage:** 09 abaixo, limpo; **Atenas:** 13, chuva; **Beirute:** 25, encoberto; **Berlim:** 10, limpo; **Bonn:** 07, chuva; **Boston:** 06, limpo; **Bruxelas:** 12, encoberto; **Cairo:** 24, encoberto; **Calgary:** 13 abaixo, neve; **Casablanca:** 19, limpo; **Chicago:** 06, limpo; **Copenhague:** 10, nublado; **Dacar:** 32, poeira; **Dublin:** 09, limpo; **Estocolmo:** 07, nublado; **Genebra:** 09, chuva; **Helsinqui:** 09, nublado; **Honolulu:** 21, limpo; **Jerusalém:** 18, encoberto; **Lisboa:** 12, encoberto; **Los Angeles:** 16, limpo; **Madri:** 18, limpo; **Malta:** 21, encoberto; **Manila:** 27, nublado; **Miami:** 26, limpo; **Montreal:** 05 abaixo, limpo; **Moscou:** 04, nublado; **Nairóbi:** 24, encoberto; **Nassau:** 23, encoberto; **Nova Déli:** 26, limpo; **Nice:** 16, nublado; **Oslo:** 10, nublado; **Ottawa:** 04 abaixo, limpo; **Paris:** 13, encoberto; **Pequim:** 11, limpo; **Pretória:** 21, limpo; **Riyad:** 30, limpo; **Regina:** 05 abaixo, limpo; **Roma:** 19, limpo; **São Francisco:** 12, nublado; **Seul:** 12, encoberto; **Sófia:** 11, encoberto; **Sidnei:** 19, nublado; **Taipé:** 20, nublado; **Tóquio:** 12, nublado; **Toronto:** 05 abaixo, limpo; **Túnis:** 21, encoberto; **Varsóvia:** 07, limpo; **Viena:** 09, limpo; **Washington:** 08, limpo; **Winnipeg:** 01 abaixo, limpo; **Buenos Aires:** 14, limpo; **Caracas:** 22, nublado; **Havana:** 22, encoberto; **Lima:** 18, nublado; **Santiago:** 11, nublado.

OAB vai investigar caso do trabalhador da Cedae que policiais torturaram

A Comissão dos Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil se reúne amanhã, ordinariamente, e vai investigar a denúncia do soldador da Cedae, Cláudio José da Silva, de que foi torturado numa delegacia, depois de seqüestrado por 10 policiais armados, na Baixada Fluminense. "Essa denúncia não é absolutamente novidade para nós", afirmou o secretário da comissão Eugênio Lyra.

"A área policial sempre foi problemática e continuará sendo, principalmente porque é a própria polícia que apura os fatos", disse Eugênio, que defende a designação de um promotor público para acompanhar cada inquérito sobre abuso de autoridades.

"Enquanto a Polícia Militar apurar crimes da Polícia Militar e a Secretaria da Polícia Civil apurar crimes da Polícia Civil, fica difícil, porque sempre há algum tipo de influência nesses inquéritos", disse.

Suspeito de incêndios é libertado

O Juiz de Menores Antonio Campos Netto mandou arquivar por falta de provas o auto de investigação social da 15ª Delegacia Policial que acusava o menor M.C.P., de 13 anos, de ser o autor da série de incêndios que ocorreram no Edifício Jardim Florença, na Rua Lopes Quintas, 244, no Jardim Botânico, há dois meses.

Os incêndios misteriosos ocorriam sempre pela madrugada. Os moradores do edifício resolveram passar noites de vigília, na tentativa de descobrir o piromaníaco. Numa noite em que ocorreram dois princípios de incêndio, a empregada doméstica Mariluce Rita da Conceição, que trabalha no apartamento 107, afirmou que viu M.C.P. atear fogo.

NEGATIVA

A família do acusado, porém, negou que o menino fosse o autor dos incêndios, alegando que quando ocorreram ele estava dormindo. M.C.P. foi preso e levado para a 15ª DP, onde prestou depoimento. Depois, foi encaminhado à Divisão de Segurança e Proteção ao Menor, de onde foi liberado no dia seguinte. Quando M.C.P. estava preso, o maníaco voltou a agir e ateou fogo à lixeira do prédio. Mesmo assim, a polícia denunciou M.C.P. como autor dos incêndios. O Juiz de Menores, porém, não concordou com a tese policial e considerou o menor inocente.

JOSÉ FICO

(FALECIMENTO)

✝ Sua família consternada comunica com pesar seu falecimento e convida parentes e amigos para o sepultamento a realizar-se hoje, às 16:00 H no Cemitério São João Batista.

AVISOS RELIGIOSOS

A FAMÍLIA DE

SEBASTIÃO RIBEIRO FILHO

✝ Convida os parentes e amigos para a Missa de Sétimo Dia a ser realizada na Igreja Matriz de São Sebastião (Capuchinhos) Rua Hadock Lobo, 266 às 9:30 h dia 07/11 — Quarta-feira

CLODOMIR BANDEIRA BRASIL

(MISSA DE 7º DIA)

✝ Sua esposa, filhas, netos, genros, cunhados e sobrinhos agradecem as manifestações de pesar recebidas por ocasião de seu falecimento e convidam os demais parentes e amigos para a Missa de 7º Dia a ser celebrada, amanhã, 2ª feira, dia 5 de novembro, às 10:30hs na Igreja Santo Antonio dos Pobres, à Rua dos Inválidos nº 42. (P

FRANCISCO RIBAS FABRES

(MISSA DE 7º DIA)

✝ Julieta, Suely e Helio Goes agradecem o carinho recebido pelo falecimento de seu tão querido e amado esposo, pai e sogro FRANCISCO RIBAS FABRES e convidam seus familiares e amigos para, juntos, participarem da missa que será celebrada amanhã, dia 05 — segunda-feira, às 12 horas, na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, à rua 1º de Março.

FREDERICO OSCAR CARNEIRO MONTEIRO

7º DIA

✝ Frederico Mindóllo Carneiro Monteiro e família, Paulo Mindôllo Carneiro Monteiro e família, Maria Luiza Mindôllo Carneiro Monteiro (ausente), Adolfo Moreira Couceiro e família (ausentes), convidam parentes e amigos para a Missa do 7º Dia que mandam celebrar por alma do seu querido primo e amigo FREDERICO OSCAR CARNEIRO MONTEIRO, na Igreja de Santa Margarida Maria, amanhã, 2ª-feira, 5º de Novembro, às 18 horas e 30 minutos.

DANUZE GARCIA DE OLIVEIRA PENNA

(MISSA DE 1 ANO)

MARIA KNEIP DE MELLO — (LOLA)

(MISSA DE 2 MESES)

✝ Suas respectivas Famílias convidam parentes e amigos para a Missa, em intenção das almas de suas inesquecíveis DANUZE e LOLA, a ser celebrada AMANHÃ, dia 5, 2ª-feira, às 10:00 horas, na Igreja da Casa de Saúde São José, à Rua Macedo Sobrinho nº 21 — Humaitá.

OBITUÁRIO

Rio de Janeiro

Luís Carlos Francisco, 44, de cirrose hepática. Carioca, aposentado, solteiro, residia na Rua Marquês de Sabará, na Gávea.

Manuel Rodrigues Machado, 45, mecânico. Carioca, solteiro, residia na Estrada da Água Branca, em Realengo.

Zilda Moraes Nogueira, 46, de infarto. Capixaba, viúva, residia na Rua dos Expedicionários, em São Cristóvão.

Humberto Octávio Ferreira Figueiredo, 71, de edema pulmonar. Cearense, aposentado, deixa viúva Maria da Conceição de Sousa Figueiredo. Morava na Rua Haddock Lobo, na Tijuca.

Antonio Pereira Diniz, 76, de embolia pulmonar. Paraibano, advogado, deixa viúva Maria das Neves Chateaubrian Diniz. Residia na Rua Barata Ribeiro, em Copacabana.

Mário Lisboa Barbosa, 78, de parada cardíaca, no Hospital dos Servidores do Estado. Jornalista, trabalhou no **Jornal do Commercio, Correio da Nolte** e **O Estado de S. Paulo**. Deixa viúva D Maria Guilhermina Lima Barbosa, os filhos Júlio e Luiz, este último repórter do JORNAL DO BRASIL em Brasília, e quatro netos.

Maria Lisboa Barbosa, 78, de arteriosclerose. Carioca, apontensada, casada, residia na Rua Senador Vergueiro, no Flamengo.

Anna Maria Nunes, 83, de broncopneumonia. Carioca, viúva, residia na Rua Visconde de Abaeté, em Vila Isabel.

Estados

Abel Assis Correa, 41, de insuficiência hepática, na Santa Casa de Misericórdia, em Belo Horizonte. Nascido em Iguatama, era representante comercial. Casado com Solange Fraga Correa, tinha um filho, Hudson.

Aloísio Dantas, 70, de hemorragia digestiva, no Hospital Semper, em Belo Horizonte. Mineiro de Pedra Azul, era aposentado. Casado com Tiburtina Brandão Dantas, tinha dois filhos, Donatelo e Roberto.

José Amaral da Silva, 80, de parada cardíaca, no Hospital Militar de Porto Alegre. Médico veterinário e Capitão do Exército, deixa viúva D Maria Júlia e tinha três filhos, 13 netos e um bisneto.

Exterior

Bóris Suvarin, 89, de infarto, no Hospital Necker de Paris. Revolucionário francês, último colaborador vivo de Lenin e Trotski. Em 1920, no Congresso de Tours do Partido Socialista, redigiu a moção que levou à criação do Partido Comunista Francês. Em 1925, foi expulso da URSS e se refugiou na França. Escreveu uma biografia de Stalin que continua sendo uma das principais obras a respeito do líder soviético.

Passageiro mata dois assaltantes

Um passageiro não identificado, preto e forte, que viajava no último banco do ônibus placa FR-0849, linha Nilópolis — Pavuna, matou com tiros os dois assaltantes que tentaram saquear os demais passageiros na hora em que o veículo passava pela Rua Ceci, no bairro Gato Preto, São João de Meriti, no final da noite de sexta-feira.

Feridos, os assaltantes foram levados para o posto de urgência de São Mateus, onde morreu Francisco Vieira Sobrinho, de 23 anos. Seu cúmplice José Vieira dos Santos, de 22 anos, também morreu, depois de ter sido removido para o Hospital Sousa Aguiar. O motorista João Dias Sobreiro e o cobrador Onilton Pereira Braga disseram na 64ª DP, Vilar dos Teles, que o passageiro desconhecido agiu com muita rapidez.

PM efetua 20 detenções durante "Operação Verão"

Nas duas primeiras horas da Operação Verão do 19º BPM, ontem, na praia de Ipanema, 20 pessoas foram detidas, a maioria por falta de documentos e por contar uma história que não convenceu os policiais. Além de **camburões** espalhados nos pontos considerados mais perigosos, 40 duplas de PMs, armados, policiaram os calçadões da Zona Sul. Todos os detidos eram levados para um microônibus e de lá para a 13ª DP.

O trânsito também era fiscalizado por dezenas de guardas e três reboques. O estacionamento só era permitido com duas rodas em cima das calçadas, na orla marítima. Os veículos acostumados a parar ao longo do meio-fio, bloqueando praticamente meia pista, na Avenida Vieira Souto, foram multados. Mesmo assim, os guardadores autônomos tiveram um bom dia.

Ostensivo

Havia guardas por toda a parte: na areia, no calçadão, nas cabinas, nas ruas. De calções, camisetas e tênis com revólver ou só de cassetete; com uniformes normais ou de comandos; de **camburões**, patrulhinhas ou bugres, havia PMs em toda a orla marítima. No total, 100 homens que tinham como ponto de encontro um microônibus, na esquina da Vieira Souto com Joaquim Nabuco, para onde eram levados todos os suspeitos.

Além do microônibus, a grande novidade do policiamento deste verão é a dupla de soldados de **short**, mas armados, no calçadão. São função é passear pelo calçadão, marcando presença. Os dois guardas têm ordem expressa para nunca olharem na mesma direção. Quando um estiver olhando para a praia — por exemplo — o outro deve estar de olho na calçada.

O microônibus facilita o policiamento, porque impede que os camburões e patrulhas se afastem de seus postos por muito tempo. Durante toda a manhã, enquanto foi grande o acesso de banhistas à praia, um carro da polícia ficou estacionado na esquina da Rua Teixeira de Melo com Vieira Souto. Ali é considerado um ponto crítico, principalmente por causa da subida do Morro do Cantagalo. Os policiais passaram a manhã parando suspeitos, pedindo documentos e fazendo revistas.

Os suspeitos, segundo um dos policiais, "mostram que têm problema com a polícia no olhar", e são geralmente os banhistas que vêm de muito longe: "Parada Angélica, Santa Cruz". Os suspeitos vão entrando para o camburão e aguardando até lotar o carro. "Com sete já está bom", e são então levados para o microônibus.

Praia

Para conseguir um bronzeado, o banhista teve que enfrentar os problemas naturais do verão carioca. Os sócios do Olaria Atlético Clube, na tentativa de evitar viajar num ônibus lotado e quente por mais de uma hora até a praia, optaram pela piscina do clube. Lá chegando, encontraram as quatro piscinas interditadas. Houve tumulto e ameaça de quebra-quebra mas as piscinas não foram abertas. Quem não quis perder o sol de ontem teve mesmo que partir para a Zona Sul da cidade.

Os ônibus chegavam apinhados de gente suada, lambuzada de óleo, carregada de cadeiras, bolsas e barracas. Os que foram de carro chegaram do mesmo jeito, pois o tempo que economizaram trocando o ônibus pelo carro, perderam procurando uma vaga para estacionar. A todos esperava uma praia cheia de quadras de vôlei, vendedores ambulantes aos berros, oferecendo bebidas quentes e caras, cadeiras, toalhas, piscininhas ou simplesmente corpos esticados desordenadamente pelo espaço.

Número de inscritos para a PM cai de ano para ano

A Polícia Militar encerrou, no dia 25, as inscrições para soldados de 2ª classe. E o total de inscritos decepcionou o comando da Corporação: menos da metade dos que se inscreveram na mesma época, no passado. O nível dos candidatos também caiu muito e, ao invés dos universitários que procuravam a PM como opção de emprego, este ano apenas secundaristas se interessaram pelo concurso. A maior parte já se inscreveu em outras épocas na Corporação, não passando nas provas.

Paralelamente ao pouco interesse pela profissão de policial-militar, vem causando grande apreensão ao Comando Geral a queda acentuada do efetivo da PM, já que o baixo salário que os soldados estão recebendo está fazendo com que eles procurem outras profissões. Segundo estatísticas oficiais, no primeiro e segundo trimestres o número de saídas atingiu a 376 e há uma previsão de que, até dezembro, mais 530 homens deixem a PM: 282 serão reformados e 248 fazem concursos para outras atividades.

Oficiais acreditam que o baixo salário — Cr$ 320 mil — que um soldado recebe é uma das causas da falta de interessados.

No Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças, em Marechal Hermes, onde estão sendo treinados, 15 recrutas pediram baixa este mês. Quatorze deles disseram que não queriam mais continuar, porque sentiram durante o estágio nas ruas que a PM é mal vista pela população e onde eles chegavam eram sempre tratados rispidamente. Um saiu porque se sentiu mal "ao ver tanta corrupção dentro do quartel onde estagiava", rematou um oficial.

O Boletim Ilustrativo Referente ao Pessoal Ativo da Polícia Militar do 2º trimestre informa que "em relação ao trimestre anterior, o balanço do efetivo do atual trimestre nos foi desfavorável, pois que o mínimo de saídas atingiu a casa dos 376 e o de entrada o de 42, resultado em um balanço negativo de 334 policiais-militares".

Cícero Dias tem mural recuperado

Recife — A cidade recuperou, ontem, uma das mais importantes obras de arte do Estado: um mural pintado em 1948 pelo artista plástico Cícero Dias, que reside em Paris desde 1937, e é considerado pioneiro do abstracionismo na arte mural da América Latina.

A obra, que representa, segundo o pintor, a paisagem do Centro do Recife — naquela época com muitas árvores e um imenso mangue que acabava no mar — estava coberta há seis meses por nove camadas de tinta de parede, colocadas de acordo com o gosto dos funcionários que ocuparam durante esse período o 9º andar do prédio da Secretaria da Fazenda. Cícero Dias pintou, nesse edifício, nove murais, todos danificados. Esse é o quarto restaurado e o mais importante. Dois foram destruídos e dois estão irrecuperáveis.

AUSENTE

A entrega do mural à comunidade, pelo Secretário de Fazenda Luís Otávio Cavalcanti, foi feita sem a presença do pintor. Embora estivesse no Brasil há dois meses ele precisou regressar com certa urgência a Paris, por motivos particulares. Antes de viajar, porém, afirmou que o trabalho de restauração está tão perfeito que "deve ser divulgado internacionalmente". Na verdade, ele próprio foi também responsável pelo resultado: forneceu informações e fotografias à Secretaria de Fazenda, para que os restauradores trabalhassem com mais eficiência.

Coordenada pelo advogado Caio de Sousa Leão, que entende profundamente de arte, a restauração foi feita durante seis meses, de segunda a sexta-feira. A principal técnica, que trabalhou na recuperação da obra, Lúcia Carneiro, disse, ontem, que, basicamente, foram usados no trabalho duas coisas: solvente e um bisturi para remover as camadas mais duras. Sobre uma parte do mural havia sido colocada até uma camada de cimento.

O pintor Cícero Dias não teve sorte, como reconheceu diversas vezes, com seus murais. Mesmo assim, o artista não se rendeu: está sendo colocado nas paredes da Casa da Cultura de Pernambuco sua mais recente obra nesse ramo. É um imenso mural de 90 metros quadrados sobre a vida de Frei Caneca, herói pernambucano das Revoluções de 1817 e 1824.

Gaúcho verá irmão preso no Uruguai

Porto Alegre — O único preso político brasileiro no Uruguai, o gaúcho Ruben Malikovski, 49 anos, que já cumpriu 14 dos 20 anos a que foi condenado, receberá pela primeira vez uma visita no próximo dia 8: dois dos seus irmãos, Roni e Ledi, viajam terça-feira a Montevidéu para visitá-lo como o preso nº 1012, piso 4 A, cela 11 — esquerda, no presídio de Libertad.

O presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Jair Krischke, enviou carta ao Presidente João Figueiredo e ao Ministro Saraiva Guerreiro, pedindo que gestionem para a imediata libertação de Ruben: os militares uruguaios, num acordo com partidos políticos daquele País, já decidiram que soltariam todos os presos políticos que tivessem cumprido mais da metade da pena. Ruben é beneficiário da medida, mas como vivia isolado, permaneceu detido, sem visitas (seus parentes nem sabiam que ainda estava vivo).

A descoberta da presença de Ruben em Libertad se deveu à libertação de outro gaúcho, há cerca de dois meses, Antônio Pires da Silva, preso sob suposto envolvimento num suposto grupo do médico Vladimir Roslik (morto pelos militares). Antônio foi solto 24h depois da denúncia, no Brasil, de sua prisão no Uruguai, sendo libertado na cidade fronteiriça de Santana do Livramento. Em Libertad, Antônio recebeu de Ruben uma encardida toalha da prisão, em que bordou seu nome, para provar que estava vivo. Iniciou-se mobilização do Movimento de Justiça, que levou à descoberta de que Ruben se separou da sua ex-mulher, Marlene, quando ambos viviam em Santa Cruz do Sul (RS), em 1961. Ele viajou ao Uruguai e se integrou à União dos Trabalhadores do Açúcar.

TEMPO

Uma frente fria de atividade moderada aparece semi-estacionária no Estado do Paraná, ocasionando muita nebulosidade e chuvas isoladas. A massa de ar tropical que predomina desde o Nordeste até o Rio de Janeiro está bloqueando esse sistema frontal e impedindo o seu deslocamento para a Região Sudeste. Faixas de nuvens sobre os Estados do Pará, Mato Grosso e Goiás provocam pancadas de chuvas.

No Rio

Tempo claro a parcialmente nublado, passando a nublado no fim do período. Temperatura estável. Ventos: Sudoeste a Norte rondando para Noroeste fracos a moderados com rajadas ocasionais. Visibilidade boa a moderada. Máxima: 37.3, em Bangu; mínima: 20.6, no Alto da Boa Vista.

As Chuvas — Precipitação em mm nas últimas 24 horas: 0.0; Acumulada este mês: 5.0; Normal mensal: 97.4; Acumulada este ano: 393.8; Normal anual: 1075.8.

O Sol — Nascerá às 05h05min e o Ocaso será às 16h07min.

O Mar no Rio de Janeiro — Preamar: 06h23min/0.2m e 18h44min/0.3m. Baixamar: 12h47min/1.0m. Em **Cabo Frio** — Preamar: 06h11min/0.2m e 18h34min/0.4m. Baixa-mar: 12h56min/1.1m. Em **Angra dos Reis** — Preamar: 00h25m/0.9m e 12h39min/1.0m. Baixamar: 06h15min/0.1m e 19h01min/0.3m. O Salvamar informa que o mar está calmo, com águas a 21 graus, correndo de Leste para Sul.

A Lua

Crescente Até 07/11 — Cheia 08/11 — Minguante 16/11 — Nova 23/11

Nos Estados

Amazonas: enc. a nub. c/chvs. no Leste; demais reg. nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 33.7; Mín.: 23.7. **Acre/Rondônia**: nub. a pte. nub. c/chvs. isol. Temp.: estável. Máx.: 32.6; Mín.: 21.0. **Roraima**: nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 36.0; Mín.: 23.6. **Pará/Amapá**: enc. a nub. c/chvs. esp. Temp.: estável. Máx.: 30.8; Mín.: 23.2. **Maranhão**: pte. nub. a nub. c/pncs. de chvs. esp. no Sul do Estado; demais reg. nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 31.3; Mín.: 25.4. **R. G. Norte**: nub. a pte. nub. c/chvs. ocs. Temp.: estável. Máx.: —; Mín.: —. **Piauí**: pte. nub. a nub. c/pncs. de chvs. no Sul; demais reg. nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: —; Mín.: 24.1. **Ceará**: nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 31.0; Mín.: 23.1. **Pernambuco/Paraíba**: nub. a pte. nub. c/chvs. ocs. no lit.; demais reg. nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 29.3; Mín.: 22.0. **Alagoas**: nub. a pte. nub. c/chvs. ocs.; no litoral; demais reg. nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: —; Mín.: 21.4. **Sergipe**: nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 28.6; Mín.: 24.1. **Bahia**: nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 28.4; Mín.: 20.8. **Mato Grosso**: pte. nub. a nub. c/pncs. de chvs. e trvs. esp. Temp.: estável. Máx.: 33.8; Mín.: 25.0. **Mato Gr. do Sul**: nub. c/chvs. Temp.: estável. Máx.: 32.6; Mín.: 16.0. **Goiás**: pte. nub. a nub. c/pncs. de chvs. no Centro e Sul; demais reg. nub. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 34.0; Mín.: 19.6. **Brasília**: pte. nub. a nub. c/possib. de pncs. de chvs. e trvs. à tarde. Temp.: estável. Máx.: 28.0; Mín.: 15.8. **Minas Gerais**: clr. a pte. nub. passando a nub. no Oeste e SE do Estado; demais reg. clr. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 31.4; Mín.: 17.2. **Esp. Santo**: clr. a pte. nub. Temp.: estável. Máx.: 31.1; Mín.: 22.6. **S. Paulo**: nub. c/chvs. Temp.: em decl. Máx.: 32.6; Mín.: 18.7. **Paraná**: nub. ainda c/chvs. c/períodos de melhoria. Temp.: estável. Máx.: 19.4; Mín.: 16.9. **S. Catarina**: enc. a nub. c/chvs. melhorando no decorrer do período no Sul e Oeste. Temp.: em decl. Máx.: —; Mín.: —. **R. G. do Sul**: nub. ainda c/chvs. isol. passando a pte. nub. na Campanha, Serra do Se, litoral Sul, Sul do Vale do Uruguai; enc. a nub. c/chvs. esp. melhorando no decorrer do período. Temp.: em decl. Máx.: 23.4; Mín.: 19.7.

Tempo no Mundo

Aberdeen: 7, chuva; **Amsterdã**: 12, encoberto; **Ancara**: 13, chuva; **Anchorage**: 09 abaixo, limpo; **Atenas**: 13, chuva; **Beirute**: 25, encoberto; **Berlim**: 10, limpo; **Bonn**: 07, chuva; **Boston**: 06, limpo; **Bruxelas**: 12, encoberto; **Cairo**: 24, encoberto; **Calgary**: 13 abaixo, neve; **Caracas**: 19, limpo; **Chicago**: 06, limpo; **Copenhague**: 10, nublado; **Dacar**: 32, poeira; **Dublin**: 09, limpo; **Estocolmo**: 07, nublado; **Frankfurt**: 10, encoberto; **Genebra**: 09, chuva; **Helsinque**: 09, nublado; **Honolulu**: 21, limpo; **Jerusalém**: 18, encoberto; **Lisboa**: 12, encoberto; **Los Angeles**: 16, limpo; **Madri**: 18, limpo; **Malta**: 21, encoberto; **Manila**: 27, nublado; **Miami**: 26, limpo; **Montreal**: 08 abaixo, limpo; **Moscou**: 04, nublado; **Nassau**: 23, encoberto; **Nice**: 16, nublado; **Nova Déli**: 26, limpo; **Oslo**: 10, nublado; **Ottawa**: 04 abaixo, limpo; **Paris**: 13, encoberto; **Pequim**: 11, limpo; **Pretória**: 21, limpo; **Riyad**: 30, limpo; **Regina**: 05 abaixo, limpo; **Roma**: 19, limpo; **São Francisco**: 12, nublado; **Seul**: 12, encoberto; **Sófia**: 11, encoberto; **Sidnei**: 19, nublado; **Taipé**: 20, nublado; **Tóquio**: 12, nublado; **Toronto**: 05 abaixo, limpo; **Túnis**: 21, encoberto; **Varsóvia**: 07, limpo; **Viena**: 09, limpo; **Washington**: 08, limpo; **Winnipeg**: 01 abaixo, limpo; **Buenos Aires**: 14, limpo; **Caracas**: 22, nublado; **Havana**: 22, encoberto; **Lima**: 18, nublado; **Santiago**: 11, nublado.

OAB vai investigar caso do trabalhador da Cedae que policiais torturaram

A Comissão dos Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil se reúne amanhã, ordinariamente, e vai investigar a denúncia do soldador da Cedae, Cláudio José da Silva, de que foi torturado numa delegacia, depois de seqüestrado por 10 policiais armados, na Baixada Fluminense. "Essa denúncia não é absolutamente novidade para nós", afirmou o secretário da comissão Eugênio Lyra.

"A área policial sempre foi problemática e continuará sendo, principalmente porque é a própria polícia que apura os fatos", disse Eugênio, que defende a designação de um promotor público para acompanhar cada inquérito sobre abuso de autoridades.

"Enquanto a Polícia Militar apurar crimes da Polícia Militar e a Secretaria da Polícia Civil apurar crimes da Polícia Civil, fica difícil, porque sempre há algum tipo de influência nesses inquéritos", disse.

Suspeito de incêndios é libertado

O Juiz de Menores Antonio Campos Netto mandou arquivar por falta de provas o auto de investigação social da 15ª Delegacia Policial que acusava o menor M.C.P., de 13 anos, de ser o autor da série de incêndios que ocorreram no Edifício Jardim Florença, na Rua Lopes Quintas, 244, no Jardim Botânico, há dois meses.

Os incêndios misteriosos ocorriam sempre pela madrugada. Os moradores do edifício resolveram passar noites de vigília, na tentativa de descobrir o piromaníaco. Numa noite em que ocorreram dois princípios de incêndio, a empregada doméstica Mariluce Rita da Conceição, que trabalha no apartamento 107, afirmou que viu M.C.P. atear fogo.

NEGATIVA

A família do acusado, porém, negou que o menino fosse o autor dos incêndios, alegando que quando ocorreram ele estava dormindo. M.C.P. foi preso e levado para a 15ª DP, onde prestou depoimento. Depois, foi encaminhado à Divisão de Segurança e Proteção ao Menor, de onde foi liberado no dia seguinte. Quando M.C.P. estava preso, o maníaco voltou a agir e ateou fogo à lixeira do prédio. Mesmo assim, a polícia denunciou M.C.P. como autor dos incêndios. O Juiz de Menores, porém, não concordou com a tese policial e considerou o menor inocente.

Delfim diz que país não pedirá dinheiro novo a bancos

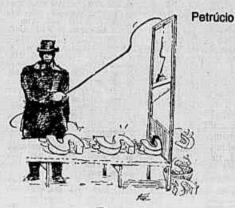
INFORME ECONÔMICO

De como financiar US$ 100 bilhões

O Brasil inicia na próxima semana uma nova rodada de negociação de sua dívida externa de 100 bilhões de dólares, com o propósito, anunciado pelo Ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, de conseguir um acordo que englobe todos os vencimentos de 85 a 89. Será, decerto, a proposta mais ousada do Governo brasileiro, ainda que assentada nos precedentes de México e Venezuela. Afinal, os compromissos financeiros neste período somam cerca de 60 bilhões de dólares junto aos bancos credores e de 7 bilhões a 9 bilhões, negociados no Clube de Paris, Governo a Governo.

Desta feita, as autoridades brasileiras têm alguns argumentos importantes para exibir na mesa de negociação. O mais importante deles, o desempenho externo, que permite projetar superávit superior a 12 bilhões de dólares, capaz de cobrir 90% dos pagamentos de juros e serviços da dívida. O Banco Central fez, com base nestes dados, pelo menos 30 simulações de comportamento da economia nacional e internacional (juros, comércio, créditos, etc), para definir o montante de recursos novos necessários para 85 e, segundo o Ministro Galvêas, a posição é confortável o bastante para que o Brasil possa tomar para si a decisão de pedir ou não estes recursos — uma vez que conta com boa posição de reservas (7 bilhões de dólares em setembro).

A definição de um novo programa de pagamentos, com prazo de até 14 anos, como pretende o Governo, contudo, não deverá ser tão rápida. A questão da sucessão presidencial no Brasil é acompanhada com o maior interesse pelos banqueiros internacionais e mesmo que se chegue a um acordo nos próximos meses, este somente deverá ser formalizado com a posse do novo Governo.

Petrúcio

Carioquinhas capitalizadas

O Secretário de Fazenda, César Maia, já recebeu o telegrama do Banco Central autorizando o aumento da rentabilidade das ORTRJs (as carioquinhas) e possivelmente na próxima quarta-feira será assinada a resolução alterando de 6% para 13% o ganho nos títulos estaduais. De início, quem tem os títulos terá um lucro importante. O Banerj, neste sentido, será o maior beneficiado; titular de Cr$ 450 bilhões em títulos, embolsará Cr$ 36 bilhões.

O Estado recolheu praticamente todos os títulos de circulação. Apenas 5% deles estão em poder do mercado. E, de acordo com o Secretário César Maia, isto permitirá a adoção de uma estratégia ofensiva para a colocação dos papéis, já na semana seguinte ao lançamento. Serão vendidos o papel final e títulos novos, com garantia de carregamento positivo, à taxa ANDIMA e mais 2%.

Falta de hábito

Os organizadores do encontro do candidato do PMDB, Tancredo Neves, e empresários fluminenses tiveram que atender a inúmeros telefonemas e pedidos de reserva de último momento, durante o fim de semana, quando 1 mil 400 convites já estavam reservados. É que muitos empresários estavam esperando receber os convites — pouco acostumados à prática de um evento como este, "de adesões", que supõe a iniciativa.

Pega e come

A receita tributária do Tesouro, de janeiro a setembro, totalizou Cr$ 22 trilhões 145 bilhões, segundo dados do Banco Central, que já refez as projeções iniciais de arrecadação, calculando recolher até o fim do ano Cr$ 34 trilhões 890 bilhões. O imposto de renda, principal fonte de recursos (38% do total), propiciou ao Tesouro Cr$ 8 trilhões 358 bilhões, contribuindo decisivamente para isto, segundo a Receita Federal, a parcela retida na fonte por rendimentos de capital, que cresceu 407%.

Estes resultados, porém, não significam que o Governo contabiliza recursos para promover a reativação da economia. Atualmente, o superávit de caixa é de Cr$ 2 trilhões 703 bilhões, que devem ser somados às transferências já realizadas de Cr$ 1 trilhão 679 bilhões para o controle monetário e a redução do déficit público. Em outras palavras, é dinheiro que está sendo tragado pelas necessidades da administração da dívida.

Matemática

Segundo a Cacex, o preço médio por tonelada exportada de açúcar refinado baixou 16,23%, quando se compara o preço médio registrado de janeiro a setembro de 1984, de 180,82 dólares por tonelada, com o de igual período de 1983, de 215,88 dólares.

Nos supermercados, o mesmo açúcar refinado acaba de ser aumentado para Cr$ 1 mil o quilo.

Pequenos & pequenos

A Feira de Informática contará com um **stand** patrocinado pelo Banerj reunindo 21 pequenas e médias empresas fluminenses. Será a primeira experiência do banco estadual promovendo a apresentação dos produtos destas empresas em exposições e feiras e, desde já, as entidades empresariais devem buscar promover maior conscientização para os resultados de iniciativas como esta: o **stand** deveria representar 35 empresas, mas foi maior o interesse de empresas de fora do Rio do que daqui mesmo. O Banerj recebeu inúmeras consultas de empresas de São Paulo, Minas e Manaus, entre outras regiões.

Já está sendo organizada uma nova Caravana de Negócios, para colocar em contato empresários do Grande Rio com empresas do interior, intensificando as compras dentro do Estado. A primeira caravana reuniu 50 empresários e foram fechados, em Campos, negócios no valor de Cr$ 150 milhões. Dia 28 próximo será a vez da região de Volta Redonda, abrangendo Barra Mansa, Barra do Piraí, Resende, Vassouras Piraí, e Valença e o Banerj espera a presença, desta feita, de 100 empresários da região metropolitana.

São Paulo — O Ministro do Planejamento, Delfim Neto, informou que o país não deverá negociar novos créditos com os bancos internacionais, e revelou que o Brasil "está hoje com reservas livres de mais de 6 bilhões de dólares, com superávits mensais de 1 bilhão de dólares. Hoje a caixa do país é normal".

Delfim, que passa o fim de semana em São Paulo, analisou a situação externa do país, ressaltando: "Temos hoje quatro meses de importações em caixa". Anunciou que a renegociação da dívida brasileira será iniciará dentro de duas semanas, "mas tudo está caminhando do bem desde agora".

"Passamos o pior"

— Os banqueiros internacionais têm consciência de que o Brasil fez um enorme esforço de adaptação. O Brasil voltou a crescer sem nenhuma perspectiva de dificuldades no balanço de pagamentos. Isso, na minha opinião, é que tranqüiliza o credor. Eles sabem que nós já passamos o pior, vencemos a crise externa sem aquelas coisas ridículas que se propunham para o país, como a moratória ou se deixar de pagar. Eles sabem que o Brasil merece crédito, porque honra seus compromissos — afirmou o Ministro Delfim Neto.

Para ele, "o país se ajustou à nova realidade internacional. Hoje é um país menos vulnerável do que era em 1973, e muito menos vulnerável do que era em 1979. É um país que substituiu sua matriz energética de maneira importante, e que utilizou a dívida externa para a realização de investimentos, todos eles terminando agora".

— Eu não tenho a menor dúvida — prosseguiu o Ministro — de que o Governo Figueiredo deixa a economia em ordem. Ele venceu a maior crise internacional que existiu após o ano de 1930. O Brasil, não foi o Governo, foi a nação brasileira, pagou um preço alto por esse ajustamento, mas o realizou.

Segundo o Ministro, "o sacrifício não foi em vão. Hoje somos um país líquido. Um país que está crescendo entre 4% a 5% ao ano. De forma que não vejo razão alguma para pensarmos em uma modificação importante no próximo Governo".

Sem receita para o próximo Governo

— A última coisa que vou fazer é dar receita para alguém. Eu já executei as minhas e espero que as próximas sejam bem melhores do que as minhas, para que eu possa aplaudi-las. Cada um corre os seus riscos. Cada um faz exatamente aquilo que acha correto — explicou o Ministro Delfim Neto.

Descontraído, o Ministro disse que no próximo ano haverá uma simples manutenção do **superávit** da balança comercial alcançado este ano, que ele estima em 12 bilhões de dólares, e observou: "É um objetivo factível. Um superávit de 12 bilhões de dólares garante que nós não teremos necessidade de nenhum dinheiro novo. Isso significa o seguinte: que a nossa dívida caminha para a estabilização e, com o crescimento econômico, significa que nós reduziremos a importância relativa da dívida".

Delfim Neto é de opinião que a liberação das importações não será prejudicial à economia, salientando que "a liberação poderá aumentar a eficiência da economia brasileira e permitir o controle de alguns preços. Mas a grande verdade é que a substituição de importações que foi realizada é uma substituição sólida, feita com tecnologia adequada. Não creio que com as proteções que ainda ficaram, proteções que são gigantescas, a maioria delas em torno de 40%, 50% a 60% de tarifas, mais 25% de IOF, ocorra algum prejuízo para a indústria nacional".

— O setor de exportação continuará a ser, no próximo ano, o mais rentável do país. A retirada do crédito-prêmio (IPI/ICM) não atrapalhará em nada as vendas externas, porque temos uma sobra gigantesca de câmbio — explicou o Ministro Delfim Neto.

O Ministro do Planejamento entende que "o crescimento econômico deste ano se situará em torno de 4% a 5% e o crescimento industrial muito próximo dos 7%. Isso significa que nós temos todas as condições para crescer no ano que vem mais do que os 4% a 5% deste ano"

Arquivo

Delfim garante que reservas livres passam de US$ 6 bilhões

PIB deve crescer 3,6% este ano

Brasília — O Produto Interno Bruto deverá crescer este ano 3,6%, segundo um trabalho elaborado pelo Ministério do Planejamento. As estimativas governamentais são no sentido de que a agropecuária terá uma expansão de 4,6%, enquanto o setor secundário terá uma taxa de crescimento de 6%, e o setor terciário não passará de 1,6%.

O setor exportador e o bom desempenho da agricultura serão os grandes responsáveis pelo resultado positivo do PIB este ano. No entender de técnicos governamentais, o setor exportador tem a seu favor, no lado da oferta, uma relação câmbio/salário vantajosa e, no lado da demanda, a recuperação das economias industrializadas, principalmente a norte-americana. Segundo dados da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil, o valor exportado já atinge quase 35% do produto da indústria brasileira.

A agricultura e a substituição de insumos energéticos importados também contribuíram com uma parcela importante na formação do Produto Interno Bruto de 1984. Assim, fatores favoráveis, tais como clima, preços internos e internacionais, fizeram com que a agricultura tivesse um aumento de 8%, bem acima do dobro de sua taxa histórica. Esse excelente desempenho das lavouras teve reflexos no setor industrial, particularmente sobre a demanda de tratores, caminhões, pulverizadores, colhedeiras e fertilizantes.

A indústria extrativa mineral, por sua vez, deverá revelar uma taxa de expansão da ordem de 30%, devido, principalmente, à produção de insumos energéticos antes importados — petróleo (50%) e gás natural (35%) — e a produção de ouro.

Para técnicos do Governo, esses números revelam uma conjugação de diversos fatores favoráveis neste ano, que podem não acontecer em 1985. Esse ceticismo é reforçado pelo fato da economia brasileira estar passando por altas taxas de juros (mais de 30% em termos reais), uma inflação anual superior a 200% e a retomada de um rígido sistema de controle de preços.

A conjugação desses itens terá reflexos negativos nos gastos em consumo, na redução dos investimentos e na diminuição dos dispêndios governamentais, com repercussões sérias no nível da atividade econômica como um todo.

FERNANDO MARTINS

PIB

	1983	1984
Setor primário	2,2	4,6
lavoura	1,7	8,2
pecuária	3,0	−1,3
Setor secundário	−7,0	6,0
transformação	−6,3	6,1
extração mineral	14,5	30,2
construção civil	−13,6	−8
utilidade pública	7,9	11,9
Setor terciário	−1,0	1,6
comércio	−3,5	2,1
instituições financeiras	3,7	2,8
transporte e comunicação	0,0	0,0
governo	0,0	0,0

Brasil tentará se livrar de encargos

Brasília — Quando for iniciada a próxima etapa de renegociação da dívida externa brasileira, no dia 12 de novembro, em Nova Iorque, estará definida a sucessão presidencial nos Estados Unidos. Mas, na mesa de negociações, a sucessão de Figueiredo continuará a ser um problema, e os banqueiros internacionais acenam com a possibilidade de renegociar os débitos externos que vencem no período de 1985 a 1989, no montante de 58 bilhões de dólares, desde que o Brasil não peça recursos novos no próximo ano.

Os banqueiros poderão renegociar as dívidas que vencem no mandato do sucessor de Figueiredo: 9 bilhões 700 milhões de dólares, em 1985; 12 bilhões 700 milhões de dólares, em 1986; 13 bilhões de dólares, em 1987; 12 bilhões 100 milhões de dólares, em 1988; e 9 bilhões 700 milhões de dólares, em 1989.

Barganhando com a dispensa de pedir recursos novos pela renegociação plurianual, o Governo federal espera mais boa vontade dos bancos credores no que diz respeito ao estabelecimento de menores taxas de risco (**spreads**, atualmente na faixa de 2,2%) e na suspensão de comissões para novos contratos de financiamentos.

Se acompanhar integralmente a renegociação efetuada pelo governo mexicano, o Brasil poderá conseguir, também, a transformação de parte de seu débito externo com base na taxa **Prime** (que regula os empréstimos tomados em Nova Iorque), para a taxa **Libor**. A **Prime** atualmente está cotada em 12%, enquanto a **Libor** (London Interbank Offered Rate, que regula os empréstimos contraídos na Europa) está fixada em 10 11/16%.

Com essa expectativa positiva, técnicos do Banco Central acreditam que o Brasil não deve ter pressa para negociar com os bancos credores. Os entendimentos que serão efetuados em Nova Iorque, a partir do dia 12, se constituirão, basicamente, no começo de um delicado jogo de paciência, que deverá durar várias semanas. Os bancos querem receber e o Brasil, certamente, quer pagar. Mas, de preferência, quando e como puder, e livrando-se, ao máximo, das dificuldades causadas pelos altos encargos da dívida externa.

MAURÍCIO CORREA

Cobra vai lançar "micrão" na Feira

PROMOÇÃO

APOIO

BANERJ VARIG PETROBRAS

Produtora ensina a fazer desenho em micro

Feira transforma Riocentro em cidade da informática

Fotos de Fernando Araújo

"No break" evita perda de memória

A indústria SAB Nife Brasil, de capital sueco, decidiu investir na Feira de Informática, embora sua área de atuação seja a elétrica. É que a empresa também produz um equipamento chamado "no break", que mantém os computadores funcionando, mesmo que haja corte de energia elétrica. Em caso de blecaute ou queda de tensão na rede, todos os dados que estão na memória imediata (RAM) do computador desaparecem, o que provoca grandes problemas em um centro de processamento de dados. As baterias do "no break" fazem com que o computador de grande porte funcione até 20 minutos sem energia elétrica externa, tempo suficiente para se acionar um gerador ou transferir os dados para a memória permanente (ROM).

A Nife faz equipamentos para micros ou grandes computadores. No caso dos micros, há dezenas de concorrentes, mas em "no break" para grandes computadores só há mais quatro fabricantes importantes (Siemens, Brown Boveri, Asea e Saturnia). Como não se trata de um periférico, mas sim de um equipamento eletrônico, sem microprocessadores, o "no break" não entrou na reserva de mercado da indústria nacional de informática.

Um "no break" para um grande computador (como o 4341 da IBM, por exemplo) tem capacidade de 30 Kva e custa cerca de Cr$ 120 milhões. O grande mercado da Nife deverá o ser da automação bancária, pois hoje os terminais nas agências estão desprotegidas e normalmente causam problemas aos clientes quando falta energia.

"Stand" JB dá lista de escolhidos para curso

Os alunos classificados no concurso **Caderno Jovem** do JORNAL DO BRASIL/Info poderão ver a relação com seus nomes e turmas determinadas, no **stand** do JB, na Feira de Informática, que inicia amanhã, a partir das 14 horas. O não comparecimento elimina o concorrente.

É a seguinte a relação dos selecionados:

Segunda

1. Aldemira Alves da Silva 2. Bruno Stoliar 3. Liliana Fernandes 4. Luís Fernando Said 5. Rogério Augusto Schmitt 6. Aline Leal Mota 7. Marcos Lins de Sales 8. Rivelino da Silva de Souza 9. Cassia Maria Oliveira Marques 10. André Maranhão de Araújo

Terça

1. Alexandre Pereira de Mendonça 2. André Luiz Oliveira Trajano 3. Denise Fontoura Pereira 4. Marcos Nicolas de Mesquita 5. Soraya Sayão de Brito Gomes 6. Sandra Marcia Guimarães Pires 7. Cristiane Nunes Francisco 8. Alex da Cunha Martins 9. Joelma Cavalcante Souza 10. Marcus Vinicius Araujo Periard

Quarta

1. Giovanini Argolo Messa Sampaio 2. Gilberto Araújo de Alcântara 3. Juciara da Silva Cândido 4. Marcelo Herskovits 5. Cátia Regina Pinto da Silva 6. Carlos Roberto Fontes Lopes 7. Dorotea Marlene Torres Bezerra 8. Alexandra Sucupira Costa Lins 9. Luciane Conceição de Souza 10. Sérgio Luis Grecovs Bastos

Quinta

1. Joelma de Farias e Silva 2. Valter de Almeida Gomes 3. Paulo Rabinovitsch 4. Ivanilson Miran da Cruz 5. Claudia Arouca Dupre 6. Alexandre José Peixoto Donato 7. Edson Moylaert Marques de Souza 8. Samuel Cabral Bourguignon 9. Josenei Pinto Motta 10. Walter de Aguiar Amazonas Filho

Sexta

1. Renato Miranda da Cruz 2. Monica de Olivera Pessanha 3. Adriana Fernandes 4. Luiz Gustavo Dutra de Menezes 5. Ediangely Fatima Pegoretti 6. Francine Murmura 7. João Gimenez Neto 8. Tatiana B. Moraes 9. Ricardo Luiz Sodrel 10. Sergio Eduardo de C. E. Joras

Sábado

1. Alexandre M. C. Rodrigues Jr 2. Anelise Alvares Salis 3. Claudia Passos Coelho 4. Carla Serrao Faria 5. Ronaldo Izetti da Costa 6. Bernardo Ribeiro J. de Mattos 7. Ivan Abelha Ditzel 8. Antonio J. Costa Mendonça 9. Mario Eduardo F. de Almeida 10. Claudia Lucia Bisaggio Soares 11. Beijamim de Medeiros Valle 12. Marco Duarte 13. Anibal Wanderley 14. Murilo Damasceno Medina

Para realizar a IV Feira Internacional de Informática e o XVII Congresso Nacional de Informática, o maior evento já realizado no Rio, seus organizadores tiveram que montar uma verdadeira cidade dentro do Riocentro. Essa **cidade da informática** ocupou, neste final de semana, um pequeno exército de dois mil trabalhadores encarregados da montagem dos estandes e custou Cr$ 15 bilhões.

Ela vai consumir 5 mil kva de energia elétrica (suficientes para abastecer uma cidade de verdade com 100 mil habitantes) e está equipada com sofisticados sistemas de telefonia, telecomunicações e ar condicionado (só no estande da IBM, por exemplo, são 240 toneladas de equipamentos de ar condicionado).

A **cidade** — que vai funcionar por sete dias, de amanhã a domingo — terá uma população fixa de 10 mil pessoas (os cinco mil participantes do congresso e os cinco mil funcionários dos 300 estandes) e uma população flutuante de 150 mil pessoas (o público esperado). Toda essa gente vai circular por uma área de 50 mil metros quadrados, dos quais 22 mil ocupados pelos estandes dos expositores da Feira.

Para alimentar os funcionários, participantes do congresso e visitantes da exposição, um segundo restaurante foi adicionado ao que já existe no Riocentro. Juntos, eles estão preparados para servir três mil refeições por hora — sem contar as refeições rápidas que serão servidas pelas diversas lanchonetes que se instalaram no Riocentro.

Excesso de público

Luiz Octávio Themudo, diretor da Foco — empresa organizadora da Feira — espera que o número de visitantes não ultrapasse as 150 mil pessoas (50 mil profissionais da área de informática, que lá deverão comparecer para fazer negócios, e 100 mil de público em geral).

Uma pesquisa feita com os expositores que participaram da Feira de Informática do ano passado, em São Paulo, mostrou que o excessivo afluxo de público acabou prejudicando a realização de negócios. Por isso, este ano o acesso ao pavilhão de exposições nos quatro primeiros dias do evento (de amanhã a quinta-feira) será restrito aos profissionais.

Para o público em geral, as bilheterias do Riocentro estarão abertas de sexta a domingo, das 14h às 20h (cinco pequenos robôs estarão espalhados pela cidade, em locais como o Aeroporto Santos Dumont e a estação das barcas, convidando a população a comparecer à Feira).

As atrações

Para leigos ou profissionais, as atrações prometidas pelos expositores são incontáveis. No estande da IBM — o maior da Feira, com 1 mil metros quadrados — ao lado de suas mais recentes novidades tecnológicas introduzidas no mercado, a empresa vai exibir um **show** de multivisão iluminado a raios laser. Intitulado **Os Visitantes do Planeta Info**, o **show** pretende mostrar, em três mil **slides** exibidos por 30 projetores, a análise do estágio tecnológico da humanidade. Será exibido num auditório com capacidade para 150 pessoas e terá 15 minutos de duração.

O robô serve para montagens de precisão

A IBM ocupou uma área de mil metros quadrados

Na entrada do pavilhão, os operários plantaram um canteiro em torno do símbolo da Feira

Na entrada do estande, uma bonita estrutura branca e arredondada que os funcionários da empresa já apelidaram de **pudim**, a IBM vai mostrar os projetos que está desenvolvendo em cooperação com a Unicamp. Um desses projetos é um equipamento de solda a laser, que os técnicos da Unicamp criaram para a IBM e que será fabricado por uma indústria nacional ainda a ser escolhida.

Outro equipamento que será exibido é um robô IBM 7535, de terceira geração, destinado a montagens de precisão até 5 milésimos de polegada. O robô foi trazido dos Estados Unidos pela empresa para que a Unicamp desenvolva novas aplicações para ele, não só para a própria IBM, como também para a indústria nacional em geral.

No estande da Embratel, foi montada uma réplica do Brasilsat, o primeiro satélite doméstico brasileiro, que será lançado ao espaço em fevereiro do próximo ano. A empresa está preparando também o lançamento comercial, na próxima terça-feira, da Renpac — Rede Nacional de Computação de Dados por Comutação de Pacotes. Trata-se da primeira rede pública de comunicação de dados, pela qual os computadores instalados no país poderão **conversar** entre si com tarifas mais baratas que pelo sistema atual.

Em seu estante, a Embratel montou uma miniatura da Renpac para que os visitantes "falem" dali com os computadores instalados em estandes de outras empresas expositoras.

O local do Congresso e da Feira de Informática

1 — Estacionamento
2 — Expositores (Universidades e Empresas)
3 — Área do Congresso
4 — Jardim
5 — Restaurante
6 — Área Central da Feira

O pavilhão central da Feira de Informática

Tecnosoft tem sistema para o "open market"

Primeiro foi o sistema gerenciador de bancos de dados, o SBD-TS, para o Nexus, computador de 16 bits da Scopus. Agora, a Tecnosoft está lançando, também para o Nexus, um sistema para controle das operações efetuadas em instituições que operem no mercado aberto e de títulos, desenvolvido com apoio do SBD-TS. Trata-se do Sicop/TS que oferece mecanismos de controle automatizados capazes de aumentar a rapidez, eficiência e confiabilidade das operações realizadas.

Daniel Menasce e Oscar Landes, da Tecnosoft, estarão mostrando como atuam os dois sistemas no estande da Scopus, na IV Feira Internacional de Informática. Menasce explica que cinco setores de uma corretora ficam diretamente ligados ao sistema: a gerência, a mesa de operações, as áreas de controle, liquidação e administração. Várias consultas podem ser feitas **on-line** (computador ligado ao sistema central), obtendo a posição do cliente, estoque por título, posição da carteira por título, posição bancária, percentual de papéis com rentabilidade pré e pós-fixada e outros dados.

Grande porte

A ABC Bull S.A. Telematic apresentará na Feira Internacional de Informática seus novos lançamentos, destacando-se o primeiro computador brasileiro de grande porte, DPS T-1, em sua configuração totalmente nacional.

Para as demonstrações de suas principais operações, o DPS T-1 será gerenciado, durante a mostra, pelo sistema operacional GCOS 7. Na mostra, serão expostos ainda produtos de outras empresas do grupo ABC.

Sid lança terminal de ponto de venda

São Paulo — Um projeto de terminal de ponto de venda, criado para ser usado numa caixa registradora eletrônica ou até como parte de uma rede integrada de processamento em grandes cadeias de lojas de varejo ou de departamentos, será lançado pela Sid Informática durante a IV Feira Internacional de Informática.

Na área de automação bancária, a Sid vai apresentar um concentrador de 16 bits com capacidade para até 512 terminais financeiros. Conforme sua configuração, poderá ser utilizado como concentrador para agências, concentrador regional ou mesmo como computador.

Na IV Feira Internacional de Informática, a Sid apresentará ainda o projeto de seu supermicro, equipamento com capacidade para atender até 32 diferentes usuários, que suporta desde terminais locais ou remotos. O supermicro suportará também discos rígidos de grande capacidade, impressoras seriais e paralelas e unidades de fita magnética. Estarão em exposição ainda os circuitos integrados — **chips** — produzidos pela Sid Microeletrônica, além de uma linha de calculadoras científicas programáveis da Sharp.

Indústria gaúcha exporta para a AL

Porto Alegre — Com um crescimento real superior a 30% ao ano, terceiro pólo produtor do país, a indústria de informática gaúcha começa a exportar para a América Latina, principalmente Argentina, não só componentes e equipamentos mas também tecnologia. O próximo mercado a ser atingido será o norte-americano, informaram empresários da Edisa, Urano, Abaco, Planar e Chronos, em audiência com o Governador Jair Soares.

Os empresários gaúchos Paulo Blauth Menezes, Luiz Antonio Soldatelli e Luiz Carlos Futterleib, que apóiam a reserva de mercado, afirmam que os modelos brasileiros já chamam a atenção por sua qualidade e eficiência em todo mundo.

Itaú usa o maior computador da IBM

São Paulo — Começou a funcionar, no Centro de Processamento de Dados do Banco Itaú, o maior computador de uso comercial, fabricado pela IBM — o modelo 3084 OX-64. O centro, que já utiliza 31 computadores de médio e grande porte, receberá outro 3084 QX-64 até o final deste mês, duplicando a capacidade atual de processamento do conglomerado financeiro.

O Itaú está ampliando o sistema de automação de suas agências e está instalando uma antena parabólica de seis metros de diâmetro para acionar a primeira rede privativa brasileira para a transmissão de dados entre computadores por satélite.

Príncipe Dom Eudes consegue sucesso com vinhos finos

Depois de maturar cuidadosamente um projeto acalentado como um sonho por anos e anos, o Príncipe Dom Eudes Orleans e Bragança colhe os frutos da sua perseverança e conhecimento no assunto. Seus vinhos — o branco da casta **semillon** e o tinto da casta **merlot** — tiveram sucesso absoluto em São Paulo e, no Rio, as últimas unidades da pequena safra de 4 mil caixas estão praticamente esgotadas.

Além de se dedicar à empresa de turismo, que tem em sociedade com seu irmão, o Príncipe Dom Pedro Orleans e Bragança, dividir o tempo entre Rio e São Paulo na organização da III Semana Rio Internacional, que começa hoje, e dar uma **esticadinha** no Rio Grande do Sul onde, com o amigo Romualdo Pereira, cuida pessoalmente do corte os vinhos, Dom Eudes tem agora mais duas paixões: lançar um vinho **cabernet** de padrão semelhante ao vinho Velho do Museu (raro no Brasil) e entrar no ramo dos charutos, outro antigo sonho.

Arte e paladar

— Criar um vinho é uma arte que depende de profundo conhecimento no assunto, que vai desde a casta cultivada, a quantidade do sol, da água, e do clima e ter paladar apurado. Por isso fomos buscar orientação de uma pessoa que é mais do que um **expert**, ele é PHD em enologia com teses respeitadas em todo o mundo. É o uruguaio Juan Carran, filho de nove gerações de vinicultores — conta Dom Eudes.

A arte, no entanto, não depende apenas do responsável em transformar em buquê aveludado o sabor de um vinho **cabernet franc**, que para isso precisa ser cortado na medida certa com **merlot** para neutralizar o rascante. É imprescindível também, que o dono do vinho, especialmente quando leva seu nome, aprove o sabor.

É aí que entra o conhecimento, o requinte do paladar e a vasta experiência como **comelier** que o enólogo Dom Eudes cultiva há muitos anos. Mas isso tudo não é suficiente se da casta não for possível retirar um bom vinho. Por isso Dom Eudes vem esperando a terceira safra da uva **sauvignon**, rainha das **cabernet**, para então produzir o seu próximo vinho.

— O vinho Velho do Museu, que eu reputo como o melhor do Brasil, é também criado por Juan e sua origem é de **cabernet franc** cortado com **merlot**. O nosso tinto é **merlot** puro e, para entrarmos na casta **cabernet** além de termos esperado chegar a terceira safra teremos que guardar o **cabernet** da **sauvignon** por dois anos em tonel — explicou Dom Eudes.

Qualidade

Para Dom Eudes, a qualidade do vinho no Brasil vem se aprimorando nos últimos cinco anos, na mesma proporção em que melhora o cultivo de novas castas. E, à medida em que o país passa a produzir melhores vinhos, a preços mais acessíveis, aumenta o consumo do Dom Eudes, que custa Cr$ 12 mil a garrafa. Nos dois últimos anos o aumento vem sendo de 15% ao ano.

O brasileiro, no entanto, ainda consome pouco vinho. Uma média de 2,5 litros por habitantes enquanto que na Argentina o consumo é de 90 litros por habitante/ano. Dom Eudes acha que o pouco consumo de vinho no Brasil não deve-se apenas ao baixo poder aquisitivo, à falta de costume mas, também, porque o brasileiro não bebe vinho adeqüadamente.

— No Brasil se bebe sopa de vinho. Os restaurantes, em sua maioria, tiram o vinho tinto de suas prateleiras, onde é guardado à alta temperatura. Isso porque se diz que o vinho tinto deve ser servido à temperatura ambiente. Mas as pessoas costumam esquecer que a temperatura ambiente é a européia. O vinho tinto deve ser servido a 18 graus e nunca quente — comenta Dom Eudes.

O príncipe costuma dizer que três fatores são imprescindíveis para manter a qualidade de um vinho: 1/3 depende da temperatura em que é conservado, o branco tem que ser muito bem gelado e o tinto a 18 graus; 1/3 depende da qualidade da rolha e o outro terço da qualidade da levedura das cepas utilizadas para o envelhecimento. A temperatura inadequada faz com que o vinho envelheça com mais rapidez, ou seja, suas bactérias vivas perdem o teor.

As vinícolas

Há cerca de 10 anos foram introduzidas no Brasil várias castas de uvas européias, mas estas uvas não eram resistentes ao clima e condições de cultivo. Foi então que se introduziu o tipo Isabel, dos Estados Unidos, que por muitos anos liderou as vinícolas nacionais. Agora, com o aprimoramento de técnicas de plantio que passou do italiano, que produzia uma uva pergolada sem insolação controlável, para o plantio francês, mais espaçado com insolação homogênea, outras castas européias começam a ser cultivadas.

A **gewurztraniner**, por exemplo, que tem seu cultivo em grande escala na França, foi introduzida no Sul e dentro de mais um ano já pode ser avaliada para a produção de vinho branco. As uvas **sauvignon**, moscatel e **chardonnay**, no entanto, já têm sua adaptação certamente comprovada.

Mas, enquanto o Brasil vem ainda adaptando novas castas à sua cultura, nos Estados Unidos, as vinícolas controlam as necessidades das parreiras através de análises por computadores de quarta geração. Lá, conta Dom Eudes, a tecnologia está muito avançada. Os computadores indicam com presteza as dosagens ideais de água, sol e nutrientes que a parreira necessita.

— Como consequência deste avanço tecnológico fica muito mais fácil controlar a safra que lá raramente atinge as perspectivas previstas, sem contar que fica muito mais fácil encurtar o **breading** (apuramento da raça) em vários anos — concluiu Dom Eudes. Ele informa aos amigos que seus vinhos são encontrados no Rio através dos telefones 270-6447 e 274-6399 e, em São Paulo, pelo telefone 881-5101.

GRAÇA MONTEIRO

Aguinaldo Ramos

Com o vinho, Dom Eudes realiza um velho sonho

País exporta mais charutos e consumo interno cresce

São Paulo — Este é o ano do charuto brasileiro: além de conquistar os mercados dos Estados Unidos, Europa, Canadá, Austrália e a América Central, aumentou sua preferência junto aos consumidores nacionais, permitindo um crescimento de vendas — o primeiro dos últimos três anos — de 5,5%. O charuto foi o primeiro produto industrial brasileiro a ser exportado, em 1892, através da Suerdick. Dirigentes dessa empresa dizem com orgulho: "Foi a primeira guia de exportação de produto industrial do país".

O charuto brasileiro leva para o exterior a marca Bahia e compete com os charutos cubanos. São os dois principais produtoi do gênero do mundo. Os holandeses, alemães e suíços que fabricam marcas tradicionais de charutos, utilizam fumos brasileiros, na sua maior parte, sempre com a indicação de "Fumo da Bahia". A guerra pelo mercado é travada incessantemente pelas duas escolas "a baiana" e "a cubana". O fumo da Bahia é mais suave, mais aromático; enquanto o de Cuba é mais pesado, mais forte e tem também bom aroma. Para os entendidos, "os dois tipos de escolas são formidáveis".

Blend brasileiro

— O charuto brasileiro, na maior parte, é um **blend** de fumos enquanto o cubano geralmente tem um tipo só, o fumo de Havana. O fabricante cubano é mais ortodoxo — afirmou o gerente de Marketing da Suerdick, Roberto Nardi.

O mais curioso da história do charuto, é que ele também foi descoberto por Cristóvão Colombo, em 1492, quando chegou a América. Colombo viu os índios, onde hoje é El Salvador, enrolando folhas de tabaco de forma rústica e acendendo uma de suas extremidades, enquanto aspiravam pela outra. Levou a descoberta, com as folhas de tabaco, para a Europa, como se fosse uma especiaria.

Por volta de 1800, o Brasil se tornou exportador de fumo — produzido na Bahia — para a Europa. Um dos compradores desse fumo brasileiro, Auguste Suerdick, resolve se estabelecer no país e implantou plantações e fábricas para a produção do charuto na Bahia.

Na Europa, no Século XIX, foram instalados salões para fumar, os famosos **fumoirs**. Nesses salões os fumantes recebiam na entrada um paletó com a lapela de cetim preto. Aí surgiu o "**smoking**", tradicional traje rigor. No "**fumoir**" o silêncio era absoluto. As pessoas ficavam ali durante minutos ou horas, se deliciando com um charuto. No Brasil também foram instalados **fumoirs** para os charuteiros.

O charuto sempre utilizado nas classes altas chegou a ser personalizado como foi o caso do Vilhem II, do Churchil, o Lautrec ou outros. Haviam charutos na Belle Époque com edições limitadas.

Com a recessão mundial após a Primeira Guerra, foram desenvolvidos nos Estados Unidos os fumos do tipo Burley e Virginia e com isso surgiram os cigarros, menores e mais baratos do que os charutos.

Reativação

Na década de 40, o consumo de charuto começou a diminuir no mercado internacional, em conseqüência do aumento do preço do fumo. Esta queda de comercialização chegou a 9% em 1983.

Mas, no último ano, com a reativação da economia americana, o charuto se recuperou. Os comerciantes da Europa e Estados Unidos exigem novos tipos, pressionados pelos consumidores. Em 1984, as exportações para os Estados Unidos e Europa voltaram a crescer.

— Estamos vendendo charutos até nos países da América Central, através de uma distribuidora do Panamá. Estamos entrando no mercado que originou o próprio charuto, com êxito — explicou o gerente de Marketing da Suerdick, Roberto Nardi.

A Suerdick está sob controle acionário da Melitta alemã desde 1975. Primeiramente, a Melitta reestruturou a empresa, em dificuldades financeiras após a morte de Gehard Mayer Suerdick, sobrinho do seu fundador, Auguste Suerdick. A Melitta adquiriu também a Dannemann, outro fabricante tradicional de charuto no Brasil.

— O ano de 1982 marca o início de uma nova Suerdick já remodelada e voltada ao mercado internacional. "A empresa desenvolveu novos tipos de fumos no país e partiu para novos **blends**, criando uma tecnologia própria. Tudo isso está se refletindo agora, com a procura de nosso produto interna e externamente" explicou Nardi.

MILTON F. DA ROCHA FILHO

Mutuário perde com reajuste semestral

Para quem comprar imóveis, a partir de agora, pelo Sistema Financeiro da Habitação (SFH), não terá mais jeito: o reajuste da prestação da casa própria terá a mesma periodicidade que o dos salários, o que significa dizer que, no momento, para a grande maioria, os aumentos serão semestrais e seguirão os mesmos percentuais aplicados para corrigir os salários.

Mas para aqueles que já têm financiamento do SFH para a compra da casa própria, a legislação do BNH permite que seja mantido o reajuste anual das prestações. Mas quem quiser reduzir ao máximo e de imediato o valor de sua prestação, há um atrativo extra: a mudança para a semestralidade, caso em que o agente financeiro aplicará um abatimento adicional de 8% sobre a primeira prestação após a mudança.

Não compensa

A pergunta imediata é: será vantajosa a troca do aumento anual para o semestral? Não. Um cálculo hipotético da evolução das prestações nos dois casos mostra que a soma do que foi pago na semestralidade sempre será maior do que com a correção anual. Por outro lado, o mutuário que estiver enquadrado na correção semestral (equivalência salarial plena) terá muito mais chances de quitar antecipadamente a sua dívida junto ao agente financeiro.

Para isso, é preciso que ocorra uma das hipóteses seguintes: ou que o reajuste semestral dos salários permaneça por um período superior a 10 anos, ou então que os salários, ao longo do tempo, retornem à tendência histórica de serem corrigidos acima da correção monetária (caso em que o saldo devedor será atualizado a níveis abaixo dos da prestação).

Um exemplo elaborado pela assessoria técnica do BNH parte de uma hipótese de 80% de correção monetária ao semestre, ao longo de três anos, e uma prestação inicial de Cr$ 100 mil, em julho de 1984. Durante o período, por vezes a prestação com reajuste semestral ultrapassa a correção anual; outras vezes, ocorre o contrário- (sempre nas épocas de aumento).

Mas se for feita a soma do que o mutuário teria pago durante o tempo considerado, o exemplo mostra que o que foi pago no caso do reajuste semestral supera o de correção anual. Em julho de 1987, dentro desta hipótese, o somatório do valor nominal pago pelo mutuário de contrato anual chegaria a Cr$ 3 milhões 131 mil; o de correções semestrais teria pago Cr$ 3 milhões 407 mil. Ou seja, um pouco mais.

Hipótese do BNH

E é exatamente por isso — porque o abatimento, ao longo do tempo, é maior — que o mutuário de contrato semestral poderá quitar o seu débito antes do tempo acertado com o agente financeiro. A prestação do BNH tem incorporada, durante todo o tempo de pagamento, um percentual relativo ao Coeficiente de Equiparação Salarial(CES), cujo objetivo é adequar as periodicidades diferentes de correção da prestação (anual ou semestral) e do saldo devedor (trimestral).

Nos contratos anuais, isto significa um acréscimo de 25% sobre a prestação inicial. Naqueles que adotarem a equivalência salarial plena, esse adicional será de 15%. Todos esses coeficientes, segundo os técnicos do BNH, estão desatualizados em relação à inflação: eles são suficientes para não pressionar os fundos do BNH, no caso de uma inflação máxima de 98% ao ano. A nossa inflação já superou os 200%.

Se essa situação perdurasse por muito mais tempo, os recursos disponíveis nos fundos do BNH, em determinado momento, não suportariam a pressão. Mas a equipe técnica do BNH trabalhou, em todas as suas projeções, com hipóteses que são as seguintes: permanência dos reajustes semestrais de salários por um período entre seis e 10 anos, e média de 98% para a correção monetária, durante os próximos 15 anos.

O BNH considera bastante viável essa previsão. Afinal — lembram seus técnicos —, nos últimos 20 anos a correção monetária média foi de 40%; nos últimos dez anos, se elevou para 64%. Se for confirmado, portanto, a hipótese de a correção monetária média não ultrapassar os 98% nos próximos 15 anos, o BNH terá mais folga para quitar o restante dos saldos devedores dos mutuários — possivelmente os de reajuste anual — junto aos agentes financeiros.

Portanto, é bom para o SFH que o maior número possível de contratos sejam firmados com a semestralidade: o mutuário termina de pagar antes do tempo e o BNH não precisará quitar nenhum débito pendente. Para os assalariados/mutuários, no entanto, não é; eles não precisarão ter pressa em quitar, pois isso significa que pagarão mais do que mantendo o aumento anual. Poderão, isto sim, torcer para que se confirmem as hipóteses em que o BNH se baseou para estabelecer o CES em 15%.

Para o Banco Nacional da Habitação, os reajustes semestrais de salários dificilmente cairão, pelo menos na próxima década, pois representam uma conquista dos trabalhadores. Isto conjugado com a hipótese de que os salários voltarão a subir acima dos níveis da correção monetária representarão o início da recuperação do poder aquisitivo da massa trabalhadora.

Permanecer na anualidade representa a certeza de que, ao final do prazo de pagamento das prestações, o mutuário não terá nenhum ônus adicional: o Fundo de Compensação de Variações Salariais pagará por ele a diferença que por acaso existir. A hipótese do subsídio está garantida no contrato. Mudar para a semestralidade significa apostar no futuro e, possivelmente, abrir mão desse subsídio.

ISABEL CHRISTINA PACHECO

Reajuste semestral x Reajuste anual

Exemplos	Jul/85	Jan/85	Jul/85 (Cr$ mil)	Jan/86	Jul/86
A	100	180/166	298	537	966
B	100	100	324	324	1050

Fonte: BNH
(*) abatimento de 8% sobre Cr$ 180 mil = Cr$ 166 mil
A — requer equivalência plena: — reajuste conforme a periodicidade do salário (atualmente semestral) — abatimento de 8% (adicional)
B — requer equivalência parcial: — reajuste anual — sem abatimento de 8%

Saques do FGTS estão diminuindo

As retiradas de recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) em outubro superarão em 28,3% os depósitos feitos pelas empresas. A captação líquida (depósitos menos saques) negativa é um resultado normal em todos os meses de virada de trimestre. Mas outubro registrará o menor desses resultados negativos acumulados ao longo de 1984.

O pior desempenho ocorreu em julho, quando as retiradas superaram a arrecadação em 54,2%. Em outubro, dados preliminares indicam que a arrecadação do FGTS deverá alcançar Cr$ 414 bilhões 600 milhões. As retiradas chegarão a Cr$ 531 bilhões 900 milhões, dos quais Cr$ 455 bilhões serão provenientes de indenizações trabalhistas, e Cr$ 76 bilhões 900 milhões para a compra da casa própria.

Ou seja, os saques superarão os depósitos em Cr$ 117 bilhões 300 milhões. Para o BNH, esse resultado é satisfatório, tendo em vista que a previsão para o desempenho do FGTS em outubro era de que as retiradas de recursos atingissem Cr$ 640 bilhões.

O presidente do BNH, Nelson da Matta, atribui esse resultado à redução do nível de desemprego no país. Essa recuperação — disse ele — permitirá que o FGTS reforce o orçamento do BNH para 1985. Da Matta garantiu que, durante sua administração à frente do Banco — ou seja, até março do próximo ano — não haverá qualquer mudança nas atuais regras para retirada do FGTS, quer seja por indenização ou para utilização na compra ou pagamento das prestações da casa própria.

Tarifa de energia na hora do pique ficará mais barata em janeiro

São Paulo — A partir de janeiro o consumidor de energia elétrica.que evitar o consumo no horário de pique, entre 17 e 20 horas, terá um preço melhor na sua tarifa, revelou o diretor do Departamento de Energia da FIESP, Carlos Eduardo Moreira Ferreira. Este explicou que o Departamento Nacional de Águas e Energia Elétrica definiu o novo sistema de estrutura de preço das tarifas com a denominação de "horosazonal".

— Quem consumir fora do horário de pique será beneficiado com uma tarifa menor. Essa é a filosofia que o DNAEE pretende implantar no país a partir de janeiro — salientou Moreira Ferreira, que explicou que "o reajuste de energia praticado agora, busca dar ao setor energético uma remuneração adequada diante da alta inflação que o país enfrenta".

Pesquisa mostra perda salarial de executivos

São Paulo — De abril a outubro, os salários dos executivos de alta e média gerência subiram, em média, 5% acima do INPC. Isso, no entanto, não foi suficiente para recompor o poder de compra desses profissionais: nos últimos 12 meses, por exemplo, os cargos de primeira linha tiveram aumentos salariais 4% abaixo do INPC anual e, na média gerência, a perda foi de 12%, segundo pesquisa da Morris & Morgan, que realiza levantamentos no setor desde 1968.

"Mantidas as atuais regras do jogo, apenas dentro de um ou dois anos, os executivos voltarão aos níveis salariais de 1978" — prevê o diretor da Morris & Morgan, empresa de pesquisa e consultoria em recursos humanos, Manuel Sallowitz.

Antecipações trimestrais

Trabalhando junto a um universo de 600 empresas do eixo Rio-São Paulo (45% delas com faturamento entre 20 milhões e 50 milhões de dólares; 50% com receita entre 50 milhões e 200 milhões de dólares e 5% entre 200 milhões e 900 milhões de dólares anuais), a Morris & Morgan detetou, na pesquisa encerrada este mês, que cada vez mais as companhias tendem a dar antecipações trimestrais de salários, como forma, inclusive, de aliviar tensões dentro da empresa. Em abril, apenas 20% do universo pesquisado davam antecipação trimestral. Em junho, este percentual saltou para 26%, atingindo 50% em outubro.

Além de antecipação, metade dessas empresas está concedendo algum tipo de aumento extra-salarial para seus funcionários. Metade delas informou estar dando aumentos adicionais de 2% a 8%, a título de "mérito por avaliação de desempenho", o mesmo que a produtividade eliminada pela lei salarial, segundo a Morris & Morgan. Outras empresas preferem conceder bônus aos seus empregados como forma de aumentar salários.

Para os altos executivos — presidente e diretor geral — os bônus chegam a corresponder a 16% do salário mensal, o que, no final do ano, representa dois salários adicionais além do 13º. Embora os salários nominais desses profissionais tenham ficado abaixo do INPS nos últimos 12 meses, se computados os salários indiretos, o ganho real superou em 10% esse índice. Se considerados os bônus, benefícios participação, nos últimos seis meses os salários desses executivos subiram entre 19% e 23% acima do INPC. Esses profissionais têm um nível de remuneração situado entre Cr$ 8 milhões e 16 milhões.

Na média gerência, a erosão do salário nominal não é compensada por qualquer tipo de benefício, de acordo com o levantamento. No último ano, os salários dessa faixa cresceram 170%, o que representa menos 12% do INPC e 18% abaixo do Índice Geral de Preços.

Reativação

Pela pesquisa da Morris e Morgan é possível identificar uma forte tendência à retomada econômica, como observa Manuel Sallowitz. Aumentou, por exemplo, a procura de homens voltados para produção industrial. Esses profissionais estão tendo seus salários reajustados acima da média. De abril a outubro, o aumento salarial foi de 78% (contra 71% do INPC e 74% de inflação no período) e de 176% nos últimos 12 meses.

Os profissionais da área de recursos humanos tiveram, em média, um reajuste de 63% nos últimos seis meses (abaixo do INPC). Na área comercial, os salários foram reajustados em 75%, na área financeira, em 72%.

Fundos de renda fixa ficam abaixo da taxa de inflação

Os administradores de fundos de renda fixa foram, mais uma vez, surpreendidos com a taxa da correção monetária em outubro, e apresentaram uma rentabilidade abaixo da inflação do mês, de 12,6%. Dos 43 fundos listados pela ANBID — Associação Nacional dos Bancos de Investimentos — apenas 14 tiveram rentabilidade acima da inflação. Os fundos da Open Corretora (13,28%) e do Iochpe (13,35%) foram os destaques do mês.

Na rentabilidade acumulada do ano, entretanto, os fundos de renda fixa estão superando a inflação que, de janeiro a outubro, soma 166,6%. Os ganhos mais elevados foram os dos investidores dos fundos do Banco Denasa (200,99%) e do América do Sul (191,87%). Para este mês, os administradores estão projetando uma inflação em torno de 10%.

Alguns fundos deverão incorporar à remuneração de novembro um reSíduo que poderá variar entre 1% e 1,5%, que é a diferença entre a inflação projetada e a real de outubro.

Apenas Cr$ 10 bilhões de recursos novos foram arrecadados pelo setor em outubro, mas o patrimônio consolidado evoluiu 17,6% passando para Cr$ 2,2 trilhões no período.

Crédito pessoal

As taxas efetivas praticadas pelas financeiras apresentaram uma oscilação média de 14% em outubro. O levantamento divulgado esta semana pela ADECIF — Associação dos Diretores de Empresas de Crédito, Investimentos e Financiamento, destaca as taxas da Cia. Metropolitana (16,26%), do Banco Boavista (16,14%) e da Sul América (16%) como as mais altas entre as máximas do mês.

Para os financiamentos de doze meses, de bens de consumo, as financeiras estão praticando taxas de até 510% (na máxima), como a Cia. Metropolitana. Apesar de terem apresentado a maior elevação do mês de outubro, as taxas de financiamento para a compra de automóveis mantêm-se como as mais baixas entre os empréstimos para bens de consumo, variando em torno de 380%. Para a compra de eletrodomésticos, as taxas praticadas pelas financeiras atingiram o patamar de 540% para operações com liquidação em doze meses.

Para obter um empréstimo pelo mesmo período, a título de crédito pessoal, o candidato terá que se sujeitar a pagar, só de juros, em torno de 580%. As letras de câmbio de 180 dias, de financeiras ligadas a conglomerados, estão variando em torno de 300%, o que representa uma taxa líquida ao mês de 11,5%. As taxas das financeiras ligadas a montadoras e das financeiras estão nos mesmos níveis das oferecidas pelos bancos de primeira linha.

O que vai pelo mercado

Bolsa do Rio — O mercado de ações manteve a tendência de alta durante a semana passada, registrando um bom fluxo de recursos por parte de investidores que, diante das incertezas quanto ao comportamento da economia, estão preferindo aplicar em ativos reais ao invés de títulos indexados de longo prazo. Outro fator que influiu no bom desempenho dos preços das ações, segundo os analistas, é a previsão de uma taxa de inflação para novembro de, no máximo, 9,5%. O IBV — índice geral de lucratividade da Bolsa do Rio — apresentou alta de 4,5%, nos quatro pregões da semana. As ações dos setores siderúrgicos e metalúrgico foram os destaques: subiram na média, 30%. Na análise por empresa, Paranapanema PP teve a maior valorização: 42,8%. Samitri OP subiu 32,5%; Telerj ON, 24,3; Bradesco OS 22,5% e Banespa PP, 21,3%. Entre as ações mais negociadas Vale PP subiu 13,6%; Banco do Brasil PP; 18%; e White Martins, 4,7%. A maior baixa foi Luxma PP (-14,1%).

Anistia — A estratégia adotada pela Financeira Cédula de enviar a seus clientes uma carta de anistia, propondo aos devedores com nome no SPC (Serviço de Proteção ao Crédito) a oportunidade de liquidar as dívidas, com a redução de metade dos encargos e até o parcelamento do débito, tem dado excelente resultado, de acordo com o vice-presidente da empresa, Jacques Claudio Stivelman. Além disso, a Cédula está recompensando todos os seus clientes pontuais: a última prestação fica por conta da casa, no caso dos créditos de 15 meses, e cai à metade nos empréstimos de 1 ano.

Ouro — Após duas semanas de estabilidade, o mercado do ouro apresentou uma pequena elevação em suas cotações, influenciada por uma ligeira desvalorização do dólar frente às moedas européias, num comportamento que não era observado desde meados de setembro. No fechamento do pregão de quinta-feira da Bolsa de Nova Iorque, a cotação da onça troy foi de 339,75 dólares contra 338,70 na sexta-feira da semana anterior. Na Bolsa de Mercadorias de São Paulo a cotação do grama subiu Cr$ 1 mil 050 passando para Cr$ 31 mil 100, cotação de fechamento do pregão de quinta-feira passada.

Dólar paralelo — Mais uma vez, a cotação do dólar no mercado paralelo se manteve estável durante a semana, com fraco interesse por parte dos compradores. Nas principais casa de câmbio do Centro da Cidade a moeda norte-americana foi negociada, na tarde da última quinta-feira, por Cr$ 2 mil 850 para compra a Cr$ 2 mil 880 para venda. Em uma semana, a cotação de venda subiu Cr$ 40. A diferença, em relação ao dólar no câmbio oficial, é de 10,81%.

ÍNDICE (%)

	Out	Nov	Dez	Jan 84	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov
INFLAÇÃO														
Mensal	13,3	8,4	7,6	9,8	12,0	10,0	8,9	8,9	9,2	10,3	10,6	10,5	12,6	—
No ano	166,6	189,1	211	9,8	23,3	35,5	47,7	60,7	75,6	93,7	114,3	136,8	166,6	—
Em 12 meses	197,2	206,9	211	213,2	230,1	229,7	228,9	235,5	226,5	217,9	219,3	212,9	211	—
CUSTO DE VIDA														
Mensal	9,7	6,7	8,8	9,9	10,5	9,7	8,5	9,2	9,8	10,6	9,9	10,2	10,7	—
No ano	139,7	155,4	177,9	9,9	21,4	32,2	44,5	57,9	73,4	91,8	110,7	132,3	157,1	—
Em 12 meses	170,2	175,2	177,9	180,3	190,1	197,5	192,1	198,6	195,2	190,2	194,6	195,7	198,4	—
PREÇO POR ATACADO														
Mensal	15,6	8,7	7,4	10,2	11,9	10,1	9,6	8,8	9,1	10,8	9,2	11,2	13,7	—
No ano	186,1	211,0	234	10,2	23,3	35,8	48,8	62,0	76,7	95,7	113,7	137,5	170	—
Em 12 meses	219,3	229,7	234	235,2	255,2	253,8	250,9	258,3	243,6	232,5	229,8	220,5	215,2	—
CONSTRUÇÃO CIVIL														
Mensal	5,1	12,1	4,9	5,9	21,7	9,4	4,4	8,0	8,9	5,3	27,6	5,6	8,6	—
No ano	111,6	137,2	148,9	5,9	28,9	41,0	47,1	58,9	73,1	82,1	132,4	145,5	100	—
Em 12 meses	125,5	142,9	148,9	153,9	174,3	177,0	177,7	6,9	190,2	186,4	212,8	203,3	213,6	—
CORREÇÃO CAMBIAL														
Mensal	14,09	8,56	7,66	9,8	12,3	10,06	8,84	8,89	9,23	10,297	10,601	10,491	12,603	—
No ano	233,32	261,56	289,4	9,8	23,239	33,768	47,66	60,77	75,61	93,66	114,20	135,67	166,496	—
Em 12 meses	279,82	285,05	289,4	292,33	218,017	219,73	219,39	220,5	225,49	211,39	213,92	223,60	211,337	—
UPC (trimestral)	29,5	—	—	27,95	—	—	35,648	—	—	29,50	—	—	34,8	—
ORTN Cr$	5.897,49	6.469,55	7.012,99	7.545,98	8.285,49	9.304,61	10.235,07	11.145,99	12.137,98	13.254,67	14.619,90	16.169,61	17.867,00	20.118,71
CORREÇÃO MONETÁRIA	9,5	9,7	8,4	7,6	9,8	12,3	10,0	8,9	8,9	9,2	10,3	10,6	10,5	12,6
CADERNETA DE POUPANÇA (rentabilidade)	10,048	10,248	8,942	8,138	10,349	12,862	10,550	9,444	9,444	9,746	10,851	11,15	11,52	13,163
INPC														
Mensal	13,02	7,18	7,13	9,78	8,92	9,65	10,39	8,61	8,79	11,6	7,13	9,88	—	—
No ano	137,67	171,2	172,9	9,78	19,57	31,11	44,73	57,20	71,0	90,8	71,0	71,3	—	—
Em 12 meses	163,53	171,2	172,9	178,79	175,75	178,48	180,33	184,41	189,78	197,04	190,59	191,54	—	—
Reajuste Salarial semes.	62,4	64,2	72,2	74,8	75,3	70,9	69,9	70,1	66,2	58,4	71,0	73,8	71,0	71,3
ALUGUÉIS														
— Residenciais	106,35	113,79	130,82	136,9	138,32	136,23	140,86	143,54	149,06	155,52	159,82	157,63	152,47	153,23
— Comerciais (Igual à Corr. Mon. em 12 meses)	145,88	152,08	156,79	150,22	168,52	182,62	185,21	184,95	187,32	191,05	194,52	200,22	202,9	210,98
DÓLAR PARALELO (1)														
Preço de Venda (Cr$)	1.250	1.240	1.160	1.400	1.340	1.550	1.450	1.510	1.730	1.780	1.990	2.510	2.880	2.880
Dólar Oficial (1)	738	842	914	998	1.080	1.213	1.335	1.453	1.582	1.728	1.905	2.107	2.329	2.662
OURO (2) Cr$	15.100	15.400	15.000	16.750	16.500	19.600	18.100	18.400	21.800	21.100	21.400	27.700	31.050	30.500
OVERNIGHT (SOP)	9,0	9,05	8,75	9,55	11,9	10,35	9,67	9,34	9,71	11,05	10,00	11,26	12,93	—
CDB	—	—	—	11,68	14,75	13,43	12,37	9,08	10,60	12,4	12,01	8,29	13,8	—
LETRA DE CÂMBIO	—	—	—	9,16	5,18	4,84	—	11,78	5,44	5,88	8,77	6,12	8,87	—
BOLSA DO RIO	31,61	33,09	—	24,88	-10,45	5,69	25,21	32,36	-7,52	-2,44	30,56	0,04	21,3	—

(1) Cotação no primeiro dia do mês; (2) preço por grama para lingotes de mil gramas, no primeiro dia do mês.

Começa novo ciclo no Desafio e resultado sai dia 11

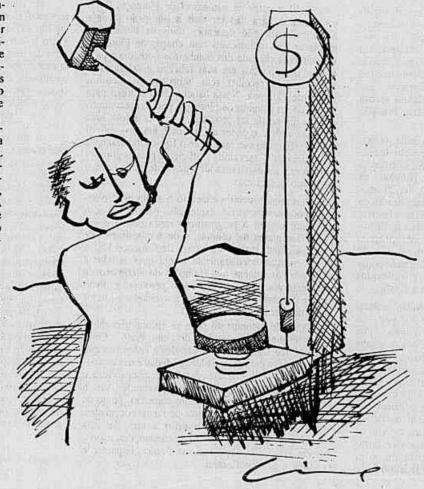
Hoje começa um novo ciclo de quatro semanas no Desafio da Bolsa. Quem já completou o anterior pode reiniciar suas aplicações e quem ainda não participa do "Desafio" poderá fazê-lo agora e concorrer a uma visita a um centro financeiro internacional, para o vencedor dos investidores individuais, ou a um prêmio em dinheiro, para o primeiro lugar dentre os clubes de investimento.

Os vencedores do primeiro ciclo serão conhecidos no próximo domingo, dia 11, quando o JORNAL DO BRASIL publicará a relação dos 50 primeiros colocados. A lista dos demais sairá no Caderno de Classificados, em ordem alfabética, no decorrer da semana após o dia 11. A relação completa estará nas Agências de Classificados (veja endereços no Caderno de Classificados), a partir de segunda-feira, dia 12.

Cupom completo

Para começar um novo ciclo os participantes devem enviar novamente seus cupons, com todos os dados pessoais preenchidos e com o número correto do CPF, para evitar a rejeição do computador da Bolsa de Valores do Rio, que apura os resultados. É sempre necessário fazer um novo cadastro do participante, a cada ciclo de quatro semanas que se inicia.

Já para aqueles que estão enviando seus cupons pela segunda ou terceira vez, não é necessário preenchê-lo completamente — basta apenas preencher os espaços relativos ao número do CPF, ao tipo de investidor (se é individual ou clube de investimento) e às ordens de operações desejadas. Se o participante não quiser alterar os negócios feitos anteriormente, não precisa enviar novo cupom esta semana.

No caso dos leitores que encerram agora seu ciclo de quatro semanas, os cupons não devem ser enviados, pois todas as operações realizadas até a terceira semana são automaticamente liquidadas: as ações compradas serão vendidas e a carteira zerada, para que um novo ciclo possa ser iniciado na semana que vem. Não adianta vender alguns papéis para comprar outros na última semana do ciclo, porque as compras serão realizadas ao mesmo preço das vendas automáticas, sem lucro para o participante, que ainda tem prejuízo com o pagamento da taxa de corretagem.

Os cupons devem ser enviados até o penúltimo dia útil da semana. E no último dia útil, como manda o regulamento, as cotações médias do pregão da Bolsa valerão para efetuar os negócios e dar a rentabilidade dos participantes. Cada leitor tem Cr$ 10 milhões para aplicar, no caso dos investidores individuais, e Cr$ 100 milhões, se participar de clubes de investimento, com 10 pessoas, no mínimo.

O número máximo de negócios em cada cupom é sempre seis. E nas quatro semanas de um mesmo ciclo, os participantes devem lembrar-se que não podem efetuar outros negócios sem levar em consideração os iniciais, ou seja, não podem comprar outras ações sem vender as que foram compradas anteriormente.

A cada semana, os participantes devem cuidar para não ultrapassar o limite de aplicações, pois isso leva o computador a anular a última operação realizada no cupom. É bom lembrar que a taxa de corretagem incide sempre em todos os negócios e isso é incluído no volume de dinheiro disponível.

Os leitores também devem tomar cuidado com a variação dos preços das ações no pregão da bolsa, pois o preenchimento do cupom é feito até um dia antes da data em que os negócios serão efetivamente fechados. Entre um dia e outro as cotações podem subir e os novos preços surpreender quem não deixou uma margem de segurança, resultando na anulação da última operação do cupom.

As ações que entram no "Desafio"

AÇÕES	CÓDIGO	TIPO	ÚLTIMO BALANÇO	D	B	S	LUCRO POR AÇÃO	ÚLTIMA COTAÇÃO MÉDIA	P.L.	PATRIMÔNIO LÍQUIDO(**) P/AÇÃO	PATRIMÔNIO LÍQUIDO(**) PREÇO/VLR.PATR.AÇÃO	VALORIZAÇÃO SEMANA — %
Acesita	ACES	OP	12/83				0,30	1,67	5,2	1,42	1,10	−3,5
Banco do Brasil	BB	ON	12/83				10,66	69,52	5,6	74,45	0,80	−21,5
Banco do Brasil	BB	PP	12/83				10,66	76,52	6,5	74,45	0,94	+18,0
Belgo Mineira	BELG	OP	12/83				0,33	9,38	27,0	3,28	2,72	+16,8
Banerj	BERJ	PP	12/83				PR	3,07	—	7,16	0,44	−8,1
Banespa	BESP	PP	12/83			40,2	0,42	2,13	4,4	3,80	049	+21,3
Banco Nacional	BNAC	ON	12/83				0,46	1,45	3,2	4,50	0,32	Est.
Banco Nacional	BNAC	PN	12/83				0,46	1,40	2,9	4,50	0,30	Est.
Banco Nordeste	BNB	PP	12/83				12,31	50,00	3,6	100,42	0,45	+11,1
Bradesco	BRAD	OS	12/83				1,63	8,70	4,4	9,31	0,76	+22,5
Bradesco	BRAD	PS	12/83				1,63	8.08	4,2	9,31	0,73	+18,8
Bradesco Invest.	BRDI	PS	12/83				2,85	8,80	2,7	19,55	0,39	+17,3
Brahma	BRHA	OP	12/83	0,35	125	25,0	0,71	5,05	17,3	10,67	1,15	+0,8
Brahma	BRHA	PP	12/83	0,35	125	25,0	0,71	12,00	16,9	10,67	1,12	+1,6
Cemig	CMIG	PP	12/83				0,10	0,90	8,9	1,47	0,60	−4,3
Correa Ribeiro	CORI	PP	03/84				0,12	1,51	13,2	1,90	0,84	−1,9
Souza Cruz	CRUZ	OP	12/83				9,91	74,13	16,6	41,12	4,01	—
C.S. Brasilia	CSBR	PP	12/83				0,16	2,96	18,1	1,60	1,81	+13,4
Docas de Santos	DOCA	OP	12/83				0,14	3,81	27,1	2,73	1,39	+4,4
Ferbasa	FERB	PP	12/83				0,10	4,84	48,5	1,01	4,80	+4,1
Fertisul (A)	FERT	PA	12/83				0,46	2,23	4,9	1,79	1,25	−3,0
Fertisul (A)	FERT	PB	12/83				0,46	2,30	5,0	1,79	1,29	+1,8
F.L.C.Leopoldina	FLCL	PA	12/83				0,10	0,80	7,8	2,05	0,38	+14,3
L. Americanas (B)	LAME	OS	10/83				0,32	47,86	149,6	13,91	3,44	—
Luxma	LUSC	PP	01/84				0,03	2,32	86,7	3,65	0,71	−14,1
Mannesmann	MANN	OP	12/83				PR	3,37	—	1,13	2,82	+10,9
Mannesmann	MANN	PP	12/83				PR	2,41	—	1,13	2,08	+9,1
Mesbla	MESB	PP	01/84				1,57	18,00	11,3	39,10	0,45	+5,9
Montreal	MONT	PP	11/83				0,68	16,76	24,8	3,15	5,39	+1,0
Petrobrás	PETR	ON	12/83				4,16	33,16	7,9	56,13	0,58	+6,8
Petrobrás	PETR	PN	12/83				4,16	51,00	12,2	56,13	0,91	—
Petrobrás	PETR	PP	12/83				4,16	75,80	16,6	56,13	1,23	+16,3
Paranapanema (C)	PMA	PP	12/83				0,78	35,10	36,4	1,02	27,87	+42,8
Pet. Ipiranga	PTIP	PP	01/84	0,08			0,54	4,00	6,4	2,94	1,18	+11,4
Riograndense	RIOG	PS	12/83				0,49	5,55	10,6	3,75	1,39	—
Samitri	SAMI	OP	12/83				1,79	25,83	12,7	6,93	3,27	+32,5
Telerj	TERJ	ON	12/83				PR	4,50	—	72,79	0,05	+24,3
Telerj	TERJ	PN	12/83				PR	7,52	—	72,79	0,10	+7,3
Unipar	UNIP	PA	12/83				0,36	3,50	9,9	2,25	1,60	−2,8
Unipar	UNIP	PB	12/83				0,36	4,25	12,1	2,25	1,94	−2,5
V.Rio Doce	VALE	PP	12/83				7,46	112,02	14,0	73,08	1,34	13,6
Aços Villares	VILA	PP	01/84		73,04		PR	2,37	—	1,71	1,26	+13,4
White Martins	WHMT	OP	12/83	0,09	15,0		0,16	2,90	18,3	1,04	2,81	+4,7

(A) Exercício de 11 meses. (B) Exercício de três meses e um dia. (C) Dados do Balanço Consolidado (**)Último Balanço Anual + Subscrições

(—) A ação não foi cotada em um dos dias da comparação D — Dividendo B — Bonificação S — Subscrição.

Bancário enriquece com ações

O bancário aposentado Décio Ralston da Fonseca mantem, aos 85 anos, um padrão de vida bem diferente da realidade da maioria de seus companheiros de profissão. Mora, com sua família, em uma bela casa no valorizado bairro Alto de Pinheiros, na capital paulista, e tem uma fazenda de 160 alqueires onde cria boi para corte.

Seu patrimônio foi constituído a partir do hábito de comprar pequenas quantidades de ações com o que sobrava de seu salário. A história dele se baseia em ingredientes que, atualmente, estão meio fora de moda: paciência e, principalmente, convicção. Afinal, diz ele, "foram 64 anos comprando ações" que o permitiram adquirir todos os bens que tem e formar uma "carteria respeitável" que, só de dividendos, lhe garante uma remuneração mensal superior a Cr$ 3 milhões.

Tudo começou em 1920. Décio tinha então 20 anos e trabalhava na agência do Citibank, em São Paulo. O banco fez uma chamada de capital e reservou um lote de títulos para vender aos funcionários. Foi a primeira ação que comprou. De lá para cá, não parou mais.

SEM ESPECULAR

A falta de tempo para cuidar de outros assuntos fora do emprego foi o principal motivo da opção de Décio em se tornar um investidor do mercado de ações. Ele começou a trabalhar com 19 anos, como escriturário do Citibank, de onde saiu 10 anos depois como gerente de agência. Foi para o Mercantil de São Paulo, como gerente da primeira agência urbana do banco e encerrou sua carreira no Banco Andrade Arnaud.

O atribulado bancário dispunha de pouco tempo para cuidar de seus investimentos e, por isso, descartou outras aplicações como a compra de imóveis, por exemplo, uma decisão da qual não se arrepende:

— Os imóveis têm muitas desvantagens, como os calotes nos aluguéis, o custo da manutenção, fora o trabalho que dá administrar um patrimônio assim, por isso é que prefiro ações que não me dão qualquer trabalho e rendem a contento — pondera.

Ele jamais participou de uma assembléia de acionistas — "é uma falha minha" — admite — e só depois de 1969, quando parou de trabalhar, passou a acompanhar o dia-a-dia das Bolsas. Diz que sua principal fonte de informações são as páginas de economia dos jornais. A história de Décio Ralston da Fonseca nada tem a ver com lances especulativos e golpes de sorte, desses que fazem uma fortuna da noite para o dia.

Ao contrário, observa ele, ao considerar como uma experiência valiosa sua passagem pela seção de câmbio do City Bank antes de se tornar gerente da agência de Taubaté:

— Ali eu aprendi que não se deve especular.

Em sua estratégia de investimento adota três princípios básicos: comprar ações de empresas bem administradas e com potencial de crescimento, procurar preços baixos e investir a longo prazo.

Como participar do "Desafio"

O Desafio da Bolsa é uma simulação de investimento em ações, projetada inicialmente para universitários e que agora se estende aos leitores do JORNAL DO BRASIL. Durante três meses, em períodos que compreendem sempre quatro semanas, o leitor viverá a sensação de estar aplicando em ações, a partir da disponibilidade hipotética de Cr$ 10 milhões. Ao final de cada um dos períodos de 4 semanas, os computadores da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro processarão os cupons e o JORNAL DO BRSIL divulgará os resultados (veja os endereços das Agências de Classificados no Caderno de Classificados e das sucursais de Brasília, São Paulo e Belo Horizonte na página 11) — locais onde as listagens ficarão expostas).

O leitor que obtiver a melhor rentabilidade ao final dos três meses receberá como prêmio uma visita a um centro financeiro internacional. A BVRJ oferecerá uma matrícula em seu curso de operador de pregão, com estágio incluído.

O grupo de 10 leitores, no mínimo, que se constituir sob a forma de clube de investimento (o capital hipotético para aplicação é Cr$ 100 milhões) e chegar em primeiro lugar, além de estágio na BVRJ, ganhará um prêmio em dinheiro para constituição de uma carteira de ações

As regras

Cada leitor ou clube de investimento somente poderá enviar um cupom por semana (a remessa tem de ser feita até o penúltimo dia útil de cada semana: use o Correio, mandando para JORNAL DO BRASIL — "Desafio da Bolsa" — Avenida Brasil, 500 — CEP 20.940, ou entregue diretamente em qualquer Sucursal ou agência de classificados.

É recomendável todo o cuidado na indicação do CPF, porque dele é que sairá o código de inscrição de cada participante. Não se deve mandar mais de um cupom por semana. No caso dos clubes de investimento, a identificação se fará pelo CPF do seu responsável; a relação completa dos componentes do grupo deve ser apresentada à parte, com nomes, CPFs, endereços e telefones.

O período de 4 semanas é contado a partir da semana em que o leitor remete o cupom pela primeira vez. Assim sendo, dentro de cada período o leitor poderá participar simultaneamente como investidor individual e como participante de um clube de investimento. No caso particular do clube de investimento, o leitor poderá ser integrante de quantos desejar, com a restrição de ser responsável por apenas um dos clubes.

O preenchimento do cupom, durante cada ciclo de 4 semanas, deverá obedecer aos seguintes critérios: na primeira semana, o participante preencherá todos os espaços referentes às informações pessoais (tipo de investidor, CPF, nome, endereço, etc.) e aqueles destinados às negociações; se o participante desejar alterar sua carteira inicial nas três semanas seguintes, basta remeter os cupons preenchendo apenas os espaços referentes ao CPF, tipo de investidor (se é individual ou clube de investimento) e às novas ordens de compra ou de venda (exclusivas ou simultâneas), levando em consideração que o número máximo de operações, por semana, é sempre seis.

Após a quarta semana, cada participante pode voltar ao **Desafio**, para uma nova etapa, seja de individual ou clube de investimento, obedecendo os mesmos critérios de preenchimento do cupom.

- **O Desafio da Bolsa** está limitado às ações componentes do Índice Bolsa de Valores (IBV), normalmente as mais negociadas. Veja nesta mesma página alguns indicadores sobre o comportamento desses títulos ao longo de 1984.
- No preenchimento do cupom, cada participante terá de assinalar, com a clareza possível, o código da ação que está comprando ou vendendo. Exemplos: Banco do Brasil e BB; Petrobrás e PETR (veja na tabela os códigos das ações que compõem o IBV). Os códigos deverão ser colocados na coluna CIA:

Na coluna TIPO, o leitor ou clube de investimento indicará o modelo de ação em negociação: ordinária ao portador é OP, preferencial ao portador **é PP**, e assim por diante. As abreviaturas também estão na tabela.

Os algarismos 1 e 2 devem ser colocados na coluna OP para que os computadores saibam que operação está sendo realizada: 1 é compra — evidentemente a primeira aemana todos marcarão **1** em seus cupons — **2** é venda.

- Finalmente, o registro do volume de ações negociadas se fará na coluna **QUANTIDADE**. Os computadores só aceitam múltiplos de mil, ou seja: cada participante pode comprar ou vender 1 mil, 2 mil, 5 mil, 10 mil, 14 mil, 20 mil, 100 mil, 103 mil e assim por diante.

No cupom, não é necessário marcar os três zeros que correspondem a mil, o computador está programado para entender que apenas 2 significa 2 mil ações. Assim, quem negociar 125 mil ações, deve limitar-se a escrever 125.

- O participante não deve superar a verba previamente fixada (Cr$ 10 milhões, individual; Cr$ 100 milhões, clube de investimento). Como é impossível saber, com certeza, o valor das operações marcadas no cupom, uma vez que as cotações serão sempre as do último dia útil da semana (dia seguinte a último para recebimento dos cupons), é recomendável que se deixe uma margem de segurança em caixa, pois o "estouro" do limite de recursos para aplicação determinará a anulação da operação.

O participante deverá conferir todos os domingos os preços de fechamento das operações que realizou e verificar se houve "estouro" ou não.

- Como a simulação de investimento é exatamente igual ao que acontece na BVRJ o participante paga corretagem, valor que poderá ser descontado do que efetivamente Cr$ 10 milhões ou Cr$ 100 milhões.

A corretagem é a seguinte:

— 2% do valor aplicado em operações até Cr$ 2 milhões;

— 1,5% em operações de Cr$ 2 a 6 milhões;

— 1% em operações de Cr$ 6 a 12 milhões;

— 0,5% em operações acima de Cr$ 12 milhões.

Lembrete: há corretagem em qualquer operação; tente evitar as pequenas percentagens de ganho. Em caso de "estouro" de caixa, o computador sempre anulará a última das seis operações a serem processadas.

- Os direitos acionários — como dividendo, bonificações em dinheiro ou em títulos etc. — serão computados automaticamente na carteira dos participantes.
- A relação dos 50 primeiros colocados em cada período de quatro semanas será divulgada aos domingos no JORNAL DO BRASIL. A relação completa sairá ao longo da semana no Caderno de Classificados. Haverá listas também nas Agências de Classificados e nas Sucursais.

Os maiores ganhos de outubro (%)

Supergasbrás OP	177,69
Baneb PP	155,44
Paranapanema PP	92,62
Anhanguera OP	83,13
Acesita OP	75,29
Varig PP	61,90
Mannesmann OP	60,71
Vale OP	52,80
Vale PP	50,63

As maiores perdas

Sid. Nacional PB	33,33
Brasiljuta PA	30,63
Telerj PN	25,27
Fertisul PA	25,12
Unipar PB	23,55
Luxma PP	18,63
Petr. Ipiranga PP	18,23
Moi. Fluminense PP	18,01
Olvebra PP	17,40
Corrêa Ribeiro PP	16,54

Os direitos dos acionistas nesta semana

Empresas	Dividendos em Cr$	Subscrição %	Cr$	Bonificação em %
W. Martins	0,09 (1)	—	—	15
Aços Villares	—	73	1,05	—
Adubos CRA	—	*	1,00	—
Transbrasil	—	100	1,00	—
Cacique Café Sol	—	—	—	—
Banespa	—	40	1,60	50
Olvebra	0,20	—	—	—
Bangu Desen.	0,065	—	—	200
Brahma	0,35	25	3,50	125
Iochpe	0,30	—	—	—
Micheletto	0,065	—	—	—
CSN	—	78	14,10	—
IFEMA	—	—	—	—
Real Part.	—	17,52	5,00	3.900
Duratex	—	25	1,25	—
Conf. Guararapes	10,00 (1)	—	—	300
Nitrocarbono	—	—	—	**

Dividendos — em Cr$ por ação
Subscrição — % em relação à quantidade de ações do acionista
— Cr$ corresponde ao preço da subscrição por ação
Bonificação — em papel e em % por ação
* 0,0000150375%
(1) só para ações ordinárias
** 0,015334%
Fonte: BVRJ

A Rodoviária de Salvador é administrada pela empresa Sinart

Empresa substitui Estado na rodoviária de Salvador

Salvador — Uma das mais belas e funcionais estações rodoviárias do país é um empreendimento exclusivamente da iniciativa privada. Trata-se do Terminal de Salvador, que tem a empresa baiana Sinart — Sociedade Nacional de Apoio Rodoviário e Turístico, de médio porte, como responsável por esta incursão rara do setor privado brasileiro numa área tipicamente de serviços públicos.

Com investimentos acumulados que representam hoje mais de Cr$ 16 bilhões 500 milhões, esse complexo de edificações e serviços da rodoviária da Capital da Bahia — que está completando dez anos de funcionamento — nada custou ao Estado. E, mais que isso, nada lhe custa administrar e conservar o terminal, utilizado anualmente por cerca de 10 milhões de passageiros, entre embarques e desembarques.

Preconceito

Quando o Terminal Rodoviário de Salvador completa dez anos, o principal executivo e atual controlador da empresa, engenheiro civil Alfeu Pedreira, destaca que o aspecto mais importante neste evento "é a afirmação da empresa privada brasileira num setor preconceituosamente reservado ao Estado".

Foi na primeira administração do Governador Antônio Carlos Magalhães que os grupos Odebrecht e Correa Ribeiro tiveram autorização para implantar a moderna estação rodoviária, um dos três terminais do país classificados pelo DNER no primeiro grupo. Através de licitação, essas empresas baianas obtiveram concessão para administrar e explorar comercialmente a estação por 20 anos.

Alfeu Pedreira, na ocasião um dos dirigentes do grupo Odebrecht, lembra que os primeiros seis anos da então subsidiária Sinart foram difíceis. Os prejuízos e problemas administrativos levaram o grupo Correa Ribeiro a afastar-se do negócio. A partir de 1980, quando a Odebrecht assumiu sozinha o controle e a administração do negócio, iniciou sua recuperação. Mas, antes, a desestabilização económico-financeira quase a levou à insolvência.

— A decisão lúcida e corajosa de Norberto Odebrecht de investir num negócio deficitário e pouco atraente à organização foi fundamental, tanto à recuperação econômica quanto à imagem de competência que a empresa buscava projetar — diz Pedreira, que deixou a direção da Odebrecht e adquiriu o controle acionário da Sinart há dois anos, depois de ter sido o executivo principal responsável pelo saneamento.

Ao defender a tese de que esta atuando numa área que se constitui num espaço para a iniciativa privada afirmar a sua maior eficiência gerencial, o empresário Alfeu Pedreira disse que isto fica claro se for comparado o desempenho da rodoviária de Salvador com os dos terminais públicos, que apresentam deficits operacionais, apesar de não terem que amortizar o investimento nem remunerar os acionistas. Reconhece, contudo, que a maioria dos empresários vê com reservas o setor de serviços públicos: "de certa forma, com razão, porque é uma área vulnerável e de maior risco, sujeita aos caprichos do Governo", comentou.

Estilo moderno

De destacada beleza plástica, o corpo principal do terminal de Salvador tem 17 mil metros quadrados de área coberta, apresentando a forma atraente de um trevo de quatro pétalas. Essas "petálas" são as plataformas de embarque e desembarque que envolveu o núcleo central, onde estão os saguões de espera e o conjunto de serviços oferecidos aos usuários.

Localizado em ponto estratégico da capital baiana, no novo pólo de desenvolvimento Iguatemi, o terminal ocupa uma área total de 150 mil metros quadrados. Como ressalta o diretor-superintendente da Sinart, Reinaldo Góes, o terminal está praticamente em cima da única rodovia federal que sai de Salvador, a BR-324, uma espécie de entrada e saída da cidade.

O complexo administrado pela Sinart tem 28 **decks** de embarques e metade para desembarque de passageiros. Isto permite atender com facilidade os 700 ônibus que partem diariamente de Salvador, em média. Os passageiros dispõem de 84 guichês para compra de passagens, um supermercado e 20 lojas de diversos produtos, desde brinquedos eletrônicos até restaurante.

Além disso, há estacionamentos privativos com capacidade para 250 veículos. Sem falar em órgãos estaduais ou federais, como Juizado de Menores, Correios, posto telefônico da Telebahia, e representações da Polícia, da Secretaria da Fazenda e de apoio a migrantes.

Atuante líder empresarial, Alfeu Simões Pedreira, de 53 anos, ocupou a vice-presidência da Confederação das Associações Comerciais do Brasil de 1975 a 1979, quando também era presidente da Associação Comercial da Bahia, numa das gestões de maior dinamismo da história da entidade. Atualmente preside a Associação Baiana dos Criadores. Entre suas atividades comunitárias, destaca-se a fundação do Instituto de Coleta de Sangue da Bahia, instituição mantida pela comunidade, que distribuiu, gratuitamente, durante 12 anos, sangue à rede hospitalar estatal.

Mas o presidente da Sinart, que começou suas atividades profissionais como estagiário da Construtora Soares Leone — chegando a diretor em poucos anos — não dá por completa sua missão no Terminal Rodoviário de Salvador.

Esperando um melhor desempenho econômico no próximo ano, está certo de que tem de continuar investindo. Nesse sentido, a meta para 85 é iniciar as obras do Hotel Iguatemi, de três estrelas, com 155 apartamentos, na própria área do terminal, visando a dar apoio aos usuários do completo integrado. E já adiantou que se prepara para expandir as atividades da Sinart nesse setor, levando a experiência de Salvador a outras cidades.

RAIMUNDO LIMA

Alfeu Pedreira lembra que os primeiros anos foram difíceis

Cidade prospera com pequenas empresas

Prato, Toscana, Itália — Na Itália Central, região de Toscana, Prato é a quarta cidade que mais cresceu nos quatro censos demográficos realizados no pós-guerra. De 1951 até hoje, sua população aumentou em 85%: passou dos 77 mil 631 habitantes do início da década de 50 aos 165 mil de hoje. Crescimento que lhe valeu também a perda de sua identidade original. Isso porque da atual população, somente 60 mil seriam prateses autênticos, descendentes do burgo fundado pelo Conde de Prato no ano 1000.

Cem mil outros vieram do resto da Itália, principalmente do Sul, atraídos pelo exemplo e estilo de vida muito peculiar e bem-sucedido dos Prates. Contam os historiadores que uma cidade inteira (Bovino, da Província de Foggia, região da Puglia), há 20 anos mudou-se para Prato. Decidida a trabalhar das 8h da manhã às 8h da noite como os prateses sempre fizeram e a seguir e imitar a ambição que continua a distinguí-los e a levá-los para frente: trabalhar por conta própria, livres da subordinação a qualquer patrão, procurando ser e fazer melhor do que os outros. Justificando o que Curzio Malaparte, um dos mais ilustres e conhecidos prateses, escreveu da sua gente e da sua cidade:

"Aos olhos dos toscanos, a escravidão sempre pareceu uma forma de imbecilidade. Por isso, na Toscana, inteligência e liberdade são sinônimos... Por isso também não é de se maravilhar se nós de Prato somos um povo, graças a Deus, sem patrões, inimigo de qualquer autoridade, desprezadores de todos os títulos prosopopéias, tanto que em Prato até os galos, por prudência, nascem sem crista. Pois há muito os prateses sabem fazer lucro de tudo. A começar dos trapos, que chegam a Prato de todas as partes do mundo, da Ásia, da África, das Américas, da Austrália, e quanto mais sujos, mais piolhentos, mais esfarrapados são, mais matéria preciosa são para um povo, que sabe fazer riqueza com os restos de toda a terra".

A 10 minutos de automóvel de Florença, Prato está lutando para não ter mais a obrigação de ir a Florença, para não depender mais da burocracia, emplacar seus automóveis com chapas de Florença, esperar pela chegada dos bombeiros florentinos para apagar os incêndios em suas fábricas e artesanatos. Muito menos recolher seus impostos às coletorias fiscais de Florença. Nessa batalha dura e difícil para deixar de ser comarca de Florença, para ver reconhecido seu direito de ser província, Prato já obteve uma primeira vitória: o de ter um tribunal, um foro judicial próprio. Exceção que raramente o Estado italiano faz a uma comarca — mas ainda insuficiente para os prateses que sempre abominaram a idéia de perder tempo com o papelório burocrático.

Nas menores coisas e mesmo nos seus monumentos, pode-se encontrar explicação para a vocação mercantil e para o pragmatismo desta cidade e sua gente. Na **piazza del comune**, sede administrativa de Prato, a grande estátua de bronze de Francisco Marco Datini satisfaz imediatamente quem quer estudar e identificar as origens mais remotas do fenômeno da microempresa pratese, um modelo pesquisado, divulgado e debatido por economistas e sociólogos de todos os continentes.

Naquele monumento pode-se encontrar a chave do mistério e da singularidade do "caso Prato". Francesco Marco Datini foi um mercador e banqueiro que nasceu e viveu em Prato, na Idade Média, entre os anos 1335 e 1410. Filho de uma família humilde, viveu e trabalhou em Avignon, França, na juventude. Aos 28 anos voltou a Prato com pequeno comércio, ponto de partida para a criação de outras pequenas sociedades. O êxito dessas empresas levou-o à arte da seda (atividade têxtil) e aos negócios de câmbio, desenvolvidos em Prato, Florença. Pisa, na França, Espanha, e em toda a Europa Central.

De comerciante passou a industrial (tingindo e tecendo). Como banqueiro, criou a primeira carta de crédito da história do mundo. Ao morrer destinou a Prato toda a sua fortuna (calculada em 70 mil florins, uma das maiores da Europa na época). Seus livros de contabilidade e sua correspondência comercial, hoje arquivados num grande palácio do centro de Prato, são os mais completos documentos que se podem encontrar sobre a história do comércio na Idade Média.

Mercador e banqueiro

A história e a experiência do mercador e banqueiro Francesco Datini, mais do que muitas e sofisticadas especulações sócio-econômicas, simplificam a compreensão do fenômeno pratese. Principalmente da tenacidade que é o traço comum de sua gente. Como ainda da estranha sensação de harmonia, assiduidade e paz que se experimenta na cidade clara e limpa. Cidade de operários que se fizeram empresários, que acreditam e aceitam o valor e os benefícios da propriedade, embora há 38 anos continuem escolhendo para seus administradores — e sempre com votações mais expressivas — os candidatos do Partido Comunista Italiano, força política que em 1946 tinha 40% dos votos prateses e hoje já chegou aos 52%.

Uma prato onde não se percebe a existência de conflitos sociais nem sinais de violência urbana. Mercado difícil para os traficantes de droga e para a prostituição. Onde a casa da família continua a ser construída ao lado da pequena fábrica ou da oficina artesanal. Família que se forma e se desenvolve muito laica, quase indiferente à influência e aos apelos de seitas e pastores religiosos que viajam muito, não tanto para fazer turismo ou ostentar, mas muito mais para aprender e negociar com o resto do mundo.

ARAUJO NETTO
Correspondente

Prato tem a maior renda familiar da Itália

Prato, Toscana, Itália (do Correspondente) — Sempre que se falar do "caso Prato" se deve associá-lo à idéia e à estrutura de uma dinâmica, elástica, descentralizada e agressiva indústria têxtil. De uma indústria que evoluiu e se expandiu tanto, ao ponto de hoje ocupar de fato uma área geográfica formada por 13 comunas ou pequenos municípios da região da Toscana, com uma população de 330 mil habitantes. A chamada área têxtil pratese onde operam e prosperam de 14 a 15 mil empresas, das quais somente 1 mil 500 podem ser consideradas indústrias, enquanto as demais são artesanais (segundo levantamento da poderosa e bem-organizada Unione Industriale Pratese.

A principal característica e maior atividade desse complexo industrial continua a ser a preparação da **la cardada**, empregada principalmente na confecção de roupas de mulheres, e que pode ser obtida através de **la regenerada** (com a transformação de tecidos usados em novos, os famosos trapos de Prato) ou mesmo da **la virgem**, materiais que o sistema econômico e produtivo pratese compra em todo o mundo. Especialização que deu renome e conceito internacional a Prato — sobretudo porque ainda agora essa preparação da **la cardada** continua a ser quase uma exclusividade da área têxtil pratese.

Um fenômeno

As muitas e profundas análises e pesquisas feitas nos últimos anos sobre o fenômeno ou **miracolo prato** repetiram observações e conclusões já conhecidas. A continuidade e ininterrupta evolução do fenômeno Prato continuam a ter basicamente três explicações:

1) A sua ilimitada capacidade de renovar o seu ciclo de produção têxtil, a partir de um esforço incessante para acompanhar a evolução e as exigências do mercado, tanto no que diz respeito aos preços como ao gosto e qualidade.

2) A flexibilidade de sua organização e do seu sistema de produção. Resultados e conseqüências da enorme, impressionante fragmentação das diversas fases de seu ciclo de produção, como da sempre estimulada e premiada competição entre as unidades produtivas (no caso, 14 a 15 mil empresas, que dão trabalho e bons lucros a 63 mil pessoas).

3) A originalidade do seu modelo direcional, baseado sobretudo em núcleos de comando e gestão ao mesmo tempo compactos e ativos, com sensibilidade para compor rapidamente, segundo as solicitações do mercado, ciclos integrados de produção de elevada produtividade. Em poucas palavras: na agilidade que os homens de vendas demonstram para formar um complexo de produção, juntando e mobilizando pequenos e diversos grupos de especialistas que compõem o despedaçado, mas harmonioso e bonito **Pusszle** de Prato.

Mais do que nunca, Prato continua convencida de que a sua fórmula para ser grande e poderosa está ligada e parte de uma premissa que, na Itália, virou **slogan** da microempresa e da economia informal: **il piccolo e bello** (o pequeno é bonito). Premissa e **slogan** que, no caso Prato, assumem dimensão extraordinaria, quando se examinam as mais recentes (de setembro deste ano) estatísticas da unidade de trabalho na indústria manufatureira, que dá emprego a 94 mil pessoas são 15 mil unidades de indústrias têxtil de vestuário, com 66 mil trabalhadores; 10 mil unidades de industria lanígera, fonte de trabalho e renda de 42 mil homens e mulheres.

E o que é ainda mais notável e importante: uma comunidade de trabalho, onde o desemprego — com índices sempre mais elevados e em contínuo aumento no resto do país — não atinge mais de 2 mil pessoas. Praticamente uma desocupação fisiológica, que não se repercute no tecido social da cidade e da área pratese. Onde não encontra-se um mendigo, um bêbado, ninguém com roupas e rosto de pobre e mal nutrido.

Casos de desajustamento e marginalização que — se existirem — são raros, diluídos ou bem escondidos em Prato, que uma pesquisa de 1980 do Censis (Centro de Estudios e Investimentos Sociais) identificou como a de maior renda familiar da Itália, com 20 milhões de liras anuais e entre as 10 de maior renda **per capita**. O consumo de energia é superior em quase um terço — ao da média nacional e cada grupo de 100 habitantes tem nove automóveis, acima das médias nacionais. Nos últimos 10 anos, o número de casas próprias construídas (com um padrão de conforto, de 4 cômodos, raríssimo na Itália) foi duas vezes superior ao do resto do país.

"Pequeno é Bonito"

Mais do que um caso de economia submersa, clandestina, criada para se defender do fisco ou para reduzir os custos do trabalho, o "caso Prato", que tem profundas raízes na história mais antiga e nos episódios mais recentes da crise econômica italiana e internacional, deve ser visto e considerado como exemplo daquilo que o sociólogo Giuseppe e Rita batizou de "individualismo e localismo vitais" dessa capacidade muito italiana, mas igualmente européia, de enfrentar as grandes crises através do trabalho individual, da criatividade dos grupos, do esforço das menores empresas, da prática e boa qualidade dos pequenos intercâmbios e da invenção de técnicas simples.

Toda uma capacidade de integrar-se e um talento para associar-se que em Prato não se limitaram somente à criação de uma notável e pujante estrutura industrial e a uma agressiva atividade comercial. Uma cultura do trabalho que não se confinou na fábrica, na oficina artesanal ou nas feiras de amostras do **made in Prato**. Mas que alimenta — como observa ainda o sociólogo De Rita — um contraponto ideal entre vida econômica e reflexão intelectual.

Isso fica muito evidente quando se observa e se somam as ofertas de consumo **cultural** que em Prato se encontram: quatro excelentes teatros, 14 galerias de arte, 91 associações culturais e artísticas, 21 associações, conservatórios e salas de música. Para não falar do impressionante número de convênios, exposições, centros de pesquisa, que os administradores de Prato promovem nas quatro estações do ano.

Na própria composição da pequena e média empresas de Prato se entende melhor sua capacidade de integrar-se e sua vocação **associacionista**. A pequena e a média empresas continuam familiares. Elas são conduzidas e operadas, no máximo, por 20 pessoas. Seu grande segredo é a pulverização desse sistema.

O mais simples dos sistemas, mas também o mais difícil de ser copiado e repetido, quando não se têm uma história, uma tradição e uma cultura de trabalho como a de Prato. Um sistema que teve a sabedoria de dividir e subdividir as duas clássicas operações e funções de uma empresa: a da produção e venda de um produto.

A mágica de Prato, na realidade, consiste nisso: só depois de se encontrar comprador para um produto, é que se começa a fabrica-lo. Antes de pôr em movimento qualquer **impannattore**, fabricante de pano, o comitê, projetista e vendedor do produto, já tem uma encomenda precisa. Já sabe a quais e quantas pequenas empresas deve recorrer para realizar todo um ciclo industrial.

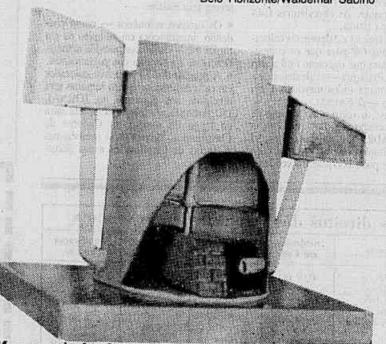
Biodigestor aproveita lixo de favela

Belo Horizonte — A Universidade Federal de Minas Gerais está desenvolvendo um tipo de biodigestor, baseado no modelo indiano, para o aproveitamento econômico do lixo de resíduos humanos e suínos numa favela de Belo Horizonte. Empregando tambores de 100 ou 200 litros e tubos de PVC, cada equipamento terá um custo, a preços de hoje, de Cr$ 70 mil, não computada a mão-de-obra.

Esse biodigestor, que processará ainda lixo orgânico, fornecerá, além de gás metano para os 800 moradores da favela Acaba Mundo, na Zona Sul, biofertilizantes, em estado sólido e livrede odor, facilmente comercializável nos bairros próximos para aplica-ção nos jardins das residências. O primeiro protótipo, em tambor de 200 litros, deverá fornecer um mínimo de 0,2m`3 de gás por dia, segundo o professor Ernest Pauline, da Escola de Engenharia da UFMG.

Modelo indiadno

A execução do projeto do biodigestor da UFMG para a favela do Acaba Mundo, com recursos do projeto metropolitano, que é coordenado pelo Conselho de Extensão e subvencionado pelo Ministério de Educação e Cultura, envolve oito professores e alunos das escolas de Engenharia, Arquitetura e Veterinária, faculdade de Farmácia, Instituto de Ciências Biológicas e Centro Pedagógico. O protótipo será montado na Escola de Veterinária e entrará em testes dentro de 15 a 20 dias.

A opção por um equipamento baseado no modelo indiano levou em consideração, além do baixo custo do material e sua simplicidade operacional, facilmente assimilável, o fato de que na favela Acaba Mundo os barracos são muito próximos uns dos outros, explicou o professor Ernest Pauline, que leciona Química Industrial.

Enquanto o biodigestor baseado no modelo chinês exige construção da câmara de gás em alvenaria, instalação de uma válcula de controle de pressão na cúpula, a fim de se evitar riscos de explosões, e uma distância mínima de oito metros entre as caixas coletora e a de descarga de biofertilizante, o desenvolvimento pela UFMG, com material bem mais barato, onde até a campânula (parte superior da câmara que retém o gás, oscilando de acordo com o volume) é feita em tambor, exigirá um espaço de no máximo três a quatro metros entre as duas caixas.

Ainda em função da concentração desordenada dos barracos, o que torna inviável a implantação de uma rede sanitária para conduzir os dejetos de toda a favela até um biodigestor de porte médio ou grande, a Universidade teve de optar por pequenos equipamentos, que serão distribuídos entre grupos de famílias.

Outro problema a ser superado, informou o professor Ernest Pauline, é a "constituição pobre" do lixo da favela Acaba Mundo, reflexo da própria condição social de seus moradores. Para fazer com que o biodigestor tenha melhor desempenho, ele está desenvolvendo estudos com resíduos celulósicos biodigeríveis para enriquecer a fermentação do material na câmara de gás.

O professor Jone Tartaglia, do centro pedagógico, calcula que um tambor de 200 litros, processando apenas o material contido, sem renovação, produz gás metano suficiente para a fervura de duas chaleiras dágua de dois litros. O prazo mínimo de espera para que o biodigestor comece a produzir gás é de 15 dias. Ele observou, ainda, que o dejeto apresenta melhor rendimento do que o humano, podendo produzir 1 m³ de gás por cada 30 kg de material. E o de galinha produz 0,43 m³ de gás por cada 1 kg de material.

Presentes na vida da favela há um ano, quando iniciou a campanha de estímulo à criação de cabras, os coordenadores do projeto combinaram com a Associação de Moradores e a Igreja a instalação dos biodigestores.

Belo Horizonte/Waldemar Sabino

Maquete do biodigestor baseado no modelo indiano

Vôlei feminino terá nova fase com Jorjão

Para quem não o conhece, o apelido de Jorjão pode até deixar transparecer a imagem de um homem duro, autoritário, valente ou presunçoso. Esses conceitos, porém, não são os mais apropriados para definir a personalidade de Jorge Barros, o novo técnico da Seleção Brasileira Feminina de Vôlei, que aceitou esta semana o desafio de dirigi-la até os Jogos Olímpicos de Seul, em 1988.

Jorjão, apelido que ganhou nas areias da praia de Ipanema, onde pratica o vôlei por diversão e passa seus fins de semana com a mulher Sílvia e os dois filhos — Vinícius, de 10 anos, e Sílvia, de 13, integrante da Seleção carioca infanto-juvenil — é um homem calmo, de temperamento descontraído, mas que não abre mão dos seus métodos de trabalho fundamentados na preparação física.

Lutar até a morte

Com Jorge Barros e seu auxiliar Marco Aurélio, o vôlei feminino do Brasil começa a viver a estrutura vencedora do masculino, a "total abertura", com livre acesso de todos os técnicos do Brasil. Às atletas, ele deixou um recado: só participarão aquelas que estiverem dispostas a lutar pela vitória "até a morte".

Por que você aceitou o desafio de dirigir a Seleção feminina?

— A minha posição no vôlei sempre foi a de colaborar. O Nuzman me deixou à vontade para escolher entre continuar como assistente-técnico da Seleção masculina ou assumir imediatamente o comando da feminina. Eu aceitei então a segunda opção, pois ele pretende implantar no vôlei feminino as mesmas diretrizes do masculino. Será um trabalho árduo no qual terei que me empenhar ao máximo para corresponder às expectativas.

O que significa implantar a estrutura do vôlei masculino na Seleção feminina?

— Trabalhei com a Seleção masculina nos últimos quatro anos e sei muito bem o que foi desenvolvido para chegar à atual posição de destaque. Pretendo colocar em prática os métodos de treinamento do masculino, principalmente o condicionamento físico. Vamos introduzir a mesma filosofia vencedora para que a Seleção feminina ocupe as primeiras colocações nas próximas competições internacionais.

Quais serão as mudanças principais na preparação do Vôlei feminino?

— O que eu percebi no vôlei, em geral, é que acabou aquela fase de tapinha nas costas e dos atletas pedindo dinheiro para a condução. O esquema passou a ser profissional, e o esporte ganhou seu espaço junto ao público. No caso da Seleção feminina, ela partiu atrasada. Quando se criou a estrutura, permitindo que as jogadoras se dedicassem exclusivamente ao vôlei, como passar a metade do ano treinando na Seleção, elas começaram a enfrentar países que já tinham implantado este sistema há alguns anos. Vou trabalhar de acôrdo com a realidade atual. Buscar a perfeição, o alto nível.

O que as jogadoras precisam para atingir este alto nível?

— Dedicação, espírito de renúncia, entusiasmo e sacrifício. A exigência é muito grande e sem essas qualidades torna-se impossível alcançar o nosso objetivo. A partir de hoje, o vôlei tem que ser a coisa mais importante da vida de todos nós, membros da comissão técnica e jogadoras. Seremos obrigados a relegar a segundo plano a família, o cinema, a praia e outros divertimentos.

No plano tático, quais serão os fundamentos mais exigidos nos treinos?

— Em primeiro lugar, temos que melhorar a condição física das atletas. Vou dar ênfase ao bloqueio e ao sistema ofensivo da equipe. Aumentando a capacidade física, as jogadoras poderão dar mais potência ao ataque, acelerar e diversificar todas as jogadas.

Qual seria o perfil da sua jogadora da Seleção Brasileira?

— Seria o mesmo de um atleta de alto nível. Tem que ser uma jogadora imbuída do propósito do grupo. Tem que entregar-se de corpo e alma ao programa traçado pela Comissão técnica. Uma pessoa de muita garra em função do treinamento de alto nível que chega muito perto do insuportável. Uma atleta ambiciosa, interessada em promover a elevação do vôlei brasileiro e, conseqüentemente, em seu benefício próprio. Disciplinada, cumpridora das suas obrigações. Enfim, uma atleta que renuncie a muitas coisas em favor da causa. Ela tem que acreditar que é uma vencedora.

E quanto à diferença de dirigir uma equipe maculina e uma feminina?

— Nenhuma. Em meus 14 anos de carreira, nunca tive problema com ninguém. Não existem duas pessoas iguais, é claro. Existem atletas que precisam de carinho, outras que merecem uma bronca. É preciso saber atingir cada uma das jogadoras. No vôlei masculino é a mesma coisa. Definitivo mesmo é que tanto o atleta masculino quanto o feminino têm que atingir o seu limite. É o caso da dor. Não existe a mais forte. No esporte olímpico como o vôlei, todos têm que ir além do seu próprio limite.

Dizem que a Seleção feminina sofre de um mal crônico: o desequilíbrio emocional. Na Olimpíada, por exemplo, três pontos a separaram da vitória histórica sobre a Seleção dos Estados Unidos, depois de ter vencido os dois primeiros sets e permitido a reação do adversário. O que você pretende fazer para acabar com isso?

— É o medo da vitória. No momento em que a atleta vai para a quadra confiante naquilo que ela pode realizar, não há nada que a impeça de vencer. Por exemplo, uma jogadora recebeu uma bola alta na ponta. A convicção de que colocará aquela bola no chão é adquirida através do treinamento. O treino duro e árduo vai dando moral ao atleta. Ele pensa consigo mesmo —"eu sou um gigante para aturar aquilo tudo" — e se sente apto para não temer mais ninguém.

Sucesso é de todos

Jorge Barros espera uma maior integração de todos os técnicos brasileiros ao seu trabalho. Na Seleção masculina, lembra Jorjão, o isolamento marcou o trabalho desenvolvido por Bebeto de Freitas, já que raros treinadores o procuraram para trocar idéias ou conhecer os métodos de treinamento da equipe medalha de prata na Olimpíada:

— Gostaria de solicitar a colaboração de todos os técnicos. O sucesso da Seleção feminina é o sucesso deles. Sem a ajuda deles, a Seleção não vai para frente. Chegou a hora de promover a abertura total na Seleção Brasileira, de deixar as vaidades de lado. Estou pronto, com toda humildade, para discutir a nossa preparação para Seul.

Luiz Prado

Jorjão quer recuperar o tempo perdido pelo vôlei feminino

Equador alimenta sonho de organizar Pan de 87

Quito e Cidade do México — A Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA) reúne-se hoje na capital mexicana para apontar a sede dos Jogos Pan-Americanos de 1987, mas já se admite que a decisão possa ser adiada por mais uma semana, tempo solicitado pelos dirigentes do Equador para anunciarem se renunciam ou não ao direito de organizar a competição.

Embora oCOmitê Olímpico Equatoriano tenha anunciado que desistia de organizar a competição, fixada para Quito e Guaiaquil, surgiu a possibilidade de que os Jogos permaneçam no país. Um grupo de financistas dos Estados Unidos garantiria os recursos necessários à organização — calculados em 18 milhões de dólares, cerca de Cr$ 50 bilhões — que seriam emprestados em condições favoráveis, desde que com o aval do Governo do Equador. No entanto, o Comitê Olímpico já havia renunciado justamente porque o Presidente Leon Febres não concordava em assumir um compromisso de tal ervergadura, diante da crise financeira do país.

Havana e Indianápolis já se ofereceram para sediar a competição, com respaldo dos respectivos Presidentes, Fidel Castro e Ronald Reagan.

Roberto Malzoni

Com tripulação toda de mulheres, o Revanche, *apelidado de "Barco da Luluzinha" é atração na Santos—Rio*

"Barco da Luluzinha" põe fim a um tabu no iatismo

São Paulo — O antigo tabu dos navegadores, de que mulher a bordo dá azar, acaba de receber mais um profundo golpe, provavelmente mortal. O barco **Revanche**, que largou entre os participantes da Regata Santos—Rio, na Ponta das Galhetas, em Guarujá, não leva uma, mas nove mulheres, ou seja, toda a sua tripulação.

Entre os demais competidores, a presença do **Barco da Luluzinha** foi vista, a princípio, como brincadeira, mas ao perceberem a disposição com que elas se prepararam para a corrida e, diante da possibilidade de serem derrotados por um barco só de mulheres, passaram a oferecer a elas todo tipo de ajuda.

— A nossa presença pode até dar mais seriedade ao pessoal que encara a regata como um passeio e passa o tempo tomando cerveja — comenta a comandante do **Revanche**, Francisca Angeli, a Kika, estudante de Arquitetura de 23 anos.

A primeira vez que um barco leva apenas mulheres na Santos—Rio é o principal assunto entre os velejadores. O diretor de vela do Iate Clube de Santos, Max Baumert Filho, por exemplo, acha que as moças treinaram bastante, mas é difícil dizer se agüentarão a prova.

— Poderá ser um passeio ou uma tarefa difícil, se elas enfrentarem ventos fortes de frente ou de Leste, ou fizer muito frio.

As velejadoras, porém, nada temem e demonstram muita confiança, como disse Kika:

— Não temos pretensões de ganhar na nossa Classe (a IV), mas também não somos ingênuas. Todas têm alguma experiência e nos preparamos para fazer uma boa corrida. Se facilitarem, estaremos entre os primeiros.

Ela tem razão. A própria Kika já participou da Santos—Rio, como membro da tripulação do **Manos Too**, de bandeira argentina. As outras velejadoras, todas paulistas, são: Erika Kessmann (timoneira), Patrícia Dietrich Ribeiro e Estela Vidal (ambas proeiras), as três campeãs mundiais da Classe Pingüim, Cláudia Adami, Cláudia Ramos de Campos Mello, Milene Gern, Cristina Szabo e Helena Lane.

Uma idéia inédita

A idéia de formar uma inédita tripulação totalmente feminina começou a tomar forma no meio do ano, durante o Circuito de Ilha Bela, favorecida pelo novo proprietário do **Revanche**, Roberto Szabo, que queria incluir sua filha Cristina na equipe. Tratava-se de um barco novo, mas que já havia competido na Santos—Rio em 83 com seus construtores, os donos da Fast Yatchs de São Paulo.

— O Roberto não tinha consciência — conta Kika — mas possuía um bom barco e precisava de uma tripulação. No começo, ele queria fazer duas equipes, uma masculina e outra feminina, mas a nossa foi a que vingou, assim que surgiu a oportunidade.

Reunido o grupo, todas já conhecidas de competições anteriores, ficou decidido que a estréia seria nesta Santos—Rio, e desde setembro elas passaram a treinar forte no litoral paulista, especialmente em Ilha Bela e Ubatuba.

— Não esperamos nenhum problema maior — continua Kika — nem pretendemos provar que temos a força dos homens, mas apenas que estamos bem treinadas e com disciplina. Reconhecemos nossas limitações físicas e pretendemos fazer uma boa prova.

Para ela, velejar é uma forma de envolver-se com a natureza:

— Gosto de água, e, no mar, as ondas, o vento, enfim toda a natureza despertam a nossa sensibilidade e a gente reage a coisas que são artificiais. No basquete, por exemplo, você tem a bola e a cesta, coisas feitas pelo homem. No mar, não. Você se relaciona com coisas imprevisíveis.

A relação de Milene com o mar é bastante parecida.

— É um desafio, uma vida mais simples, mais natural. Na cidade, a gente fica limitada pelos ambientes, pela televisão.

— E o futuro?

— Tudo vai depender do que acontecer nessa regata e nas provas que faremos no Rio. Só então decidiremos o que fazer, mantendo ou não o grupo — explicou Kika. Mas uma coisa está certa: elas vão perder o **Revanche**, ao menos para o futuro próximo, já que o proprietário pretende levá-lo para Búzios, onde vai passar os próximos meses com a família.

OUHYDES FONSECA

■ **Porto Alegre** — Os chilenos Ricardo Acuna e Belus Brajoux, ao derrotarem os gaúchos Fernando Roese e Ivan Kley por 6/7, 6/4 e 6/4, ganharam a final de duplas da etapa gaúcha do Circuito Ford de Tênis, que se realiza nas quadras da Associação Leopoldina Juvenil. O italiano Massino Zampieri, que venceu Massimo Cierro (7/6 e 7/5), também italiano, e o paulista Júlio Goes, que venceu o gaúcho Cesar Kist (6/3 e 6/4) decidem hoje o título de simples.

■ **Fortaleza** — A Seleção Brasileira, dirigida pelo técnico César Vieira, iniciou ontem, aqui, seus preparativos para o Campeonato Pan-Americano de Futebol de Salão, que será disputado de 25 desde mês a 2 de dezembro, na cidade paulista de Campinas.

Os convocados pelo treinador são: Jorginho e Toninho (Atlântica/RJ); Serginho (Vasco); Douglas e Pança (Gercan); Jackson (Atlético Mineiro); Belford, Branquinho, Mauro e Beto (Sumov); Gera (Coelce/CE); Welton e Aladim (Promove/MG); Minguinho (Corinthians) e Barata (Caixa Econômica/RS).

Fórmula-1 admite que temporada de 85 pode ser aberta no Brasil

Paris — O Grande Prêmio do Brasil, dia 7 de abril, no autódromo de Jacarepaguá, pode ser a prova de abertura do Mundial de Pilotos do ano que vem. A hipótese começou a ser levantada na Capital francesa, diante da declaração do presidente da FISA, Jean Marie Balestre, de que não será possível conseguir outra data para o GP de Dallas, que deveria ser a primeira prova do calendário de Fórmula-1 em 1985.

Os organizadores de Dalias não concordaram com a data de sua corrida — 24 de março — fixada pela FISA e anunciaram que, caso não haja um adiamento, cancelarão a corrida. Embora o comitê executivo da FISA ainda vá-se reunir para apreciar a posição de Dallas, Balestre adiantou que não se pode pretender modificar a data da corrida nos Estados Unidos, que já figurava no calendário como uma prova "sob reservas", tal como a do Brasil, Holanda e Nova Iorque.

Fórmula-2 decide vice no Brasileiro

Porto Alegre — O gaúcho Leonel Friedrich, Equipe Ipiranga GP Super, que fez ontem o melhor tempo — 1min07s42 — larga hoje na **pole position** da oitava e última etapa do Campeonato Brasileiro de Fórmula-2, que será disputada à tarde no Autódromo de Guaporé. Cesar — Bocão — Pegoraro, campeão por antecipação, larga na quinta posição.

O gaúcho Francisco Feoli (Kodak/Gradiente) e o paulista Marcos Troncon (Shell Luma), que brigam pelo vice-campeonato, larga, respectivamente, na segunda e terceira posição. Troncon está com 24 pontos, dois a mais que Feoii. Quatorze pilotos estão inscritos para a prova de hoje.

A posição de largada é a seguinte: 1º Leonel Friedrich, RS, Ipiranga GP Super, 1min07s42; 2º Francisco Feoli RS, Kodak/ Gradiente, 1mino7357; 3º Marcos Troncon, SP, Shell Luma, 1min07s69; 4º Pedro Muffato, PR, Vera Cruz Seguros, 1min07s91; 5º César Bocão Pegoraro, RS, Taurus/Grendene/Texaco, 1min07s99; 6º Ronaldo Ely, RS, Denim, 1min08s; 7º Josué de Melo Pimenta, SP, Mobil Super/Dimep, 1min08s15; 8º Anor Friedrich, RS, Ipiranga GP Super, 1min08s45; 9º Pedro Bartelle, RS, Grendene/Taurus/Texaco, 1min08s67; 10º Aroldo Bauermann, RS, Invesplan/ Zaluski, 1min09s81.

Treino do Triathlon tem Djan e Dawn como as maiores atrações

Mais de 100 atletas participaram, ontem à tarde, em Barra de Guaratiba, do sétimo e penúltimo treinamento para o IV Triathlon Golden Cup/Lubrax, que será disputado no dia 17.

Também treinaram os triatletas Djan Madruga e Dawn Webb, ambos da equipe Canalonga, considerados dois dos favoritos para vencer o Triathlon. Os treinamentos se realizaram sob vento de direção Leste e temperatura da água razoável para a natação, oscilando em 20 graus, apesar do Instituto de Meteorologia ter previsto tempo encoberto sujeito a chuvas.

O início do treino foi retardado devido ao intenso movimento na praia de Guaratiba. Os atletas nadaram em grupo cerca de um quilômetro em Guaratiba, pedalaram 51,5 km dali até o Quebra-Mar procurando não se afastar muito um do outro para maior segurança. E correram livremente na Avenida Sernambetiba.

Uma das triatletas com chances de brigar pelo primeiro lugar, a estudante de Medicina Patrícia Brasil, de 23 anos, que tem participado de todos os treinamentos no sábado, acha que o nível dos triatletas cariocas — principalmente entre as mulheres — subiu muito. Apontada como uma das cinco melhores — ela foi a quarta colocada no último Triathlon do Rio — disse que seu horário na faculdade a tem impedido de se preparar adequadamente para a prova. Mesmo assim, não deixa de nadar e correr diariamente e pedalar pelo menos três vezes por semana.

O diretor da prova, José Inácio Werneck, lembrou, por curiosidade, em sua preleção, que no último Triathlon do Rio os treinos aconteceram em sua maioria com chuva e o sol só brilhou no dia da competição. Desta vez, está ocorrendo o contrário. O treinamento de ontem contou com o apoio da Trishop e da Steves Bicicletas.

Pólo

Predium e Rio Verdinho fazem hoje a última partida classificatória da I Copa Unibanco de Pólo, às 15h30min, no Itanhangá Golf Club. Na rodada classificatória, de sexta-feira, jogada em Itaguaí, o São Fernando derrotou o Coiotes po WO, e o Monte Carlo venceu o Itaguaí por 6 a 4 (6 a 5 no **handicap**).

Vôlei feminino terá nova fase com Jorjão

Para quem não o conhece, o apelido de **Jorjão** pode até deixar transparecer a imagem de um homem duro, autoritário, valente ou presunçoso. Esses conceitos, porém, não são os mais apropriados para definir a personalidade de Jorge Barros, o novo técnico da Seleção Brasileira Feminina de Vôlei, que aceitou esta semana o desafio de dirigi-la até os Jogos Olímpicos de Seul, em 1988.

Jorjão, apelido que ganhou nas areias da praia de Ipanema, onde pratica o vôlei por diversão e passa seus fins de semana com a mulher Sílvia e os dois filhos — Vinícius, de 10 anos, e Sílvia, de 13, integrante da Seleção carioca infanto-juvenil — é um homem calmo, de temperamento descontraído, mas que não abre mão dos seus métodos de trabalho fundamentados na preparação física.

Lutar até a morte

Com Jorge Barros e seu auxiliar Marco Aurélio, o vôlei feminino do Brasil começa a viver a estrutura vencedora do masculino, a "total abertura", com livre acesso de todos os técnicos do Brasil. Às atletas, ele deixou um recado: só participarão aquelas que estiverem dispostas a lutar pela vitória "até a morte".

Por que você aceitou o desafio de dirigir a Seleção feminina?

— A minha posição no vôlei sempre foi a de colaborar. O Nuzman me deixou à vontade para escolher entre continuar como assistente-técnico da Seleção masculina ou assumir imediatamente o comando da feminina. Eu aceitei então a segunda opção, pois ele pretende implantar no vôlei feminino as mesmas diretrizes do masculino. Será um trabalho árduo no qual terei que me empenhar ao máximo para corresponder às expectativas.

O que significa implantar a estrutura do vôlei masculino na Seleção feminina?

— Trabalhei com a Seleção masculina nos últimos quatro anos e sei muito bem o que foi desenvolvido para chegar à atual posição de destaque. Pretendo colocar em prática os métodos de treinamento do masculino, principalmente o condicionamento físico. Vamos introduzir a mesma filosofia vencedora para que a Seleção feminina ocupe as primeiras colocações nas próximas competições internacionais.

Quais serão as mudanças principais na preparação do Vôlei feminino?

— O que eu percebi no vôlei, em geral, é que acabou aquela fase de tapinha nas costas e dos atletas pedindo dinheiro para a condução. O esquema passou a ser profissional, e o esporte ganhou seu espaço junto ao público. No caso da Seleção feminina, ela partiu atrasada. Quando se criou a estrutura, permitindo que as jogadoras se dedicassem exclusivamente ao vôlei, como passar a metade do ano treinando na Seleção, elas começaram a enfrentar países que já tinham implantado este sistema há alguns anos. Vou trabalhar de acordo com a realidade atual. Buscar a perfeição, o alto nível.

O que as jogadoras precisam para atingir este alto nível?

— Dedicação, espírito de renúncia, entusiasmo e sacrifício. A exigência é muito grande e sem essas qualidades torna-se impossível alcançar o nosso objetivo. A partir de hoje, o vôlei tem que ser a coisa mais importante da vida de todos nós, membros da comissão técnica e jogadoras. Seremos obrigados a relegar a segundo plano a família, o cinema, a praia e outros divertimentos.

No plano tático, quais serão os fundamentos mais exigidos nos treinos?

— Em primeiro lugar, temos que melhorar a condição física das atletas. Vou dar ênfase ao bloqueio e ao sistema ofensivo da equipe. Aumentando a capacidade física, as jogadoras poderão dar mais potência ao ataque, acelerar e diversificar todas as jogadas.

Qual seria o perfil da sua jogadora da Seleção Brasileira?

— Seria o mesmo de um atleta de alto nível. Tem que ser uma jogadora imbuída do propósito do grupo. Tem que entregar-se de corpo e alma ao programa traçado pela Comissão técnica. Uma pessoa de muita garra em função do treinamento de alto nível que chega muito perto do insuportável. Uma atleta ambiciosa, interessada em promover a elevação do vôlei brasileiro e, conseqüentemente, em seu benefício próprio. Disciplinada, cumpridora das suas obrigações. Enfim, uma atleta que renuncie a muitas coisas em favor da causa. Ela tem que acreditar que é uma vencedora.

E quanto à diferença de dirigir uma equipe masculina e uma feminina?

— Nenhuma. Em meus 14 anos de carreira, nunca tive problema com ninguém. Não existem duas pessoas iguais, é claro. Existem atletas que precisam de carinho, outras que merecem uma bronca. É preciso saber atingir cada uma das jogadoras. No vôlei masculino é a mesma coisa. Definitivo mesmo é que tanto o atleta masculino quanto o feminino têm que atingir o seu limite. É o caso da dor. Não existe a mais forte. No esporte olímpico como o vôlei, todos têm que ir além do seu próprio limite.

Dizem que a Seleção feminina sofre de um mal crônico: o desequilíbrio emocional. Na Olimpíada, por exemplo, três pontos a separaram da vitória histórica sobre a Seleção dos Estados Unidos, depois de ter vencido os dois primeiros sets e permitido a reação do adversário. O que você pretende fazer para acabar com isso?

— É o medo da vitória. No momento em que a atleta vai para a quadra confiante naquilo que ela pode realizar, não há nada que a impeça de vencer. Por exemplo, uma jogadora recebeu uma bola alta na ponta. A convicção de que colocará aquela bola no chão é adquirida através do treinamento. O treino duro e árduo vai dando moral ao atleta. Ele pensa consigo mesmo —"eu sou um gigante para aturar aquilo tudo" — e se sente apto para não temer mais ninguém.

Sucesso é de todos

Jorge Barros espera uma maior integração de todos os técnicos brasileiros ao seu trabalho. Na Seleção masculina, lembra Jorjão, o isolamento marcou o trabalho desenvolvido por Bebeto de Freitas, já que raros treinadores o procuraram para trocar idéias ou conhecer os métodos de treinamento da equipe medalha de prata na Olimpíada:

— Gostaria de solicitar a colaboração de todos os técnicos. O sucesso da Seleção feminina é o sucesso deles. Sem a ajuda deles, a Seleção não vai para frente. Chegou a hora de promover a abertura total na Seleção Brasileira, de deixar as vaidades de lado. Estou pronto, com toda humildade, para discutir a nossa preparação para Seul.

WASHINGTON ROPE

Luiz Prado

Jorjão quer recuperar o tempo perdido pelo vôlei feminino

Roberto Malzoni

Com tripulação toda de mulheres, o Revanche, *apelidado de "Barco da Luluzinha" é atração na Santos—Rio*

"Barco da Luluzinha" põe fim a um tabu no iatismo

São Paulo — O antigo tabu dos navegadores, de que mulher a bordo dá azar, acaba de receber mais um profundo golpe, provavelmente mortal. O barco **Revanche**, que largou entre os participantes da Regata Santos—Rio, na Ponta das Galhetas, em Guarujá, não leva uma, mas nove mulheres, ou seja, toda a sua tripulação.

Entre os demais competidores, a presença do **Barco da Luluzinha** foi vista, a princípio, como brincadeira, mas ao perceberem a disposição com que elas se prepararam para a corrida e, diante da possibilidade de serem derrotados por um barco só de mulheres, passaram a oferecer a elas todo tipo de ajuda.

— A nossa presença pode até dar mais seriedade ao pessoal que encara a regata como um passeio e passa o tempo tomando cerveja — comenta a comandante do **Revanche**, Francisca Angeli, a Kika, estudante de Arquitetura de 23 anos.

A primeira vez que um barco leva apenas mulheres na Santos—Rio é o principal assunto entre os velejadores. O diretor de vela do Iate Clube de Santos, Max Baumert Filho, por exemplo, acha que as moças treinaram bastante, mas é difícil dizer se agüentarão a prova.

— Poderá ser um passeio ou uma tarefa difícil, se elas enfrentarem ventos fortes de frente ou de Leste, ou fizer muito frio.

As velejadoras, porém, nada temem e demonstram muita confiança, como disse Kika:

— Não temos pretensões de ganhar na nossa Classe (a IV), mas também não somos ingênuas. Todas têm alguma experiência e nos preparamos para fazer uma boa corrida. Se facilitarem, estaremos entre os primeiros.

Ela tem razão. A própria Kika já participou da Santos—Rio, como membro da tripulação do **Manos Too**, de bandeira argentina. As outras velejadoras, todas paulistas, são: Erika Kessmann (timoneira), Patrícia Dietrich Ribeiro e Estela Vidal (ambas proeiras), as três campeãs mundiais da Classe Pingüim, Cláudia Adami, Cláudia Ramos de Campos Mello, Milene Gern, Cristina Szabo e Helena Lane.

Uma idéia inédita

A idéia de formar uma inédita tripulação totalmente feminina começou a tomar forma no meio do ano, durante o Circuito de Ilha Bela, favorecida pelo novo proprietário do **Revanche**, Roberto Szabo, que queria incluir sua filha Cristina na equipe. Tratava-se de um barco novo, mas que já havia competido na Santos—Rio em 83 com seus construtores, os donos da Fast Yatchs de São Paulo.

— O Roberto não tinha consciência — conta Kika — mas possuía um bom barco e precisava de uma tripulação. No começo, ele queria fazer duas equipes, uma masculina e outra feminina, mas a nossa foi a que vingou, assim que surgiu a oportunidade.

Reunido o grupo, todas já conhecidas de competições anteriores, ficou decidido que a estréia seria nesta Santos—Rio, e desde setembro elas passaram a treinar forte no litoral paulista, especialmente em Ilha Bela e Ubatuba.

— Não esperamos nenhum problema maior — continua Kika — nem pretendemos provar que temos a força dos homens, mas apenas que estamos bem treinadas e com disciplina. Reconhecemos nossas limitações físicas e pretendemos fazer uma boa prova.

Para ela, velejar é uma forma de envolver-se com a natureza:

— Gosto de água, e, no mar, as ondas, o vento, enfim toda a natureza despertam a nossa sensibilidade e a gente reage a coisas que são artificiais. No basquete, por exemplo, você tem a bola e a cesta, coisas feitas pelo homem. No mar, não. Você se relaciona com coisas imprevisíveis.

A relação de Milene com o mar é bastante parecida.

— É um desafio, uma vida mais simples, mais natural. Na cidade, a gente fica limitada pelos ambientes, pela televisão.

— E o futuro?

— Tudo vai depender do que acontecer nessa regata e nas provas que faremos no Rio. Só então decidiremos o que fazer, mantendo ou não o grupo — explicou Kika. Mas uma coisa está certa: elas vão perder o **Revanche**, ao menos para o futuro próximo, já que o proprietário pretende levá-lo para Búzios, onde vai passar os próximos meses com a família.

OUHYDES FONSECA

■ **Porto Alegre** — Os chilenos Ricardo Acuna e Belus Brajoux, ao derrotarem os gaúchos Fernando Roese e Ivan Kley por 6/7, 6/4 e 6/4, ganharam a final de duplas da etapa gaúcha do Circuito Ford de Tênis, que se realiza nas quadras da Associação Leopoldina Juvenil. O italiano Massino Zampieri, que venceu Massimo Cierro (7/6 e 7/5), também italiano, e o paulista Júlio Goes, que venceu o gaúcho Cesar Kist (6/3 e 6/4) decidem hoje o título de simples.

■ **Fortaleza** — A Seleção Brasileira, dirigida pelo técnico César Vieira, iniciou ontem, aqui, seus preparativos para o Campeonato Pan-Americano de Futebol de Salão, que será disputado de 25 desde mês a 2 de dezembro, na cidade paulista de Campinas.

Os convocados pelo treinador são: Jorginho e Toninho (Atlântica/RJ); Serginho (Vasco); Douglas e Pança (Gercan); Jackson (Atlético Mineiro); Belford, Branquinho, Mauro e Beto (Sumov); Gera (Coelce/CE); Welton e Aladim (Promove/MG); Minguinho (Corinthians) e Barata (Caixa Econômica/RS).

Fórmula-1 admite que temporada de 85 pode ser aberta no Brasil

Paris — O Grande Prêmio do Brasil, dia 7 de abril, no autódromo de Jacarepaguá, pode ser a prova de abertura do Mundial de Pilotos do ano que vem. A hipótese começou a ser levantada na Capital francesa, diante da declaração do presidente da FISA, Jean Marie Balestre, de que não será possível conseguir outra data para o GP de Dallas, que deveria ser a primeira prova do calendário de Fórmula-1 em 1985.

Os organizadores de Dallas não concordaram com a data de sua corrida — 24 de março — fixada pela FISA e anunciaram que, caso não haja um adiamento, cancelarão a corrida. Embora o comitê executivo da FISA ainda vá-se reunir para apreciar a posição de Dallas, Balestre adiantou que não se pode pretender modificar a data da corrida nos Estados Unidos, que já figurava no calendário como uma prova "sob reservas", tal como a do Brasil, Holanda e Nova Iorque.

Fórmula-2 decide vice no Brasileiro

Porto Alegre — O gaúcho Leonel Friedrich, Equipe Ipiranga GP Super, que fez ontem o melhor tempo — 1min07s42 — larga hoje na **pole position** da oitava e última etapa do Campeonato Brasileiro de Fórmula-2, que será disputada à tarde no Autódromo de Guaporé. Cesar — Bocão — Pegoraro, campeão por antecipação, larga na quinta posição.

O gaúcho Francisco Feoli (Kodak/Gradiente) e o paulista Marcos Troncon (Shell Luma), que brigam pelo vice-campeonato, larga, respectivamente, na segunda e terceira posição. Troncon está com 24 pontos, dois a mais que Feoli. Quatorze pilotos estão inscritos para a prova de hoje.

A posição de largada é a seguinte: 1º Leonel Friedrich, RS, Ipiranga GP Super, 1min07s42; 2º Francisco Feoli RS, Kodak/ Gradiente, 1mino7357; 3º Marcos Troncon, SP, Shell Luma, 1min07s69; 4º Pedro Muffato, PR, Vera Cruz Seguros, 1min07s91; 5º César Bocão Pegoraro, RS, Taurus/Grendene/Texaco, 1min07s99; 6º Ronaldo Ely, RS, Denim, 1min08s; 7º Josué de Melo Pimenta, SP, Mobil Super/Dimep, 1min08s15; 8º Anor Friedrich, RS, Ipiranga GP Super, 1min08s45; 9º Pedro Bartelle, RS, Grendene/Taurus/Texaco, 1min08s67; 10º Aroldo Bauermann, RS, Invesplan/ Zaluski, 1min09s81.

Treino do Triathlon tem Djan e Dawn como as maiores atrações

Mais de 100 atletas participaram, ontem à tarde, em Barra de Guaratiba, do sétimo e penúltimo treinamento para o IV Triathlon Golden Cup/Lubrax, que será disputado no dia 17.

Também treinaram os triatletas Djan Madruga e Dawn Webb, ambos da equipe Canalonga, considerados dois dos favoritos para vencer o Triathlon. Os treinamentos se realizaram sob vento de direção Leste e temperatura da água razoável para a natação, oscilando em 20 graus, apesar do Instituto de Meteorologia ter previsto tempo encoberto sujeito a chuvas.

O início do treino foi retardado devido ao intenso movimento na praia de Guaratiba. Os atletas nadaram em grupo cerca de um quilômetro em Guaratiba, pedalaram 51,5 km dali até o Quebra-Mar procurando não se afastar muito um do outro para maior segurança. E correram livremente na Avenida Sernambetiba.

Uma das triatletas com chances de brigar pelo primeiro lugar, a estudante de Medicina Patrícia Brasil, de 23 anos, que tem participado de todos os treinamentos no sábado, acha que o nível dos triatletas cariocas — principalmente entre as mulheres — subiu muito. Apontada como uma das cinco melhores — ela foi a quarta colocada no último Triathlon do Rio — disse que seu horário na faculdade a tem impedido de se preparar adequadamente para a prova. Mesmo assim, não deixa de nadar e correr diariamente e pedalar pelo menos três vezes por semana.

O diretor da prova, José Inácio Werneck, lembrou, por curiosidade, em sua preleção, que no último Triathlon do Rio os treinos aconteceram em sua maioria com chuva e o sol só brilhou no dia da competição.

Português iguala recorde na maratona

Lisboa — Depois da vitória na maratona dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, por Carlos Lopes, os portugueses comemoram outra façanha de um corredor do país nessa prova, a mais longa e tradicional do calendário de atletismo. Ontem, o português Cidálio Caetano ganhou a Maratona de Lisboa com um tempo excelente: igualou o recorde do mundo, com 2h08min5s, mesma marca conseguida pelo galês Steve Jones, a 21 do mês passado, em Chicago.

No entanto, o tempo de Cidálio causou tanta surpresa que já começa a ser questionado se o percurso da prova não seria menor do que os 42,195 quilômetros regulamentares. Os organizadores admitiram que terão que efetuar nova medição para que a marca de Cidálio seja homologada como recorde mundial.

Equador alimenta sonho de organizar Pan de 87

Quito e Cidade do México — A Organização Desportiva Pan-Americana (ODEPA) reúne-se hoje na capital mexicana para apontar a sede dos Jogos Pan-Americanos de 1987, mas já se admite que a decisão possa ser adiada por mais uma semana, tempo solicitado pelos dirigentes do Equador para anunciarem se renunciam ou não ao direito de organizar a competição.

Embora oCOmitê Olímpico Equatoriano tenha anunciado que desistia de organizar a competição, fixada para Quito e Guaiaquil, surgiu a possibilidade de que os Jogos permaneçam no país. Um grupo de financistas dos Estados Unidos garantiria os recursos necessários à organização — calculados em 18 milhões de dólares, cerca de Cr$ 50 bilhões — que seriam emprestados em condições favoráveis, desde que com o aval do Governo do Equador. No entanto, o Comitê Olímpico já havia renunciado justamente porque o Presidente Leon Febres não concordava em assumir um compromisso de tal envergadura, diante da crise financeira do país.

Havana e Indianápolis já se ofereceram para sediar a competição, com respaldo dos respectivos Presidentes, Fidel Castro e Ronald Reagan.

"Enquanto eu andava de ônibus ou a pé, alguns colegas andavam em carros importados ou do ano. Hoje, eles estão a pé e eu, se quisesse, podia estar com um Mercedes do ano" (Piazza, ex-Cruzeiro, ex-Seleção)

Minas ensina a ganhar dinheiro fora do campo

Belo Horizonte — Craques dentro de campo, eles tiveram de mostrar o mesmo talento fora dele, para superar difíceis adversários e se adaptarem a uma nova vida, sem a fama e o espírito da época em que estavam entre os melhores jogadores de algumas das principais equipes do país do futebol. Conseguiram vencer os desafios e se tornaram empresários de sucesso, em setores diversos, driblando até mesmo a crise econômica e demonstrando a mesma habilidade e técnica dos velhos tempos.

Quarto zagueiro titular da seleção brasileira tricampeã do mundo na copa de 1970, no México, Wilson da Silva Piazza concilia hoje suas atividades empresariais com a política. Ele é vereador (PMDB) de Belo Horizonte, eleito três vezes consecutivas, e está licenciado para ocupar a Secretaria Municipal de Esportes e Lazer. Seu companheiro de meio-campo no famoso time do Cruzeiro da década de 60, Dirceu Lopes, é hoje proprietário de uma indústria de **jeans** em fase de expansão.

Mesmo querendo firmar sua imagem como médico competente, Doutor Eduardo Gonçalves de Andrade, o grande Tostão, é proprietário, com seus irmãos e o pai, há mais de 10 anos, da mais tradicional loja de artigos esportivos de Belo Horizonte. O ponta-direita Ronaldo Gonçalves Drumond, o jogador que conquistou o maior número de títulos brasileiros até hoje, ganha dinheiro de noite e de dia, em sua imobiliária e em sua "badalada" Cervejaria Pingüim.

A grife de Dirceu

Dirceu Lopes Mendes, 38 anos, casado com Cecília Freitas Mendes, tem quatro filhos: Juliana, oito anos; Gustavo, seis; Vinícius, quatro; e Emerson, 10 meses. Brilhante ponta-de-lança, começou a jogar em 1963, aos 16 anos, nos juvenis do Cruzeiro, time em que viveu sua melhor fase, ao lado de Tostão, até 1976, quando teve rápida passagem pelo Fluminense e encerrou sua carreira em 1978, no Uberlândia.

Em 1976, quando se preparava para deixar o Cruzeiro, Dirceu foi procurado em sua casa pelo padrinho de casamento, César Julião de Sá, prefeito da cidade de Pedro Leopoldo (PMDB), a 43 km de Belo Horizonte, que lhe sugeriu abrir um negócio em seu município, afirmando que a prefeitura lhe doaria o terreno. Dirceu conta que gostou da idéia, pensando imediatamente em empregar também suas oito irmãs, além de aplicar o dinheiro ganho com o futebol. Lembrou-se de um amigo que trabalhava com confecções, José Carlos Sousa Parreira, e lhe propôs sociedade, nascendo então a Dilon-Dirceu Lopes Mendes Companhia — instalada no terreno de 4 mil 600 metros, na Rua Dr. Geraldo Mascarenhas, 47, em Pedro Leopoldo, com um patrimônio avaliado em Cr$ 500 milhões.

Fabricando inicialmente apenas camisas, a empresa, há cerca de dois anos, começou a sofrer as conseqüências da crise econômica. A solução foi a transformação em fábrica de calças e jaquetas Jeans.

— A mudança foi altamente benéfica, conseguimos nos recuperar e nos firmamos no mercado. Em janeiro, faremos uma expansão na empresa e voltaremos a fabricar camisas — conta Dirceu.

Com uma clientela formada pelas principais lojas e boutiques de Belo Horizonte e de todo o interior mineiro, além de Vitória (ES) e Salvador, a Dilon começa agora a conquistar os mercados do Rio e São Paulo. Com 68 funcionários, a empresa fabrica 500 peças (calças e jaquetas) diárias, que lhe valem um faturamento bruto de Cr$ 400 milhões mensais e um lucro líquido de cerca de 30 por cento.

"Muita luta e muito trabalho, até chegarmos ao ponto de equilíbrio". Esta é a fórmula do seu sucesso, segundo Dirceu.

— A imagem que deixei no futebol repercute muito bem entre meus clientes e abriu muitas portas. Essa é, aliás, a estratégia de marketing estabelecida pela agência de publicidade L e F, que atende a Dilon: "Relacionar a imagem do Dirceu, jogador de sucesso, com o Dirceu empresário, também de sucesso".

E Dirceu, através de viagens constantes, onde atua como relações públicas, fica esta imagem entre seus clientes. O próprio Dirceu conta que o sucesso realmente é tanto que já começa a incomodar "os grandes". Com uma ponta de orgulho ele revela:

— Ficamos sabendo na semana passada que o Humberto Saad, da Dijon, está ameaçando nos processar, sob a alegação de que imitamos a sua grife. Acho isso ótimo, pois é sinal de que estamos incomodando.

Os milhões de Piazza

Companheiro de Dirceu Lopes e Tostão no pentacampeonato do Cruzeiro entre 1965 e 1969; no tetracampeonato, entre 1972 e 1975; nos títulos do Campeonato Brasileiro de 1966; e da taça Libertadores da América, em 1976, Wilson da Silva Piazza, 41 anos, casado com Margot de Oliveira Piazza, dois filhos (Fabrizzia, 10 anos, e Felipe cinco, jogou de 1962 a outubro de 1977. Vereador desde 1972, pelo então MDB, Piazza alia a política aos negócios e a uma outra atividade que lhe toma tempo desde 1976: superintendente da AGAP — Associação de Garantia ao Atleta Profissional de Minas. Segundo ele, os negócios não representam novidade.

— Sempre tive uma profissão paralela ao futebol, que não é profissão, mas sim atividade. Quando comecei a jogar bola, trabalhava como **officeboy** da empresa Flex-Solas, reformadora de pneus. Hoje tenho o orgulho de ser o proprietário.

Piazza é proprietário também de dois postos de gasolina, em Belo Horizonte. Sem se considerar um empresário, ele não esconde sua excelente situação financeira, ao afirmar que seus negócios lhe rendem em média Cr$ 20 milhões mensais, fora os proventos de vereador (cerca de Cr$ 7 milhões). Piazza procura resumir numa frase o porquê de seu sucesso, raro entre ex-jogadores.

— Enquanto eu andava de ônibus ou a pé, alguns colegas andavam em carros importados ou do ano. Hoje eles estão à pé, e eu, se quisesse, poderia estar com um Mercedes do ano.

A cervejaria de Ronaldo

Outro ex-jogador que nunca se limitou ao futebol, mesmo na época em que era ídolo, é o ex-ponta direito do Atlético, Palmeiras e Cruzeiro, Ronaldo Gonçalves Drumond, 38 anos, casado com Sandra Mari com três filhas: Marcela, Fabiana e Renata. Três vezes campeão Brasileiro (em 1971 pelo Atlético e em 1972 e 1973 pelo Palmeiras), ele tem seus negócios fora de campo e com um detalhe: sempre procurando ter como sócio pessoas ligadas ao futebol, quase sempre jogadores ou ex-atletas.

Pedro Leopoldo/Waldemar Sabino

Dirceu Lopes, ex-craque, agora dribla a crise confeccionando as roupas da moda

— Meu primeiro negócio foi a empresa de acessórios e locadora de automóveis, a Volks Tudo, mas o meu setor preferido sempre foi o imobiliário — afirmou.

— Ronaldo é proprietário das imobiliárias Certa Imóveis, Grumar Loteamentos (em sociedade com o ex-técnico da Seleção Telê Santana e seis outros desportistas), Enplam (em sociedade com o ex-jogador Buglê, do atlético e do Vasco) e a GT imóveis, com vítor, goleiro do Cruzeiro.

Mas, como o setor mais afetado pela crise foi o imobiliário, Ronald achou que seria bom procurar um outro ramo, enquanto esperava o reaquecimento do mercado. Há cinco meses, inaugurou num dos melhores pontos de Belo Horizonte, a Avenida Afonso Pena, 2483, próximo do centro da cidade e da Praça Savassi, o restaurante e cervejaria Pinguim, em socidade com seu irmão, Ricardo Drummond, e com o amigo Juraci.

Apesar de afirmar que ainda não teve lucro com a cervejaria, pois o investimento foi alto, Ronaldo revela, satisfeito, que seu estabelecimento — montado num terreno de 1 mil 100 metros e com um patrimônio avaliado em Cr$ 300 milhões — é dos maiores sucessos da noite de Belo Horizonte, conhecida exatamente pelo grande número de bares e restaurantes.

Segundo ele, o negócio é muito promissor e, por isto, já pensa em abrir duas filiais, a partir de janeiro: uma na Savassi e outra no bairro Gutierrez. Sem revelar sua renda, Ronaldo não hesita em afirmar:

— Hoje ganho muito mais do que como jogador, mesmo podendo me considerar um atleta muito bem remunerado durante minha carreira". Candidato derrotado a vereador pelo PDS, nas eleições de 1982 — "Joguei pelo time errado" — Ronaldo disse não ter gostado da experiência e afirma que nunca mais a repetirá:

— Não sou político, meu forte é ganhar dinheiro.

A loja de Tostão

Eduardo Gonçalves de Andrade, o Tostão, 37 anos, casado, dois filhos, um dos maiores jogadores brasileiros de todos os tempos, tricampeão mundial na Copa do México, não se considera um empresário, apesar de ser sócio majoritário, há mais de 10 anos (antes mesmo de parar de jogar), da loja Tostão Artigos Esportivos Ltda., com dois endereços — um no centro e outro na Savassi — a mais tradicional e bem sucedida da capital mineira.

— Minha saída do futebol se deu de maneira brusca. E procurei voltar imediatamente aos estudos, escolhendo a Medicina, pois sempre quis fazer este curso. Formado há três anos na área de clínica médica, me sinto realizado e totalmente adaptado — afirmou Tostão, que continua afastado dos contatos com a imprensa, segundo ele, "para evitar curiosidades".

Atividades diversas, os ex-jogadores têm diferentes explicações sobre o fato de constituírem uma minoria que, ao deixar a carreira, conseguiu se adaptar a outra atividade. Para Dirceu, o maior problema são os "falsos amigos que cercam os jogadores e que só querem aproveitar da sua fama e do seu dinheiro".

Para Piazza, a responsabilidade é dos próprios jogadores, que não se preparam para o futuro e não têm a menor possibilidade de disputar o fechado mercado de emprego, sem uma qualificação mínima.

— Além disso, os jogadores querem manter o falso status de atleta e não aceitam qualquer emprego, preferindo viver de ilusão e do passado.

FERNANDO LACERDA

Cambrinus reaparece na milha clássica e é o grande favorito

Cambrinus (Tonka em Camarilha), de criação do Haras Barra Nova e de propriedade do Stud Topázio, é o favorito do Grande Prêmio José Carlos de Figueiredo, que será disputado hoje à tarde no Hipódromo da Gávea, na distância de 1 mil 600 metros, na pista de grama e com uma dotação de Cr$ 2 milhões 100 mil para o proprietário do ganhador.

Mantido em excelentes condições de treinamento por Alberto Nahid, Cambrinus venceu o GP Salgado Filho de ponta a ponta, depois de ficar 2 meses sem atuar, depois de ter ganho a milha internacional. Especialista na distância e mais aguerrido, é um forte candidato em qualquer pista.

Tira-teima

Dunfee (Rastacuer em Dominique), de criação do Haras Quebracho e de propriedade do Stud Deux Barons, aparece como principal adversário do favorito. No GP Salgado Filho, perdeu para Cambrinus por pequena diferença, depois de um percurso com alguns prejuízos. Atravessando a melhor fase de sua campanha, o pensionista de R. Morgado volta a enfrentar Cambrinus, num tira-teima, que está sendo esperado com ansiedade pelos turfistas.

Arabat (Sr. Chad em Quituta), de criação de Fazenda Mondesir e de propriedade de Eloisa P. da Silva, é outro nome muito interessante na competição. Terceiro colocado no citado Salgado Filho a três corpos dos ganhadores, o pensionista de M. D. Ribeiro reapareceu com mais 15 quilos e ausente das pistas a seis meses. Caso não sinta a corrida de reaparecimento, deve chegar brigando pela vitória. Além disso, é bom lembrar que Arabat é o recordista dos 1 mil 400 metros na grama, quando derrotou o próprio Cambrinus na marca de 1min21s2.

Último Macho, Aniuak, Nice N'Easy, Perez e Tropic Show, são nomes positivos e que devem proporcionar um bom espetáculo.

Captain Bravo tem excelente vitória

1º páreo, 1º Von Graft (E.Ferreira) 2º Concurrido (P.Vignolas) vencedor (7) 2,10. dupla (24) 4,50. placês (7) 1,60 (2) 1,60. Dupla exata combinação (07-02) Cr$ 11,10. **2º páreo**, 1º Justo Jansen (J. Pinto) 2º Zeddaros (C. A. Maia) vencedor (1) 1,50. dupla (11) 3,40. placês (1) 1,30. Só teve um placê neste páreo. **3º páreo**, 1º Keefer (M. Ferreira) 2º King Bird (G. F. Almeida) vencedor (1) 1,70. dupla (12) 2,50. placês (1) 1,20 (2) 1,30. **4º páreo**, 1º Limeiras Boy (J. Vieira) 2º Indio Bala (E. R. Ferreira) vencedor (1) 2,20. dupla (12) 6,20. Placês (1) 1,70 (3) 2,00. Dupla exata combinação (01-03) Cr$ 47,50. **5º páreo**, 1º Calais (J. Pinto) 2º Sarracena (J. Vieira) vencedor (1) 1,70. dupla (13) 2,20, placês (1) 1,20 (4) 2,10. **6º páreo**, 1º Visivel (A. Souza) 2º Roberta Close (G. F. Silva) vencedor (5) 5,30. dupla (34) 5,10. placês (5) 2,20 (3) 2,40. **7º páreo**, 1º Nocette (M. Nascimento) 2º Unirverse (J F Reis) vencedor (5) 6,30. dupla (34) 3,90. placês (5) 3,00 (8) 2,20. Dupla exata combinação (05-08) Cr$ 22,00. **8º páreo**, 1º Captain Bravo (A. Souza) 2º Black Foot (Jz. Garcia) vencedor (2) 2,60. dupla (23) 5,00. placês (2) 1,80 (4) 3,10. **9º páreo**, 1º Arfada (E. Santos) 2º Cercelli (A. Oliveira) vencedor (1) 3,00. dupla (13) 5,60 placês (1) 2,30 (5) 4,50. **10º páreo**, 1º Freiburg (E. Ferreira) 2º Lizzano (G. Guimarães) vencedor (2) 1,80. dupla (23) 4,80. placês (2) 1,30 (4) 1,50 Dupla exata combinação (02-04) Cr$ 11,40.

ESTA TARDE, NA GÁVEA

1º PÁREO — Às 14h00min — 1.400 metros — GRAMA — Recorde: 81s2 (ARABAT) — Dotação: Cr$ 1.175.000 — PROVA ESPECIAL DE LEILÃO — Potros nacionais de 3 anos, dos leilões oficiais do Jockey Club Brasileiro, sem vitória no Rio e em São Paulo — Pesos da tabela (I)

1—1 Aguilon	56	4 J.Pinto	441 R.Carrapito	x-2-2	22/09 4º (7) Gira Roda*	1.5 GL	90s3	4,50 W.Gonçalves
2 Tidão	56	3 I.F.Reis Ap.2	430 J.B.Silva	0-u-5	27/10 6º (7) Zeddaros	1.0 GM	58s1	3,90 J.Queiroz
2—3 Armeiro do Rei	56	2 J.Ricardo	Est P.Morgado	Est	— Estreante	—	—	—
4 Damstel	56	5 G.Guimarães Ap.2	438 F.P.Lavor	x-0-u	01/09 7º (7) Arabião	1.3 AP	81s2	46,50 C.A.Martins
3—5 Seu Marcellino	56	6 G.Guimarães Ap.2	438 F.P.Lavor	4-u-4	20/10 4º (7) Dom Corleone	1.1 AP	69s2	5,60 C.A.Martins
6 Manco Capac	56	8 J.Escobar	435 J.Escobar	6-4-6	14/10 2º (8) Julzo Final	1.4 GL	80s4	64,10 J.Esteves
4—7 Portocervo	56	9 I.Godinho	450 A.Araújo	x-x-x	18/10 7º (10) Ardoroso	1.3 NL	80s3	16,10 L.Esteves
8 Alacid	56	10 J.Malta	388 S.R.Cruz	3-5-1	23/10 6º (11) G.City(CP)	1.1 NM	70s4	2,00 L.Godinho
9 Mar Bravo	56	1 C.A.Martins	427 M.Nickevisk	u-7-9	06/10 8º (9) Lord Thiago	1.3 NL	83s	39,20 J.F.Reis

AGUILON • ARMEIRO DO REI • TIDÃO — Aguilon reaparece bem exercitado e a turma não está forte para ele. Armeiro do Rei estréia bem preparado e deve formar a dupla. Tidão figurou com destaque e deve ser cogitado nas combinações de dupla exata.

2º PÁREO — Às 14h30min — 1.000 metros — GRAMA — Recorde: 55s4 (HATU) — Dotação: Cr$ 1.115.000 Potrancas nacionais de 3 anos, sem mais de uma vitória no Rio e em São Paulo — Peso da tabela (I), com descarga

1—1 Halnada	56	1 J. Pinto	413 J. G. Vieira	3-4-2	27/08 2º (6) Aulora	1.0 NP	61s3	4,00 J. Ricardo
2—2 Amantíssima	56	6 A. Oliveira	428 A. Morales	0-2-4	07/10 3º (9) Instrale -d-	1.0 GL	57s3	3,50 J. M. Silva
3 Tuyobella	56	7 G. Guimarães Ap.2	396 W. Penelas	6-4-4	22/10 5º (7) Life Hill	1.1 NP	69s	8,10 J. Aurélio
3—4 Ivory Black	56	4 J. Ricardo	408 A. Nahid	0-2-1	07/10 6º (9) Instrale	1.0 GL	57s3	6,00 J. Ricardo
5 Dona Flora	56	5 C. A. Martins	356 J. L. Pedrosa	x-x-4	13/10 1º (12) Gondoleuse	1.1 ML	69s3	3,10 J. Aurélio
4—6 Lema	56	2 J. Freire	428 O. Ribeiro	6-3-1	22/10 2º (7) Life Hill	1.1 NP	69s	3,70 J. Pinto
7 Freguesia	56	3 J. Vieira	414 D. Netto	4-4-3	27/10 5º (8) Paris Model	1.5 GM	90s1	9,20 I. Lanes

AMANTÍSSIMA • HALNADA • LEMA — Páreo muito equilibrado. Ficamos com Amantíssima, que mostrou boa adaptação ao gramado. Sua maior adversária é Halnada, uma filha de Heathen que está em fase de evolução. Lema voltou correndo muito e melhorou, podendo ser cogitada também.

3º PÁREO — Às 15h00min — 1.500 metros — GRAMA — Recorde: 88s1 (ALPINE SKY) — Dotação: Cr$ 1.115.000. Potrancas nacionais de 3 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo — Pesos da tabela (I)

1—1 Grinda	56	7 J. Ricardo	496 R. Morgado Jr	x-x-7	21/10 2º (5) Paolo Mio	1.6 AP	101s4	1,60 J. Ricardo
2—2 Gwen	56	1 J. Pinto	431 F. Saraiva	x-6-7	06/10 2º (4) Riviravolta	1.5 GL	91s4	3,20 E. Ferreira
2 Glenora	56	3 E. Ferreira	Est F. Saraiva	Est	— Estreante	—	—	—
3—3 Ademã	56	2 A. Oliveira	461 A. Morales	x-x-x	06/10 3º (4) Reviravolta-d	1.5 GL	91s4	1,50 J. M. Silva
4 Red Lu	56	6 C. A. Martins	380 J. B. Silva	x-x-9	22/10 4º (7) Asian Star	1.3 NP	83s	36,90 C. A. Martins
4—5 Hipértese	56	4 J. Pedro Fº	428 R. Nahid	6-u-0	14/10 3º (11) Lunares *-d	1.4 GL	85s	5,40 M. Nascimento
6 Bandeliette	56	5 G. F. Almeida	408 A. Palm Fº	3-2-4	29/09 6º (8) Agora	1.3 AU	83s1	12,40 G. F. Almeida

GRINDA • GWEN • ADEMÃ — Pela demonstração dada em sua última apresentação, quando perdeu na turma dos cavalos e por pequena diferença, será difícil a derrota de Grinda. Gwen deixou excelente impressão na estréia e ainda leva o reforço de Glenora, com bons exercícios. Ademã decepcionou na primeira corrida, mas volta muito melhor.

4º PÁREO — Às 15h30min — 1.500 metros — GRAMA — Recorde: 88s1 (ALPINE SKY) — Dotação: Cr$ 865.000 — Cavalos nacionais de 4 anos, sem mais de uma vitória no Rio e em São Paulo — Pesos da tabela (I), com descarga —

1—1 Echo Summit	57	6 J. Pedro Fº	444 L. A. Fernandes	7-1-u	27/10 2º (10) Marun -d-	1.0 GM	58s4	3,20 G. F. Almeida
2 First Boy	57	2 J. Ricardo	420 O. J. M. Dias	6-6-7	07/10 6º (7) Vetorial	1.5 GL	91s	10,90 J. Aurélio
2—3 Opel	57	8 R. Vieira Ap.2	432 J. B. Silva	5-3-1	18/10 3º (9) Gigio	1.1 ML	68s2	44,90 R. Antônio
4 Vivaldino	53	3 C. A. Maia Ap.3	427 J. G. Vieira	3-2-3	20/10 2º (8) Nimbo	1.5 AP	95s3	1,80 J. Pinto
3—5 Tarjão	57	5 J. Pinto	443 D. Netto	4-3-3	25/10 4º (7) Zatel	1.6 NP	101s2	7,50 J. Pinto
6 Charles Gay	57	4 G. F. Silva Ap.2	438 C. H. Coutinho	1-0-u	09/09 5º (5) Faxineiro	1.6 AM	100s	12,90 P. Vignolas
4—7 Nimbo	57	7 G. F. Almeida	434 A. Araújo	3-4-3	20/10 1º (8) Vivaldino	1.5 AP	95s3	3,40 G. F. Almeida
8 Yerolma	57	1 A. M. Andrade Ap.4	416 J. C. Marchant	6-1-7	20/10 5º (11) Dino Fiata	1.4 AP	87s1	258,50 A. M. Andrade

FIRST BOY • TARJÃO • ECHO SUMMIT — Outra carreira equilibrada e de difícil prognóstico. First Boy baixou de turma e pode ganhar na direção de Jorge Ricardo. Tarjão tem corrido com muita regularidade e sua vitória também deve ser cogitada. Echo Summit é veloz e se puder folgar na frente vai endurecer no final.

5º PÁREO — Às 16h00min — 1.500 metros — GRAMA — Recorde: 88s1 (ALPINE SKY) — Dotação: Cr$ 1.115.000 — Potros nacionais de 3 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo — Pesos da tabela (I)

1 — 1 Great Horse	56	8 J.Ricardo	434 R.Tripodi	3-2-2	06/10 2º (8) Teatino	1.5 GL	90s3	1,90 J.Ricardo
2 Purcell	56	6 R.Vieira Ap.2	412 W.P.Lavor	x-x-x	14/10 5º (8) Juizo Final	1.4 GL	83s4	10,00 C.Lavor
2 — 3 Club House	56	7 J.Pinto	421 M.D.Ribeiro	4-5-6	14/10 2º (8) Juizo Final	1.4 GL	83s4	17,60 J.Pinto
" Alcatrão	56	11 G.F.Almeida	438 M.D.Ribeiro	x-8-6	14/10 2º (8) Orbita -d-	1.4 GL	83s4	6,00 G.F.Almeida
4 Ronald Barnes	56	4 L.Esteves	459 E.P.Coutinho	x-x-5	04/10 9º (10) Polvo	1.2 ML	85s4	6,10 L.Esteves
3 — 5 Gaetano	56	1 E.Ferreira	453 F.Saraiva	x-4-2	12/08 4º (5) Gianpietro *	1.5 GL	84s2	1,10 M.Ferreira
" Grisbi	56	10 M.Ferreira Ap.2	Est F.Saraiva	x-x-x	09/06 18º (18) I.Eyes (SP) *	1.5 GLn	92s9	4,40 R.Silva
6 Leão Ten	56	2 R.Antônio Ap.2	456 R.Nahid	x-x-5	18/10 2º (10) Ardoroso	1.3 ML	80s3	44,50 R.Antônio
4 — 7 Anselo	56	5 A.Oliveira	447 A.Morales	x-x-x	14/10 7º (8) Juizo Final	1.4 GL	83s4	3,30 J.M.Silva
" Armador	56	9 J.F.Reis Ap.2	420 A.Morales	u-7-3	06/10 6º (8) Teatino -d-	1.5 GL	90s3	4,40 J.M.Silva
8 Goren	56	3 P.Cardoso	450 C.H.Coutinho	x-x-x-	25/10 6º (8) Aarão	1.3 NP	80s4	28,90 P.Vignolas

ALCATRÃO • CLUB HOUSE • GREAT HORSE — É muito forte a parelha número três. Tanto Alcatrão quanto Club House vêm de derrotas em cima do disco e para boas marcas. Ficamos com Alcatrão, que na última corrida atropelou além do centro da pista e por isso não venceu. Club House na dobrada. Great Horse, com o líder Jorge Ricardo, fica como principal obstáculo.

6º PÁREO — Às 16h30min — 1.400 metros — GRAMA — Recorde: 81s2 (ARABAT) — Dotação: Cr$ 1.175.000 — PROVA ESPECIAL DE LEILÃO. Potros nacionais de 3 anos, sem mais de uma vitória no Rio e em São Paulo — Pesos da tabela (I), com descarga

1—1 Avarento	56	2 J.Ricardo	438 P.Morgado	1-7-2	28/10 4º (12) Gianpietro	1.5 GL	90s1	16,00 J.F.Reis
2—2 Acunhado	56	7 O.Guignoni	390 C.I.P.Nunes	2-2-1	27/10 1º (15) B.River (SP)	1.3 AL	83s2	15,00 S.Macedo
3 Lord Thiago	56	3 J.Escobar	434 L.Acuña	9-5-7	06/10 1º (9) Defense Bid	1.3 NL	83s	16,50 J.B.Fonseca
3—4 Abbey	56	6 J.Pedro Fº	434 R.Nahid	8-u-1	07/10 5º (6) Labu*	1.3 AL	80s2	2,60 J.Pinto
5 Defense Bid	56	1 J.Escobar	475 G.L.Ferreira	3-3-2	21/10 1º (8) Badaró	1.1 AP	69s3	2,20 A.Oliveira
4—6 Dealer	56	4 G.F.Almeida	400 A.Araújo	x-x-x	26/08 1º (9) Aguilon	1.2 AP	76s	3,70 J.Ricardo
7 Arsto Jaison	56	5 J.Pinto	428 D.Netto	2-2-2	27/10 2º (7) Ave César*	1.2 NP	74s1	2,40 J.Aurélio

AVARENTO • DEALER • ABBEY — Avarento vem de ótima atuação e chegou muito perto dos ganhadores. Ficamos com ele respeitando a presença de Dealer, ganhador em ótimo estilo na sua primeira apresentação. Abbey fracassou sem explicação, mas voltou a animar nos trabalhos matinais.

7º PÁREO — Às 17h00min — 1.600 metros — GRAMA — Recorde: 93s4 (LUCCARNO, INDAIAL e CATHEN) — Dotação: Cr$ 2.100.000 — Cavalos nacionais de 3 anos e mais — Pesos da tabela (II), com descarga — GP JOSÉ CARLOS FIGUEIREDO 3º PÁREO DA DUPLA EXATA — ENCERRAMENTO DAS APOSTAS às 16h30m

1—1 Cambrinus	59	3 J.Ricardo	448 A.Nahid	1-7-1	21/10 1º (10) Dunfee	1.6 GP	96s	1,40 J.Ricardo
2 Nice N'easy	60	4 J.Aurélio	452 W.P.Lavor	1-1-3	14/10 1º (7) Ennius	1.6 GL	95s	1,10 C.Lavor
2—3 Dunfee	59	1 A.Oliveira	476 R.Morgado Jr.	1-5-1	21/10 2º (10) Cambrinus	1.6 GP	96s	11,30 A.Oliveira
4 Ennius	60	7 E.Ferreira	442 F.Saraiva	7-6-1	14/10 2º (7) Nice N'Easy	1.6 GL	95s	3,90 J.Aurélio
3—5 Arabat	60	8 J.Escobar	470 M.D.Ribeiro	2-1-9	21/10 3º (10) Cambrinus*	1.6 GP	96s	3,30 J.Escobar
5 Aniuak	60	9 G.F.Almeida	460 M.D.Ribeiro	4-3-2	21/10 7º (10) Cambrinus*	1.6 GP	96s	3,30 J.Queiroz
6 Pérez	59	10 R.Penachio	Est P.Gusso Fº	2-u-3	25/10 1º (8) Enrapt (SP)	1.4 GLn	84s8	1,60 I.Quintana
4—7 Último Macho	60	2 J.M.Silva	450 A.Morales	1-2-5	21/10 5º (10) Cambrinus*	1.6 GP	96s	2,60 J.M.Silva
8 Tropic Show	59	5 P.Cardoso	447 C.H.Coutinho	1-2-1	21/10 4º (10) Cambrinus	1.6 GP	96s	25,60 P.Cardoso
9 Be A Champion	60	6 J.Pinto	462 O.Cardoso	3-2-4	21/10 6º (10) Cambrinus	1.6 GP	96s	23,90 J.Pinto

CAMBRINUS • DUNFEE • ARABAT —

8º PÁREO — Às 17h30min — 1.300 metros — AREIA — Recorde: 78s (BARTER e VELADO) — Dotação: Cr$ 710.000 Cavalos nacionais de 5 anos e mais, ganhadores até Cr$ 1.420.000 em 1º lugar no País — Peso: 58 quilos, com descarga

1—1 Rino	58	3 R.Silva	419 A.Araújo	3-3-1	21/10 5º (9) Alphonse	1.2 NP	74s3	7,90 J.Ricardo
2 Volo	58	6 P.Vignolas	428 C.H.Coutinho	4-3-2	13/10 1º (7) Muscari	1.4 GL	84s2	2,50 P.Vignolas
2—3 Noturno	56	8 C.Xavier	450 N.A.Silva	2-u-0	20/10 4º (7) Garbosel	1.2 AP	75s3	2,40 J.M.Silva
4 Yapeju Velho	57	7 J.M.Andrade	448 C.Rosa	3-2-3	20/10 2º (6) Soteca (MG)	1.0 AP	64s	22,60 L.Wanderley
3—5 Jeca Luglio	58	2 J.Ricardo	426 P.Morgado	6-4-0	13/10 6º (8) Jatium	1.0 NL	62s1	53,20 A.Souza
6 Nivolo	58	4 C.Pensabem	470 H.Cunha	u-u-0	01/10 6º (8) Jatium	1.0 NL	62s1	63,20 A.Souza
4—7 Quattrocento	58	5 G.F.Almeida	441 A.Paim Fº	5-3-0	12/10 1º (10) Ferrabrás	1.3 AL	81s2	2,30 G. F.Almeida
8 Cidaços	56	1 J.Freire	432 O.Ribeiro	1-4-6	12/10 7º (12) Old Marash	1.1 AL	68s4	14,00 J.Ferreira

NOTURNO • JECA LUGLIO • VOLO — Noturno vai enfrentar turma muito fraca, e além disso, o percurso de 1 mil 300 metros é bastante favorável. Jeca Luglio volta bem exercitado e na direção de Jorge Ricardo. Volo ostenta ótimo estado e deve ser cogitado também.

9º PÁREO — Às 18h00min — 1.300 metros — AREIA — VARIANTE — Recorde: 78s (BARTER e VELADO) — Dotação: Cr$ 1.115.000 — Potrancas nacionais de 3 anos, sem vitória no Rio e em São Paulo-Pesos da tabela (I)

1—1 Ave Maria	56	5 J.Ricardo	Est A.Morales	Est	— Estreante	—	—	—
2—2 Bex	56	3 J.Pinto	390 P.Salas	2-2-6	23/09 5º (11) Life Hill	1.1 NL	69s4	1,90 J.F.Reis
3 Isolate	56	7 I.Lanes	422 J.D.Moreira	4-8-3	27/10 2º (8) Al-Ribat	1.3 NM	83s1	7,00 I.Lanes
3—4 Out Distance	56	1 J.Pedro Fº	459 L.A.Fernandes	x-3-5	29/09 7º (8) Agora	1.3 AU	83s1	3,70 C.Valgas
5 Fér Teixeira	56	4 L.Esteves	460 E.P.Coutinho	5-5-4	23/09 10º (11) Sotheby's	1.4 GL	85s1	8,50 J.Escobar
4—6 Earthly	56	6 G.F.Almeida	396 F.P.Lavor	5-3-4	27/10 4º (8) Al-Ribat *	1.3 NM	83s1	6,70 J.Queiroz
" Sylvana	56	2 R.Vieira Ap.2	440 F.P.Lavor	x-4-6	29/09 8º (8) Agora *	1.3 AU	83s1	8,60 A.M.Andrade

AVE MARIA • BEX • EARTHLY — Estréia muito bem preparada por Alcides Morales a Ave Maria, que dificilmente será derrotada em corrida normal. Bex volta em excelentes condições e com exercícios animadores. Outro nome positivo é Earthly, que aprecia a distância de 1 mil 300 metros.

10º PÁREO — Às 18h30min — 1.300 metros — AREIA — VARIANTE — Recorde: 78s (BARTER e VELADO) — Dotação: Cr$ 710.000 Éguas nacinnais de 5 anos e mais, ganhadoras até Cr$ 2.840.000 em 1º lugar no País — Peso: 58 quilos, com descarga 4º PÁREO DA DUPLA EXATA — ENCERRAMENTO DAS APOSTAS ÀS 18h00min

1—1 Van Angela	58	1 J.Pinto	440 J.G.Vieira	2-4-1	22/10 2º (6) Biba Babi	1.2 NP	74s3	1,40 J.Pinto
2 Nice Mary	57	7 E.Marinho	450 S.P.Gomes	1-3-6	03/09 5º (5) Ebenita	1.6 NM	102s2	8,70 W.Gonçalves
2—3 Ursa Polar	55	10 J.Ricardo	420 A.Morales	1-1-1	22/10 1º (9) Momentosa	1.2 NP	76s	2,10 J.M.Silva
4 Van Fabel	54	9 R.Antônio Ap.2	409 G.L.Ferreira	5-5-2	17/09 9º (9) Hij	1.3 NP	82s3	4,10 M.Monteiro
3—5 Samarina	54	4 M.Ferreira Ap.2	406 M.D.Ribeiro	8-4-3	07/10 1º (6) Quebuia	1.3 NL	81s4	1,80 J.Ricardo
6 Lyra's Star	56	3 J.Pedro Fº	412 A.V.Neves	4-9-5	20/10 1º (9) Elación	1.2 NP	75s3	10,40 J.Pedro Fº
7 Guarunella	56	5 G.F.Almeida	435 F.P.Lavor	1-u-5	21/10 5º (5) Pic. Circus	1.5 AP	94s	8,90 J.M.Silva
4—8 Lição	57	6 J.Malta	430 L.Previatti	1.3.1	22/10 3º (6) Biba Babi	1.2 NP	74s3	16,00 C.Lavor
9 Jelka	55	8 J.Vieira	435 D.Netto	2-5-5	28/10 4º (7) Bondesir	1.0 GL	57s1	137,20 J.Vieira
" Kireuca	52	2 L.S.Santos Ap.4	480 D.Netto	5-5-3	02/10 2º (7) Portacervo CP	1.2 NU	77s1	4,90 E.Santos

URSA POLAR • VAM ANGELA • NICE MARY — Atravessa excelente forma a Ursa Polar, que tem grande chance de prosseguir em sua série de vitórias. Van Angela, outra que está em bom estado, pode formar a dupla, ameaçada pela Nice Mary, agora em turma fraca.

Botafogo improvisa ataque em jogo decisivo

O Botafogo lança no jogo com o Campo Grande, esta tarde, em Marechal Hermes, um novo ataque. Exatamente numa partida decisiva, em que precisa da vitória diante de um adversário imprevisível, surge uma mudança por causa da contusão de Robertinho no coletivo de anteontem, que altera toda a forma do ataque jogar. O técnico Orlando Fantoni está preocupado com o rendimento do novo ataque, com Helinho, Baltasar e Luisinho das Arábias.

Mas Fantoni não está sozinho em sua preocupação: o próprio centroavante Baltasar também ficou apreensivo, temendo uma queda de produção que pode ser fatal para o Botafogo. Fantoni fala em mudar a estratégia de ataque e forçar uma nova fórmula, mas Baltasar teme mesmo que haja um desentrosamento entre todas as suas peças, já que em sua opinião Helinho vai sentir a mudança de lado e Luisinho está sem ritmo.

Helinho tranqüilo

Fantoni é um pouco mais otimista do que Baltasar:

— As jogadas com Robertinho eram feitas naturalmente, todos os contra-ataques partiam em velocidade com ele porque ele é muito rápido. E o Campo Grande é um time perigoso. A nossa sorte é que ele não pode jogar fechado e tem que tentar a vitória. Mas vamos encontrar uma nova fórmula para armar esse ataque do Botafogo.

Baltasar, no entanto, pensa diferente:

— Vamos sentir muito a falta do Robertinho, porque já estávamos totalmente entrosados. Com Helinho passando para a direita, acho que ele vai sentir a mudança de lado, que sempre influi. E o Luisinho está sem ritmo, pois entra no segundo tempo e não tem jogado com seqüência.

Para Helinho, não influi o lado do campo. Com seu jeito simplório, um tanto despreocupado, garante:

— Não faz diferença alguma. Jogar pela esquerda ou pela direita não tem diferença porque eu consigo me adaptar a qualquer posição rapidamente. Chato é quebrar o entrosamento de todos num jogo decisivo.

Luisinho das Arábias comentou:

— Estou bem fisicamente e o técnico tem confiado em mim, me lançando sempre no segundo tempo. Acho que tenho correspondido e o principal agora é encostar no Baltasar, não deixá-lo isolado. Ao mesmo tempo, seria bom que houvesse revezamento com Berg pela ponta-esquerda para que as jogadas saiam também pelas pontas.

BOTAFOGO X CAMPO GRANDE
Local: Estádio Mané Garrincha
Horário: 16 horas
Juiz: Aluísio Felisberto da Silva
Botafogo: Luís Carlos, Josimar, Marinho, Brasília e Vágner; Ademir, Alemão e Berg; Helinho, Baltasar e Luisinho das Arábias.
Técnico: Orlando Fantoni.
Campo Grande: Zé Carlos, Marinho, Osmar, Pirulito e Assis; Brás, Lulinha e Pingo; Carlos Antônio, Alcino e Buga.
Técnico: Alcir Portela

Delfim Vieira

Helinho, em boa fase, está confiante em se adaptar à sua nova posição na direita

Baltasar já converteu Luisinho

A cada dia que passa fica mais evidente um detalhe que não pode ser ignorado: a importância de Baltasar para o Botafogo transcende agora os limites dos campos de futebol. Sua atuação junto aos jogadores é tão imprescindível quanto os gols que vem fazendo. Após tranqüilizar o lateral Josimar, antes considerado problemático, está empenhado em mudar a imagem de Luisinho das Arábias.

Não foi Baltasar quem divulgou o esforço que vinha fazendo para modificar os conceitos que envolvem Luisinho — acusado de beber e de torcer contra o Botafogo no banco de reservas. Foi o próprio Luisinho das Arábias que, ao analisar sua entrada no time na esquerda, comentou:

— O principal agora é superar os problemas. Os que tive são coisas do passado e voltar ao grupo me animou muito. Agora, escalado, vou fazer força para reabilitar meu nome. Quero acabar com a imagem de cachaceiro e mulherengo que tinha, como todo mundo em minha idade costuma ter. Desde que tive hepatite, nunca mais bebi e agora até canto no coro da igreja do Baltasar. Deus é a coisa mais importante na nossa vida.

Sorridente, consciente de que seu esforço tem sido positivo, Baltasar explicou a situação de Luisinho:

— Realmente tenho conversado muito com ele. Em algumas concentrações levei o pessoal do coro, para cantar músicas sacras, e ele tentou cantar junto, ficou interessado. Com Jesus no coração, ele vai superar todos os obstáculos. Eu também achava que o importante era fazer farra, ter um carro equipado, mas sentia um vazio no coração. Assim que me uni à religião, meu coração se completou, passei a ter um objetivo na vida. Com ele, deve acontecer isso também.

Flu quer corrigir defeito em Friburgo

Friburguense x Fluminense pode parecer um simples jogo entre um time pequeno e um grande. Para o técnico Carlos Alberto Torres, porém, a partida desta tarde no Estádio Eduardo Guinle tem contornos importantes como a tentativa que vem fazendo para corrigir o vício do Fluminense, que concentra seu poder ofensivo no lado esquerdo. Outro detalhe importante para o treinador é o grande número de jogadores com dois cartões amarelos — nada menos do que cinco — que terão de jogar naturalmente.

Carlos Alberto Torres não quer que os cinco (Paulo Vítor, Duílio, Jandir, Leomir e Assis) entrem em campo com medo de jogar normalmente, evitando as jogadas mais bruscas. Um outro problema que poderia criar um clima de intranqüilidade — o ambiente que o time enfrentará em Friburgo — não preocupa o técnico, que não espera hostilidades da torcida, embora o time local precise vencer para fugir ao rebaixamento.

Sofisticação

A necessidade de vencer que o Friburguense enfrenta pode ser um trunfo para o Fluminense, na opinião de Carlos Alberto:

— Por causa da necessidade de vencer e fugir do rebaixamento, o Friburguense vai ter que sair para jogar. É mole armar retranca e para um time como o nosso, quando enfrenta um adversário fechado, tudo fica mais difícil. Quando ele pega um time aberto, que joga para a frente, aí fica mais fácil. E o Fluminense, como todo grande que enfrenta um time inferior, tem que arriscar, jogar de peito aberto. Não acredito em clima hostil nem em problemas extrafutebol. O campo não deve ser diferente dos outros que estamos tentando superar e vamos tentar jogar nosso futebol.

O Fluminense fez recreação ontem à tarde, diante de um reduzido número de torcedores. A viagem para a cidade de Bonjardim foi retardada porque o treinamento começou mais tarde do que o previsto. E um time sofisticado, de um clube aristocrático, apelou para um simples sanduíche de queijo com presunto, frio, com refrigerantes, para um ligeiro lanche durante a viagem até Bomjardim, próxima a Friburgo. Para a reserva, foram relacionados Ricardo Lopes, Getúlio, Renato, Renê, Pintinho e Roberto.

FRIBURGUENSE X FLUMINENSE
Local: Estádio Eduardo Guinle
Horário: 15h30min
Juiz: Luís Carlos Félix
Friburguense: Valdair, Da Silva, Chamberlain, Jorge Scott e Jorge Ivã; Fajardo, Maciel e Adilson; Felipe, João Roberto e Isaías.
Técnico: Djalma Cavalcânti
Fluminense: Paulo Vítor, Aldo, Duílio, Vica e Branco; Jandir, Leomir e Assis; Romerito, Washington e Paulinho
Técnico: Carlos Alberto Torres.

Marco Antonio Cavalcanti

Leomir, em boa forma física, entra no lugar de Pintinho, que está acima do peso

Olaria empata quase no fim com Americano

Um pênalti mal marcado pelo juiz Wílson Carlos dos Santos, quando faltavam quatro minutos para o fim da partida, permitiu que o Olaria empatasse em 1 a 1 com o Americano, ontem à tarde, no Estádio da Rua Bariri. Depois de um primeiro tempo razoável, em que criou algumas oportunidades de gol, o Olaria caiu de produção no segundo e foi completamente dominado pelo Americano.

O reduzido público que compareceu à Rua Bariri (a renda foi de Cr$ 492 mil, com 123 pagantes) assistiu a um movimentado primeiro tempo. No segundo, o Olaria caiu de produção e o Americano começou a dominar a partida. Aos 31 minutos, após um cruzamento, Ronaldo marcou de cabeça. Desesperados, os jogadores do Olaria partiram desordenadamente para o ataque — a equipe luta para não ser rebaixada — e aos 41 minutos, Nunes, numa disputa com Ronaldo, caiu dentro da área e Wílson Carlos dos Santos erradamente marcou pênalti.

Olaria: Jurandir, Mário, Adriano, Mauro e Caldeira; Luís Augusto, Delacir e Jairo; Aílton, Nunes e Orlando (Rico). **Americano**: Gilberto, Edinho, Ronaldo, Oliveira e Rubens; Fazoli, Dido e Sousa; Amarildo, Fernando Batalha e Sérgio Pedro.

BOLA DIVIDIDA

ANTIGAMENTE o jogo desta tarde era chamado de "Clássico dos Milhões", alcunha muito justa porque reunia, tanto do lado do Flamengo quanto do Vasco, as duas maiores massas de torcedores do futebol carioca. E os dois, na verdade, jamais desmentiram o título, fazendo sempre o Maracanã transbordar.

Atualmente o interesse pelo futebol anda meio por baixo, com seu público arredio, parte pela crise econômica, parte pelas bobagens que os dirigentes não se cansam de cometer. Mas Vasco e Flamengo, pelo apelo popular que possuem, podem quebrar hoje a rotina dos estádios vazios. Não vão disputar nenhuma decisão de título, mas estarão bem perto disso, já que jogam a sua sorte neste segundo turno.

O Flamengo tem uma vantagem sobre o rival: foi o campeão da Taça Guanabara e já está nas finais do campeonato. O Vasco, porém, se quiser continuar na luta pelo título, precisa da vitória. Só este aspecto, que não deixa de ter seu colorido de decisão, já basta para motivar as duas torcidas. Como estamos em princípio de mês, todo mundo com seu dinheirinho no bolso, é de se esperar um Maracanã cheio de gente e de entusiasmo esta tarde.

Se isto não acontecer, então é porque algo de estranho está se passando com o futebol. Algo que nem a crise nem a ausência de craques chega a convencer como explicação. Outro dia, o presidente do Flamengo, George Helal, anunciou seu propósito de encomendar a uma empresa especializada um estudo sobre as causas dessa fuga do público. Helal não aceita as razões invocadas — crise e outras — e acredita que somente uma pesquisa profunda pode trazer alguma luz ao problema que vem num crescendo desde o ano passado.

É uma iniciativa válida a do presidente rubro-negro. Seu clube é um dos que mais estão pagando por essa fuga e Helal espera que, de mistura com a falta de dinheiro, de craques e de bons jogos, venha a surgir um dado novo que explique o esvaziamento e aponte a solução adequada.

Não se pode negar a crise e é certo também que já não se fazem craques como antigamente, mas hoje Vasco e Flamengo podem provar essa verdade simples: desde que o jogo seja bom e que os dois times estejam motivados, o torcedor está sempre pronto a prestigiar comparecendo em massa aos estádios.

Os dois tradicionais adversários estão credenciados a fazer um grande jogo esta tarde. Vamos torcer para que o façam de fato e não decepcionem seu público como, infelizmente, vem-se tornando comum.

■

Histórias: Aí por volta de 1947, quando o Presidente dos Estados Unidos, Henry Truman, visitou o Brasil, Aporelly assim registrou o encontro dele, no Galeão, com o presidente do Brasil, General Eurico Gaspar Dutra:

Truman, estendendo a mão: — How do you do, Dutra?

Dutra, cujo forte não era o inglês, respondendo no mesmo tom: — How tru you tru, Truman.

SANDRO MOREYRA

Bangu tenta manter liderança contra o Goytacaz em Campos

Líder invicto da Taça Rio, o Bangu tem uma partida difícil hoje em Campos, no Estádio Ari de Oliveira, contra o Goytacaz, que está lutando por uma das vagas na Taça de Prata desta temporada.

O time dirigido pelo técnico Moisés, depois de um grande susto no coletivo de sexta-feira, vai jogar com sua formação máxima, já que Perivaldo e Márcio melhoraram muito das contusões e devem atuar. Outra novidade boa para a torcida é o reaparecimento do ponta-direita Marinho, que ficou fora da equipe nas duas últimas partidas, e treinou com muita vontade no coletivo final da semana.

A partida desta tarde é muito importante para a luta do Bangu pelo título, pois uma vitória lhe dá condições de jogar contra o Flamengo na próxima rodada com um ponto de vantagem, pelo menos.

Durante a semana, o técnico Moisés alertou seus jogadores para as condições do campo do adversário, onde venta muito, e chegou mesmo a ensaiar várias táticas para superar este obstáculo. Os jogadores sabem que o jogo será difícil e estão confiantes em manter a liderança. Outra preocupação do técnico era a condição física do goleiro Gilmar — uma ligeira contusão na mão direita — mas, no treino de sexta-feira, ele confirmou a presença com uma ótima exibição no gol da equipe reserva.

O dirigente Castor de Andrade prometeu um prêmio de Cr$ 400 mil em caso de uma vitória, que colocará a equipe em situação privilegiada no Campeonato. Do Goytacaz pode-se dizer que só perdeu uma vez em seu campo, para o América pelo marcador de 3 a 0.

GOYTACAZ X BANGU
Local: Estádio Ari de Oliveira
Horário: 16h30min
Juiz: Arnaldo César Celho
Goytacaz: Gato Félix, Totonho, Cléber, Gaúcho Lima e Valtair; Claudecir, Mamão e Zé Roberto; Ivair, Petróleo e Ronaldo.
Técnico: Luís Alberto
Bangu: Gilmar, Perivaldo, Jair, Polozi e Márcio; Mococa, Paulinho Criciúma e Israel; Marinho, Cláudio Adão, Ado.
Técnico: Moisés

PLACAR JB

ONTEM
América x Santos
Atlético x Tupy
HOJE
SÃO PAULO
Corinthians x Palmeiras
Botafogo x São Paulo
Guarani x Ponte Preta
Ferroviária x Marília
XV de Jaú x Taquaritinga
Taubaté x São Bento
Santo André x Portuguesa
Inter x Comercial
MINAS
Cruzeiro x América
Guarani x Uberaba
Valerio x Alfenense
Nacional x Caldense
Uberlândia x Democrata
Democrata GV x Vila Nova

Fla e Vasco decidem sua sorte no 2º turno

Flamengo e Vasco, com os times praticamente completos e num jogo com características decisivas, têm todas as condições para reviver hoje, às 17 horas, no Maracanã, a tradição do antigo "Clássico dos Milhões". Igualados com sete pontos ganhos, nenhum deles pode perder: o Flamengo se afastaria da luta pelo segundo turno, mas, como conquistou o primeiro, tem a vantagem de já estar na final; o Vasco, se derrotado, estará quase dizendo adeus ao Campeonato.

Com a volta de Jorginho, Élder e Andrade, o Flamengo recompôs sua força, como ficou provado no excelente coletivo que fez durante a semana. O time está novamente entrosado e não deve sentir muito a ausência de Adílio, afastado há três rodadas. O Vasco, ao contrário, teve problemas durante a semana. Edu chegou a suspender um treino tático porque Geovani e Marquinho estavam contundidos. O importante, porém, é que ambos estão escalados.

No Flamengo, Zagalo fez questão de dizer que jogará cautelosamente e sem pressa. Ele sabe que o time leva vantagem por estar com a presença garantida na final do Campeonato. Para o técnico, o Vasco é que tem que tentar o gol apressadamente, pois se perder fica com chances reduzidas para chegar ao título.

No Vasco, Edu quer decidir o jogo nos primeiros minutos. Ele acha que o time está criando muitas oportunidades de gol e, se der um pouco de sorte, pode surpreender o adversário. A possibilidade de jogar com dois pontas especialistas, Mauricinho e Rômulo, que atravessam excelente fase, dá a Edu a certeza de que seu time está preparado para criar as chances que podem ser aproveitadas por Roberto.

Além da força dos times, há duelos entre jogadores que tornam o clássico mais atraente ainda. A começar com o que envolve o próprio Roberto: até hoje, nas seis vezes em que se encontraram, em times ou em seleções, ele ainda não conseguiu fazer um gol em Fillol. Os olhos da torcida estarão voltados hoje, especialmente, para o grande goleiro do Flamengo e o decisivo artilheiro do Vasco. Há ainda o encontro entre dois jovens recém-saídos dos juniores que se firmaram em cada uma das equipes: Mauricinho, ponta-direita do Vasco, e Adalberto, lateral-esquerdo do Flamengo.

VASCO X FLAMENGO
Local: Maracanã
Horário: 17 horas
Juiz: José Roberto Wright
Vasco: Roberto Costa; Edevaldo, Ivã, Daniel Gonzales e Donato; China, Geovani e Marquinhos; Mauricinho, Roberto e Rômulo.
Técnico: Edu
Flamengo: Fillol; Jorginho, Leandro, Mozer e Adalberto; Andrade, Élder e Tita; Bebeto, Nunes e Gilmar.
Técnico: Zagalo

Gilson Barreto

Mozer, treinando de bonezinho para fugir do calor, dá uma prova da descontração do Fla para o clássico

Mauricinho, um ponta de verdade que virou ídolo

Os vascaínos veteranos, aqueles que pegavam o bonde São Januário (linha 53) para assistir aos jogos do time, lembram com entusiasmo de Tesourinha e Sabará. Do primeiro, guardam na memória os dribles desconcertantes; do segundo, a facilidade para chegar à linha de fundo. Há vários anos os bondes não circulam mais por São Cristóvão. Talvez nesta mesma época, os torcedores do Vasco tenham deixado de falar sobre jogadores que, vestindo a camisa sete, os encantavam.

Foi uma longa espera. A torcida do Vasco acompanhou o fracasso de Nado, um pernambucano contratado ao Náutico e que não passou de uma decepção; observou frustrada a estréia de Alan, vindo da Ponte Preta, que fraturou a perna e ficou inutilizado para o futebol; e irritou-se com o futebol improdutivo de Catinha, um ponta incapaz de satisfazer o torcedor menos exigente.

Ano passado, numa tentativa de resolver uma crise técnica da equipe — que estava mal no Campeonato Estadual — e também solucionar um dos problemas crônicos do time (ponta-direita), o Vasco trouxe Mauricinho, campeão sul-americano e mundial de júnior. Contratado por Cr$ 150 milhões, ele não foi recebido com tanto entusiasmo pela torcida, cansada de tantos "ídolos" que jogavam na posição.

Antes de jogar no Vasco, Mauricinho viajou para a Venezuela, onde disputou os Jogos Pan-Americanos, atuando pela Seleção Brasileira. Na partida contra a Argentina ele teve a sua primeira grave contusão: fraturou um dos dedos do pé.

Na volta ao Brasil, com a perna direita imobilizada, Mauricinho começou a viver um outro drama: a solidão. Sozinho em um quarto de hotel, sem conhecer praticamente ninguém no Rio, ele passou a sentir-se angustiado, sufocado e saudoso das esquinas, dos amigos, da namorada e da família de Ribeirão Preto.

— Foi a pior fase da minha vida — conta ele. — Chorei muitas vezes e tive vontade de voltar para Ribeirão. Todo fim de semana ia para lá e na hora de voltar ao Rio ficava completamente dividido. Nunca pensei que fosse sofrer tanto.

Era em Ribeirão Preto que Mauricinho encontrava força e ânimo para acreditar na sua recuperação. Afinal, ele passou 20 anos naquela cidade e foi lá que se projetou para o futebol. O início da carreira sob restrições do pai Olavo, Inspetor da Caixa Econômica Federal, teve o incentivo contido da mãe, a professora Marli.

— Meu pai queria que eu estudasse, fosse médico ou engenheiro. Enfim, ele não queria que eu jogasse futebol. Já minha mãe, talvez por ser professora, tinha entendido que o meu negócio era jogar futebol — afirmou Mauricinho.

Surpresa

Apesar da resistência do pai, os diretores do Comercial de Ribeirão Preto conseguiram convencê-lo a deixar Mauricinho treinar no clube. Em poucos jogos, aquele ponta baixinho, veloz e com um futebol bem objetivo, transformou-se no terror dos seus marcadores. A ascensão para a equipe profissional aconteceu rapidamente. Aos 16 anos, ele já estava no profissional.

A cada partida, Mauricinho ia-se firmando e apanhando sempre mais dos seus marcadores, para desespero de sua mãe. Ela dificilmente vai aos jogos e quando o filho sai de campo para ser atendido entra em pânico, temendo que alguma coisa de grave tenha acontecido.

Marco Antônio Cavalcanti

Mauricinho

— Não sou realmente de me machucar. E olha que o futebol paulista é bem mais violento do que do Rio. O engraçado é que vim para o Vasco e já sofri duas contusões graves. A primeira no Pan-Americano, depois no púbis, que me tirou da decisão do Brasileiro — lembrou Mauricinho.

Solucionado os problemas de contusões, Mauricinho começou a organizar a sua vida no Rio de Janeiro. Deixou de morar em hotel — no período em que esteve machucado passou por três — e foi para um apartamento em Copacabana, de três quartos e uma sala. Lá, morando sozinho, começou a viver uma nova experiência:

— Não sinto nenhum problema em morar sozinho — explica ele.

O contato com a família — Mauricinho tem uma irmã, Andréia, e namora Sandra há três anos — é mantido diariamente. Nos fins de semana que o Vasco joga em São Januário, o Bandeirante que sai do Rio domingo às 18h45min sempre o leva como passageiro.

— Já superei aquela fase inicial de muitas saudades. Meu pai sempre vem aqui e a família toda, inclusive minha namorada, deverão vir para o feriado do dia 15 — conta Mauricinho.

Marcação amiga

Mauricinho terá a marcá-lo hoje o amigo Adalberto, com quem dividiu o quarto no Mundial de Juniores, no México, e freqüentemente encontra na churrascaria Porcão, em Ipanema. Para Mauricinho (1,64m e 64 quilos), Adalberto, e Vladimir são os melhores laterais-esquerdos do momento.

— O Adalberto tem uma recuperação incrível. Não é fácil passar por ele. Nunca vi um cara marcar tão bem — comenta ele.

Objetivo dentro de campo, Mauricinho afirma que está passando pelo melhor momento em sua carreira. Sente-se mais maduro, o que é atestado pelo piscólogo e supervisor do Vasco, Paulo Angioni.

— Embora tenha apenas 20 anos, ele se comporta como um adulto. É um rapaz muito independente.

PAULO CESAR VASCONCELLOS

Gringo, não pássas dessa vez!

JOÃO SALDANHA

Virando o velocímetro

MUITO importante o jogo de hoje, entre Flamengo e Vasco. Se o Vasco perde, babau. Está fora do campeonato. Quer dizer, resta uma chancezinha tão remota que ninguém vai apostar nela. O Flamengo leva uma vantagem. Se perde, tem a mesma chance do Vasco neste turno, mas já está garantido para a finalíssima. Jogo básico, sem dúvida.

Tenho acompanhado o sofrimento do Zico lá na Itália. Estoura um músculo cada semana. Ainda por cima o frio está chegando e problemas musculares ficam mais difíceis e freqüentes. Engraçado é que os jogadores europeus, que vivem lá no frio, quase não têm estes problemas. E quanto mais para o Norte menos ainda. Pode ser dito que o problema semanal de nossos clubes, ou melhor, problema diário, não existe nos países europeus com seus jogadores.

É muito fácil explicar a causa. Dou um exemplo: se o leitor compra hoje um carro zero quilômetro e bota na praça, como táxi. Um seu amigo compra um carro da mesma marca e usa como carro particular. Pode-se verificar que o carro de praça, o táxi, em seis meses já está virando velocímetro. O particular, rodando muito, não estará com mais de uns dez mil quilômetros. É a mesma diferença entre Zico e outros craques brasileiros e os jogadores europeus. Os nossos têm rodagem de táxi. Eles, a de carro particular. Qualquer jogador de lá, com trinta, trinta e poucos anos, está em pleno apogeu. Sendo nórdico então é como dizia o Nélson Rodrigues: "Saúde de vaca premiada". Os nossos estão envelhecidos profissionalmente. Zico pode-se recuperar. Tem boa hereditariedade e força de vontade. Mas está sentindo bastante o peso de seu excesso de atividade.

E dizer-se que os tecnocratas e ditadores do futebol brasileiro extinguiram a lei de 72 horas de intervalo obrigatório entre duas partidas. Pois mesmo esta lei não salvaria a turma daqui. Um jogo por semana, treinamento adequado, férias de 30 dias e mais uns 15 de trabalho antes do primeiro jogo após as férias, deveria ser uma lei. Não lei jurídica. Lei social. Lei profissional. Uma lei de proteção aos nossos craques. Mas caras que nunca vestiram calção, nunca roubaram uma fruta (falo somente fruta), nunca deram uma pedrada numa vidraça são os que legislam sobre nosso melhor P.N.B.

Na Gávea, festa e otimismo no final dos preparativos

Foi num clima de festa, bem descontráido, com a presença de vários sócios que saíram da piscina do clube para assistir ao treino, que o Flamengo encerrou ontem à tarde, na Gávea, os preparativos para o clássico com o Vasco. Todos demonstraram muito otimismo e um dos mais alegres era o apoiador Élder, que volta à equipe.

O técnico Zagalo acha que o Flamengo tem que ser um time bem tranqüilo hoje à tarde, principalmente porque não tem tanta necessidade de vencer como o Vasco, cuja derrota o afastaria praticamente da luta pela conquista do título.

— Nós vamos entrar em campo com vantagem — explicou Zagalo. Temos que ser um time tranqüilo.

Adílio, contundido no joelho, é o único desfalque do Flamengo para esta partida. Gilmar, que vem atuando como titular desde o jogo com o Botafogo, atuará pela ponta-esquerda. Ele é, por sinal, uma das esperanças de Zagalo na cobrança de falta. Durante toda a semana após os treinos, ele treinou com o goleiro Cantarele.

América joga para cumprir a tabela

Sem qualquer esperança de conquistar a Taça Rio, o América vai hoje a Volta Redonda para cumprir a tabela. O time dirigido por Luís Henrique vem de três derrotas seguidas, e precisa vencer o Volta Redonda, às 16h30min para, pelo menos, motivar os seus jogadores neste final de Campeonato. A novidade da equipe é o ponta-direita Lúcio, que reaparece depois de ficar algumas rodadas contundido.

O Volta Redonda luta ainda por uma vaga na Taça de Prata deste ano, daí a motivação dos seus jogadores para a partida de logo mais. O técnico Luis Henrique pretendia fazer algumas alterações na equipe do América para esta partida, mas, depois do treino recreativo de ontem pela manhã, resolveu manter a formção de sempre, promovendo apenas a volta de Lúcio na ponta-direita.

América: Valdir Peres, Betão, Tecão, Pagani, Sérgio Moura, Serginho, Gilberto, Murici, Lúcio, Moreno, Heriberto. **Volta Redonda**: Leite, Léo, Edson Moita, Gringo, Jorge Galvão, Vilas, Gilvan, Wilson, Botelho, Flávio, Betinho. O juiz é Luís Carlos Gonçalves.

Fla e Vasco decidem sua sorte no 2º turno

Flamengo e Vasco, com os times praticamente completos e num jogo com características decisivas, têm todas as condições para reviver hoje, às 17 horas, no Maracanã, a tradição do antigo "Clássico dos Milhões". Igualados com sete pontos ganhos, nenhum deles pode perder: o Flamengo se afastaria da luta pelo segundo turno, mas, como conquistou o primeiro, tem a vantagem de já estar na final; o Vasco, se derrotado, estará quase dizendo adeus ao Campeonato.

Com a volta de Jorginho, Élder e Andrade, o Flamengo recompôs sua força, como ficou provado no excelente coletivo que fez durante a semana. O time está novamente entrosado e não deve sentir muito a ausência de Adílio, afastado há três rodadas. O Vasco, ao contrário, teve problemas durante a semana. Edu chegou a suspender um treino tático porque Geovani e Marquinho estavam contundidos. O importante, porém, é que ambos estão escalados.

No Flamengo, Zagalo fez questão de dizer que jogará cautelosamente e sem pressa. Ele sabe que o time leva vantagem por estar com a presença garantida na final do Campeonato. Para o técnico, o Vasco é que tem que tentar o gol apressadamente, pois se perder fica com chances reduzidas para chegar ao título.

No Vasco, Edu quer decidir o jogo nos primeiros minutos. Ele acha que o time está criando muitas oportunidades de gol e, se der um pouco de sorte, pode surpreender o adversário. A possibilidade de jogar com dois pontas especialistas, Mauricinho e Rômulo, que atravessam excelente fase, dá a Edu a certeza de que seu time está preparado para criar as chances que podem ser aproveitadas por Roberto.

Além da força dos times, há duelos entre jogadores que tornam o clássico mais atraente ainda. A começar com o que envolve o próprio Roberto: até hoje, nas seis vezes em que se encontraram, em times ou em seleções, ele ainda não conseguiu fazer um gol em Fillol. Os olhos da torcida estarão voltados hoje, especialmente, para o grande goleiro do Flamengo e o decisivo artilheiro do Vasco. Há ainda o encontro entre dois jovens recém-saídos dos juniores que se firmaram em cada uma das equipes: Mauricinho, ponta-direita do Vasco, e Adalberto, lateral-esquerdo do Flamengo.

VASCO X FLAMENGO
Local: Maracanã
Horário: 17 horas
Juiz: José Roberto Wright
Vasco: Roberto Costa; Edevaldo, Ivã, Daniel Gonzales e Donato; China, Geovani e Marquinhos; Mauricinho, Roberto e Rômulo.
Técnico: Edu
Flamengo: Fillol; Jorginho, Leandro, Mozer e Adalberto; Andrade, Élder e Tita; Bebeto, Nunes e Gilmar.
Técnico: Zagalo

Gilson Barreto

Mozer, treinando de bonezinho para fugir do calor, dá uma prova da descontração do Fla para o clássico

Mauricinho, um ponta de verdade que virou ídolo

Marco Antônio Cavalcanti

Os vascaínos veteranos, aqueles que pegavam o bonde São Januário (linha 53) para assistir aos jogos do time, lembram com entusiasmo de Tesourinha e Sabará. Do primeiro, guardam na memória os dribles desconcertantes; do segundo, a facilidade para chegar à linha de fundo. Há vários anos os bondes não circulam mais por São Cristóvão. Talvez nesta mesma época, os torcedores do Vasco tenham deixado de falar sobre jogadores que, vestindo a camisa sete, os encantavam.

Foi uma longa espera. A torcida do Vasco acompanhou o fracasso de Nado, um pernambucano contratado ao Náutico e que não passou de uma decepção; observou frustrada a estréia de Alan, vindo da Ponte Preta, que fraturou a perna e ficou inutilizado para o futebol; e irritou-se com o futebol improdutivo de Catinha, um ponta incapaz de satisfazer o torcedor menos exigente.

Ano passado, numa tentativa de resolver uma crise técnica da equipe — que estava mal no Campeonato Estadual — e também solucionar um dos problemas crônicos do time (ponta-direita), o Vasco trouxe Mauricinho, campeão sul-americano e mundial de júnior. Contratado por Cr$ 150 milhões, ele não foi recebido com tanto entusiasmo pela torcida, cansada de tantos "ídolos" que jogavam na posição.

Antes de jogar no Vasco, Mauricinho viajou para a Venezuela, onde disputou os Jogos Pan-Americanos, atuando pela Seleção Brasileira. Na partida contra a Argentina ele teve a sua primeira grave contusão: fraturou um dos dedos do pé.

Na volta ao Brasil, com a perna direita imobilizada, Mauricinho começou a viver um outro drama: a solidão. Sozinho em um quarto de hotel, sem conhecer praticamente ninguém no Rio, ele passou a sentir-se angustiado, sufocado e saudoso das esquinas, dos amigos, da namorada e da família de Ribeirão Preto.

— Foi a pior fase da minha vida — conta ele. — Chorei muitas vezes e tive vontade de voltar para Ribeirão. Todo fim de semana ia para lá e na hora de voltar ao Rio ficava completamente dividido. Nunca pensei que fosse sofrer tanto.

Era em Ribeirão Preto que Mauricinho encontrava força e ânimo para acreditar na sua recuperação. Afinal, ele passou 20 anos naquela cidade e foi lá que se projetou para o futebol. O início da carreira sob restrições do pai Olavo, Inspetor da Caixa Econômica Federal, teve o incentivo contido da mãe, a professora Marli.

— Meu pai queria que eu estudasse, fosse médico ou engenheiro. Enfim, ele não queria que eu jogasse futebol. Já minha mãe, talvez por ser professora, tinha entendido que o meu negócio era jogar futebol — afirmou Mauricinho.

Surpresa

Apesar da resistência do pai, os diretores do Comercial de Ribeirão Preto conseguiram convencê-lo a deixar Mauricinho treinar no clube. Em poucos jogos, aquele ponta baixinho, veloz e com um futebol bem objetivo, transformou-se no terror dos seus marcadores. A ascensão para a equipe profissional aconteceu rapidamente. Aos 16 anos, ele já estava no profissional.

A cada partida, Mauricinho ia-se firmando e apanhando sempre mais dos seus marcadores, para desespero de sua mãe. Ela dificilmente vai aos jogos e quando o filho sai de campo para ser atendido entra em pânico, temendo que alguma coisa de grave tenha acontecido.

Mauricinho

— Não sou realmente de me machucar. E olha que o futebol paulista é bem mais violento do que do Rio. O engraçado é que vim para o Vasco e já sofri duas contusões graves. A primeira no Pan-Americano, depois, no púbis, que me tirou da decisão do Brasileiro — lembrou Mauricinho.

Solucionado os problemas de contusões, Mauricinho começou a organizar a sua vida no Rio de Janeiro. Deixou de morar em hotel — no período em que esteve machucado passou por três — e foi para um apartamento em Copacabana, de três quartos e uma sala. Lá, morando sozinho, começou a viver uma nova experiência:

— Não sinto nenhum problema em morar sozinho — explica ele.

O contato com a família — Mauricinho tem uma irmã, Andréia, e namora Sandra há três anos — é mantido diariamente. Nos fins de semana que o Vasco joga em São Januário, o Bandeirante que sai do Rio domingo às 18h45min sempre o leva como passageiro.

— Já superei aquela fase inicial de muitas saudades. Meu pai sempre vem aqui e a família toda, inclusive minha namorada, deverão vir para o feriado do dia 15 — conta Mauricinho.

Marcação amiga

Mauricinho terá a marcá-lo hoje o amigo Adalberto, com quem dividiu o quarto no Mundial de Juniores, no México, e freqüentemente encontra na churrascaria Porcão, em Ipanema. Para Mauricinho (1,64m e 64 quilos), Adalberto, e Vladimir são os melhores laterais-esquerdos do momento.

— O Adalberto tem uma recuperação incrível. Não é fácil passar por ele. Nunca vi um cara marcar tão bem — comenta ele.

Objetivo dentro de campo, Mauricinho afirma que está passando pelo melhor momento em sua carreira. Sente-se mais maduro, o que é atestado pelo psicólogo e supervisor do Vasco, Paulo Angioni.

— Embora tenha apenas 20 anos, ele se comporta como um adulto. É um rapaz muito independente.

PAULO CESAR VASCONCELLOS

Gringo, não passas dessa vez!

Zagalo deixa reserva de lado e fala de Seleção

A declaração do presidente da FIFA, João Havelange, de que é favorável à volta de Zagalo ao comando da Seleção Brasileira, já para a eliminatória da Copa do Mundo, fez com que o treinador do Flamengo deixasse um pouco a reserva com que tocava no assunto. Zagalo confessou que, embora esteja mais preocupado com a participação do Flamengo no Estadual, "a Seleção é um assunto que não sai da cabeça de ninguém".

Quanto ao jogo de hoje, contra o Vasco, Zagalo acha que o Flamengo entra em campo em posição mais vantajosa, sobretudo no aspecto psicológico:

— O Vasco precisa vencer e por isso tem mais possibilidades de ficar nervoso, ao passo que o Flamengo está tranqüilo. Se eles não conseguirem vantagem logo, podem se perder e isso facilitar o trabalho para nós — comentou Zagalo, enquanto assistia a um treino alegre de seu time, em meio do campo.

Andrade não participou do treino, ficando na sala de musculação, mas o médico garantiu que não há o menor problema. Ele está escalado.

JOÃO SALDANHA

Virando o velocímetro

MUITO importante o jogo de hoje, entre Flamengo e Vasco. Se o Vasco perde, babau. Está fora do campeonato. Quer dizer, resta uma chancezinha tão remota que ninguém vai apostar nela. O Flamengo leva uma vantagem. Se perde, tem a mesma chance do Vasco neste turno, mas já está garantido para a finalíssima. Jogo básico, sem dúvida.

Tenho acompanhado o sofrimento do Zico lá na Itália. Estoura um músculo cada semana. Ainda por cima o frio está chegando e problemas musculares ficam mais difíceis e freqüentes. Engraçado é que os jogadores europeus, que vivem lá no frio, quase não têm estes problemas. E quanto mais para o Norte menos ainda. Pode ser dito que o problema semanal de nossos clubes, ou melhor, problema diário, não existe nos países europeus com seus jogadores.

É muito fácil explicar a causa. Dou um exemplo: se o leitor compra hoje um carro zero quilômetro e bota na praça, como táxi. Um seu amigo compra um carro da mesma marca e usa como carro particular. Pode-se verificar que o carro de praça, o táxi, em seis meses já está virando velocímetro. O particular, rodando muito, não estará com mais de uns dez mil quilômetros. É a mesma diferença entre Zico e outros craques brasileiros e os jogadores europeus. Os nossos têm rodagem de táxi. Eles, a de carro particular. Qualquer jogador de lá, com trinta, trinta e poucos anos, está em pleno apogeu. Sendo nórdico então é como dizia o Nélson Rodrigues: "Saúde de vaca premiada". Os nossos estão envelhecidos profissionalmente. Zico pode-se recuperar. Tem boa hereditariedade e força de vontade. Mas está sentindo bastante o peso de seu excesso de atividade.

E dizer-se que os tecnocratas e ditadores do futebol brasileiro extinguiram a lei de 72 horas de intervalo obrigatório entre duas partidas. Pois mesmo esta lei não salvaria a turma daqui. Um jogo por semana, treinamento adequado, férias de 30 dias e mais uns 15 de trabalho antes do primeiro jogo após as férias, deveria ser uma lei. Não lei jurídica. Lei social. Lei profissional. Uma lei de proteção aos nossos craques. Mas caras que nunca vestiram calção, nunca roubaram uma fruta (falo somente fruta), nunca deram uma pedrada numa vidraça são os que legislam sobre nosso melhor P.N.B.

América joga para cumprir a tabela

Sem qualquer esperança de conquistar a Taça Rio, o América vai hoje a Volta Redonda para cumprir a tabela. O time dirigido por Luís Henrique vem de três derrotas seguidas, e precisa vencer o Volta Redonda, às 16h30min para, pelo menos, motivar os seus jogadores neste final de Campeonato. A novidade da equipe é o ponta-direita Lúcio, que reaparece depois de ficar algumas rodadas contundido.

O Volta Redonda luta ainda por uma vaga na Taça de Prata deste ano, daí a motivação dos seus jogadores para a partida de logo mais. O técnico Luís Henrique pretendia fazer algumas alterações na equipe do América para esta partida, mas, depois do treino recreativo de ontem pela manhã, resolveu manter a formação de sempre, promovendo apenas a volta de Lúcio na ponta-direita.

América: Valdir Peres, Betão, Tecão, Pagani, Sérgio Moura, Serginho, Gilberto, Murici, Lúcio, Moreno, Heriberto. **Volta Redonda**: Leite, Léo, Edson Moita, Gringo, Jorge Galvão, Vilas, Gilvan, Wilson, Botelho, Flávio, Betinho. O juiz é Luís Carlos Gonçalves.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 4 de novembro de 1984

NUVENS SUBURBANAS SOB O SOL DE IPANEMA

(A QUE JÁ FOI PARAÍSO)

Eles não seguem a moda, têm filhos demais, comem na praia. Os velhos *habitués* não escondem que estão chocados, protestam e se perguntam se os ônibus Padron terão incorporado para sempre os "japeris" à paisagem de Ipanema

IPANEMA, essa senhora cada vez mais gorda e poluída, reclama de novas estrias e dentes cariados em seu corpanzil: agora é culpa dos ônibus Padron, a linha 461 que, há um mês, está trazendo suburbanos para seu "paraíso", numa viagem de apenas 20 minutos, via Rebouças. É o que dizem seus moradores, inconformados. Ouçam só:

— Que gente feia, hein?! (Ronald Mocdes, artista plástico, morador na Rua Garcia D'Ávila, bem em frente ao ponto do ônibus.)

— No outro dia eu saí da loja com um vestido comprido, alinhado, e você precisava ver o que aconteceu. Me chamavam de urubu, um horror (Débora Palmerio Fraga, gerente da Gregório Faganello).

— É chocante dizer, mas eles não estão acostumados com os costumes do bairro. Nem vou mais à praia aqui. É farofeiro para tudo quanto é lado, olhando a gente de um modo estranho. Ficam passando aquele bronzeador. A sensação é de que estão invadindo o nosso espaço (Maria Luiza Nunes dos Santos, ex-freqüentadora da praia da Garcia D'Ávila e que agora só vai ao Pepino).

— Desse jeito o verão vai ser um faroeste (Cesar Santos Silva, proprietário da lanchonete Chaika, na Visconde de Pirajá).

Os comerciantes estão se organizando e já despacharam diversos abaixos-assinados aos gabinetes de Leonel Brizola, de Jaime Lerner (o secretário que inventou a linha de ônibus), ao Detran, a todos que eles julgam com poderes de erradicar o mal. Reclamam também do inferno que se formou no trânsito. Ouçam mais:

— Depois das 17 horas a minha vitrine fica escondida atrás de uma fila enorme de passageiros. É claro que as clientes ficam inibidas de atravessar no meio daquela gente toda (Doris Serfaty, da butique Carla Roberto, na Rua Vinicius de Morais. Ela está lançando a moda que deixa o sutiã à mostra).

— A rua é muito apertada e, quando o ônibus pára, interrompe o tráfego no bairro inteiro. Só dá ele na rua. Fica uma buzinação de louco. Além disso ele é muito pesado, e o asfalto está cedendo. Tem que botar ele **pra** fora da área do comércio. (Luli Bevilaqua, da loja Luli R.)

■

Há muito tempo que Luli não freqüenta a praia de Ipanema, preferindo as delícias mais calmas e limpas da Barra da Tijuca. Mas, definitivamente, já não há qualquer gueto de sofisticação sobre nossas areias, lamenta. Pois até a Barra está sendo cortada por uma outra linha de Padron, diretamente de Madureira. Na praia de domingo passado, Luli já sentiu a diferença:

— A praia mudou de cor. Eu fico ali no Farol da Barra, junto com o pessoal que pega **wind**. Apareceram umas caras inteiramente novas. Um cara estendeu a toalha, deitou e dormiu o tempo todo. Nunca tinha visto isso.

Os moradores de Ipanema sugerem que o Padron faça seus pontos no Jardim de Alá, na Praça General Osório, na Henrique Dumont, na Epitácio Pessoa, locais mais amplos, onde não causariam qualquer dano ao fluxo do trânsito. E que a polícia, o 19º Batalhão, dê **blitzen** constantes no bairro. Eles acham que, se continuar do jeito que está, Ipanema no verão vai ser notícia não pelo biquíni enroladinho ou pelo sutiã exposto.

— No sábado um sujeito desses ônibus sentou em sua cadeirinha de praia dentro da minha loja para aproveitar o ar refrigerado, enquanto esperava a condução. Tive que chamar os seguranças da rua. Quando chegou na segunda-feira fui abrir os cadeados da porta e não consegui. Os farofeiros tinham entupido tudo com areia e papel. Precisei serrar. (Dono de uma sofisticada loja de decoração na Visconde de Pirajá, que não se identifica com medo de represálias.)

— São grupos enormes, sempre gritando, fazendo bagunça e puxando os cordões de quem passa. Estão criando um cenário de vandalismo e terror. Os moradores por aqui estão assustados. (Cesar Santos Silva, Chaika.)

— Os passageiros na fila ficam olhando aqui para dentro de um jeito mal-encarado. As freguesas comentam com a gente: "Que horror!" No outro dia tinha um mal-encarado que ficou no ponto um tempão, sem pegar os ônibus. Como estava com a mão enrolada pensamos até que tivesse uma arma dentro. Chamamos a polícia. Viver nesse clima não dá. Essa é a rua das melhores **boutiques** do Rio. Onde é que estavam com a cabeça quando botaram um ponto de ônibus suburbano aqui? (Cristina Campos, vendedora da Spy and Great, em frente ao ponto da Garcia D'Ávila)

■

Os depoimentos se sucedem, falam de churrasqueiras na praia, de bóias de pneus, do trânsito emperrado atrás das enormes traseiras do Padron. Para que tudo melhore há tanto os que sugerem a mudança dos pontos, a retirada dos ônibus, mais polícia nas ruas, assim como mais educação. Mas pedem pressa. Pois o verão está aí e antes dele o Natal, mês que vem.

— A gente paga imposto tão caro para eles colocarem essa pobreza na porta da gente. Parece até a Central do Brasil. De vez em quando a gente passa por eles e grita "Japeri". Eles ficam chateados. (Ronaldo Mocdes, artista plástico)

— Fica essa negrinhagem aí na porta... (Cristina Campos, vendedora da Spy and Great)

— Quem tem um nível melhor já está procurando outra praia que não seja Ipanema. Eles não têm classe, não têm educação. Eu sei que a praia é pública, mas é horrível. No outro dia eu estava na praia conversando com a minha irmã, dizendo como os suburbanos são horríveis. Uma suburbana reclamou, mas eu nem dei conversa. Vê se eu vou me misturar. (Sonia Barletta, moradora na Rua Vinicius de Morais)

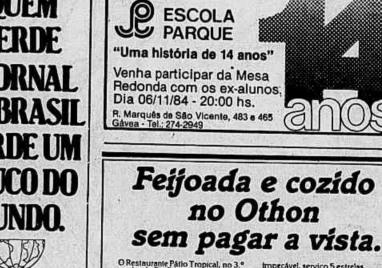
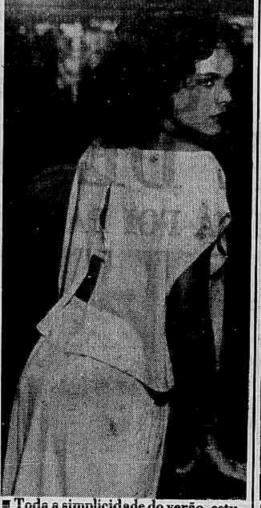
— Eles têm o direito de ir à praia, mas podiam ir de maneira organizada. Ou senão ficar na praia deles, em Ramos. O governo podia fazer também um lago artificial **pra** eles lá no subúrbio. (Maria Luiza Nunes dos Santos, vendedora da Faganello)

— O turismo vai ser prejudicado, você vai ver. Ou você acha que o pessoal do Caesar Park vai querer se misturar com eles, suas bananas, piquenique. Pode parecer elitista, mas não é não. Os suburbanos atrapalham. (Débora Palmerio Fraga, gerente da Faganello)

— É o fim da picada, Ipanema acabou. Na praia ficam agora uns homens gordos passando bronzeador na barriga branca, aquelas cenas de amor de suburbano. Na minha porta é trocador assobiando, uma multidão sempre, gente feia mesmo. Não dá nem **pra** sair mais com os meus cachorros. (Ronald Mocdes, artista plástico, acariciando seus cachorros da raça Saluky, de nomes Tramp e Chivas)

— Au, au, au. (Tramp e Chivas)

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

Geraldo Viola

■ Amplo, macio pela tarquínia amassada e ventilado, porque mostra bem o corpo, pelo decote que vai além da cintura, controlado pela *martingale* no alto. Que pode ser retirada, segundo o estilista Daniel Maia. Relógio Casio (Mesbla)

■ Toda a simplicidade do verão, estudadamente natural. Como o cabelo, cacheado e preso de um lado, por Jamie; a saia, de malha branca, e a blusa, curta, aberta nas costas. Relógio Tissot (Mesbla Rio-Sul)

■ Nem um decote, nem um recorte: as costas podem aparecer através de uma abertura, presa por botão no alto e talvez abotoada embaixo (ou não, fica aberta, solta) na blusa curtinha, no mesmo *jeans* enrugado da saia ampla. Brinco-móbile de metal fosco (Bijou Box) e relógio Technos (Mesbla)

■ Junto aos sofás de *jacquard* branco (Gelli-Rio Sul), a sofisticação informal do conjunto de calção e camisão aberto atrás. A mão colocada nos bolsos do *shorts* deixa as costas nuas, repuxando o tecido para a frente. Brinco de metal fosco (Bijou Box) e relógio Technos (Mesbla)

ABERTURAS NAS COSTAS, UM IMPACTO NOVO NO VERÃO

COSTAS de fora, bronzeadas, lisinhas, sempre foram típicas da moda carioca de verão. Exigem cuidados especiais na hora de queimar ao sol, precauções para evitar o descascado e disposição para dispensar o **soutien**, mas compensam pelo encanto do resultado final. A moda deste ano não indica os decotes óbvios, que fizeram sucesso no verão de 84, em blusas de crochê (feitas com linha dupla Anne) que descambavam pelos ombros e desnudavam as costas até a cintura. Agora, a sutileza de aberturas e desabotoados aumenta as possibilidades até de mostrar mais do que um simples decote.

Daniel Maia, estilista responsável pela coleção da Villiger, etiqueta de moda da Brahma, aposta nesta linha Brahma da cerveja, que dedica agora parte de seu **staff** à diversificação em vestuário. Não é uma linha promocional, é moda jovem, fácil de vestir, que inclui algodões e malhas femininas e masculinas, tênis, sandálias de tecidos e cinturões. Nesta coleção de alto-verão são freqüentes os modelos abertos nas costas, desde **tops**, blusinhas curtas e de corte quadrados, até camisões longos, inteiramente desabotoáveis atrás. Combinam com saias amplas, bermudas e calças, ou os macacões amassadinhos, com verdadeiras janelas nas costas. Difícil ficar vulgar, bonito de enfeitar com cordões de seda longos e finos, uma pedra colorida pequena pendurada, o novo modo de mostrar as costas tem impacto de surpresa, é uma malícia a mais no verão carioca.

Nas fotos, Fernanda veste os modelos da Villiger (de onde saiu o nome? Era o sobrenome de um dos fundadores da Brahma), penteada e maquilada por Jamie (tem salão no Atlântico Sul) em produção de Rita Moreno, na Casa Gelli do Shopping Rio Sul.

IESA RODRIGUES

Zózimo

Guerra total

● A guerra sem tréguas que vem sendo travada entre o candidato Paulo Maluf e o ex-Governador Antonio Carlos Magalhães vai ganhar nesta próxima semana um novo e condenável capítulo.

● Por encomenda do candidato do PDS, o advogado baiano José Carlos Baleeiro escreveu um livro, **Quem Suicidou Juca Valente?**, que será lançado nos próximos dias cercado da maior campanha publicitária já vista no Estado para divulgar uma obra literária. Juca Valente — é bom que se lembre — era genro do então Governador Antonio Carlos Magalhães e teve uma morte suspeita.

• • •

● Sabendo do iminente lançamento do livro e sem ter como impedi-lo, ACM não fez por menos.

● Mandou preparar um comercial de um minuto de duração de seu **Correio da Bahia**, que está pronto para entrar no ar pela TV assim que o livro for lançado e que mostra as rotativas do jornal despejando em seqüência exemplares que exibem uma manchete gigantesca — "Maluf é Ladrão".

● O comercial é tão forte que chegou a chocar dois eminentes economistas ligados ao ex-Governador, convidados para uma **avant-première privé** do **tape** que deverá inundar os canais da televisão baiana nas próximas semanas.

■ ■ ■

Perigo à vista

● Está perigando o bom andamento das reuniões da Assembléia-Geral da OEA, que se iniciam no próximo dia 12 em Brasília.

● O **menu** do almoço que reunirá no próprio dia 12, antes do início da assembléia, o secretário-geral do órgão, Embaixador Baena Soares, e os delegados terá como prato principal um camarão à baiana.

Não e não

● *Antes do Ministro-Chefe da Casa Civil, Leitão de Abreu, e o candidato da Aliança Democrática, Tancredo Neves, ficarem roucos de tanto desmentir o encontro que os teria reunido sigilosamente na residência do Deputado Thales Ramalho, deveriam lembrar-se de que houve testemunhas do fato.*

● *Quando menos a do próprio anfitrião, apesar de sua reconhecida discrição.*

■ ■ ■

DE VOLTA

● Está desde sexta-feira no Rio o Embaixador Roberto Campos, que chegou de Washington onde fez uma conferência sobre o endividamento externo dos países da América Latina para uma platéia de 50 diretores regionais do Banco Mundial.

● Falou com a confiança e autoridade de quem acredita que o próximo Presidente da República será o Sr Paulo Maluf.

● Em cujo Governo ocuparia certamente um Ministério.

■ ■ ■

Apelo geral

● O Vaticano está assombrado com o número de cartas que tem recebido de católicos e não católicos pedindo que o Papa João Paulo II concorde com a anulação do casamento da Princesa Caroline e Philippe Junot.

● Só de católicos, cujo comportamento chama mais a atenção da Santa Sé, já se acumulam nas prateleiras nada menos de 170 mil cartas enviadas de todas as partes do mundo.

Rubens Monteiro

Maritza Osório e D Zoé Chagas Freitas em recente acontecimento social

Sugestão

● *A idéia veiculada por um dos assessores mais próximos do Deputado Paulo Maluf de substituir até o final da campanha o jatinho* Brasil Esperança, *que estava ficando pequeno para a cada vez maior comitiva do candidato, por um 737 fretado, já fez com que um engraçadinho propusesse um novo nome para batizar o avião que servirá a equipe do PDS.*

● *Malufthansa.*

Elas por elas

● Diálogo ouvido num almoço de dois **caixas-altas** num restaurante do centro:

— Voltamos da Europa recentemente e minha mulher não comprou nada, pois achou tudo muito caro.

— Puxa, que sorte a sua!

— Sorte, nada. Agora que voltamos, ela está achando tudo aqui baratíssimo e não pára de comprar tudo o que vê pela frente.

RODA-VIVA

● Disposição invejável é a do comediante Bob Hope que apesar dos 81 anos não pensa em se aposentar tão cedo. Tanto assim que está partindo para uma **tournée** de oito apresentações pela Inglaterra.

● **O Embaixador Dario de Castro Alves desembarca no próximo dia 8 em Brasília.**

● O Clube de Engenharia abre amanhã as portas às 17h30min para dois acontecimentos: uma conferência do sociólogo Gilberto Freyre e o lançamento do livro **Brasil do III Milênio**, do engenheiro João Ricardo Mendes.

● **Os amigos se movimentando para festejar na quarta-feira o aniversário do Sr Joaquim Guilherme da Silveira.**

● Carlos Eduardo Novaes vai lançar na quarta-feira com uma grande festa no Teatro Casa Grande o seu último livro, **A Travessia Americana.**

● **O Salão de Arte Contemporânea de Paris aquinhoou com a medalha de ouro de escultura uma artista brasileira: Sonia Burle Marx Smith.**

● Dalal Achcar ciceroneando na noite do Rio o administrador-geral do Royal Opera House, Patrick Spooner.

● **Lançado na Europa o livro** Mito e Realidade da Fórmula-1, **de Nina Lengyel, que vem a ser a mulher do jornalista Janos Lengyel.**

● Leone dá amanhã o **kick-off** de mais um de seus grandes leilões.

● **O professor Sobral Pinto fará uma palestra dia 8 no Colégio Jacobina sobre o tema** Juventude.

"GRIFFE" DE GALA

● A Condessa Donina Cicogna, que passou recentemente pelo Rio, está lançando na segunda-feira, nos elegantes salões do Mayfair Regent Hotel, em Nova Iorque, sua primeira coleção de **haute-couture**, voltada inteiramente para criações de gala.

● Cicogna, personagem constante dos últimos dez anos da lista das Dez Mulheres Mais Bem Vestidas do Mundo, garante que quem vestir suas roupas certamente será confundida com alguma Princesa.

● O mais barato dos modelos custará a bagatela de 10 mil dólares.

■ ■ ■

Estágio

● *Está no Brasil, mais precisamente no Rio, fazendo um estágio na Vila Militar o Tenente do Exército americano Frank Asencio, formado em Westpoint.*

● *Vem a ser filho do Embaixador dos Estados Unidos e Sra Diego Asencio.*

■ ■ ■

Mês perigoso

● De uma raposa felpuda, íntima dos gabinetes do Planalto, em tom de advertência:

— As aves agourentas vivem repetindo que agosto já passou, mas se esquecem de que politicamente o mês de novembro é tão fatídico quanto o outro, a partir da própria Proclamação da República, da Intentona Comunista e do golpe do Estado Novo.

• • •

● Como se não bastasse, começa em Brasília no dia 9 um congresso nacional de escritores.

● Foi precisamente um congresso nacional de escritores que em 1945 colaborou decisivamente para a derrubada da ditadura Vargas.

Guerra de extermínio

● A briga que confronta na arena da poupança os grandes conglomerados e as empresas não ligadas a bancos está evoluindo para um novo **round**.

● Os conglomerados sustentam que 98% dos depósitos de poupança estão com eles recebendo como resposta a evidência de que do total de Cr$ 4 trilhões 500 bilhões de ativos sociais (casas para compradores de baixa renda) nada menos de Cr$ 4 trilhões foram financiados pelas empresas independentes.

• • •

● O objetivo dos conglomerados é exterminar as empresas sem bancos.

Mala diplomática

● *Na geometria diplomática nem sempre a linha reta é o caminho mais curto entre dois pontos.*

● *Que o diga o Embaixador Eduardo Hosannah, que deixou Brasília para assumir seu novo posto em Montevidéu via Washington, onde se encontra.*

• • •

● *A Embaixatriz Lilita Calero Rodrigues está chegando de Nova Iorque onde passou uma semana entregue à tarefa de desfazer sua residência em Washington, mantida fechada há meses.*

● *O que significa que o Secretário-Geral do Itamarati, Embaixador Carlos Calero Rodrigues, não reassumirá suas funções na Comissão dos Direitos Humanos da ONU, à sua espera desde que assumiu o cargo em Brasília.*

Para brasileiros

● *A cidade de Washington tem agora um hotel, moderno e bem equipado, que tem tudo para se tornar o pouso obrigatório de brasileiros que viajarem para a capital americana.*

● *A começar pelo nome, Vista Internacional.*

● *E mais: seu general manager é um paulista e seu relações-públicas um carioca.*

• • •

● *É o que se chama estar em casa.*

■ ■ ■

Aviso à praça

● **Não convidem para a mesma mesa o Embaixador Mario Gibson Barbosa e o Chanceler Saraiva Guerreiro.**

● **Suas relações estão estremecidas devido a confusões hidrelétricas.**

■ ■ ■

MONUMENTAL

● Levou dois meses sendo preparado e custou mais de Cr$ 90 milhões o **cocktail** que, com a presença de 1 mil 500 pessoas, inaugurou há dias a hidrelétrica de Itaipu.

● A conta foi paga pelo consórcio de empresas responsável pela obra.

• • •

● É, de qualquer forma, como despesa de um **cocktail**, uma cifra digna de figurar no **Guiness Book of Records.**

ZÓZIMO BARROZO DO AMARAL

CINEMA

PRÉ-ESTRÉIA

LOUCADEMIA DE POLÍCIA (Police Academy), de Hugh Wilson. Com Steve Guttenberg, Kim Cattrall, G. W. Bailey, Bubba Smith, Donovan Scott, George Gaynes e Andrew Rubin. **Copacabana** (Av. Copacabana, 801), **Barra-1** (Av. das Américas, 4666): de 5ª e dom., às 21h30min (16 anos).

A Prefeitura de uma importante cidade americana resolve mudar a política de ingresso ao departamento de polícia. Acabaram-se restrições quanto ao sexo, idade, raça ou grau de instrução dos candidatos. Essa política vem a provocar revolta nos policiais antigos. Comédia americana.

ESTRÉIAS

UM AMOR NA ALEMANHA (Eine Liebe in Deutschland), de Andrzej Wajda. Com Hanna Schygulla, Marie-Christine Barrault e Daniel Olbrychski. **Art Casashopping-1** (Av. Alvorada, Via 11, 2150 — 325-0746): 15h, 17h, 19h, 21h. **Stúdio Gaumont — Copacabana** (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (18 anos).

Durante a Segunda Guerra Mundial, uma pequena comerciante alemã apaixona-se por um prisioneiro polonês. A partir desse caso de amor, o filme faz uma investigação sobre a Alemanha nazista. Produção franco-alemã.

ERENDIRA (Erendira), de Ruy Guerra. Com Claudia Ohana, Irene Papas, Michael Lonsdale, Oliver Wehe, Rufus, Blanca Guerra, Ernesto Gomez Cruz e Pierre Vaneck. **Leblon-2** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048): de 5ª a sáb., às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, 24h; dom., às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. **Palácio-1** (Rua do Passeio, 38 — 240-6541): 13h30min, 15h30min, 17h30min, 19h30min, 21h30min (18 anos).

Erendira, 14 anos, mora com a avó num casarão perdido no deserto no qual é obrigada a fazer todos os serviços. Numa noite, Erendira esquece o candelabro aceso e um incêndio destrói a casa. A avó decide então que venderá o corpo da neta para esta lhe pagar a dívida. Assim começa a peregrinação da avó e da neta pelo deserto atraindo todo o tipo de homens. Co-produção mexicano-franco-germânica.

ANTONIETA (Antonieta), de Carlos Saura. Com Isabelle Adjani, Hanna Schygulla, Carlos Bracho e Ignácio Lopes-Tarso. **Cinema-1** (Av. Prado Júnior, 281): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (16 anos)

O filme parte do suicídio de Antonieta, uma jovem mexicana, ocorrido na Notre Dame de Paris em 1931. Antonieta era ligada a intelectuais e foi amante de um candidato à Presidência da República, e a investigação de sua morte confunde-se com a história do país na época da Revolução mexicana.

PURPLE RAIN (Purple Rain), de Albert Magnoli. Com Prince, Apollonia Kotero, Moris Day, Olga Karlatos, Clarence Williams, III, Jerome Benton e Billy Sparks. **Leblon-1** (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 239-5048): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, 24h; dom. às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (16 anos). Som **dolby stéreo**.

Um jovem músico, conhecido como The Kid (O Garoto) vive cheio de problemas familiares, em conflito com sua arte, além de enfrentar um concorrente que tenta ultrapassá-lo com seu conjunto de rock e roubar sua namorada. Musical americano.

RUAS DE FOGO (Streets of Fire), de Walter Hill. Com Michael Paré, Diane Lane, Rick Moranis, Amy Madigan, William Dafoe, Deborah Van Valkenburgh e Richard Lawson. **Art-Méier** (Rua Silva Rabelo, 20): 14h20min, 16h, 17h40min, 19h20min, 21h. **Barra-2** (Av. das Américas, 4666 — 325-6487), **América** (Rua Conde de Bonfim, 334 — 264-4246), **Madureira-1** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 14h10min, 16h, 17h50min, 19h40min, 21h30min. **Rio-Sul** (Rua Marquês de S. Vicente, 52 — 240-6285): 14h40min, 16h30min, 18h20min, 20h10min, 22h. **Metro-Boavista** (Rua do Passeio, 62 — 240-1341), **Baronesa** (Rua Cândido Benício, 1747 — 390-5745): 14h, 15h50min, 17h40min, 19h30min, 21h20min. **Condor-Copacabana** (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 255-2610), **Largo do Machado-1** (Lgo. do Machado, 29 — 245-7374): 14h30min, 16h20min, 18h10min, 20h, 21h50min. (16 anos). No **Metro-Boavista, Condor-Copacabana e Largo do Machado-1** som **dolby stéreo**.

O filme conta a história de um aventureiro que volta para seu bairro à chamado da irmã, para tentar resgatar sua ex-namorada, uma famosa cantora de rock, que fora raptada por uma gang de arruaceiros em pleno show. Produção americana.

GREYSTOKE — A LENDA DE TARZAN, O REI DA SELVA (Greystoke — The Legend of Tarzan, Lord of the Apes), de Hugh Hudson. Com Christopher Lambert, Andie MacDowell, Ralph Richardson, Ian Holm, James Fox, Ian Charleson e Nicholas Farrell. **São Luiz-1** (Rua do Catete, 307 — 285-2296), **Roxy** (Av. Copacabana, 945 — 236-6245), **Barra-3** (Av. das Américas, 4666 — 325-6487): 14h30, 16h50, 19h10, 21h30. **Ópera-1** (Praia de Botafogo, 340 — 266-2545): 15h, 17h20, 19h40, 22h. **Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 268-0790), **Madureira-2** (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338), **Imperator** (Rua Dias da Cruz, 170 — 249-7982), **Odeon** (Praça Mahtma Gandhi, 2 — 220-3835), Olaria (Rua Uranos, 1474 — 230-2666): 14h, 16h20, 18h40, 21h. (10 anos).

Baseado na história Tarzan of the Apes, de Edgar Rice Burroughs, 1886. Lorde Clayton e Lady Alice são os únicos sobreviventes de um naufrágio na costa da África. Alice morre ao dar à luz a um menino, que passa a ser criado por uma colônia de macacos. Os anos passam e a criança demonstra sua inteligência superior que torna-o o líder do grupo e rei da selva.

JUBILEU DE OURO DO PATO DONALD (Donald Duck's Birthday Party), desenho animado de Walt Disney. **Copacabana** (Av. Copacabana, 801 — 255-0953), **Barra-1** (Av. das Américas, 4666 — 325-6540): 14h, 15h20min, 16h40min, 18h, 19h20min, 20h40min; 5ª a dom. às 14h, 15h20min, 16h40min, 18h, 19h20min. **São Luiz-2** (Rua do Catete, 307 — 285-2296), **Carioca** (Rua conde de Bonfim, 338 — 228-8178): 14h, 15h20min, 16h40min, 18h, 19h20min, 20h40min. **Palácio-2** (Rua do Passeio, 38 — 240-6541): 14h, 15h20min, 16h40min, 18h, 19h20min, 20h40min. (Livre).

Jubileu de Ouro é uma coletânia de diversos desenhos animados como Pato Donald para comemorar os seus 50 anos de criação (1934-84). Produção americana de Walt Disney.

AS DEPRAVAÇÕES DE MISS JONES (The Devil in Miss Jones — Part II), de Henri Pachard. Com Jack Wrangler, Jacqueline Lorian, Joana Storm, Anna Ventura e Georgina Spelvin. **Orly** (Rua Alcindo Guanabara, 21): de 2ª a 5ª às 10h, 11h30min, 13h, 14h30min, 16h, 18h30min, 19h, 20h30min; 6ª a dom. às 14h30min, 16h, 17h30min, 19h, 20h30min. **Scala** (Praia de Botafogo, 320), **Tijuca Palace-2** (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4610), **Astor** (Av. Min. Edgard Romero, 236 — 390-2038): 14h, 15h30min, 17h, 18h30min, 20h, 21h30min. (18 anos).

Filme pornô.

ANIMAIS DO SEXO (Brasileiro). Com Francisco Cavalcanti e Tetiana Dantas. **Ramos** (Rua Leopoldina Rego, 52 — 240-8285): 15h, 16h50min, 18h40min, 20h30min. (18 anos).

Filme pornô.

CONTINUAÇÕES

A JANELA INDISCRETA (Rear Window), de Alfred Hitchcock. Com James Stewart, Grace Kelly, Wendell Corey, Thelma Ritter, Raymond Burr e Judith Evelyn. **Veneza** (Av. Pasteur, 184 — 295-8349), **Comodoro** (Rua Haddock Lobo, 145 — 264-2025): 15h, 17h10min, 19h20min, 21h30min. (14 anos).

Um homem imobilizado por um acidente, olha seus vizinhos durante o dia, para passar seu tempo, e, fica fascinado pelo que acontece num dos apartamentos, até que se convence de que o homem que observara matara sua esposa e escondera o corpo. Produção americana.

LA TRAVIATA (La Traviata), de Franco Zeffirelli. Com Teresa Stratas, Placido Domingo e Cornell Macneil. Orquestra e Coro do Metropolitan Ópera de Nova Iorque. Regência de James Levine. **Art Casashopping-3** (Av. Alvorada, Via 11, 2150-325-0746): 15h, 17h, 19h, 21h. **Bruni-Ipanema** (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 521-4690), **Art São Conrado-1** (Estrada da Gávea, 899): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre). Cópias em **dolby stereo**.

Baseado no romance de Alexandre Dumas Filho, Violeta Valery já doente, sozinha em sua mansão, começa a lembrar de seu passado, das inúmeras festas em que esteve e de seu amor por Alfredo, na Paris do século XIX. Produção italiana.

CARMEN (Carmem), de Carlos Saura. Com Antonio Gades, Laura Del Sol, Paco de Lucia, Cristina Hoyos, e Juan Antonio Jimenez. **Studio Gaumont Catete** (Rua do Catete, 228 — 205-7194): de 2ª a 5ª às 15h, 17h, 19h, 21h; 6ª a dom. às 16h, 18h, 20h, 22h. (14 anos).

Depois de muito procurar uma dançarina para o papel de Carmen, Antônio encontra uma jovem com o mesmo nome da personagem, e os dois repetem, na vida real, a tragédia que pretendem levar ao palco. Inspirado na novela de Prosper Merimée e na ópera de Bizet. Produção espanhola.

ERA UMA VEZ NA AMÉRICA (Once Upon a Time in América), de Sergio Leone. Com Roberto De Niro, James Woods, Elizabeth McGovern, Treat Williams, Tuesday Weld, Burt Young e Joe Pesci. **Coral** (Praia de Botafogo, 316): 16h30min, 20h30min. (18 anos)

O filme abrange cinco décadas: desde os estrondosos anos vinte, até a mudança política dos anos sessenta. Noodles Aaronson e Max são dois amigos, filhos de imigrantes judeus, que se decepcionaram com a "terra dourada". Cansados da moralidade religiosa de suas famílias, organizam uma turma de bairro, encontrando, assim, uma motivação para sua existência. Produção americana.

FURYO — EM NOME DA HONRA (Merry Christmas, Mr. Lawrence), de Nagisa Oshima. Com David Bowie, Tom Conti, Ryuichi Sakamoto, Takeshi e Jack Thompson. **Tijuca Palace-1** (Rua Conde de Bondim, 214 — 228-4610): 14h, 16h20min, 18h40min, 21h. (18 anos).

Em 1942, na pequena ilha de Java, as culturas oriental e ocidental são confrontadas a partir da convivência de prisioneiros de guerra britânicos com oficiais japoneses, num campo de concentração. Apesar da guerra, um forte laço de amizade une aqueles que, por razões políticas, deveriam ser inimigos. Co-produção anglo-nipônica.

O REI DA VELA (Brasileiro), de José Celso Martinez Correia e Noilton Nunes. Com José Wilker, Renata Borghi, Esther Góes, Maria Alice Vergueiro, Henrique Brieba, Carlos Gregório e Renato Dobal. **Ricamar** (Av. Copacabana, 360 — 237-9332): 15h, 18h, 21h. (18 anos). Até quarta.

Prêmio especial do Júri, melhor montagem, melhor música e menção honrosa para a atriz Henriqueta Brieba, no Festival de Gramado de 1983.

À SOMBRA DO VULCÃO (Under the Volcano), de John Huston. Com Albert Finney, Jacqueline Bisset, Anthony Andrews, Ignacio Lopez Tarso. **Ópera-2** (Praia de Botafogo, 340 — 266-2545): 15h30min, 17h40min, 19h50min, 22h. (18 anos).

Baseado no romance A Sombra do Vulcão, de Malcolm Lowry. O filme narra as vinte e quatro horas, durante as festividades do Dia dos Mortos no México, em 1938, quando três pessoas interpretam os últimos momentos de suas vidas. Produção americana.

UMA MULHER EM FOGO (Die Flambierte Frau), de Robert Van Ackeren. Com Gudrun Landgrebe, Mathieu Carriere, Hans Zischler e Gabriele Lafari. **Lido-2** (Praia do Flamengo, 72): 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos).

Eva quer mudar de vida e sai da universidade. Desiste da sua existência burguesa e torna-se modelo. Ela se vende voluntariamente para ser financeiramente independente, e capaz de dominar os homens. A perspectiva de uma carreira convencional a enfastia. Eva conhece Chris, um gigolô e se apaixona por ele.

A HORA DA VERDADE (The Karate Kid), de John G. Avildsen. Com Ralph Macchio, Noriyuki "Pat" Morita, Elisabeth Shue e Martin Kove. **Art Casashopping-2** (Av. Alvorada, Via 11, 2 150), **Art-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 406 — 254-9578), **Art-Madureira** (Shopping Center de Madureira — 390-1827), **Paratodos** (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628): 14h, 16h20min, 18h40min, 21h. **Pathé** (Praça Floriano, 45, Cinelândia — 220-3135): de 2ª a 6ª às 12h, 14h20min, 16h40min, 19h, 21h20min; sáb. e dom. a partir das 14h20min. **Art-São Conrado-2** (Estrada da Gávea, 899 — 322-1258), **Art-Copacabana** (Av. Copacabana, 759 — 235-4895): 14h30min, 16h50min, 19h10min, 21h30min (10 anos). No **Art-Copacabana** som em dolby stéreo. No **Art-Tijuca** em stéreo.

O jovem Daniel quer aprender karatê para se vingar, para pagar seus inimigos com a mesma moeda. Mas Miyagi, seu mentor e pai espiritual, se recusa a ensinar Daniel o que ele quer saber.

AS S... DE CASANOVA (The New Erotic Adventures of Casanova), com John Holmes, Jesie St. James, Sheila Parks, Bjorn Beck e Danielle. **Vitória** (Rua Senador Dantas, 45 — 220-1783): 2ª a 5ª às 13h30min, 15h10min, 16h50min, 18h30min, 20h10min; sáb. e dom. a partir das 15h10min (18 anos).

Filme pornô.

REAPRESENTAÇÕES

A ESCOLHA DE SOFIA (Sophie's Choice), de Alan J. Pakula. Com Meryl Streep, Kevin Kline, Peter NacNicol, Rita Karin e Stephen D. Newman. **Carioca** (Rua Conde de Bonfim, 338 — 228-8178): de 5ª a dom. às 20h50min (18 anos).

O relacionamento entre três pessoas, numa pensão em Nova Iorque, no pós-guerra. A mulher, imigrante polonesa e ex-prisioneira do campo de concentração de Auschwitz, tem um relacionamento conflituoso com um intelectual judeu. Nessa casa eles conhecem um jovem escritor interiorano. Produção americana baseada no romance de William Styron. Oscar de Melhor Atriz para Meryl Streep.

BODAS DE SANGUE (Bodas de Sangre), de Carlos Saura. Com Antonio Gades, Cristina Hoyos, Juan Antonio Jiménez, Carmen Vilena, Pilar Cardenas e Antonio Quintana. **Jóia** (Av. Copacabana, 680): 14h, 15h30min, 17h, 18h30min, 20h, 21h30min (Livre).

Baseado na peça de Frederico Garcia Lorca com coreografia de Antonio Gades. A narrativa começa com a chegada dos bailarinos à sala de ensaios, o acerto dos últimos detalhes e finalmente um ensaio geral corrido. Produção espanhola.

EXCALIBUR (Excalibur), de John Boorman. Com Nigel Terry, Helen Mirren, Nicholas Clay, Cherie Lunghi, Paul Geoffrey e Nicol Williamson. **Coper-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 615): 14h, 16h30min, 19h, 21h30min; de 6ª a dom. às 18h, 20h30min (18 anos).

A história do Rei Arthur e sua espada mágica — Excalibur — símbolo do poder e da justiça. Na Inglaterra, dividida em pequenos feudos, o Rei Arthur reúne seus cavaleiros em torno da Távola Redonda, segundo a inspiração do mago Merlin. Adaptação do livro A Morte de Arthur, de Mallory. Produção americana.

BLADE RUNNER — CAÇADOR DE ANDRÓIDES (Blade Runner), de Ridley Scott. Com Harrison Ford, Rutger Hauer, Sean Young e Edward James Olmos. **Bristol** (Av. Min. Egard Romero, 460 — 391-4822), **Bruni-Méier** (Av. Amaro Cavalcante, 105 — 591-2746): 18h50min, 21h. **Coper-Botafogo** (Rua Voluntários da Pátria, 88): 15h, 17h10min, 19h20min, 21h30min; de 6ª a dom. às 19h20min, 21h30min.

Ficção científica no ano 2020. A ciência genética já é capaz de produzir cópias humanas que são chamadas replicantes. Alguns destes seres se rebelam e são caçados por policiais. Produção americana.

ADEUS À INOCÊNCIA (Racing With the Moon), de Richard Benjamin. Com Sean Penn, Elizabeth McGovern, Nicolas Cage, John Karlen, Rutanya Alda, Max Showalter e Crispin Glover. **Largo do Machado-2** (Lgo. do Machado, 29 — 245-7374): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (16 anos).

As aventuras de dois amigos, Hopper e Nick, em seus últimos dias como civis, antes de seguirem para a Marinha, durante a II Guerra Mundial. Seus romances e seus derradeiros momentos como adolescentes, antes de entrarem na maturidade. Produção americana.

OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA (Raiders of the Lost Ark), de Steven Spielberg. Com Harrison Ford, Karen Allen, Wolf Kahler, Paul Freeman e Ronald Lacey. **São Luiz-2** (Rua do Catete, 307 — 285-2296): de 5ª a dom. às 21h (14 anos).

Muito do clima das histórias em quadrinhos nas aventuras de um professor de Antropologia que ora está na Amazônia, ora no Nepal ou no Egito, sempre à procura de objetos para suas pesquisas, como a cobiçada Arca Perdida, considerada fonte de poder também para os nazistas. Produção americana.

3 MITOS DA GERAÇÃO PAISSANDU (III) — Exibição de **Noites de Circo (Gycklarnas Afton)**, de Ingmar Bergman. Com Ake Gromberg, Harriett Anderson e Hasse Ekman. **Paissandu** (Rua Senador Vergueiro, 35 — 265-4653): hoje às 14h30min, 16h, 17h30min, 19h, 20h30min, 22h (18 anos).

BREAKDANCE (Breakin'), de Joel Silberg. Com Lucinha Dickey, Adolfo (Shabbalo) Quinones, Michael (Boogaloo Srimpe) Chambers, Ben Lockey, Christopher McDonald e Phineas Newborn III. **Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63 — 267-7098): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h, (Livre).

Kelly, uma bonita garota da classe média americana, é estudante de dança e trabalha como garçonete numa lanchonete. Ela faz amizade com dois dançarinos de break e iniciam então um grupo de dançarinos que se apresentam nos clubes e nas ruas. Produção americana.

STAR 80 (Star 80), de Bob Fosse. Com Mariel Hemingway, Eric Roberts, Cliff Robertson, Carrol Baker, Roger Rees e David Clennon. **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502 — 256-4588), **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 370 — 254-6975): 19h20min, 21h20min (18 anos).

O filme conta a história verídica da atriz e modelo Dorothy Stratten, assassinada há alguns anos, em Hollywood. O filme relata a trajetória da moça simples desde sua convivência com a família e o marido em Vancouver, Canadá, até alcançar o lugar de coelhinha do ano de 1980 na revista Playboy. Produção americana.

O PEQUENO LORD (Little Lord Fauntleroy), de Jack Gold. Com Alec Guinness, Ricky Schroder, Eric Porter, Colin Blakeley e Connie Booth. **Lido-1** (Praia do Flamengo, 72): 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre).

Cedric vive nos Estados Unidos com a mãe, viúva de um nobre inglês. O avô do menino manda chamar o neto para controlar de perto a educação do herdeiro, e aos poucos é conquistado pela espontaneidade e graça de Cedric. Produção inglesa.

PENETRAÇÕES (Beauty Body), de Alain Varga. Com Nicole Segot, Monique Carrera, Dominique Troyeir e Judith Werner. Filme complementar: **As Vagabundas do Sexo Explícito. Rex** (Rua Álvaro Alvim, 33): de 2ª a 5ª às 12h30min, 15h20min, 18h10min, 19h40min, de 6ª a dom. às 13h30min, 16h20min, 19h10min. (18 anos).

Filme pornô.

SEXO EM GRUPO (Brasileiro), de Alfredo Semheim. Com Roberto Miranda, Adriadne de Lima, Gisa Della Mare, Paulo Prado, Lígia de Paula, Cacá de Lima e Selma Ribeiro. **Botafogo** (Rua Voluntários da Pátria, 35 — 286-4491): 14h20, 16h, 17h40, 19h20, 21h. (18 anos).

Filme pornô.

COISAS ERÓTICAS Nº 2 (Brasileiro) Com Jussara Calmon, Arsydne de Lima, Ricardo de Lima, Grace Back e Mário Quintas. Filme complementar: **Bruce Lee, O Invencível. Iris** (Rua da Carioca, 49 — 262-1729): 10h, 14h, 18h, 22h. (18 anos).

Filme pornô.

MATINÊS

CONDORMAN — O HOMEM PÁSSARO — Filme com Michael Crawford. **Coral** (Praia de Botafogo, 316): 13h30min, 15h (Livre).

A GUERRA DOS DÁLMATAS — Desenho animado de Walt Disney. **Metro-Boavista** (Rua do Passeio, 62): hoje às 10h. (Livre).

SUPERMAN III — Filme com Christopher Reeve. **Bristol** (Av. Edgard Romero, 460), **Bruni-Méier** (Av. Amaro Cavalcante, 105 — 591-2746): 14h, 16h20min. **Bruni-Copacabana** (Rua Barata Ribeiro, 502), **Bruni-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 370): 15h, 17h10min (livre).

DOIS TIRAS FORA DE ORDEM — Filme com Terence Hill e Bud Spencer. **Coper-Botafogo** (Rua Voluntários da Pátria, 88): 15h, 17h10min. (Livre).

SUPERSNOOPER, UM TIRA GENIAL — Filme com Terence Hill e Ernest Borgnine. **Coper-Tijuca** (Rua Conde de Bonfim, 615): 14h, 16h. (Livre).

SESSÃO COCA-COLA — Exibição de **Os Aristogatas**, desenho animado de Walt Disney. **Lagoa Drive-in** (Av. Borges de Medeiros, 1 426): 18h30min (livre).

DRIVE-IN

TUDO POR UMA ESMERALDA (Romancing the Stone), de Robert Zemeckis. Com Michael Douglas, Kathleen Turner, Danny Devito, Zack Norman e Alfonso Arau. **Lagoa Drive-in** (Av. Borges de Medeiros, 1426 — 274-7999): 20h15min, 22h30min. (14 anos). Até domingo.

Joan Wilder é uma famosa escritora de romances de aventura que vê sua estável vida abalada quando sua irmã, Elaine, é seqüestrada em Cartagena, Colômbia, por dois bandidos. Eles pedem como resgate um mapa do tesouro que, sem saber, Joan possui. Produção americana.

VÍDEO

POLICE AROUND THE WORLD — Vídeo com músicas do grupo The Police. **Sala de Vídeo Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63 (267-7098): 16h, 18h, 20h, 22h; sáb. e dom., a partir das 14h; 6ª e sáb., sessão à meia-noite. Último dia.

EXTRAS

KING KONG (King Kong), de Ernest B. Schoedsak e Merian C. Cooper. Com Fay Wray, Robert Armstrong e Bruce Cabot. Hoje às 16h30min, na **Cinemateca do MAM**, Av. Beira-Mar, s/nº (14 anos). Legendas em português.

Produção americana de 1933, em preto e branco. Um gorila gigantesco é trazido a Nova Iorque para servir como atração mas consegue escapar e aterroriza a cidade.

TRINTA ANOS ESTA NOITE (Feu Follet), de Louis Malle. Com Maurice Ronet, Jeanne Moreau, Alexandra Stewart e Bernard Noel. Hoje às 20h30min, na **Cinemateca do MAM** Av. Beira-Mar, s/nº (18 anos). Legendas em português:

O filme mostra a tragédia de um homem que, aos 30 anos, só vê uma saída no suicídio. Produção francesa em preto e branco.

OS SETE SAMURAIS (Sichinin no Samurai), de Akira Kurosawa. Com Toshiro Mifune, Takashi, Shimura e Ko Kimura. Hoje às 16h30min, na **Cinemateca do MAM**, Av. Beira-Mar, s/nº (14 anos).

Produção japonesa. Sete samurais se reúnem em defesa de uma pobre comunidade de lavradores.

FIM DE SEMANA NA SAÚDE — Exibição de filmes de animação do Canadá. Hoje às 16h30min, no **Centro Cultural José Bonifácio**, Rua José Bonifácio, 80. Entrada franca.

CINEMA NO MUSEU — Exibição de **Remando Rumo ao Mar**. Hoje às 16h, no **Museu do Folclore**, Rua do Catete, 181. Entrada franca.

GRANDE RIO

NITERÓI

ARTE-UFF — **Um Amor na Alemanha**, com Hanna Schygulla. Às 15h, 17h10min, 19h20min, 21h30min. (18 anos).

CINEMA-1 — **A Hora da Verdade**, Com Ralph Macchio. Às 14h30min, 16h50min, 19h10min, 21h30min. (10 anos). Último dia.

CENTER — **Jubileu de Ouro do Pato Donald**, desenho animado de Walt, Disney. De 5ª a dom. às 14h, 15h20min, 16h40min, 18h, 19h20min. (Livre). De 5ª a dom. às 21h, Pré-estréia de **Loucademia de Polícia**. (16 anos)

ICARAÍ — **Greystone — A Lenda de Tarzan, o Rei da Selva**, com Christopher Lambert. Às 14h30min, 16h50min, 19h10min, 21h30min. (10 anos). Último dia.

RÁDIO

JORNAL DO BRASIL AM 940KHz

13h — **ESPECIAL JB** — Entrevista com o jornalista **Joaquim Ferreira dos Santos** sobre a Jovem Guarda. Participação de **João Máximo**, produção e apresentação de Luiz Carlos Saroldi.

FM — ESTÉREO — 99,7 KHz HOJE

10h — **Cydalise et le chèvrepied — Suíte nº 2**, de Pierné (Mari — 15:15); **Sonata nº 2, em Mi bemol, para clarinete e piano**, de Brahms (H. Menuhin e Pieterson — 20:20); **Orpheus**, de Liszt (Haitink — 11:00); **Trio com piano, em Dó maior**, Claude Haydn (Beaux Arts — 19:20); **Sinfonia nº 3, em Ré maior**, de Schubert (Marriner — 23:20); **Partita nº 3, em lá menor**, de Bach (Weissenberg — 13:03); **Falstaff, op. 68**, de Elgar (Barenboim — 35:45); **Variações sobre um tema de Mozart, op. 2**, de Chopin (Arrau); **Concertino em Si bemol**, de Ricciotti (Paillard — 8:17).

20h — **Bachianas Brasileiras nº 7**, de Villa-Lobos (Orquestra RIAS de Berlim — 28:28); **Sonata nº 4, em dó menor, para violino e cravo**, de Bach (Kogan e Karl Richter — 17:01); **La Peri**, de Paul Dukas (Boulez — 19:09); **Sonata em Dó maior — Grand Duo, para piano a quatro mãos**, de Schubert (Duo Kontarsky — 38:51); **Sinfonia nº 2**, de Honegger (Karajan — 25:02); **Trio em ré menor, para piano, violino e violoncelo, op. 49**, de Mendelssohn (Beaux Arts — 26:50); **Concerto em Ré para orquestra de cordas**, de Strawinsky (Columbia Symphony — 11:22).

● Os programas publicados no **Divirta-se** estão sujeitos a freqüentes mudanças de última hora, que são de responsabilidade dos divulgadores. É aconselhável confirmar os horários por telefone.

CINEMA/ "Um Amor na Alemanha"

Hanna Schygulla/Paulina: paixão desvairada e proibida por um prisioneiro polonês

MERGULHO NO PASSADO SOB O REGIME NAZISTA

"**N**A grande maioria dos filmes feitos nos países que se encontravam ocupados pelos alemães durante a última guerra, os personagens são apresentados como alvos que se movem ou monstros vampirescos. Mas quem foram realmente os nazistas? Quem os forçava a ser nazistas? De que maneira os forçavam? Como era a vida nas cidades alemãs em que a guerra estava presente em segundo plano? (...) Em **Um Amor na Alemanha**, pela primeira vez, tenho a oportunidade de mostrar a visão alemã, graças ao livro de Rolf Hochhuth," declara um obviamente fascinado Andrzej Wajda sobre seu mais recente filme. Procurando mostrar "o cotidiano na Alemanha de Hitler, de que maneira este sistema influiu no dia-a-dia das pessoas não mais maldosas que outras (...)", Wajda parte para uma investigação sobre aquele período. E, curiosamente, realiza um filme em muitos pontos semelhante ao de Carlos Saura, **Antonieta**, também em cartaz no Rio. E os pontos são semelhantes tanto nas virtudes quanto nos problemas.

Mais ambicioso, Saura debruça-se sobre o painel da Revolução Mexicana enquanto Wajda centraliza sua ação no amor desvairado de uma alemã (Hanna Schygulla) por um prisioneiro polonês (Piotr Lysak) — paixão punível, pelos códigos nazistas, com a pena de morte. Para estes mergulhos no passado, escolhe-se a mesma estrutura narrativa: a mistura entre o documentário e a encenação cinematográfica. Igualmente, os dois realizadores se deixam envolver pelo tema de suas respectivas pesquisas sócio-político-cinematográficas.

No caso de Wajda, o envolvimento tem raízes tão profundas quanto as do "estrangeiro" (Otto Sander) que, com seu filho (Ben Becker), tenta reviver o pesadelo nazista: afinal, o cineasta polonês conviveu de perto com a Guerra. Sendo um de seus sobreviventes, a exemplo do "estrangeiro", Wajda procura desvendar um pouco como foi possível tudo aquilo. Mas, na realidade, não tem maiores revelações a fazer. Seu profundo relacionamento com o processo em foco o leva a uma crispação nervosa de suas personagens — carga neurótica que conduz à super-representação na encenação cinematográfica, tirando-lhe assim maior impacto documental.

Temos de um lado, por exemplo, uma mulher neurótica, possuída pela paixão (Schygulla), uma vizinha ambiciosa igualmente neurótica (Marie-Christine Barrault), a amiga em transe com a morte do noivo no **front** (Elisabeth Trissenaar) e, portanto, capaz de qualquer ato tresloucado quando o amor está em jogo. No caso, a relação de Schygulla, mulher casada, com o polonês. De pano de fundo, a distorção nazista que transforma o polonês em um sujo cão sarnento, serviçal da "raça superior". Tal esquematização, portanto, suaviza ainda mais o impacto de qualquer revelação sobre o cotidiano da Alemanha nazista. As personagens de Wajda, na realidade, são quase sempre mesquinhas — estas pequenas personagens de pequenas cidades que, em geral, como a história, o cinema ou a literatura demonstraram antes, apresentam certa tendência a se tornar menores quando ocorre violenta ruptura nos valores éticos da sociedade. Uma das distorções geradas pelos regimes totalitários, fechados, sabe-se.

Entre Saura e Wajda, outro e óbvio elemento de ligação: a presença de Hanna Schygulla. Mas ao contrário de sua insegurança em **Antonieta**, neste **Um Amor na Alemanha**, Hanna se mostra firme na composição de sua Paulina. De vez em quando, a câmara e a atriz obtêm belos resultados. Momentos isolados, é verdade, mas as generosas intenções dos realizadores transformam seus filmes em amplas fontes de debate. Com **Antonieta** Saura propõe, em determinado nível, a discussão sobre a função social do intelectual no processo político — sua possibilidade de interferência neste processo. Já Wajda pega a sociedade em momento de exceção — a Alemanha nazista — e procura entender como uma estrutura política pode se apossar do coração e da mente de um povo. Nos dois casos, só abrir (ou realimentar) a polêmica já seria salutar.

WILSON CUNHA

TELEVISÃO

No programa **Clip Clip** (Canal 4, 12h10min) vídeos com David Bowie, Culture Club, Magazine, Prince, Darryl Hall e outros.

OS FILMES DE HOJE NA TV

BASEADO no romance de **Sir Walter Scott**, **Ivanhoé, O Vingador do Rei** (TV Manchete, 20:00 horas) é famoso capa-e-espada repleto de espetaculares seqüências de ação, heroísmo e aventura num dos raros desempenhos aceitáveis de Robert Taylor (1911-1969). **A Encruzilhada dos Destinos** (TV Globo, 23h40min) tornou-se um dos raros fracassos comerciais na carreira de George Cukor, possivelmente porque a Metro e o produtor Pandro S. Berman remontaram a versão original — que não era em **flashback** e não encluía uma narrativa em **off**. Resultando num filme tedioso, um semi-épico anêmico, ressalta apenas a belíssima fotografia de Frederick A. Young, o **cameraman** de **Dr. Jivago** e **Lawrence da Arábia**. Apesar das externas rodadas na Índia, o filme não tem uma atmosfera eficiente, sendo visivelmente uma criação de estúdio. A presença do canastrão Stewart Granger, não custa repetir, ainda agrava mais o quadro.

IVANHOÉ, O VINGADOR DO REI
TV Manchete — 20 horas
(Ivanhoé) — Produção americana de 1952, dirigida por Richard Thorpe. Elenco: Robert Taylor, Elizabeth Taylor, Joan Fontaine George Sanders, Felix Aylmer, Curie, Sebastian Cabor. **Colorido.**

Pelo amor de uma jovem judia (Elizabeth), e cavaleiro Ivanhoé (Taylor) enfrenta as conspirações do sinistro DuBois (Sanders) e a onda de anti-semitismo reinante na Inglaterra de Ricardo Coração de Leão.

O GUERREIRO E A ESCRAVA
TV Record — 20 horas
(The Warrior and the Slave Girl) — Produção italiana de 1968, dirigida por Vittorio Gottafavi. Elenco: George Marshall e Gianna Maria Canalli. **Colorido** (89 minutos)
No século II antes de Cristo, a cidade da Armênia, sob o jugo romano, está incrustada numa região rochosa onde abrigam-se os rebeldes que conspiram contra Roma. O imperador envia o comandante Marcos (Marschall) com toda sua legião para desbaratar a oposição. Porém, Marcos apaixona-se por uma escrava (Canalli), amiga dos rebeldes.

ENCRUZILHADA DOS DESTINOS
TV Globo — 23h40min
(Bhowani Junction) — Produção britânica de 1955, dirigida por George Cukor. Elenco: Stewart Granger, Ava Gardner, Bill Travers, Francis Matthews, Fred Jackson, Lionel Jeffries, Abraham Soafer, Marne Maitland. **Colorido.**

Retornando à Índia, oficial britânico (Granger) recorda as atividades políticas de uma bela eurasiana (Gardner) durante a luta pela independência do país e a paixão que os consumiram num período conturbado. Exibido com som original e legendas em português.

ROBERTO MACHADO JR.

MANHÃ

6:30 (11) PATATI PATATÁ
7:00 (4) SANTA MISSA EM SEU LAR
(7) JORNAL DA TERRA
8:00 (11) REX HUMBARD
(4) GLOBO RURAL
8:00 (7) INDICADOR RURAL
(11) SESSÃO DESENHO
(7) O MELHOR NEGÓCIO
9:00 (2) PALAVRAS DE VIDA
(4) SOM BRASIL
(7) SHOW DE TURISMO
(9) JIMMY SWAGGART
9:30 (2) CENÁRIO POPULAR
10:00 (2) TELECURSO 2º GRAU
(4) CONCERTOS PARA A JUVENTUDE
(9) TOM E JERRY
10:20 (2) TELECURSO 2º GRAU
10:30 (9) PICA-PAU
10:55 (4) PANORAMA DO CAMPEONATO
11:00 (4) FESTIVAL DE DESENHOS
(7) SHOW DO ESPORTE
(9) PROGRAMA SILVIO SANTOS
11:30 (11) PROGRAMA SILVIO SANTOS
11:40 (2) ZERO A SEIS

TARDE

12:00 (2) NO MUNDO DO ESPORTE
12:10 (4) CLIP CLIP
13:00 (4) VÍDEO SHOW
(6) PROGRAMAÇÃO EDUCATIVA
14:00 (2) FORRÓ
(4) DURO NA QUEDA
(6) DEBATE EM MANCHETE — Reapresentação
15:00 (2) AS AVENTURAS DO TIO MANECO
(6) CIRCO ALEGRE
15:05 (4) DISNEYLÂNDIA
16:00 (2) OS MAIS BELOS DESENHOS
17:00 (2) MUNDO INDOMADO
(4) AUTOMAN
(6) CLUBE DA CRIANÇA

NOITE

18:00 (2) LIRA DO POVO
(4) GUERRA DOS SEXOS
19:00 (2) ADMIRÁVEL MUNDO NOSSO
(4) OS TRAPALHÕES
(6) FAMA
20:00 (2) JORNAL DE DOMINGO
(4) FANTÁSTICO, O SHOW DA VIDA
(6) SESSÃO EXTRA — Ivanhoé, o Vingador do Rei
(7) BOLA NA MESA
(9) SEMPRE AOS DOMINGOS — O Guerreiro e a Escrava
(11) SUPER HERÓI AMERICANO
21:00 (2) PROJETO FUNARTE
(11) GRANDES ESPETÁCULOS
22:00 (2) PRIMEIRO TIME
(4) OS GOLS DO FANTÁSTICO
(6) DIÁLOGO
(7) APITO FINAL
(9) OS PODERES DA MENTE
(11) FUTEBOL DINÂMICO
22:20 (4) MELHORES MOMENTOS — CAMPEONATOS REGIONAIS
22:30 (7) CRÍTICA E AUTOCRÍTICA
22:35 (4) DALLAS
23:00 (2) FUTEBOL DE DOMINGO
(6) QUINCY — CORPO DE DELITO
(9) LONGA METRAGEM
(11) F.B.I.
23:35 (4) RJ TV
23:40 (4) CINECLUBE — Encruzilhada dos Destinos
00:00 (11) O SAMURAI FUGITIVO
00:30 (7) TV INFORMÁTICA
00:40 (2) CONVERSA DE FIM DE NOITE

A programação e os horários são da responsabilidade das emissoras

MÚSICA

No **Teatro Municipal**, às 17h, Orfeo, ópera de C.W. Gluck. No **Studio Mistura Fina**, às 21h, peças de Villa-Lobos e Beethoven interpretadas pelo Quarteto Bosisio.

CONCERTOS PARA A PAZ — Recital dos pianistas Maria Cristina e João Affalo Filho. Hoje, às 19h30min, na **Corrente da Paz Universal**, Rua Senador Dantas, 117 cob 03. Entrada franca.

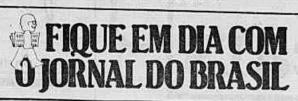
NORBERTO MACEDO — Recital do violonista interpretando compositores populares e clássicos. Hoje, às 17h30min, no **Teatro Procópio Ferreira**, Câmara Municipal de Caxias. Ingressos a Cr$ 2 mil.

AS VARIEDADES DE PROTEU — Ópera bufa em três atos de Antônio José da Silva. Música de Antônio Teixeira. Com a Orquestra de Câmara do Conservatório Brasileiro de Música, sob a regência de José Maria das Neves. Solistas: Daina Melgaço (meio-soprano), Ricardo Tuttman (tenor), Remo Maccagnini (barítono) e outros. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440. 6ª a dom., às 21h, e dias 4, 8, 9, 10 e 11 de novembro, às 21h30min. Ingressos a Cr$ 6 mil, Cr$ 6 mil, estudantes e Cr$ 3 mil, classe teatral.

QUARTETO BOSISIO — Recital de Paulo Bosisio e Paulo Keuffer (violinos), Nayram Pessanha (viola) e David Chew (violoncelo). No programa, peças de Villa-Lobos, Beethoven e Mozart. Hoje, às 21h, no **Studio Mistura Fina**, Rua Garcia D'Ávila, 15 (274-8984).

ORFEO — Ópera de C.W. Gluck. Libreto de Ranieri Calzabigi. Com o Balé, Coro e Orquestra do Teatro Municipal sob a regência dos maestros Romano Gandolfi e David Machado. Concepção e direção de Fernando Bicudo. Coreografia de Vicente Nebrada. Cenografia de Helio Eichbauer. Elenco no: dom. Klara Takacs, Antônio Gaspar, Ruth Staerke, Nora Esteves, Viviane Farias e Carla Silva. **Teatro Municipal**, Cinelândia (262-6322). Dom. às 17h. Ingressos a Cr$ 20 mil, platéia e balcão nobre a Cr$ 10 mil, balcão simples, a Cr$ 5 mil, galeria, a Cr$ 2 mil 500, estudantes e a Cr$ 120 mil, frisa e camarote.

DANÇA

ACADEMIAS DE DANÇA — Programação: sáb., às 18h e dom., às 19h Anima, Clube de Ginástica. **Teatro do Liceu**, Rua Frederico Silva, 86 (221-5679). Ingressos a Cr$ 3 mil.

TEATRO

FELIZ ANO VELHO — Texto de Marcelo Rubens Paiva adaptado por Alcides Nogueira. Direção de Paulo Betti. Com o Núcleo do Pessoal do Victor: Adilson Barros, Christianne Rando, Denise del Vecchio, Lilia Cabral e outros. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb., às 20h e 22h30min; dom., às 18h e 21h. Ingressos 4ª a 5ª e dom., a Cr$ 10 mil e Cr$ 7 mil, estudante, e 6ª e sáb. a Cr$ 10 mil.

IRRESISTÍVEL AVENTURA — Apresentação das peças: **Amores de Dom Perlimplin com Belisa em Seu Jardim**, de Garcia Lorca, **O Oráculo**, de Arthur Azevedo, **A Dama da Lavanda**, de Tennessee Williams, e **O Urso**, de Tchecov. Direção de Domingos de Oliveira. Com Dina Sfat, Helio Ary, Thelma Reston e José Mayer. **Teatro de Arena**, Rua Siqueira Campos, 143 (235-5348). 5ª, às 17h e 21h; 6ª, às 21h; sáb., às 20h e 22h30min; dom., às 18h e 21h. Ingressos 5ª, 6ª e dom., a Cr$ 8 mil e Cr$ 6 mil, estudantes, e sáb., a Cr$ 10 mil (10 anos).

A DIVINA SARAH, de John Murrell. Tradução e direção de João Bethencourt. Com Tonia Carrero e Cecil Thire. Cenários e figurinos de Naum Alves de Souza. **Teatro Maison de France**, Av. Pres. Antonio Carlos, 58 (220-4779). 4ª às 20h, 5ª às 17h e 20h; 6ª às 21h; sáb. às 19h e 21h30min, dom. às 18h e 20h30min. Ingressos 4ª a Cr$ 6 mil; 5ª e dom. a Cr$ 10 mil e Cr$ 6 mil (estudantes); 6ª e sáb. a Cr$ 12 mil; (14 anos). Até dia 18 de novembro.

ALÉM DA VIDA — Texto psicografado por Chico Xavier e Divaldo Franco. Direção de Augusto Cesar Vanucci. Com Felipe Carone, Lucio Mauro, Lea Bulcão, Rosana Pena, Renato Prieto e outros. **Teatro da Praia**, Rua Francisco Sá, 88 (267-7749). De 4ª a 6ª às 21h15min; sáb., às 20h e 22h30min; dom., às 18h e 21h15min; vesp. 5ª, às 17h. Ingressos a Cr$ 5 mil e Cr$ 3 mil, estudantes. Até dia 18 de novembro.

ENCOURAÇADO BOTEQUIM — Musical de Paulo Cesar Coutinho. Direção de Renato Coutinho. Com Mário César Camargo, Ângela Vieira, Jitman Vibranovski, Luiz Carlos Niño e outros. **Foyer do Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440 (262-6322). De 4ª a dom., às 22h. Ingressos a Cr$ 8 mil, Cr$ 5 mil, estudantes e Cr$ 3 mil, classe artística. Até dia 30.

ESCOLA DE MULHERES — Texto de Molière. Tradução, adaptação e direção de Domingos de Oliveira. Com Jorge Doria, Claudio Macdowell, Cassia Foureaux, Flávio Antônio, Ada Chaseliov e outros. **Teatro Copacabana**, Av. Copacabana, 291 (257-1818). De 4ª a 6ª, às 21h30min; sáb., às 20h e 22h30min; dom., às 18h e 21h15min; vesp. 5ª, às 17h. Ingressos 4ª; 2ª sessão de 5ª e 2ª sessão de dom., a Cr$ 8 mil e Cr$ 6 mil, estudantes; vesp; 5ª a Cr$ 7 mil; 6ª e 1ª sessão de dom., a Cr$ 10 mil e Cr$ 7 mil estudantes e sáb a Cr$ 10 mil. (14 anos)

GALILEU — UMA NOVA ESTRELA NO CÉU — Adaptação de Dulce Conforto. Direção de Anselmo Vasconcellos. Músicas de Claudio Saviatto. Com Denise Dumont, Antonio Pompeo, Ernesto Piccolo, Paschoal Villaboim, Leiloca, David Pinheiro e outros. **Anfiteatro do Planetário**, Rua Padre Leonel Franca, 240 (274-0096). De 5ª a dom. às 21h30min. Ingressos a Cr$ 3 mil.

OXENTE, GENTE, BEMVINDO PRA PRESIDENTE — Texto de Bemvindo Sequeira. Direção de Norma Dumar. **Teatro Delfin**, Rua Humaitá, 275 (266-4396). De 3ª a 6ª, às 22h, sáb. e dom., às 18h e 22h. Ingressos a Cr$ 10 mil e Cr$ 6 mil, estudantes; sáb. a Cr$ 10 mil.

DEU FRÓ NA CABEÇA — Texto e direção de Tonio Carvalho. Com o grupo Teatro Feliz Meu Bem: Marilia Brito, Jackson Leal e Reginaldo Saddi, Adele Malheiros, e outros. **Teatro Cacilda Becker**, Rua do Catete, 338 (265-9933). De 6ª a dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 4 mil e Cr$ 2 mil 500. (14 anos)

ENSAIO Nº 1 — Adaptação de **A Tragédia Brasileira**, de Sergio Sant'Anna e encenado por Bia Lessa. Com Ana Zettel, Bebel Nascimento, Beth Zalcman, José Ferro, Josias Amon e outros. **Teatro Delfin**, Rua Humaitá, 275. De 3ª a dom. às 20h; vesp 5ª, às 18h. Ingressos a Cr$ 7 mil e Cr$ 4 mil, estudante e vesp de 5ª.

NÃO ME VENHAS COM INDIRETAS — Texto de J. Murad, R. Ruiz e Lilico. Direção de Francisco Moreno. Com Lilico, Marti, Francisco e outros. **Teatro Rival**, Rua Álvaro Alvim, 33 (240-1135). De 3ª a 6ª, às 21h; sáb., às 20h15min e 22h; dom., às 18h30min e 21h. Ingressos de 3ª a 6ª e dom. a Cr$ 6 mil e Cr$ 3 mil; sáb. a Cr$ 6 mil (18 anos).

A LOUCA TRILOGIA — Texto de Harvey Fierstein. Tradução e adaptação de Roberto de Cleto. Direção de Geraldo Queiroz. Com Ricardo de Almeida, Zecarlos de Andrade, Luiz Carlos Tourinho, Luciano Sabino, Claudia Ria Raia e Celia Biar. **Teatro Glória**, Rua do Russel, 632 (245-5527). De 3ª a 6ª, às 21h; sáb., às 21h15min e dom., às 18h e 21h. Ingressos de 3ª a 5ª, a Cr$ 8 mil e Cr$ 6 mil; 6ª e dom., a Cr$ 8 mil; e sáb., a Cr$ 10 mil.

CALABAR, O ELOGIO DA TRAIÇÃO — Texto de Chico Buarque e Ruy Guerra. Direção de Luiz Alves de Macedo Neto. Com o grupo Tragos, A Carroça de Trigo, Pão e Uvas de Vinho. **Teatro do Instituto de Educação**, Rua Mariz e Barros, 273. 6ª e sáb., às 21h e dom., às 20h30min. Ingressos a Cr$ 5 mil e Cr$ 3 mil, estudantes. Não haverá espetáculo nos dias 15, 16 e 17.

EXTREMOS — Texto de William Mastrosimone. Tradução e adaptação de Carlos Eduardo Dolabella. Direção de Amir Haddad. Com Carlos Eduardo Dolabella, Pepita Rodrigues, Elizabeth Hartman e Marcia Albuquerque. **Teatro da Lagoa**, Av. Borges de Medeiros, 1243. (274-7748). De 3ª a 6ª, às 21h15min; sáb., às 20h e 22h30min e dom. às 18h e 21h. Ingressos de 3ª a 5ª e dom. a Cr$ 10 mil. 6ª e sáb. a Cr$ 12 mil. Estudantes diariamente a Cr$ 7 mil. (16 anos).

ISADORA/OSWALD — Texto de Aguinaldo Silva. Direção de Norma Bengueli. Com Norma Bengueli, Caique Ferreira, Paulo Vilaça, Bia Sion e Marga Abi-Ramia. **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179 (224-2358). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb., às 20h e 22h; dom., às 18h e 21h. Ingressos 4ª e 5ª a Cr$ 10 mil e Cr$ 6 mil, estudantes; de 6ª a dom a Cr$ 10 mil (14 anos).

FREUD NO DISTANTE PAÍS DA ALMA — Texto de Henry Denker. Dir. Flávio Rangel. Com Edwin Luisi, Ariclê Perez, Adriano Reis, Maria Isabel de Lisandra, Vanda Lacerda, Jorge Chaia, Chico Solano, Dêa Peçanha, Cláudia Duarte e João Camargo. **Teatro Clara Nunes**, Rua Marquês de São Vicente, 52 — 3º (274-9696). De 4ª a 6ª, 21h; sábados, às 20h e 22h30min; domingos, às 18h; 5ª, vesperal às 17h. Ingressos 4ª, 5ª e dom, a Cr$ 10 mil e Cr$ 7 mil, estudantes; 6ª e sáb. a Cr$ 10 mil. vesp. 5ª a Cr$ 7 mil.

A VENERÁVEL MADAME GONEAU — Texto de João Bethencourt. Direção de Paulo Afonso de Lima. Com Débora Duarte, Otávio Augusto, José Augusto Branco e Narjara Turetta. **Teatro Mesbla**, Rua do Passeio, 48 (240-6141). De 4ª a 6ª e dom., às 21h; sáb., às 20h e 22h30min; vesp. 5ª, às 17h e dom., às 18h. Ingressos 4ª, 5ª e dom. a Cr$ 6 mil e Cr$ 5 mil, estudantes; 6ª e sáb. a Cr$ 8 mil; vesp. 5ª a Cr$ 5 mil.

LÉO E BIA — Musical de Oswaldo Montenegro que também assina a direção. Com Oswaldo Montenegro, Isabela Garcia, Mongol, José Alexandre, Madalena Salles, Deto Montenegro e grande elenco. Teatro Vanucci, Rua Marquês de São Vicente, 52 (239-8595). De 4ª a domingo, às 19h30min. Ingressos de 4ª e 5ª a Cr$ 4 mil; 6ª e dom., a Cr$ 6 mil; sáb a Cr$ 8 mil. Último dia.

A NOITE BRASILEIRA — Criação coletiva da Cia. Teatral baseada em textos antigos de Mauro Rasi. Direção de Tomil Gonçalves. Com Paulo Tarso, Kinha Costa, Alfredo Ebasco e outros. **Teatro do Sesc da Tijuca**, Rua Barão de Mesquita, 539 (208-5332). De 4ª a sáb., às 21h e dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 5 mil e Cr$ 3 mil, estudantes.

JOGOS NA HORA DA SESTA — Texto de Roma Mahieu. Tradução de Eduardo San Martin. Direção de Alice Carvalho. Com o grupo Criasonhos. **Aliança Francesa da Tijuca**, Rua Andrade Neves, 315 (288-5798). De 6ª a dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 5 mil e Cr$ 3 mil 500, estudantes. (14 anos).

NOSSA CIDADE — Texto de Thornton Wilder. Tradução de Elsie Lessa. Direção de Carlos Wilson. Com Mauricio Mattar, Marcus Anibal, Marcelo Novaes e outros. **Teatro Tablado**, Av. Lineu de Paula Machado, 795 (294-7847). 6ª e sáb. às 21h30min e dom., às 19h30min. Ingressos a Cr$ 4 mil.

EMILY — Texto de William Luce. Direção de Miguel Falabella. Tradução de Maria Julieta Drummond de Andrade. Com Beatriz Segall. **Teatro Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63 (227-9882). De 4ª a 6ª, às 21h30min; sáb., às 20h e 22h; dom., às 18h30min e 21h30min; vesp. 5ª às 17h. Ingressos 4ª a Cr$ 5 mil; 5ª, 6ª e dom. à Cr$ 8 mil e Cr$ 5 mil, estudantes; sáb. a Cr$ 10 mil; vesp. 5ª a Cr$ 5 mil.

SEDA PURA E ALFINETADAS — Texto de Leilah Assumpção e Clodovil. Com Clodovil Hernandes, Maria Helena Dias, Hilton Have, Jalusa Barcelos e outros. **Teatro Ginástico**, Av. Graça Aranha, 187 (220-8394). 4ª a sáb., às 21h. dom., às 19h; vesp. 5ª, às 17h30min. Ingressos 4ª, 5ª e dom. a Cr$ 8 mil e Cr$ 6 mil, estudantes; 6ª e sáb. a Cr$ 8 mil; vesp. 5ª a Cr$ 6 mil. Último dia.

TIO VÂNIA — Texto de Tchekov. Direção de Sérgio Britto. Com Armando Bogus, Rodrigo Santiago, Christiane Torloni, Nildo Parente e outros. **Teatro dos Quatro**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/3º. (274-9895). De 4ª a 6ª, às 21h30min. sáb., às 20h e 22h30min; dom., às 18h e 21h. Ingressos 4ª, 5ª e dom a Cr$ 8 mil e Cr$ 6 mil, estudantes; 6ª e sáb. a Cr$ 10 mil. Jovens entre 14 e 20 anos pagam Cr$ 4 mil. (14 anos). Até dia 2 de dezembro.

AMOR EM CAMPO MINADO — Texto de Dias Gomes. Direção de Aderbal Junior. Com Carlos Vereza, Ítala Nandi, Eliane Maia e Luiz Mendonça. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, (220-6997). De 4ª a 6ª, às 21h15min; sáb., às 20h e 22h30min e dom., às 18h30min e 21h15min. Ingressos 4ª a Cr$ 3 mil, 5ª e dom. a Cr$ 5 mil; 6ª a Cr$ 6 mil e sáb. a Cr$ 7 mil.

FÉ NA CRISE E PAU NA GENTE — Texto de Abilio Fernandes. Direção de Miguel Carrano. Com. Suely Franco, Henriqueta Brieba, Carvalhinho e outros. **Teatro Cawell**, Rua Desembargador Isidro, 10 (268-9176). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb., às 20h e 22h e dom., às 18h e 20h. Ingressos 4ª e 5ª a Cr$ 6 mil; 6ª e dom. a Cr$ 7 mil sáb. a Cr$ 8 mil. Diariamente Cr$ 6 mil para estudantes, advogados e professores.

MÁRIA, MARIA, MARIÁ — Texto de Millor Fernandes. Direção de Oswaldo Loureiro. Com Lucia Alves e Ariel Coelho. **Teatro da Cidade**, Av. Epitácio Pessoa, 1664 (247-3292). De 4ª a 6ª, às 21h; vesp. 5ª, às 17h; sáb, às 20h e 22h e dom, às 18h e 21h. Ingressos 4ª e 5ª e dom. a Cr$ 8 mil e Cr$ 6 mil, estudantes. 6ª e sáb a Cr$ 12 mil e Cr$ 6 mil, estudantes. (16 anos).

HORÁRIO NOBRE — Texto de Franz Xaver e Kroetz. Direção e interpretação de Vilma Dulcetti. Cenários e figurinos de Colmar Diniz. **Teatro da Aliança Francesa de Botafogo**, Rua Muniz Barreto, 730 (285-5921). 6ª, às 21h30min e 24h; sáb., às 20h e 22h30min; dom., às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 6 mil e Cr$ 4 mil.

DISQUE M PARA MATAR — Texto de Frederick Knott. Tradução de Domingos de Oliveira. Direção de Cláudio Cavalcanti. Com Claudio Cavalcanti, Maria Lucia Frota, Rogerio Froes, Marcos Weinberg e Elcio Romar. **Teatro Nelson Rodrigues**, Av. Chile, 230 (212-5695). De 4ª a 6ª, às 21h; sáb, às 20h e 22h30min e dom, às 18h e 21h. Ingressos 4ª, 5ª e dom a Cr$ 10 mil e Cr$ 6 mil, estudantes e 6ª e sáb a Cr$ 10 mil.

SHOW

TEMPO TEMPERO — **Show** do cantor e compositor Geraldo Azevedo, acompanhado de conjunto. **Teatro Teresa Rachel**, Rua Siqueira Campos, 143. De 4ª a dom., às 21h30min. Ingressos 4ª, 5ª e dom., a Cr$ 7 mil, e 6ª e sáb., a Cr$ 8 mil. Até dia 10 de novembro.

PERY RIBEIRO — **Show** do cantor acompanhado de conjunto. **Teatro da UFF**, Rua Miguel de Frias, 9, Niterói. De 6ª a dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 5 mil.

RECADO — **Show** da cantora Joanna acompanhada da banda Estrela Guia. **Teatro João Caetano**, Pça Tiradentes (221-0305). De 4ª a dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 10 mil, platéia e 1º balcão a Cr$ 8 mil. 2º balcão. Último dia.

HOMEM NÃO ENTRA Nº 2 — Texto de Heloneida Studart e Cidinha Campos. Direção de Wilma Dulcetti. Com Cidinha Campos. **Teatro Vanucci**, Rua Marquês de S. Vicente, 52/3º (274-7246). De 4ª a dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 8 mil. Homem não pode entrar.

IVON DE CORPO INTEIRO — **Show** do humorista e cantor Ivon Curi. **Sambão e Sinhá**, Av. Constante Ramos, 140 (237-5388). 3ª a 5ª, às 23h; 6ª e sáb., às 23h30min. A casa abre às 20h30min, com música ao vivo para dançar. **Couverte** Cr$ 12 mil. Estacionamento na Rua Pompeu Loureiro, 2.

O MPB 4 AJUDA O DOUTOR ÇOBRAL A COMBATER O MAL — Texto de Millor Fernandes. Direção de Felipe Pinheiro. Com Aquiles, Magro, Ruy e Miltinho. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-9185). De 4ª a sáb. às 21h15min; dom, às 20h30min. Ingressos, 4ª e 5ª a Cr$ 6 mil; 6ª e dom. a Cr$ 8 mil e sáb. a Cr$ 9 mil.

UM GORDOIDÃO NO PAÍS DA INFLAÇÃO — Texto de Jô Soares e Armando Costa. **Show** do humorista Jô Soares. **Teatro Casa Grande**, Av. Afrânio de Melo Franco, 290 (239-4046 e 259-6948). De 5ª e 6ª, às 21h30min; sáb., às 20h e 22h; dom., às 21h. Ingressos a Cr$ 10 mil.

RAÇA HUMANA — **Show** do cantor e compositor Gilberto Gil acompanhado de Rubens Sabino (baixo), Teo Lima e Pedro Gil (bateria), Celso Fonseca (guitarra), Cidinho Teixeira (teclados), Raul Mascarenhas (sax) Repolho (percussão) e Nara Gil (vocal). **Canecão**, Av. Venceslau Braz, 215. (295-3044). 4ª e 5ª, às 21h30min; 6ª e sáb., às 22h e dom., às 20h. Ingressos a Cr$ 20 mil, mesa central; a Cr$ 17 mil, mesa lateral e a Cr$ 15 mil, arquibancada.

VOU QUERER TAMBÉM, SENÃO EU CONTO PRA TODO MUNDO — Texto de Gugu Olimecha, Agildo Ribeiro, Max Nunes, Jésus Rocha e Ziraldo. Direção de Oswaldo Loureiro. Com o humorista Agildo Ribeiro. **Teatro Princesa Isabel**, Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). De 4ª a 6ª, às 21h30m; sáb, às 20h30m e 22h30m; dom. às 19h e 21h. Ingressos 4ª a sáb. a Cr$ 12 mil; dom. 1ª sessão a Cr$ 10 mil e 2ª sessão a Cr$ 12 mil. (18 anos).

REVISTA

APOTEOSE GAY — Revista com os **travestis** Georgia Bengston, Marlene Casanova, Samantha, Desirée e outros. **Teatro Alasca**, Av. Copacabana, 1241 (247-9842). de 3ª a 6ª, às 21h30min; sáb., às 22h; dom. às 19h e 21h30min. Ingressos de 3ª a 6ª e dom. a Cr$ 5 mil e Cr$ 3 mil, estudantes; sáb a Cr$ 6 mil.

GOSTOSO MESMO É MULHER — Texto e direção de Colé e Clovis Gierkens. Com Colé, Solange Mascarenhas, Alice Dantas e outros. **Teatro do América**, Rua Campos Sales, 118 (234-2060). De 5ª a dom. às 21h. Ingressos 5ª, 6ª e dom. a Cr$ 5 mil a Cr$ 3 mil, estudantes e sáb. a Cr$ 6 mil.

MIMOSAS JÁ — **Show** dos **travestis**, Camile, Kiriki, Fujica Holiday, Paulette e Alex Mattos. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51 (521-2955). De 4ª e sáb., às 21h30min; dom., às 18h30min. e 21h30min. Ingressos de 4ª a 6ª. a Cr$ 5 mil e 6ª e sáb. a Cr$ 7 mil.

INFANTIL

GOLFINHOS DE MIAMI — **Show** com os golfinhos de Miami e focas amestradas. **BarraShopping**, Av. das Américas, 4666. De 3ª a 5ª, às 10h e 15h; 6ª, às 10h, 15h e 20h30min; sáb. e dom. às 11h, 15h, 17h e 19h. Ingressos a Cr$ 2 mil 800. (325-6181).

PARA OUVIR

PEOPLE — Programação: De 2ª a sáb., às 20h30min, piano-bar com Athie Bell; 3ª, às 22h30min, o grupo Friends de 4ª a sáb. Quinteto Violado; dom., o grupo Terra Molhada. À 1h30min Roberto Moraes na harmônica. Av. Bartolomeu Mitre, 370 (294-0547). **Couvert** a partir das 22h30min, a Cr$ 7 mil (de dom. a 5ª); Cr$ 10 mil (6ª e sáb.). No bar a Cr$ 5 mil (dom. a 5ª) e Cr$ 7 mil (6ª e sáb.).

O VIRO DA IPIRANGA — Aberto a partir das 18h. Programação: 2ª, o regional Choro Só, Pedro Silveira Neto (clarinete) e Dirceu Leite. 3ª, 6ª e sáb., às 22h, o pianista Ilvamer. 4ª a sáb., às 22h, e dom., às 19h, **jazz** Nilson Matta (baixo), Wanderlei Pereira (bateria), Romero Lubambo (guitarra) e Idriss (sax). **Couvert** dom., 3ª e 4ª, a Cr$ 2 mil 5ª e 2ª, a Cr$ 3 mil 500, 6ª e sáb., a Cr$ 4 mil 500. Rua Ipiranga, 54 (225-4762).

ALÔ-ALÔ — Diariamente, a partir das 22h, os cantores Rose e Cleber e os conjuntos de Fernando Costa e Luiz Carlos Vinhas. **Couvert** a Cr$ 5 mil. Rua Barão da Torre, 368 (247-7178). A casa abre, às 17h.

CHIKO'S BAR — Piano-bar com música ao vivo a partir das 21h, com os conjuntos de Aécio Flavio e Edson Frederico. Aberto diariamente a partir das 18h, com música de fita. Sem **couvert**, sem consumação mínima. Av. Epitácio Pessoa, 1.560 (287-0113 e 287-3514).

PARA DANÇAR

MARTINHO DA VILA ISABEL — **Show** do cantor e compositor. Participação de Vilma porta-bandeira e a Ala dos Tamborins e Repiques. **Gafieira Asa Branca**, Av. Mem de Sá, 17 (252-4428). De 3ª a dom, às 23h. Ingressos de 3ª a 5ª e dom a Cr$ 8 mil e 6ª e sáb a Cr$ 12 mil.

FABIO E O CINEMA E ALYNASKYNA — **Show** dos conjuntos de **rock**. **Mistura Fina**, Estrada da Barra da Tijuca, 1636 (399-3460). 5ª e dom., às 23h30min e 6ª e sáb. às 23h30min e 1h30min. A casa abre 5ª e dom., às 22h e 6ª e sáb., às 21h. Ingressos 5ª e dom. a Cr$ 5 mil e 6ª e sáb. a Cr$ 8 mil, homem e Cr$ 6 mil, mulher.

CRIANÇAS

A FLAUTA DE PÃ — Fábula musical de Paulo Cesar Coutinho. Direção de Michel Robin. **Teatro de Bolso Aurimar Rocha**, Av. Ataulfo de Paiva, 269, (239-1498). Sáb., às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 2 mil 500.

O SACO — Texto de Ivan e Marcello. Com Marcondes Mesqueu e bonecos animados. **Teatro Alice**, Rua Alice, 146 (245-6269): Sáb e dom, às 17h. Ingressos a Cr$ 3 mil. **Clube Fluminense**, Rua Álvaro Chaves, 41. Dom., às 10h30min. Ingressos a Cr$ 1 mil 500. Indicada para crianças a partir de três anos.

JOANA, A MENINA DOS SINOS — Texto de Rubem Rocha Filho. Direção de Ligia Diniz. Com Janaina Diniz Guerra. **Teatro da Cândido Mendes**, Rua Joana Angélica, 63. Sáb., às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 4 mil.

O MISTÉRIO DO BOI SURUBIM — Texto de Tonio Carvalho. Direção de Fernanda Leite e Tunico dos Santos. Com o grupo Teatro Feliz Meu Bem. **Teatro da UFF**, Rua Miguel de Frias, 9, Niterói. Sáb. e dom, às 16h. Até dia 25.

O PLANETA LILÁS — Texto de Ziraldo. Com o grupo Cante e Conte. **Teatro Nelson Rodrigues**, Av. Chile, 230. Sáb e dom, às 16h. Ingressos a Cr$ 3 mil 500

FIM DE SEMANA NO CENTRO CULTURAL — Sáb e dom, das 9h às 17h, oficinas de teatro, musicalização, exibição de desenhos e filmes e a atividade Toque Aqui. **Centro Cultural de S. Teresa**, Rua Monte Alegre, 306.

AS TRANÇAS DE IBAÉ — Texto de Ricardo Howat e Beto Coimbra. Direção de Beto Coimbra e Caique Botkay. **Teatro Leopoldo Froes**, Rua Manoel de Abreu, 16. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 2 mil.

PINÓQUIO — Com o Grupo Tapa, dir. de Eduardo Tolentino de Araujo, direção musical e trilha sonora de Francis Hime. **Teatro dos 4**, R. Marquês S. Vicente (274-8895). sáb., às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 4 mil.

O JARDIM PROIBIDO DA DONA ABELHA — Direção de Luna Brum. Texto de Paulo Matozinho. Com o grupo Alegria. **Tijuca Tênis Clube**, Rua Cde de Bonfim, 451. Dom, às 17h. Ingressos a Cr$ 2 mil.

A FLORESTA DO LUAR NÃO VAI ACABAR — Texto e direção de Phydias Barbosa. **Teatro Dulcina**, Rua Alcindo Guanabara, 17. Sáb. às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 2 mil 500.

BOM DIA COMADRE — Musical com texto e direção de Paulo Afonso de Lima. **Teatro do Planetário**, Rua Pe. Leonel Franca, 240. sáb e dom, às 17h. Ingressos a Cr$ 4 mil.

CAMALEÃO E AS BATATAS MÁGICAS — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Toninho Lopes. Com o grupo Ponto de Partida **Teatro Delfin**, Rua Humaitá, 275 (266-4398). Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

AS FOFOLETES — Revista musical de Brigitte Blair. Elenco infantil. **Teatro Brigitte Blair**, Rua Miguel Lemos, 51. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 4 mil.

JOÃOZINHO E MARIA NA CASA DA BRUXA — Direção de Jair Pinheiro. **Teatro Brigite Blair**, Rua Miguel Lemos, 51. sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 4 mil.

CHAPEUZINHO VERMELHO — Direção de Mauricio Barros. **Teatro Imperial**, Praia de Botafogo, 524. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

A BELA E A FERA — Adaptação de Vicentina Novelli. Direção de Claudio Gaya. **Teatro Cawell**, Rua Desembargador Isidro, 10. sáb., às 17h e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 3 mil 500.

MARIA MINHOCA — Texto de Maria Clara Machado. Direção de Bernardo Jablonski. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

VIDA DE CACHORRO — Texto de Flavio de Souza. Direção de José Lavigne. Com o grupo Manhas e Manias. **Teatro Glaucio Gill**, Pça. Cardeal Arcoverde, s/nº. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 3 mil 500. No local, a exposição O Melhor Amigo do Homem.

QUEM TEM MEDO DE BICHO-PAPÃO — Espetáculo de bonecos. Com Zé Carlos, Sônia Catarina e Ednaldo de Souza. **Sala Monteiro Lobato**, anexo ao texto Teatro Villa-Lobos, Av. Princesa Isabel, 440. Sáb. e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

ANARQUIAS E TRAVESSURAS — Texto de Gedivan. Direção de Luiz Carlos Niño. Participação de Ivan Santos. **Teatro Rival**, Rua Alvaro Alvim, 33 (240-1135). Sáb e dom, às 16h. Ingressos a Cr$ 2 mil.

ADIVINHA O QUE É — Roteiro e direção de Benjamin Santos. Com o grupo vocal e instrumental MPB4. **Teatro da Galeria**, Rua Senador Vergueiro, 93 (225-8846). Sáb e dom, às 17h. Ingressos a Cr$ 5 mil.

O DRAGÃO VERDE — Texto e direção de Maria Clara Machado. **Teatro Tablado**, Rua Lineu de Paula Machado, 795 (294-7847). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

TOMARA QUE NÃO CHOVA — Musical de Antônio Pinheiro. Com o grupo Vai Ser Bom... Não Foi?; **Teatro Glauce Rocha**, Av. Rio Branco, 179. Sáb., às 17h, e dom., às 16h. Ingressos a Cr$ 2 mil.

DITO E FEITO — Texto de Marilia Gama Monteiro. Direção de Lucia Coelho. Com o grupo Navegando. **Teatro Villa-Lobos**, Av. Princesa Isabel, 440. Sáb., às 17h30min e dom., às 17h15min. Ingressos a Cr$ 4 mil.

O PÃO DE AÇÚCAR DAS CRIANÇAS — Programação: show de variedades com os grupos Melancia, Mimo Tropical, dupla acrobática e Salamê Minguê. **Concha Verde do Morro da Urca**, Praia Vermelha (541-3737). Sábado e domingo, às 16h. Só se paga a passagem do bondinho (até o Morro da Urca, Cr$ 2 mil. Crianças de 4 a 10 anos pagam meia passagem.

BROTA BROTA SEMENTINHA — Musical com texto e direção de Sandra Autuori. **Teatro do Planetário**, Rua Pe Leonel Franca, 240. Sáb. e dom., às 15h30min. Ingressos a Cr$ 3 mil.

ATÉ QUANDO — Musical de Maria Helena Kuhner. Direção de Marco Antônio Palmeira. **Teatro Calouste Gulbenkian**, Rua Benedito Hipólito, 125, sáb e dom, às 16h30min. Ingressos a Cr$ 3 mil.

PLANETÁRIO — Programação: sáb., às 17h, **Caixinha de Brinquedos** e às 18h30min, **Até que o Sol se Apague**. Dom., às 17h, **Carrinho Feliz**, e às 18h30min, **De AKM-2 à Galáxia DX**. Av. Pe. Leonel França, 240 (274-0096). Ingressos a Cr$ 680 e Cr$ 340, crianças.

MAROQUINHAS FRU-FRU — Texto de Maria Clara Machado. Dir. de João Carlos Motta. **Teatro Ipanema**, Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Sábados às 17h. Domingos às 16h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

CHAPEUZINHO VERMELHO E AS DUAS VOVOZINHAS — Texto de Esther Marques. **Teatro do Clube Municipal**, Rua Hadocck Lobo, 359. Dom. às 10h30min. Ingressos a Cr$ 1 mil 500. **Associação Médica Fluminense**, Av. Roberto Silveira, 123. Dom., 17h30min. Ingressos a Cr$ 1 mil 200.

AS DIRETAS DO REI — Musical de Fernando Pallot. Direção de Haroldo de Oliveira. **Teatro Imperial**, Praia de Botafogo, 524. (295-0896). Sáb. e dom., às 17h. Ingressos a Cr$ 3 mil.

À MESA, COMO CONVÉM

STAMBUL

ERA segunda-feira. Dia no qual se deve ir ao cinema. Os atrasos da manhã, no entanto, tinham de tal maneira me prendido em Correas que, quando me vi perdido no meio do verão que tomava conta desta cidade, já não sabia o que fazer. Uma pilha de jornais intocados me acenava, exigindo leitura. Muito cínicos são! Pois só me contam de truques eleitorais, subgolpes, golpes de vista, coisas simiescas... Foram estas, creio, que àquela altura, me lembraram que estreava nas telas uma nova história de Tarzan.

Que grande alegria é encontrar macacos civilizados! Nas árvores africanas se comportam com um pudor, uma falta de malícia, e uma dignidade que nem de longe fazem suspeitar a decadência que, às vezes, assalta a raça. Só de pensar em passar duas horas olhando as peripécias dos nobres animais, me fazia o coração bater de ternura. Mas que fazer com a hora? Já era tarde para a primeira sessão e eu ainda não tinha almoçado. Mais grave ainda: estava com fome e a empregada nova não trouxera consigo provisões. (Seria, é certo, exigir demais da afável criatura. Mas sempre se deve ser otimista. Encarreguei-a, então, de mil tarefas desimportantes e fui procurar comida na rua.)

Dos jornais despidos de interesse, só tinha lido o horóscopo. Era bom. Tanto que, logo ao lado do cinema, achei um restaurante de ar simpático, do qual já tinha ouvido falar (Na verdade, ninguém me falara nele. Tinha lido um anúncio. Mas já é alguma coisa.)

Chama-se a casa **Stambul**, especializa-se em comida árabe e, ao que sei, ainda não fez um ano. Tem o defeito do lugar. Imagino que, em horas de afluência, deva ser coisa muito incômoda. Mas ficava ao lado dos macacos de Lord Greystoke e, ajudada pela tarde que andava pelo meio, estava vazia. Entrei. E, logo de início tive a surpresa — ah! tão rara em nossos dias e ainda mais no meio de Copacabana — de achar mesas com toalhas limpas, guardanapos brancos e garçons dedicados ao mistér de servir. Mais surpreendente ainda, seu banheiro tem água e sabão. Vendo que me seria possível esperar os macacos de Tarzan em lugar tranqüilo, limpo e comendo até, senti uma onda de alegria se espalhar por meu ser (Como vês, leitor, meus gostos são simples e minha índole, boa)

Animado pelo asseio, abri o cardápio. Dentro, as coisas de se esperar em um restaurante do gênero. Entre elas, recomendado como prato do dia, encontrei um carneiro à Stambul. Mal o pedi, chegou. Era um carneiro muito bem feito, com trechos de costelas que chegavam — em alguns pedaços — a despertar mesmo um certo entusiasmo. (Em outros pedaços, porém, eram só pelanca.) Acompanhava-o um arroz com grão de bico, compondo um conjunto que não seria de cinco estrelas, mas cumpria muito bem as funções para a qual fora convocado.

Pensando em refrescar a boca, pedi uma salada de hortelã. Vinha com cebolas e tomates. Bem dispensáveis ambos. A primeira por deixar marca quase indelével no hábito e no ser. E o segundo por consistir, nos tempos que correm, em coisa muito malsã e recheada de tóxicos. Mas a hortelã — que, na verdade, era a parte que menos ocupava lugar na sinfonia — deu uma alegria suplementar ao honesto carneiro. E, para terminar de maneira sóbria o sóbrio almoço, pedi de sobremesa uma coalhada com mel.

Lembranças da cebola, no entanto, já me atormentavam a garganta. E a perspectiva de com elas passar duas horas olhando macacos e ingleses vitorianos não era muito agradável. Entrei, então, na **Kopenhagen**, onde servem excelentes sorvetes. Consegui um crocante (E se digo que o consegui é porque, na estranha casa, pagar-se alguma coisa, ainda que com moeda de verdade, é coisa tão cercada de lentidão e má vontade que mais parece que estamos querendo devolução antecipada do imposto de renda.)

Com a alma satisfeita pude, então, entrar no Roxy. Mal cheguei, Lord Greystoke, pai, naufragou e morreu. Mas, logo, os adoráveis macacos de África se ocuparam da educação do futuro Tarzan. Felizmente o navio, no filme, soube escolher um lugar correto para afundar.

Stambul

Rua Domingos Ferreira, 221. Tel. 256-1992
Cozinha * * **Ambiente** ● ●
Ambiente — Simples, descontraído e muito limpo. Um prazer.
Serviço — Atencioso e rápido. Não sei como funcionará em hora de muito movimento mas, quando fui, estava perfeito.
Pratos recomendados — O carneiro Stambul é muito bom.
Preços — Cr$ 600,00 a Cr$ 4 mil 900,00
Horário — Aberto todos os dias para almoço e jantar.
Estacionamento — Árduo.
Convenções: Cozinha: * ruim, * * razoável, * * * boa, * * * * muito boa, * * * * * excelente. **Ambiente**: ● simples, ● ● confortável, ● ● ● muito confortável, ● ● ● ● luxo, ● ● ● ● ● muito luxo.

APICIUS

CICLO MASSAINI

UM POUCO DA HISTÓRIA DO CINEMA BRASILEIRO

Oswaldo Massaini, entre filmes sérios, comédias como *O Santo Milagroso*

A ligação de Oswaldo Massaini com o cinema começou, em termos profissionais, em 1937. Tinha então 18 anos e assumia o cargo de um funcionário burocrático da Distribuidora de Filmes Brasileiros. Hoje, tem um dos mais importantes currículos no cinema brasileiro: produziu mais de 60 filmes — entre os quais **O Pagador de Promessas**, em 1962, o único brasileiro a conquistar Palma de Ouro em Cannes. Distribuiu mais de uma centena. Seu nome abre a I Semana de Ouro do Cinema Nacional, que a TV Manchete inaugura esta terça-feira com o Ciclo Massaini, quando será exibido **O Caçador de Esmeraldas**. Na quarta-feira, é a vez de **O Marginal**, e na quinta irá ao ar **Massaini Especial** — com trechos de filmes que produziu. O Ciclo se encerra no sábado, com apresentação de **Independência Ou Morte**. Sempre às 22h15min.

Oswaldo Massaini sempre se definiu como homem integralmente ligado ao cinema brasileiro. Em 1949, fundou a Cinedistri, distribuidora e produtora de filmes, e sempre cultivou o sonho de uma indústria de cinema nacional forte, reivindicando do Governo uma lei de proteção ao similar nacional. "Necessitamos de leis efetivas de proteção e não de leis protecionistas", afirmava.

Sua atuação como produtor abrange relação das mais extensas. A primeira — **Rua Sem Sol**, de 54 — séria demais para um panorama dominado por chanchadas, não teve boa aceitação popular, apesar de ter no elenco Glauce Rocha, Modesto de Souza, Carlos Alberto marcando a estréia de Angela Maria no cinema. O fracasso serviu de estímulo a Massaini, que em seguida realizou **O Rei do Movimento**, com o qual recuperou o dinheiro perdido e prosseguiu na atividade. **Depois Eu Conto, Absolutamente Certo, O Barbeiro que se Vira, A Baronesa Transviada, Com Jeito Vai, Dona Xepa, Cala a Boca Etelvina, É de Chuá, Maria 38** estão entre algumas das produções de Massaini, a maioria com grande sucesso de público. Seguiram-se **Moral Em Concordata, O Santo Milagroso** e a linha do cangaço, com **Lampião Rei do Cangaço, Cangaceiros de Lampião, Maria Bonita, Rainha do Cangaço**, entre outros. E como maior vitória está a premiação de **O Pagador de Promessas**, em Cannes.

Com Eliane Macedo e o Trio Irakitan, no tempo das chanchadas

Os anos 70 trouxeram nova modificação ao currículo do produtor. Começou a pensar em filmes históricos, e inaugurou a safra com **Independência ou Morte** (uma das raízes de **A Marquesa de Santos**, da Rede Manchete), realizado em 1972, e intencionalmente romântico. Com direção de Carlos Coimbra, tem no elenco Glória Menezes e Tarcísio Meira (dupla de maior sucesso na televisão na época), além de Anselmo Duarte e Kate Hansen. Foi enorme êxito de bilheteria: quase 3 milhões de espectadores.

Dois anos depois, Massaini produziu **O Marginal**, direção de Carlos Manga, novamente com Tarcísio Meira, ao lado de Darlene Glória, em trama social: a história de um homem vítima de seu meio-ambiente. Vera Gimenez, Edney Giovenazzi e Anselmo Duarte completam o elenco.

Recebendo com Anselmo Duarte a Palma de Ouro em Cannes

O Caçador de Esmeraldas (1978) foi talvez o projeto mais ambicioso de Massaini, novamente na trilha histórica. Ressaltando o aspecto romântico e aventureiro dos bandeirantes, em uma superprodução ao custo (altíssimo para a época) de Cr$ 10 milhões, contou a epopéia de Fernão Dias Paes à procura de esmeraldas. No elenco, Jofre Soares, Glória Menezes, Roberto Bonfim, Tarcísio Meira, com direção de Osvaldo Vieira. Pela primeira vez, o cinema brasileiro colocava 500 figurantes em cena para ilustrar a aventura ambientada no século XVII. Sobre o aspecto romântico de seus filmes históricos, Massaini declarou na época da realização de **O Caçador de Esmeraldas**:

— O público brasileiro é patriótico e nacionalista e se interessa por um trabalho histórico bem feito, tratado com honestidade. O cineasta não é um historiador, mas um profissional que escolhe um tema que possa interessar o público.

SUSANA SCHILD

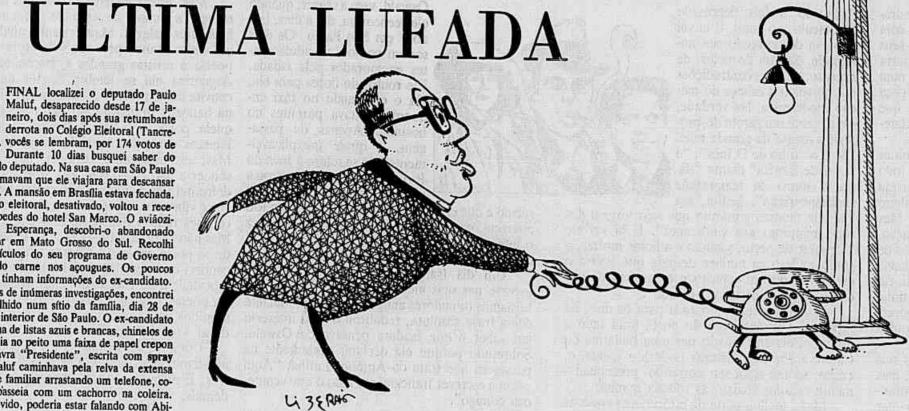
CARLOS EDUARDO NOVAES

A ÚLTIMA LUFADA

AFINAL localizei o deputado Paulo Maluf, desaparecido desde 17 de janeiro, dois dias após sua retumbante derrota no Colégio Eleitoral (Tancredo venceu, vocês se lembram, por 174 votos de diferença). Durante 10 dias busquei saber do paradeiro do deputado. Na sua casa em São Paulo todos informavam que ele viajara para descansar no exterior. A mansão em Brasília estava fechada. O escritório eleitoral, desativado, voltou a receber os hóspedes do hotel San Marco. O aviãozinho Brasil Esperança, descobri-o abandonado num hangar em Mato Grosso do Sul. Recolhi alguns fascículos do seu programa de Governo embrulhando carne nos açougues. Os poucos amigos não tinham informações do ex-candidato.

Depois de inúmeras investigações, encontrei Maluf recolhido num sítio da família, dia 28 de janeiro, no interior de São Paulo. O ex-candidato vestia pijama de listas azuis e brancas, chinelos de dedo e exibia no peito uma faixa de papel crepon com a palavra "Presidente", escrita com **spray** marron. Maluf caminhava pela relva da extensa propriedade familiar arrastando um telefone, como quem passeia com um cachorro na coleira. Fone no ouvido, poderia estar falando com Abi-Ackel, se o fio do aparelho não estivesse solto na grama. Acompanhando-o à distância, dois cidadãos vestidos de branco, contratados pela família.

Maluf começou a apresentar os primeiros sinais de, digamos, perturbação de espírito, na segunda quinzena de outubro de 84. Logo após a escolha dos delegados estaduais. Feitas as contas, Tancredo abria uma frente de 60 votos. Não é que no dia seguinte Maluf foi aos jornais anunciar que "aumentara sua vantagem sobre o opositor?" Seus seguidores, abatidos com os números, entenderam o anúncio como uma necessidade de passar a impressão de confiança e otimismo à opinião pública. Mais tarde, no comitê, os amigos — e só os amigos — chamaram o candidato a um canto, para que, longe da imprensa, ele revelasse os verdadeiros números.

— Bem — disse Maluf com um estranho brilho no olhar — antes da escolha dos delegados estaduais, minha frente era de 74 votos. Agora é de 96!

Os amigos se entreolharam, apreensivos. Lomanto Jr, um dos pés da Mesa do Senado, teve vontade de botar a mão na testa do candidato.

Maluf parou debaixo de uma frondosa jaqueira. Telefone em punho, falava sem parar. Vez por outra, um dos enfermeiros se adiantava para tentar saber se o candidato dizia ao telefone algo que fizesse sentido. Afastava-se abanando a cabeça e fazendo o tradicional gesto do polegar para baixo. Quando me aproximei, Maluf bateu o telefone e anunciou:

— Vencerei por 96 votos de diferença! Noventa e seis! Está tudo anotado. — Começou a remexer os bolsos do pijama, retirando um monte de papéis amassados. — Os delegados do Ceará estão comigo! Os do Piauí também... fora centenas de votos que terei na Oposição. Mas não pense que eu vou dizer os nomes, espertinho...

O enfermeiro, à distância, fez um gesto para mim: rodou o indicador sobre o parietal, como que alertando para os problemas do candidato. Desnecessário o aviso. Maluf tornou a botar o fone no ouvido e, sem discar, tornou a falar:

— Golbery? Você tem razão: os governadores não são importantes. Você é um sábio, Golbery! Agradeça ao Heitor pelo seu bom trabalho. Creio que poderei botar mais de 100 votos de frente.

As suspeitas sobre o desequilíbrio do ex-candidato aumentaram na última semana de outubro. O deputado Arbage, malufista desde criancinha, declarou que "a eleição está perdida". Dia seguinte, Maluf disse aos jornais que Arbage não tinha dito nada. "Telefonei para o deputado" — palavras do Maluf — "e ele negou que tivesse dado tais declarações à imprensa". Arbage ficou boquiaberto: não recebera nenhum telefonema de Maluf, como afirmou aos jornais. Mais tarde, no comitê, Arbage cobrou de Maluf:

— Chefe, o senhor não me telefonou!

— Claro que telefonei — respondeu o candidato fazendo as contas da sua vitória. — Você é que não se lembra.

Os amigos se entreolharam mais apreensivos ainda. Talvez devêssemos levá-lo ao médico, vaticinou Lenoir Vargas, outro pé da Mesa do Senado.

Fiquei fingindo ouvir Maluf falando do seu programa de Governo. Doze dias depois de sua derrota, continuava certo da vitória. Perdera completamente a noção de tempo. Seus delírios de grandeza levaram-no a um total desvario. Enfim não era um caso único na História: a ambição e a sede de poder já enlouqueceram muitas figuras ilustres. Maluf começou a falar de Tancredo. Exaltou-se:

— Ele está fugindo do debate. Fugindo, entendeu bem? Tancredo foge como um coelho assustado!

— Mas deputado... vocês já fizeram o debate.

— Já fizemos? Como ninguém me disse nada? Segurança! — gritou para os enfermeiros. — Ligue para minha assessoria! Preciso saber quando será o segundo debate.

— Não vai ter outro debate — falei com jeito. — Já houve a eleição e o senhor perdeu.

Maluf suspendeu o sobrolho por trás dos óculos:

— Eu perdi? Eu? — olhou para os "seguranças" — Aí... tá dizendo que eu perdi. Vocês da imprensa estão sempre equivocados. Você é meu convidado para subir a rampa... a rampa... cadê a rampa?

Os enfermeiros se apressaram em colocar aos pés de Maluf uma pequena e tosca rampa de madeira. Maluf ajeitou a faixa, esticou o paletó do pijama e solene botou um pé na rampa. Babava de alegria.

A confirmação de que algo precisava ser feito veio no jantar que Maluf ofereceu em sua mansão para 50 amigos e seguidores. Havia um clima de velório aguardando a chegada do candidato. Impossível não perceber que o barco afundava: Tancredo saía com 60 votos de frente, tinha o apoio do povo e de 20 dos 23 governadores. Pois, pouco antes do jantar ir para a mesa, Maluf entrou triunfal, parou no meio da sala e gritou:

— Amigos, tenho algo a dizer-lhes: a vitória está assegurada!

Os amigos se entreolharam na mais absoluta apreensão. Raymundo Parente, o terceiro pé da Mesa do Senado, não tinha mais dúvidas de que seu candidato precisava ser internado.

Daí para frente vocês conhecem a história. As atitudes e declarações foram se tornando cada vez mais desequilibradas. Mesmo assim, protegido pelos amigos, Maluf chegou a disputar a eleição de 15 de janeiro. Dois dias depois, discretamente, foi levado para o sítio da família. Conta um dos seus melhores amigos que a intenção era "interná-lo já, dia 31 de outubro, quando Maluf pirou de vez". Declarou aos jornais que ele, Maluf, era o candidato dissidente, e Tancredo, o candidato do continuismo.

Waldir Amaral, a locução esportiva em busca de uma linguagem nova

COM OS OUVINTES DA RÁDIO JB, O FUTEBOL SEGUNDO WALDIR AMARAL

DOMINGO próximo, quando o esquadrão rubro-negro adentrar o tapete verde do Maracanã para o embate com os mulatinhos rosados de Moça Bonita, o futebol, essa caixinha de surpresas, terá mais uma vez ao seu lado a voz de Waldir Amaral, estreando na RÁDIO JORNAL DO BRASIL. É uma profissão peculiar, e entre outras dificuldades ela expõe o locutor a uma hora e meia de fala incessante. Para encher o máximo de tempo, ele inventa aquelas expressões delirantes — todas fora do repertório moderno de Waldir.

— Aqui em Estocolmo procuro Nacka Skoglund, o deus louro dos estádios escandinavos, e encontro o negro Djalma Santos, velho lobo de outras batalhas — foi como Oduvaldo Cozzi narrou na Copa de 58 a vitória do lateral brasileiro sobre o sueco. É preciso ser vibrante, passar para o ouvinte em casa, com palavras, a emoção em campo. Como Jorge Curi, outro mestre das transmissões esportivas, que narrou assim uma defesa:

— Voa o goleiro Otávio como um leão e agarra o balão de couro — vibrou. Achou algo estranho; no entanto, fez uma pausa e refez: — Pensando bem, senhores ouvintes, leão não voa. Otávio, grande **keeper**, voou como um gato.

Não há gravação para salvar o locutor de seus erros, um conforto que hoje alcança quase toda a programação de rádio. O jogo está quente, há uma torcida enlouquecida atrás e é preciso ficar atento ao lance. Qualquer descuido e entra-se para o folclore das transmissões. Como Antonio Cordeiro, "o locutor cronista" da Rádio Nacional:

— Um lance sensacional, amigos ouvintes! Mas a bola, chutada com muita malícia, passou raspando a trave e bateu na rede pelo lado de fora, dando ao público a nítida impressão de gol — narrou. E, dirigindo-se ao repórter volante, pediu: — Como você viu o lance?

— Desculpe, Cordeiro, mas a bola entrou.

— Como? Entrou?

— Sim, Cordeiro, entrou.

— Bem, se entrou, gritemos: Goooooooooooooooooollllllll!!!!!

Locutor e repórter de campo — essa dupla nem sempre fez pelo éter as tabelinhas perfeitas de Pelé e Coutinho em campo. Trombam-se espetacularmente desde que Oduvaldo Cozzi criou, para lhe dar um descanso na narração, o repórter, ou **ponta**, com as informações lá debaixo. Mario Tereré foi um desses seus pontas pioneiros e levou aos radiouvintes aficcionados do esporte bretão diálogos desse jaez:

Cozzi :— Noite propícia para a prática do futebol, caindo sobre o Maracanã um aconchegante e típico **fog** londrino.

Tereré interrompendo : — Posso te informar Cozzi que eu já apurei e não é **fog**, não. É a fumacinha da locomotiva que passa aqui ao lado.

A mais clássica história de falta de sintonia entre locutor e repórter foi a vivida por Edson Leite e seu ponta Ethel Rodrigues. À noite, o locutor não enxergava bem e quem lhe socorria era Ethel. Uma noite brigaram. E um gol do Santos saiu assim:

— Gol do Santos, Pelé...

Ethel, mudo, fez apenas com a cabeça que não.

— Gol do Santos, Coutinho... — corrigiu.

O repórter fez novamente que não.

— Gol do Santos, Mengálvio.

Mais uma vez não.

— Gol do Santos, Dorval.

Ethel confirmou com a cabeça. E Edson Leite não se deu por vencido.

— Gol de Dorval, com a colaboração de todo o ataque santista.

O folclore é imenso e tanto arrola um locutor que é gago, Antonio Carlos Rezende, como a pompa inglesa de Orlando Batista. Num jogo, após ouvir um repórter que dissera "o pessoal foram", Orlando informou a sua platéia:

— Queria que todos soubessem que esse não é o meu filho (ele tem um filho repórter). A notícia está correta, mas a concordância, pelo amor de Deus...

Além dos pontas, há outros perigos rondando a vida dos locutores. Jorge Curi desmaiou no primeiro tempo de uma transmissão da Copa da Inglaterra (havia comido demais no almoço e com os olhos muito fixos no campo sofreu um colapso). Outra vez, no Paraguai, o próprio Jorge viu sua voz ser substituída pela do Presidente Strossner, que pedia de volta os transmissores do Exército paraguaio emprestados para a transmissão.

— **El general quiere hablar con su hija Encarnación.**

E tomou a linha para ele, encerrando a transmissão.

Locutores esportivos têm uma vida semelhante à de caixeiro viajante, toda hora em avião, cruzando continentes às vezes atrás de times nem muito importantes. Numa dessas correrias Braga Jr., de São Paulo, transmitiu da Europa Barcelona x Milan justo num dia em que os times apareceram em campo sem seus uniformes tradicionais (azul e vermelho o Barcelona, preto e vermelho o Milan). O Barcelona jogou de azul apenas e o Milan, de vermelho. Isso confundiu Braga, que transmitiu o jogo inteiro com os times trocados. Acontece. Ari Barroso morreu sem saber que foi Jorge e não Calazans, como narrou, o autor do gol que deu o campeonato de 1960 ao América.

Hoje, recorrendo aos enfeites sonoros que dão às transmissões um ar de grande **show**, os locutores têm uma enorme equipe a ajudá-los com informações de todo o estádio. Já não precisam de malabarismos como o de Luís Mendes, tempos atrás, que, para dar mais cor a um lance, narrou:

— A pelota, que levava um efeito insidioso, acabou se perdendo numa terra desabitada por ninguém.

Sentados confortavelmente nas cabines refrigeradas do Maracanã, locutores como Valdir Amaral se afastam cada vez mais dessa linguagem prolixa, complicada. O que impressiona na conquista do Ibope é a quantidade de informações, mesmo que para isso se precise recorrer ao folclórico Mário Vianna, comentarista de arbitragens e capaz de informar, voz exaltada, que "só duas aves morrem de véspera: o peru e o porco". A nova escola quer ser enxuta e acha muita graça quando sabe que um dia o locutor paulista Mauro Pinheiro assim censurou a enorme **derrière** do jogador Edu, do Santos:

— Também, como Edu pode correr com essa protuberância anal?

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

OSWALDO CRUZ

A HOMENAGEM AO SANITARISTA QUE ENFURECEU OS CARIOCAS

SERÁ apresentada à comunidade científica amanhã, no Instituto Oswaldo Cruz, em cerimônia conjunta com o Banco Central, a cédula nova de Cr$ 50 mil, que homenageia o responsável pelo saneamento da Cidade do Rio de Janeiro, cujas campanhas sanitárias, para erradicar doenças como a febre amarela e a varíola, despertaram contra ele forte animosidade.

A implantação da vacina obrigatória contra a varíola provocou mesmo um movimento popular, a "Revolta da vacina", acontecimento que completa este mês 80 anos. General-mata-mosquito, para os mais brandos, Oswaldo o Cru, ou Oswaldo o Rato, para os mais acirrados, foram alguns dos epítetos lançados ao sanitarista, quando à frente da Diretoria-Geral da Saúde Pública levava a cabo sua política sanitária. Ao mesmo tempo as páginas dos jornais e revistas publicavam, quase diariamente, charges dos mais talentosos humoristas ridicularizando o trabalho de Oswaldo Cruz.

A reação era ao que consideravam medidas autocráticas, o chamado "código das torturas", como a entrada nas residências da polícia sanitária para extinguir os focos de mosquitos — alegava-se o preceito constitucional da inviolabilidade do domicílio — a notificação compulsória dos portadores de doenças como a febre amarela, e sobretudo, a mais impopular de todas, a vacinação obrigatória contra a varíola.

Esta última levou às ruas, de 5 a 15 de novembro de 1904, todos os descontentes. No caso, os positivitas, que consideravam que como o indivíduo tinha o corpo puro, a vacina, derivada do pus da vaca, ao ser inoculada na pessoa estaria atentando contra a Criação. E o povo em geral, que associava a vacina às demolições promovidas por Pereira Passos, em seu trabalho de reurbanização da cidade, ou se rebelava contra o que considerava uma violão do lar, e neste protesto tinha em Rui Barbosa (que está na nota de Cr$ 10 mil), um de seus defensores. Ainda os militares, que viam em Rodrigues Alves, antigo senador do Império — a República vinha de completar 15 anos — uma ameaça de volta ao regime monárquico.

Na ocasião a população desceu do bairro da Saúde, promoveu um quebra-quebra, incendiou bondes, chegou a deixar inteiramente sem luz toda a cidade. Depois, foram à casa de Oswaldo Cruz, apedrejando-a. A revolta foi reprimida, com a prisão de 12 militares, que foram exilados, um saldo de três mortes e a detenção de pessoas como Lauro Sodré.

A cerimônia de amanhã constará, além dos discursos de praxe (do diretor do Instituto Oswaldo Cruz, Guillardo Martins Alves, e do presidente em exercício do Banco Central, José Luiz Miranda), de um concerto de Camerata Carioca, e de uma exposição de fotografias e algumas charges sobre a vida de Oswaldo Cruz, girando em torno do episódio da "Revolta da vacina".

A Camerata Carioca interpretará músicas do Século XIX e do início do século XX, de autores como Joaquim Antônio Calado, Ernesto Nazareth e Pixinguinha. Haverá um total de 16 painéis, dois deles de charges da época.

Neles se pode ver desenhos dos artistas como Raul Pederneiras, Benedito Calixto, J. Carlos, Cordeiro Leônidas, A. Rodi, em que Oswaldo Cruz é quase sempre ridicularizado. Ora apresentado com aparência de mosquito, ora de rato, ou mesmo de gato, e encarnando um dos autocratas mais intransigentes que já existiram sobre a Terra.

O rato — pelo qual em plena campanha contra a peste bubônica as autoridades sanitárias pagavam um tostão a unidade (já se sabia então que era um dos seus principais transmissores) — foi objeto até mesmo de uma modinha de carnaval, O Rato, ("a ratoeira que te persiga, e consiga, satisfazer teu ideal"). Oswaldo Cruz não foi poupado sequer pelo humor de Bastos Tigre, que lhe dedicou seus "versos perversos".

Mas a partir de 1907 esta situação de repúdio se modificou, face à repercussão internacional do trabalho do sanitarista que ganhou naquele ano o primeiro prêmio da Exposição Internacional de Higiene e Demografia, em Berlim.

Como uma primeira mostra deste reconhecimento, o então Instituto de Patologia Experimental, a monumental construção em estilo mourisco implantada à margem da Avenida Brasil, cujo primeiro traçado foi de sua autoria, teve o nome mudado para Instituto Oswaldo Cruz. Reconhecimento este que, embora mais restrito à comunidade científica, ficou evidenciado quando Oswaldo Cruz foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Hoje, 80 anos depois que a vacinação obrigatória provocou uma revolta popular, o Instituto Oswaldo Cruz, que se multiplicou em vários prédios e diferentes atividades científicas, tem uma produção (e venda) de vacinas que este ano atingiu a cifra de 24 milhões 150 mil unidades. Aí incluídas as vacinas contra a febre amarela (9 milhões 236 mil), sarampo (13 milhões 490 mil), meningite (1 milhão 357 mil 500) e cólera (65 mil 280).

E ainda produz vacinas contra a raiva, a vacina tríplice (tétano, coqueluche e difteria), a BCG, o toxóide tetânico e o soro antitetânico. Quanto à vacina contra a poliomelite, é a última a ter sua etapa final produzida no Brasil.

— Estamos desdobrando o concentrado vital da vacina contra a poliomelite, recebido do exterior. O que representa uma operação de diluição, mistura dos pólio vírus 1, 2, e 3, e envasamento — diz o diretor da Fiocruz (Fundação Instituto Oswaldo Cruz), nome que tem hoje aquela casa.

Falta ainda a produção do concentrado, que é feita a partir de culturas de células de rins de macacos. Como a espécie utilizada não existe no Brasil, está sendo articulada sua compra na Ásia ou África.

MARIA HELENA GOMES DE ALMEIDA

Os chargistas dos jornais cariocas não perdoavam Oswaldo Cruz, apoiando a população que em 1904 saiu às ruas para combater a vacina obrigatória contra a varíola

Affonso Romano de Sant'Anna

Isadora e João do Rio, em vez de Oswald

EM seu livro de memórias, Oswald de Andrade não só conta seu jantar íntimo com Isadora Duncan num hotel de São Paulo e seus passeios de carro pela cidade, mas também narra como ela dançou quase nua para ele num crepúsculo de Osasco. E é esse o tema da peça de Agnaldo Silva — "Isadora/Oswald", que ainda não vi, mas que verei para tentar esclarecer um enigma que me persegue há anos.

Desde que eu li o episódio no livro **Sob as Ordens de Mamãe** (1954), fiquei, como todo provinciano, adolescentemente morto de inveja daquela cena romântica entre o poeta brasileiro e uma das inventoras da dança moderna. Mas estava ainda naquela fantasiosa admiração, quando me veio às mãos o livro de memórias de Isadora Duncan. Já que o acontecido havia marcado tão fundamente a vida de Oswald, fui verificar no livro da bailarina, como o fato tinha ficado em sua memória. Talvez quisesse gozar, agora através do imaginário feminino, o outro lado da cena que me fascinava.

Com efeito, Oswald lhe dedica umas seis páginas. Narra que já a havia visto no Rio, mas em São Paulo o relacionamento foi mais profundo, porque ela o convidou para um jantar reservado, a dois, depois do espetáculo, no hotel. E lá vai o poeta descrevendo sua ansiedade. Saltam do texto, de repente, todas as contradições que povoam a cabeça do macho modernista. Na verdade, ele se sente um garoto desprotegido diante da grande mãe. Ele é o "filho de D.Inês", "o rapaz de família" diante "daquele sopro de tempestade shakespeariana". Enfim, era "aquele menino gordinho que saiu virgem das saias maternas aos vinte anos". E lá vai ele "afrontar de perto, sozinho e a horas mortas, o gênio andejo da mulher despida que levara o escândalo de seu espírito e o fascínio de sua carne às cinco partes do mundo".

Durante a ceia preparada para os dois, de repente, o inconsciente do poeta bota tudo a perder. Pois apaixonado por uma bailarina do Catete acaba por misturar Isadora e Landa, e, enfim, só lhe resta sair correndo, precepitadamente escadas abaixo, às três da manhã.

Mas a melhor parte da estória, na versão de Oswald, vem a seguir, quando ele reencontra, daí a dias, Isadora em São Paulo. Os dois saíram como dois adolescentes enamorados pela cidade. Ele roubando flores para ela, ela o esperando no táxi enquanto visitava parentes no hospital. Apenas de passagem, e quase inexplicavelmente, ele se refere a João do Rio, um escritor que marcou a vida do país no princípio do século e que era um dândi sedutor. "João do Rio aparecia, gordo, careca e elegante. Ela uma vez o interpelou sobre sua conhecida pederastia. E ele respondeu: — **Je suis très corrompu.**

Um dia Isadora parte. E Oswald estão escreve nas suas memórias: "Isadora e eu nos tornamos os maiores amigos do mundo." Diante dessa frase absoluta, redobrou o meu interesse em saber o que Isadora pensava de Oswald. Sobretudo porque ela declara, exatamente na passagem que trata da América Latina: "Aqui estou a escrever francamente tudo o que aconteceu comigo".

Mas, estranhamente, não existe uma única menção a Oswald de Andrade. Nem uma linha. Nem uma palavra. Mais estranho ainda porque ela vinha citando pela sua vida afora inúmeros poetas e artistas grandes e desconhecidos. Da Argentina ela se lembra de ter dançado, a convite dos estudantes, o hino nacional enrolada na bandeira dramatizando assim as agruras daquele povo. Da Bahia, lembra-se tanto dos hibiscos vermelhos quando da mistura racial. Mas, estranhamente também, não se refere sequer a São Paulo. Do Rio, sim: "Aí também defrontei um daqueles públicos inteligentes, vivos e vibrantes, que permitem aos artistas oferecer-lhes tudo o que de melhor trazem em si.". Mas não há referência a Oswald. Ao contrário, o único poeta que cita é o nosso João do Rio: "Aí conheci o poeta João do Rio, muito querido da mocidade e do Rio, onde, aliás, todos parecem ser poetas. Quando passeávamos juntos, éramos seguidos pela rapaziada, que gritava: Viva Isadora! Viva João do Rio !".

Como se vê, estranhas são as lembranças e não-lembranças que nos deixamos uns nos outros. E ninguém decide o que significa para os demais.

Cecília Meireles

A reinvenção da vida na obra de uma artista maior

Na próxima quarta-feira, dia 7, Cecília Meireles estaria fazendo 83 anos. Na sexta, dia 9, completam-se 20 anos de sua morte. As comemorações são poucas. A Nova Fronteira lança, na quarta-feira mesmo, na Casa de Rui Barbosa, o livro **As Mil e uma Noites**, ilustrado com trabalhos de Fernando Correa Dias, pai da grande poeta. No mesmo dia, no auditório da TV Manchete, serão entregues os prêmios aos vencedores da Maratona Cecília Meireles, da qual participaram estudantes de todos os colégios do Rio. Mas, se as comemorações são poucas, muitas são as lembranças. Artista maior, mais lida hoje do que há 20 anos, Cecília alcançou a glória fazendo poesia sobre a História. E criando uma obra que é permanente lição de vida.

Cecília Meireles, a lição da mulher e da poeta, hoje mais lida do que há 20 anos

Para Cecília Meireles, que viveu a escutar o "galope certeiro dos dias", há 20 anos o mistério do tempo deixou de ser fonte de angústia e motivo de inquietação. Em 9 de novembro de 1964, dois dias depois de completar 63 anos, ela passou à eternidade, no duplo sentido em que esta palavra costuma ser empregada.

Talvez seja mais apropriado dizer que ela conquistou a eternidade, aqui também nas duas acepções do termo. De um lado, através de um elevado exercício poético, inseparável do exercício de viver, ela encontrou pelo menos algumas respostas aos seus desafios interiores: como fazer da brevidade da vida uma duração? como obter a serenidade?.

De que Cecília alcançou o apaziguamento, dão-nos testemunho dois versos escritos pouco antes de morrer, nos quais se encerra uma profunda lição de sabedoria: "Somos sempre um pouco menos do que pensávamos./Raramente um pouco mais".

Mas ela não travou o seu duelo apenas tornando-se sábia. Foi à luta escudada em um grande talento e usando como arma um refinado conhecimento das técnicas de sua arte. O resultado, como comprova o apreço dos leitores, foi a preservação da sua obra para além das contingências.

Não necessitamos de outros documentos além dos seus próprios poemas para percebermos o quanto foi difícil a Cecília Meireles alcançar um estado interior que se traduzisse, na vida externa, por uma atitude serena em face do tempo que "vai tão depressa". De outro lado, o registro da sua carreira de autora é por demais eloqüente quanto aos obstáculos que ela teve de superar antes de ser reconhecida como uma das mais altas vozes da moderna poesia brasileira.

• • •

Nascida no Rio em 1901, Cecília estreou aos 18 anos, logo depois de formar-se professora, com a coletânea de poemas **Espectros**, à qual se seguiram, no decorrer da década de 20, **Nunca mais e Poema dos poemas** e **Baladas para El-Rei**. Esses livros foram ignorados ou menosprezados pelos raros críticos que deles se ocuparam. A **Pequena História da Literatura Brasileira**, de Ronald de Carvalho, não menciona Cecília em sua última edição revista e ampliada pelo autor, datada de 1935. João Ribeiro e Agripino Grieco, que pontificavam em seus rodapés, foram incapazes de entrever a grande poetisa que emergia lentamente daqueles naturais nevoeiros juvenis.

Até meados dos anos 30, Cecília só despertou o interesse de Andrade Muricy, certamente por sua afinidade simbolista; e o de alguns críticos portugueses, estes sim, atentos à densidade da sua introspecção. Mas era muito pouco para que ela saísse da obscuridade.

Fazia-se silêncio porque Cecília cometia a temeridade de viajar contra a corrente estética e a visão social predominantes naqueles agitados anos. Começara parnasiana, numa hora em que o parnasianismo agonizava. Derivara para o neo-simbolismo justamente quando se espraiava a onda do modernismo. Pelo início dos 30, a sua poesia estava uma vez mais mudando, e agora não apenas de tom, mas para que isso fosse percebido seria necessário um pequeno terremoto.

O livro que marcou essa virada chamava-se **Viagem** e o terremoto ocorreria no chão bem sedimentado da Academia Brasileira de Letras. Candidato ao prêmio de poesia de 1938, **Viagem** provocou tumulto no processo de escolha do vencedor. Encontrou, porém, um crítico lúcido e um defensor decidido em Cassiano Ricardo, que praticamente garantiu a sua premiação. E que num texto histórico mostrou, entre outras coisas, o quanto era insustentável a acusação de falta de "brasilidade" na poesia de Cecília Meireles, lançada por Grieco e até então aceita sem maiores considerações.

Numa frase que atingia ao mesmo tempo vários alvos, observou então Cassiano: "A primeira condição para que um poeta seja brasileiro é... ser poeta, e não simplesmente rimador de palavras indigenistas."

A polêmica e a premiação significaram, enfim, o reconhecimento de Cecília no plano nacional. A consagração definitiva viria em 1953 com o **Romanceiro da Inconfidência**, que entre outros efeitos teria o de aplacar a exigência, sempre tão presente na vida cultural brasileira, de uma explícita disposição do artista para tratar dos problemas sociais.

• • •

Temos pouco como saber se os silêncios, desconfianças e expectativas da crítica e do público, antes e depois do **Romanceiro**, eram motivo de preocupação para Cecília Meireles. Provavelmente, não. O que a obra ceciliana evidencia é que ela reservou, sempre, o melhor das energias de que dispunha à solução dos seus conflitos interiores. À aquisição de uma voz própria e à descoberta de respostas a tudo que a inquietava.

Curiosamente, a essa voz intransferível ela chegou não aderindo à dicção modernista, mas voltando-se para a tradição barroca. Foi esta que melhor lhe permitiu expressar a angústia ante a fuga do tempo, que nela não era apenas uma postura literária, mas uma questão vital.

Percebe-se, porém, que a partir de certo momento a identificação pura e simples com essa tradição — e a visão de mundo que dela resulta — já não satisfazia inteiramente a poetisa. E será a descoberta de outra tradição o que lhe abriria caminho para uma atitude mais aberta em face da existência — a descoberta dos antepassados portugueses e sua vocação para a epopéia marítima.

Graças a admiração e a identificação com os rudes avós marinheiros ("meu sangue entende-se com essas vozes poderosas"), Cecília desprende-se da melancolia ("livrando o corpo da lição frágil da areia") e adquire "disciplina humana para a empresa da vida". Nem por isso, entretanto, abandonará suas antigas obsessões; apenas o exemplo de "solidão robusta" dos antepassados leva-a a sentir que o tempo, sendo fugaz, pode ser também "inteiriço".

Essa mudança de ótica pode ser detectada, por exemplo, no poema sobre o lenço de Marília. O poema começa insistindo na tecla medieval do **ubi sunt**: "Onde está Marília, a bela?/ E Dirceu, com a lira e o gado?" O próprio fato de o lenço existir, porém, acaba por se apresentar como um indício de que algo dos sentimentos e ações humanas pode perdurar. E assim, o poema fecha-se com uma interrogação que carrega em si uma resposta: "Que amores como este lenço/têm durado,/se este mesmo está durando/ mais que o amor representado?"

Dependerá tal duração das dimensões que os protagonistas foram capazes de dar aos seus sentimentos e ações? Talvez sim, pelo menos em certa medida — é o que sugere o **Romanceiro da Inconfidência**, longo poema em que Cecília, assumindo a voz de um rapsodo, reconstitui a aventura dos revolucionários de Vila Rica e a própria vida nas Minas à época do ouro.

Mesmo assim, a autora não é inteiramente afirmativa quanto a uma relação de causa e efeito entre as ações e a duração. A sua abordagem leva a resultados ambíguos. Os mortos serão realmente mortos; a "tanta coisa" que o rapsodo investiga no preâmbulo do **Romanceiro** ("Cenário") é afinal de contas "nada". O passado, em si, não contém o futuro. Os mortos não têm existência própria. Só ganham vida se forem objeto de uma reinvenção, sem a qual, disse Cecília uma vez, a vida não é possível.

O **Romanceiro**, pois, apesar de conter uma resposta "positiva" à angústia do tempo, não faz nenhuma concessão à utopia romântica. Admitindo, talvez, o que Haroldo Bruno chamou de "uma projeção intemporal do ideário humano", a Cecília do **Romanceiro** permaneceu pessimista em sua concepção da História, uma concepção shakespeareana, portanto ainda barroca. Leiam-se, a propósito, estes versos do Romance XLVIII: "Grandes jogos são jogados/entre a terra e o firmamento-/.../Batem as cartas na mesa,/na curva mesa da terra./Partida sobre partida,/perde-se renome ou vida:/mas a perdição é certa".

Também o poema sobre a morte de Gandhi está dominando por igual pessimismo. E é o próprio Deus que o expressa, nas palavras com que acolhe o Mahatma assassinado: "Os homens são uns brutos, meu filho./Basta de canseiras. Vamos soltá-los para que voltem ao caos, e o oceano ferva./E partam, e regressem, e tornem a partir e regressar".

Cecília alcançou a glória fazendo poesia sobre a História. Mas nunca se mostrou convencida de que a História fosse uma linha que vai do Éden ao Éden, com alguns desvios pelo meio. Para ela, a História era uma infinita sucessão de canseiras e erros, que ninguém sabe aonde leva. Uma concepção que, é fácil de ver, levava ao desespero. E que a obrigara, como na questão do tempo, complementá-la com algo que evitasse a destruição. Esse algo, no seu caso, foi a sabedoria de ver os desastres não como simples desastres, mas como tentativas. Como reinvenções da vida, destinadas a torná-la possível. E eventualmente a permitir ao homem uma vitória nas escaramuças com a morte.

MARIO PONTES

A poeta e sua obra

CECÍLIA Meireles publicou cerca de duas dezenas de livros de poesia, não contando as antologias e o volume reunindo toda a sua **Obra poética**, editado pela Aguilar em 1958. Mas, além de poesia, sua bibliografia inclui três volumes de prosas dispersas e dois de crônicas, um de ficção para crianças e três de cunho didático. Cecília escreveu para vários jornais e revistas brasileiros e estrangeiros e traduziu uma dezena de livros, entre os quais um romance de Virginia Woolf, uma peça de García Lorca e coletâneas de poemas de Rilke e Rabindranath Tagore.

Professora, organizadora da primeira biblioteca infantil do Rio, conferencista no Brasil e no exterior, Cecília Meireles foi casada pela primeira vez com o pintor português Fernando Correia Dias, de quem teve três filhas; enviuvando em 1935, casou cinco anos mais tarde com o professor Heitor Grillo. Interessou-se também pelo folclore e, entre as muitas homenagens que recebeu, conta o título de doutor **honoris causa** pela Universidade de Déli, na Índia. A Academia Brasileira de Letras premiou-a duas vezes, uma **post mortem**.

JORNAL DO BRASIL/ESPECIAL

Rio de Janeiro — Domingo, 4 de novembro de 1984

Para além das eleições

EQUÍVOCOS

— O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil?

ESTA pergunta normalmente é feita sem qualquer qualificação, o que torna impossível dar a ela uma resposta sensata. Se o então Ministro Juracy Magalhães disse ou não disse a frase, é irrelevante. Em política vale a versão, mas como o que está em jogo não é a figura política do ex-Ministro, vamos tentar desagregar a frase para ver se é possível formar um juízo razoável do que nos espera nos próximos anos em matéria de relacionamento Brasil-Estados Unidos, considerando especialmente a altamente provável reeleição de Reagan.

As primeiras subperguntas a serem feitas são: Será que existe uma "bondade" universal no relacionamento entre os países? Será que o que é bom da política norte-americana para o Brasil também é bom para a Costa Rica, para as ilhas Fiji, ou para a Alemanha Ocidental? Certamente não. Políticas que favorecem uns países em muitas situações são altamente desfavoráveis ou mesmo prejudiciais para outros.

As coisas, entretanto, não param aí: mesmo no que diz respeito a um país como o Brasil existem conseqüências mais favoráveis e menos favoráveis resultantes de estar no poder o Partido Republicano ou o Partido Democrata.

Tem mais: a "bondade" ou a "ruindade" das opções políticas norte-americanas varia também em função de que "Brasil" nós estamos considerando.

Umas políticas podem ser boas e outras podem ser péssimas para grupos diversos no Brasil. O importante é ver qual é o balanço.

Dito isso, talvez possamos separar algumas áreas de relacionamento entre os dois países e ver a quantas andamos e a quantas andaremos. Essa lista de temas e problemas obviamente não esgota a agenda de relações Brasil-Estados Unidos. Ela é apresentada aqui apenas como ilustração com o objetivo de sugerir um formato sensato para analisar o relacionamento entre os dois países.

O primeiro assunto que está na moda é o protecionismo. Existem queixas da política norte-americana da administração Reagan, mas o que as pessoas que fazem essas queixas se esquecem é que na eventualidade de um governo democrata o processo de terciarização da economia norte-americana estaria muito mais atrasado e o eventual governo democrata norte-americano estaria adotando políticas protecionistas muito mais severas e, possivelmente, agravando muito mais o desemprego no Brasil. Nesse caso o interesse dos sindicatos americanos conflita com o dos sindicatos no Brasil. Nem sempre os proletários de todo o mundo têm razão para se unir!

Um segundo assunto que sensibiliza muita gente no Brasil é a corrida armamentista contra a União Soviética. O processo de produção de armas sofisticadas também causa equívocos. O intervalo de tempo entre **decidir** produzir um sistema de armamento sofisticado e ter o sistema disponível para uso militar é tão grande que em muitas circunstâncias decisões tomadas por um presidente de um partido acabam nas mãos de um sucessor do outro partido. Se pensarmos um pouco nisso, talvez comecemos a ter explicações para o aparente paradoxo de que embora os Republicanos falem mais grosso sejam os Democratas que façam a guerra, e fique para os Republicanos a tarefa de fazer e consolidar a paz.

Outro tema que está na moda é o da informática. Recebi outro dia pelo correio um discurso de um deputado da oposição (impresso aliás com o dinheiro dos meus impostos) cujo título era "Em festa Congresso Nacional Aprova Lei da Informática". Ora, essa era uma festa no mínimo equivocada, equivocada da perspectiva de muita gente no Brasil. Afinal de contas só tinham razão para festejar os produtores da área de informática que já conseguiram fazer alianças com a Secretaria Especial de Informática.

Quem não produz computadores, mas os consome, real ou potencialmente, tinha é que estar de luto, pois, afinal de contas, são os consumidores que vão passar mais oito anos pagando três, quatro ou cinco vezes mais por computadores do que teriam que pagar se a lei não houvesse sido aprovada. Como uma nota de rodapé, o PT entrou de bobo na história, pois o dispositivo que controlava a introdução da automação nas fábricas foi vetado, ou seja, ganharam os produtores e perderam os consumidores, os cidadãos e os operários. Nesse caso o que é que é bom para o Brasil? Quem é o Brasil? Nesse caso, o interesse dos produtores norte-americanos de computadores está muito mais próximo do interesse dos consumidores individuais e empresariais brasileiros. O conflito é com os produtores brasileiros que querem imunidades contra as leis do mercado!

O outro assunto que está na moda é a dívida externa dos países em desenvolvimento. Muita gente aqui se queixa de que os bancos são impiedosos e que a solução para o problema consiste em politizar a dívida externa. Politizar, num primeiro momento, é conseguir mais tempo para pagar. Num segundo, e num terceiro, é colocar **toda a força do Estado Nacional** norte-americano para cobrar a dívida, ou seja, torná-la, do ponto de vista do Brasil, um abacaxi muito maior, e do ponto de vista dos Estados Unidos fazer dos seus embaixadores cobradores, com toda a força simbólica e influência real que os embaixadores dos Estados Unidos têm pelo mundo afora. Será que não é mais fácil negociar com os inúmeros comitês assessores do que com um representante oficial do governo que tem a obrigação funcional de representar um governo eleito que tem que por sua vez representar os interesses dos eleitores? Nesse caso parece que os interesses do Brasil de conseguir melhores termos estão mais próximos do Partido Republicano do que do Partido Democrata!

A primeira razão de ser destes equívocos a respeito do que é melhor para o Brasil nas opções políticas norte-americanas resulta da dificuldade de desagregar as questões que se prestam a fricções, e ver que, dependendo do caso e do dia, um dia é da caça e outro é do caçador.

A segunda resulta de um conjunto de crenças completamente erradas que os brasileiros têm a respeito do sistema político norte-americano, que em parte resultam do ufanismo nacional brasileiro. Como aqui no Brasil todo mundo acha que o país é muito importante para o resto do mundo todo, acham também que são muito importantes para os Estados Unidos e, por isso, acreditam que o comportamento político dos norte-americanos se baseia em razões que raramente passam pela cabeça dos americanos quando pensam em política. Vamos a esses equívocos:

Equívoco número 1 — O Presidente dos Estados Unidos em geral é mau, mas o eleitor é bom. Falso, o presidente não é bom nem mau, ele implementa políticas que defendem o que ele e seus assessores acham que é o interesse dos seus eleitores. Os eleitores americanos também não são, em si, nem bons nem maus. Eles têm interesses e votam em quem eles acham que defende esses interesses de maneira mais eficaz. Se isso causar prejuízos a outros americanos, eles terão uma chance daqui a quatro anos (atenção: isso se chama democracia), se causar prejuízos a estrangeiros, que pena, são coisas da vida.

Equívoco número 2 (corolário do número 1) — Os brasileiros acreditam piamente que os norte-americanos escolhem seu presidente tendo em mente que ele seja bom para o Brasil (e quiçá para outros países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento). Falso: eles elegem seu presidente para ser bom para eles, se isso implica custos para outros países, tanto pior.

Equívoco número 3 — O Congresso é bom e o presidente é ruim. Falso outra vez: o congresso representa **fragmentadamente** os interesses dos eleitores. O fato de que haja um ou outro deputado ou senador americano que volta e meia consiga espaço nas primeiras páginas da imprensa brasileira dizendo alguma coisa que agrade aos brasileiros não quer dizer que ele é bonzinho e está defendendo os interesses do Brasil, quer dizer apenas que ele está se manifestando a respeito de um assunto que absolutamente não afeta os interesses de seus eleitores (o que é mais provável) ou que até possa estar dizendo algo que coincida com os interesses deles. Nunca dirá algo que vá contra os interesses do seu conjunto de eleitores; afinal de contas, é dos votos deles que o político americano vive. Duvido, por exemplo, que qualquer deputado ou senador americano elogie a produção de carros de combate Urutu ou Cascavel se ele for eleito por um distrito no qual exista uma fábrica de tanques ou carros blindados!

Finalizando, portanto, para entender o que acontece nas relações Brasil-Estados Unidos é necessário lembrar que se há algo que o sistema político norte-americano é: é democrático no sentido de que os eleitos representam o que a maioria dos cidadãos que se dá ao trabalho de sair de casa para votar acredita que seja o seu interesse, portanto, os deputados, senadores e o presidente representam os interesses desses eleitores (no que aliás não fazem mais do que o seu dever, afinal de contas são pagos para isso).

Do ponto de vista brasileiro a melhor maneira de defender interesses é ter nos vários setores da economia e da política norte-americana a maior diversidade e fragmentação de interesses, pois, afinal de contas, é mais produtivo negociar separadamente e caso a caso do que em conjunto. Se isso é verdade, e eu creio que seja, acho que nossas chances são melhores com os republicanos.

ALEXANDRE DE S. C. BARROS
Professor do IUPERJ

Michel

"Como aqui no Brasil todo mundo acha que o país é muito importante para o resto do mundo todo, acham também que são muito importantes para os Estados Unidos..."

"... a manifestação contra Walter Mondale é apenas um dos sintomas de uma onda de conservadorismo que está varrendo os estabelecimentos de ensino superior do país."

CONFORMISMO

NOS **campi** espalhados nos Estados Unidos, a maioria das faixas que incendiaram os ânimos nos anos 60 e 70 foram enroladas ou sepultadas juntamente com as mudanças e reformas que reivindicavam. Elas pediam a liberdade de expressão política do corpo discente, a abolição de um sistema de educação ultrapassado (abaixo as notas, abaixos os currículos, proclamavam algumas delas), igualdade de direitos civis para todos, fim da Guerra do Vietnã. Após cerca de uma década de agitação, iniciada em 1964 com o Movimento da Livre Expressão, na Universidade da Califórnia, Berkeley, os estudantes voltaram ao estado em que se encontravam antes desses movimentos: o de apatia.

Daí que alguns gritos emitidos recentemente no **campus** da USC (Universidade do Sul da Califórnia) repercutiram de costa a costa. Universitários dessa escola de gente bem organizaram um grupo para vaiar o candidato do, Partido Democrata à Presidência e quase não o deixam falar, numa quebra do que já se tornou uma tradição nos estabelecimentos escolares do país: todos os pontos-de-vista têm o direito de se fazerem ouvidos. Os apupos em si teriam sido corriqueiros, uma vez que grupos mais exaltados à direita e à esquerda têm provocado episódios semelhantes. Acontece, entretanto, que a manifestação contra Walter Mondale é apenas um dos sintomas de uma onda de conservadorismo que está varrendo os estabelecimentos de ensino superior do país. O herói desse movimento que não poupa nem mesmo a ainda rebelde Berkeley é um ex-ator que ingressou na política numa plataforma para "acabar com a bagunça" dos estudantes. Em 66, ele foi eleito Governador da Califórnia. Aos 73 anos, é candidato à reeleição como Presidente. Para surpresa de todos, seus defensores mais ardorosos estão na faixa de 18 a 29 anos.

Por muito tempo, jovem e democrata foram termos permutáveis. E quando a pergunta é em quem eles irão votar nas próximas eleições, há uma guinada de 180 graus no espectro político de até alguns anos atrás, com uma proporção de 5 a um a favor de Reagan, nessa faixa de idade. O ex-colaborador do Presidente Lyndon B. Johnson e analista político Horace W. Busby pressente turbulência no clima político dos próximos anos devido a uma tomada pela nova geração dos partidos e da máquina eleitoral. Numa carta aos que recorrem a seus serviços de consultoria, ele apontou que, enquanto há 70 milhões de adultos entre 45 e 75 anos, outros 93 milhões estão entre 20 e 44, prontos a tomarem as rédeas da decisão a qualquer momento. "Numa situação normal", diz ele, isso não ocorreria até 1992. Mas este ano pode não seguir o roteiro típico. E continua:

Ambos os partidos estão olhando de perto votantes de primeira viagem, adultos jovens que estarão votando pela primeira vez. Dois aspectos estão chamando a atenção. Primeiro há indicações, especialmente nos **campi**, de que os adultos mais jovens não pretendem esperar completar 35 anos para começarem a votar. Ao contrário, poderá haver uma corrida às urnas sem precedentes, em novembro, de eleitores com 25 anos e mais novos.

Parece que mesmo o jovem democrata típico está do outro lado da cerca, neste final de 1984. Tome, por exemplo, Katrina Parker, uma universitária de 22 anos, da Cal State Northdrige, uma universidade estadual da Califórnia. Parker é preta. Sua mãe é filiada ao Partido Democrata, leciona em escola secundária e é chefe de família. Se Parker é capaz de estudar, isso se deve, pelo menos em parte, aos empréstimos concedidos pelo Governo, uma prática que os democratas sempre reivindicaram como sua criação. Ela parece ter sido feita sob medida para Mondale, mas não é nele que ela vai votar em novembro próximo. Dizendo acreditar que aqui ainda é a terra da oportunidade, Parker não esconde sua insatisfação diante daqueles que são pobres, ao defender a política de Reagan de diminuir o orçamento de Assistência Social: "Os pobres são culpados pela situação em que se encontram. Tenho coração mas é nisto em que acredito."

MODELO de empreendimento, vende camiseta que ela mesma pinta. Distribui folhetos de uma escola de leitura rápida e está planejando a criação de uma pequena firma para fazer faxina de escritórios. Mesmo ameaçada com um ou mais cortes no programa de empréstimos devido à outra redução de orçamento do Governo, não se abala: "Se o Presidente tiver que cortar meu empréstimo para ajudar o país, tudo bem. Estou começando meu próprio negócio e não preciso de esmola de ninguém."

Com a Guerra do Vietnam bem como os movimentos de liberdades civis relegados aos livros de história, a preocupação volta a se centralizar na realização material do indivíduo. Embora já se tenha decretado (prematuramente) a morte da minha **generation**, ela está mais viva do que nunca nos **campi**, em 1984. Para o diretor do Instituto de Recursos de Educação Superior da UCLA (Universidade da Califórnia), Losangels Alexander Astin, fazer dinheiro se tornou uma filosofia de vida e um fim em si mesmo para muitos dos estudantes. Num estudo que ele tem realizado por 19 anos com calouros daquela universidade, a resposta à questão da importância que o universitário dá a "desenvolver uma filosofia de vida significativa" tem variado dramaticamente. Este já foi o valor mais apreciado pelos estudantes, durante a década de 60, nos anos de glória da contracultura. Apontada como algo importante por 85%, naquela época, só 45% dos calouros assim a consideram hoje em dia. Setenta por cento dos entrevistados, entretanto, consideram como prioridade "estar muito bem financeiramente".

"Mais quatro anos, mais quatro anos", tem sido o grito de guerra dos que se alinham ao lado de Reagan. Mas quando esses brados explodem nas universidades, não é possível acreditar que os estudantes estejam com Reagan de olhos vedados, para o que der e vier. Não. São muito poucos os que o apóiam quando o Presidente aparece de mãos dadas com Jerry Falwell opondo-se ao aborto, exigindo a volta da prece às escolas e imiscuindo-se na sua moral na cama. Eles também não estão com Reagan quando este se revela um perigo ao meio-ambiente, quando ameaça transformar a Nicarágua ou El Salvador em um novo Vietnam ou ainda quando percebem sua mão pronta a apertar o botão-gatilho que deflagrará uma guerra nuclear.

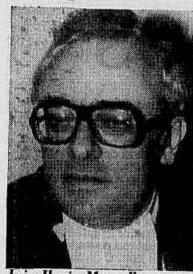
De onde vem então este fervor pelo Presidente Conservador? Há várias explicações que os especialistas em pesquisas de opinião pública e os estrategistas do Great Old Party gostam de oferecer. Segundo eles, é no setor econômico que Reagan marca o maior número de pontos. A inflação diminuiu consideravelmente (de 12% para em torno de 4%), os juros caíram de mais de 20% para cerca de 13%, mais de 6 milhões de novos empregos foram criados nos últimos dois anos, numa recuperação extraordinária da economia. E quando se trata dos eleitores mais jovens, Jimmy Carter é o único ponto de comparação para se medir a eficiência de um presidente. O atual ocupante da Casa Branca não tem nada a temer do seu antecessor, que abandonou a presidência como um modelo de falta de energia e de liderança. Mondale carrega o fantasma dessa mesma imagem, sendo classificado constantemente de "sem espinha". (Seu debate pela televisão, com Reagan, serviu para quebrar um pouco essa imagem, mas parece que um pouco tarde demais.)

Alguns citam o espírito otimista e sempre jovial do Presidente mesmo nos momentos mais difíceis, como quando sofreu um atentado contra sua vida, em março de 1981. Sua defesa intransigente do espírito empresarial e do que ele chama de "tirar o Governo das costas do público" casa perfeitamente com a mudança de atitudes que se verifica entre os mais jovens.

Na batalha pelo voto do jovem Mondale e os democratas estão dizendo agora que eles se descuidaram, acostumados que estavam com a até então inclinação "natural" dos estudantes pelos valores do Partido Democrata. O próprio Ted Mondale, 26 anos, filho do candidato democrata à presidência, ao dirigir-se à Convenção Nacional dos Democratas, em julho último, lamentou que "não dedicamos tempo suficiente aos eleitores jovens". Walter Mondale, supreso pela debandada dos universitários para o Partido Republicano, acusou o Presidente recentemente de haver estado explorando os jovens, apelando para o auto-interesse deles. Nem mesmo a escolha de Geraldine Ferraro, como primeira mulher candidata à Vice-Presidência, conseguiu criar o **momentum** que os democratas esperavam. O **fator Ferraro**, dizem as pesquisas de opinião, mudou muito pouco a atitude dos estudantes diante de Mondale.

Para um entusiasta de Reagan, qualquer motivo ou motivo algum é suficiente para garantir um voto para o Presidente. "Vou votar em Reagan porque ele se veste melhor", diz o calouro John Smith. "Não estou brincando", continua ele, "ambos vão fazer a mesma coisa e então acho que o mais importante é como cada um deles se apresenta." Os gritos de USA, USA, que ecoaram pelo país nos estádios e ginásios esportivos nos últimos Jogos Olímpicos, foram a última confirmação de que o país se livrou definitivamente da síndrome de culpa e de humilhação do Vietnam e dos reféns de Khomeiny. A existência desse novo espírito de orgulho de ser americano é atribuída em grande parte ao Presidente.

RODNEY MELLO
Jornalista

PERSPECTIVAS INTERNACIONAIS

Juiz Ilario Martella

Conexão búlgara

O juiz Ilario Martella deu por encerrado o inquérito que presidiu acerca do atentado contra o Papa, ocorrido em maio de 1981. O magistrado concluiu pela existência de uma conspiração internacional, indiciando pelo crime três búlgaros e cinco turcos. Além de Ali Agca, que foi preso no momento do atentado, outro pistoleiro turco também disparou contra João Paulo II. Embora foragido, apurou-se seu nome: Orel Celik.

Dos búlgaros envolvidos no atentado, dois eram funcionários da embaixada em Roma e o terceiro da agência estatal de turismo. Só este último veio a ser detido. Os primeiros encontram-se na Bulgária, além de um dos turcos foragidos. Dois outros turcos, além de Agca, acham-se presos na Capital italiana.

O juiz Martella desenvolveu investigação minuciosa e criteriosa. Fez vários testes para apurar a veracidade do depoimento de Agca, inclusive promovendo alterações em números e fachadas de prédios com o propósito de confundi-lo. O juiz visitou pessoalmente, com o prisioneiro, todos os locais que disse ter freqüentado na Capital italiana. Os búlgaros deveriam ter lançado bombas sobre a multidão, a fim de aumentar o tumulto e permitir que os criminosos se evadissem. Um deles achava-se a postos num automóvel, a fim de dar cobertura à fuga. Essa parte do plano não chegou a ser executada.

O magistrado italiano afirma não ter encontrado o menor apoio do governo búlgaro para investigar o envolvimento de seus funcionários. Por essa razão considera improcedentes as reclamações **a posteriori** tornadas públicas pela Bulgária. No estilo inconfundível do Leste, limitam-se a dizer que se trata de uma conspiração orquestrada pela CIA.

As provas do envolvimento búlgaro, colhidas pela Justiça italiana, são insofismáveis. Embora não autorizem dizer que a operação tenha sido planejada diretamente pela KGB. É plausível que os búlgaros tenham agido autonomamente e até sem o conhecimento de seus chefes soviéticos.

Mais críticas aos sandinistas

MAIS um candidato oposicionista desistiu de disputar as eleições na Nicarágua. A Igreja Católica voltou a atacar o governo sandinista.

A liderança revolucionária procura legitimar sua permanência no poder e melhorar sua imagem no exterior através da realização de eleições presidenciais e para a Assembléia. Depois da recusa de Arturo José Cruz em concorrer, no que considera uma eleição fraudada, outro opositor, Virgilio Godoy Reyes, do Partido Liberal Independente, abandonou a companha eleitoral. Godoy Reyes, assim como Arturo Cruz, procurou adiar o dia da eleição, mas quando o governo sandinista recusou, ele desistiu de concorrer. Permaneceram somente cinco pequenos partidos, três dos quais de orientação marxista-leninista, para disputar os votos com os sandinistas.

O bispo Pablo Antonio Vega, presidente da Conferência de Bispos da Nicarágua, fortaleceu a oposição com uma severa crítica ao Governo. Suas declarações, que se presume tenham todo o apoio do Arcebispo Miguel Obando y Bravo, acusam o Governo sandinista de falta de sinceridade na "busca da paz" e de impor "novas repressões".

A única fonte de conforto para os sandinistas nesta última semana foi a controvérsia provocada em Washington em virtude da publicação do manual da C.I.A. sobre guerrilha. No debate entre Reagan e Mondale o candidato republicano afirmou que a sugestão de "neutralizar" membros do governo sandinista, dada aos rebeldes nicaragüenses tinha sido retirada do manual da C.I.A. O verbo "neutralizar" no jargão da CIA significa "assassinar".

O Governo nicaraguense protestou oficialmente contra a utilização do manual pelos contra nicaraguenses e acusou Washington de tentar desestabilizar o governo, ao convencer grupos oposicionistas de não participarem das eleições.

Incidente polonês

PRESO pela polícia, prisão que foi presenciada e denunciada, o padre polonês Jerzy Popieluszko foi dado como morto pelo próprio Ministério do Interior. Presumivelmente deve ter acontecido um dos acidentes de trabalho habituais nas prisões dos regimes totalitários e autoritários: o detido não resiste a torturas e espancamentos, morrendo inesperadamente.

Numa circunstância dessas, em regimes totalitários absolutamente fechados, como o soviético, onde a oposição foi destroçada, não ocorrem satisfações à opinião pública. Tudo fica na base dos rumores ou das denúncias da Anistia Internacional. O caso polonês é entretanto diferente. Era imprescindível não só reconhecer o fato como encontrar um bode expiatório já que o regime conta abertamente com a oposição da imensa maioria da população, a começar da massa trabalhadora.

O padre Jerzy Popieluszko tinha 37 anos, tendo se ordenado sacerdote aos 25 anos, em 1972. Desde agosto de 1980, quando foi organizado o Sindicato Solidariedade, passou a ser destacado para oficiar atos religiosos em que participavam membros daquela organização. Acabou sendo reconhecido como uma espécie de "capelão do sindicato independente", embora a função de fato nunca existisse. Quando a organização foi proscrita, assumiu publicamente essa identidade. Foi preso em dezembro de 1983 mas logo libertado, embora submetido a processo. Beneficiou-se da anistia decretada em julho último.

A situação reveste-se de maior complexidade quando a Igreja polonesa não quer assumir o patrocínio da oposição ao regime, ainda que não possa e não deseja omitir-se inteiramente. A oposição, notadamente a que se congrega no Solidariedade, é constituída majoritariamente por católicos.

O Ministério do Interior apresentou o crime como correspondendo a abuso de poder de três de seus funcionários, todos oficiais da polícia (um capitão e dois tenentes) e se dispõe a cumprir a sentença que seja decretada ao fim do julgamento. Os militares assumem a responsabilidade pelo crime.

Suspeita nos altos escalões

O assassinato do líder da Oposição filipina Benigno S. Aquino em agosto de 1983 foi conseqüência de uma conspiração militar, concluiu uma comissão de investigação em Manila. A comissão, porém, não chegou a um acordo sobre a responsabilidade final do crime.

A presidente da comissão, Corazon Agrava, sustentou que o crime foi planejado pelo General Luther Custodio da Força Aérea e seis soldados. Posteriormente, os demais membros da comissão acusaram de participação no crime mais 26 pessoas, inclusive o chefe do Estado-Maior das Forças Armadas filipinas, o General Fabian C. Ver, que é amigo íntimo do Presidente Ferdinando Marcos.

A Oposição não se contentou com as conclusões da Comissão Agrava. "No momento em que Ver acha-se implicado no caso, o Presidente Marcos também é suspeito", disse Salvador Laurel, líder da Organização da União dos Nacionalistas Democráticos, que representa todas as correntes políticas oposicionistas do país. A teoria que predomina nesses grupos é a de que o General não poderia ter agido sem o conhecimento prévio do Presidente Marcos. Milhares de pessoas desfilaram pelas ruas de Manila pedindo a renúncia do Presidente.

O Presidente Marcos agiu rapidamente para se distanciar do acusado. Aceitou o pedido de renúncia do General Ver e nomeou um ombudsman com poderes especiais para determinar quais as acusações serão levadas ao Poder Judiciário.

As conclusões do relatório Agrava trouxeram alguma luz para explicar o assassinato de Aquino. A primeira reação do Governo foi atribuir o crime a um pistoleiro comunista. O relatório mostrou, no entanto, que não houve participação dos comunistas no assassinato de Aquino, quando este descia de um avião da China Airlines no aeroporto internacional de Manila.

Presidente Ferdinando Marcos

Guerrilheiro do Sendero Luminoso

Peru

O COMBATE AO TERROR

■ A campanha contra a guerrilha no Peru começou a ser feita pela utilização de unidades policiais, acompanhadas de destacamentos militares. O insucesso fez com que o Governo adotasse políticas mais enérgicas.

EM sua escalada para eliminar as guerrilhas de esquerda, os militares têm matado camponeses indígenas cujas ligações com o movimento maoísta Sendero Luminoso, não foram devidamente estabelecidas. Os relatos freqüentes quanto às execuções sumárias têm sido oficialmente desmentidos, mas está se tornando cada vez mais difícil explicar a presença de túmulos recentes nas áreas onde não ocorrem combates há algum tempo. Recentemente foram descobertas duas áreas de sepultamento perto da cidade indígena de Huanta, uma com 50 corpos e outra com 15.

Os combates têm afetado também as forças de segurança. O Gal. Adrian Huaman, comandante-em-chefe da principal zona de guerrilha no Sudeste peruano, foi demitido dois dias após ter apontado a negligência e a corrupção do Governo como causa do alastramento da subversão. Anteriormente, o Ministro do Interior, Luis Percovich disse que o combate à guerrilha era responsável pelo que ele descreveu como "embrutecimento" da polícia. Ele disse que cerca de 8% dos 5 mil 218 policiais estão sendo processados por roubo e assassinato.

A idéia de combater o terrorismo com o terror tem encontrado ressonância. Ao mostrar o videotape dos corpos despedaçados de camponeses, o chefe de polícia da cidade andina de Ayacucho disse: "Os terroristas têm o apoio de 80% da população de Ayacucho. Precisamos aqui da solução argentina." Este ponto-de-vista, sabidamente compartilhado por um certo número de oficiais graduados, é uma alusão à campanha militar levada a efeito na Argentina, em que milhares de guerrilheiros, simpatizantes e pacíficos opositores do Governo, foram mortos.

Os serviços de segurança dizem que dezenas de oficiais peruanos foram enviados à Argentina, durante a vigência do Governo militar naquele país, para fazerem cursos sobre interrogatórios e segurança. Os especialistas argentinos em contra-revolução também visitaram o Peru.

Há dois anos, quando a violência do Sendero Luminoso começou a aumentar, o Governo civil decidiu não se lançar em uma campanha total contra os guerrilheiros, preferindo enviar unidades protegidas por pequenos destacamentos militares. O presidente Fernando Belaunde Terry, desconfiado dos oficiais que o haviam derrubado em 1968, argumentou que uma campanha total custaria a vida de muitos civis, poria em risco o apoio ao Governo eleito e minaria a neutralidade política recentemente adotada pelos militares. Desde então, ele tem sido amplamente criticado por sua relutância. "Tínhamos medo de haver uma repressão igual à ocorrida na Argentina," disse o líder do Senado Manoel Ulloa, que, na época, era Primeiro-Ministro, "ou de criar uma situação igual à da América Central, dividindo o país."

A princípio, alguns militares também recusaram-se a assumir a responsabilidade por uma "guerra suja", disse um oficial graduado. Eles lembram-se dos combates aos guerrilheiros no Peru, em 1965, quando alguns oficiais discordavam dos métodos empregados pelos rebeldes, mas aceitavam as suas queixas quanto à injustiça social. Entretanto, no ano passado, à medida que a força policial era superada pela violência do Sendero Luminoso, os militares delinearam uma estratégia mais poderosa. Desde que o presidente Belaunde colocou sob controle militar 13 zonas de emergência nas províncias do sudeste peruano em julho último, 7 mil soldados foram deslocados para pelo menos oito novos acampamentos militares. Um especialista em contra-espionagem disse que eles aprenderam as lições fornecidas pelos casos do Vietnam, Colômbia e América Central. Mas os críticos detectam semelhanças com o caso da Guatemala. Lá, como no Peru, os guerrilheiros esquerdistas recrutam nas montanhas índios paupérrimos que preservam a sua própria cultura e língua e guardam ressentimento contra o colonizador branco que sempre os discriminaram.

Em ambos os países, a brutalidade das forças de segurança ajudou a engrossar as fileiras da guerrilha.

No Peru, como na Guatemala, o governo organizou milícias camponesas. O intuito era conquistar a lealdade cultural e acabar os laços de solidariedade destas comunidades, de forma a forçar os camponeses indígenas a escolher entre a guerrilha e o Governo, disse um especialista em contra-revolução. Como na Guatemala, o terror assumiu um papel primordial. O impacto dos desaparecimentos e dos cadáveres encontrados nos campos, acrescentou ele, "têm um forte efeito multiplicador".

O acompanhamento da campanha tornou-se cada vez mais difícil. Os guerrilheiros maoístas desprezam a imprensa e repudiam os outros rebeldes latino-americanos como burgueses revisionistas. Os militares apertaram o controle das informações, desmentindo os relatos sobre as matanças do Exército e barrando os repórteres em algumas zonas. Quando recentemente alguns correspondentes estrangeiros visitaram Ayacucho, os oficiais apoderaram-se dos documentos de um deles e interrogaram o outro por três horas. Um jornalista, Jaime Ayala, não mais foi visto desde que entrou no acampamento dos fuzileiros em Huanta, no início de agosto, para indagar sobre o massacre. Os fuzileiros negaram que o estivessem detendo.

"Desinformação" faz parte da estratégia militar, disseram as fontes de informação, mas a imprensa peruana já começou a cavar as suas próprias informações. Na semana passada, a revista **Caretas**, que normalmente tende a ser favorável ao Governo, disse que os fuzileiros e não os guerrilheiros mataram seis membros de uma igreja evangélica no dia 1º de agosto. Os dirigentes da igreja disseram, em depoimento oficial, que os fuzileiros arrancaram as pessoas para fora do culto e ordenaram que o resto da congregação cantasse. Segundo testemunhas, os fuzileiros alegaram ter encontrado provas de que a igreja acolhia terroristas. A "prova", disseram as testemunhas aos repórteres, era um depósito de rifles de madeira e máscaras usadas pelos alunos na parada do Dia da Independência.

MARLISE SIMONS
The New York Times

Zimbabwe / A persistente aristocracia

■ A seca que dizima diversos países africanos agrava tensões políticas e sociais. Na antiga Rodésia, atual Zimbabwe, matronas vestidas de branco continuam a jogar boliche na grama, como no início do século.

DESDE a independência da Inglaterra em 1960, muitos brancos já deixaram o Zimbabwe, antiga Rodésia, um país relativamente próspero, citando como motivo principal sua abominação ao governo de maioria negra.

Mas para os que permaneceram, alguns deles descendentes dos pioneiros que chegaram à região em 1890 e hastearam a bandeira inglesa, a vida praticamente não mudou. O sol ainda brilha nos subúrbios grã-finos. Os clubes que unem a sociedade ainda são, em grande parte, uma espécie de reserva dos brancos. Às tardes, o gelo faz seu barulhinho nos copos altos nas varandas sombreadas de casas confortáveis.

Até mesmo enquanto cerca de seis mil políticos negros, liderados pelo Primeiro-Ministro Robert Mugabe, se reuniram para decidir a transformação do país em um estado de partido único, de orientação marxista-leninista, sob a chefia da Frente Patriótica-União Nacional Africana do Zimbabwe, os brancos continuavam se reunindo em seus clubes. Em gramados tão lisos quanto mesas de bilhar, matronas vestidas de branco circulavam jogando boliche na grama. No calor que leva à floração dos jacarandás, os **plops e tuacs** se faziam ouvir vindos das quadras de tênis.

Contudo, para alguns há um certo mal-estar, uma inquietação de que as mordomias deste paraíso branco podem não durar. A cada mês, as estatísticas oficiais registram os números da emigração branca, que vem ocorrendo em cerca de 20 mil ao ano. Muitos destes rodesianos brancos emigram para países como a África do Sul e a Inglaterra, onde a recessão lhes oferece poucas perspectivas ou boas-vindas.

"Estou indo embora", disse o dono de uma sorveteria. "Não agüento todo este marxismo." Mas, apesar de todo o jargão marxista, o bar onde o sorveteiro costuma ir não mudou de clientela ou estilo desde a independência do país, e seu negócio não foi nacionalizado. Na África do Sul, para onde pretende ir e montar uma nova sorveteria, provavelmente ele terá que enfrentar uma competição muito maior.

O contínuo êxodo dos brancos apresenta um problema econômico conhecido nos países africanos. Se profissionais como eletricistas e bombeiros emigram sem terem antes transmitido seus conhecimentos e não existem trabalhadores treinados para substituí-los, então será preciso contratar estrangeiros. Mas estes estrangeiros estão habituados à habitação gratuita e poderem fazer substanciais remessas de dinheiro. Em Zâmbia, segundo cálculos feitos recentemente por um diplomata ocidental, a segunda maior alocação de escassas moedas fortes é consumida exatamente nestas remessas.

Primeiro-Ministro Robert Mugabe

A população branca do Zimbabwe agora é de cerca de 100 mil pessoas, de um total de 10,5 milhões de habitantes, que os economistas ainda consideram superior ao ponto em que é necessária a "importação" de estrangeiros em grandes números. Mas está bastante reduzida em comparação com os 260 mil brancos de meados da década de setenta, uma época de guerra e isolamento no país então chamado Rodésia, quando a minoria branca desafiava tudo em defesa de uma vida privilegiada sob o sol.

Entre os que permaneceram, estão 4.300 fazendeiros brancos (eram 5.100 na época da independência). Mas não tem havido desapropriação de terras e, segundo John Laurie, presidente da Commercial Farmers Unio, que representa os brancos, os fazendeiros que permaneceram no país pretendem ser bem-sucedidos. O governo aumentou o preço básico oferecido pelo milho (alimento básico do país), e assim os fazendeiros brancos, que produzem cerca de 70% das colheitas levadas ao mercado, acham que o governo está, pelo menos, consciente de suas necessidades e temores.

Mesmo assim, Laurie acha que em algumas regiões a moral está baixa porque vários anos de seca deixaram os fazendeiros com uma dívida total de cerca de 200 milhões de dólares. E na Província do Matabeleland grandes áreas de terras foram tomadas pelo governo porque ex-guerrilheiros rebeldes, agora conhecidos como dissidentes, assustaram e fizeram os fazendeiros brancos deixar a região. Em 1977, segundo Mike Wood, presidente do sindicato de fazendeiros brancos, agora reduzidos a 400 — dos quais 324 vivem em suas terras. "Sabemos como enfrentar a seca, mas não sabemos o que fazer na questão de nossa segurança", explica Mike Wood.

Os fazendeiros de Matabeleland estão armados com fuzis distribuídos pelo governo e se mantém em contato através de uma rede de rádio criada durante a guerra de guerrilhas pela independência. Em particular, eles se queixam da falta de eficiência das forças governamentais. "Você pode denunciar a presença de dissidentes em sua fazenda, mas isso não significa que as tropas do governo venham em sua ajuda", comentou um deles, pedindo que seu nome não fosse revelado. "Queremos ser vistos como neutros e apenas continuar com nosso negócio. Criamos nossas próprias unidades de defesa e poderíamos reagir contra ataques às fazendas de brancos. Mas preferimos não fazê-lo. Não queremos que os dissidentes pensem que fazemos parte do governo, pois não fazemos".

Os fazendeiros brancos empregam cerca de 250 mil negros, o que em termos da aritmética da demografia africana significa que cerca de 1,5 milhão de pessoas dependem das fazendas comerciais para sua renda local de moradia. Reconhecendo a importância dos fazendeiros, Mugabe nomeou um fazendeiro branco para Ministro da Agricultura, Dennis Norman, e alguns brancos conservam seus cargos no exército e em outros setores.

Longe de refletirem os problemas do país, as ruas de Harare (antes conhecida como Salisbury) formam uma ilha de tranqüilidade. Mas há uma diferença em relação ao passado: entre os brancos não parece haver tantos jovens quanto antes. Muitos partiram, achando que havia poucas perspectivas de progresso para eles por causa da cor de suas peles. "Nosso calcanhar de Aquiles é a emigração branca", explica o ex-Primeiro-Ministro Ian Smith, "se a coisa continuar assim dentro em breve a comunidade branca será uma comunidade geriátrica".

ALAN COWELL
The New York Times

Bruno Liberati

■ O estudo das alternativas nacionais para o futuro próximo exige que se distingam diferentes problemas e diferentes prazos. Os cenários que se delineiam para o final da década de 80 pressupõem a reorganização do país.

Desafios e alternativas brasileiras

O sistema político e econômico que se desenvolveu no Brasil, depois de 1964, atingindo a plenitude de suas características sob o Governo Médici, entrou em crise, no curso do Governo Geisel, e praticamente se desintegrou, no Governo do Presidente Figueiredo.

A discussão das alternativas com que se defronta o Brasil, a partir da terrível crise em que se encontra, exige que se leve em conta a existência de diferentes prazos, para certas ocorrências, concomitantemente com o fato de que as questões de ordem estrutural, cujo encaminhamento balizará as principais alternativas do país, são questões que, embora operando a longo prazo, são influenciadas pelas ocorrências de curto prazo.

A curto prazo, há duas principais ocorrências a levar em conta. A primeira, relacionada com o final da atual administração, diz respeito à manutenção, ou não, pelo Presidente Figueiredo, da corrente orientação econômica. Trata-se menos de saber se o Presidente Figueiredo conservará o Sr. Delfim Neto na direção da economia do país até o término de seu mandato — como tudo indica que irá ocorrer — do que se será compelido, com o próprio Sr. Delfim Neto, a adotar significativas modificações na administração das dívidas externa e interna.

A segunda e muito mais importante ocorrência de curto prazo se relaciona com a sucessão presidencial. Tudo indica que a disputa sucessória se processará no âmbito de um Colégio Eleitoral reconhecidamente destituído de legitimidade, opondo a candidatura do Sr. Paulo Maluf à do Sr. Tancredo Neves.

O Sr. Paulo Maluf representa, com a incursão de novas personalidades no topo da pirâmide, a preservação de parte do atual grupo dirigente e de grande parte do círculo dirigente. Representa, ademais, sejam quais forem as razões de tal fato, a imagem de um homem totalmente incompatível com os padrões ideais da cultura política brasileira e que suscita, por isso, a mais ampla e profunda rejeição por parte da quase totalidade da opinião pública. A circunstância de que o eleitorado não esteja apropriadamente representado no Colégio Eleitoral e a circunstância de que tanto as novas personalidades que acompanham o Sr. Maluf, como as que com ele tenderão a permanecer na área do poder se achem completamente desacreditadas, emprestam à eventualidade da eleição do Sr. Maluf as características de um mandato totalmente ilegítimo. A perspectiva de um governo Tancredo Neves é bem assimilada pelo atual círculo dirigente, que confia na moderação do candidato, mas é também vista como uma perspectiva de significativa ampliação desse círculo, a ele incorporando setores e lideranças populares que dele haviam sido excluídos, desde 1964, ou mesmo, relativamente ao campesinato, que dele jamais haviam participado.

A mais longo prazo, a alternativa Paulo Maluf — Tancredo Neves imprime, para o encaminhamento dos fatores de caráter estrutural, no curso dos meses que se seguirão à eleição, um ambiente político-social que será da mais extrema turbulência, no primeiro caso, e, no segundo, de confiança e tranqüila consensualidade.

Importa distinguir, relativamente ao ambiente político-social que decorrerá das eleições, os efeitos de mais curto dos de mais longo prazo. A curto prazo, como precedentemente mencionado, a eleição do Sr. Tancredo Neves terá efeitos profundamente apaziguadores e estimuladores, em todos os setores do país. A prazo mais longo, é indiscutível que parte desse tranqüilo consenso inicial será afetado. Para alguns setores, porque os milagres não virão tão pronto como se espera. Para outros, porque o sentido e o custo das mudanças que tenderão a ser introduzidos pelo novo governo parecerão pouco aceitáveis.

No caso do Sr. Paulo Maluf, a profunda onda de indignação e rejeição que se levantará no país, na hipótese de sua eleição, tenderá a pôr seriamente em risco sua própria possibilidade de chegar a tomar posse. Se uma imediata interrupção violenta no curso dos eventos não vier a ocorrer, parece inevitável que a presidência do Sr. Maluf se exercerá no âmbito da mais radical oposição, por parte de grande maioria da opinião pública. Tal circunstância tenderá a acarretar uma profunda radicalização no país, abrindo duas prováveis alternativas. A primeira, no sentido de mobilizar um grande repúdio ao novo Presidente, nas eleições de 1986, encaminhado para produzir seu subseqüente **impeachment** pelo Congresso. A segunda alternativa é a de que esse mesmo repúdio popular possa ser habilmente utilizado, pelo Sr. Paulo Maluf, no sentido de rearticular as condições para uma restauração autoritária, impondo-a ao país por um novo golpe de Estado, assim impedindo a realização das eleições de 1986 e restabelecendo uma ditadura tecnocrática, de base militar-conservadora.

O aspecto mais relevante é a presumível adoção pelo novo governo, a se instalar em março de 1985, de um novo projeto para o Brasil, contando com amplo respaldo popular. Esse novo projeto necessariamente terá de consistir, no fundamental, em um novo pacto social, em que se fixem regras mais eqüitativas para a distribuição social do excedente.

Para esse efeito, necessita-se chegar a um amplo consenso social sobre um minimax, que estabeleça uma significativa taxa de transferência real da renda para as grandes massas, tanto, em certa medida, diretamente, através de incrementos não inflacionários da base das remunerações, como, em maior medida, por via indireta, através de uma apropriada reorientação, ampliação e melhoria dos serviços públicos de educação, habitação, transporte, assistência médica e lazer. Um minimax que transfira, da margem de consumo dos setores privilegiados para o das grandes massas, a taxa máxima de renda que tais setores sejam consensualmente levados a aceitar (digamos, hipoteticamente, da ordem de 10% ao ano), proporcionando às grandes massas suficientes benefícios para que sejam consensualmente levadas a pautar suas reivindicações pelos termos do novo pacto social.

Os requisitos prévios de um novo pacto social e de um novo projeto de desenvolvimento dependem, por sua vez, de certas condições externas e internas. Menciona-se apenas, quanto às condições externas, a necessidade de uma concentração latino-americana, notadamente no tocante à formação de um polígono estratégico de defesa internacional (tipo Argentina-Brasil-Colômbia-México-Venezuela), que assegure aos países-membros relativa auto-suficiência de insumos e produtos básicos e assim lhes proporcione apropriadas condições para uma renegociação internacional de suas dívidas, em termos que atendam a seus respectivos imperativos nacionais.

No tocante às condições internas, a mais relevante delas é a formação de um amplo consenso social em torno do novo projeto nacional e de suas implicações internacionais, com o decorrente apoio de uma confortável maioria parlamentar.

A partir dessas considerações prévias pode-se fazer uma breve mensão ao que se deva considerar como principais características tendenciais desse cenário central. É necessário se entender que essas características serão as que decorram de uma versão democrática, social e nacional, de uma economia mista e dirigida de mercado. O Brasil é presentemente uma economia mista de mercado, cuja viabilidade e optimização dependem, atendidos certos requisitos prévios, de sua reorientação para combinar um significativo atendimento das necessidades das grandes massas. Tais características envolvem a preservação e o amparo da empresa privada nacional, a seletiva e regulada atração do capital estrangeiro, bem como a seletiva intervenção do Estado na economia, tanto na sua planificação democrática e regulamentação, em vista dos interesses nacionais e sociais, como na própria esfera produtiva. Nesta última, é de prever-se uma nova concepção da empresa pública, que a desengaje dos setores convenientemente atendidos pela iniciativa privada e a concentre nos setores infra-estruturais, nas atividades de tecnologia de vanguarda ou que decorram de exigências da segurança nacional. Uma nova concepção da empresa pública, por outro lado, que assegure seu controle democrático, sua eficiência empresarial e a mais estrita probidade gerencial.

A persistente controvérsia sobre o capital estrangeiro e as transnacionais continua, em alguns setores, a ser travada em termos obsoletos. Assim ocorre, de um modo geral, com as forças mais extremadas de defesa do capital estrangeiro ou de ataque ao mesmo. A verdade é que este fim de século está irreversivelmente marcado — para o bem ou para o mal — pela transnacionalização da economia mundial. Dela fugir completamente é tão difícil quanto economicamente negativo. Aceitá-la, por outro lado, sem apropriadas qualificações, é algo cuja inconveniência tende a ser diretamente proporcional ao grau de subdesenvolvimento de um país.

Tudo indica, assim, no caso do cenário central que se está considerando para este fim de decênio, que um novo projeto de desenvolvimento econômico-social será qualificada e seletivamente aberto à contribuição positiva da empresa transnacional. Ademais da conveniente regulamentação, o que a matéria exige é o desenvolvimento de competitivas atitudes produtivas autônomas, no país, mediante apropriada intervenção do Estado, em colaboração com a empresa privada nacional e com a própria empresa transnacional.

A maior probabilidade de ocorrência do cenário central, precedentemente discutido, não exclui a possibilidade de que venha a se realizar uma alternativa à esquerda ou à direita desse cenário.

Acrescente-se, como já foi mencionado, que a hipótese de uma vitória do Sr. Paulo Maluf, no atual Colégio Eleitoral, acarretaria conseqüências extremamente exacerbadoras da situação político-social. Essas conseqüências, na medida em que se encaminhassem contra o Sr. Maluf, impedindo-o de tomar posse ou o destituindo, posteriormente, por um **impeachment** congressional, tenderiam a fortalecer significativamente o radicalismo de esquerda. Opostamente, uma vitoriosa manobra, por parte do Sr. Paulo Maluf, que conduzisse à restauração de um regime autoritário, assumiria, necessariamente, características de extrema direita.

NAS presentes condições, um cenário de esquerda, no Brasil, tenderia a ser muito distanciado do modelo soviético e, mais ainda, de relações de dependência para com a URSS. O modelo mais provável, para uma tal hipótese, seria uma versão brasileira do esquerdismo militar peruano, do General Velasco. O Estado tenderia a ampliar muito significativamente sua intervenção na esfera produtiva, o capital estrangeiro seria conduzido a formas limitadas de cooperação, baseadas em grandes contratos com o Estado, e a sociedade brasileira, em seu conjunto, seria extremamente burocratizada.

Em tal quadro, não se pode deixar de duvidar das possibilidades de preservação de um regime efetivamente democrático. É certo que a atual esquerda brasileira, inclusive o PCB, adotou, genuinamente, com exceções pouco relevantes, uma posição democrática, convicta de que o socialismo é uma universalização radical da democracia. Esta, na verdade, era a convicção do próprio Marx, embora por longos anos o marxismo, em virtude da decisiva influência de Lenin, tenha se divorciado da democracia. Sem embargo da nova e convicta postura democrática de quase toda a esquerda radical, no Brasil, tudo indica que uma ampla estatização da economia, nas condições de aguda escassez que ainda ostenta o subdesenvolvimento brasileiro, acarretaria a exigência de uma condução autoritária do Estado. Tal resultado decorreria, de um lado, das características de uma gestão burocrática do sistema político e, de outro lado, da necessidade de impedir o retorno a formas privadas de produção.

Um cenário de extrema direita, nas atuais condições brasileiras, também se reveste de baixa possibilidade de ocorrência. A eventual emergência de tal hipótese tenderia a depender, principalmente, de duas alternativas. Uma, a prazo relativamente curto, decorreria, na eventualidade de uma presidência Maluf, da capacidade de que este desse prova de se instalar solidamente no poder e de dar um golpe de Estado preventivo, para evitar os riscos de seu **impeachment** congressional. A alternativa mais provável, entretanto, é a de um retorno ao autoritarismo militar, com apoio das forças conservadoras, dentro de condições que restaurassem, no empresariado e em importantes setores da classe média, o pânico de reformas sociais e de reivindicações populares.

Assim como, no caso brasileiro, um cenário de extrema esquerda não seria tributário do comunismo nem conectado com a União Soviética, assim também, na hipótese de um cenário radical de direita, este nada teria a ver com os modelos tradicionais do fascismo, do tipo italiano ou alemão. Um cenário de extrema direita, no Brasil, conduziria, no plano econômico, à completa internacionalização da economia, dentro de um modelo de liberalismo transnacional. Para viabilizar essa opção econômica, seria necessário um forte autoritarismo político, mediante uma administração militar-tecnocrática do país, com absoluta repressão de todas as formas de liberdade política, sindical e de imprensa.

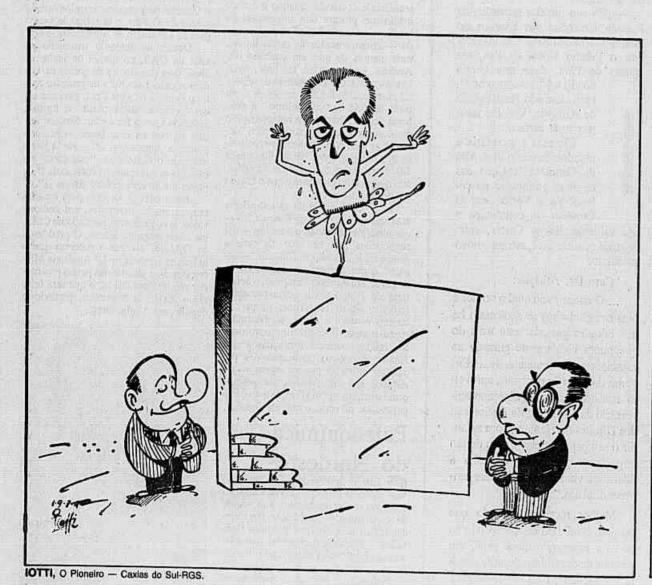
Para compatibilizar a internacionalização da economia — voltada para a exportação e a produção de bens duráveis para as classes altas — com a existência de grandes massas marginais, o novo modelo seria obrigado a adotar formas muito controladas no tocante à movimentação, ocupação e residência das pessoas. Sistemas de passaportes internos, de residência compulsória em certas áreas e de recrutamento forçado para determinadas atividades teriam de ser concebidos, de sorte a resolver o problema da miséria através do confinamento das massas pobres em determinadas regiões do país. O modelo se revesteria de características do regime sul-africano, em que, em vez de um sistema de **apartheid** racial, impossível nas condições de mestiçagem do Brasil, se instauraria um **apartheid** de classes, em que as grandes massas marginais seriam mantidas como mero exército de reserva, fora das áreas civilizadas e modernas do país.

É alentador o fato de que, a despeito da terrível crise em que mergulhou o Brasil e das deploráveis condições sociais que continua ostentando, os cenários extremados de esquerda e de direita apresentem muito baixa possibilidade de virem a ocorrer. Importa não esquecer, entretanto, que o provável encaminhamento do país para o cenário central, precedentemente delineado, não traz consigo nenhuma solução milagrosa e instantânea dos problemas brasileiros.

HÉLIO JAGUARIBE
Decano do Instituto de Estudos Políticos e Sociais (IEPES).

PONTO DE VISTA

RICARDO, Diário do Comércio Belo Horizonte, MG.

IOTTI, O Pioneiro — Caxias do Sul-RGS.

Gazeta do Povo — Curitiba, Pr.

AROEIRA, Diário da Tarde — Belo Horizonte, MG.

UM IMORTAL PARA PRESIDENTE

■ Exclusivo: surpresa na sucessão. O Presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde, lançou a própria candidatura à Presidência da República. Declara-se capaz de conciliar os ânimos, revertendo o quadro eleitoral. E considera seus 86 anos uma vantagem: "Não cultivo ambições pessoais."

AUSTREGÉSILO de Athayde, 86 anos, presidente da Academia Brasileira de Letras, é candidato à Presidência da República, devendo confirmar sua postulação ao Presidente João Figueiredo no dia 14 de dezembro, quando S. Exa. irá a um **vernissage** na ABL.

Ele garantiu a seriedade da sua declaração durante entrevista exclusiva concedida ao **Caderno Especial**, segunda-feira, dia 29, em seu gabinete de audiências, sob testemunho do busto empoeirado de Rui Barbosa. Quanto à idade avançada (tema que motivou a entrevista, devido à discussão sobre a "juventude" dos Srs. Ronald Reagan e Tancredo Neves — aguardem o próximo **Especial**), o candidato Austregésilo de Athayde qualificou a velhice como fator positivo, uma vez que a ambição e a vaidade cedem lugar à ponderação e experiência.

— Eu sou imbatível em qualquer tipo de eleição, embora prefira a via direta. Tenho o poder de convencer as pessoas, de fazê-las concordar com minha opinião.

No dia seguinte, citando Tancredo Neves, Barbosa Lima Sobrinho, 87 anos, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, acrescentava um argumento em favor da supreendente disposição do seu colega imortal:

— Adenauer salvou a Alemanha aos 85 anos, Churchill salvou a Inglaterra após os 80, e Nero incendiou Roma aos 30. Tudo depende das capacidades individuais. No caso do Austregésilo, que comparece diariamente ao trabalho na Academia e está sempre dando conferências aqui e ali, eu duvido que alguns desses candidatos aceitassem seus encargos.

Ele estava justamente em meio ao trabalho, cuidando da correspondência, volumosa e diária, entre as cartas, uma da Presidência da República, quando fez o repórter entrar, sentar e quase cair de costa: sua candidatura foi lançada naquele momento.

No último encontro entre ambos, durante uma entrevista para a TV Educativa, o Presidente da ABL desceu do seu estrado, no salão nobre, e fez uma série de flexões, demonstrando como conserva a vitalidade. O câmera ficou estupefacto diante do inusitado atleta, desligou o circuito e ficou de boca aberta, vendo o senhor de cabeça totalmente alva, chacoalhando dentro do eterno terno azul, pagando a série de peito.

Mas por que não? Nada impede a um ancião sadio e lúcido o prazer de fazer exercícios. O exemplo é a melhor maneira de educar, e o Presidente da ABL mostrava como.

É dessa saúde que emana o bom humor do novo candidato. O humor é a última tábua do saber. Austregésilo de Athayde se diverte com as próprias idéias, e mais uma vez o destino resolve fazer graça, entre o repórter inexperiente e o velho jornalista, com 66 anos de profissão.

Faltou papel. O repórter havia descido apenas para marcar a entrevista e foi surpreendido com o convite imediato ao gabinete. Entrou na sala de luz branda e macias sombras nas sancas do teto alto, pensando numa observação profissional:

"Quanto mais insignificante um homem, mais ele o deixa esperando na ante-sala." Entre as poltronas escuras e macias como colo de mucama, havia a cesta de papéis.

— Pode servir-se à vontade, não faça cerimônia.

— Biogás, não é professor?

— Nesses tempos de crise não se deve desperdiçar nada.

Então o primeiro envelope a ser sacrificado como bloco de anotações foi do gabinete do Reitor da Universidade de São Paulo, endereçado ao "Excelentíssimo Senhor Dr. Austregésilo de Athayde, DD Pres. da Academia Brasileira de Letras", que pensa e fala muito mais ligeiro do que qualquer foca possa anotar.

— A vida é uma sucessão de fatos e experiências, até uma idade em que não se pode mais captar e perceber essas experiências. Eu quero que fique bem claro que a mocidade não é condição **sine qua non** para que se realize obras e cuide de sua comunidade.

— Eu estou aqui esperando que me façam um convite para a candidatura presidencial, eu sou candidato.

— Candidato à Presidência da República, professor?

— Isso mesmo, candidato à Presidência da República. Minha postulação situa-se mais no saudosismo que numa expectativa de futuro.

Foi a vez de o repórter ficar petrificado. Ali estava uma das

Austregésilo de Athayde

maiores eminências, um dos homens mais respeitados, sérios e inatacáveis desta nação, lançando-se uma candidatura de um peso insuportável para pessoas com metade da sua vida.

— E qual seria o seu programa de Governo?

Outro susto:

— Pedir mais dinheiro ao exterior, para crescer com a poupança deles. Pedir empréstimos para mais obras, dar mais empregos, acelerar o desenvolvimento.

— E pagar como?

— Pagar com a produção. A boa aplicação do capital sempre gera mais recursos. Não dever é sinal de falta de idoneidade financeira. Por que o Brasil deve 100 milhões de dólares? É porque acreditaram nele. Ninguém emprestaria 100 bi ao Haiti.

Rimou. Na hora, o repórter pensou: "coisa da poesia". Porque há um lado agradável em conversar com a afabilidade dos oitenta e tantos anos. Nem a dívida externa espanta o velho.

— Crescer com a poupança deles e o que mais, professor?

— Eu daria à educação prioridade máxima em todos os graus. É preciso atender às necessidades da alfabetização, da mesma forma que se torna indispensável a formação de uma elite. Sem pessoas altamente qualificadas, não há possibilidade de renovação. Antigamente, elite era um nome que se aplicava apenas a produtos agrícolas. Caíram os preconceitos. São as elites que criam.

— Como o senhor administraria o País?

Austregésilo de Athayde fala com a cabeça erguida, jogada para trás, parece um dos muitos bustos da Academia. Lê sem óculos, segura as cartas com firmeza, o papel fica rígido. Tem o olhar direto e não parece estar fazendo brincadeira com assunto tão sério. Não é do seu feitio.

— Pode dizer que eu tenho uma fé enorme no jeitinho, o famoso jeitinho. É um dom do brasileiro. Os problemas fáceis se resolvem. Porém os problemas mais difíceis só são solucionados com jeito. A História brasileira é toda feita de jeitinhos. Trata-se do valor da palavra, do

Pagar com a produção. A boa aplicação do capital sempre gera mais recursos.

espírito conciliador. A minha política seria a política do jeitinho, que não é nada além do raciocínio aplicado ao máximo da sua potencialidade. Brando, suave, persuasivo, o jeitinho lubrifica a máquina.

— O Sr malufou, Presidente?

— Não. No atual quadro, o meu voto é para o Tancredo, e um dos fatores decisivos é a sua idade, a sua experiência. Não que isso represente um desdouro para o candidato Paulo Maluf, do qual reconheço capacidade.

Acabou-se o envelope da USP. Na reciclagem da cesta de papéis, o espaço mais promissor era um envelopão do Museu Nacional de Belas-Artes. Após a pausa, o entrevistado retoma o assunto:

— Minha opção pelo ex-Governador de Minas é feita à vista de comparações, ao longo da trajetória política dos candidatos.

— E quanto à forma eleitoral, o senhor tem alguma preferência?

— Eu prefiro o voto direto, e niguém me bateria. Eu tenho capacidade de persuasão. Não haveria candidato capaz de me resistir e me vencer.

— Como nos tempos da Lei Falcão, o Sr poderia traçar o seu perfil de candidato?

— Eu sou um dos redatores da Política Universal dos Direitos do Homem. Quando Rene Cassou recebeu o Prêmio Nobel da Paz, em agosto de 1968, disse que queria dividir o Nobel com o brasileiro chamado Austregésilo de Athayde. Vou lhe mostrar uma carta...

Chamou a secretária e mandou buscar o livro **Alfa do Centauro**, coleção das crônicas publicadas na coluna **Vana Verba**, em **O Cuzeiro**. Na contracapa o ex-Presidente Jimmy Carter, cabo eleitoral considerável, retrata o novo candidato:

"Caro Dr. Athayde:

... O conceito ao qual o senhor e seus companheiros se dedicaram há três décadas passadas está mais do que nunca vividamente gravado na consciência da humanidade... Em nome do povo do meu país, aproveito esta oportunidade (trigésimo aniversário da assinatura da Declaração dos Direitos do Homem) para aplaudir o seu papel na elaboração de tão importante documento e saudar a liderança vital do Brasil nesse empreendimento."

Melhor recomendação do que esta um candidato em potencial não poderia esperar, e quem sabe, em meados de dezembro, durante a visita presidencial, com um jeitinho...

HUMBERTO BORGES
Jornalista

PERSPECTIVAS NACIONAIS

Deputado Nelson Marchezan

Sucessão gaúcha

A definição dos seis delegados estaduais ao Colégio Eleitoral no Rio Grande do Sul, favoráveis à Maluf, foi mais um complicador na sucessão estadual, especialmente para os três principais pretendentes ao cargo pelo PDS, Deputados federais Nélson Marchezan e Victor Faccioni e o Senador Carlos Alberto Chiarelli, até agora indefinidos (os dois primeiros) ou totalmente contrários à Maluf (Senador Chiarelli).

Paralelo aos três, segue firme o Deputado Marcus Vinicius Pratini de Moraes, o primeiro a **malufar** na bancada federal e que aposta alto na vitória do candidato do PDS à Presidência da República: se Maluf ganhar, ele certamente será o mais forte candidato do PDS à sucessão de Jair Soares. Ele se beneficiaria, também, na hipótese de uma vitória de Maluf, pelo fato de que os diferentes setores do PDS gaúcho se posicionaram a favor do candidato do partido, dentro da tradição partidária do Rio Grande do Sul. Assim, contaria como apoio majoritário das bancadas estadual e federal e do próprio diretório, onde o presidente regional, Deputado Victor Faccioni, se mantém indefinido. Se Tancredo ganhar, Pratini não terá chance alguma.

O drama do PDS gaúcho, em termos de sucessão ao Palácio Piratini, é que os dois nomes mais fortes ou são contra Maluf (Chiarelli) ou se mantêm indefinidos (Nelson Marchezan). Isso sem falar no posicionamento do próprio Governador Jair Soares, de nítida oposição a Maluf. O problema poderia ser contornado pelo fato de que Soares pretenderia concorrer a deputado federal na próxima eleição, o que o levaria a sair do poder seis meses antes, junto com o Vice-Governador, Claudio Strassburger (também candidato a deputado federal). Como os deputados na Assembléia pretendem concorrer à reeleição, quem estivesse na Presidência da Casa em 1986, no caso o PDT, também não se interessaria pelos seis últimos meses como Governador, cargo que ficaria com o Presidente do Tribunal de Justiça. A vitória de Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, entretanto, fortalecerá alguns candidatos, como o próprio Chiarelli e também Marchezan, sem falar nos candidatos naturais do PMDB (Senador Pedro Simon) e do PDT (Alceu Collares ou Deputado Aldo Pinto).

Protocolo inusitado

O documento apelidado de "Protocolo de Declarações e Intenções", firmado entre o Secretário de Justiça e Interior, Vivaldo Barbosa, e a clã dos Avelino — família de grande poder econômico e freqüente envolvimento policial — conseguiu uma proeza pouco comum nos meios jurídicos do Rio: a unanimidade. Todos, juízes, promotores, advogados e notadamente policiais não entenderam nada e, por via das dúvidas, ficaram contra.

De fato, é muito difícil se entender semelhante protocolo, quando a Justiça fluminense procura dois integrantes da família — os irmãos Júlio Cesar e Fernando — como acusados da morte do tio, nada menos do que um cunhado dos Avelino. Procura inútil, até hoje, como foram quase todas as tentativas de prisões de membros da família, ao longo desta triste história de "coronelismo" a duas horas do Rio. Difícil de se entender que o protocolo afirme que a família para "demonstrar suas boas intenções se compromete a dar emprego a 100 famílias e mais 100 homens em suas muitas fazendas, sem que se saiba até agora o que o Estado vai dar em troca.

Mais difícil ainda de se entender a ausência do Secretário de Polícia Civil — que obviamente repudiou o acordo — das negociações uma vez que ele seria a pessoa mais indicada para discutir "intenções" já que conhece, como poucos, os Avelino. Foi Arnaldo Campana, o Secretário de Polícia Civil, quem conseguiu resolver alguns inquéritos; quem não aceitou acordos e quem, efetivamente, prendeu alguns dos pistoleiros envolvidos nas muitas matanças atribuídas a esta família. O motivo do acordo é a paz pública; as razões poucos sabem, os resultados são imprevisíveis até porque, como unanimemente afirmam todos, ninguém sabe ao certo o que ele significa.

Petroquímica do Nordeste

CERCA de 40% de toda a produção do pólo Petroquímico de Camaçari destinam-se à exposição este ano, segundo a Abiquim — Associação Brasileira das Indústrias Química e Produtos Derivados — apesar de o complexo industrial ter sido implantado objetivando, basicamente, atender ao mercado interno.

Sofrendo fortemente o impacto da recessão — que levou as empresas do setor a reduzirem sua produção à média de 40%, em 1981 — o Pólo de Camaçari deu a volta por cima e hoje já opera à plena capacidade, vendendo quase tudo que produz, graças à ofensiva no exterior. Assim, deve economizar 2 bilhões 800 milhões de dólares em divisas para o país, com as exportações e substituição de importações este ano.

Faturando aproximadamente 400 milhões de dólares com exportações até outubro, 34 empresas de Camaçari já suplantaram em nove meses o total de exportações de 1983 (288 milhões de dólares, segundo a Promo-Export-BA) e a previsão inicial da coordenação do Complexo Petroquímico (Copec) de atingir até dezembro 350 milhões de dólares de vendas ao Exterior.

Sem dúvida, a rápida retomada da capacidade produtiva plena se deve, sobretudo, ao desenvolvimento, pelas empresas, de novas aplicações para suas mercadorias e ao grande entrosamento dos empresários, facilitado pela existência de um grande acionista comum à maioria das empresas, a estatal Petroquisa.

Com o forte apoio da Interbras (outra empresa estatal), as indústrias empreenderam ações que asseguraram fatias significativas no mercado internacional. Com preços competitivos, favorecidos por incentivos fiscais e outros estímulos do Governo, as empresas do Copec geralmente exportam a preços abaixo do custo de produção. Por isso, em termos de valor, a participação das vendas ao exterior não chegam a 20% do faturamento global (2 bilhões 300 milhões de dólares até outubro).

Responsável por cerca da metade da produção nacional do setor, o Polo Petroquímico do Nordeste contribui significativamente para que a área química, como um todo, alcance, ao final deste ano, um superávit de mais de 200 milhões de dólares no país. Isto, depois de o Brasil ter apresentado o maior déficit químico entre os países do ocidente na década passada, atingindo 2 bilhões 600 milhões de dólares em 1980. No ano passado, o deficit caiu para 150 milhões de dólares, de acordo com os dados fornecidos pelo Presidente da Abiquim-Associação da Indústria Química e Produtos Derivados, Carlos Mariani Bitencourt.

Mesmo havendo um incremento substancial da demanda brasileira no próximo ano — o que eles não acreditam —, os empresários baianos acham necessário manter uma reserva de 20 a 25% da capacidade produtiva para exportação permanente, sob pena de as indústrias perderam a fidelidade do consumidor externo, se ficar entrando e saindo do mercado. Afinal, em caso de uma crise semelhante em outra época, teriam de montar o mesmo esquema novamente, desenvolvendo os mesmos esforços.

OAB x General em Brasília

NA guerra de processos que, mutuamente, se movem o Comandante Militar do Planalto, General Newton Cruz, parece estar levando vantagem sobre o Presidente da OAB-DF, Maurício Correa. Quatro meses depois da ocorrência de um incêndio na sede da Ordem dos Advogados e do quase simultâneo lançamento de suspeita sobre uma origem criminosa, Maurício Correa é indiciado pelo General, com base no Código Penal Militar, "pela prática de crimes contra a honra".

"Estou confiando em meus advogados, Arthur Lavigne e Sobral Pinto", observou o Presidente Maurício Correa, que move, ele próprio, um outro processo contra o General Newton Cruz. Isso porque, na qualidade de executor das medidas de emergência que pela primeira vez foram decretadas em Brasília, em 83, o Comandante do CMP requisitou uma placa de bronze de Cr$ 700 mil, pertencente à Ordem. Maurício Correa tenta recuperá-la, na Justiça, — 3ª Vara federal — sem muito resultado.

As divergências entre as duas autoridades começaram exatamente nessa época (votação do Decreto 2 065, em 1983), pois além do confisco da placa de bronze, o General Newton Cruz mandou invadir a sede da Ordem, e lá retirando gravações do I Encontro de Advogados do DP.

Depois do incêndio irrompido na sede da OAB, no dia 29 de junho de 1984, dois dias depois do jornal da Ordem noticiar a abertura de processo contra o General Newton Cruz, para que ele devolvesse a citada placa de bronze, Maurício Correa fez declarações aos jornais ligando os dois fatos: incêndio e processo. Alguns dias antes ele já havia chamado o General de "psicopata" em discurso pronunciado no comício de 1º de junho em Brasília pelas "diretas já".

Essas falas de Correa, para espanto seu, foram-lhe mostradas, em áudio e vídeo, no depoimento prestado no CMP, dia 24 de setembro último. O presidente da OAB/DF diz que o processo que o indicia se encontra na 11ª Auditoria Militar; o auditor abriu vistas para o procurador militar denunciá-lo, o que será feito até o dia 10 de novembro, partindo-se depois para o julgamento.

General Newton Cruz

O Rio e seu mercado imobiliário

■ O caos urbano agrava o problema imobiliário do Rio. Aliás, toda grande cidade tende à situações caóticas, à violência, com o aumento desmedido da população. O urbanista grego Constantin Doxiades previu esses problemas.

ESTAMOS vivendo nos últimos anos uma recessão perigosa e, como conseqüência, um desaquecimento preocupante no setor da construção civil, com ênfase no mercado imobiliário. As repercussões já se fazem sentir com desativação de diversas empresas, o silêncio estratégico de outras, resultando, em ambos os casos, o aumento dos níveis de desemprego.

Levas migratórias de gente humilde, formadoras do contingente de mão-de-obra pouco qualificada e até com alguma qualificação deslocam-se para suas cidades de origem afugentadas pelo desemprego e desencantadas pelo que eles entendim ser o "Sul Maravilha". Resta a nós, com raízes no Estado, em nossa cidade, pensar, discutir e agir em busca de uma solução, que certamente não será a de migrar também.

Todos, nos diversos segmentos que compõem este mercado imobiliário, têm responsabilidade de procurar soluções, visando a fletir esta curva em queda para retomar, com a rapidez possível, os índices de desempenho que o setor mostrava anos atrás.

Acredito que, no meio desta crise toda, caiba perguntar qual a lição aprendida.

Em parte, certamente, a culpa deve nos caber, talvez por omissão ou passividade.

Talvez, pela ação às vezes apressada de realizar resultados rapidamente e não nos preocuparmos com o respeito ao equilíbrio de uma certa ecologia em termos do mercado que servimos.

Pergunto-me: até onde o **marketing** foi peso positivo ou negativo nesse processo todo?

E mais ainda: existe realmente um **marketing** imobiliário?

O conceito de **marketing** foi integralmente respeitado, ou melhor, é respeitado na atividade imobiliária? Ou apenas usamos as ferramentas mais à mão e mais fáceis do **marketing**, construindo um modelo hemiplégico, em um misto de conceito voltado para a produção, encaixando a preocupação com o mercado em um mosaico nem sempre muito homogêneo?

Lembro-me bem, na época em que assistia à corrida do ouro dos stands, uma Califórnia da Zona Sul do Rio, onde prédios inteiros eram vendidos no mesmo dia em que eram oferecidos. Valia, na época, o prestígio de conhecer alguém da imobiliária, situação análoga à do mercado de veículos novos em 1962, quando para comprar um Volkswagen era preciso entrar em fila.

Na época, o mercado de demanda era tamanho que o **marketing** era uma abstração. O terreno ofertado ao incorporador, se tivesse bom preço e ponto nobre, era irresistível. O produto era imaginado de acordo com as posturas municipais e o melhor aproveitamento de espaço. O mercado, hipnotizado pelas ofertas, transformava os lançamentos em **happenings** em que valia tudo.

No decorrer da comercialização, as tabelas aumentavam várias vezes no mesmo dia, ajustando-se aos níveis de demanda. Os ganhos excessivos do setor eram justificados pelo incorporador como o melhor aproveitamento da oportunidade. A par disso, somava-se a inquietação do momento político, onde as regras eram mudadas de maneira arbitrária. "Atropelar e correr" era o mote.

Nesta época, a poupança engordava e o milagre brasileiro ia acontecendo com taxas de crescimento jamais vistas.

O **marketing** então, apoiado na ferramenta publicidade, promovia campanhas motivacionais para atrair o **prospect** de comprador diferenciando o produto pelo talento de criação da agência de publicidade.

Compradores adquiriam várias unidades sem a menor possibilidade de cumprir seus compromissos, virando por sua vez intermediários em segundo plano, provocando com sua participação um panorama totalmente artificial de mercado.

O que aconteceu em São Conrado não é preciso reconstituir.

Mais recentemente, a descoberta do "filão" apart-hotéis provocou situação semelhante, ainda que dentro de contexto diferente.

Com o mercado, devemos ter uma relação de total respeito. Ele não há de perdoar nunca avaliações superficiais. A cobrança pela inadvertência virá, e quase sempre com conseqüências desastrosas.

Hoje, defrontamo-nos com uma situação em que a realidade de 10 anos atrás parece um sonho distante.

Os níveis de desemprego do setor de construção civil, incluindo aí as empreiteiras, é alarmante.

Se em 1981 a capacidade de absorção de mão-de-obra era de 220 mil trabalhadores, hoje caímos para a metade. Os incorporadores defrontam-se com estoques crescentes, identificando 1983 como o pior ano da indústria imobiliária. Do total de lançamentos, apenas 18% da oferta foram comercializadas aquele ano.

De 1982 para 1983, os lançamentos reduziram-se de 32 mil unidades para 9 mil unidades. Mas recentemente, se compararmos os primeiros semestres de 83 e 84, os lançamentos reduziram-se em 50%, com apenas 17% da produção comercializados.

Em São Paulo, algumas empresas tiveram êxito lançando imóveis de luxo, ao identificar uma demanda específica originada pela síndrome do assalto, resultante da onda que se abateu nos bairros de alto poder aquisitivo naquela cidade.

Técnicos do setor identificam que o estoque existente atenderá a demanda para os próximos dois anos se os níveis de venda persistirem no mesmo desempenho. Isto se não acontecerem mais lançamentos.

De outro lado, o fenômeno de inchação das cidades persiste, com taxas que variam de 2,7% ao ano no Rio a 10% ao ano em Fortaleza. O que poderá acontecer nos próximos 10 anos, se a situação não se inverter, é facilmente previsível.

Mollica

O que agrava o problema imobiliário no Rio de Janeiro é o deslizar para o caos urbano, previsto pelo urbanista grego Constantin Doxiades, para todas as grandes cidades. Lembro, a título ilustrativo, uma experiência de comportamento realizada por cientista norte-americano:

Uma colônia de ratos foi criada em alojamento com bastante espaço, água corrente e comida, o acesso era fácil, através de rampas a colônia vivia feliz e em ordem, multiplicando-se.

Um dia, os cientistas reduziram as rampas. Ainda havia bastante espaço, água corrente e comida para todos. Mas, o congestionamento nas poucas rampas restantes fez aumentar a violência. Surgiram os mais fortes, impondo uma liderança e exigindo prioridade de passagem. Surgiram também os oprimidos, os acovardados, com algumas situações de crise, luta e muita violência.

A seguir, reduziu-se o espaço e conseqüentemente o conforto na colônia. Conservaram comida à vontade e água em abundância.

Registrou-se um aumento da violência e o surgimento de desvios de comportamento social e moral, pela promiscuidade. Ratos machos fracos passaram a ter comportamento de fêmea e a luta pela prioridade no espaço reduzido resultou em baixas na colônia, o índice de natalidade também registrou uma queda.

NA redução do espaço, a crise foi sendo agravada, as fêmeas passaram a devorar os filhos e tornaram-se estereis. Os fortes tornaram-se tirânicos e os fracos sucumbiram à violência sem propósito.

Não faltava água ou comida. Faltava espaço.

Tentaram o inverso. A ampliação do espaço e o reestabelecimento das rampas.

Os sobreviventes eram apenas sobreviventes. Não voltaram a ser normais em sua colônia.

Não existe propósito em comparar ratos com homens. Quero apenas mostrar que, na biosfera, nada é gratuito. Tudo parte de uma noção muito clara de equilíbrio.

Nesse equilíbrio de que falo, voltando a realidade do dia-a-dia, nota-se claramente que precisamos, com urgência, buscar soluções para recuperar a atividade imobiliária.

De nossa parte, no que concerne os investimentos em jornais no Rio de Janeiro, a publicidade imobiliária caiu para uma representatividade global em centímetros de apenas 19%, quando chegou a somar 28% em 1980.

Veículos de comunicação, intermediários — sejam eles imobiliárias ou agentes autonômos — incorporadores e construtores estão no mesmo barco neste desafio de reativação.

Acreditamos que uma discussão deste mercado, enfocado pelo **marketing** poderá fazer com que entendamos melhor o fenômeno, ao entendê-lo é possível que alguma idéia possa servir de semente para iniciar a reativação.

SÉRGIO REGO MONTEIRO
Vice-Presidente de Marketing do JORNAL DO BRASIL

O Brasil e as reservas internacionais

■ Qual o nível adequado de reservas internacionais que o Brasil deve ter? Geralmente, é de três meses de exportações ou sejam 4 a 5 bilhões de dólares.

TEMOS tido depoimentos contraditórios de nossas autoridades monetárias relativamente à nossa capacidade de, no ano entrante, pagarmos todos os juros devidos pela dívida externa sem qualquer auxílio dos credores internacionais. Ora acham que poderemos satisfazer todos os encargos sem qualquer empréstimo novo, ora indicam que as nossas reservas não serão suficientes para tanto.

A discussão versa assim sobre a importância das reservas internacionais, qual o seu nível teórico adequado e como criá-las. Este é o caminho que pretendo seguir neste artigo, terminando com uma proposta concreta sobre o nível de reservas a ser obtido.

A existência de reservas internacionais adequadas é fator essencial de senso de responsabilidade, crédito e independência nacional. É do conhecimento de todos e dispensa comentários o que ocorreu conosco em fins de 1982 e meados de 1983 quando, nessas duas oportunidades, acabaram-se nossas reservas. Entre 20 de dezembro e o ano novo de 1982/3 tivemos, às pressas, que contar aos nossos credores a lamentável situação de nossas contas e que eles iriam renovar o principal a se vencer no ano seguinte. Em agosto de 1983, de novo, fomos a eles com a Resolução 851 dizendo que por falta absoluta de reservas suspendíamos por tempo indeterminado o pagamento de vários itens dos nossos compromissos internacionais.

Se queremos ser um parceiro responsável no mercado internacional, se desejamos ser respeitados e ver a nossa independência de ação inquestionada, precisamos evitar situações como as acima. Só o faremos na medida em que tivermos reservas internacionais. E isso porque, em ocorrendo situações adversas, externas ou internas, só estaremos em condições de nós mesmos escolhermos as medidas corretivas necessárias, se tivermos reservas adequadas.

Mas, o que serão reservas adequadas? Tradicionalmente, aceita-se a base de três meses de importações como reservas apropriadas para um país que apresente as suas contas externas equilibradas. Isso significa que este país, em ocorrendo um imprevisto que afete seriamente as suas exportações, por exemplo, diminuindo-as em — digamos — 25%, terá ainda um ano de reservas antes de vir a constituir-se um problema para a comunidade internacional.

Já o Brasil, que na década de 70 lançou-se em deliberada política da captação de recursos externos para acelerar seu crescimento, reconhecendo os riscos de tal procedimento, reforçou o conceito de reservas. Assim, não se iniciou nenhum ano após a crise do petróleo sem que o país tivesse em reservas internacionais ao menos 84% da totalidade do principal e juros a pagar no ano. Em janeiro de 1979, último ano do decênio, as reservas equivaliam a 111% do total de juros e principal a pagar no ano. O mesmo montante, para janeiro de 1985, equivaleria a aproximadamente US$ 25 bilhões.

Vemos assim que os riscos inerentes à política econômica escolhida devem ser refletidos no nível colimado de reservas. Também os riscos conjunturais devem ser espelhados nesse nível. Um ano de transição de Governo (e assim foi em 1974 e 1979) aconselham reservas mais elevadas. Incertezas no mercado internacional (como foi a crise do petróleo, como é hoje o deficit comercial americano sem precedentes) apontam na mesma direção.

A conclusão, portanto, é que o nível adequado de reservas há de ser determinado de caso a caso. Cada situação, à luz da experiência histórica e da capacidade de criação de novas reservas é que estabelecerá o nível ideal a ser atingido.

E como podemos criar novas reservas se elas vierem a se tornar necessárias? Dentro das atuais circunstâncias, caso essa situação se apresente ao Brasil, significará, no momento em que ocorrer que o esforço máximo que estaremos dando nas exportações não está sendo suficiente. Igualmente o fluxo de investimento direto não estará satisfatório. Restarão, então, dois caminhos de criação de novas reservas: empréstimos internacionais e restrição das importações. Como o recurso ao mercado internacional de empréstimos pelos caminhos normais está fechado para nós, ou por outras palavras, o mercado no momento nos empresta apenas no contexto da renegociação dos juros, só nos sobrará o caminho da restrição às importações, ou seja, da contenção do crescimento. Restringindo novamente as importações criaremos as reservas ou deixaremos de gastar as existentes. Exatamente por essa razão é que é tão importante, ao se iniciar novo período de renegociações, verificarmos qual o nível adequado de reservas para discutirmos com os nossos credores. Se não o fizermos, iremos, com recursos próprios, pagando a integralidade dos juros e, surgido um percalço ao longo do ano, mais uma vez a saída será usarmos a variável controlável, a recessão interna.

Mas qual o nível adequado de reservas para os dias que correm?

Este é um assunto aberto à discussão e a minha proposta é a seguinte: o nível adequado, para iniciarmos 1985, há de ser a competente comercial, I.E., os três meses de importações, mais a pior estimativa de balanço de pagamentos para esse ano. A proposição supra, parece-me, deverá ser necessariamente aceita se houver concordância em que, primeiro, o mercado internacional está fechado para nós para operações normais e, além disso, que não desejamos mais usar do recurso de comprimirmos as importações e, segundo, que em nenhuma hipótese devemos acabar o ano de 1985 com reservas inferiores a três meses de importações. Com o nível de comprometimentos internacionais que temos e as incertezas prevalescentes, não vejo como se possa admitir, na pior hipótese, terminar 1985, iniciar 1986, com reservas abaixo três meses, ou seja, inferiores a US$ 4 a 5 bilhões de dólares. Já porque, se essa situação se configurar como provável, ao longo de 1985 diversas medidas terão que ser tomadas para preparar o ano seguinte.

> Mas o que serão reservas adequadas? Tradicionalmente, aceita-se a base de três meses de importações como reservas apropriadas para um país que apresente as suas contas externas equilibradas.

Para que isso ocorra, é necessário que nas próximas renegociações tenhamos uma projeção razoavelmente segura para 1985. Como de hábito deverão ser feitas ao menos três projeções: a otimista, a mediana e a pessimista. O país trabalhará, dará o melhor de seus esforços, torcerá para que aconteça a otimista. Pelas razões indicadas, porém, deverá necessariamente estar preparado para enfrentar a pessimista.

Hoje, nas projeções de nossa balança de pagamentos, há três grandes variáveis de importância: o comportamento das exportações, das importações e da taxa de juros. Admitindo, na hipótese otimista, um crescimento das exportações 14%, das importações de 17% e uma taxa média de juros no interbancário de 10,63% a.a. chegamos a um resultado equilibrado do balanço de pagamentos, adotando, por outro lado, na versão pessimista uma queda nas exportações de 6%, um crescimento nas importações de 10% e uma taxa interbancária de juros de 13,75%, temos um resultado negativo de mais de US$ 6 bilhões.

E não se diga que é impossível que caiam as nossas exportações (em 1982 caíram 13.3% quando nesse mesmo ano o Banco Central previa como pior hipótese o crescimento de 12,5% houve no caso um engano de US$ 7 bilhões) nem que as taxas de juros não voltem a subir. Ao menos nesse sentido manifestam-se conhecidos analistas de **wall street**.

Reiteramos: todos os esforços deverão estar concentrados para que a hipótese menos favorável não ocorra. Se, porém, ela vier a se verificar, deveremos estar preparados.

Aceitos os princípios supra, deveríamos iniciar o ano de 1985 aproximadamente com US$ 10 bilhões de reservas. A diferença das reservas que tivermos obtido no exercício corrente com o montante supra, deverá ser conseguido em negociações com os nossos credores.

Acredito que não nos faltem títulos para tal proposição: essa solicitação é feita no bojo de uma renegociação global decorrente da crise de 1982, cujos ônus têm que ser repartidos por seus participantes; o montante em pauta será, provavelmente, em termos proporcionais, substancialmente menor do que o empréstimo concedido em 1984; os ajustamentos básicos no Brasil já foram feitos. Não há déficit público operacional; um Brasil com forte posição de reservas é fator de estabilidade no mercado internacional; as reservas constituídas por meio desse tipo de empréstimo podem ter uma carência para sua transformação em cruzeiros, não constituindo, assim, impacto imediato sobre os meios de pagamento.

Podemos agora concluir: se entendermos que o menor nível admissível de reservas são três meses de importações e não desejarmos submeter o país a novas restrições de importações, deveremos na próxima rodada de negociações solicitar dinheiro novo no montante mínimo que permita serem as nossas reservas iguais à somatória dos três meses de importações mais a pior hipótese de balança de pagamentos para 1985.

Na elaboração dessas hipóteses, devemos nos acautelar dos enganos passados onde sistematicamente os otimismos na sua elaboração foram corrigidos por restrição às importações ou renegociações adicionais.

FERNÃO BRACHER
Vice-Presidente Executivo do BRADESCO

O amor homossexual não era defendido pelo grego livre.

Michel Foucault

"O SEXO ABORRECE"

Bruno Liberati

PARECE que Michel Foucault (Poitiers, 1926) tinha câncer, há alguns meses, mas sua morte (25.6.1984), em plena maturidade (58 anos), surpreendeu. Era um dos mais importantes pensadores contemporâneos; criou uma análise completamente nova do discurso. Para ele, a razão dos conceitos produzidos por uma época deve ser buscada na língua e em suas regras de uso. Publicou, entre outras obras, História da Loucura na Idade Clássica (1961), Nascimento da Clínica (1963), As Palavras e As Coisas (1966) e Arqueologia do Saber (1969). Seu último livro — História da Sexualidade — foi lido e discutido e é tema central desta entrevista, concedida a dois estudantes norte-americanos. A inesperada morte do filósofo francês comoveu os círculos intelectuais do mundo inteiro. Publicamos a seguir a última entrevista concedida por Foucault e publicada no semanário Le Nouvel Observateur.

Pergunta — **O primeiro volume de sua obra "História da Sexualidade" foi publicado em 1976. O Sr. ainda pensa que o conhecimento da sexualidade é imprescindível para compreendermos o que somos?**

Resposta — Devo esclarecer que me interessam muito mais os problemas relacionados com as técnicas do eu do que o sexo... O sexo me aborrece.

P. — Parece que aos gregos tampouco lhes interessava o sexo.

R. — É, de fato. Consideravam que não era um problema importante. Concediam mais importância à alimentação e aos regimes alimentares. Creio não ter grande interesse a observação do movimento extremamente lento que vai desde o momento em que se atribui ênfase à alimentação — preocupação onipresente na Grécia — até aquele em que se dá atenção à sexualidade. A alimentação era muito mais importante que o sexo nos primeiros tempos de cristianismo. Nas regras monásticas, o problema fundamental era a alimentação. Durante a Idade Média, produziu-se um lento deslocamento. Finalmente, depois do século XVII, a sexualidade impôs-se como problema essencial.

P. — O tomo II da sua História da Sexualidade, O Uso dos Prazeres, **ocupa-se quase exclusivamente do sexo.**

R. — No segundo volume, propus-me a demonstrar que no século IV a.C. prevalecia um código de restrições e proibições muito semelhante ao adotado pelos moralistas e médicos dos primeiros tempos do império romano. Creio, porém, que a forma de transmitir essas proibições relativas ao eu por parte desses últimos era muito distinta. A meu ver, isso deve-se ao fato de que o objetivo principal deste tipo de ética era de ordem estética. Em primeiro lugar, a ética a que nos referimos limitava-se a um problema de escolha pessoal. Em segundo lugar, estava reservada a um segmento muito reduzido da população e, por conseguinte, não podia prescrever um modelo de comportamento para todo o mundo. Por último, a escolha pessoal era determinada pela vontade de viver uma existência bela e deixar aos demais a recordação de uma vida honrada. Não creio que esse tipo de ética possa ser considerado como um propósito da população.

Ao ler Sêneca, Plutarco e outros autores afins, parece-me que se preocupavam com um grande número de problemas relacionados com o eu, a ética do eu, a tecnologia do eu... A partir disso ocorreu-me escrever um livro composto por uma série de estudos independentes que se ocupassem de determinados aspectos da antiga tecnologia pagã do eu.

"A Ética Grega preocupava-se mais com a moral do que com a religião".

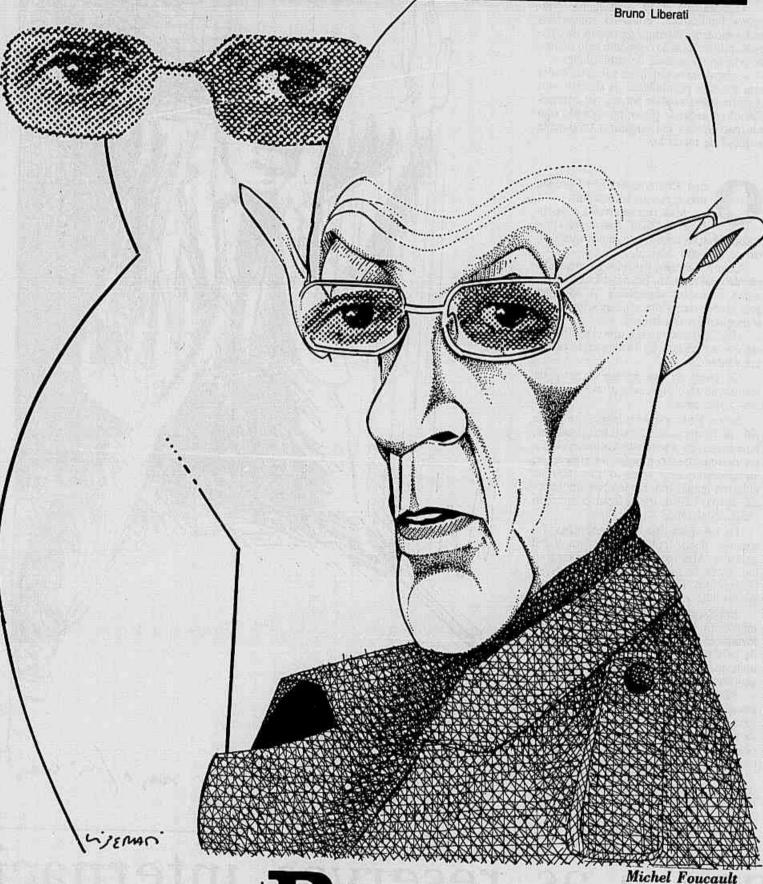
P. — Sem dúvida o amor homossexual era vivido de forma melhor do que agora.

R. Esta é a impressão mais disseminada. O fato de que na cultura grega existia uma abundante e gorda literatura sobre o amor entre homens jovens foi considerada pelos historiadores como prova evidente de que os gregos gostavam de praticar esse tipo de relação. Isso, porém, demonstra ao mesmo tempo que a homossexualidade levantava vários problemas. Não fosse assim, os gregos ter-se-iam referido a essas relações com os mesmos termos que utilizavam para falar sobre o amor heterossexual. O problema era que não podiam aceitar que um jovem que estivesse prestes a tornar-se cidadão livre pudesse estar dominado e fosse utilizado como objeto de prazer de outro. A mulher e o escravo podiam ser, posto que isso fazia parte de sua natureza e de seu estado. Reflexões como estas sobre o amor homossexual demonstram que os gregos não podiam integrar essa prática real no marco do seu eu social.

P. — Há um aspecto da cultura grega a que se refere Aristóteles e que o senhor omite, apesar de parecer muito importante: a amizade. Na literatura clássica, é a amizade que permite o reconhecimento mútuo. Ainda que tradicionalmente não tenha sido considerada como a mais nobre das virtudes, ao ler Aristóteles e Cícero tem-se a impressão de que se trata, na realidade, da mais importante de todas. A amizade é, com efeito, desinteressada e duradoura; não se compra com facilidade, não nega a utilidade e o prazer do mundo, porém, busca algo mais.

R. — O Uso dos Prazeres ocupa-se da ética sexual. Não é um livro sobre o amor, a amizade ou a reciprocidade. Não se deve esquecer que, quando Platão tenta integrar o amor dos jovens com a amizade, vê-se obrigado a passar por alto as relações sexuais. A amizade é recíproca, porém as relações sexuais não o são: nelas é-se passivo ou ativo. Estou plenamente de acordo com o que dizem os senhores a respeito da amizade, porém creio que isto confirma o que assinalávamos a cerca da ética sexual grega: se existe amizade, é difícil que hajam relações sexuais. Uma das razões pelas quais os gregos tiveram que elaborar uma filosofia para justificar esse tipo de amor é que não podiam aceitar a reciprocidade física. Em **O Banquete**, Xenofontes reflete as opiniões de Sócrates ao dizer que nas relações entre um homem e um jovem é evidente que o jovem não é mais que um espectador do prazer do homem. E mais: para o jovem é desonroso sentir qualquer tipo de prazer em sua relação com o homem.

O que me interessa descobrir é o seguinte: somos capazes de formular uma ética dos atos e de seu prazer que leve em conta o prazer de outro? É possível integrar o prazer do outro em nosso próprio prazer sem que seja necessário referir-se a uma lei, ao matrimônio ou a qualquer outra obrigação?

"Não se Pode Regressar ao Passado".

P. — Os gregos davam mais atenção à saúde do que ao prazer?

R. — Sim. São numerosas as obras que tratavam do que os gregos deviam comer para conservar a saúde e muito poucas as que tratavam do que se deveria fazer quando mantivessem relações sexuais. No que se refere à alimentação, estudam suas relações com o clima e as estações, a umidade e a secura dos alimentos, etc.

P. — Por conseguinte, apesar do que possam ter acreditado os helenistas alemães, a Grécia clássica não foi uma idade de ouro. No que diz respeito a isso, tem, sem dúvida, algo a ensinar-nos.

R. — Não creio que uma época que não a nossa possa ter um valor exemplar para nós. Não se pode regressar ao passado. Contudo podemos encontrar nos gregos o exemplo de uma experiência ética que implica um vínculo muito sólido entre o prazer e o desejo. Se o compararmos com a experiência da sociedade contemporânea onde todo o mundo — o filósofo e o psicanalista — tenta demonstrar que o importante é antes de tudo e sobretudo o desejo, podemos perguntar-nos se esta rotura não constitui um acontecimento histórico, sem relação alguma com a natureza humana.

P. — O senhor já ilustrou esse ponto de vista em sua História da Sexualidade, **ao opor nossa ciência da sexualidade à arte erótica oriental.**

R. — Entre os erros em que incorri nesse livro, deve-se incluir o que disse a respeito da arte erótica. Nem os gregos nem os romanos tinham uma arte erótica comparável à dos chineses. Dispunham de uma **techné tou biou** em que a economia do prazer desempenhava um papel muito importante. Nesta "arte da vida", a idéia de que o homem deve adquirir um domínio perfeito de si mesmo converteu-se prontamente na preocupação mais importante. A hermenêutica cristã do eu constitui uma nova elaboração desta **techné**.

P. — Depois do que dissemos a respeito da reciprocidade e da obsessão, que ensinamentos podemos tirar dessa terceira alternativa?

R. — Quando se lê Sócrates, Sêneca ou Plínio, por exemplo, descobre-se que os gregos e os romanos não se faziam pergunta alguma acerca da vida futura, do que acontece depois da morte ou da existência de Deus. Não consideravam que esse fosse um problema importante. O que os preocupava era antes de tudo que a **techné** deveria utilizar o homem para viver tão bem como deveria. Creio que ocorreu uma importante evolução na cultura antiga quando essa **techné tou biou**, essa arte da vida, foi-se convertendo gradativamente em uma **techné** do eu. Suponho que um cidadão grego do século V ou IV aC devia pensar que esta **techné** consistia em não se preocupar com a cidade nem com os companheiros. Para Sêneca, entretanto, o problema consistia em preocupar-se consigo mesmo.

Já no "Alcibíades", de Platão, aparece essa idéia: devemos preocupar-nos conosco, porque se tem a missão de governar a cidade. Porém, a preocupação consigo mesmo começa, na realidade, com os epicuristas e se generaliza com Sêneca, Plínio...: cada qual deve preocupar-se consigo mesmo. A ética grega e greco-romana gira em torno do problema da escolha pessoal, de uma estética da existência.

A idéia de **bios** como motivo de uma obra de arte estética parece-me muito interessante. Fascina-me também a idéia de que a estética possa constituir uma sólida estrutura da existência, independente do jurídico, de um sistema autoritário, de uma estrutura disciplinar.

P. — Os gregos acreditavam que a austeridade era um meio de fazer com que sua vida fosse bela; nós, ao contrário, tentamos realizar-nos individualmente porque assim recomenda a ciência psicanalítica.

R. — Com efeito, entre invenções culturais da humanidade existe um acúmulo de meios, técnicas, idéias, procedimentos, etc, que não se pode reativar, mas que, pelo menos, dá forma — eu posso ajudar a dar forma a um ponto-de-vista que serve como instrumento para analisar o que está sucedendo no mundo atual e para mudá-lo. Não temos que escolher entre o nosso mundo e o mundo dos gregos. Porém, visto que nos permite compreender que alguns princípios fundamentais de nossa ética estiveram vinculados em um determinado momento a uma ética da existência, penso que esse tipo de análise histórica pode nos ser muito útil. Durante vários séculos estivemos convencidos de que existiam relações analisáveis entre a nossa ética, nossa ética pessoal e nossa vida cotidiana, por um lado, e as grandes estruturas políticas, sociais e econômicas pelo outro. Temos pensado, por exemplo, que para mudar a nossa vida sexual ou familiar seja imprescindível alterar por completo nossa economia, nossa democracia, etc. Penso que devemos nos desfazer da idéia de que existe um vínculo analítico ou necessário entre a ética e as estruturas sociais, econômicas ou políticas; com isto não quero dizer que não existam relações entre esta e aquela. De qualquer modo, trata-se de relações variáveis.

P. — Agora que sabemos que existe somente um vínculo histórico e não uma relação necessária entre a ética e as outras estruturas, que tipo de ética podemos construir?

R. — Chama a minha atenção o fato de que em nossa sociedade a arte se tenha convertido em algo que lida com os objetos e não a vida e os indivíduos. A arte é uma especialidade que está reservada aos especialistas, aos artistas. Por que um homem qualquer não pode fazer de sua vida uma obra de arte? Por que uma determinada lâmpada ou casa podem ser obras de arte e não o pode ser a minha vida?

"A Arte é uma especialidade que está reservada aos especialistas".

P. — Porém se o homem deve criar-se a si mesmo, sem recorrer ao conhecimento ou a umas regras universais, em que difere o seu ponto-de-vista do defendido pelo existencialismo de Sartre?

R. — Do ponto-de-vista teórico parece que Sartre, por meio da noção moral de autenticidade, volta à idéia de que devemos ser nós mesmos: ser de verdade o nosso verdadeiro eu. Porém, a conseqüência prática de que diz Sartre nos leva a relacionar o seu pensamento teórico com a prática da criatividade. Creio que da idéia de que o eu não nos é dado só podemos extrair uma conseqüência prática: devemos construir-nos, fabricar-nos e ordenar-nos como uma obra de arte. É interessante advertir que em sua análise de Baudelaire ou de Flaubert, Sartre sustenta que o trabalho de criação depende de uma determinada relação consigo mesmo — do autor consigo mesmo — que se pode revestir da forma tanto de autenticidade como da falta de autenticidade. Pergunto-me se não se pode sustentar exatamente o contrário: em lugar de considerar-se que a atividade criativa de um indivíduo depende do tipo de relação que mantém consigo mesmo, é possível vincular o tipo de relação que mantém com ele mesmo com uma atividade criativa que constitui o centro de sua atividade ética.

P. — Isto lembra-nos as observações de Nietzsche em A gaia ciência, **quando nos diz que devemos criar nossa própria vida conferindo-lhe um estilo por meio de uma larga prática e de um trabalho cotidiano.**

R. — Sim. Podemos sentir-nos muito mais próximos de Nietzsche do que de Sartre.

P. Os dois livros que se seguem ao volume I de sua "História da Sexualidade" como se integram em seu projeto de genealogia?

R. — Pode distinguir-se três campos que interessam à genealogia. Em primeiro lugar, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à verdade, em virtude da qual nos constituímos como sujeitos do conhecimento; em segundo lugar, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação ao campo de poder, em virtude do qual nos constituímos como sujeitos que atuam sobre os outros; por último, uma ontologia histórica de nós mesmos em relação à ética, em virtude da qual nos constituímos como agentes morais.

Há, por conseguinte, três bases possíveis de genealogia. As três estavam presentes, ainda que de forma algo confusa no meu livro **História da Loucura na Época Clássica**. A base da verdade estudei em **O Nascimento da Clínica** e em **A Ordem do Discurso**; a praxis do poder em **Vigiar e Castigar** e a relação ética em **História da Sexualidade**.

O marco geral desse livro sobre a sexualidade é uma história da moral. Creio que, em geral, quando se estuda a história da moral, há que estabelecer uma distinção entre os atos e o código moral. Os atos (as condutas) constituem o verdadeiro comportamento das pessoas em relação ao código moral (as recomendações) que se vêem na obrigação de respeitar. Há que distinguir entre o código que assinala que os atos são permitidos ou proibidos e o que determina o valor positivo ou negativo dos diferentes comportamentos possíveis (o princípio "somente se pode fazer amor com a esposa" seria, por exemplo, um elemento de código). Existe, além disso, outro aspecto destas recomendações que quase nunca aparece isolado como tal, mas que considero muito importante: o tipo de relação que mantemos conosco, a relação consigo mesmo, a que denomino de ética, e que determina a forma em que o indivíduo se constitui como sujeito moral de seus próprios atos.

Entrevista concedida a Hubert Dryfus e Paul Rabinow

Michel Foucault

DOMINGO

Revista do JORNAL DO B...

...pode ser vendida separadamente — Ano 9 — Nº 444

O CONGRESSO DAS BRUXAS

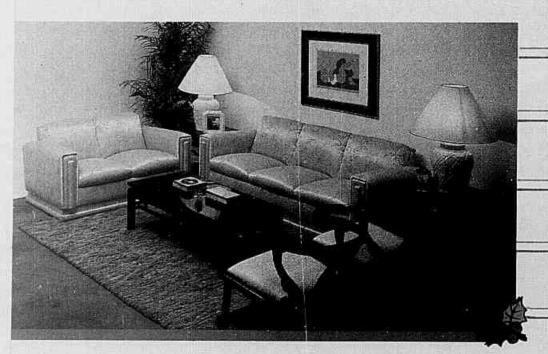
UM NAMORO MODERNINHO

NO MUNDO DOS LEILÕES

NO NAT

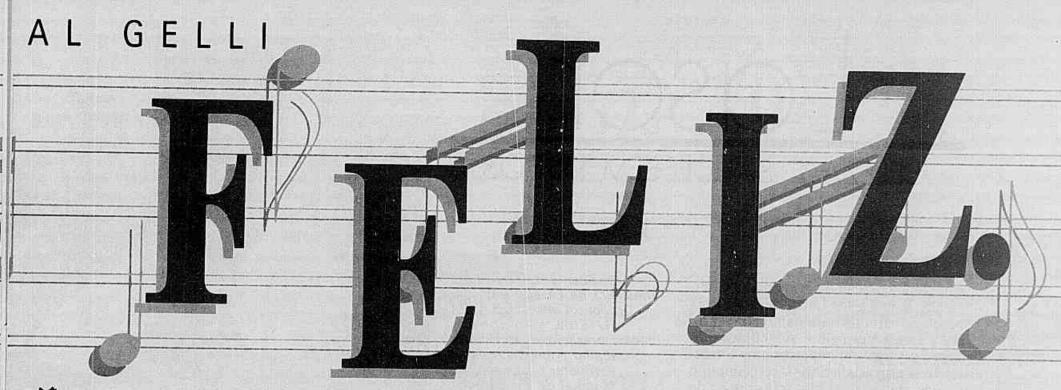
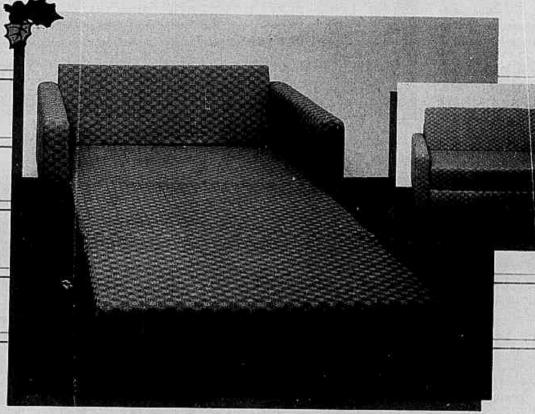
PREÇO

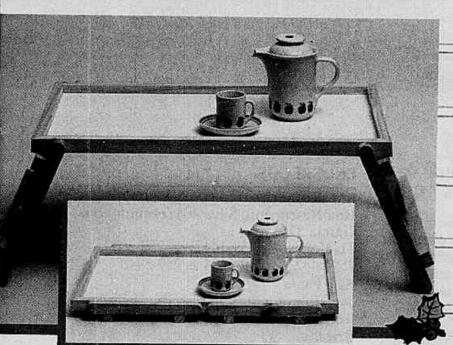
Armário c/Estante e cama de solteiro.

Bar Novo Rumo, composto de balcão, estante e 2 banquetas em radica com detalhes em espelho.
Bar c/Estante: De: 8.300.000, Por: 5.300.000,
Banqueta em mogno: De: 462.000, Por: 300.000,

Conjunto Estofado Maceió, composto de sofás de 2 e 3 lugares, revestido em tecido bege.
De: 1.690.000, Por: 1.140.000,

Conjunto Estofado Brasília, composto de sofás de 2 e 3 lugares, revestido em tecido bege.
De: 1.790.000, Por: 1.190.000,

UMA GRANDE OPORTUNIDADE PARA VOCÊ DECORAR SU A

A L G E L L I

Sofá-Cama Soft revestido em tecido rústico, formando cama de casal.
De: 975.000, Por: 650.000,

Mesa de Jogo redonda, 1,15, dobrável, madeira imbuia, tampo de feltro verde, com 4 cadeiras de jogo dobráveis madeira imbuia.
Mesa: De: 130.000, Por: 90.000,
Cadeira: De: 29.000, Por: 19.900, (cada)

Bandeja versátil em Pinus Elliots.
De: 13.300, Por: 7.900,

Gelli

o móvel bem bolado

SuperGelli
Av. Brasil, 12.025
Tel.: 270-1322

Gelli Copacabana
Av. Copacabana, 1.032
Tels.: 521-3341
e 521-0740

Gelli Copacabana
Barata Ribeiro, 814
Tels.: 255-9629
e 235-7014

Gelli Rio Sul
2.º Pavimento
Tel.: 295-6691

Gelli Barra
CasaShopping
Tels.: 325-1431
e 325-1265

Gelli Tijuca
Conde de Bonfim, 208
Tels.: 248-0547
e 234-5125

Gelli Niterói
Gavião Peixoto, 115
Tels.: 711-4281
e 711-6806

Petrópolis
Magazin Gelli
Tel.: 42-0775

Abertas diariamente até às 20:00 horas e sábados até às 18:00 horas.
SuperGelli de 2.ª a sábado até às 20:00 horas.
Gelli Barra e Rio Sul de 2.ª a sábado até às 22:00 horas.

Agora também no CasaShopping - entre o Carrefour e o Makro.

A C A S A A G O R A M E S M O C O M B O M - G O S T O E Q U A L I D A D E .

Laser

BELEZA E SAÚDE SEM RISCOS

Presidente da Sociedade Brasileira de Laser Terapia, o Dr. João Carlos Luiz, CRM RJ 15186, foi o primeiro médico brasileiro a apresentar trabalho sobre Raio Laser Vermelho no Congresso Mundial de Acupuntura, realizado nas Filipinas, em 1977. Com uma experiência de 7 anos na Alemanha e de 2 nos Estados Unidos, o Dr. João introduziu o Raio Laser Vermelho no Brasil, utilizando-o na Clínica Médica e Estética.

Em pleno coração de Ipanema, a Clínica Dr. João Carlos Luiz utiliza a forma revolucionária de tratamento através do Raio Laser Vermelho. A definição do Laser — Light Amplification by Stimulated Energy Radiation — seria um tipo de energia, com ou sem transmissão de luz, que penetra na pele, com o poder de regenerar as células e os tecidos.

Ali, você vai encontrar um tratamento novo e eficaz, sem nenhum risco. O Raio Laser Vermelho atua sobre as células degeneradas e com sua ação antiinflamatória, analgésica e vasodilatadora estimula o poder regenerativo das células, além de ser indolor e não ter nenhum efeito colateral. Por possuir toda esta gama de ações, o Raio Laser Vermelho é usado amplamente na medicina, como por exemplo na reumatologia, para a cura de problemas de artrite (artrose em geral); na dermatologia (acne e manchas) e na estética, nos casos de enfermidades do tecido conjuntivo (rugas e celulite). As pesquisas do cientista russo Gurvich provaram que uma célula, quando está-se degenerando, recebe o auxílio das células vizinhas, que enviam uma energia cujo comprimento de ondas é de 632,8 nM, dentro portanto do espectro da luz vermelha. Baseado nisto, outro cientista russo, Chekurov, foi misturando Hélio e Neônio até obter a mesma emissão de luz.

Trabalhando inicialmente com o Laser somente na clínica médica, o Dr. João Carlos Luiz constatou no ano passado, como Presidente da Sociedade Médica Brasileira de Laserterapia, que a maioria das clínicas de estética utilizavam o Laser Infravermelho, cujo comprimento de onda é de 904 nM, nada tendo em comum, portanto, com o Raio Laser Vermelho.

A razão destas clínicas de estética utilizarem o Laser Infravermelho apóia-se em dois fatos concretos: primeiro, o custo do Laser Infravermelho é dez vezes menor do que o Raio Laser Vermelho; em segundo lugar, o Laser Infravermelho pode ser encontrado até mesmo em Buenos Aires, enquanto que o Raio Laser Vermelho só pode ser adquirido nos USA, na Alemanha Ocidental e em Israel.

UTILIZAÇÃO DO RAIO LASER

Coluna e Artrite — A ação do Laser tem o objetivo de proporcionar alívio às dores e à inflamação, começando desta forma uma nova era médica em sua terapia.

Eliminação de Rugas — O único método natural capaz de ajudar a combater rugas e estimular o poder regenerativo da pele, tonificando-a e aumentando a produção de colágeno, evitando até mesmo, em alguns casos, a cirurgia plástica.

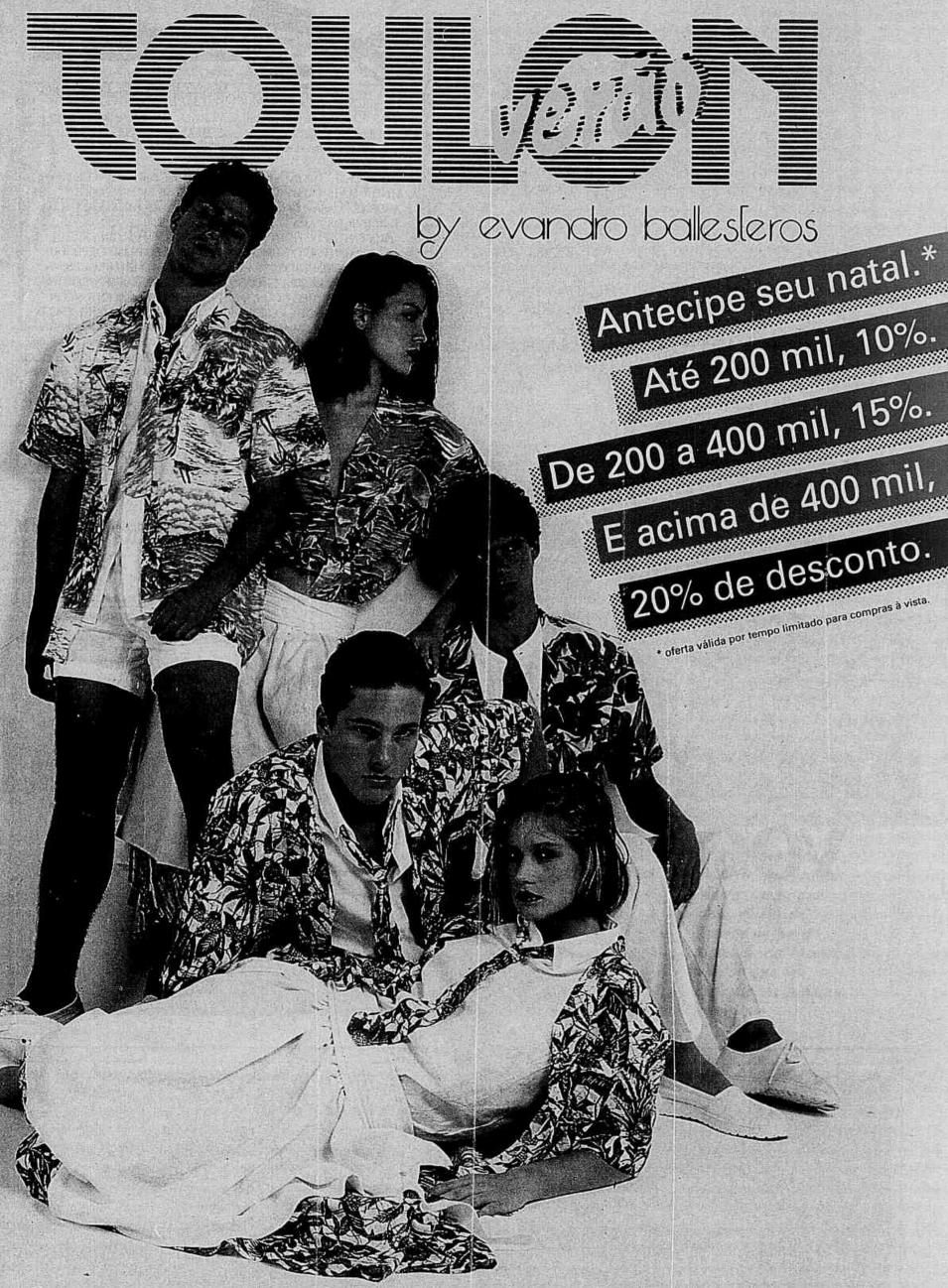
Eliminação de Celulite — O Raio Laser Vermelho melhora a qualidade da pele combatendo a flacidez e, ao mesmo tempo, permitindo a drenagem da água retida pelos tecidos.

ENDEREÇOS

Rio de Janeiro
Rua Nascimento Silva 404 (esquina com Garcia D'Avila).
Telefones — 239-1447 — 259-3994 — 259-6442 — 239-5494 e 259-5948.

São Paulo
Av. Ibirapuera 3.500 — Ibirapuera
Tel.: 542-0252

Brasília
Centro Clínico do Lago, sala 303 — Lago Sul — Tels.: 248-4090 — 248-4436

Belo Horizonte
Rua São Paulo, 1.918

Copacabana • Ipanema • Rio Sul • Tijuca Off-Shopping • Barra Shopping • Centro
Petrópolis • Méier Golden Center • Shopping da Gávea • Shopping Icaraí • Ilha do Governador

AQUATRO

Produção: Dior de Oliveira

A Seção Feminina dos Classificados Arejados ficou ainda mais completa.

Mulheres: podem respirar aliviadas. O Jornal do Brasil engordou ainda mais a Seção Feminina do caderno de Classificados.

A seção "Casa" ficou ainda mais completa e agora é "Casa", Produtos e Serviços para o Lar". Aumentou de nome, aumentou o número de assuntos.

Ela traz duas grandes novidades, que o sexo forte em matéria de compras vai adorar: anúncios de produtos "Congelados" e de produtos com "Entrega a Domicílio", mais dois serviços muito importantes para quem gosta e tem uma casa pra olhar.

Quer comprar um criado mudo pra sua empregada surda? Quer comprar eletrodomésticos com preços que não dão choque? Antiguidades? O cachorro não está dando conta e você precisa aumentar a segurança da sua casa? Quer andar como manda o figurino? Quer contratar um buffet pruma festa de arromba? Quer uma samambaia que chore copiosamente? Precisa de plantas pro seu jardim de inverno e de verão? Quer acabar com as baratas por um preço barato? Quer um bichinho de estimação? E um veterinário pra cuidar desse bichinho de estimação? Quer construir ou simplesmente reformar o seu cantinho?

Tudo isso e mais os produtos que são entregues na porta da sua casa e o que há de melhor em alimentos congelados, são facilmente encontrados nos Classificados Arejados, na seção "Casa, Serviços e Produtos para o Lar".

Assim você pode empinar o narizinho, de orgulho por ter um jornal que pensa tanto em você como o Jornal do Brasil.

JB: MAIS OXIGÊNIO NAS SUAS VENDAS E NAS SUAS COMPRAS.

ANUNCIE E RESPIRE

Classificados AREJADOS

JORNAL DO BRASIL

Mulheres, metam o narizinho onde vocês são chamadas.

DOMINGO

Rio de Janeiro, 4 de novembro de 1984 — Ano 9 — Nº 444

Nesta edição:

MODA, O NOVO *DESIGN*, A FEBRE DOS LEILÕES, CULINÁRIA E ELIS

CAPA: Evandro Teixeira fotografou Maira Jung, que veste paletó de flanela de puro algodão, da Movie, na cor que vai explodir no próximo inverno

IV FENINVER

INVERNO-85

A moda que segue os camaradas até os requintes da Alta Costura

Esta semana marca a realização da IV FENINVER, no Pavilhão da FENAC, em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul. Cerca de 400 confecções lançarão a moda do inverno de 85, de 6 a 11 de novembro, seguindo as tendências internacionais. Segundo os analistas da Rhodia e da Du Pont, dois importantes fornecedores de técnica, matéria-prima, fios e estilo da moda brasileira, as cores principais deverão ser os azulados (principalmente o escuro, levemente esverdeado ou quase preto, desbotável); os verdes e os brancos-sujos. E as tendências ficarão basicamente divididas entre o funcional trabalhador soviético, a seriedade do pós-guerra, a riqueza do Bon-Chic e a alegria de Hong Kong.

IESA RODRIGUES

Pós-Guerra, um ar de artista de cinema

Quem diria, Greta Garbo retorna às modas. Desta vez — mais uma vez, inspira a linha masculina, austera, militarizada, que mais parece ter saído de filmes do que sobre a verdadeira Segunda Grande Guerra. Em vez de formar o estilo mais sisudo da estação, este período fornecerá os dados importantes para a vanguarda jovem. São roupas que poderiam ser classificadas como clássicas, não fossem adaptações que transformarão a mulher em figura teatral, uma personagem nas ruas. Porque vale mesmo imitar os cabelos em pagem, a maquilagem de boca fina e escura, os cinturões apertando casacos largos.

Os tecidos são severos: gabardines, tricotines e *jacquards*, e tudo que tiver aspecto de uniforme militar.

As cores entram nesta gama bélica: verdes, cáquis, cinzas, discreção quebrada apenas por delicadas estampinhas floridas, lembrando os crepes de seda da época, que faziam vestidos de manguinhas curtas e bufantes.

As capas de chuva clássicas — *trench-coats* — são peças básicas, e serão adotadas não só em seu comprimento normal, como capas, como também mais curtas, em casacos de golas levantadas e faixas amarradas nas cinturas, com saias justas e saltos altos.

O estilo Camarada

Camarada — como se tratam os cidadãos que vivem na União Soviética e na China. É das vestimentas de trabalho dos camponeses chineses e dos mineiros dos países do Leste europeu que vem a inspiração deste estilo prático, funcional, jovem. Uma linha fácil de usar, confortável, como os camisões quadrados, as calças largas dos trabalhadores e *camaradas*.

Os tecidos são resistentes, de aspecto rude, lembrando mantas velhas. São lixados, para ficarem foscos, como se tivessem sido muito usados; acolchoados, para imitarem as roupas vestidas nos países frios. Podem parecer cobertores, que nem sempre precisam ser de lã: a técnica industrial consegue prodígios nas tecelagens. Um deles é fazer com que o mais leve algodão tenha o aspecto de cobertor pesado.

O colorido é importante. São os azuis, em geral. Escuros e foscos; desbotados, amassados e gastos. Escuros e brilhantes, como que envelhecidos. Claros, descorados, como as camisas dos camponeses que trabalham ao sol.

Camisões, guarda-pós, calças retas e curtas e superposições em tons azulados formam o estilo, que pode ter o colorido animado por estampas gráficas. Retiradas dos cartazes soviéticos de propaganda do princípio do século, naturalmente.

As cores fortes

As coleções de estilo da Rhodia são lançadas com doze meses de antecedência em relação às nossas estações, de acordo com as tendências internacionais. E na cartela da Rhodia, que faz parte do grupo de Coordenação Industrial Têxtil — o CIT — as cores mais importantes são: o verde-petróleo e o marinho-quase-preto. Além do branco-nuvem, meio acinzentado.

Hong Kong

Segundo os *Bureaux* de estilo internacionais, que anunciam as tendências do mundo inteiro, esta será a temática mais jovem e engraçada do inverno de 85. Arriscada, porque vulgariza-se ao menor deslize de um vestido mais justo ou de saia aberta na lateral. Mas, como deve atingir o público jovem, a vulgaridade perde pontos pela maneira informal que a juventude tem de vestir as idéias mais loucas.

Se vem de Hong-Kong, é fácil imaginar o que poderá ser: uma moda sensual, brilhante e colorida. É a única deste inverno a admitir cores vivas, como o rosa (combinado com preto, em geral), ácidas como o verde-maçã. Uma continuação de verão, adotada não nos *molletons* como é agora, mas sim em tecidos sedosos e jérseis.

Entram também os cloquês, com relevos, os cetins brilhantes, os *moirés*, acolchoados e bordados. Tudo que lembra a figura das orientais de filme de mistério, vai fazer sucesso.

O colorido será principalmente de cores ácidas. Mas queimadas, é a diferença da estação, notáveis principalmente nos adamascados e sedosos. E o modelo-vedata? O tubo de gola alta e saia aberta na lateral com debruns contrastantes, bem justo no corpo. Estampas de dragões, bordados de caligradia oriental enfatizam a linha.

Bon-Chic: a elegância renovada

Esta tendência tem que ter o nome em francês: o *Bon-Chic*, a sofisticação e o requinte da Alta Costura revista pelo *Prêt-à-Porter*. Sem a dureza do estilo, sem o ranço do velho figurino. Até porque nem os estilistas da Alta Costura agüentam manter a pose da roupa sempre igual. É a linha antiboutique jovem, anti-jeans por excelência. Perfeita para quem segue a regra de vestir-se com qualidade e não com quantidade.

A roupa *chic* tem modelos sóbrios, feitos em tecidos nobres, como o cachemire, as rendas, adamascados e sedosos (não precisa ser a seda verdadeira). Valem as malhas suaves, os angorás felpudos. Nos *tailleurs*, destacam-se os príncipes-de-gales e os *tweeds*.

As cores são básicas, porque quem compra uma roupa cara não gosta de variar de roupa todos os dias. Nem pode. Se pudesse, compraria diretamente na Alta Costura. No *Bon-Chic*, reinam os brancos, beges, meios tons acinzentados. E o preto, fundamental.

A principal forma é o tubo. Reto, seco, coberto por um casaco pouco mais largo. E o *tailleur*, com saia reta, que até pode ser um pouquinho acima dos joelhos. Listras, estampas florais são freqüentes, e uma inovação romântica é a estampa que reproduz poemas escritos à mão.

● *A ETIQUETA* ***CANALONGA*** *está lançando, na sua* ***PRONTA-ENTREGA,*** *camisetas de malha esportivas com estampas* ***TRIATHLON*** *e* ***IRONMANN,*** *além de conjuntos de corrida em malha fria.* ***CANALONGA*** *também na linha infantil-juvenil. Vale a pena conhecer. End. N.S.Copacabana, 897 Gr. 206 Tel. (021) 257-8672. Vendas p/ todo o Brasil.*

● *Você sabe o que é* ***VICTORY? VICTORY*** *é mais uma motivação para a sua vida. A* ***VICTORY*** *fica em Laranjeiras e chegou para mexer com você, trazendo ginástica, musculação, luta e dança com professores especializados. Vale conferir. End. Rua Conde de Baependi, 71. Inf. tel. 285-5047. Também turmas infantis.*

● ***A MULHER E SUA TOTALIDADE.*** *Atualize-se.* ***A ESTÉTICA METAMORPHOSE*** *lança você, mulher, ao mundo do charme e da beleza. Agora também cursos de postura, andamento e maquilagem, sob a supervisão da professora* ***DENISE DE MORAES.*** *Curso de 8/11/84 a 8/12/84. 3ª e 5ª de 15:00 às 18:00 h. End. H. Nacional, Pav. SC. Tel. 322-1000 r. 55.*

● *Agora, na* ***ALIMENTOS CONGELADOS TAPRONTO,*** *você poderá encontrar um novo pacote semanal, com 22 pratos variados para 2 pessoas, ao preço de Cr$ 60.000,00. Na parte das sobremesas, a grande vedete é a* ***MUSSE DE CHOCOLATE,*** *e entre os pratos quentes destacam-se o* ***BOBÓ DE CAMARÃO*** *e o* ***SOUFLÊ DE FRANGO COM MILHO.*** *End. Esteves Júnior, 37. Tel. 285-7448. Entregas para todo o Rio.*

● *Na era da informática, o curso do momento de* ***LINGUAGEM BASIC MICRO*** *terá início dia 8/11, na* ***ESCOLA TÉCNICA REZENDE RAMMEL,*** *com turmas às 3ªs e 5ªs feiras e também aos sábados. Telefone para 269-1247 ou 289-9193 e obtenha informações sobre este e outros cursos técnicos. Você não pode ficar de fora. Atualize-se. End. Rua Lins de Vasconcelos, 542.*

● ***DICAS DE DECORAÇÃO?*** *Quem não precisa? Vamos indicar uma pessoa que certamente resolverá todas suas dúvidas sobre* ***DECORAÇÃO: ROSE.*** *Ela faz projetos incríveis para cozinhas, banheiros, indica o material apropriado para pisos, paredes ou mesmo na forração de um sofá, aproveita todos os "cantinhos" da casa com soluções originais... Ligue para Rose tel. 275-4600 e transforme sua casa.*

● *Está fazendo o maior sucesso na Barra o* ***MIRANDA CABELEIREIRO*** *com cortes femininos, masculinos e infantis. Leve a garotada para mudar o visual lá no* ***MIRANDA*** *e beber uma coca-cola geladinha. Para o verão que chega, a nova linha de* ***CORTES FEMININOS CURTOS*** *está incrível. Vale conferir. End. Av. Armando Lombardi, 949 ljs. 216/217. Tel. 399-1340.*

● *Inaugurou recentemente a* ***AMORA E FRAMBOESA,*** *uma loja muito "fofa" com uma variedade incrível de presentinhos, onde você tem muitas opções entre sachês, porta-retratos, papel de cartas, bonecas, cestinhos decorados, objetos de adorno e uma linha original de cerâmica vasada composta por potiches, vasos, abajures e jogos de banheiros. Conheça* ***AMORA E FRAMBOESA,*** *você vai gostar. Rua Voluntários da Pátria, 445 sl. 220 — Centro Médico de Botafogo.*

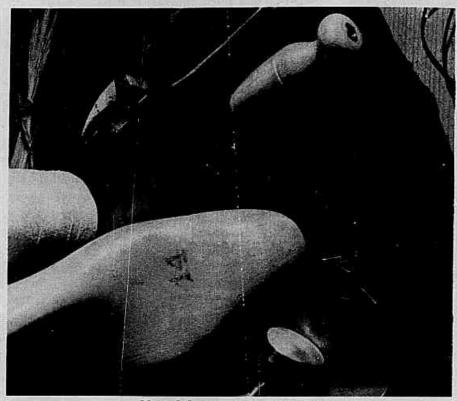
● *Com a chegada do verão, sua pele necessita de cuidados especiais. Uma boa* ***dica*** *são os cosméticos naturais à base de mel do* ***ZEQUINHA.*** *A linha é bem diversificada com produtos como: cremes de limpeza, hidratantes etc..., os resultados são excelentes, pedidos pelo tel. 238-2750. O mel puro e os perfumes do ZEQUINHA já estão à sua disposição na* ***TERRA DOS ARTESÕES,*** *na Olegário Maciel 440-B*

● *Que tal almoçar ou jantar um prato especial, como: Bacalhau à Zé do Pipo, Filé de Trutas com molho de amêndoas, Muquecas..., com a qualidade e o requinte que você já conhece do Restaurante* ***PONTO DE ENCONTRO?*** *Aproveite a dica, o serviço de entrega é sem taxas e sem demora, podendo ser solicitado pelos tels. 257-7927, 255-9699, 237-0642. End. Rua Barata Ribeiro, 750-B.*

Aguardem "Dicas" caderno B, início 15/11

Arte: Legnar — *DICAS: Sonia e Berenice Tel. 325-0556 e 325-1703*

O COURO EM DEBATE

Um curtume cria alternativas para sair fortalecido da nossa crise

Nos debates, as vantagens do couro sobre os produtos sintéticos

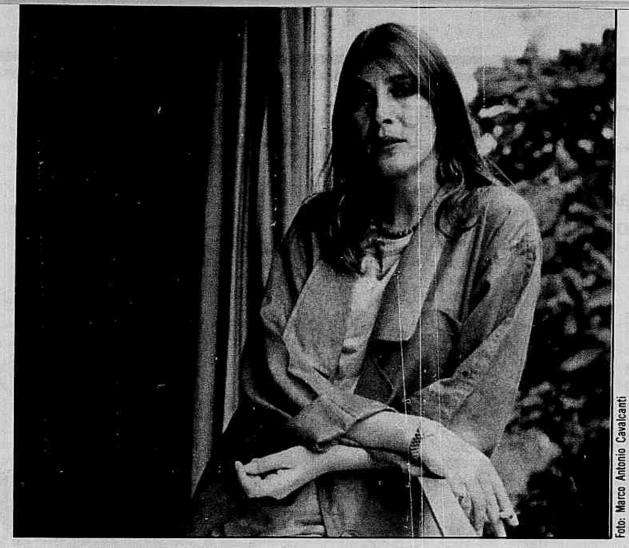
Com a presença de estilistas, calçadistas, curtumes e fabricantes, que foram mostrar as tendências que deverão vigorar no inverno de 85, o Palácio das Convenções, no Anhembi, em São Paulo, assistiu na última semana de outubro à V Pré-Seleção da moda em couro e ao debate promovido pelo Curtume Carioca enfocando os problemas do setor.

Segundo a empresa, dois problemas contribuíram decisivamente para a desestabilização dos curtumes nos últimos anos: a falta de acesso a benefícios governamentais, créditos especiais ou benefícios fiscais e incentivos impediram a modernização dos seus parques industriais, causando perda de competitividade no mercado exterior.

Por outro lado, a brutal elevação do couro cru, originária de distorções na oferta e na procura, que não puderam ser identificados antecipadamente, acrescentaram um fator negativo a mais na comercialização de couros e seus derivados no mercado brasileiro. A demanda por calçados de couro, que em 82 representava 65% da produção nacional, deve cair este ano para 35%, fato atribuído à diminuição do poder aquisitivo do consumidor e a conseqüente substituição por sintéticos e outros produtos não-couro, como alternativa mais barata, momentaneamente, ao primeiro impulso de compra do consumidor final.

E como as pesquisas de mercado indicaram que o consumidor não sabia as vantagens que o couro oferece em diversos setores, o Curtume Carioca saiu na frente e, ignorando a recessão brasileira, criou alternativas de couros que preservem os valores e as vantagens deste produto, a partir de opções em que utilizam as classificações inferiores existentes no Brasil, e por processos tecnológicos e de acabamento, criaram alternativas mais baratas para o consumidor final e mais opções para os fabricantes em geral. Além disso, concluiu-se que as cores quentes e fortes, bem de acordo com nosso clima tropical, aliadas aos tons pastéis, suaves e elegantes, serão as preferidas dos consumidores na próxima estação. ■

Foto: Marco Antonio Cavalcanti

Regina aprendeu em Chicago uma técnica que ajuda a mulher a descobrir a cor que melhor realça suas qualidades, independente da estação do ano

COLORISMA

OU AS CORES DE CADA MULHER

ZÉLIA PRADO

Quando acompanhou o marido no Curso de doutorado em Chicago, Regina Souza Costa Ferreira Pinto não imaginava as voltas que o mundo daria, particularmente o seu. Pois foi lá, inscrita no curso de *Fashion Design*, que ela descobriu as técnicas sobre cores da americana Carole Jackson e aprofundou-se nos estudos até sentir-se pronta para aplicá-lo no Brasil.

A novidade é o *Colorismo*, um estudo de cores em relação ao tipo físico de cada mulher e dividido em quatro cartelas que são referentes às quatro estações. Tudo porque existem cores que são incompatíveis com a pigmentação, além de outras que, ao contrário, realçam o colorido da pele e iluminam o rosto, olhos e cabelos. O Colorismo não é uma espécie de teste de personalidade, mas uma constatação evidente quando, na sala de Regina, nos sentamos diante de um espelho, sob um *spot* de luz.

É uma consulta diferente. Começa-se com um exame meticuloso da cor dos olhos, observando perfeitamente os matizes acinzentados de um castanho ou os reflexos dourados de olhos aparentemente verdes. Depois disso, os cabelos. Quando são tintos, é sempre bom lembrar a sua cor natural, pois afinal, a tintura que você usa pode ser a pior para o tom da sua pele.

— O que determina a paleta sazonal de cada um — diz Regina — é basicamente a pigmentação. Nós temos três elementos preponderantes que são o azul, o vermelho e o amarelo puros. Quando um deles predomina, tem-se o tipo de pele que vai nortear toda a combinação de cores. O nórdico, por exemplo, tem a combinação do vermelho com o azul, o oriental tem a predominância do amarelo e assim por diante.

Regina usa tecidos lisos de cores bem definidas e vai colocando cada um sobre a cliente, fazendo com que as observações a respeito da luminosidade e efeito sejam sentidas primeiro pela principal interessada. É um trabalho demorado em que aprendemos a observar que o dourado, por exemplo, pode acentuar as olheiras e os vincos de expressão enquanto que o prateado confere leveza e claridade às feições. Que o laranja é uma cor proibida para determinadas pessoas, mas que as variações do uva ao lilás parecem ter sido feitas para elas. Terminada a consulta, cada cliente já sabe qual é a sua *estação* e recebe a cartela onde, em tecido estão amostras de 31 tonalidades que serão o guia para tudo: a maquilagem e a escolha da roupa, o tom dos cabelos e até mesmo a decoração do quarto.

As cartelas sazonais são assim chamadas por uma razão muito simples: são estas as cores encontradas na própria natureza a cada estação do ano. Assim, as pessoas *são* verão, inverno, outono ou primavera a partir de seu tom de pele, olhos e cabelos, numa técnica puramente voltada para a cor, sem qualquer tipo de sugestão e também sem ligação com a personalidade ou o caráter das pessoas. Curiosamente, você pode entender por que nunca usa determinada cor — em geral, depois do seu Colorisma pronto, essa mesma cor não estará na sua cartela. É o caso da pura intuição e que chamamos sempre de gosto. Embora seja impossível determinar a própria estação, Regina define as características básicas de cada uma delas.

INVERNO — São as pessoas de colorido forte, é a cartela dos contrastes. São os negros azulados, os nórdicos, os tipos latinos e orientais com olhos que variam em todas as cores, como Liza Minelli, Liz Taylor, Sally Fields.

VERÃO — A cartela da suavidade, com muitos *degradés*. São pessoas de pele rosada, com os cabelos do louro-cinza ao *platinum*, passando por castanhos acinzentados. *São verão* Candice Bergen e Farrah Fawcett.

PRIMAVERA — Como não poderia deixar de ser, a cartela mais colorida, para quem tem a pele no tom pêssego, resultado do rosa com o amarelo. São as ruivas e castanhas, louras douradas de colorido delicado como Julie Andrews, Marilyn Monroe e John Kennedy.

OUTONO — Toda baseada no amarelo-gema que, segundo Regina, é a cor mais brilhante do universo. Há um subtom dourado que pode determinar alguém de pele marfim, a verdadeira ruiva com sardas na pele e a morena bege-dourada cuja pele pode ser acobreada, clara ou mais intensa. São assim Vanessa Redgrave, Shirley MacLaine, Diane Keaton e Ann Margret.

Ainda pouco difundido no Brasil, o Colorisma já é amplamente usado nos Estados Unidos, principalmente por quem entende de beleza, como decoradores e diretores de cinema, além de psicólogos, professores e antiquários conhecidos. Não é por acaso que Liza Minelli abusa do preto e do vermelho e que jamais apareceu vestida de rosa em qualquer ocasião. Sua maquilagem é toda orientada pelas suas cores, o que lhe permite um batom vermelho-sangue ir maravilhosamente bem com sombra azul-turquesa. Para Regina, o primeiro interesse pelo Colorisma surgiu quando ela observava a americana média escolher suas cores, talvez mais demoradamente do que os modelos de suas roupas. Foi então que pensou o quanto a técnica poderia ser desenvolvida no Brasil, onde as mulheres são mais coloridas por natureza. Ela própria é outono e sabe como ninguém tirar partido do seu tipo: alta, usando as cores certas, ela tem a pele iluminada, os olhos de um castanho brilhante e uma harmonia indiscutível com tudo o que usa. Agora no Rio, as consultas para o Colorisma estão abertas a ambos os sexos e podem ser marcada pelo telefone 267-6365. ■

ASTROLOGIA EM DEBATE

A ciência discute os astros e *espanta* o charlatanismo

Alice Grizza

Ilustração: Bruno Liberati

No próximo fim de semana tenha muita cautela ao sair às ruas. Não deixe de olhar para o chão, caso contrário, poderá esbarrar com algum "caldeirão" disposto na calçada. E nem se esqueça de vigiar sua cabeça porque nesses dias o tráfego de "vassouras aéreas" poderá ser intenso. Isto significa que as bruxas estarão soltas e somente os *esotéricos espertos* poderão perceber as boas vibrações.

Na realidade, tudo isso não passa de uma grande brincadeira que se espalhou pela cidade desde a semana passada, por ocasião da proximidade de um acontecimento pioneiro na América Latina: O Primeiro Encontro Aberto de Astrologia do Rio de Janeiro. À primeira vista, pode parecer uma boa piada diante da crise atual do país. Ou quem sabe, justamente por esse motivo, uma ótima oportunidade para alguns charlatães ganharem dinheiro. Entretanto, a presença de cientistas de alto gabarito como o psicanalista e analista junguiano Carlos Byington, ou mesmo o professor Gustavo Corrêa Pinto, titular em Filosofia da Faculdade Cândido Mendes, pode desmentir qualquer má intenção, por parte dos organizadores.

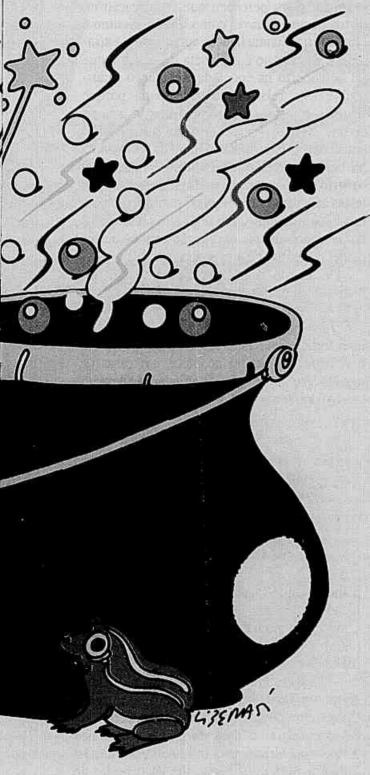
Iniciativa da SARJ (Sociedade de Astrologia do Rio de Janeiro), sob a presidência de Maria Eugênia de Castro, o *Encontro* evidencia a necessária interligação entre a Astrologia e outras ciências afins, a partir da inclusão de dezenove conferencistas de diversas áreas, assim como pretende desmistificar a Astrologia, geralmente vista como bruxaria ou charlatanismo de adivinhadores, idéia difundida na Idade Média.

— Hoje a Astrologia se propõe a ser um estudo do *eu* e suas várias facetas — afirma Maria Eugênia. Na verdade, a Astrologia foi feita para estudar o presente e o desenvolvimento de cada um, e não para adivinhar o futuro. Devido à amplitude de seu estudo, cabe ao astrólogo ter conhecimento básico de uma gama de outras ciências como Sociologia, História ou Psicologia. Um astrólogo que não tenha uma base de Filosofia, não poderá ver a Astrologia também como uma orientação de vida. Da mesma forma, o astrólogo precisa ter noções de Mitologia para entender o simbolismo de um planeta. Por exemplo, Vênus em Astrologia representa o bom gosto, o princípio do prazer. Na Mitologia Vênus era Afrodite, a deusa da beleza, riqueza e sensualidade. Logo, entender o mito é um passo para entender o símbolo.

VÊNUS E AS ÁGUAS

De acordo com o professor Junito de Souza Brandão (12 livros publicados sobre Língua e Literatura Greco-Latina) Vênus não se tratava de uma deusa grega; de origem fenícia, significava a deusa das águas: "Quando Urano foi ferido pelo filho Saturno, e teve seus órgãos sexuais cortados, seu sêmen caiu no mar e fez uma espumarada", explica o professor. "Em etimologia popular grega, espumarada se diz Afrós, daí o nome Afrodite — a deusa que nasceu do esperma de Urano caído no mar. Por isso, ela é a deusa do amor e das águas".

Existe também uma proximidade muito grande entre a deusa do amor vista pelos gregos e uma das entidades do candomblé brasileiro, conforme explica o professor:

> "A astrologia não discute o futuro. Ela estuda o presente"
>
> (Maria Eugênia de Castro)

"Acontece que Ares (Marte), amante de Afrodite, em uma crise de ciúmes, lançou contra Adônis (que muito a fascinava por sua beleza) um javali (símbolo do poder espiritual) que o aniquilou, ao mesmo tempo em que feriu o pé de Afrodite. Até então, todas as rosas eram brancas e começaram a nascer vermelhas por causa do sangue desse ferimento. Anualmente então, Afrodite passou a celebrar uma festa, em homenagem a Adônis, onde uma imensa quantidade de rosas era jogada ao mar, origem de nascimento da deusa Iemanjá."

Para os nativos de Touro a história começa com Zeus, Deus da Fecundação, que, além da esposa Hera, possuía várias outras mulheres. Para que Zeus (latim) ou Júpiter (grego) conquistasse Europa, uma linda princesa, foi preciso que ele se metamorfoseasse num lindo touro, branco e manso. Europa, fascinada pelo animal, montou em seu dorso e foi com ele para a ilha de Creta (matriarcal, daí a lua ser co-regente do signo), onde a fez mãe de três filhos. Em Mitologia, como os deuses enquanto forma zoomórfica são mortais, o touro em que se transformou Zeus, ao morrer, passou a ocupar a segunda casa do Zodíaco que caracteriza pessoas fortes e fecundantes; apaixonadas e luxuriosas.

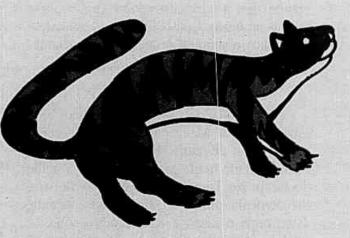
— Existiu também o Quirão, grande médico, que morreu numa batalha entre Hércules e os centauros, envenenado por uma *sagitta* (flecha em grego) — continua o professor. Ao morrer, foi transformado em Sagitário (como homenagem) e sua casa no Zodíaco, a nona, ficou sendo a da busca da sabedoria e das leis cósmicas. Nisso há muita coerência porque a *sagitta* quando é lançada sai do plano concreto para o abstrato, do telúrico para o olímpico, que é o grande conhecimento.

MAGIA E SIMBOLISMO

Sob o título *Magia e Ciência Simbólica*, o psiquiatra e analista junguiano Carlos Byington fará sua conferência em duas vertentes: o conhecimento objetivo é um fenômeno decorrente essencialmente de algo maior que é o *conhecimento simbólico* (que o engloba em sua origem junto ao conhecimento subjetivo); e segundo, que a função psicológica de propiciar o aparecimento dos símbolos é a mesma função psicológica empregada desde tempos imemoriais pelo ser humano, como *magia*. Na sua opinião, disto decorre que o uso da magia não necessita desembocar sempre na superstição como se crê erroneamente, e também de que o principal valor da magia para a Psicologia e para a Ciência é a obtenção do conhecimento simbólico.

— A Astrologia, o I Ching e o Tarô são exemplos do uso de sistemas simbólicos "mágicos" que introduzem símbolos no campo psicológico para produzir conhecimento simbólico — explica o analista. Seu emprego é muito importante para o desenvolvimento da personalidade e o perigo é não se reconhecer sua dimensão simbólica ao usá-los como conhecimento objetivo, e daí transformá-los numa "ciência objetiva falsa", ou seja, na superstição.

Nos últimos anos, perto de 50% dos analistas junguianos vêm empregando sistematicamente a Astrologia para propiciar o conhecimento psicológico de seus analisados. Há dois anos vem sendo realizado o Congresso de Astrologia e Psicologia, em Lucerna, Suíça, reunindo perto de 1 mil 500 congressistas de diversas nacionalidades. Outro exemplo é a Conferência Anual da Astrological Association onde participam desde astrólogos até pedagogos de múltiplas áreas. Tal recrudescimento de interesse é explicado por Maria Eugênia devido "a Urano, o planeta da Astrologia, estar em Sagitário, signo da expansão, desde 1981, permanecendo aí até 1988. Desse modo, o interesse pelos astros é colocado a nível mais sério de estudo numa base psicológica de interpretação."

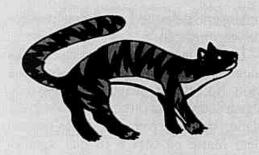
— Eu não faço a carta astrológica, pois não adquiri conhecimento para tal — continua Byington. No entanto, quando um analisando traz algum dado da sua carta, trabalho com ele este dado. Um caso comum é o das pessoas que têm Marte na casa 8 (o que significa problemas de saúde ou morte). O analista junguiano trabalhará, então, diante de duas vertentes: a associação livre (Freud), através da qual o analisando trará o contexto psicológico pessoal para o símbolo. Falará de sua saúde e de sua morte com dados da realidade e fantasia (através da fantasia do seu testamento, por exemplo, poderá elaborar a relação com muitos de seus descendentes). Outra vertente é a associação simbólica (Jung), que consiste em o analista associar ao símbolo aspectos culturais desconhecidos pelo analisando; Marte seria o planeta avermelhado,

ligado ao fogo e à paixão. E daí complementar o trabalho com a associação livre, elaborando aspectos da agressividade do analisando contra si mesmo (fantasias de doença) e contra seus descendentes (testamento).

I CHING

No Congresso haverá também a contribuição do Extremo Oriente, através da palestra de Gustavo Corrêa Pinto sobre a relação entre cada um dos planetas e os hexagramas do I Ching. Como se sabe, o I Ching, antigo texto da tradição chinesa, composto por volta de 1150 AC, Clássico das Mutações, consiste de 64 estruturas que combinam duas espécies de linhas superpostas em conjunto de seis (linhas inteiras, que mais tarde seriam o *yang* e linhas partidas, significando o *ying*). Combinadas em seis, temos 64 estruturas em todas as possíveis combinações. Cada hexagrama tem um significado próprio. E desde 1150 AC (quando foram redigidos os primeiros textos) eles passaram a ser acompanhados de um texto explicativo.

Na China o I Ching teve uma influência de diferentes escolas de Astrologia, as quais se desenvolveram sob inspiração deste Clássico. Segundo Gustavo Corrêa Pinto, parece existir também uma relação estreita entre o I Ching e a Astrologia como a conhecemos no Ocidente.

— Se tomássemos por exemplo o Sol e a Lua, que sempre têm um papel decisivo num ▶

O Sol e a Lua são elementos fundamentais no desenho do mapa astrológico

mapa astrológico, teríamos como correspondências básicas no I Ching os hexagramas I (intitulado *O Criativo*) que representa o arquétipo do masculino e das forças motrizes e o hexagrama II (*O Receptivo*) que representa o arquétipo do feminino em termos cósmicos e se expressa nas energias estáticas, nas capacidades de maturação, desenvolvimento e continuidade, estando, assim, associado à sensibilidade etc. Quando relacionamos o Sol ao hexagrama do Criador não estamos querendo dizer, entretanto, que o Sol está expresso apenas neste hexagrama e nem estamos afirmando que a Lua corresponde no I Ching apenas ao hexagrama II. Teríamos um exemplo básico e simples de algumas importantes características do Sol e da Lua.

SIGNOS E MEDICINA

Por outro lado, a Astrologia também pode estar ligada à Medicina e contribuir como instrumento de cura. No Antigo Egito, a Astrologia era usada para saber sobre a saúde do faraó. No Tibet, a Astrologia já faz parte do currículo diário do Hospital Central de Java, onde o mapa é feito sempre antes de qualquer consulta médica. Na França já existe uma corrente médica liderada por Boris Paque que defende a Astrologia Médica relacionando os 12 signos do Zodíaco a doze sais determinantes das alterações orgânicas.

Para o homeopata Luís Henrique de Carvalho a coisa é mais complexa e cabe ao médico analisar não só o signo de cada pessoa, mas todo o mapa astral. Ex-alopata, o interesse pela homeopatia e astrologia surgiu há cerca de três anos, frutos de grande curiosidade.

— A Astrologia diz que somos uma impressão da energia dos planetas na hora em que se nasce e explica a vida (inclusive os problemas de saúde) através de energias. A homeopatia diz que a cura também é energética funcionando como uma reação da força vital despertada pelo *medicamento sósia* da pessoa. Logo, uma complementa a outra. Ou seja, para se chegar ao exato tipo de remédio é preciso saber quem você é na essência. E o mapa astral muito ajuda no tirar das máscaras.

Segundo Luíz Henrique, além do mapa auxiliar na escolha do *similimum* (medicamento de origem animal, vegetal ou mineral que dará ao que o usa um equilíbrio de força vital, obedecendo à lei do semelhante), é também capaz de ajudar no diagnóstico de doenças de origem obscura. Como exemplo, ele cita o caso de um paciente que se queixava de insônia, gases intestinais, prolapso retal, timidez, impotência e pele com manchas.

— Chamaram-me atenção dois aspectos: a ansiedade (com gula por doces) e a incapacidade de dar afeto às pessoas queridas. Isso nos fazia lembrar dois medicamentos: o Argentum Nitricum e a Sepia. Pelo mapa astral ficou esclarecido que o *similimum* seria a Sepia porque o paciente tinha Saturno em conjunção a Vênus na casa 1 e quadratura da Lua na casa 4, prevalencendo então a incapacidade afetiva. Isto apesar de ele possuir aspectos do Argentum tais como a conjunção Marte/Mercúrio na casa 2 e Urano na casa 3 (Áries).

PARANORMAIS

Morando no Brasil há onze anos, o objeto de estudo do astrólogo americano Gary Dale Richman vem sendo, no decorrer dos últimos três anos, a pesquisa em torno dos paranormais; especialmente, o denominador comum no sentido astrológico, que estaria ligado ao canal de sensibilidade maior. Na palestra "Análise Astrológica Sobre Assuntos Parafísicos" ele apresentará três casos específicos. O primeiro, do famoso "guru das estrelas", Thomas Green Morton (caso que acompanha há três anos), sensitivo que, dentre outros poderes, transmuta a matéria, materializa objetos e trabalha como energizador. O segundo é o de Edson Queiroz, médico pernambucano, herdeiro de Arigó, cassado por praticar cirurgias sem anestesia ou assepsia e tratamentos médicos a distância. O terceiro caso é Luís Gasparetto, paulista, o psicopintor que já fez centenas de quadros e desenhos que levam assinatura dos mais célebres pintores da humanidade.

Através de seus estudos e dos mapas de 50 médiuns, Gary percebeu que a colocação de certos planetas-chaves como Urano, Netuno e Plutão teria alguma ligação com o poder extra-sensorial. "Urano é o planeta de reforma que foi descoberto na época da Revolução Industrial e está relacionado à telepatia porque significa transmissão de comunicação através do ar. Netuno (descoberto no século XIX) antecedeu o Espiritismo Mundial, é o planeta místico por excelência e intuitivo. Plutão (descoberto por volta de 1930) antecedeu aos testes atômicos e às pesquisas parapsicológicas nos Estados Unidos. Ou seja, eles são um pivô de paranormalidade em junção com os outros planetas dentro de um mapa astral."

De acordo com Gary qualquer dos três planetas colocado em casas angulares (1 — ego; 4 — origens familiares e transfamiliares; 7 — relacionamento e 10 — carreira) torna-se mais forte porque estas são as casas que ativam a energia. O mesmo acontece nas casas de água (4, 8 e 12) devido à fluidificação energética. Qualquer que seja o caso, a colocação dos

planetas é que vai determinar o tipo de mediunidade que será exercida, lembrando que Urano, Netuno e Plutão abrem o canal para se entrar em contato com outras dimensões da realidade.

— Edson Queiroz tem Urano na casa 4, Netuno na casa 8 junto com Marte (cirurgia). Gasparetto possui uma Vênus destacada, daí ele próprio ter o dom da pintura. O Chico Xavier traz Urano na casa 12 (casa psíquica) e Sol com Mercúrio, o que lhe dá o poder da escrita.

Além dos conferencistas que participarão do Primeiro Encontro Aberto de Astrologia do Rio de Janeiro (dias 9, 10 e 11 no Hotel Nacional), outras atrações poderão ser apreciadas como o minicurso de Astrologia para adultos e também para crianças (10 a 14 anos). Doze miniconsultas serão sorteadas no local, além de seis bolsas de estudo em cursos da SARJ. Minicursos de Tarô; *stands* de livrarias com sorteio de cinco livros; exposição de Mapas e Cartas Históricas, e ainda dois supercomputadores que ficarão à disposição de quem quiser seu mapa astral em frações de segundos.

No mais, salve-se quem puder, porque nesses dias tudo poderá acontecer... ■

À PROVA DE BALA.

Modulacca®

ESTRUTURAL

À prova de bala, chocolate, lápis de cor. Modulacca é o primeiro armário embutido à prova de crianças. Ele é fabricado em madeira maciça e melamina, uma resina super-resistente que não arranha e você pode até lavar. Sem falar que Modulacca é bonito, super bem acabado e tem várias opções de portas: freijó, espelho e melamina em diversas cores. Todas com estrutura de madeira maciça aparente. Modulacca tem mais. Entrega rápida, projeto e montagem grátis e é o único com 6 anos de garantia total. Modulacca. Qualidade Lacca aprovada também para menores de 10 anos.

6 ANOS GARANTIA LACCA

Moveis com garantia de vida

30% de desconto à vista, 5 vezes sem juros ou financiamento em 24 meses.

BREVE NO CASASHOPPING

Música, um bom motivo para aproximar os jovens que circulam à noite

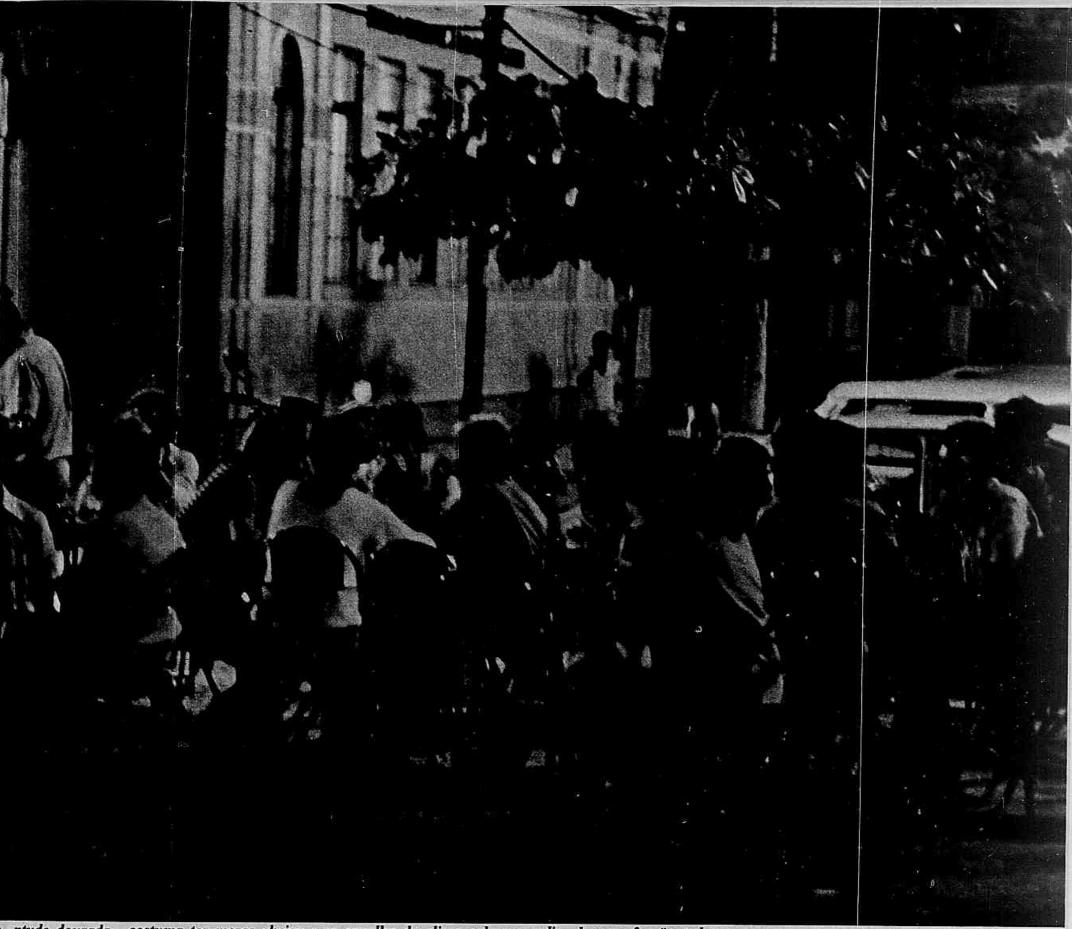
O Hipo, na Gávea, ponto de encontro da nova juve ntud

A AZARAÇÃO. OU O ROMANCE DO ANO 2000

Neta do flerte, filha da paquera, a azaração, a nova forma de namoro, se incorpora ao espírito carioca e revela outras técnicas de sedução

FOTOS: Ari Gomes

Madrugada de sexta-feira, bar do Baixo Gávea. Um rapaz moreno, roupas coloridas e ar meio *newwave*, pergunta sem hesitação a uma *gatinha* se ela quer ouvir som em sua casa. "Você gosta de Nina Hagen? Eu tenho um disco chocante dela, importado". Pouco tempo depois, os dois saem juntos. Pode ser início de namoro ou simples transa passageira, sem maiores intenções. Detalhe: os dois acabaram de se conhecer.

A cena é bem comum, situação típica da paquera atual, ou como se diz na gíria mais recente, da "azaração", rápida e direta, mais ao ritmo dos grandes centros urbanos. Assim como o dicionário das relações amorosas inclui novas formas de ligações afetivas ou "estado civil" — "eu sou *free-lancer*, "é apenas uma transa", "vou sair com aquele meu casinho" — o modo de conquistar alguém passou por significativas mudanças. Da discreta forma de fazer a corte, quando o homem levava semanas e até meses para conquistar uma mulher,

...ntude dourada, costuma ter mesas cheias e se orgulha do clima calmo e sadio de seus freqüentadores

até a direta e frontal *azaração*, onde não é raro ver uma mulher *cantando* o homem, passaram-se algumas décadas; muita água rolou no terreno das relações humanas.

O grande pulo do gato foi dado na década de 60, quando a juventude ocidental, descrente dos comportamentos e moral vigentes, formulou para si outro projeto de vida, pautado no culto à liberdade e ao prazer. Respaldados pela segurança da pílula anticoncepcional, o jovem colocou por terra o que dezenas de anos antes o velho Freud denominou de repressão da libido. Hoje, quase ano 2 mil, os jovens se debatem por relacionamentos mais espontâneos e verdadeiros, sem muito blablablá. E, por conseqüência, a paquera também mudou e os jovens podem exprimir-se com mais naturalidade, não necessitando percorrer tortuosos caminhos para ir à luta de seus desejos.

Flerte nos anos 50, paquera em 60 e hoje, azaração. Diferentes nomes em épocas distintas para dar significado ao mesmo objetivo, embora os meios utilizados sejam outros. Mas se a azaração continua sendo a tentativa de conquistar alguém (com maior, menor ou absolutamente nenhum compromisso), ela pressupõe jogo de sedução, de magia, onde encantar e fascinar são os verbos principais. Haveria, então, na paquera atual esses pressupostos vitais sem os quais ela não existiria? Os jovens garantem que sim. Por mais que a franqueza em relação ao desejo sexual seja cada vez mais constante e as chamadas segundas intenções vão perdendo a validade e razão de ser, o "jogo sutil de charme e sedução", na definição de Aldo Wandersman, 27 anos, ainda não é carta fora do baralho.

— Sempre houve sedução numa paquera — garante Orlando D'Eli Filho, 20 anos, universitário. A forma como a sedução se dá é histórica, se modifica no tempo. Ela existe mas com outra linguagem, mais direta. As relações mudaram também. Você não fica buscando muitos símbolos para seduzir. Ao invés de puxar uma cadeira, de acender o cigarro, você faz carinho na cabeça dela. Não tem tempo pra perder.

Pedro Gomes, 20 anos, técnico em mecânica, freqüentador das areias do Posto 9, Ipanema, lugar que ele considera bom para *azarar* porque sempre tem pessoas bonitas, afirma:

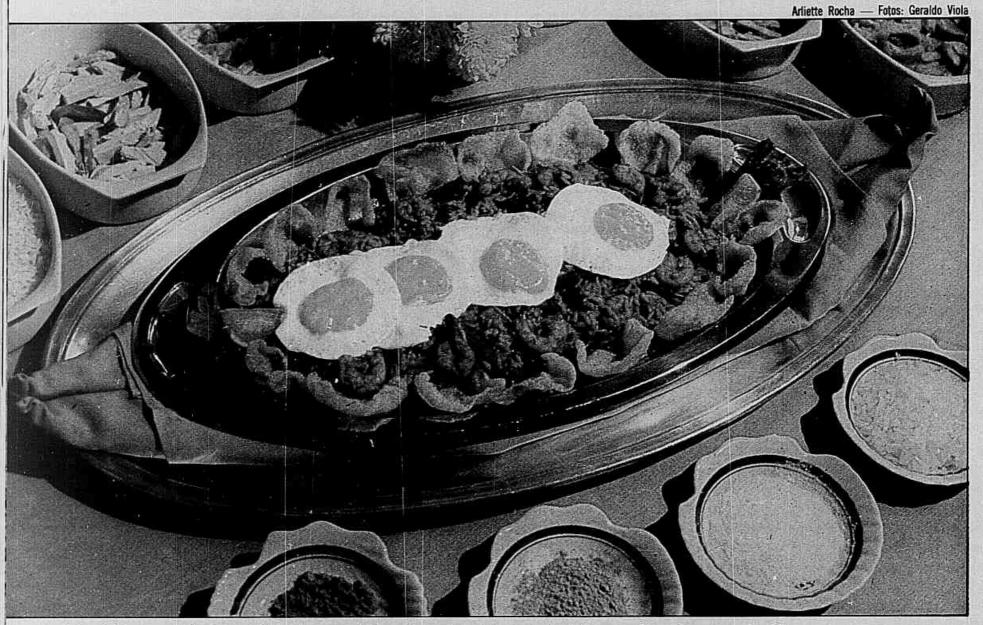
— Essa coisa que não existe mais sedução e magia é um pouco de ficção dos mais velhos. Só mudou o jeito, a forma da conquista, mas o motivo e a vontade são as mesmas. As pessoas agora se mostram mais, é mais aberto e real. Antigamente era tudo superficial. Hoje em dia, você *manda* logo o que tá achando e as pessoas aceitam na boa.

Embora pertencendo à geração que deu a grande arrancada rumo às transformações sócio-culturais, Virgínia Cavalcanti, professora universitária e jornalista, é taxativa e coloca ▶

Continua na pág. 29

O SABOR DA INDONÉSIA

O molho *curry* equilibra a mistura de três carnes diferentes

Arliette Rocha — Fotos: Geraldo Viola

O Nasi-Goreng, acima, combina carnes variadas. Isso, contudo, não impede que elas sejam reconhecidas

A Indonésia é do outro lado do mundo. Mas você não precisa atravessar os mares para descobrir os segredos de sua cozinha. O Hotel Copacabana Palace está servindo às sextas-feiras, na pérgula da piscina, alguns pratos da cozinha daquele país. E apesar de tão distante de nós, a cozinha da Indonésia pode perfeitamente ser feita em qualquer casa carioca, já que seus ingredientes são todos conhecidos e fáceis de encontrar. As receitas desta reportagem são do cearense de Nova Russas e chefe de cozinha do hotel, Expedito Farias da Penha.

Na Coupe Suchard, o mamão papaya serve de base para o sorvete com **chantilly**

NASI-GORENG

Ingredientes: 480g de lombinho de porco; 240g de galinha cozida desossada; 140g de camarão pequeno: 160g de presunto cozido; 1 cebola média picada fina; 1 alho *porró*; 100g de arroz cozido; 1 xícara (de chá) de caldo de galinha; 16 flocos de mandiopã; 4 ovos; sal; pimenta; *curry*.

Modo de fazer: corte o lombinho, a galinha, o presunto e o alho *porró* em *Juliènne* (tirinhas). Em uma frigideira grande coloque uma xícara de óleo de milho, deixe esquentar e junte o lombinho e a cebola. Assim que o lombinho tomar cor, acrescente o camarão, a galinha, o presunto, o alho *porró* e misture bem. Coloque sal, pimenta e *curry* a gosto. Na mesma frigideira, junte o arroz já cozido e, no final, o caldo de galinha. Coloque numa travessa. Na hora de servir coloque os ovos estrelados em cima do arroz e os flocos de mandiopã, previamente fritos em gordura bem quente. Esta receita é para 4 pessoas.

COUPE SUCHARD

Ingredientes: 1 mamão papaya; sorvete de creme; creme de *chantilly*; calda de chocolate quente.

Modo de fazer: corte o fundo do mamão para fazer uma base. Corte a parte de cima em bicos e retire as sementes. Recheie com sorvete de creme e, com auxílio de um saco de confeitar, contorne com o creme de *chantilly*. Despeje a calda de chocolate quente por cima do sorvete. ■

TOME NOTA

MISS VERÃO 85

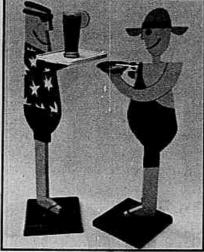
● Uma passagem de ida e volta em uma excursão por Foz do Iguaçu, Paraguai e Argentina, duas passagens de ida e volta para Salvador: estes são alguns dos prêmios que serão oferecidos às vencedoras do concurso Miss Verão 85, que a Clibel Clínicas de Beleza, com apoio da Riotur, fará realizar na praia de Ipanema durante a primeira quinzena de novembro e com final prevista para o mês de dezembro. As inscrições, que se encerram amanhã, podem ser feitas na sede do grupo Clibel (Rua Voluntários da Pátria, 408).

FLORES E FOLHAS

● A Formatex está lançando sua mais recente coleção de estampas, "Flores brasileiras", criada pela *designer* Iris di Ciommo, depois de uma pesquisa no departamento de Botânica da USP, para verificar quais flores são realmente nativas do Brasil. Composta de quatro estampas, duas florais, uma de folhagens e outra listrada, a coleção foge do tradicional *composée*.

SANDUÍCHES PRESIDENCIÁVEIS

● O Árabe (Rua Visconde de Pirajá, 86, loja 4) está com uma novidade em sanduíches que promete muita badalação até 15 de janeiro: é a sucessão dos sanduíches. O cliente pode escolher entre dois tipos, o Maluf's, com pão árabe, quibe, tabule e pasta de berinjela, e o Tancredo, com pão árabe e o recheio que você quiser.

AQUI, SÃO PAULO

Os bonecos Serafim e Raimunda, que guardam quase tudo

● A "Se essa rua fosse jardim", loja paulista de Anahyd Cardoso Franco, mudou de endereço. Agora está funcionando na Bela Cintra, 2159, e além de cuidar de móveis também passa a atender com objetos de decoração. Uma das novidades é o par de bonecos, Serafim e Raimunda, que são uma espécie de porta-tudo, como copos, bandejas e cinzeiros.

A nova espátula, útil para quem gosta de cozinhar

LEVE, FINA E FLEXÍVEL

● A Wessel está lançando mais uma novidade para os mestres-cucas: uma exclusivíssima espátula de aço inoxidável, com cabo em madeira leve, tão fina e flexível que entra embaixo de omeletes, panquecas, peixes e qualquer outro alimento, sem quebrá-lo. A nova espátula, de *multi-uso*, será indispensável para os *gourmets*.

LIÇÃO DE CASA NO DOMINGO.

1 - VEM AÍ O ACONTECIMENTO QUE VAI CAUSAR SENSAÇÃO, DO QUARTO-E-SALA À MANSÃO. VOCÊ SABE QUAL É?
É A EDIÇÃO ESPECIAL DECORAÇÃO DA REVISTA DOMINGO. ESPECIAL PARA QUEM TRANSA DECORAÇÃO, INTERIORES, ARRANJOS E NOVIDADES DE CASA. ESPECIALMENTE DE BOM GOSTO.

2 - DÊ EXEMPLOS DOS PONTOS MAIS ATINGIDOS POR ESSA REVOLUÇÃO DE CONFORTO E BELEZA.
MÓVEIS, CORTINAS, TAPETES, OBJETOS, PAREDES, LUMINÁRIAS, TETOS, E MAIS, MUITO MAIS.

3 - TUDO NOS MÍNIMOS DETALHES?
EXATAMENTE. DOMINGO DÁ NOMES, DICAS, PREÇOS E ENDEREÇOS. COM FOTOS, INFORMES E SERVIÇOS. UM GUIA COMPLETO. TINTIM POR TINTIM.

4 - MAS ESSA DESCOBERTA É PRA FICAR ENTRE QUATRO PAREDES?
NÃO, IMAGINA! OS LEITORES HABITUAIS DE DOMINGO JÁ AGUARDAM ANSIOSOS A EDIÇÃO DECORAÇÃO. SÃO MILHARES DE HOMENS E MULHERES QUE AMAM UM AMBIENTE BONITO E GOSTOSO DE MORAR. GENTE INDEPENDENTE. INTELIGENTE. INOVADORA.

5 - EM QUE DATA A EDIÇÃO DECORAÇÃO CHEGA NAS BANCAS?
18 DE NOVEMBRO DE 84. FALTA POUCO.

6 - E QUAL O CAMINHO MAIS RÁPIDO PARA VOCÊ PARTICIPAR?
RESERVAR UM BOM ESPAÇO, PUBLICAR UM BELO ANÚNCIO, E PRONTO. ESTÁ DADA UMA LIÇÃO DE CASA E UMA LIÇÃO DE VENDAS. EM PLENO DOMINGO.

Edição Especial Decoração

RESERVAS: 6-11
MATERIAL: 8-11

TOME NOTA

CURSOS

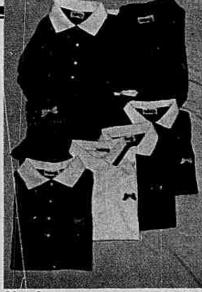
● O salão de convenções do Hotel Glória abre nos dias 10 e 11 de novembro para a realização do curso Poder da Mente, que será dado pelo professor Padre Lauro Trevisan, sacerdote, parapsicólogo e jornalista. O curso, com duração de 12 horas, em quatro sessões, aceita inscrições pelo tel. 260-6724.

● O XXI Congresso Brasileiro de Cirurgia Plástica, no Copacabana Palace, de 18 a 22 de novembro, está recebendo inscrições para os 24 cursos que serão realizados na quarta-feira, dia 21 de novembro. Inscrições e informações podem ser obtidas nos tels. 286-8596 e 226-0262.

● O Centro de Artes do Tempo (Rua Dona Mariana, 136, em Botafogo) realiza até 30 de janeiro, às segundas, quartas e sextas, o curso "Passarela, ou o que você precisa para chegar lá", com os professores Paulo Cesar Oliveira e Ciça Affonso Penna. Outras informações e inscrições podem ser feitas pelo tel. 286-4541.

● Sob a coordenação da psicanalista Danuza Machado estão abertas as inscrições para a formação do grupo de estudos "Freud e uma introdução ao pensamento de Lacan". Outras informações, pelo tel. 287-4473.

● O Núcleo de Orientação Psicodinâmica promove este mês mais um curso de comunicação interpessoal, destinado a profissionais da área de relações humanas. O curso será realizado no Jardim Miraflores, na Rua das Laranjeiras, 537, nos dias 20, 22, 27 e 29 de novembro. Outras informações podem ser obtidas pelo tel. 205-7047.

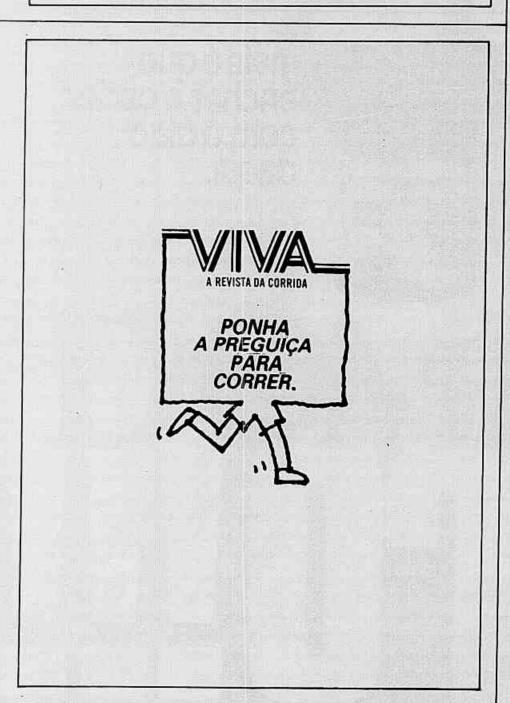
● O Cepad — Centro de Estudos, Pesquisa e Atualização em Direito — está convocando advogados e estudantes de Direito interessados em participar de cursos de atualização, para o ciclo de conferências sobre o Novo Código Penal. Outras informações podem ser obtidas no tel. 262-4658.

No **show-room**, *um estoque de camisas pólo exclusivas*

NOLAÇO EM BOTAFOGO

● A Nolaço, marca de roupas que usa o conhecido lacinho como etiqueta, está de casa nova. Acaba de inaugurar um *showroom* na Real Grandeza, 139, esquina de Voluntários da Pátria, em Botafogo. Com um grande estoque, renovado, de camisas pólo, outras informações podem ser obtidas pelo tel. 274-3802.

Tania cuida pessoalmente da cozinha

ALSENE, EM ITATIAIA

● A atriz Tania Scher afastou-se temporariamente do teatro e do cinema e assumiu o hotel que seus avós fundaram em Itatiaia, o Alsene. Situado no alto da Serra da Mantiqueira, a 2 300m de altitude e a 3 km do Parque Nacional de Itatiaia, o Alsene, segundo Tania, proporciona uma sensação de quem está nos alpes. Simples, com uma comida feita em fogão de lenha (sob a coordenação da própria Tania), o Alsene tem também uma pequena taberna, onde podem ser degustados um vinho quente e uma aguardente da região. As reservas podem ser feitas pelo tel. (0243)52-1211.

ELIS INÉDITA

A gravação de um especial para a televisão sofre uma *limpeza* e vira disco de novas gravações

AIMÉE LOUCHARD
FOTO GERALDO VIOLA

No disco que será lançado antes do fim do mês, Elis canta músicas de Jo

Quando no final do mês o novo disco de Elis Regina chegar às lojas, pouca gente entre sua legião de fãs imaginará os detalhes do complicado e longo processo que transformou um *tape* de 16 canais cedido por Rogério Costa, irmão da cantora, no elepê primoroso, que, além de preservar sua voz, abre um novo espaço na indústria fonográfica. Não, não é mais um disco póstumo como foi *Trem Azul*, lançado no ano passado, nem mera regravação de sucessos passados. Com cinco músicas inéditas, toda uma companhia, a Som Livre, debruçada dia e noite sobre o projeto e um naipe de arranjadores e técnicos de primeira linha, o disco prima pela emoção e teve um só objetivo: manter vivos o canto e a memória de uma das maiores cantoras brasileiras.

Segundo o diretor artístico da gravadora, Max Pierre, a idéia surgiu quando o irmão de Elis ofereceu à gravadora um *tape* feito para um especial de tevê. Inconformado com a morte prematura da cantora uma semana antes de ela entrar em estúdio para gravar, Max viu que tinha nas mãos um excelente material. A qualidade do *tape* deixava a desejar, é verdade, mas a voz estava lá, perfeita, inconfundível. Como aproveitar esse material histórico era uma pergunta que perseguia Max. Consultando o maestro e arranjador Lincoln Olivetti, o produtor teve a resposta esperada: o disco poderia sair, sim, se fosse mantida a voz, apagado o fundo e gravados novos arranjos. Um trabalho nunca feito e que foi um desafio para toda a equipe.

A próxima etapa foi escolher os arranjadores e nada mais justo do que chamar os que Elis escolhera para participar do disco que não chegou a gravar. Assim, foram convidados Wagner Tiso, Dory Caymmi, Tom Jobim, Natan Marques, Lincoln Olivetti e César Camargo Mariano, que tiveram uma tarefa delicada: criar em cima de interpretações especialíssimas, cheias dos anda-

de João Bosco, Aldyr Blanc, Lô Borges e Caetano Veloso

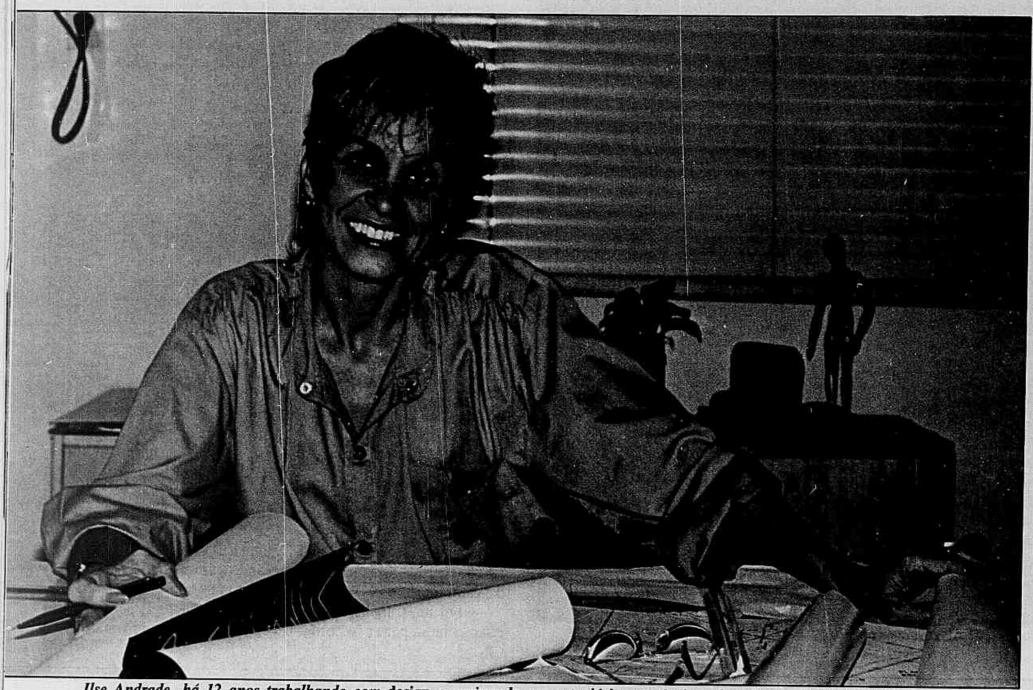
mentos, modulações e gingas que Elis dominava tão bem. Lincoln Olivetti, entusiasmado e sem se queixar de cansaço — as duas faixas que arranjou, *Mestre-Sala dos Mares* e *Corsário*, levaram 24 e 15 horas, respectivamente, só na clicagem, processo inicial para gerar o novo som — define o projeto como "o mais importante dos últimos tempos". E justifica:

— A mulherzinha era danada. Passei um mês varando noites. Eu e a voz dela no estúdio. Errava, voltava, apagava. Para mim, como arranjador, foi um desafio, pois minha criatividade teve que ficar muito mais aguçada para acompanhá-la.

O entusiasmo também se mostra no depoimento de Antônio Canázio, o Mug, técnico de som, que em certas faixas chegou a atrasar os instrumentos alguns milissegundos só para não perder as modulações da cantora:

— Foi um trabalho de precisão chinesa para não perdermos uma só nota da voz dela — revela Mug. Ela deixou uma coisa muito forte em todos nós e procuramos fazer tudo como imaginávamos que ela gostaria.

O esquema de lançamento ainda não está definido, mas Max Pierre adianta que talvez a gravadora reserve uma parte da tiragem para lançar um álbum duplo: um mostrando o tape original e outro o disco com os novos arranjos. E embora acredite que o disco vá *estourar* diz, emocionado, "que o mais importante é manter a chama de Elis acesa e não apenas vender discos".

Corsário, de João Bosco e Aldir Blanc; *No Dia em que Eu Vim Embora*, de Caetano; *Pra Lennon e McCartney*, de Lô Borges e Fernando Brandt; *A Banca do Distinto*, de Billy Blanco, e *Mulheres de Atenas*, de Chico Buarque, mostram uma Elis bem-humorada, brincando com os músicos, no estúdio, fazendo piadas, vibrante, apaixonada. É só esperar para ouvir. E se emocionar. ■

Ilse Andrade, há 12 anos trabalhando com design *e ensinando aos estagiários as técnicas da criação de uma marca*

UM NOVO *DESIGN*

A técnica de fazer com que um desenho fale por muitas palavras

ALICE GRIZZA

Fotos: Gilson Barreto

☐ Ela era uma das cinco mulheres que integravam a segunda turma de formandos da ESDI (Escola Superior de Desenho Industrial) que, naquele ano de 69, graduou apenas trinta alunos. Hoje, Ilse Andrade, 45 anos, é um dos mais respeitados nomes no *art design* nacional. Fundadora da Kraft Design Projetos e Publicidade, há 12 anos, ela desempenha função pioneira neste setor, tanto no que se refere à formação da mão-de-obra especializada quanto no cuidado com o nível técnico da empresa. Tudo isso, por um objetivo maior: a divulgação do trabalho de um *designer*.

— Eu me sinto muito orgulhosa de ter conseguido me impor neste tipo de profissão porque, naquela época, uma mulher que optasse pelo *design* não era muito bem vista — explica Ilse. Os empresários sempre achavam que eu estava querendo um *bico*, ou, então, que era daquele tipo de mulher ociosa que está em busca de qualquer passatempo. Por outro lado, muitos nem sabiam do que se tratava o *designer* e me tachavam de desenhista técnico, publicitária ou arquiteta. A melhor forma para convencê-los do que fazia foi mostrando o meu trabalho.

Mas a batalha de Ilse começou mesmo na ESDI, pela dificuldade de integrar o horário de uma dona-de-casa, já com dois filhos, e as rigorosas cargas de estudo exigidas pela Faculdade. "O jeito era estudar de madrugada ou nos intervalos das mamadeiras", comenta ela brincando. "Houve até um dia em que, ao invés de eu entregar um trabalho de Antropologia ao professor, dei a ele uma lista de compras para o supermercado. A minha sorte foi ele levar a coisa na esportiva, o que ocasionou o maior rebuliço na turma."

Seguindo as regras de uma educação germânica — "minha mãe sempre foi favorável ao casamento como última opção de vida" — já nos tempos de Faculdade, Ilse trabalhava como autônoma. E foi em 72 que se deu sua primeira grande audácia no campo empresarial, por ocasião da loja *Design Presents*, onde Ilse participava como sócia-gerente e *designer* de diversos produtos. Para quem não se lembra, a *Design* revolucionou o mercado de presentes com produtos altamente originais, inovando no acrílico, na madeira, vidro, aço, cortiças, substituindo os conceitos antigos (como as baixelas de prata rigorosamente oferecidas como presentes de casamento) por conceitos novos em presentes funcionais e criativos.

Do sucesso absoluto da loja veio a expansão no mercado, e o surgimento de uma empresa de médio porte denominada *Kraft Design Projetos e Publicidade Ltda*, em funcionamento há dez anos, e líder no aperfeiçoamento de profissionais do ramo. Basta dizer que, por semestre, são no mínimo dois estagiários empregados na casa. Em pleno regime democrático, sema-

Nas reuniões do grupo, a democracia impera e a melhor idéia é aprovada

nalmente são feitos verdadeiros *brainstorms* com todo o pessoal da equipe de trabalho, "e ocasião onde todos ficam sabendo de tudo o que se está passando na empresa" — um projeto diferencial que qualifica a Kraft. Além disso, na Kraft o *designer* é visto "como um ser eclético que deve entender desde o *marketing* até uma simples projeção. Eu mesma, às vezes me pego olhando para um objeto, mas no fundo estou avaliando de que maneira poderíamos recriá-lo."

Tomando o *setor de promoção* como uma mídia alternativa da maior importância, a Kraft atua em consultoria de projetos para as áreas específicas de programação e comunicação visual e de desenho industrial, universo que compreende entre muitos outros itens a criação de imagem empresarial, símbolos e logotipos, peças promocionais para *merchandising*, brindes, embalagens, planos de sinalização, identificação e *franchise*.

— Levando em conta que o mundo moderno se transformou numa enorme máquina de consumir, é valido se aceitar as mais variadas formas, combinadas ou não, de comunicação que visem sensibilizar e motivar os consumidores — explica Ilse Andrade. Assim como a publicidade, a propaganda e a promoção como instrumentos de *marketing* são importantes ferramentas de venda, o *design* e a programação visual são a própria essência do processo de consumo. Por seu intermédio é possível se criar e marcar as características peculiares, personalísticas e diferenciais de empresas e produtos. Cabe ao *designer*, portanto, com base nessa organização visual, proceder ao levantamento que determine o caráter visual de cada projeto, responsabilizando-se pela criação, desenvolvimento e implantação de programas visuais completos direcionados aos diversos segmentos de uma empresa.

Dentre os projetos realizados pela Kraft nos últimos cinco anos, salientam-se o Projeto de padronização de equipamentos sinalizadores e promocionais para a Horsa Hotéis Reunidos; o projeto de equipamentos sinalizadores de apoio para o Shopping Cassino Atlântico/RJ; Projetos de Sinalização Interna e letreiro de identificação das fachadas para o São Conrado Fashion Mall/RJ e o Projeto de Sinalização Interna/Externa para a fábrica Valesul Alumínio/RJ. Na área de projetos gráficos, o estudo e criação do símbolo e logotipo para a Campanha Nacional do Câncer; e o projeto de programação visual para a Wallenius Transroll do Brasil/RJ. De todos os trabalhos, o mais popular ficou sendo o Projeto e Design de produtos e objetos para a Companhia Souza Cruz de cigarros, com a programação visual aplicada à linha de relógios Hollywood, *stands* para feiras e o logotipo da Sportline.

Para os interessados nos trabalhos deste campo específico, inicia-se amanhã indo até dia 13 de novembro, na Faculdade da Cidade/RJ, uma exposição de painéis fotográficos, objetos e palestras sob coordenação de Ilse Andrade, constituindo-se como mais um passo da Kraft no sentido "de despertar nos estudantes maior ânimo para enfrentar o mercado". Ao mesmo tempo, fica até dia 25 deste mês, no MAM, a Exposição de Desenho Industrial Latino-Americana, onde a Kraft participa com cinco projetos: Rio Palace, Valesul, Souza Cruz, um mobiliário infantil e o da Campanha Nacional do Câncer.

— O importante é colaborar com nossos erros e acertos para a experiência futura dos estudantes, de modo a sensibilizar o mercado para o aproveitamento de mão-de-obra em escala cada vez maior — finaliza Ilse. ■

ALGUÉM AINDA TEM MEDO DO MERCADO DE ARTE?

LEDY MENDES GONZALEZ
Fotos: Geraldo Viola

☐ Fascinante pelas emoções que provoca, tentador pela beleza dos objetos envolvidos, compensador pela cultura que se obtém freqüentando-o e um setor bastante lucrativo para aqueles que conhecem todos os macetes do negócio, o mercado de arte do Rio de Janeiro é hoje tão expressivo que atrai a vinda periódica de *experts* e representantes compradores das maiores casas leiloeiras e antiquários da Europa e EUA. Ainda recentemente, dois grupos profissionais da Sotheby's de New York e um famoso *connaisseur* sediado em Paris estiveram por aqui à procura de raridades em porcelana, marfim, pasta de vidro e pintura. Em conseqüência disto, elevaram-se ainda mais os preços das peças.

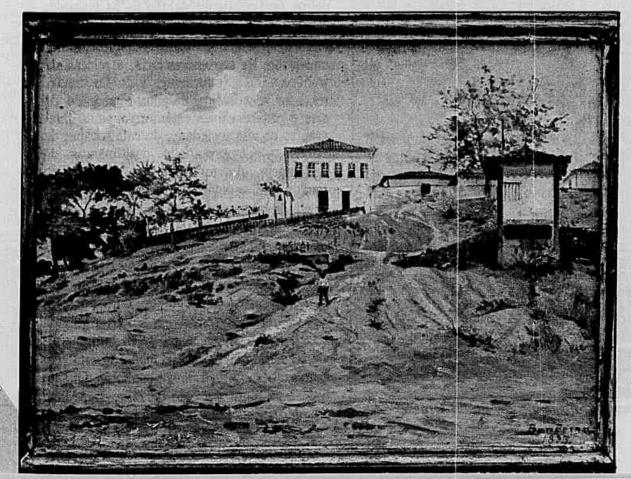
Reduto de uma elite privilegiada até há alguns anos — cerca de duas décadas — o mercado de arte carioca já está entrando na fase popular, graças a divulgação maciça dos leilões, exposições, feiras e outros acontecimentos ligados à comercialização de antigüidades e de criações mais modernas e da atualidade artística. Não tem ainda dois meses, a RÁDIO JORNAL DO BRASIL FM, em seu programa das 13h05min dedicado a grandes debates, ofereceu aos ouvintes um sensacional pingue-pongue de informações e esclarecimentos através de entrevistas feitas pela repórter Ana Maria Badaró com dois prestigiados leiloeiros: Horácio Ernani de Mello Neto, o quarto de uma família que há quase 80 anos opera neste Estado e Evandro Carneiro, que de dirigente da Bolsa de Arte do Rio de Janeiro deslocou-se para a posição mais agressiva de apregoador, empunhando o martelo tradicional. Os debatedores defenderam seus pontos de vista sobre a maneira mais indicada (e vantajosa) de investir no mercado de arte.

Tanto quanto os demais mercados — de ações, de imóveis, de gêneros alimentícios, de metais, etc., — o de arte tem que ser visto com a cabeça fria, os olhos bem abertos, as informações corretas e nenhuma santa ingenuidade, sob pena de uma desilução que pode ser realmente dolorosa para o coração... e para o bolso.

Expoente máximo, hoje em dia, do clima especial que envolve o mercado de arte carioca, o leilão cresceu em todos os sentidos: em número, em tamanho, em qualidade e em sofisticação. Até computadores são utilizados na coleta de peças, classificação, catalogação e outras operações do setor.

Como um deus caprichoso e indecifrável, o leilão coloca nas alturas da fama um artista, fazendo a sua cotação subir rápida ou gradativamente, mas também nega-se a favorecer um

Conjunto de peças do período **art nouveau**, *em pasta de vidro, assinadas por Gallé, Arsall e Richard, atrações do desfile da Paulo Brame Arte Leilão*

Acima, peças apresentadas em outubro no leilão da Princesa Isabel: secretaria chinesa, terno de bronze, marfins chineses e, ao fundo, biombo de laca; abaixo, "Fazenda S. João — Cantagalo", óleo de Antonio R. P. Bandeira, de 1893, que surgiu no Leilão do Acir, promovido por Antonio Leone

outro, de igual ou maior valor criativo, sem que haja uma razão puramente lógica para isso. Durante anos e anos, o pintor Sylvio Pinto, por exemplo, amargou a indiferença dos lances que eram dados nos pregões para aquisição de suas portentosas marinhas, tão boas e bonitas quanto as de seu falecido amigo e colega de profissão, o festejado e bem cotado Pancetti. Só agora, em 1984, os quadros de S. Pinto explodiram nos leilões de forma incontrolável, irresistível e definitiva. Para felicidade e lucro (afinal!) dos que acreditaram sempre em seu talento e foram comprando seus trabalhos pelo prazer de possuí-los.

Ao contrário do que ocorre com S. Pinto, que há 50 anos pratica sua pintura e tem no currículo todos os prêmios do salão oficial (sem falar nos outros), inclusive o de Viagem ao Exterior, gozado principalmente em Paris, acontece de alguns artistas iniciantes serem bafejados pela sorte nas primeiras investidas no mercado de arte, através do leilão. Mas nem todos se sustentam, embora recorram à valorização artificial por longo espaço de tempo. Com a freqüência e observação, qualquer pessoa acaba percebendo quando os objetos estão mesmo sendo disputados ou simplesmente manipulados durante um leilão.

Acontecimento social que exigia trajes apropriados, o leilão de outros tempos deu lugar a um programa de variadas opções: local para compra de peças dos mais diferentes preços (até por Cr$ 1 mil pode-se levar alguma coisa); alternativa para venda de objetos que deixaram de ter interesse ou atração; espécie de jogo para preencher as noites ociosas; e uma das escolhas para o investimento de capital. Em qualquer caso, o tipo de roupa depende do gosto de cada um. Numa mesma noite, convivem em perfeita harmonia as calças de malha e veludo, *blue jeans* e seda pura, vestidos de ombros de fora e casacos de vison.

Comandando o espetáculo — porque leilão é sobretudo *show*, atuação cênica, efeitos de palco —, figuras tão diferentes quanto Sebastião de Mendonça Barreto, veterano martelo que marcou época no bairro de Laranjeiras e atualmente apregoa na Princesa Isabel, 282, no Leme, e Mário Augusto Braga Berlim, da nova geração de profissionais do lance, que está abrindo uma nova frente no mercado de arte: pregões vesperais às quartas-feiras, 17:30 horas, em seu escritório da Nilo Peçanha, 26, 5º andar.

Entre Barreto e Berlim — o primeiro experiente e preciso, o segundo começando a desvendar os segredos do ofício — colocam-se leiloeiros de estilos diversos, com mais ou menos tempo de serviço e reputação no mercado: Roberto Lasry, que conduz os desfiles/venda da B-75 Concorde no Caesar Park Hotel e seus próprios pregões e de terceiros na sua Mansão das Artes, da General Goes Monteiro, 106, Botafogo; Acir Joaquim da Costa, realizador das grandes apregoações em série promovidas pelo *expert* Antonio Leone, na ▶

Rua Francisco Otaviano, 132, mais para Ipanema do que para Copacabana; Paulo Brame, considerado o "rei das falências" e um dos mais fortes martelos do setor de arte, sediado com luxo e computador na Rua João de Barros, 147, Leblon; Maurício Karam, principal responsável pela entrada da Barra da Tijuca no roteiro dos arrematantes, com os leilões que faz para a Galeria Borghese e a Galeria Belas-Artes; Sebastião Galvão, que opera sobretudo para um público composto de comerciantes, mas que vai ganhando espaço, na Praça Vereador Rocha Leão, 88, no Bairro Peixoto, em Copacabana; os já citados Evandro Carneiro e Horacio Ernani de Mello Neto, da Bolsa de Arte, que fica na Praça General Osório e na Rua São Clemente, 385, em Botafogo, além de outros mais.

Mas não só de leilão alimenta-se o mercado de arte. As casas de antiguidades, que são um dos canais de abastecimento dos leiloeiros, continuam a sua função milenar de receber os acervos desfeitos (quase sempre pela morte do colecionador) e ir aos poucos dispersando as peças, ao sabor dos ventos da fortuna. Alguns antiquários vendem muito mais pelo telefone (tal a confiança que merecem da clientela) do que nas próprias lojas. Conhecidos milionários (ou bilionários?), políticos de destaque, famosos artistas e outras personalidades públicas estão impossibilitados do desfrute de uma peregrinação pelos sedutores salões atulhados de móveis, esculturas, quadros, cristais, bronzes, porcelanas, pratarias, bibelôs de mil origens e uma incontável relação de objetos de misteriosa identificação.

Barreto mostra vasos de porcelana japonesa Imari, peças do século 19

Antiquário é que nem médico. As pessoas gostam de indicar este ou aquele como prova de sua situação estratégica no mercado de arte. Tem gente que só compra uma peça depois de aprovada, ou se passada pelas mãos de Liliana Rokab. Ou de Danton Vampré Jr., um especialista em arte sacra, organizador dos leilões da H. Stern. Na Lapa, antigo domínio da malandragem do Rio, estão localizados hoje em dia excelentes pontos de compra e venda de objetos antigos, como o de Sandra Gottlieb de Araújo, no velho sobrado que domina a renomada Gráfica Record, na esquina da Mem de Sá com Carlos de Carvalho.

Esculturas de bronze e marfim e vaso* art nouveau, *do leilão da Paulo Brame

Em Copacabana, atua com muita competência e discrição (que é a alma do negócio) o ex-presidente da Associação Brasileira dos Antiqüários, Antonio Caetano, que já promoveu mais de dez leilões e estuda um próximo com Roberto Lasry. Caetano conta um episódio que pode repetir-se com maior ou menor frequência na vida de um profissional voltado para a arte de antigamente. Comprou um *abat-jour* em forma de arara num leilão há tempos realizado no Copacabana Palace Hotel, por Cr$ 171 mil. A peça, de vidro soprado e ferro *forgê*, foi depreciada por outros antiquários, que viram na compra de Caetano um ato de loucura, perda de dinheiro. Seguindo o que chama de *feeling*, o então pouco experiente dono de uma *maison de antiques* levou a arara e dedicou-se a pesquisar origem e peculiaridades do objeto. Descobriu o seguinte: aquela era uma das três únicas criações do tipo, da autoria de Chapelle & Muller (nomes consagrados do período Art Nouveau) e destinadas a três célebres e belas mulheres da época, as musas Claude Mérode, Isadora Duncan e Sarah Bernhard. Como as duas primeiras encontram-se em museus na Europa, a terceira era, indubitavelmente, a comprada por Antonio Caetano. Quanto vale a peça e onde está agora, é assunto confidencial.

A exemplo de alguns antiquários, algumas galerias de arte — lojas que trabalham com artistas contemporâneos de um modo geral e com os chamados Velhos Mestres quando aparecem — entraram no ritmo dos leilões e ajudaram a esquentar o antes retraído mercado de arte carioca. Além da Borghese, que começou no Shopping Center da Gávea, abriu filial no Rio Design Center e terceiro endereço na Barra da Tijuca, promovem desfiles/vendas periódicas a Mini Gallery, do *marchand* baiano Claudir Chaves, situada no Shopping Cassino Atlântico, a Ipanema, que fica na Rua Aníbal de Mendonça, a Galeria Símbolo, do Armando Ferreira (bem em frente ao Jangadeiros, na Teixeira de Melo) a B-75 Concorde, a Bolsa de Arte e outras mais.

Tão variada quanto a lista de profissionais que fazem da arte mercadoria, a relação de freqüentadores (ou clientes?) do fascinante, tentador, envolvente e sedutor mercado de arte é cada dia mais extensa, reunindo integrantes da alta sociedade, do café soçaite, da política, do empresariado, das finanças, da diplomacia, do funcionalismo público, do mundo dos espetáculos e dos esportes, da achatada burguesia e até da marginalidade. E no fim de cada leilão, no fechamento de uma compra qualquer, nos altos e baixos das cotações de cada dia, uns ficam felizes e eufóricos, outros desanimados, uns mais ricos, outros mais sacrificados, uns subindo, outros descendo, na incrível, fantástica e extraordinária montanha russa que empolga os marinheiros de primeira viagem no mercado de arte. Façam seus lances, senhores e senhoras. Quanto vale uma pintura a óleo de Pinto Bandeira? Quanto o senhor está lançando? ■

Continuação da pág. 17

A conquista não é um privilégio apenas masculino

As mulheres perderam a inibição e revelam ter bossa na hora da conquista

um ponto-de-vista que é mais comum entre a faixa que já passou a barreira dos trinta anos:

— A sedução precisa ser ressuscitada! As mulheres viraram tanques de guerra. Tem que haver certo clima de mistério, um "te quero", coisas que mexam com o desejo, com a libido do outro. Falta sensualidade, as mulheres perderam a feminilidade.

A afirmação, longe de encerrar qualquer louvor a mulher sedutora passiva, à espera do macho conquistador, demonstra certo apego a símbolos antigos de sedução: decote ousado e farto, um belo corpo se insinuando através do maiô e até a caricata meia preta fina de seda. Tais símbolos não pertencem mais ao código da paquera e outros vão surgindo. Eróticos ou não. Cylo Homero, desenhista, 26 anos:

— Acho a minissaia altamente sedutora. Ou então, quando você vê uma tremenda mulher sozinha, na dela, sem gatinhos em volta. E você se pergunta: o que será que acontece? Tão gata e sozinha, na dela. Fica aquele mistério e pra mim o mistério é muito importante, seduz.

Novos códigos, outras perspectivas e visão de mundo. Para os mais velhos isso só tem uma tradução: falta de romantismo e respeito. Ruth Caparica, 59 anos:

— A paquera antigamente era com mais respeito. O que se dizia era mais romântico. Hoje em dia o romantismo morreu. Por exemplo, primeiro paquerava, falava no telefone, depois namorava. Geralmente, a paquera se dava em festas, bailes ou mesmo em bar. O rapaz convidava pra dançar e havia o diálogo. Às vezes, podia até mesmo ir até o fim, mas não era tão rápido, havia os preparativos. Acho que perdeu a magia.

Para Wanteriel Ribeiro da Silva, funcionário público, os anos 60 marcam o fim da era romântica:

— As diferenças são bem acentuadas, outro estilo. A paquera era com mais cerimônia, recato. Eram galanteios até jocosos, mas bem colocados: "você tem olhos lindos". Até 1960 existia a definição da época romântica. Hoje, as coisas são mais diretas.

Ao lado, escutando a conversa e com olhar aprovador, Maria Aparecida Monteiro Lobato, funcionária pública, arremata com uma poesia que para ela traduz bem o clima de trinta anos atrás: "todos querem saber o quanto és bela/para que os outros, assim, gabar-te à toa?/para não dizer-lhes o quanto és bela/basta dizer-lhes o quanto és boa".

Olhar lânguido, convidativo, alguma coisa ficou no tempo e chegou até nós. Os olhos ainda são importantes fontes de sedução e comunicação para quem está a fim de alguém, da mesma forma como o era há quarenta anos atrás, na época da mocidade de Luiza Menezes:

— O rapaz olhava, gostava e dava um sorriso e dizia: posso falar? Se a gente gostava dizia que sim.

Fora o olhar e o sorriso, formas de sedução históricas e permanentes, qualquer outra semelhança é mera coincidência ou pura timidez do paquerador ou paqueradora. Sim, porque hoje em dia já não dá mais para colocar apenas o substantivo no feminino. De todas essas mudanças, talvez a mais significativa é a conquista gradativa da mulher do direito de também *azarar* em paz, sem subterfúgios ou *caras e bocas*. E, em alguns casos, sem ter que ouvir o clássico "oferecida". É claro, o papel de mulher que chega e *canta* o *cara* sem maiores rodeios não é ainda uma situação típica. Falta a ela muitos quilômetros até chegar ao terreno ocupado pelo homem durante séculos. O grande conquistador. De qualquer forma, a igualdade que ela vem alcançando no terreno das relações amorosas é evidente e tem balançado com a cabeça de muitos homens, provocando algumas dúvidas e anseios nas próprias mulheres.

Roberto Ferreira, Fiscal de Rendas, 49 anos, não deixa por menos e comenta em tom de evidente revolta:

— O homem já não paquera mais. A mulher se vulgarizou até um ponto que está oferecida. Antigamente, havia aquele romantismo que envolvia o namorado e isso acabou. Se a mulher toma a iniciativa, acaba o romantismo. O homem sempre foi o conquistador. Hoje, os papéis se inverteram, não há mais sedução porque o freio que existia acabou. Foi rompido aquele elo que mantinha a mulher recatada. O pessoal está aí paquerando até a Roberta Close.

Radicalismos à parte, o fato de a mulher tomar a iniciativa envolve questões delicadas onde em muitos casos se comprova a célebre frase que a teoria na prática é outra. Ao nível da conversa, tudo é normal, podendo ser traduzido num simples "eu acho que tanto o homem quanto a mulher devem ir à luta se estão a fim de alguém". Mas no meio de tanta naturalidade, surgem, aqui e ali, indícios de que ainda falta muito para se chegar no paraíso da igualdade entre homem e mulher no plano da afetividade. "Os homens estão muito inseguros porque a mulher está se assumindo mais, reivindicando seus direitos", confessa o músico Jorge Henrique de Oliveira.

Por mais que o homem diga, reafirme e bata o pé, são poucos os que aceitam tranqüilos e sem preconceitos uma *cantada* de mulher. E nada melhor que as mulheres para derrubar por terra o mito da liberação total:

— Ainda existe muito lance machista. A grande maioria mantém — revela Nair Rollemberg Poyares, formanda em Psicologia — a tradição de que ele é que tem que falar, conquistar, tomar a iniciativa.

Essa mentalidade leva a grande maioria das mulheres a não arriscar uma conquista tão declarada, por timidez ou receio de ser mal-interpretada. Resultado: se o cara é tímido ou introvertido a mulher pode pegar as malas e embarcar em outra. Conforme a análise de Maratan Marques, universitária, a liberação da mulher, sobretudo em relação às suas repressões internas, é um fato bilateral:

— Algumas mulheres menos enrustidas assustam os homens. Às vezes, eles passam a uma posição machista, mas já estão assimilando isso melhor. É o que eu sempre digo, não existe emancipação da mulher enquanto não houver a do homem. Betty Friedman desceu no Brasil e no terceiro mundo de pára-quedas. Até meados de 70, a mulher, mesmo dentro dos grandes centros urbanos, estava preparada só *pra* casar.

Ela própria admite que nunca jogou "muito escancarado com um cara" mas diz que já saiu com as amigas só para *azarar*:

— Eu chego cheia de sutilezas, dependendo do caso. Digamos assim, se é um cara que não conheço, é uma coisa de olhar, passar pela pessoa e dizer "ôi, tudo bem". Aí uso a mesma arma dos homens: "Não te conheço de algum lugar?" ■

HORÓSCOPO

MAX KLIM

Semana de 4 a 10 de novembro de 1984

ÁRIES (21/3 a 20/4)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Indicações instáveis para seu trabalho. Ganhos novos e valorização financeira. **PESSOAL**: Tirocínio e decisões acertadas. Dinamismo. **VIDA ÍNTIMA**: Quadro irregular em família. Tristeza. Boas indicações para o amor. Reencontro. **SAÚDE**: Melhorando.

TOURO (21/4 a 20/5)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Continuam positivas as indicações para negócios e finanças. Cuidado em seu trabalho a partir de 4ª-feira. **PESSOAL**: Irregularidade. Dias instáveis. **VIDA ÍNTIMA**: Surpresas e novidades. Quadro extremamente favorável para o amor. **SAÚDE**: Regular.

GÊMEOS (21/5 a 20/6)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Estabilidade profissional. Decisões acertadas. Favorecimento financeiro por parte de outras pessoas. **PESSOAL**: Fascínio. Dedicação de pessoa próxima. **VIDA ÍNTIMA**: Dias que alternam bons e maus momentos. Seja mais firme em suas decisões. **SAÚDE**: Regular.

CÂNCER (21/6 a 21/7)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Superação de dificuldades financeiras. Quadro bom para novas ocupações ou mudança de emprego. Negócios favorecidos. **PESSOAL**: Indicações regulares. **VIDA ÍNTIMA**: Preocupações em família. Momento de estabilidade no amor. Tranqüilidade. **SAÚDE**: Debilitada.

LEÃO (22/7 a 22/8)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Vantagens nos negócios próprios. Indicações de favorecimento financeiro após a quinta-feira. **PESSOAL**: Premonição e intuição desenvolvidas. **VIDA ÍNTIMA**: Debilidade no trato afetivo. Insegurança. Seja mais firme em suas decisões. **SAÚDE**: Boa.

VIRGEM (23/8 a 22/9)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Persistem as indicações irregulares para sua vivência profissional e assuntos financeiros. Seja cauteloso. **PESSOAL**: Inteligência destacada. Discernimento. **VIDA ÍNTIMA**: Notícias agradáveis. Reencontro significativo. Romantismo. **SAÚDE**: Equilibrada.

LIBRA (23/9 a 22/10)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Tranqüilidade material. Indicações de crescimento patrimonial. Doações ou legados. Finanças em fase de crescimento. **PESSOAL**: Instabilidade de humor. Problemas. **VIDA ÍNTIMA**: Boa regência de Vênus. Possíveis novidades. **SAÚDE**: Ainda boa.

ESCORPIÃO (23/10 a 21/11)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Apoio de colegas e superiores. Acerto no trato do comércio. Realização material no final da semana **PESSOAL**: Novas amizades. Indicações positivas. **VIDA ÍNTIMA**: Regência irregular. Dias instáveis e bons momentos podem ser esperados. **SAÚDE**: Melhorando.

SAGITÁRIO (22/11 a 21/12)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Trabalho em fase de valorização. Reconhecimento. Cuidado com seus gastos. Fragilidade financeira. **PESSOAL**: Dificuldades de relacionamento. Apatia. **VIDA ÍNTIMA**: Dias irregulares. Bons e maus momentos se alternarão na semana. **SAÚDE**: Sem alteração.

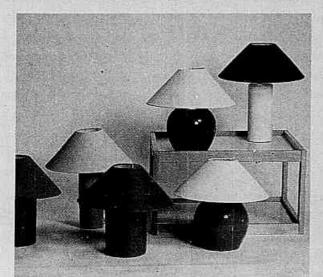
CAPRICÓRNIO (22/12 a 20/1)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Favorecimento gerado por novos planos. Indicações de equilíbrio financeiro. Positividade. **PESSOAL**: Presença marcante de pessoas amigas. Dedicação. **VIDA ÍNTIMA**: Possíveis novidades após a terça-feira. Romantismo e tranqüilidade. **SAÚDE**: Melhorando.

AQUÁRIO (21/1 a 19/2)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Trato profissional com boa influência. São instáveis as previsões para sua vida financeira. Dificuldades. **PESSOAL**: Surpresas e notícias agradáveis. Novas amizades. **VIDA ÍNTIMA**: Tranqüilidade e harmonia. Realização afetiva. **SAÚDE**: Muito boa.

PEIXES (20/2 a 20/3)

FINANÇAS E NEGÓCIOS: Indicações de vantagens em seu trabalho e nos negócios próprios. Finanças equilibradas. **PESSOAL**: Presença importante. Apoio inesperado em assunto que lhe interessa. **VIDA ÍNTIMA**: Superação de problemas. Novidades agradáveis no amor. **SAÚDE**: Regular.

CHEGOU

A LINHA ESPORTIVA DA MASTER

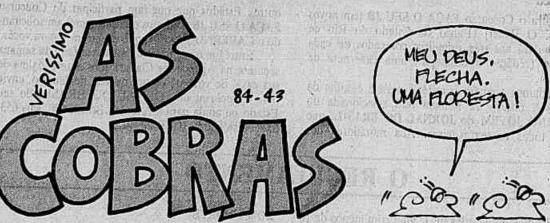
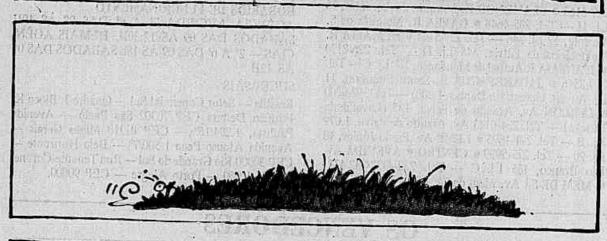
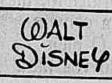
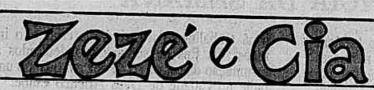
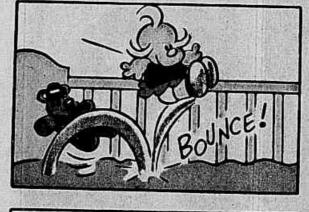
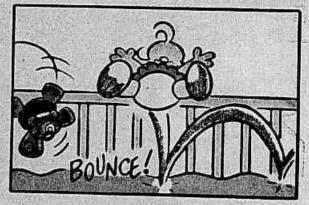
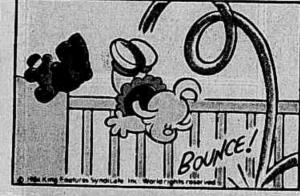
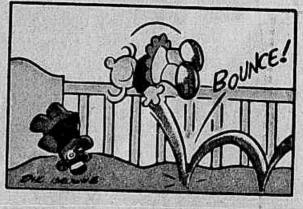
CHEGOU PARA MUDAR
MUDE VOCÊ TAMBÉM!

DINÂMICA

PABX (032) 212-4865 TELEX (032) 2369 MMAS

NAS MELHORES VITRINES DO PAÍS.

QUADRINHOS

Domingo, 4 de novembro de 1984 Nº 446 JORNAL DO BRASIL Não pode ser vendido separadamente

Concurso FAÇA O SEU JB

Agora o Concurso **FAÇA O SEU JB** tem novos prêmios. O Banerj (Banco do Estado do Rio de Janeiro) dará aos três primeiros colocados de cada categoria (redação e ilustração) uma caderneta de poupança.

Mudamos também o critério para a escolha da notícia. A notícia da semana será selecionada do **CADERNO JOVEM do JORNAL DO BRASIL**, que circula todas as sextas-feiras. Aos moradores dos outros Estados que queiram participar do Concurso **FAÇA O SEU JB**, pedimos que nos escrevam solicitando o **CADERNO JOVEM**, que enviaremos para vocês.

Entregue o seu trabalho até sexta-feira da semana seguinte na Agência de Classificados mais próxima de sua casa. Se você não mora no Rio de Janeiro, envie para a sucursal do JORNAL DO BRASIL do seu Estado ou ainda para a Avenida Brasil, 500, sala 653, São Cristóvão — CEP 20940.

O REGULAMENTO

Participantes: estudantes de 1º grau com menos de 16 anos, residentes em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Distrito Federal. **Trabalho**: redação de no máximo 30 linhas e/ou um desenho que ilustre e interprete a notícia selecionada.

Locais de entrega:

Rio — Departamento Educacional — Concurso Faça o Seu JB — Avenida Brasil, 500/6º — CEP 20940

ZONA SUL

• **BOTAFOGO** R. S. Clemente, 12 Lj. A — Tel. 286-2194 • **COPACABANA** Av. N. S. Copacabana, 610 Lj. C — Tel. 235-5539 Av. N. S. Copacabana, 1.100 Lj. D — Tel. 521-1791 Av. N. S. Copacabana, 1.267 — Tel. 227-5163 • **FLAMENGO** R. Marquês de Abrantes, 26 Lj. H — Tel. 205-4648 • **GÁVEA** R. Marquês de S. Vicente, 52 Lj. 348 — Tel. 239-5744 • **HUMAITÁ** R. Voluntários da Pátria, 445 Lj. D — Tel. 226-8170 • **IPANEMA** R Aníbal de Mendonça, 108 Lj. C — Tel. 259-2546 • **JACAREPAGUÁ** R. Santo Euquério, 11 Lj. A (esq. Geremário Dantas, 1.200) — Tel. 392-9000 • **LEBLON** Av. Ataulfo de Paiva, 135 (Lavanderia Eureka) — Tel. 294-0145 Av. Ataulfo de Paiva, 1.079 Lj. B — Tel. 294-4695 • **LEME** Av. Prado Júnior, 48 Lj. 20 — Tel. 275-5999 • **CENTRO** • **AVENIDA** Av. Rio Branco, 135 Lj. C — Tel. 232-4372/232-4373 • **MEM DE SÁ** Av. Mem de Sá, 147 — Tel. 252-0571

ZONA NORTE

• **BONSUCESSO** R. Bonsucesso, 404 Lj. C — Tel. 270-3196 • **CASCADURA** Av. Suburbana, 10.136 — Tel. 289-3798 • **MÉIER** R. Dias da Cruz, 74 Lj. B — Tel. 594-1716 • **PRAÇA DA BANDEIRA** Praça da Bandeira, 109 Lj. C1 — Tel 273-5596 • **PENHA** R. José Maurício, 101 Lj. A — Tel. 260-5915 • **SÃO CRISTÓVÃO** R. São Luiz Gonzaga, 119 Lj. C Tel. 284-2594 • **TIJUCA** R. General Roca, 801 Lj. B — Tel. 254-9184 • **VILA ISABEL** Av. 28 de Setembro, 226 Lj. B — Tel. 248-5230

OUTRAS CIDADES

• **Niterói** Av. Amaral Peixoto, 207 Lj. 103 — Tel. 722-2030 • **Petrópolis** R. Irmãos D'angelo, 61 Lj. 10 — Tel. (0242) 43-5853

HORÁRIOS DE FUNCIONAMENTO

AGÊNCIA AVENIDA 2ª A 6ª DAS 08 ÀS 19H SÁBADOS DAS 09 ÀS 12:30H. DEMAIS AGÊNCIAS — 2ª A 6ª DAS 09 ÀS 18h SÁBADOS DAS 09 ÀS 12H.

SUCURSAIS

Brasília — Setor Comercial Sul — Quadra I, Bloco K, Edifício Denasa CEP 70302 **São Paulo** — Avenida Paulista, 1.294/15º — CEP 01310 **Minas Gerais** — Avenida Afonso Pena 1.500/7º — Belo Horizonte — CEP 30000 **Rio Grande do Sul** — Rua Tenente-Coronel Corrêa 1.960 — Porto Alegre — CEP 90000.

OS VENCEDORES

Ganharam o prêmio da semana passada do Concurso FAÇA O SEU JB os nomes relacionados abaixo. Pedimos aos nossos leitores que descrevessem as aves que viam no céu. Apanhe o seu prêmio quarta-feira, dia 14, nas Agências de Classificados do JB:

CATEGORIA redação: 1º lugar: Erika A. Doring — Av. Rio Branco 135, Lj. C
2º lugar: Guilherme Nunes de Oliveira — Av. Amaral Peixoto 207, lj. 103.
3º lugar: Daniela Carla de Souza — Av. Rio Branco 135, Lj.C.

Categoria Ilustração:

1º lugar: Lia Corrêa de Oliveira Guarino — Av. Amaral Peixoto 207, Lj. 103.
2º lugar: Paulo Henrique Fontenelle Bezarril — Av. Prado Júnior 48, Lj. 20.
3º lugar: Ricardo Hoineff — Rua Aníbal de Mendonça 108, Lj.C.

A NOTÍCIA DA SEMANA

"Quando vou a Ipanema ou ao Leblon, sinto uma grande frustração. Vejo as moças da minha idade com roupas tão bonitas que começo a comparar com as minhas. O dinheiro que me sobra, sequer é **pra** comprar uma blusa".

Este é o depoimento de Selma, 15 anos, doméstica, moradora da Cidade de Deus no Rio. O pai está desempregado e ela e uma irmã trabalham para ajudar a criar oito irmãos. Os fins de semana são dedicados à arrumação da casa e só de vez em quando um baile no Cidade de Deus Atlético Clube.

Esta menina talvez tenha a sua idade. Mas vive uma outra realidade. Uma dura realidade. Como você encara a vida dela? Acredita que haja futuro para ela?

DESENHO DE LIA CORRÊA DE OLIVEIRA GUARINO (1º LUGAR)

O PRIMEIRO LUGAR EM REDAÇÃO

PAPAI, qual o nome deste bichinho gozado? Tem uma figura dele aqui no livro. Olha só, e tem asas! É um animal pré-histórico?

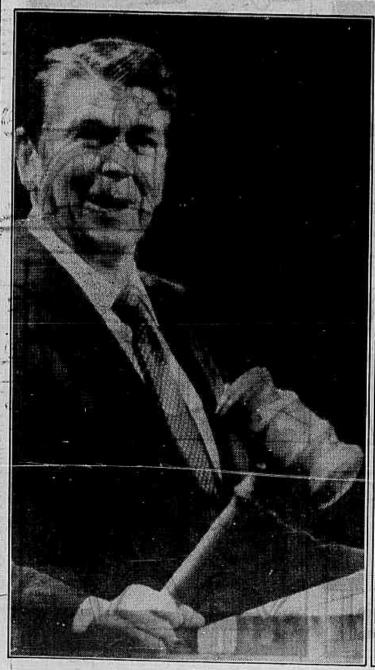
— Não filho, isto é um passarinho. Não existem mais. É uma pena, pois alguns até cantavam...

Talvez, quando chegarmos nos meados do próximo século, este diálogo seja bastante comum. Claro, pois, até lá, o Homem já deverá ter destruído e extinguido quase todos os animais da face da Terra. Todos os bípedes emplumados, ou seja, as aves, já estarão minimamente reduzidas!

E sabem qual é a causa? A cegueira do Homem, que mata, destrói, acaba e extermina com tudo, sem pensar e sem querer ver o que acontecerá no dia de amanhã.

Abro a janela e olho para o jardim. O dia está lindo, e o canto dos pássaros chega a ser comovente. Ouço um Bem-te-vi numa árvore próxima. Outros pássaros são convidados para a festa no meu jardim: pardais, azulões, canários-belgas, canários-da-terra, tico-ticos etc. Todos participam da alegria de viver, menos um... Vou até o fundo do quintal, decididamente, pego a gaiola que lá estava e abro a portinhola; o meu canarinho fica indeciso, a princípio, mas a natureza faz um convite irresistível a ele. O meu canarinho amarelo voa para longe, feliz por reencontrar os seus irmãos e a liberdade!

ERIKA A. DORING

TESTE SEU CONHECIMENTO

1) Estreou esta semana no Rio o filme Purple Rain de um cantor que vem fazendo enorme sucesso nos EUA. Qual o nome dele?

a) Prince
b) Michael Jackson
c) Eddie Van Hallen

2) Segunda-feira, dia 5, o Arquivo Nacional estará se mudando para um novo prédio cedido pela........para guardar os quase 180 quilômetros de documentos da Memória Nacional.

a) Biblioteca Nacional
b) Casa da Moeda
c) Museu de Belas-Artes

3) Hoje a Nicarágua elege o seu primeiro presidente depois da revolução sandinista que tomou o poder em 1979. Dois candidatos concorrem nesta eleição: um da oposição e o outro do governo. Você sabe qual o nome deles?

a) Cruz e Ortega
b) Somoza e Torrijos
c) Duarte e Bettancourt

4) Reagan é o favorito nas eleições presidenciais nos EUA. Mondale, o outro candidato, faz nestes dias finais uma campanha acirrada por vários Estados americanos. Qual o partido a que pertence Ronald Reagan?

a) Democrata
b) Trabalhista
c) Republicano

5) Morreu esta semana, assassinada pelos seus adversários a Primeira-Ministra da........, Indira Gandhi.

a) Irã
b) Síria
c) Índia

6) Vários colégios se reuniram esta semana no Circo Voador para apresentar os trabalhos desenvolvidos nas diversas áreas de ciência. Como se chamou esta feira?

a) Turma dos cientistas
b) Feras da Ciência
c) Ases da Ciência

Respostas: 1)a — 2)b — 3)a — 4)c — 5)c — 6)b

QUADRINHOS

FRANK E ERNEST

ARCA BICHOS

TURMA DO LAMBE LAMBE

Cebolinha

HORÁCIO